

# **Fonologia e Gramática do Nheengatú**

---

A língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa

Published by  
LOT  
Trans 10  
3512 JK Utrecht  
The Netherlands

phone: +31 30 253 6006

e-mail: [lot@uu.nl](mailto:lot@uu.nl)  
<http://www.lotschool.nl>

Cover illustration: Mulher preparando farinha, comunidade Nova Vida,  
novembro 2009, foto da autora.

ISBN: 978-94-6093-063-8

NUR 616

Copyright © 2011: Aline da Cruz. All rights reserved.

VRIJE UNIVERSITEIT

**FONOLOGIA E GRAMÁTICA DO NHEENGATÚ**

ACADEMISCH PROEFSCHRIFT

ter verkrijging van de graad Doctor aan  
de Vrije Universiteit Amsterdam,  
op gezag van de rector magnificus  
prof.dr. L.M. Bouter,  
in het openbaar te verdedigen  
ten overstaan van de promotiecommissie  
van de faculteit der Letteren  
op vrijdag 24 juni 2011 om 11.45 uur  
in de aula van de universiteit,  
De Boelelaan 1105

door

Aline da Cruz

geboren te São Bernardo do Campo, Brazilië

promotoren: prof.dr. W.L.M. Wetzels  
prof.dr. W.F.H. Adelaar  
copromotor: prof.dr. F. Queixalós

*Para os Baré, os Warekena e os Baniwa  
e para todos os povos que um dia falaram Nheengatú.*



Nhampirikuli fala aos animais:

*A partir di kui te, penhe nunca mais pesu pekuntai aitekua yane nheenga. Yande kuri, mira ita, yasu yakuntai. Ixe kuri asu akuntai perupi. Ixe kua mira. Ixe asu akuntai perupi. Penhe kuri tiã pesu pekuntai. Pepuderi kuri penheengari yalegrairã yane felisidaderã.*

[Nhampirikuli fala aos animais: A partir de agora, vocês nunca mais vão falar esta nossa língua. Agora, nós, as pessoas, vamos falar. Eu vou falar por vocês. Eu sou esta pessoa, eu vou falar por vocês. Vocês agora não vão falar mais. Podem agora cantar para alegrar, para a nossa felicidade].

Contado pelo jovem Baré Leomar, a partir do que lhe contou o mestre Baniwa, Sr. Irineu Piloto.





## Sumário

---

Agradecimentos .....	i
Abreviaturas e convenções .....	v
Lista de quadros .....	viii
Lista de tabelas .....	ix
Lista de figuras .....	ix
INTRODUÇÃO.....	1
1    A língua e seus falantes.....	1
1.1    A situação do Nheengatú na família linguística Tupi-Guarani .....	1
1.2    O processo de formação do Nheengatú .....	4
1.2.1    Século XVI: o Tupinambá é escolhido como língua geral .....	4
1.2.2    Séculos XVII e XVIII: a língua geral para além da costa e seu processo de diferenciação.....	7
1.2.3    Século XIX e XX: a língua geral perde falantes e passa a ser chamada de Nheengatú .....	11
1.3    O Nheengatú no Rio Negro.....	13
1.3.1    A chegada do Nheengatú no Rio Negro .....	13
1.3.2    Situação lingüística atual.....	16
1.3.3    Situação linguística das línguas Arawak .....	21
1.3.3.1    A esperança de reencontrar falantes de Baré .....	21
1.3.3.2    A retomada do Warekena como projeto urgente .....	22
1.3.3.3    O Baniwa meridional substituído pelo Nheengatú .....	24
1.4    Metodologia .....	25
1.4.1    Trabalho de campo: falantes e corpus .....	25
1.4.2    Base teórica.....	29
1.4.3    Objetivos e plano geral do trabalho.....	30
FONOLOGIA .....	33
2    Fonologia.....	33
2.1    Fonemas segmentais .....	34
2.1.1    Descrição, distribuição e oposições dos fonemas consonantais.....	35
2.1.1.1    Oposições e alofonia dos segmentos consonantais .....	36
2.1.1.2    Descrição e distribuição dos segmentos consonantais.....	43

2.1.1.2.1	As oclusivas surdas /p, t, k/ .....	43
2.1.1.2.2	As oclusivas sonoras /b, d, g/ .....	44
2.1.1.2.3	Neutralização das oclusivas surdas /p, t, k/ e sonoras /b, d, g/ após vogal nasal .....	45
2.1.1.2.4	As nasais plenas /m, n, ŋ/ .....	51
2.1.1.2.5	As fricativas .....	52
2.1.1.2.6	A vibrante simples .....	53
2.2	O sistema de vogais .....	54
2.2.1	Vogais orais .....	55
2.2.2	Vogais nasais .....	58
2.3	Ditongos .....	59
2.4	Estrutura silábica .....	62
2.4.1	Processos que permitem evitar sílabas não favorecidas .....	65
2.4.1.1	Sílaba sem ataque em início de palavra .....	66
2.4.1.2	Processos para evitar hiato .....	69
2.5	Estrutura das palavras .....	71
2.6	Manifestação do acento .....	75
2.6.1	Processos fonológicos que permitem reestabelecer o padrão iâmbico .....	77
2.6.1.1	Apócope .....	77
2.6.1.2	Formação de ditongo .....	78
2.7	Reduplicação .....	81
3	Desenvolvimento diacrônico do sistema fonológico: do Tupinambá ao Nheengatú .....	85
3.1	Desenvolvimento diacrônico de oposições entre os fonemas consonantais .....	86
3.1.1	Desenvolvimento da fricativa pós-alveolar .....	87
3.1.2	Emergência da tripla oposição oclusivas surdas /p, t, k/, sonoras /b, d, g/ e nasais plenas /m, n, ŋ/ .....	90
3.1.2.1	A reinterpretação dos contornos .....	90
3.1.2.1.1	Nasais, contornos e fricativa labial em Tupinambá .....	91
3.1.2.1.2	Fonologização de /b, d / oriundos de contornos .....	94
3.1.2.2	Epêntese de fricativa dorsal .....	100
3.1.2.3	Empréstimos .....	101
3.2	Desenvolvimento diacrônico de oposições entre os fonemas vocálicos .....	104
3.2.1	A perda da distinção entre não-arredondado e arredondado entre as vogais altas .....	106

3.2.1.1	A neutralização das vogais dorsais alta e média /o/ > /u/.....	109
3.3	Convergência entre os sistemas fonológicos do Nheengatú e das línguas de <i>substratum</i> do grupo Arawak do Norte.....	111
3.4	Emergência de palavras com acento pré-final.....	114
3.5	Fonologia não nativa: empréstimos do Português.....	117
<b>MORFOLOGIA .....</b>		<b>123</b>
4	<b>Classes Lexicais .....</b>	<b>123</b>
4.1	A distinção nome e verbo .....	123
4.2	Índices de pessoa.....	132
4.2.1	Índices de pessoa da série dinâmica .....	133
4.2.2	Índices pessoais da série estativa.....	134
4.3	O nome e suas subclasses.....	140
4.3.1	Nomes dêíticos.....	140
4.3.1.1	Pronomes pessoais .....	141
4.3.1.2	Pronomes anafóricos e demonstrativos .....	145
4.3.2	Nomes substantivos .....	150
4.3.2.1	Nomes relativos .....	151
4.3.2.2	Nomes autônomos .....	157
4.3.3	Subclasses de nomes em relação ao parâmetro contável e não-contável.....	164
4.3.4	Breves considerações lexicais: o nome genérico de caduco .....	166
4.4	O verbo e suas subclasses.....	179
4.4.1	Verbos transitivos .....	181
4.4.2	Verbos intransitivos dinâmicos .....	185
4.4.3	Verbos intransitivos estativos .....	188
4.4.3.1	Verbos intransitivos estativos flexionáveis.....	188
4.4.3.2	Verbos intransitivos estativos não-flexionáveis.....	191
4.4.4	Sumário das classes verbais .....	193
4.4.5	Ausência de uma classe de adjetivos .....	194
4.5	Expressões adverbiais.....	195
4.5.1	Posposições.....	196
4.5.1.1	Posposições espaciais .....	197
4.5.1.1.1	Locativos.....	197
4.5.1.1.2	Direcionais.....	201
4.5.1.1.3	Perlativo e seus derivados.....	208
4.5.1.1.4	Locativas temporais .....	212
4.5.1.1.5	Associativas .....	214

4.5.1.2	Nomes relativos espaciais e posposições: traçando margens em um processo de gramaticalização .....	222
4.5.2	Novos papéis assumidos por preposições.....	224
4.5.3	Advérbios .....	227
4.5.3.1	Advérbios temporais.....	228
4.5.3.1.1	Novas formas de expressar tempo via empréstimos .....	230
4.5.3.2	Advérbios locativos.....	233
4.5.3.3	Advérbios de maneira.....	237
5	Lexicogênese nominal.....	241
5.1	Derivação endocêntrica .....	241
5.1.1	Derivação com implicações no eixo das dimensões .....	242
5.2	Derivação de nomes de procedência.....	245
5.3	Nominalização .....	246
5.3.1	Nominalização eventiva .....	247
5.3.2	Nominalização agentiva .....	252
5.4	Composição nominal .....	255
6	A estrutura do sintagma nominal .....	258
6.1	Complementação nominal.....	258
6.2	Determinação gramatical .....	262
6.2.1	Referenciação.....	262
6.2.2	Indefinitude e alteridade.....	265
6.2.3	Quantificação .....	269
6.2.3.1	Quantificação discreta .....	269
6.2.3.2	Quantificação contínua.....	275
6.3	Construções sem determinante .....	277
6.4	A Estrutura do sintagma nominal .....	282
7	Lexicogênese verbal: ajustes de valência, reduplicação e empréstimos verbais.....	285
7.1	Valência .....	286
7.1.1	Causativo .....	287
7.1.2	Recíproco e reflexivo.....	294
7.1.2.1	Excursões diacrônicas: A perda do morfema de reflexivo ....	300
7.2	Reduplicação: iterativo e intensivo.....	308
7.2.1	Reduplicação em verbos transitivos.....	309
7.2.2	Reduplicação em verbos intransitivos dinâmicos .....	312
7.2.3	Reduplicação em verbos intransitivos estativos .....	313
7.3	Empréstimos verbais .....	316

7.3.1	Empréstimos de verbos do Português adaptados como verbos dinâmicos .....	316
7.3.2	Empréstimos de adjetivos do Português adaptados como verbos estativos .....	325
8	Classes gramaticais .....	327
8.1	Partículas .....	327
8.1.1	Critérios que distinguem partículas de clíticos .....	328
8.1.2	Partículas extrassentenciais .....	334
8.1.2.1	Partículas fáticas .....	334
8.1.2.2	Interjeições .....	337
8.1.3	Partículas intra-oracionais.....	338
8.1.3.1	Partículas de segunda posição.....	339
8.1.3.1.1	Futuro projetado.....	339
8.1.3.1.2	Questão polar.....	343
8.1.3.1.3	Interrogativo .....	346
8.1.3.1.4	Modalidade epistêmica da certeza .....	349
8.1.3.1.5	Reportativo .....	349
8.1.3.2	Partículas de posição inicial.....	358
8.1.3.2.1	Partículas de modalidade deôntica: obrigação e necessidade.....	358
8.1.3.2.2	Partícula de modalidade epistêmica: dubitativo.....	361
8.1.3.3	Partículas existenciais .....	362
8.1.3.4	Partículas flutuantes .....	370
8.1.3.4.1	Intensificador .....	371
8.1.3.4.2	Atenuativo.....	372
8.1.3.4.3	Habitual.....	373
8.1.3.4.4	Foco.....	374
8.1.3.4.5	Protestivo .....	375
8.1.3.4.6	Plural .....	377
8.1.3.4.7	Frustrativo.....	379
8.1.4	Conjunções e subordinadores.....	380
8.1.4.1	Conjunções .....	381
8.1.4.1.1	Conjunções nativas .....	381
8.1.4.1.2	Empréstimos de conjunções .....	384
8.1.4.2	Subordinadores.....	385
8.1.4.2.1	Processos de gramaticalização que permitiram a emergência dos subordinadores.....	390
8.1.4.2.1.1	Subordinadores de origem posposicional.....	390

8.1.4.2.1.2	Subordinadores de origem nominal .....	391
8.2	Clíticos.....	392
8.2.1	Propriedades dos clíticos.....	393
8.2.2	Posicionamento e combinação de clíticos .....	399
8.2.3	Funções e formas .....	402
8.2.3.1	Perfectivo.....	402
8.2.3.2	Imperfectivo.....	404
8.2.3.3	Negação .....	406
8.2.3.4	Imperativa negativa .....	406
8.2.3.5	Restritivo.....	408
SINTAXE	.....	411
9	Orações independentes.....	411
9.1	Relações gramaticais .....	412
9.2	Orações com predicados verbais.....	417
9.2.1	Orações com predicados verbais transitivos.....	417
9.2.1.1	Orações transitivas com três participantes .....	420
9.2.2	Orações com predicados verbais intransitivos dinâmicos .....	424
9.2.3	Orações com predicados intransitivos estativos.....	427
9.3	Orações simples com predicados complexos .....	428
9.3.1	Incorporação verbal .....	429
9.3.2	Construções com verbos auxiliares.....	438
9.3.2.1	Auxiliar posposto e flexão dupla.....	440
9.3.2.2	Auxiliar preposto e flexão dupla .....	447
9.4	Orações com predicados não-verbais.....	450
9.4.1	Orações existenciais .....	451
9.4.1.1	Efeito pragmático: a ausência de existenciais negados .....	454
9.4.1.2	Efeito de definitude .....	458
9.4.2	Orações nominais.....	461
9.4.2.1	Oração nominal inclusiva.....	465
9.4.2.2	Oração nominal equativa.....	467
9.4.2.3	Foco em orações nominais .....	468
9.4.3	Oração adverbial .....	471
9.4.4	A cópula em Nheengatú: elíptica ou ausente? .....	474
10	Coordenação e subordinação .....	478
10.1	Coordenação.....	479
10.1.1	Coordenação sindética .....	479
10.1.1.1	Posterioridade .....	479

10.1.1.2	Conclusiva .....	481
10.1.1.3	Adversativa .....	483
10.1.1.4	Ressalva .....	484
10.1.1.5	Explicativa e causalidade .....	485
10.1.1.6	Alternativa .....	487
10.1.1.7	Outros mecanismos .....	488
10.1.2	Coordenação assindética .....	490
10.2	Subordinação .....	492
10.2.1	Orações completivas por meio de parataxe.....	492
10.2.2	Oração subordinada adverbial .....	495
10.2.2.1	Subordinador posposto .....	495
10.2.2.1.1	Temporal condicional.....	495
10.2.2.1.2	Consecutiva .....	499
10.2.2.1.3	Simultaneidade .....	499
10.2.2.1.4	Finalidade .....	500
10.2.2.1.5	Hipotética .....	502
10.2.2.1.6	Contrafactual .....	504
10.2.2.2	Subordinador preposto.....	506
10.2.2.2.1	Temporal .....	507
10.2.2.2.2	Concessiva.....	509
10.2.3	Orações relativas.....	510
11	Téticas e categóricas: considerações sobre a ordem dos constituintes .....	517
11.1	A distinção entre téticas e categóricas .....	519
11.2	A ordem nas orações nominais.....	522
11.3	Ordem das orações intransitivas .....	523
11.4	Tematização do objeto direto.....	532
11.5	A negação em téticas e categóricas.....	536
	Considerações Finais .....	543
	Referências Bibliográficas.....	545
	Anexo I: Verbos estativos como argumento e como predicado.....	567
	Anexo II: Análise justalinear das epígrafes e citações.....	574
	Anexo III: Textos .....	581
	Anexo IV: Glossário Nheengatú - Português .....	609

Resumo .....	621
Samenvatting.....	623
Summary.....	625



## **Agradecimentos**

---

Agradeço aos meus orientadores por me incentivarem a descrever uma língua, por guiarem as pequenas descobertas e por ajudarem a melhorar este texto. A Leo Wetzels, por insistir para que eu o deixasse ler textos inacabados e assim ler e comentar diversas versões do manuscrito, pela disponibilidade em discutir dúvidas, por me ensinar a pensar de forma lógica e ser consistente na análise, por me fazer reconhecer limites e por me deixar livre nas minhas escolhas de análise. A Willem Adelaar, por me incentivar a procurar respostas diacrônicas e de contato. A Queixalós, pela disponibilidade com que me recebia em Paris ou virtualmente, pela riqueza das discussões, por me fazer consciente das minhas escolhas, principalmente, no que concerne à terminologia e às tradições descritivas (“Não entendo isso de tradição”). Devo dizer que tudo o que porventura for bom aqui é fruto do trabalho dos meus grandes professores — e os erros ou decisões equivocadas são de minha responsabilidade.

Aos professores Aryon Rodrigues, Stella Telles, Lachlan Mackenzie, Hein van der Voort pela disponibilidade de participarem do comitê de avaliação.

Aos professores Mary Kato, Renato Athias, Gale Goodwin Gómez, Hein van der Voort, Valteir Martins, Antoine Guillaume e Angela França por lerem trechos deste trabalho. Seus comentários enriqueceram a análise em diferentes perspectivas.

Agradeço à CAPES, pela bolsa de pesquisa que permitiu o desenvolvimento desta pesquisa. À Vrije Universiteit Amsterdam, por toda infraestrutura, pelo apoio para trabalhos de campos, cursos e participação em congressos. Ao CNRS pela realização de estágios doutorais e por criar condições para que eu pudesse estar presente neles. À FUNAI e à FOIRN pela confiança e autorizações para entrada em áreas protegidas. Às professoras Flávia Castro e Ana Lúcia Muller, agradeço por enviarem documentos necessários para que eu obtivesse as autorizações de pesquisa. Na FOIRN, agradeço

particularmente ao presidente Abraão de Oliveira, ao diretor Luiz Brazão, e ao setor de educação, na pessoa de Denivaldo da Cruz. À Secretaria de Educação de São Gabriel da Cachoeira, pela confiança ao me convidarem para participar dos cursos de formação de professores em 2007 e 2008. Em particular, gostaria de agradecer à Secretária Irmã Edilúcia de Freitas, ao coordenador Antônio Benjamim Luciano e aos assessores pedagógicos Gilson Pinheiro Quintino, Florêncio Cordeiro e Cirilo Peinado Gomes. Ao DSEI-RN, por me fornecerem informações quantitativas e pela tranquilidade da certeza de poder contar com seus cuidados, caso algo saísse errado.

Agradeço a todos os professores da Universidade de São Paulo e da Universidade de Campinas, que me deram os primeiros fundamentos de análise linguística. Particularmente, a Cristina Altman, minha orientadora de iniciação científica e mestrado, por me ensinar a buscar o conhecimento linguístico produzido nos mais diferentes momentos históricos e nas mais diferentes correntes teóricas. A Esmeralda Negrão, cujas aulas de sintaxe influenciaram bastante a análise proposta neste trabalho. A Angel Corbera Mori por me levar a dar os primeiros passos em análise funcionalista das línguas indígenas brasileiras. A Evani Viotti, por indicar bibliografia e enviar textos sobre os existenciais.

Gostaria de expressar minha gratidão a todos os colegas que trabalharam com línguas Tupi-Guarani, e cujas pesquisas muito auxiliaram para que eu esboçasse minha própria análise. Devo agradecer particularmente ao professor Gerald Taylor, pelos trabalhos sobre Baniwa e Nheengatú e pela generosidade com que me atendeu em diversas oportunidades. A Wolf Dietrich, Waldemar Ferreira Netto e Walkíria Praça por discutirem comigo pontos importantes da análise das línguas Tupi-Guarani em mensagens eletrônicas trocadas ao longo destes quatro anos. A Raynice Silva por me ceder cópias de textos sobre Nheengatú, os quais eu teria tido dificuldade de encontrar de outra forma. A Françoise Rose e Sérgio Meira, por me receberem em seus escritórios, para podermos discutir pontos da análise e pela

indicação de rica bibliografia. A Denny Moore e Simeon Floyd por compartilharem comigo alguns dados de outras variedades do Nheengatú e incentivarem a discussão.

Agradeço aos professores dos cursos realizados nas escolas de verão e inverno Lyon, Leipzig e diversos encontros promovidos pela LOT. Em particular, agradeço aos professores Salikoko S. Mufwene, Barbara Stiebels, Patricia Cabredo Hoffer, Alexis Dimitriadis e Jean-Christophe Verstraete, com os quais discuti parte da análise, especialmente nos momentos finais da escrita deste trabalho.

Agradeço também a todos os colegas que em congressos, cursos e encontros me ajudaram com perguntas, sugestões ou mesmo falando dos próprios trabalhos. Em particular aos colegas dos *Americanists in the Netherlands* e dos estágios doutorais do CNRS: Adriana Machado Estevam, Doris Fagua, François Copin, Josh Birchal, Léia Silva, Martine Bruil, Matt Coler, Neele Müller, e Zoraide dos Anjos. E, ainda, que virtualmente, agradeço à Renata Moreira, Eneida Leal e Beatriz Christino, por várias discussões.

Agradeço aos amigos do Brasil e da Europa. A Eduardo Sarquis e Marcos de Almeida Matos, pelo companheirismo em minha primeira viagem de campo, quando participamos juntos de um curso de formação de professores. A Graça e Nádia, pela hospedagem em Manaus e por boas conversas. A Kelli, por aparecer em um mundo virtual, e compartilhar momentos de angústia. E também pela deliciosa recepção em Portugal. Agradeço a Agata Cybulska e a Taís Bopp, por me trazerem vida, nos momentos mais solitários de minha vida na Holanda. A Martine Bruil, que se mostrou uma grande amiga e pela leitura a pedacinhos deste trabalho. A Adriana Machado Estevam, por conversas deliciosas, em que descobrimos tantas coisas em comum. E a Léia, por discussões de análise pessoalmente ou virtualmente, por me hospedar em Paris em diversas oportunidades e pela amizade.

Agradeço especialmnete às amigas de longa data que, por telefone ou mensagens eletrônicas, me ouviram nos momentos mais difíceis: Priscila Lantim, Daniela Taratusky, Dafne Zanoni, Maria Letícia Camargo Coutinho e Renata Setti. Elas sempre estiveram presentes e não deixaram que eu desistisse. Muito obrigada!

Aos meus pais, Antônio e Natividade, pelo exemplo de luta pelos direitos humanos, seja na forma de atenção às crianças, como se dedica a mamãe, seja na forma de política dos direitos trabalhistas, como faz o papai. Aos meus irmãos, cunhadas, sobrinhos, tios e avós, pelo apoio e estrutura afetiva para que os momentos difíceis se tornassem mais leves. Tia Maria, obrigada pelo carinho e força com que cuida da vovó e dos meus tios. Flávio e Ivan, obrigada por ligarem sempre e serem meus grandes amigos. Arthur, Henrique e Alice, que está por vir, obrigada por me fazerem muito feliz.

I wish to thank my Dutch family, John and Gré, for opening their home and heart to me and for taking care of Vincent during my long periods abroad. Vincent, thank you for making my life perfect, for showing love and patience, and for being always there, when I needed you. Also, thank you for your help with the formatting of the manuscript, the construction of the database, the composition of the reference section, for the numerous programs and macros that you created to make my work easier. Dank je wel!!!

Finalmente, eu devo a minha mais profunda gratidão aos povos falantes de Nheengatú, que me receberam com muito carinho, me ensinaram sua língua, me introduziram um mundo novo, me contaram histórias, me mostraram o quanto é preciso lutar. Agradeço especialmente às mulheres Baré, Baniwa, Warekena, pelas conversas deliciosas, pelas boas gargalhadas, pela amizade. Devo agradecer particularmente aos meus professores de Nheengatú, que trabalharam na transcrição, tradução e sessões de elicitación: Marlene, Celina, Irene, Lindalva, Denivaldo, Camila, Joaquim e Nancy.

*Kue katu rete!!!*

## Abreviaturas e convenções

A	sujeito de verbo transitivo
O	objeto
S <sub>A</sub>	sujeito de verbo intransitivo dinâmico
S <sub>O</sub>	sujeito de verbo intransitivo estativo
1pl <sub>A</sub>	primeira pessoa plural da série dinâmica
1pl <sub>E</sub>	primeira pessoa plural da série estativa
1sg <sub>A</sub>	primeira pessoa singular da série dinâmica
1sg <sub>E</sub>	primeira pessoa singular da série estativa
2pl <sub>A</sub>	segunda pessoa plural da série dinâmica
2pl <sub>E</sub>	segunda pessoa plural da série estativa
2sg <sub>A</sub>	segunda pessoa singular da série dinâmica
2sg <sub>E</sub>	segunda pessoa singular da série estativa
3pl <sub>A</sub>	terceira pessoa plural da série dinâmica
3pl <sub>E</sub>	terceira pessoa plural da série estativa
3sg <sub>A</sub>	terceira pessoa singular da série dinâmica
3sg <sub>E</sub>	terceira pessoa singular da série estativa
PROTEST	protetivo
ABLAT	ablativo
ALAT	alativo
ATENUA	atenuativo
AUM	aumentativo
CAUS	causativo
COM <sub>INSTR</sub>	comitativo e instrumental
COMPAR	comparativo
COND	condicional
CONJ <sub>ADVS</sub>	conjunção adversativa
CONJ <sub>ALT</sub>	conjunção de alternância
CONJ <sub>CAUS</sub>	conjunção causativa
CONJ <sub>CONCES</sub>	conjunção concessiva
CONJ <sub>CONCL</sub>	conjunção conclusiva
CONJ <sub>EXPL</sub>	conjunção explicativa
CONJ <sub>RESL</sub>	conjunção de ressalva
CONSEC	consecutivo (posposição)

---

DAT <sub>EXTR</sub>	dativo extralocutivo
DAT <sub>PROSP</sub>	dativo prospectivo
DEM <sub>DIST</sub>	demonstrativo (distante)
DEM <sub>PROX</sub>	demonstrativo (próximo)
DIM	diminutivo
DIR <sub>COM</sub>	direcional comitativo
DNP	derivador de nomes de procedência
DUB	dubitativo
EXIST	existencial (simples)
EXIST <sub>CONCR</sub>	existencial concreto
EXIST <sub>IMED</sub>	existencial imediativo
FOC	foco
FRUSTR	frustrativo
FUT	futuro projetado
HAB	habitual
IMP	imperfectivo
IMPER <sub>NEG</sub>	imperativa negativa
INDF	indefinido
INESS	inessivo
INTS	intensificador
IP <sub>A</sub>	índices de pessoa da série dinâmica
IP <sub>E</sub>	índices de pessoa da série estativa
LOC	locativo
NEG	negação
NEG <sub>CONTR</sub>	negação contrastiva
NEG <sub>EDO</sub>	negação de enunciado
NG	nome genérico para referência à entidades não-humanas
NGC	nome genérico para referência à entidades caducas
NGH	nome genérico para referência à entidades humanas
NMZ	nominalização
NMZ <sub>AG</sub>	nominalização agentiva
NMZ	nominalização (eventos)
PERL	perlativo
PFT	perfectivo
PL	plural (partícula)

Q	interrogativo (questão de conteúdo)
Q <sub>POLAR</sub>	questão polar
R/R	reflexivo / recíproco
RED	reduplicação
REL	relativizador
RELAT	relativo (posposição)
REP	reportativo
RESTR	restritivo
SUB <sub>ANTER</sub>	subordinador de anterioridade
SUB <sub>CONSEC</sub>	subordinador consecutivo
SUB <sub>FIN</sub>	subordinador de finalidade
SUB <sub>HIP</sub>	subordinador hipotético
SUB <sub>SEQ.IMED</sub>	subordinador de sequencialidade imediata
SUB <sub>SIM</sub>	subordinador de simultaneidade
SUB <sub>TEMP</sub>	subordinador temporal
Bn	dado proveniente de falante da etnia Baniwa
Br	dado proveniente de falante da etnia Baré
Kr	dado proveniente de falante da etnia Kurripako
Wr	dado proveniente de falante da etnia Warekena
=	fronteira de clítico
-	fronteira de morfema
.	fronteira de sílaba
/ /	representação fonológica
[ ]	transcrição fonética
< >	grafemas
#	pausa, fronteira de palavra
μ	mora
σ	sílaba
“ ”	fala de personagens em narrativas
A:, B:	interlocutores em diálogos
*	dado agramatical
??	dado com julgamento de gramaticalidade problemático
/	separação entre orações coordenadas
*	dado reconstruído para o Proto-Tupi-Guarani

## Lista de quadros

Quadro 1: Sistema consonantal.....	34
Quadro 2: Sistema de Vogais.....	34
Quadro 3: Comparação de propostas para o sistema consonantal do Nheengatú..	35
Quadro 4: Sistema de Vogais.....	54
Quadro 5: Sistema consonantal do Tupinambá .....	86
Quadro 6: Sistema consonantal do Nheengatú.....	87
Quadro 7: Variação dialetal entre contorno e nasais plenas no século XIX .....	96
Quadro 8: Variação dialetal entre contorno e nasais plenas no século XX .....	96
Quadro 9: Emergência da oposição entre as formas de pronome pessoal livre e os índices de pessoa.....	99
Quadro 10: Sistema de Vogais do Tupinambá.....	105
Quadro 11: Sistema de Vogais do Nheengatú.....	105
Quadro 12: Distribuição do fonema /i/ no Tupinambá, com as formas cognatas no Proto-Tupi-Guarani e no Nheengatú .....	107
Quadro 13: Exemplos de empréstimos do Português, registrados no século XVIII em uso no Nheengatú atual.....	118
Quadro 14: Exemplos de empréstimos do Português para o Nheengatú, usados por falantes que não falam Português .....	119
Quadro 15: Índices de pessoa.....	132
Quadro 16: Índices de pessoa da série dinâmica .....	133
Quadro 17: Índices de pessoa da série estativa .....	134
Quadro 18: Pronomes independentes e prefixos da série estativa .....	134
Quadro 19: Pronomes pessoais.....	141
Quadro 20: Pronomes anafóricos e demonstrativos.....	146
Quadro 21: Exemplos de nomes relativos por tipo semântico.....	156
Quadro 22: Exemplos de nomes autônomos por tipo semântico .....	159
Quadro 23: Compostos formados a partir do nome genérico de caduco .....	173
Quadro 24: Verbos estativos flexionáveis .....	191
Quadro 25: Verbos estativos não flexionáveis .....	193
Quadro 26: Tipos de verbos .....	193
Quadro 27: Sumário das posposições .....	197
Quadro 28: Grau de gramaticalização da classe de posposições .....	223
Quadro 29: Numerais ordinais na língua geral brasílica .....	272
Quadro 30: Verbos causativos derivados de nomes .....	290
Quadro 31: Verbos intransitivos dinâmicos inativos com causativo .....	293
Quadro 32: Verbos médios.....	302



---

Quadro 33: Partículas fáticas.....	334
Quadro 34: Partículas intra-oracionais.....	338
Quadro 35: Conjunções (coordenação).....	380
Quadro 36: Subordinadores e relativizador .....	380
Quadro 37: Períodos compostos por coordenação e subordinação .....	478

## Lista de tabelas

---

Tabela 1: População em áreas com falantes de Nheengatú.....	18
Tabela 2: Situação linguística das línguas norte Arawak, segundo a UNESCO .....	21
Tabela 3: Ordem dos constituintes da oração.....	414
Tabela 4: Posição de S em relação ao estatuto discursivo de SN .....	526

## Lista de figuras

---

Figura 1: Tronco Tupí.....	2
Figura 2: O Nheengatú e o Tupinambá na família Tupi-Guarani .....	3
Figura 3: Área de abrangência do Nheengatú no Alto rio Negro .....	17
Figura 4: Estrutura silábica .....	62
Figura 5: Derivação de numerais ordinais a partir de numerais cardinais emprestados do Português final do século XVII .....	272
Figura 6: Estrutura do sintagma nominal .....	282
Figura 7: A estrutura do verbo em Nheengatú.....	285

---







## INTRODUÇÃO

### 1 A língua e seus falantes

Este trabalho propõe uma descrição da língua Nheengatú, a variedade moderna da língua geral amazônica, que teria se desenvolvido a partir do Tupinambá, língua da família Tupi-Guarani do subconjunto III. O Nheengatú é falado no Alto rio Negro no noroeste da Amazônia do Brasil, por Baré, Baniwa e Werekena, povos que substituíram suas línguas tradicionais do grupo Arawak do norte pelo Nheengatú.

#### 1.1 A situação do Nheengatú na família linguística Tupi-Guarani

O Tupinambá é classificado por Rodrigues (1985) como pertencente ao subconjunto III da família Tupi-Guarani do tronco Tupi<sup>1</sup>. No subconjunto III, estão além do Tupinambá, as línguas gerais: Nheengatú e a chamada língua geral paulista (ou tupi austral)<sup>2</sup>.

O tronco Tupi é constituído por dois grandes ramos. Ao ramo oriental pertencem as famílias Puroborá, Ramarama, Mondé e Arikém e ao ramo ocidental, pertecem as famílias Juruna, Tuparí, Mundurukú, Mawé--Awetí--Tupi-Guarani (cf., por exemplo, Rodrigues e Cabral (2003); Dietrich (2010)). Atualmente, as discussões internas sobre a divisão do tronco Tupi tendem a entender a família Tupi-Guarani como um ramo da família Awetí—Tupi-Guarani, que por sua vez é classificada como um subramo da família Mawé-Awetí—Tupi-

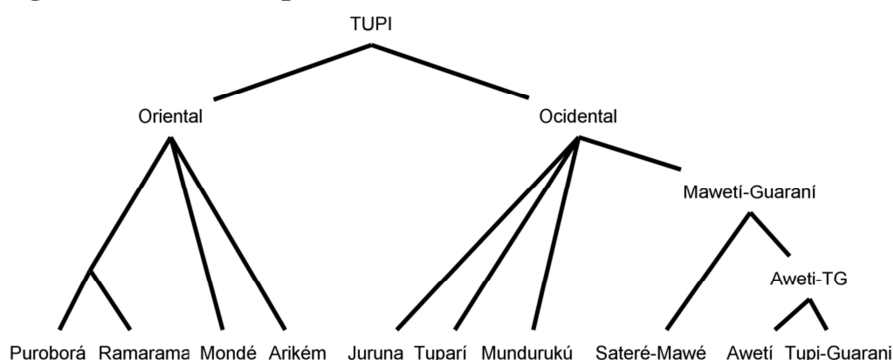
---

<sup>1</sup> Um conjunto de línguas que têm a mesma origem é uma família linguística. O Tupi é uma família linguística e o Tupi-Guarani é considerado outra família (ou subfamília). Na tradição de estudos histórico-comparativos brasileiros, convencionou-se chamar as famílias com propriedades comuns mais antigas (como a do Macro-Jê, a do Tupi e a do Indo-Europeu) de *tronco*, terminologia adotada neste trabalho. .

<sup>2</sup> A língua geral paulista teria se desenvolvido a partir do Tupiniquim, na região de São Paulo, e posteriormente levada ao Rio Grande do Sul, Cuiabá e Minas Gerais pelos bandeirantes. Seus últimos falantes devem ter morrido no início do século XX (Rodrigues 1996b).

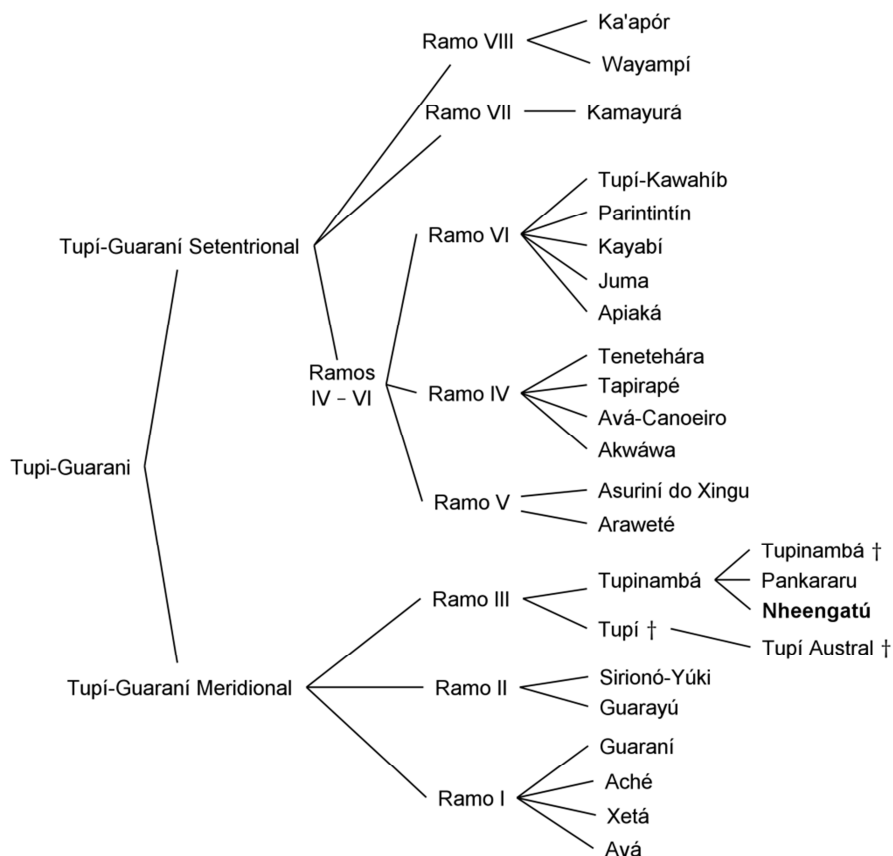
Guarani (cf. Rodrigues (1985); Rodrigues & Dietrich (1997); Drude (2006); Corrêa da Silva (2007); (2010)). Com base nos estudos citados, o tronco Tupi pode ser representado como na Figura 1.

**Figura 1: Tronco Tupi<sup>3</sup>**



A família Tupi-Guarani é constituída por mais de trinta línguas. Rodrigues (1985) propõe que a família Tupi-Guarani seja subdivida em oito ramos. Os ramos IV a VIII estavam na Amazônia no momento do contato com os portugueses. Por essa razão, são também chamadas de línguas Tupi-Guarani setentrionais ou amazônicas. Os ramos I a III são chamados de línguas Tupi-Guarani meridionais. Dietrich (1990, 111) observa diferenças estruturais entre os grupos setentrionais ou amazônicos (IV a VIII) e o grupo meridional (I, II e III), sendo as do grupo meridional mais conservadoras. Na mesma direção, Schleicher (1998) propõe que o Tupinambá é uma das línguas Tupi-Guarani mais conservadoras. A árvore genética na Figura 2 situa o Tupinambá e sua continuação Nheengatú na família Tupi-Guarani.

<sup>3</sup> Figura construída com base em Projeto Tupi-Comparativo, citado por Drude (2008, 240), com indicação dos ramos ocidental e oriental, indicados por Rodrigues e Cabral (2003) e Dietrich (2010).

**Figura 2: O Nheengatú e o Tupinambá na família Tupi-Guarani**

Adaptado de Rodrigues (1985) e Etnolinguística (2011)

Supõe-se que, no intervalo decorrido entre o tempo em que o Tupinambá era a língua utilizada pelo povo indígena de mesmo nome e o aparecimento do Nheengatú, teria havido uma situação linguística intermediária, nomeada *língua geral brasileira*. A título de sistematização, neste trabalho utilizamos os seguintes termos, vistos como fases históricas da emergência do Nheengatú:

- **Tupinambá** – língua falada na costa do Brasil, no século XVI. As principais fontes sobre essa língua são as gramáticas de Anchieta (1990[1595]) e Figueira (1880 [1621]);

- **Língua geral brasílica** – língua geral falada na província de Maranhão e Grão-Pará, de 1616 até o final do século XVIII;
- **Nheengatú** – variedades de línguas gerais faladas na região amazônica no século XIX até o momento atual.

Para cada fase, apresentamos brevemente o contexto histórico e as informações que se têm sobre a língua, particularmente sua transmissão e os povos com os quais manteve contato.

## 1.2 *O processo de formação do Nheengatú*

Como se sabe, a história da formação do Nheengatú remonta ao início da colonização portuguesa, no século XVI. Nesse primeiro momento, estima-se que havia aproximadamente 1.175 línguas indígenas no território do atual estado brasileiro (cf. Rodrigues 1993, 91). Diante da diversidade linguística encontrada a administração das colônias da América Espanhola e da América Portuguesa acharam por bem escolher algumas das línguas autóctones “como veículo suprarregional de contato entre as diversas populações coloniais”, para fins comunicativos (Altman 2003, 58).

### 1.2.1 *Século XVI: o Tupinambá é escolhido como língua geral*

Na América Espanhola, foram escolhidas línguas utilizadas antes da colonização em vastos territórios para administração e comércio em detrimento das línguas vernáculas. Esse era o caso da Náhuatl (ou *lengua Mexicana*) cuja expansão devia-se aos astecas; do Quéchua (ou *lengua peruana*), falado pelo Império Inca que se estendia aproximadamente do Equador até o norte do Chile; e também, em certa medida do Aymara, falado no que hoje se considera como Bolívia e Peru; e do Guaraní, na região correspondente ao oeste do Paraná e ao Paraguai (Altman 2003). Nessas regiões, especialmente no México, o termo *lengua general* equivale grosso modo ao conceito moderno de língua franca.



Na América Portuguesa, não havia uma estrutura administrativa centralizada previamente à chegada dos colonizadores. Porém, entre a baía de Angra dos Reis, no atual estado do Rio de Janeiro, e o Rio Maranhão, havia registros do uso de uma língua, referida nos primeiros documentos do século XVI como “língua geral”, “língua geral brasílica” ou apenas “língua” (Rosa 1992, 85). Tratava-se do Tupinambá. O termo língua geral significava nesse contexto língua de grande extensão territorial. O relato de Anchieta indica a extensão territorial da “língua mais usada na costa do Brasil”:

Desde o rio Maranhão, que está além de Pernambuco para o norte, até a terra dos carijós, que se estende para o sul, desde a Lagoa dos Patos até perto do rio que chamam de Martim Afonso, em que pode haver 800 léguas de costa, em todo sertão dela que se estenderá com 200 ou 300 léguas tirando o dos carijós, que é muito maior e chega até as serras do Peru **há uma só língua** (Anchieta 1584 *apud* Altman (2003, 60; ênfases acrescentadas)).

Os relatos de Souza (1587) e de Nieuhof (1682) ajudam a identificar a ‘língua mais usada na costa do Brasil’ como sendo o Tupinambá:

Ainda que os tupinambás se dividirão em bandos, e se inimizarão huns com os outros, todos fallão huma língua, que he quazi geral, pela costa do Brazil (Souza 1587 *apud* Rosa 1992, 85; mantida a grafia original)

Os nativos do Brasil agrupam-se em diversas nações, que se distinguem pelos seus nomes próprios: *Tupinambás*, *Tobajaras*, *Petiguarás* e *Tapuias* e *Tapuyers* ou *Tapoeyers*. As três primeiras nações usam a mesma língua que difere apenas nos dialetos. Todavia, a última se subdivide em diversas tribos que se distanciam tanto nos costumes quanto na língua (Nieuhof, 1981[1682] *apud* Stutz (2004, 175))

Segundo Rodrigues (1993, 86), o uso Tupinambá era “altamente funcional para aqueles que pretendiam extrair pau-brasil e estabelecer-se ao longo da costa: aprendida num ponto desse litoral, permitia comunicar-se em praticamente qualquer outro”.

Nos primeiros contatos no século XVI, os poucos colonos portugueses aprendiam o Tupinambá para fins de comércio na costa. Alguns passaram a viver nas comunidades indígenas ou próximas a elas, usando o Tupinambá como segunda língua. Esses primeiros colonos tinham filhos com mulheres indígenas. As crianças mestiças adquiriam a língua materna como primeira língua, mantendo o Tupinambá praticamente inalterado (Rodrigues 1993). São os primeiros passos para a formação de uma sociedade cabocla, falante de Tupinambá, que passa a ser chamado de língua geral brasílica.

Nesse período, produziram-se as primeiras gramáticas, dicionários e catecismos, que permitem que se conheça o Tupinambá com certa riqueza de detalhes<sup>4</sup>. As principais descrições do Tupinambá são (a) *Artes de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, de José de Anchieta, publicada em 1595; (b) o *Vocabulário na língua brasílica*, um vocabulário português-tupi compilado no século XVI por missionários jesuítas, mas que só foi publicada em 1938 e (c) a *Arte de gramática da língua brasílica*, publicada em 1621 por Luís Figueira.

A produção desse material pelos jesuítas era incentivada pela Igreja Católica e pela metrópole. A Igreja Católica, em documentos formulados durante o Segundo Concílio Limense (1551-1552) e o Terceiro Concílio Limense (1582-1583), destacava a necessidade do clero aprender as línguas indígenas e de redigir catecismos nessas línguas (Bessa Freire 2004, 43). Além da aprovação e incentivo da Igreja, também os reis que comandaram a União Ibérica entre 1580 e 1640, favoreceram o uso de línguas indígenas como principal meio de comunicação nas colônias da América<sup>5</sup> (Rosa 2003, 139).

---

<sup>4</sup> Cf. Gimenes (2003); Corrêa da Silva (2010, 87-89), para levantamento de outras fontes de conhecimentos sobre o Tupinambá e da visão europeia sobre as línguas do Brasil.

<sup>5</sup> União Ibérica é o termo utilizado para a união das coroas portuguesa e espanhola, sob o comando espanhol.

### 1.2.2 *Séculos XVII e XVIII: a língua geral para além da costa e seu processo de diferenciação*

Pode-se dizer que a fundação da cidade de Belém (estado do Pará) em 1616 marca o início da colonização portuguesa na Amazônia. Os primeiros colonos e missionários que se estabeleceram na região levaram com eles índios falantes do Tupinambá da costa, que eram considerados seus aliados. Lá, todos se defrontaram com os indígenas locais, que falavam línguas da mesma família Tupi-Guarani e, possivelmente, também outras línguas, do tronco Tupi. Desse modo,

A língua tupinambá acabou [...] exercendo a função inicial de língua de comunicação entre os portugueses e os diferentes povos tupis da região, tornando-se ainda, paulatinamente, a língua materna dos mestiços, filhos de pais europeus e mães indígenas (Bessa Freire 2004, 57).

Em seu processo de expansão, o Tupinambá passa a ser referido como “língua geral brasílica”. Segundo Bessa Freire (2004, 114), de 1616 até 1686, a língua geral brasílica expandiu-se pelos núcleos populacionais da Amazônia de forma assistemática. Essa situação se alterou em 1686, quando o *Regimento das missões*<sup>6</sup> encarregou os missionários de organizarem aldeias de descimentos. Os descimentos eram expedições em que indígenas de diversas etnias eram retirados de suas aldeias tradicionais e enviados para um aldeamento organizado pelos missionários. Os aldeamentos serviam como lugar de reserva de mão-de-obra indígena a ser usada pelas missões e por colonos. Com o tempo, os aldeamentos se espalharam:

Em 1720, havia apenas no Pará - não incluindo o Maranhão - 63 aldeais com 54 264 índios aldeados que, dependendo da eficiência missionária dominavam em maior ou menor grau a "Língua Geral" que era também usada pela quase totalidade dos 1 000 portugueses é pelos mestiços e ainda pelos índios escravos calculados em não

---

<sup>6</sup> Datado de 1686 e assinado pelo rei de Portugal, este documento dava o direito de tutela dos índios capturados aos missionários portugueses e certificava o direito de posse de 20 % dos escravos à Coroa Portuguesa. Com isso, os missionários tinham o direito de aculturar e doutrinar os índios de acordo com seus interesses e convertê-los em cristãos.

menos de 20 000, sem contar os índios "livres" e escravos do Maranhão (Raiol *apud* Bessa Freire (1983)).

Nesses lugares os indígenas de diferentes etnias aprendiam a se comunicar em língua geral brasílica, que passa, assim, a funcionar como língua franca.

A adoção de uma língua funcional para a comunicação permitia transformar o índio: de selvagem, monolíngue em sua língua autóctone, para um índio manso que podia ser incorporado às missões jesuíticas e ser utilizado como força de trabalho, por ser capaz de se comunicar também na língua geral brasílica (cf. Bessa Freire 2004, 181). Embora se saiba que os índios contatados pelas expedições de descimento não eram necessariamente monolíngues, para que pudessem ser compreendidos pelos missionários e colonos não fazia diferença se um índio falava uma ou mais línguas autóctones. Para efeito da colonização dos índios era suficiente falar a língua geral brasílica.

Assim, de um lado, a língua geral brasílica serviu como veículo facilitador do avanço na conquista territorial e cultural da região amazônica, uma vez que os portugueses dependiam da colaboração dos índios em várias instâncias, entre elas: ao índio cabia a função de ser guia, intérprete, extrator, agricultor, remador, construtor de casas e de barcos e soldado, entre outros encargos. De outro lado, a difusão da língua geral brasílica pode ser vista como um mecanismo de controle da diversidade linguística na região durante todo o período colonial.

No século XVIII, o território amazônico foi motivo de disputa entre espanhóis e portugueses, como se pode observar nos tratados de estabelecimento das fronteiras (Utrecht 1715; Madri 1750; Santo Idelfonso 1777). Para assegurar as terras conquistadas, a Coroa Portuguesa precisava comprovar à Coroa Espanhola que os colonos portugueses já haviam se estabelecido em certos locais na região. Para tanto, várias medidas foram tomadas. Do ponto de vista linguístico,

como a comunicação entre os colonos portugueses e os indígenas integrados às missões e os mestiços era feita em língua geral brasílica (em detrimento do Português), seu uso passou a ser considerado um empecilho para a política territorial portuguesa. Por essa razão, o Marquês de Pombal proibiu o uso da língua geral brasílica nas povoações da província de Maranhão e Grão-Pará e determinou que os missionários organizassem o ensino em Português, por meio de uma carta régia de 1727 (Bessa Freire 2004, 119). Do ponto de vista econômico, deu-se primazia para a agricultura em detrimento do extrativismo. Isso porque, pensava-se, fixar o homem na terra facilitaria criar vilas e cidades<sup>7</sup>.

No entanto, as medidas não surtiram efeito desejado, em especial, no que diz respeito ao monopólio no ensino da colônia, domínio em que a Companhia de Jesus priorizava o uso da língua geral. Os jesuítas foram expulsos do território brasileiro em 1757, sob a acusação de que serem os responsáveis pela expansão da língua geral brasílica, em vez de promoverem o uso generalizado da língua portuguesa.

Duas importantes fontes sobre a história da colonização no Maranhão e Grão Pará no século XVII são as obras dos jesuítas Vieira (1608 - 1697) e Bettendorf (1635 - 1698), que citam entre os grupos contatados durante o processo de aldeamento os Guajajara<sup>8</sup> (cf. Gomes (2002)). Em algumas missões jesuíticas, os índios Tupinambá e Guajajara conviveram falando a língua geral brasílica. Os Guajajara (e possivelmente outros grupos Tupi) aprendiam, como segunda língua, a língua geral brasílica. Enquanto os caboclos e os Tupinambás transmitiam, para seus filhos, a língua geral brasílica como primeira língua. No Pará, embora a língua geral brasílica continuasse a ser a língua materna dos índios Tupinambá e dos caboclos, era utilizada

---

<sup>7</sup> Cf. Borges 1994: antes de origem indígena, a substituição por nomes portugueses na toponímia, por exemplo: Tapajós passa a chamar Santarém e Mariuá, Barcelos.

<sup>8</sup> Conhecidos na linguística atual como Tenetehara, da família Tupi-Guarani, subconjunto IV.

como língua franca no estabelecimento de relações com os outros povos Tupi.

É possível que o contato da língua geral brasílica com outras línguas da família Tupi-Guarani tenha contribuído para suas primeiras alterações (v. 4.5). Por exemplo, o missionário João Daniel (que viveu no Grão-Pará entre 1741 e 1757) afirma que a “língua geral verdadeira”, presente nas gramáticas e catecismos, diferia da “língua geral corrupta” falada pelos índios fora das situações de âmbito religioso (Barros 2003a)<sup>9</sup>.

Nesse período, “os primeiros e verdadeiros tupinambares já quase de todo se acabaram, e as missões se foram restabelecendo com outras mui diversas nações” (Daniel *apud* Barros 2003b). As “mui diversas tribos” a que o autor se refere eram grupos étnicos diferentes, cujas línguas maternas pertencem às famílias Karib, Arawak, Jê, Pano e Tukano (Lee 2005, 165). Nas aldeias-missões, esses grupos aprendiam, como segunda língua, a língua geral brasílica.

Mesmo após a proibição da língua geral por Pombal (1757) surgiram novas traduções dos catecismos e novos vocabulários, que levaram em conta a ‘língua geral corrupta’, ou seja, a língua geral tal como falada pelos indígenas (Lee 2005). Com base em documentação do século XVIII, Lee (2005) caracteriza essa fase de desenvolvimento da língua como ‘vulgar’. Nesse sentido, pode-se dizer que Lee retoma a análise, anterior, de Edelweiss (1969):

[D]a costa de Pernambuco a São Vicente não se verificaram influências linguísticas apreciáveis de outras famílias indígenas, enquanto no Maranhão e no Pará elas foram contínuas, sempre renovadas por novos descimentos. (Edelweiss, *apud* Altman 2010 [ficha descritiva 003, produzida por Julia de Crudis Rodrigues])

---

<sup>9</sup> Barros (2003) comparou diferentes versões do Pai-Nosso feitas por missionários como a elaborada por Anchieta (século XVI) e a formulada por Eckart (escrita entre 1753 e 1757). A autora conclui que, embora a língua estivesse mudando, os catecismos não absorviam as alterações constatadas.

Cabral (*apud* Oliveira 2008, 39) diverge dessas interpretações. Segundo a autora, “ao longo de pouco mais de cem anos de uso fora de seu contexto natural, o Tupinambá, embora apresentasse vários sinais de mudanças estruturais em processo, ainda mantinha fortes traços de sua morfologia flexional original”. Ainda que os autores não concordem sobre o grau de diferenças apresentado na comparação do Tupinambá do século XVI com as variedades de língua geral brasílica e suas variantes registradas no século XVIII, há consenso sobre a existência de mudanças estruturais em curso. Essas mudanças e o contexto em que ocorreram sugere que a língua geral brasílica estava sob influência de outras línguas indígenas e, embora de forma ainda limitada, do Português.

### 1.2.3 *Século XIX e XX: a língua geral perde falantes e passa a ser chamada de Nheengatú*

A língua geral brasílica entrou no século XIX ainda como majoritária. Falantes de língua geral podiam ser encontrados nos rios Amazonas, Solimões, Juruá, Negro, Tapajós e baixo Tocantins (Felix 2002). No baixo Amazonas, a língua geral dividia seu espaço com o Português. No alto Amazonas e afluentes, a língua geral dividia seu espaço com línguas autóctones.

A partir do século XIX, porém, a língua geral entra em declínio. Vários fatores contribuíram para o seu desaparecimento na maior parte da Amazônia. Primeiramente, em 1837-1838, houve uma revolta popular na província do Grão-Pará<sup>10</sup>. Como punição aos revoltosos, o governo imperial (já independente de Portugal) exterminou parte da população indígena e cabocla, muitos dos quais falantes de língua geral. Também a Guerra do Paraguai (1864 – 1870) teve consequências devastadoras para os falantes de língua geral, haja vista que foram convocados 2.070 homens adultos — muitos deles,

---

<sup>10</sup> Os territórios dos atuais estados de Pará e Amazonas formavam uma única província até 1850.

monolíngues nessa língua —, sendo que mais da metade não sobreviveu à guerra (Bessa Freire 2004, 242).

Além das guerras, fatores econômicos estão relacionados ao declínio da língua geral no século XIX. Entre 1840 e 1912, o alto valor da borracha nos mercados financeiros internacionais motivou a migração de nordestinos para a região amazônica. Esses migrantes traziam novos costumes e o Português para a região amazônica. Cidades como Belém e Manaus, que no início do século XIX eram descritas como tendo uma população bilíngue Português e língua geral, passaram a ter uma população monolíngue em Português.

Paradoxalmente, no período em que a língua geral entra em declínio surge um movimento romântico nativista que pretendia registrar a língua e as histórias tradicionais transmitidas em língua geral. Variedades de língua geral foram descritas em *O Selvagem* (1876), de Couto de Magalhães; em notas sobre língua geral de Hartt (1938[1872]); e ainda no dicionário Nheengatú-Português e Português-Nheengatú de Stradelli (1929). Além de estudos descritivos, narrativas foram coletadas por Barbosa Rodrigues (1890) e Brandão de Amorim (1857).

Uma das possíveis consequências desse movimento romântico é o surgimento do termo Nheengatú, pelo qual a língua passa a ser designada. Segundo Rodrigues, o termo Nheengatú foi inventado por Couto de Magalhães a partir de *nheen* ‘língua ~ falar’ e *katu* ‘(ser) bom’, ou seja, *Nheengatú* significa ‘língua boa’. Ainda que seja uma invenção romântica, o termo Nheengatú é usado pelos falantes para referência à própria língua. Em curso de Magistério Indígena, realizado em 2007, alguns professores em formação explicaram que o termo ‘língua geral’ tem valor pejorativo. Para esses falantes, língua geral serve para identificar a fala de pessoas que misturam constantemente Nheengatú e Português. O termo Nheengatú, por sua vez, representa uma identidade cultural em formação. Por essa razão, chamamos a língua descrita neste trabalho de Nheengatú.



Ainda que o século XIX marque o declínio do Nheengatú, é também nesse período que a língua passa a ser falada no Alto rio Negro. No próximo capítulo, focalizaremos a situação do rio Negro.

### 1.3 *O Nheengatú no Rio Negro*

Nesta seção, trataremos brevemente da história de contato do Rio Negro, tentando entender a emergência do Nheengatú na região (1.3.1). Em seguida, trataremos da situação linguística atual tanto do Nheengatú (1.3.2) quanto das línguas de *substratum* (1.3.3).

#### 1.3.1 *A chegada do Nheengatú no Rio Negro*

Os povos indígenas do baixo e médio rio Negro mantiveram contato direto com os portugueses a partir do século XVII. No baixo Rio Negro (região da atual cidade de Manaus), habitavam os índios Manao. No médio Rio Negro, entre a ilha Timoni (no atual município de Santa Isabel do Rio Negro) até o canal de Casiquiare na Venezuela, há notícias da presença de índios Baré (Ramirez 2001, 475). Ambos esses povos eram falantes de línguas da família Arawak.

Na primeira metade do século XVIII, as expedições para levar indígenas para os núcleos de Belém e São Luís intensificam-se (v. 1.2.2). Os indígenas de toda a bacia do Rio Negro passam a ser as principais vítimas das expedições de descimento:

Estima-se que até o final da década de 1740, cerca de 20 mil índios foram apresados e descidos do alto rio Negro. Nas listas dos escravos retirados desta região, estão incluídos em grande número índios [da família] Tukano, Baniwa, Baré, [da família] Maku, Werekena e outros [...], que eram trazidos para trabalhar em Belém e São Luís. (Cabalzar e Ricardo 2006, 78)

Os indígenas que passavam a viver nas aldeias-missões aprendiam língua geral brasílica. Por sua vez, os indígenas que conseguiam fugir das expedições mantinham suas tradições e línguas. Deste modo, até pelo menos meados do século XVIII, as línguas autóctones da bacia do rio Negro estavam sendo mantidas, inclusive o Manao, que ainda era predominante no baixo rio Negro.

Porém, no período pombalino, começam a ser criadas condições para assegurar o domínio Português no Alto rio Negro. Em 1763, foram fundadas fortalezas em São Gabriel e em São José de Marabitanas. A Igreja Católica, por meio da ordem dos carmelitas, também passou a atuar no rio Negro. O início da colonização na bacia do alto rio Negro foi marcada por conflitos.

No século XIX, começam a atuar no Rio Negro os primeiros regatões, barcos controlados pelos “brasileiros” que estabeleciam comércio com os indígenas. Muitos desses regatões eram controlados por homens falantes de Nheengatú. Em 1845, um documento oficial determinava que indígenas deveriam ser deslocados para povoados e vilas coloniais, onde serviam de mão-de-obra. Foram deslocados para o baixo e médio rio Negro, indígenas do Vaupés, Papuri, Tiquié, Içana e Xié, territórios ocupados tradicionalmente por indígenas que falavam línguas das famílias Tukano, Arawak e Maku Oriental (Cabalzar e Ricardo 2006, 86).

Nos seringais do baixo e médio Rio Negro, o Nheengatú passou a funcionar como língua franca, substituindo o Manao e diminuindo a população de falantes de Baré. Os indígenas que conseguiram voltar para o Alto rio Negro, tinham aprendido Nheengatú como segunda língua e, muitas vezes, casaram-se com mulheres falantes dessa língua. Os filhos desses casamentos entre indígenas das etnias Baré, Baniwa e Warekena (Arawak do norte) e caboclas adquiriram a língua das mães. Assim, também no Alto rio Negro, o Nheengatú é transmitido por aprendizagem de segunda língua entre os adultos, mas também continua sendo adquirido como primeira língua por crianças. O grau de bilinguismo ainda precisa ser estabelecido.

No início do século XX, o Nheengatú<sup>11</sup> é registrado no rio Xié e no rio Içana, ambos localizados a norte do rio Negro. Koch-

---

<sup>11</sup> Koch-Grünberg refere-se à variedade de Nheengatú século XIX como ‘lingoa geral’, utilizando a grafia do Português da época.

Grünberg, em carta não publicada, registra a situação de bilinguismo entre os povos Baniwa e Warekena.

Diese Aufnahme stellt sich insofern schwieriger, als die Leute fast kein Spanisch, sondern nur Uerekéna, Baniwa und Lingoa geral verstehen. Da helfe ich mit meinem Baniwa-Vokabular, oder der Patrão verdolmetscht es ihnen aus dem Spanischen in die Lingoa geral.

[Essa recolha se mostra até aqui mais difícil, pois as pessoas não entendem quase nenhum Espanhol, mas apenas Uerekéna, Baniwa e a Língua geral. Por isso, socorro-me de meu vocabulário Baniwa, ou o Patrão traduz para eles do Espanhol para a Língua geral] (carta datada de Rio Negro, 8 de julho de 1903, Autos [original alemão *Akten*] do Museu Etnológico de Berlim referentes à viagem do Dr. Koch, vol. IB 44 *apud* Christino (2007, 32))

Nos rios Xié e Içana, os idosos nascidos anteriormente a 1930, falam Baniwa ou Warekena como língua materna e aprenderam o Nheengatú posteriormente. Esta situação foi observada na comunidade de Anamoim, no alto rio Xié, em que há dois idosos falantes de Warekena. Também conversas com outros Warekena confirmam essa situação. A geração nascida na década de 1940 e 1950, porém, tende a ser monolíngue em Nheengatú. Conforme o depoimento de Sr. Hermínio, Warekena de cerca de 70 anos, o Nheengatú passou a ser falado em decorrência de casamentos com mulheres “do baixo”, falantes de Nheengatú<sup>12</sup>.

Kuxima ukua inheenga. Aiwã umendai. Nheengatu usika kunhã irũ. [...] Aiwã kui tauxari nhaã Werekéna. Aiwã só Nheengatu até kuirí.

Antigamente, [os Warekena] sabiam sua [própria] língua. Então, casaram. O Nheengatú chegou com as mulheres. Então, agora, deixaram aquele Warekena. Então só Nheengatú até agora (Hermínio, depoimento gravado em 2007).

O número de falantes de Nheengatú no Xié também aumentou por conta do sistema de patronagem. Trata-se de um sistema de trabalho em que os padrões convenciam indígenas a irem para o médio

---

<sup>12</sup> Ver *Anexo II*, para análise justalinear dos trechos citados.

rio Negro trabalhar no extrativismo (cf. Meira (1993) e (1996)). Como o valor do trabalho indígena era subvalorizado, os patrões, usando muitas vezes de violência, mantinham controle sob os indígenas, chamados de fregueses. No médio Rio Negro, o Nheengatú já havia substituído o Baré e, por isso, as relações entre patrões e fregueses ocorriam em Nheengatú. Quando os Warekena conseguiram fugir da exploração no Médio Rio Negro e voltar para o Alto rio Negro, traziam mulheres e filhos, falantes de Nheengatú.

### 1.3.2 *Situação lingüística atual*

Atualmente, o Nheengatú é falado por Baré, Baniwa e Warekena no Alto rio Negro. A UNESCO estima o número de falantes de Nheengatú em 6.000 pessoas no Brasil e 2.000 na Venezuela (Moseley 2010). Os dados da Venezuela são baseados em *Manual de lenguas indígenas de Venezuela* (Mosonyi e Mosonyi 2000), enquanto os dados sobre o Brasil são indicados como *pure guess*.

No alto rio Negro, em particular no município de São Gabriel da Cachoeira, são encontradas comunidades em que o Nheengatú é utilizado em interação diária e transmitido para as crianças. A área de falantes de Nheengatú estende-se pela bacia do rio Negro, desde o médio até a comunidade de Cucuí, na fronteira com a Venezuela. A maior concentração de falantes está no cruzamento entre os rios Negro, Içana e Xié. No rio Içana, território tradicionalmente ocupado pelos Baniwa, o Nheengatú é a língua predominante até a comunidade de Assunção. No rio Xié, território dos Warekena, o Nheengatú é falado em toda sua extensão. No mapa abaixo, a área em que o Nheengatú é falado é destacada:



Na primeira coluna, indicamos o grupo étnico preponderante em cada um dos pontos de atendimento de saúde<sup>13</sup>. Na segunda coluna, indicamos os locais dos pontos de atendimento do sistema de saúde. Por fim, indicamos a população dessas áreas, com base em dados de 2005 a 2008, disponibilizados pelo sistema de saúde.

**Tabela 1: População em áreas com falantes de Nheengatú**

Grupo étnico preponderante	Ponto de atendimento de saúde	População			
		2005	2006	2007	2008
Baniwa	Camarão, Baixo Rio Içana	1.273	1.283	1.308	1.308
Warekena	Cumati, Rio Xié	889	889	966	966
Baré	Cucuí, norte do Alto do Rio Negro	1.061	1.061	1.067	1.067
	Estrada (entre São Gabriel e Cucuí)	780	780	802	802
	Ilha das Flores (próximo à cidade)	1.372	1.363	1.147	1.147
	Juruti (no Rio Negro, entre a foz do Xié e a foz do Içana)	1.059	1.163	1.133	1.133
	Taperera (a sudeste de São Gabriel)	1.560	1.560	1.650	1.650
<b>TOTAL</b>		<b>7.994</b>	<b>8.099</b>	<b>8.073</b>	<b>8.073</b>

(DSEI-RN (Distrito Sanitário Especial Indígena do Alto Rio Negro, ligado à FUNASA) 2008)

Em 2008, a população indígena das comunidades predominantemente Baré era de 5.799, distribuídas entre Cucuí, Estrada, Ilha das Flores, Juruti e Taperera. Nas comunidades atendidas pelo ponto de saúde de Ilha das Flores e Juruti, a população utiliza o

<sup>13</sup> Cada ponto de atendimento de saúde atende cerca de 1.000 pessoas, espalhados em outras comunidades relativamente próximas. Neste trabalho, esses pontos servem como pontos de referência.

Nheengatú diariamente. Há um grande número de bilíngues em Nheengatú e Português, uma vez que a interação com a zona urbana de São Gabriel é constante. A transmissão do Nheengatú para as crianças depende do grau de fluência em Português dos pais, de modo que algumas crianças chegam à escola como monolíngues em Nheengatú e outra chegam à escola como bilíngues em Português Os adolescentes são todos bilíngues<sup>14</sup>.

Nas comunidades atendidas pelos pontos focais Estrada e Cucuí, há predominância do Português, de modo que o Nheengatú não é mais transmitido para as crianças. O ponto de atendimento de saúde chamado Estrada reúne as populações que vivem na rodovia que leva a zona urbana de São Gabriel até o distrito de Cucuí na fronteira com a Venezuela. Em Cucuí, há um pelotão de fronteira e uma infraestrutura urbana, formada por indígenas e membros do Exército. Embora haja falantes de Nheengatú na região, o impacto do Português é muito forte e, portanto, as gerações mais jovens abandonaram o Nheengatú<sup>15</sup>. O ponto focal de saúde denominado Taperera reúne as comunidades mais próximas com a fronteira com o município de Santa Isabel do Rio Negro. Nessa região, o Nheengatú está restrito aos idosos<sup>16</sup>.

A população Baniwa, falante de Nheengatú, é atendida pelo ponto de atendimento de saúde de Camarão e corresponde a 1.308 habitantes. Embora haja alto grau de bilinguismo com Português, o Nheengatú é usado diariamente. As pessoas mais velhas são bilíngues Nheengatú e Baniwa. Algumas famílias ainda transmitem o

---

<sup>14</sup> Em 2009, ao participar das atividades escolares durante um dia na comunidade de Juriti, pude perceber essa situação. Agradeço o coordenador Jonato Gregório Alemão e os professores Maristela Silvana da Silva e Miguel Alemão Miranda pelo convite.

<sup>15</sup> Agradeço a Irene Cardoso dos Santos, Eracy Albino Gonçalves e Estevão Melgueiro Antônio pela descrição da situação linguística de Cucuí e Estrada.

<sup>16</sup> Nos municípios de Santa Isabel do Rio Negro e Barcelos, há falantes idosos (informação informalmente obtida junto à FOIRN; ao DSEI-RN; Floyd, c.p.).

Nheengatú para as crianças, enquanto outras preferem que as crianças adquiram primeiramente o Português.

O ponto de atendimento de saúde de Cumati atende toda a população do rio Xié, território habitado majoritariamente pelo povo Warekena, embora haja alguns Baré entre eles. Em 2007, viajei durante seis dias por toda extensão do rio Xié, parando em várias comunidades, e pude perceber a importância do Nheengatú na região: mulheres e crianças são em sua maioria monolíngues em Nheengatú; homens adultos têm o Nheengatú como língua materna e aprenderam Português recentemente; os mais idosos são bilíngues em Warekena e Nheengatú. Nas escolas, a alfabetização é feita em Nheengatú. A partir da quarta série do ensino fundamental, entretanto, a tendência é sua substituição pelo Português.

Quanto a variedades de Nheengatú em outras regiões da Amazônia, há poucas informações. No baixo Amazonas, o Nheengatú está quase desaparecendo, persistindo apenas alguns falantes idosos (Taylor 1985). Na terra indígena Andirá-Marau, território dos Sateré-Mawé, ainda se encontram alguns adultos que aprenderam Nheengatú, mas não a utilizam em comunicação diária (Moore, c.p.; Meira, c.p., Raynice Silva, c.p.). Sobre falantes de Nheengatú no Solimões, as informações são poucas e contraditórias. Para Cabral (c.p.), os últimos falantes do Solimões morreram no final do século XX. Borges (1991, 11) afirma que o Nheengatú subsiste nas proximidades de Tefé, mas não registra dados sobre aquela variedade. Em 2000, a *Revista Globo Rural* informou ter encontrado falantes de “língua geral” na boca do Rio Japurá, no Médio Solimões, onde, seria comum o seu uso doméstico (Navarro 1999). A informação, porém, não foi confirmada.



### 1.3.3 *Situação linguística das línguas Arawak*

Nos rios Negro, Içana e Xié, o Nheengatú está substituindo línguas do grupo norte Arawak: Baré, Baniwa e Warekena. A Tabela 2 levanta o número de falantes de cada uma destas línguas e o nível de perigo de desaparecimento. São utilizados dados da UNESCO:

**Tabela 2: Situação linguística das línguas norte Arawak, segundo a UNESCO**

Língua	Localização	Estimativa de número de falantes	Nível de perigo de desaparecimento
Baré	Alto rio Negro	Zero	Extinta
Warekena	Rio Xié	20 (UNESCO)	Criticamente em perigo
Baniwa / Kuripako	Rio Içana	5,811	Vulnerável

#### 1.3.3.1 *A esperança de reencontrar falantes de Baré*

*Não importa ki iwasu. Yayuiri yapisika ae yaputairã yariku yane identidade própria, porke poxa sasi yane pia upe ba? Uwiara Baré ita tiã taukuntai Baré, taukuntai Nheengatu... Poxa yande yaputai yane identidade.*

Não importa que seja difícil. Voltaremos a pegar ele [o Baré], queremos ter nossa identidade própria, porque, poxa! Dói em nosso coração. Hoje em dia, os Baré não falam mais Baré, falam Nheengatú... Poxa! Nós queremos nossa identidade... (Olímpia Melgueiro Pereira, gravado em 2007)

O território original do Baré era localizado entre a ilha Timoni (no atual município de Santa Isabel do Rio Negro) até o canal de Casiquiare, na Venezuela (Ramirez 2001, 475). Na primeira metade do século XVIII, intensificou-se a política de descimentos, ou seja, de

captura de indígenas do rio Negro para trabalhar na extração de produtos silvestres e para trabalho nas fazendas de Belém e São Luís.

No século XIX, a área tradicional dos Baré passou a ser ocupada por falantes de Nheengatú que trabalhavam nos seringais. Segundo Aikhenvald (1995), os últimos falantes morreram no final da década de 1990. Para Ramirez (2001, 476), no entanto, ainda há idosos que “falam ainda algo da língua original baré do lado venezuelano”. Além de listas de vocabulário recolhidas no século XIX, há alguns trabalhos recentes sobre aspectos gramaticais do Baré: Aikhenvald (1995), Oliveira (1993) e (1999/2000), Ramirez (2001, 502).

#### 1.3.3.2 *A retomada do Warekena como projeto urgente*

Com base em mitos Tariana e documentos do século XVIII, Aikhenvald (1998) afirma que os Warekena viviam no Vaupés, onde trabalham para os Tariana. Mais tarde, os Warekena se separaram dos Tariana e formaram comunidades no rio Xié. Alguns grupos, porém, teriam migrado do Xié para o Guainia<sup>17</sup>, na fronteira entre Colômbia e Venezuela. No Guainia, os Warekena teriam abandonado a língua Warekena propriamente dita e a substituído pelo Baniwa de Guainia, também chamado de Baniwa de Maroa (cf. Aikhenvald, (1998); Ramirez (2001)).

No início do século XX, algumas famílias Warekena teriam percorrido o caminho contrário: voltaram do Guainia para se reestabelecer no rio Xié. De fato, depoimentos colhidos no alto rio Xié, indicam que as comunidades teriam sido criadas no início da década de 1920. Sobre Anamoim, a habitante mais idosa, Lina, nascida na década de 1920, afirma que a comunidade teria sido criada em sua infância:

Ainta kuera taupirai waa yane runde kua Namuĩ povo Werekena.  
Puru Werekena panhe ainta membira ita. Aiwã ainta usuwã isui.  
Uyumusikinda kuera. Aiwã yasikawã yapirai ae. Eẽ rate!

---

<sup>17</sup> Denominação do rio Negro acima do canal de Casiquiare, na fronteira Venezuela e Colômbia.

[Aqueles que fundaram (abriram) antes de nós esta Anamoim, eram o povo Werekena. Todos os filhos delas eram puramente Werekena. Então, eles foram embora de lá. [O terreno] estava se fechando. Então, chegamos e abrimos isso. Assim mesmo!] (Lina, depoimento gravado em 2007)

Essas famílias, embora fossem falantes de Baniwa de Guainia e não mais de Werekena propriamente dito, preferiram chamar a língua que falavam de Werekena (Ramirez 2001, 501). Aikhenvald (1998, 225), porém, faz uma ressalva: “Werekena of Anamoim is closer to Baniwa of Guania than are the dialects of other communities of the Xie river” [Werekena de Anamoim é mais próximo do Baniwa de Guainia do que são os dialetos de outras comunidades do Rio Xié]. Ainda que a língua dos Werekena seja em termos linguísticos o Baniwa de Guainia, neste trabalho faremos referência sempre a Werekena como nome da língua falada no rio Xié, anteriormente ao Nheengatú. As razões para utilizarmos o termo Werekena, ao invés de Baniwa de Maroa ou Guainia são as seguintes: (a) os falantes remanescentes se identificam como Werekena e chamam sua língua de Werekena; (b) este termo é o mais conhecido no rio Negro; (c) este termo é o mais conhecido na literatura linguística a partir do trabalho de Aikhenvald (1998).

No século XX, o Werekena deixou de ser transmitido, sendo progressivamente substituído pelo Nheengatú. No rio Xié, há, segundo a *Associação das Comunidades Indígenas do Rio Negro e Xié* (ACIRX), 34 pessoas falantes de Werekena e cerca de cem pessoas compreendem a língua. A perspectiva de perda da língua de seus ancestrais preocupa a população e, por isso, em algumas escolas os professores começaram a ensinar palavras em Werekena<sup>18</sup>:

Siya unheẽ wera kuaye ki taumaã te Werekena ti uexistiri, né? Ma realmenti uexistiri. Grasa a Deus, yarikure yapudeirã yayupiru yavalorizai yandarã? Porke aiwã te upita sasi taina ita pia upe. Yamaã yasofrei tairũ. Maye sembira taunheẽ: “Poxa, yande Werekna, mamãe, ma ti yakua yakuntai. Maranta ti yakuntai? Ape

<sup>18</sup> Os professores se baseiam em um glossário com 47 termos em Werekena, formulada em oficinas organizadas pela FOIRN (2006).

anheê: “umba! Yepe ara tenki pekutari!”. Ma jeitu? Yamaã uwiara, yamaã alunu ita tayuiri tapisika palavra por palavra iskola tarupi Werekena. Então, kom serteza, yawe usu upita iwasuima.

Muitos diziam frequentemente assim que viam mesmo que o Warekena não existia, né? Mas realmente existe. Graças a Deus, ainda temos para podermos começar a valorizar para nós? Porque então fica a dor no coração das crianças. Nós sofremos com elas. Como meus filhos disseram: “Poxa, nós somos Werekena, mamãe, mas não sabemos falar. Por que não falamos? Aí eu disse: “Não! Um dia vocês têm de falar”. Mas de que jeito? Vemos hoje em dia, vemos os alunos voltarem, pegarem o Werekena palavra por palavra nas escolas. Então, com certeza, assim, vai ficar mais fácil. (Olímpia Melgueiro Pereira, depoimento colhido em 2007, quando a mesma era presidente da ACIRNX).

No momento, no entanto, não há projetos oficiais de resgate da cultura e línguas dos Warekena. A *Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro* (FOIRN) e a *Associação Indígena da Calha do Rio Negro e Xié* (AICRNX) apoiam a população na intenção de resgatar a língua e cultura, mas não há financiamento para ações nesse sentido.

Quanto às pesquisas linguísticas propriamente ditas, há uma descrição preliminar sumária, realizada por Aikhenvald (1998) com falantes de Warekena das comunidades de Anamoim, Campinas e Nazaré no rio Xié. Em relação ao Baniwa de Guainia (Maroa), Ramirez (2001, 501) cita listas de vocabulário de Crevaux *et al.* (1882), Grasserie (1892), e gramática, léxico e manual bilíngue González Ñañez (1996a/b/c).

#### 1.3.3.3 *O Baniwa meridional substituído pelo Nheengatú*

Segundo Ramirez (2001, 37), a população Baniwa-Kurripako constitui-se de aproximadamente 11 mil pessoas repartidas em 200 comunidades que ocupam a bacia do rio Negro e Guainia. Conforme a variação dialetal, podem ser distribuídos em três super dialetos (na terminologia de Ramirez). O dialeto setentrional, chamado Kurripako, é encontrado nos rios Guainia e cabeceira do Cuiari. O dialeto central, chamado Baniwa, ocorre no Rio Içana acima da missão salesiana de

Assunção. O dialeto meridional, originalmente encontrado abaixo da missão de Assunção, foi substituído pelo Nheengatú. O dialeto meridional pode ser encontrado no rio Guainia na Venezuela para onde um pequeno grupo teria migrado.

As comunidades abaixo da missão salesiana de Assunção usam o Nheengatú como língua de comunicação diária. Em geral, apenas os idosos falam Baniwa. O bilinguismo com o Português é bastante alto. Os adultos têm o Nheengatú como primeira língua. Algumas famílias transmitem o Nheengatú para as crianças, enquanto outras privilegiam o Português. No Rio Içana, há uma tendência à revalorização do Nheengatú com produção de músicas.

As comunidades do Içana, falantes de Nheengatú, tendem a ter relações frequentes com os Baré do Negro. Como exemplo destas relações, podemos citar os campeonatos de futebol em que há disputas entre Baniwa e Baré; as festas populares em que ambos os grupos participam.

As referências à língua Baniwa que fazemos aqui, baseiam-se nos trabalhos de Taylor (1991) e (1993), cujo trabalho focaliza o Baniwa tal como falado na comunidade de Assunção do Içana.

Apesar de Baré, Warekena e parte dos Baniwa terem adotado uma mesma língua e estabelecerem relações constantes, o território de cada grupo é bem marcado: Baré no Negro, Baniwa no Içana e Warekena no Xié. No anexo III, apresentamos narrativas, contadas por Baré e Warekena.

#### 1.4 *Metodologia*

##### 1.4.1 *Trabalho de campo: falantes e corpus*

Esta descrição do Nheengatú baseia-se na análise de um *corpus* de textos gravados, totalmente transcritos e analisados. Os textos foram recolhidos em três viagens, totalizando oito meses de trabalho de campo: setembro a novembro de 2007; maio de 2008; agosto a novembro de 2009.

Em outubro de 2007 e maio de 2008, pude integrar a equipe de assessores que participaram de cursos de formação de professores indígenas falantes de Nheengatú, promovidos pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de São Gabriel da Cachoeira (SEMEC – SGC) com apoio da Secretaria do Estado de Educação do Amazonas (SEDUC-AM). Em cada uma das etapas do chamado Magistério Indígena, reuniu-se em Assunção do Içana (território Baniwa) cerca de 70 professores (entre 18 e 40 anos) das etnias Baré, Baniwa e Werekena, oriundos de 47 comunidades, localizadas nos rios Negro, Içana e Xié.

Em outubro de 2007, o grupo de professores em formação decidiu realizar entrevistas com pessoas de reconhecida importância na comunidade de Assunção do Içana com o objetivo de entender a história dos povos Baré, Baniwa e Werekena, atentando principalmente no papel dos professores na manutenção da identidade indígena em um contexto de perda linguística. Essas entrevistas foram mais tarde totalmente transcritas e analisadas. São cinco falantes (três homens e duas mulheres), todos Baniwa, acima de 50 anos: Irineu Piloto, Ademar Ricardo, Augusto, Bibiana, Maria do Carmo<sup>19</sup>. O falante mais velho, Irineu Piloto, é bilíngue Nheengatú e Baniwa; enquanto os demais são falantes nativos de Nheengatú com níveis variados de fluência em Português. Os seis textos variam entre dois minutos e setenta minutos de duração. Constituem-se de depoimentos pessoais, história da comunidade de Assunção, papel das lideranças e uma narrativa mítica Baniwa.

Em novembro de 2007, visitei a comunidade Warekena de Anamoim, localizada no extremo norte do rio Xié. Nesta comunidade, pude gravar com a ajuda de professores um depoimento sobre a formação da comunidade e duas narrativas ficcionais. São três falantes com mais de sessenta anos (uma mulher e dois homens): Lina,

---

<sup>19</sup> Texto recolhido por seu filho, Francisco Cirineu, aluno do curso de Magistério Indígena. Em 2009, Francisco me ajudou no processo de transcrição e tradução do texto.

Hermínio, Valter. Os dois homens são monolíngues em Nheengatú, com pouca fluência em Português. A única mulher com cerca de 80 anos, é bilíngue em Nheengatú e Warekena, sendo uma das últimas falantes de Warekena na comunidade. São quatro textos, cuja extensão varia de quatro até 54 minutos, em que relatam fatos da história da comunidade e narrativas ficcionais.

Em todas as viagens de campo, pude recolher dados entre os Baré. Foram 11 falantes (05 homens e 07 mulheres): Iris (centro urbano), Celina (centro urbano), Marlene (centro urbano), Camila (São Pedro), Leomar (Guia), Roselina (Nova Vida), Isabel (Nova Vida), Lourivaldo (zona urbana), Olímpia (Vila Nova), Flávio (Nova Vida), João (zona urbana), e pelo Warekena Davi (Campinas do Xié)<sup>20</sup>. Os textos recolhidos entre os Baré são mais variados: quatro narrativas ficcionais (fábulas e lendas sobre o Curupira); uma narrativa mítica; uma discussão política entre dois falantes; uma descrição de caçada narrada por três falantes. As narrativas míticas e ficcionais foram recolhidos principalmente durante um curso de “Produção de textos escritos em Nheengatú”, realizado na comunidade de Nova Vida, por incentivo do assessor pedagógico indígena do médio rio Negro, Cirilo Peinado Gomes (Baré). A extensão desses textos varia entre seis e quarenta e cinco minutos.

Todos os textos foram transcritos, traduzidos e submetidos à análise interlinear morfema por morfema, em sessões individuais com falantes nativos de Nheengatú com proficiência em Português. Nessas sessões, as hipóteses de análise efetuadas sobre os textos eram testadas por elicitación gramatical. Por facilidade técnica, essas sessões gramaticais foram realizadas na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira, exceto os textos transcritos pelo casal Joaquim e Nancy, trabalho feito na comunidade de Boa Vista do Içana. Além do casal de Boa Vista, participaram desse processo de transcrição e tradução mais cinco mulheres, uma Baniwa e quatro Baré, todas com cerca de

---

<sup>20</sup> Embora Davi seja Warekena, ele narra junto com colegas Baré, a caçada que realizaram.

quarenta anos. Embora não tenha sido deliberadamente escolhidas, todas as minhas professoras de Nheengatú eram mulheres com profissão bem definida, o que lhes garantia certa independência financeira: Lindalva (Baniwa), representante do Setor Feminino da FOIRN; Celina M. da Cruz, professora de Nheengatú da rede pública municipal; Marlene Trindade Ferreira (professora de ensino para crianças especiais); Valdeci (funcionária da SEMEC) e Irene Cardoso dos Santos (em formação para ser professora). Por terem maior disponibilidade para o trabalho e por utilizarem o Nheengatú diariamente, Celina e Marlene foram minhas principais professoras e participaram da maioria das sessões de elicitación.

Além de textos orais, também foram utilizados pequenos textos escritos produzidos por professores em formação no Magistério Indígena e também um livro infantil, que relata o processo de construção de um bongo (canoa), produzido por estudantes de ensino fundamental de Anamoim. O *corpus* se completa com oito canções produzidas por jovens falantes de Nheengatú. Em setembro de 2009, essas canções foram gravadas com acompanhamento de instrumentos musicais introduzidos pelo contato (guitarra, baixo, triângulo) pela banda *Taina rukena*<sup>21</sup>, formada por alunos da escola municipal da comunidade de Boa Vista. As líricas de todas as canções foram traduzidas e analisadas em forma de glosa interlinear.

Além da análise de textos e das sessões de elicitación, meu entendimento das estruturas gramaticais do Nheengatú e das sutilezas semânticas do seu léxico foi particularmente enriquecido pela convivência com falantes nativos. Ademais, uma valiosa fonte de informação foram as respostas de falantes nativos às perguntas “malucas” que eu fazia durante conversas informais. Dessa forma, pude contar com explicações de todos os professores em formação no Magistério Indígena; e das conversas com os falantes que me receberam em suas casas ou viajaram comigo. Além dos professores

---

<sup>21</sup> *Taina rukena* é o nome de um mito de Boa Vista: *taina* ‘criança’, (*ru*)*ukena* ‘porta, ‘porta das crianças’.



do Magistério — impossível citá-los todos —, foram de grande valia as explicações dadas pelo Prof. Florêncio Cordeiro (Baré) em Anamoim; de toda a família da D. Eneidina (Baré) da comunidade de Boa Vista do Içana (setembro de 2009); e das conversas diárias entre setembro e novembro de 2009 com os funcionários do Setor de Educação Indígena da FOIRN, Sr. Denivaldo da Silva Cruz (Dessano) e Sra. Madalena Custódio Paiva (Baniwa).

No total, o *corpus* constitui-se de dezessete textos orais — cujos falantes foram seis Baniwa, quatro Warekena e oito Baré — oito canções, onze textos escritos e de três cadernos de elicitación, realizadas a partir da análise dos textos. Os textos orais foram gravados em cartão de memória, utilizando o gravador Edirol R09.

No decorrer deste trabalho, privilegiaram-se as ocorrências naturais, retiradas de textos. Nos poucos casos em que se fez necessário, indica-se a fonte dos dados provenientes de textos escritos, canções ou elicitaciones. Em todos os exemplos, indica-se a etnia do falante pelas siglas Br (Baré), Bn (Baniwa) e Kr (Kurripako), Wk (Warekena). Exceto quando explicitamente indicado, os dados disponibilizados neste trabalho ocorreram em textos naturais.

#### 1.4.2 *Base teórica*

A descrição gramatical que segue nos próximos capítulos se beneficiou de inúmeras contribuições teóricas. Para Fonologia, o estudo se pautou em Clements (2001); Hayes (1981) para o padrão acentual. Para Morfossintaxe, este trabalho pautou-se em teorias funcionalistas, particularmente em Givón (2001) e nos artigos reunidos por Shopen (2007). Especial atenção foi dada à descrição das classes de palavras. Para tanto, os trabalhos de Klimov (1974), Mithun (1991), Launey (1994), Shibatani e Pardeshi (2002), Queixalós (2006) foram de suma importância. Na parte final da tese, levantamos algumas propriedades da estrutura informacional do Nheengatú com base em Kuroda (1972) e Launey (1998).

### 1.4.3 *Objetivos e plano geral do trabalho*

O objetivo deste trabalho é descrever o sistema fonológico e gramatical do Nheengatú, tal como falado pelos povos Baré, Baniwa e Warekena no Alto rio Negro. O trabalho é constituído por onze capítulos, distribuídos em três partes: *Fonologia*, *Morfologia* e *Sintaxe*. A primeira parte, dedicada à fonologia, contém a descrição dos fonemas consonantais e vocálicos e dos ditongos; a estrutura da sílaba; a manifestação do acento; a estrutura das palavras e processos morfofonológicos. Dedicamos uma pequena parte de estudo diacrônico para a compreensão de aspectos de convergência entre o Nheengatú e as línguas do *substratum* Arawak.

A segunda parte, relativa à morfologia, é centrada na descrição das classes lexicais. Primeiramente, levantamos os critérios que distinguem nomes e verbos. Em seguida, indicamos as propriedades e subdivisões da classe dos nomes, distinguindo entre nomes relativos e nomes autônomos. Em seguida, apresentamos as propriedades e subdivisões da classe dos verbos. Há uma cisão entre os verbos intransitivos entre dinâmicos e estativos. Por sua vez, os estativos podem ser flexionáveis ou não-flexionáveis. A descrição das classes lexicais encerra-se com a proposta de uma classe de advérbios. A Morfologia contém ainda mais quatro capítulos: lexicogênese nominal, estrutura do sintagma nominal, lexicogênese verbal e classes gramaticais. O capítulo sobre lexicogênese nominal descreve os processos de derivação endocêntrica, composição e nominalização. O capítulo sobre o sintagma nominal focaliza nos usos dos sintagmas com ou sem determinantes. No capítulo sobre lexicogênese verbal, descrevemos processos de ajustes de valência, reduplicação e empréstimos verbais. O capítulo final da Morfologia faz um levantamento e descrição de partículas e clíticos. A Morfologia encerra-se com a proposta de uma classe de advérbios e com o levantamento e descrição de partículas e clíticos.

A terceira parte, dedicada à sintaxe, investiga os tipos de predicado do Nheengatú; e as propriedades de orações coordenadas e

subordinadas. Investigamos as propriedades de predicados nominais, existenciais e verbais. Especial atenção é dada à emergência de predicados existenciais, marcados por partículas em Nheengatú; e à cisão entre predicados verbais intransitivos em dinâmicos e estativos.

Por fim, investigamos a estrutura informacional com base na distinção entre julgamentos téticos e categóricos. Sob essa perspectiva, discutimos as distinções de ordem nas orações intransitivas e o deslocamento à esquerda em orações transitivas. Observamos ainda que a ordem dos constituintes nas orações nominais permite estabelecer a distinção entre predicados nominais equativos, em que se estabelece a identidade completa entre duas formas de referir à mesma entidade, e os predicados nominais inclusivos, em que se inclui uma entidade em um grupo.



---

## FONOLOGIA

---

Na primeira parte deste trabalho, descrevemos o sistema fonológico do Nheengatú, enfatizando os mecanismos de mudança sob a influência do *substratum* de línguas Arawak do norte. A análise mostra que o Nheengatú falado no alto rio Negro apresenta características bastante particulares que o diferencia de fases anteriores de seu desenvolvimento como língua geral e também o diferencia da variedade documentada na década de 1970 no baixo Amazonas.

### 2 Fonologia

Na primeira seção, apresentamos os fonemas segmentais, atentando para sua distribuição e alofonia. Em seguida, descrevemos a estrutura silábica (2.4); o padrão acentual (2.6) e a estrutura das palavras (2.4.1.2). No decorrer da análise, observamos algumas diferenças fonológicas entre a variedade falada pelos povos Baré e Baniwa no alto rio Negro e baixo rio Içana e a falada pelos Warekena no rio Xié.

Na representação fonológica, simbolizada por barras duplas //, as fronteiras de morfemas são indicadas por hífen ( - ). A representação fonética é apresentada entre colchetes [ ] com divisão silábica e marcação do acento. A representação dos grafemas utilizados na escrita do Nheengatú é feita entre < >, o mesmo símbolo é usado para tratar de formas escritas em documentos que registram fases anteriores do desenvolvimento do sistema.

### 2.1 *Fonemas segmentais*

O sistema consonantal do Nheengatú contém uma tripla oposição entre oclusivas surdas, sonoras e nasais plenas — envolvendo três articuladores contrastivos: [LABIAL], [CORONAL] e [DORSAL]. Não parece haver, entretanto, uma nasal dorsal. O sistema contém ainda uma vibrante simples e duas fricativas surdas, distintas pelos traços [ $\pm$  anterior]. O Quadro 1 apresenta o sistema:

**Quadro 1: Sistema consonantal**

		LABIAL	CORONAL		DORSAL	
			[+ ant]	[– ant]		
– soante	– voz	p	t		k	– contínuo
– soante	+ voz	b	d		g	– contínuo
– soante	– voz		s	ʃ		+ contínuo
+ soante	(+ voz)	m	n	ɲ		– contínuo
+ soante	(+ voz)		r			+ contínuo

O sistema vocálico do Nheengatú constitui-se de quatro vogais orais, com suas contrapartes nasais. Caracteriza-se pela oposição entre dois articuladores [CORONAL] e [DORSAL], e pelos traços de altura [ $\pm$ baixo] e [ $\pm$ alto]. O Quadro 2 apresenta os contrastes entre os traços vocálicos:

**Quadro 2: Sistema de Vogais**

CORONAL		DORSAL		
i	ĩ		u	+ alto - baixo
e	ẽ			- alto - baixo
		a	ã	- alto + baixo

Nossa análise do inventário fonológico do Nheengatú confirma a proposta por Borges (1991). Todavia, a análise de Borges (1991) e a

deste trabalho diferem das análises de Moore, Facundes e Pires (1993) e de Taylor (1985) e (2007). A primeira diferença é a interpretação de uma série de contornos [<sup>m</sup>b, <sup>n</sup>d, <sup>ŋ</sup>g] como fonêmica por Taylor e por Moore, Facundes e Pires. Os mesmos autores consideram glides como fonemas. Além disso, consideram [k<sup>w</sup>] como fonema. O Quadro 3 permite a comparação entre diferentes propostas de sistema consonantal do Nheengatú:

**Quadro 3: Comparação de propostas para o sistema consonantal do Nheengatú**

	p	t	tʃ	k	k <sup>w</sup>	ʔ	b	d	g	<sup>m</sup> b	<sup>n</sup> d	<sup>ŋ</sup> g	<sup>ŋ</sup> g <sup>w</sup>	m	n	ŋ	r	s	ʃ	w	y	ỹ	
T	√	√		√	√					√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	
M	√	√	√	√	√	√	√		√	√	√	√		√	√		√	√	√	√	√	√	√
B	√	√		√			√	√	√					√	√		√	√	√				
C	√	√		√			√	√	√					√	√		√	√	√				

Fontes: T: Taylor (1985) e (2007); B: Borges (1991); M: Moore *et al.* (1993); C: esta análise

Quanto à interpretação do sistema de vogais, todos os estudos reconhecem quatro vogais orais e suas contrapartes nasais como fonemas. A divergência entre as várias propostas resultam pelo menos em parte do fato dos autores utilizarem paradigmas de análise diferentes. Neste trabalho, analisamos o sistema fonológico do Nheengatú, tendo em vista o papel da estrutura silábica e da estrutura mínima da palavra na definição e descrição dos fonemas segmentais.

### 2.1.1 Descrição, distribuição e oposições dos fonemas consonantais

Neste capítulo, descrevemos os fonemas consonantais do Nheengatú. A seção 2.1.1.1 ilustra as oposições no sistema consonantal. Na seção 2.1.1.2, apresentamos a distribuição dos segmentos e discutimos o estatuto fonológico dos fonemas segmentais cuja análise é mais controversa.

### 2.1.1.1 *Oposições e alofonia dos segmentos consonantais*

Nesta seção, descrevemos cada fonema separadamente, tendo em vista o contraste com outros fonemas foneticamente similares e as possíveis alofonias. As representações fonológicas e fonéticas são acompanhadas dos grafemas que serão utilizados em todo o trabalho. Seguimos basicamente a proposta de grafia de Taylor (1995), encontrada também em Casanovas (2006[2000]). Algumas alterações à proposta do autor foram feitas pelos professores indígenas em formação no Magistério Indígena: (a) substituição de [k<sup>w</sup>] de <kw> por <ku>, (b) a diminuição do número de diacríticos. Utiliza-se apenas acento agudo em palavras com sílaba tônica em posição final, quando há um par mínimo com sílaba tônica pré-final. Por exemplo, /mi'ra/ [mi.'ra] 'árvore' é grafada como <mirá> e /'mira/ ['mi.ra] 'gente' é grafada como <mira><sup>22</sup>.

A seleção dos exemplos privilegia pares mínimos, i.e., pares de palavras para correspondências que contrastam por apenas um fonema, tendo em conta não apenas a estrutura segmental da palavra, mas também a estrutura silábica, o padrão acentual e a classe lexical. Quando não foi possível encontrar pares mínimos em nosso banco de dados, apresentamos pares análogos. Verbos são apresentados na forma de terceira pessoa singular, i.e., com o prefixo *u*-<sup>23</sup>. Como os nomes relativos também precisam ser flexionados, eles também são apresentados na terceira pessoa singular da série estativa.

Apresentamos os pares mínimos apenas para ilustrar os contrastes fonológicos (cf. Borges (1991) para outros exemplos). Porém, não são considerados como argumento necessário para interpretar um determinado segmento como fonema. A decisão sobre a

---

<sup>22</sup> Os professores do Magistério Indígena também sugeriram a substituição das consoantes <m> e <n> em coda em meio de palavra por vogais nasais. Porém, decidimos manter a tradição e utilizar vogais nasais apenas em final de palavra. Quanto à substituição de <kw> por <ku>, a decisão foi tomada pela própria comunidade em um encontro organizado pela Secretaria de Educação de São Gabriel da Cachoeira em 2002 e é empregada sistematicamente pelo grupo de professores de Nheengatú.

<sup>23</sup> Ver 4.1: Os verbos não são marcados para tempo, modo, aspecto.



representação fonológica de um determinado fone foi motivada principalmente pelo seu comportamento na estrutura silábica e em processos fonológicos.

- *Oclusivas surdas*

As oclusivas surdas ocorrem em posição de ataque tanto em início de palavra quanto em posição intervocálica. Após vogal nasal, há neutralização do traço [ $\pm$  voz] (v. 2.1.1.2.3), por essa razão representado pelos arquifonemas /P, T, K/. Apenas a oclusiva surda coronal /t/ [t] ocorre em alguns casos excepcionais após vogal nasal em sílaba acentuada. Em 2.1.1.1, observaremos os contextos em que a presença de [p, t, k] e a presença de [b, d, g] são imprevisíveis, justificando dessa forma o contraste fonológico /p, t, k/ e /b, d, g/.

Nesta seção, pares análogos apenas ilustram as ocorrências de [p, t, k] e de [b, d, g], ainda que após vogal nasal esses contrastes sejam superficiais. Além disso, permitem apresentar o sistema de grafia do Nheengatú.

**/p/, [p], <p>**

/p/ vs. /b/

(1)

**<upa>**

**<uba>**

/u-'paua/

/'uba/

[u.'pa]

['u.ba]

3sg<sub>A</sub>-acabar

canoa

/p/ vs. /m/

(2)

&lt;pirá&gt;

/pi'ra/

[pi.'ra]

peixe

&lt;mirá&gt;

/mi'ra/

[mi.'ra]

árvore

(Borges 1991, 55)

/p/ vs. [w] /u/

(3)

&lt;paa&gt;

/pa/

[pa.'ʔa]

reportativo

&lt;waa&gt;

/ua/

[wa.'ʔa]

relativizador

/t/, [t], &lt;t&gt;

Pode ocorrer palatalização quando o fonema precede a vogal alta /i/, como no exemplo (5).

[t] vs. [d]

(4)

&lt;pinda&gt;

/pĩ'Ta/

[pĩ.'da]

anzol

&lt;upita&gt;

/u-pi'ta/

[u.pi.'ta]

3sg<sub>A</sub>-ficar

(5)

&lt;umundu&gt;

/u-mũ'Tu/

[u.mũ.'du]

3sg<sub>A</sub>-mandar

&lt;munti&gt;

/'mũTi/

['mũ.tʃi]

grupo (do Português &lt;monte&gt;

/'monte/ ['mon.tʃi])

/t/ vs. /n/

(6)

&lt;tupã&gt;

&lt;unupa&gt;

/tu'pana/

/u-nu'pa/

[tu.'pã]

[u.nu.'pa]

santo ou tupana (deus)

3sg<sub>A</sub>-bater

/t/ vs. /r/

(7)

&lt;ita&gt;

&lt;ira&gt;

/i'ta/

/i'ra/

[i.'ta]

[i.'ra]

pedra

mel

(Borges 1991, 57)

/k/, [k], &lt;k&gt;

/k/ vs. /g/

(8)

&lt;apiga&gt;

&lt;uwapika&gt;

/a.pi.'ga/

/u-uapika/

[a.pi.'ga] ~[pi.'ga]

[wa.'pi.ka]

homem

3sg<sub>A</sub>-sentar

/k/ vs. /ɲ/

(9)

&lt;muka&gt;

&lt;umunhã&gt;

/mu'ka/

/u-mu'ɲã/

[mu.'ka]

[u.mu.'ɲã]

espingarda

3sg<sub>A</sub>-fazer

- *Oclusivas sonoras*

A ocorrência de elementos da série de oclusivas sonoras /b, d, g/ é relativamente rara, conseqüentemente há pouquíssimos casos de pares análogos ilustrando as oposições. Em 2.1.1.2.2, vamos observar que /b, d, g/ são fonemas, porque ocorrem de maneira imprevisível em posição de início de palavra e em posição de ataque após vogal oral. Porém, a maioria das ocorrências dos fones [b, d, g] é em sílaba acentuada depois de vogal nasal, posição em que o vozeamento é previsível<sup>24</sup>.

**/b/, [b], <b>**

/b/ vs. /p/, v. exemplo (1)

/b/ vs. /m/

(10)

<umbaa>

<umaã>

/ũ'Pa/

/u-'mã/

[ũ.ba.'ʔa] ~ [ũ.'ba]

[u.mã.'ʔã]

negação de enunciado

'3sg<sub>A</sub>-ver'

/b/ vs. [w] < /u/

(11)

<imbira>

<kiwira>

/i-mẽ'Pira/

/ki'uira/

[ĩ.'bi.ra]

[ki.'wi.ra]

3sg<sub>E</sub>-filho

irmão mais velho de mulher

(Borges 1991, 56, representação adaptada)

<sup>24</sup> Ver 3.1.2, para a fonologização de /b, d, g/.

**/d/, [d], <d>**

[d] vs. [t], v. exemplos (4) e (5)

[d] vs. /n/

(12)

**<yande>**

/iã"Te/

[jã.'dɛ] ~ [ɲã.'dɛ]

1PL (prônimo)

**<yane>**

/iane/

[jã.ne-] ~ [ɲã.ne-] ~ [ɲã.'nɛ] ~ [jã.'nɛ]

prefixo de primeira pessoa plural da série estativa

[d] vs. /ɾ/

(13)

**<pinda>**

/pĩ"Ta/

[pĩ.'da]

anzol

**<pirá>**

/pi'ra/

[pi.'ra]

peixe

**/g/, [g], <g>**

/g/ vs. /k/, v. exemplo (8)

[g] vs. /ɲ/

(14)

**<puranga>**

/pu'rãKa/

[pu.'rã.ga]

ser bonito

**<piranha>**

/pi'raɲa/

[pi.'rã.ɲa]

peixe do tipo piranha<sup>25</sup>

<sup>25</sup> O termo do Português 'piranha' é considerado um empréstimo do tupi 'pi'rãya' 'peixe com dente'.

- *Fricativas*

O Nheengatú distingue duas fricativas /s/ e /ʃ/ pelo traço [± anterior].

/s/, [s], <s>

/s/ vs. /ʃ/

(15)

<kise>

/ki'se/

[ki.'sɛ]

faca

<pixe>

/pi'ʃe/

[pi.'ʃɛ]

fedor

/s/ vs. /r/

(16)

<pusanga>

/pu'sãKa/

[pu.'sã.ga]

remédio

<puranga>

/pu'rãKa/

[pu.'rã.ga]

ser bonito

/ʃ/, [ʃ], <x>

/ʃ/ vs. /s/, v. exemplo (15)

- *Vibrante simples*

A vibrante simples /r/ [r] é representada como <r>. Os pares em (13) /r/ versus [d], (7) /r/ versus /t/, e (16) /s/ versus /r/ das seções anteriores ilustram as oposições.

- *Nasais*

As nasais em ataque silábico são grafadas como <m> para bilabial /m/, [m], <n> para coronal /n/ [n] e <nh> para palatal /ɲ/ [ɲ]. Disponibilizamos exemplos de oposições formando pares mínimos em (2) /m/ e /p/, (6) /n/ e /t/, (10) /m/ e /b/, (12) /n/ e [d], (9) /ɲ/ e /k/ e (14) /ɲ/ e /g/ das seções anteriores.

### 2.1.1.2 *Descrição e distribuição dos segmentos consonantais*

Todas as consoantes são atestadas em posição de ataque silábico tanto em início de palavra quanto em posição intervocálica. Apenas nasais e glides são aceitas em posição de coda (v. 2.4).

#### 2.1.1.2.1 *As oclusivas surdas /p, t, k/*

As consoantes oclusivas surdas ocorrem preferencialmente formando sílaba com as vogais orais /a, e, i, u/. Em sílabas de núcleo nasal, a oclusiva surda coronal /t/ é a de maior distribuição, sendo encontrada com as vogais /ã, ê, ã, ã/, como ilustrado em (17). As oclusivas surdas labial /p/ e dorsal /k/ também ocorrem com vogais nasais em núcleo vogal nasal, mas de forma mais rara.

(17) /t/

___ ã	/apukui'tã/	[a.pu.ku.i.'tã]	remo
___ ê	/tẽ'Taua/	[tẽ.'da.wa] ~ [tẽ.'da]	comunidade
___ ã	/muru'tĩga/	[mu.ru.'tĩ.ga]	brancura
___ ã	/tau-mu-pinima/	[tũ.pi.'ni.ma] <sup>26</sup>	3pl <sub>A</sub> -CAUS-ser.colorido

<sup>26</sup> Pronúncia do Nheengatú falado por Warekena no rio Xié.

(18) /k/

___ ê	/ike=NTu/	[i.'kê.tu]	aqui=RESTR
___ ã	/u-pi'kũĩ/	[u.pi.'kũĩ]	3sg <sub>A</sub> -cavar
___ ã	/mu'kũĩ/	[mu.'kũĩ]	dois

(19) /p/

___ ã	/u-'paua=uã/	[u.'pã]	3sg <sub>A</sub> -acabar=PFT
___ ã	/ku'pĩ/	[ku.'pĩ]	cupim

Depois de vogal nasal, a distinção /p, t, k/ e /b, d, g/ é neutralizada, como veremos em 2.1.1.2.3. Antes de apresentar a regra de neutralização, observaremos os contextos em que /b, d, g/ e /p, t, k/ contrastam.

#### 2.1.1.2.2 As oclusivas sonoras /b, d, g/

As oclusivas sonoras /b, d, g/ ocorrem em posição de ataque silábico tanto em início de palavra quanto em posição intervocálica, como ilustrado em (20):

(20)

/b/			
# ___ V	/'buia/	['bu.ja]	cobra
# ___ Ṽ	/'bũua/	['bũ.wa]	ser abundante
V ___ V	/'uba/	['u.ba]	canoa

/d/

# ___ V	/'dabuku'ri/	[da.bu.ku.'ri]	dabucuri
V ___ V	/u-pu'deri/	[u.pu.'dej]	3sg <sub>A</sub> -poder



/g/

# ___ V	/gape'nu/	[ga.pe.'nu]	onda
V ___ V	/api'ga/	[a.pi.'ga] ~ [pi.'ga].	homem
V ___ Ñ	/i'gãTi/	[i.'gã.ti]	proa

O estatuto fonológico da série de oclusivas sonoras /b, d, g/ fica evidente pelo fato desses segmentos poderem aparecer em posição início de palavra e intervocálica, sendo a vogal precedente oral. Nessas posições [b, d, g] são imprevisíveis.

#### 2.1.1.2.3 *Neutralização das oclusivas surdas /p, t, k/ e sonoras /b, d, g/ após vogal nasal*

Depois de vogal nasal, a distinção /p, t, k/ e /b, d, g/ é neutralizada. Os fones [p, t] ocorrem em sílaba não acentuada após vogal nasal. Os fones [b, d] ocorrem em sílaba acentuada após vogal nasal. A dorsal [g] ocorre após vogal nasal, independentemente da posição do acento. Nessa posição, [k] não ocorre. Como a realização das oclusivas após vogal nasal é previsível, esses fonemas são representados pelos arquifonemas /P, T, K/, que representam a neutralização do traço [ $\pm$  voz] após vogal nasal. A regra em (21) representa a alofonia de /P, T/, com exemplos em (22).

(21)

/P, T/ > C [- voz] / Ñ \_\_\_\_\_ [V - acento]  
C [+ voz] / Ñ \_\_\_\_\_ [V + acento]

(22)

(a) Sílabas não acentuadas<sup>27</sup>

<usuwant <b>ti</b> >	/u-su'ã <b>Ti</b> /	[u.su.'wã. <b>ti</b> ]	3sg <sub>A</sub> -esperar
<kunhant <b>ai</b> >	/ku'ɲã <b>Tai</b> /	[ku.'ɲã. <b>taj</b> ]	menina
<kuesent <b>u</b> >	/kuese= <b>N</b> T <b>u</b> /	[k <sup>w</sup> e.'sẽ. <b>tu</b> ]	ontem=RESTR

(b) Sílabas acentuadas

<ambira>	/ã' <b>Pi</b> ra/	[ã.' <b>bi</b> .ra]	falecido
<marakaimbara>	/marai' <b>Pa</b> ra/	[ma.ra.ĩ.' <b>ba</b> .ra]	veneno
<nambi>	/nã' <b>Pi</b> /	[nã.' <b>bi</b> ]	orelha
<inde>	/ĩ' <b>Te</b> /	[ĩ.' <b>dɛ</b> ]	você
<usendi>	/u-sẽ' <b>Tu</b> /	[u.sẽ.' <b>du</b> ]	3sg <sub>A</sub> -escutar
<pinda>	/pĩ' <b>Ta</b> /	[pĩ.' <b>da</b> ]	anzol

A regra em (21) tem exceções. A oclusiva coronal /t/ é encontrada em três exemplos sendo realizada como [t] depois de vogal nasal como ataque de sílaba acentuada (23a). Em sílaba não acentuada, observamos um exemplo da coronal [d] (23b). Os exemplos em (23) são exceções à regra em (21):

(23) Exceções à regra (21)

(a) sílabas acentuadas

<ainta>	/aita/	[aĩ.'ta] ~ [aj.'ta]	3PL
<ukuntai>	/u-kũ'tai/	[u.kũ.' <b>taj</b> ]	3sg <sub>A</sub> -falar
<santa>	/s-ã'ta/	[sã.' <b>ta</b> ]	3sg <sub>E</sub> -ser.duro

(b) sílaba não acentuada

<andirá>	/ãdi'ra/	[ã.di.'ra]	morcego
----------	----------	------------	---------

<sup>27</sup> A oclusiva labial /P/ só ocorre após vogal nasal em sílaba não acentuada, quando ocorre com morfema causativo, como será demonstrado na regra (26) abaixo.

O caráter excepcional dos dados em (23a/b) parece indicar que a regra em (21) está se tornando improdutiva pelo menos em relação à coronal. Assim, não é utilizada em empréstimos como <ukuntai> e também permite exceções no vocabulário nativo.

Em (24), representamos a regra de manifestação de /K/ após vogal nasal, com exemplos em (25a/b):

(24)

/K/ > [g] / Ñ \_\_\_

(25)

(a) Sílabas não acentuadas

<nheenga>	/ñe'ẽKa/	[ñẽ.'ʔẽ.ga]	língua
<murutinga>	/muru'tĩKa/	[mu.ru.'tĩ.ga]	brancura
<pusãga>	/pu'sãKa/	[pu.'sã.ga]	remédio
<nheengatu>	/ñeẽKa'tu/	[ñe.'ʔẽ.ga.'tu]	nheengatú

(b) Sílabas acentuadas

<manungara>	/manũ'Kara/	[ma.nũ.'ga.ra]	alguma coisa
<unheengai>	/u-ñeẽ'Kari/	[u.ñe.'ʔẽ.'gaj]	3sg <sub>A</sub> -cantar
<nheengantu>	/ñeẽKa=NTu/	[u.ñe.'ʔẽ.'gã.tu]	língua=RESTR

Frequentemente, oclusivas ocorrem precedidas por vogais nasais como resultado de uma regra de queda silábica para eliminar sequências homorgânicas \*VN<sub>x</sub>VC<sub>x</sub>V, em que X representa os traços supralaringais homorgânicos (articulador ativo e o traço [-contínuo]).

Em (26), propomos a regra:

(26)

VN<sub>x</sub>VC<sub>x</sub>V > Ñ<sup>N</sup>CV

em que X representa os traços supralaringais homorgânicos

A sequência <sup>N</sup>C formada obedece à regra em (21), mostrando sua plena produtividade em contextos derivados, mesmo que haja algumas exceções em contextos não-derivados, como vimos em (23) acima.

O processo é facilmente observado na combinação do morfema causativo *mu-* prefixado a verbos iniciados com consoante labial. O verbo mantém a consoante [p] em posição inicial quando esta ocorre em uma sílaba não acentuada. Em sílaba acentuada, ocorre vozeamento, acompanhado por uma pré-nasalizada fonética. Os exemplos abaixo ilustram a combinação de causativo à consoante labial em sílaba acentuada (27a) e em sílaba não acentuada (27b):

(27)

(a) sílaba acentuada

/u-mu-'paua/	[ũ. <sup>m</sup> ba]	3sg <sub>A</sub> -CAUS-acabar
/u-mu-'paka/	[ũ. <sup>m</sup> ba.ka]	3sg <sub>A</sub> -CAUS-acordar
/u-mu-'puri/	[ũ. <sup>m</sup> buj]	3sg <sub>A</sub> -CAUS-jogar

(b) sílaba não acentuada

/u-mu-pi'nima/	[ũ.pi.'ni.ma]	3sg <sub>A</sub> -CAUS-ser.colorido
/u-mu-pu'ka/	[ũ.pu.'ka]	3sg <sub>A</sub> -CAUS-estourar
/u-mu-pe'na/	[ũ.pe.'na]	3sg <sub>A</sub> -CAUS-quebrar

Alguns verbos com estrutura causativa, mas que perderam a contraparte sem causativo, só ocorrem na forma com o contorno fonético, como ilustram os exemplos em (28). A excepcionalidade da oclusiva vozeada [b] ocorrer fora da posição de acento pode estar relacionada com o fato das bases sem o causativo, não formarem uma palavra mínima.

(28)		
/u-mu-pa'u/	[ũ. <sup>m</sup> ba.'u]	3sg <sub>A</sub> -CAUS-comer
/u-mu-pe'u/	[ũ. <sup>m</sup> be.'u]	3sg <sub>A</sub> -CAUS-contar
/u-mu-pu'e/	[ũ. <sup>m</sup> bu.'ɛ]	3sg <sub>A</sub> -CAUS-ensinar

Embora seja mais facilmente observado na derivação causativa, o processo não ocorre exclusivamente em construções verbais. Em (29), apresentamos um exemplo em que o processo ocorre com um nome<sup>28</sup>:

(29)		
Dado de entrada	/ mē 'Pi ra/	
Flexão	i mē 'Pi ra	
*VN <sub>x</sub> VCxV - regra (26); (21)	ĩ <sup>N</sup> bi ra	
Dado de saída	[ĩ. <sup>m</sup> bi.ra]	

O processo também explica a variação do morfema de restritivo. No Nheengatú falado por pessoas mais idosas, a forma /'nũtu/ 'restritivo' é realizada como [nũ], devido à apócope (v. 2.6.1.1)<sup>29</sup>. Nas fala de pessoas mais jovens, /'nũtu/ transformou-se em clítico (não acentuado) <ntu> [n̥tu].

### (30) Forma clítica

Dado de entrada (léxico)	/ike 'nũTu/
Cliticização à direita	i'ke=nũtu
*N <sub>x</sub> VCxV - regra (26)	ike <sup>N</sup> tu
Dado de saída	[i.'kẽ.tu]

<sup>28</sup> No caso dos verbos em (27a/b), o estatuto fonêmico de /p/ em posição inicial é evidente por ser o fonema presente na forma simples dos verbos. No caso do nome em (29), ocorre a regra em (26).

<sup>29</sup> O alomorfe em forma de palavra independente foi documentando no século XIX como <nhunto> 'somente' (Stradelli 1929, 578).

## (31) Partícula

Dado de entrada	/ike 'ɲũTu/
Ritmo iâmbico – regra de apócope	[i.'kɛ 'ɲũ]
Dado de saída	[i.'kɛ 'ɲũ]

Nos exemplos em (22b), (25b) e (27a) ocorrem contornos fonéticos. Os contornos se formam em um nível de representação intermediária como sequência N+C e no nível fonético são implementadas como sequências de vogal nasal em sílaba à esquerda e oclusiva sonora em sílaba à direita. Assim, os contornos fonéticos do Nheengatú são sempre derivados das regras fonológicas (21), (24) e (26) e, portanto, sempre ocorrem em meio de palavra. Moore, Facundes e Pires (1993, 98) usam a palavra <mbíra> ‘filho de mulher’ como exemplo de um suposto contorno em início de palavra. Porém, a palavra <mbira> não ocorre isoladamente, uma vez que, sendo um nome relativo<sup>30</sup>, deve necessariamente ser acompanhada de um índice de pessoa da série estativa, como ilustrado em (32):

## (32)

## (a)

/se-mẽ'Pira/ [sẽ.'bi.ra]  
 1sg<sub>E</sub>-filho de mulher  
 ‘meu filho’ (enunciador feminino)

## (b)

/i-mẽ'Pira/ [ĩ.'bi.ra]  
 3sg<sub>E</sub>-filho  
 ‘filho dela’

## (c)

\*mbira  
 ‘filho de mulher’

<sup>30</sup> Ver. 4.3.2.1 para a definição de ‘nome relativo’.

- (d)  
 /mẽ'Pira/ [mẽ.'bi.ra]  
 filho de mulher  
 'o filho' (forma citacional)

A única possibilidade de realizar a palavra /mẽ'Pira/ isoladamente é utilizando a forma longa e conservadora em (32d) [mẽ.'bi.ra]. A forma em (32d) ocorreu apenas em sessões de elicitación com falantes da etnia Baré, que vivem na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira. Como vimos em *Introdução*, estes falantes, embora sejam nativos, não utilizam o Nheengatú em seu dia a dia. Em contextos mais espontâneos, até mesmo os falantes da zona urbana realizam as formas com prefixo de pessoa, exemplificadas em (32a) e em (32b). A forma (32c) é rejeitada em todos os dialetos.

Assim, tendo em vista que o contorno é sempre derivado e não ocorre em posição inicial, parece razoável que o contorno MB seja silabificado como uma sequência heterossilábica e muito provavelmente deve ser interpretado como uma sequência de segmentos.

#### 2.1.1.2.4 *As nasais plenas /m, n, ɲ/*

As nasais plenas formam sílabas com vogais orais e nasais /a, ã, e, ê, i, ĩ, u, ã/, independentemente do acento, como ilustrado em (33):

(33)	
<mena>	<umendai>
/'mena/	/u-mẽ'Tari/
['me.na]	[u.'mẽ.daj]
'marido'	3sg <sub>A</sub> -casar

A nasal palatal [ɲ] pode resultar do processo de fortificação do elemento inicial de um ditongo crescente, formado por vogal coronal alta seguida de vogal nasal: /iṼ/ → [ɲṼ] (v. 2.3). No entanto, a nasal palatal também ocorre com núcleo oral em sílaba acentuada, sendo,

por esta razão considerada um fonema. Em (34), podemos observar o fonema /ɲ/ formando sílaba com núcleo nasal e com núcleo oral.

(34)		
<seramunha>		<u-munhã>
/se-ra'muɲa/		/u-mu'ɲã/
[se. ra.'mu.ɲa]		[u.mu.'ɲã]
1sg <sub>E</sub> -avô		3sg <sub>A</sub> -fazer

#### 2.1.1.2.5 *As fricativas*

A fricativa alveolar /s/ tem distribuição e frequência maior do que a fricativa pós-alveolar /ʃ/. A fricativa alveolar ocorre em ataque de sílabas em posição inicial e intervocálica e forma sílaba com todas as vogais. Em (35), apresentamos exemplos da distribuição de /s/:

(35)				
___ a	/pia'saua/	[pi.ja.'sa.wa]		piaçaba
		~ [pi.ja.'sa]		
___ ã	/pu'sãKa/	[pu.'sã.ga/		remédio
___ e	/kue'se/	[k <sup>w</sup> e.'sɛ]		ontem
___ ê	/sê'Ta/	[sê.'da]		sítio
___ i	/pi'sika/	[pi.'si.ka]		pegar
___ u	/su'pi/	[su.'pi]		com certeza
___ ã	/sũ'Te/	[sũ.'dɛ]		antes

Por razões históricas (v. capítulo 3), a fricativa pós-alveolar /ʃ/ tem distribuição restrita, de modo que tende a ocorrer precedida ou seguida pela vogal coronal alta /i/. Todavia, ocorre também em outros contextos. Em (36), apresentamos exemplos da fricativa pós-alveolar formando sílaba com todas as vogais orais em posição intervocálica. Em posição de início de palavra, o fonema é bastante raro e, quando ocorre, parece ter resultado historicamente do morfema *i-* ‘terceira pessoa singular estativo’:



(36)				
V	___ a	/tu'ʃaua/	[tu.'ʃa.wa]	chefe
#	___ a	/i'ʃe=arã/	[ʃa.'rã]	eu=DAT <sub>PROSP</sub>
V	___ e	/i'ʃe/	[i.'ʃɛ]	eu
V	___ i	/ku'ʃi-ima/	[ku.'ʃi.ma]	antigamente
#	___ i	/ʃimiri'ku/	[ʃi.mi.ri.'ku]	esposa
V	___ u	/puʃu'era/	[pu.ʃu.'wɛ.ra] ~ [pu.ʃi.'ɛ.ra]	ser feio
#	___ u	/ʃu'kũi/	[ʃu.'kũj]	existencial concreto

Com núcleo nasal, a fricativa pós-alveolar não é atestada, exceto com [ĩ], como ilustrado em (37)

(37)
(a)
<xinga>
/ʃĩga/
[ʃĩ.ga]
‘atenuativo’

#### 2.1.1.2.6 A vibrante simples

A vibrante simples forma sílaba com todas as vogais orais e nasais em posição intervocálica, como ilustrado em (38):

(38)			
V	___ a	/ta'ira/	[ta.'i.ra] filho em relação ao pai
V	___ ã	/pu'rãga/	[pu.'rã.ga] ser bonito
V	___ e	/kuere/	[k <sup>w</sup> ɛ. re] ser cansado
V	___ i	/ka'riua/	[ka.'ri.wa] não-indígena
V	___ ã	/u-pu'ĩgita/	[u.pu.ĩ.gi.'ta] 3sg <sub>A</sub> -conversar
V	___ u	/turu'su/	[tu.ru.'su] ser enorme
V	___ ã	/i'rumu/	[i.'rũ] comitativo e instrumental

Em início de palavra fonológica, a vibrante simples ocorre apenas em verbos marcados com o morfema de segunda pessoa

singular *re-*, como ilustrado em (39) pelas formas simples e derivada pelo causativo do verbo *paka* ‘acordar’:

(39)

<repaka>	<rembaka>
/re-'paka/	/re-mu-'paka/
[re.'pa.ka]	[rẽ.'ba.ka]
2sg <sub>A</sub> -acordar	2sg <sub>A</sub> -CAUS-acordar

## 2.2 O sistema de vogais

O Quadro 2, reproduzido como Quadro 4 para facilitar a leitura, apresenta o sistema vocálico do Nheengatú, constituído de quatro vogais orais e suas contrapartes nasais. O sistema é caracterizado pela oposição entre dois articuladores [CORONAL] e [DORSAL], e pelos traços de altura [ $\pm$ baixo], e [ $\pm$ alto].

**Quadro 4: Sistema de Vogais**

CORONAL		DORSAL			
i	ĩ		u	ũ	+ alto - baixo
e	ẽ				- alto - baixo
		a	ã		- alto + baixo

O traço de articulação [CORONAL] caracteriza as vogais cuja pronúncia envolve a lâmina da língua, /i/ e /e/, distinguindo-as das vogais dorsais /a/ e /u/, que envolve o dorso da língua. Supomos que traço de articulação [LABIAL] não tenha valor distintivo no sistema, mas ocorra como traço na implementação fonética da vogal /u/, previsivelmente realizada com protrusão labial (arredondamento). Não estamos conscientes de regras fonológicas do Nheengatú que se refiram ao traço [LABIAL]. As vogais contrastam também pela altura,



/e/ vs. /i/

(43)

&lt;ae&gt;

/a'e/

[a.'ʔɛ]

3SG (pronome)

&lt;ai&gt;

/a'i/

[a.'ʔi]

preguiça

(44)

&lt;supe&gt;

/su'pe/

[su.'pɛ]

dativo (posposição)

&lt;supi&gt;

/su'pi/

[su.'pi]

com certeza

(Borges 1991, 67)

/e/ vs. /u/

(45)

&lt;ike&gt;

/i'ke/

[i.'kɛ]

aqui

&lt;iku&gt;

/i'ku/

[i.'ku]

estar

/i/ vs. /u/

(46)

&lt;piranga&gt;

/pi.'rã.Ka/

[pi.'rã.ga]

ser vermelho

&lt;puranga&gt;

/pu.'rã.Ka/

[pu.'rã.ga]

ser bom

(47)		
<sepi>		<sepu>
/se-pi/		/se-pu/
[se.'pi]		[se.'pu]
'1sg <sub>E</sub> -pé'		'1sg <sub>E</sub> -mão'

(Borges 1991, 66; representação adaptada)

A vogal média alta /e/ tem como alofone a média baixa [ɛ] em sílabas acentuadas. O alofone [e] também ocorre quando seguido por uma consoante nasal ainda que a sequência seja heterossilábica; ou quando seguido por um glide na coda da sílaba nucleada por /e/<sup>31</sup>. A regra (48) representa a alofonia, com exemplos em (49):

(48)	
/E/	> [e] / __N / G
	> [ɛ] / __ sílaba acentuada
	> [e] / __ sílaba não acentuada

(49)			
<ape>	<upe>		<yepe>
/'ape/	/u'pe/		/ie'pe/
['a.pe]	[u.'pɛ]		[ie'pɛ]
conjunção	locativo		indefinido

(50)		
/u'kena/	[u.'ke.na]	porta
/'mena/	['me.na]	marido
/'kuema/	['k <sup>w</sup> e.ma]	manhã

<sup>31</sup> Ver 2.6.1.2: O ditongo [ej] é sempre derivado de processos fonológicos e só foi encontrado em empréstimos.

(51)		
/u-puderi/	[u.pu.'dej]	3sg <sub>A</sub> -poder
/u-viveri/	[u.vi.'vej]	3sg <sub>A</sub> -viver

A alternância entre [e] em sílaba não acentuada e [ɛ] em sílaba acentuada é comum em línguas da família Tupi-Guarani. Para citar alguns exemplos, a mesma regra de variação foi registrada em Mbyá-Guarani, ramo I (Martins 2003, 169), Ava-Canoeiro, ramo IV (Borges 2006, 91); Araweté, ramo V (Solano 2009, 77); Kamaiurá, ramo VII, (Seki 2000, 415).

### 2.2.2 Vogais nasais

As quatro vogais orais do Nheengatú contrastam com suas contrapartes nasais. Os pares mínimos e análogos apresentados em (52) a (55) ilustram as oposições:

/a/ vs. /ã/

(52)

<kãwera>	<kawera>
/kã'uera/	/ka'uera/
[kã.'wɛ.ra]	[ka.'wɛ.ra]
osso	bêbado

/e/ vs. /ẽ/

(53)

<seẽ >	<pee>
/sẽ/	/pe/
[sẽ.'ʔẽ]	[pe.'ʔɛ]
doce	caminho

/i/ vs. /ĩ/

(54)

&lt;ti.ĩ&gt;

&lt;ti&gt;

/tĩ/

/ti/

[ti.'ĩ]

[ti]

nariz

NEG

/u/ vs. /ũ/

(55)

&lt;upeyu&gt;

&lt;piũ&gt;

/u-pe'u/

/upi.'ũ/

[u.pe.'ju]

[pi.'jũ]

3sg<sub>A</sub>-soprar

pium (inseto)

Apresentamos nesta seção vogais nasais contrastivas. Em 2.4, regra (66), observamos que vogais nasais fonéticas também podem emergir da redução de sequências de vogal oral e consoante nasal VN em um estágio de representação intermediário, implementado como C $\tilde{V}$ . Isso sugere duas fontes para a vogal nasal fonética na língua: (a) vogais nasais fonológicas e (b) vogais nasais fonéticas.

### 2.3 *Ditongos*

Em Nheengatú, são permitidos ditongos crescentes e decrescentes formados por vogal acompanhada de glide. Os glides [j] e [w] são implementações fonéticas de /i/ e /u/ em margem silábica. A representação escrita do Nheengatú trata as vogais /i/ e /u/ de diferentes maneiras de acordo com sua posição na sílaba. Em ataque silábico, /i/ é representado como <y> e /u/ como <w>. Nas posições de núcleo e coda, /i/ e /u/ são representados por <i> e <u> respectivamente. Abaixo, listamos os tipos de ditongos possíveis com exemplos:

- *Ditongos crescentes*

(56) /iV/ → [jV], representado como <yV>

[ja]	[je] ~ ['jɛ]	[ju]
<tayas <u>u</u> >	<y <u>e</u> pe>	<tuy <u>u</u> >
/taia'su/	/ie'pe/	/tuiu'ɛ/
[ta. <b>ja</b> .'su]	[je.'pɛ]	[' <b>tu</b> .ju] ~ [tu.ju.'ɛ]
porco	indefinido	homem velho

(57) /uV/ → [wV], representado como <wV>

[wa]	[we] ~ ['wɛ]	[wi]
<i <u>w</u> a>	<yaw <u>e</u> >	< <b>w</b> irande>
/i'ua/	/ia'ue/	/uirã'Te/
[i. <b>ua</b> ]	[ja.' <b>uɛ</b> ]	[ <b>wi</b> .rã.'dɛ]
fruta	ser assim	amanhã

Os ditongos também ocorrem com vogais nasais, como ilustrado em (58). Não encontramos no *corpus* ditongo formado pela vogal média nasal /ẽ/, o que pode ser associado à baixa frequência da vogal média nasal na língua.

(58) /uV/ → [wV], representado como <wV>

[wã]	[wĩ]
<ai <u>w</u> ã>	<ka <u>w</u> ĩ>
/ai'uã/	/ka'uĩ/
[aj.' <b>wã</b> ]	[ka.' <b>wĩ</b> ]
existencial iminente / conjunção conclusiva	bebida alcólica



- *Ditongos decrescentes*

(59) /Vi/ → [Vj], representado como <Vi>

[aj]

<uputai>

/u-pu'tari/

[u.pu.'taj]

3sg<sub>A</sub>-querer

[ej]

<upudei>

/u-pu'deri/

[u-pu.'dej]

3sg<sub>A</sub>-poder

Quando o glide coronal [j] ocorre em ataque silábico com núcleo nasal, pode ser realizado como consoante nasal palatal [ɲ], via processo de fortificação, como ilustrado em (60):

(60) /iVN/ → [ɲã]

<yampinima>

/ia-mu-pi'nima/

[ɲã.pi.'ni.ma]

1pl<sub>A</sub>-CAUS-ser.colorido

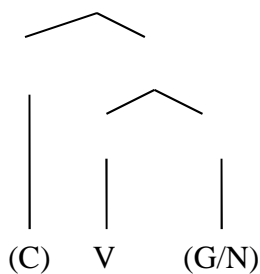
Em relação às nasais palatais que formam sílaba com vogais nasais, é muito difícil decidir se o fonema é a nasal palatal ou se a forma deriva do processo de fortificação do ditongo /iĩ/. Por essa razão, o nome da língua, Nheengatú ocorre na literatura também como <yeëgatú>, grafia que deriva da hipótese de que a palavra derive de /iëë-katu/. Neste trabalho, assumimos que a nasal palatal é o fonema, exceto quando processos morfológicos evidenciarem a fortificação como derivada, como é o caso do morfema causativo no exemplo (60) acima. Assim, a representação do nome da língua é <Nheengatú> /ɲëëgatu/ [ɲë.ʔë.Ka.'tu]. A combinação de um ditongo crescente e de um ditongo decrescente produz uma sequência tautossilábica V<sub>[+alto]</sub>V<sub>[+alto]</sub>, como em (61):

(61)  
 <waimĩ>  
 /uaimĩ/  
 [waj.mĩ]  
 mulher velha'

#### 2.4 Estrutura silábica

A estrutura silábica máxima é constituída de ataque, núcleo e coda: V, CV, (C)VN, VG, CVG#. O ataque pode ser preenchido por todas as consoantes e pelas vogais altas /i/ e /u/, foneticamente realizadas como glides [j] e [w] nesta posição. Grupos consonantais são estritamente proibidos tanto em posição de ataque quanto de coda. O único elemento obrigatório na sílaba é o núcleo. Este pode ser preenchido por uma vogal simples V. Os glide ocorrem na coda. Em sílaba acentuada, todas as vogais podem ocupar a posição de núcleo. O ataque pode ser realizado por todas as consoantes e por glides. A Figura 4 representa a distribuição dos segmentos na sílaba:

**Figura 4: Estrutura silábica**



Nesta seção, apresentamos cada tipo de sílaba em sua ocorrência em início, meio e final de palavra:

**CV**

(62)

&lt;mena&gt;

/'mena/

['**me.na**]

marido

**V**

(63)

&lt;igara&gt;

/i'gara/

[i.'ga.ra/]

canao

&lt;taira&gt;

/ta'ira/

[ta.'i.ra]

filho, em relação ao pai

&lt;kuá&gt;

/ku'a/

[ku.'a]

cintura

Embora seja possível encontrar exemplos de sílabas sem ataque em posição inicial e em meio de palavras, esse tipo de sílaba tende a ser eliminado (v. 2.4.1).

**VG**

(64)

&lt;aiwã&gt;

/ai'uã/

[aj.'wã]

existencial iminente / conjunção conclusiva

Tratamos dos ditongos na seção 2.3.

**CVG#**

(65)

<**aikue**>

/aikue/

[aj.k<sup>w</sup>e]

existencial

&lt;upudei&gt;

/u-pu'deri/

[u-pu.'dej]

3sg<sub>A</sub>-poder

'ele pode'

As sílabas CVG# são restritas à posição final de palavra. O núcleo dessas sílabas é necessariamente uma vogal não alta. Sílabas CVG# não ocorrem em um nível de representação fonológico, mas apenas como resultado de elisão silábica (v. 2.4.1).

Sílabas CVN podem ocorrer como resultado de processos que ocorrem em fronteira de morfemas. Em (67a), a nasalidade realizada no prefixo de pessoa é consequência da regra de nasalização que permite eliminar sequências homorgânicas do tipo \*VN<sub>X</sub>VC<sub>X</sub>V, em que X subscripto indica a identidade dos traços supralaringais (articulador ativo e o traço [-contínuo]) (v. 2.1.1.2.2). As sequências CVN {C,#} são implementadas como C<sup>~</sup>V{C,#}, como representa a regra (66).

(66)

CVN {C,#} > C<sup>~</sup>V{C,#}

Em (67b), a coda nasal provém de /pu'tu/ 'restritivo' em alomorfe [=Ntu].

## CVN

(67)

(a)

&lt;umba&gt;

/u-mu-'paua/

[ũ.'ba]

3sg<sub>A</sub>-CAUS-acabar

(b)

&lt;ikentu&gt;

/i'ke nũ'tu/

[i.'kẽ.tu]

aqui=RESTR

Embora a estrutura silábica do Nheengatú não permita segmento [-soante] em coda (restrição: \*CVC), a partícula *ba?* ['ba?] ‘protestivo’ constitui a única palavra com estrutura CV?. A partícula é excepcional por ser a única palavra na língua a apresentar estrutura CVC e por apresentar uma glotal não previsível e, portanto, neste caso, fonológica<sup>32</sup>.

Embora haja sílabas V, CVG# e CVN, há vários processos que permitem evitar sílabas desfavorecidas. A seguir, levantaremos os processos identificados.

#### 2.4.1 *Processos que permitem evitar sílabas não favorecidas*

Como vimos na seção anterior, sílabas sem ataque e hiatos são permitidos, mas há processos para evitá-las. Nesta seção, apresentaremos alguns processos que permitem eliminar estruturas silábicas desfavorecidas. Há razões para se postular que essas regras devem ser hierarquizadas, de modo a explicar a emergência de sílabas desfavorecidas em alguns contextos. Deixaremos essa análise em termos de hierarquia para pesquisas futuras.

<sup>32</sup> Ver 8.1.3.4.5 para detalhes sobre a partícula.

### 2.4.1.1 *Sílaba sem ataque em início de palavra*

A elisão silábica ou apagamento integral de uma sílaba ocorre em Nheengatú para evitar sílaba sem ataque (V) fora do pé métrico acentuado em início de palavra. Os exemplos (68) e (69) ilustram a aplicação da regra. A escrita representa a forma antes da aplicação da regra.

(68)

&lt;axirura&gt; /aʃi'rura/ 'calça'

a	ʃi	ru	ra
	(·	x)	

[ʃi.'ru.ra]

(69)

&lt;apiga&gt; /api'ga/ 'homem'

a	pi	ga
	(·	x)

[a.pi.'ga] ~ [pi.'ga]

(70)

&lt;awapika&gt; /aua'pika/ 'sentar'

a	ua	pi	ka
	(·	x)	
	(·	x)	

[a.wa.'pi.ka] ~ [wa.'pi.ka]

Em início de palavra, sílabas sem ataque que ocorrem no mesmo pé métrico da sílaba acentuada jamais são reduzidas, como ilustram os exemplos (71) a (73) abaixo:

(71)

&lt;ukena&gt; /u'kena/ 'porta'

u ke na

(· x)

[u.'ke.na]

\*['ke.na]

(72)

&lt;igara&gt; /i'gara/ 'canoa'

i ga ra

(· x)

[i.'ga.ra]

\*['ga.ra]

(73)

&lt;itá&gt; /i'ta/ 'pedra'

i ta

(· x)

[i.'ta]

\*['ta]

(74)

&lt;awa&gt; /a'ua/ 'cabelo'

a ua

(· x)

[a.'wa]

\*['ua]

O processo permite entender a diferença de pronúncia entre termos que existem tanto no Português quanto Nheengatú. Em Português, preserva-se a sílaba sem ataque em início de palavra independentemente da posição do acento. Ao passo que em Nheengatú, as sílabas sem ataque em sílaba não proeminente são apagadas. Em (75) e (76), palavras que ocorrem nas duas línguas são pronunciadas com elisão silábica em Nheengatú e sem elisão silábica em Português:

(75)  
 <garape> /garape/ ‘igarapé’  
 i ga ra pe  
 (· x) (· x)  
 [ga.ra.'pɛ]

(76)  
 <Namuĩ> /namuĩ/ ‘Anamoim (topônimo)’  
 a na mu ã  
 (· x) (· x)  
 [na.mu.'ĩ]

O processo de redução silábica não pode apagar sílabas sem ataque que, como tal, constituam morfemas da língua. Em (77), a vogal inicial [a] em *a-puraki*, embora esteja em sílaba fraca, não pode ser apagada por constituir um morfema, como ilustrado em (77):

(77)  
 <ayuká> /a-iu'ka/ ‘1sg<sub>A</sub>-matar’  
 a iu ka  
 (· x)  
 [a.ju.'ka]

Na fala dos Baniwa do rio Içana, o prefixo de primeira pessoa singular *a-* é realizado com aspiração em ataque. Desta forma, /a-iuka/ ‘1sg<sub>A</sub>-trabalhar’ é pronunciado pelos Baniwa como [ha.ju.'ka]. Porém,



no mesmo dialeto, a forma de terceira pessoa, em que também falta ataque, não é evitado: /u-iu'ka/ [u.ju'ka] '3sg<sub>A</sub>-trabalhar'. Como no dialeto dos Baniwa, a aspiração só ocorre no prefixo *a-* [ha] '1sg<sub>A</sub>', podemos concluir que *ha-* seja uma forma lexicalizada naquele dialeto como primeira singular da série dinâmica.

#### 2.4.1.2 *Processos para evitar hiato*

Nesta seção, apresentamos alguns processos que permitem ao Nheengatú lidar com sequências (C)VV em início e meio de palavra. Sequências VV formam ditongo (v. 2.3), exceto se a palavra não formar palavra mínima (v. 2.4.1.2). Em final de palavra (C)VG# é permitido. Não houve pretensão de fazer um levantamento exaustivo.

Em sequências V<sub>1</sub>V<sub>2</sub>, onde V<sub>2</sub> não é acentuada, forma-se um glide intermediário caso as sílabas imediatamente anteriores tenham como núcleo as vogais altas /i/ e /u/. A vogal /i/ engatilha a epêntese do glide anterior [j], como ilustrado em (78a). A vogal /u/ engatilha o glide posterior, como ilustrado em (78b). Caso V<sub>2</sub> seja acentuado, há variação entre hiato e ditongo:

(78)

(a)

/sia/	['si.ja]	várias entidades
/s-ĩ' Pia/	[sĩ.'bi.ja]	3sg <sub>E</sub> -beira
/piasaua/	[pi.ja.'sa]	piaçaba

(b)

/sua'su/	[su.wa.'su]	veado
/sua'fara/	[su.wa.'fa]	responder

(b)

/pufu'era/	[pu.fu.'wɛra] ~ [pu.fu.'ɛ.ra]	ser feio
/u-sikie/	[u.si.ki.'jɛ] ~ [u.si.ki.'ɛ]	3sg <sub>A</sub> -sobreviver
/putia/	[pu.ti.'ja] ~[pu.ti.'a]	peito

Em seqüências (C)VV, em que houver completa identidade entre as duas vogais ocorre haplologia. A haplologia é definida como o processo fonológico que permite o apagamento de vogais iguais. Em (79), apresentamos alguns exemplos:

(79)			
/ma'ni-'iua/	[ma.'ni.wa]		mandioca
/ku'ʃi-'ima/	[ku.'ʃi.ma]		antigamente
/ma-'asi/	['ma.si]		doença

As formas longas sem eliminação do hiato são ainda utilizadas por falantes da zona urbana de São Gabriel da Cachoeira. E também são utilizadas na variedade falada em Santa Isabel do Rio Negro (Floyd, c.p.). O dicionário (Grenand e Ferreira 1989) e os dados recolhidos por Taylor (1985) também apresentam formas longas.

Seqüências KuV, em que /u/ não é acentuado, são reduzidas a k<sup>w</sup>V (cf. Borges 1991). Desta forma evita-se a formação de hiato na seqüência ku.V.

(80)			
/'kuera/	['k <sup>w</sup> ε.ra]		nome genérico de caduco
/'kuere/	['k <sup>w</sup> ε.re]		estar cansado
/ai'kue /	[aj.'k <sup>w</sup> ε]		antigamente
/'kuara/	['k <sup>w</sup> a.ra]		buraco

### 2.5 *Estrutura das palavras*

Em Nheengatú, a palavra mínima prosódica corresponde a um pé métrico dissilábico.

(81)  
<ui>  
/u'i/  
(μ. μ)  
(σ σ)  
(• x)  
[u.'ʔi]  
farinha

A restrição de palavra mínima tem consequências para a silabificação de vogais altas como núcleo ou como margem (ataque ou coda). Um ditongo é formado apenas em palavras cujo número de sílabas preenche os requerimentos de palavra mínima. Caso o contrário, ocorre hiato. Nos exemplos (81) e (83), a criação de um ditongo crescente não resulta em uma palavra mínima, por outro lado, com a última vogal alta acentuada, a criação de um ditongo descendente é proibida, pois vogais acentuadas sempre funcionam como núcleo silábico. Segue que a única maneira para realizar a palavra mínima é mantendo o hiato. Em hiatos, uma oclusiva glotal fonética pode ocorrer como ataque da sílaba à direita. Os dados abaixo ilustram a formação de ditongos (82) e hiatos (81) e (83):

(82)  
<iwa>  
/i'ua/  
(. x)  
[i.'wa]  
fruta

(83)

&lt;iu&gt;

/i 'u/

( . x)

[i.'ʔu]

tempestade

Para não violarem a restrição de palavra mínima, monossílabos têm suas vogais reduplicadas, conforme regra em (84), com exemplos em (85).

(84) Reduplicação fonológica

/CV<sub>x</sub>/ > [CV<sub>x</sub>.'ʔV<sub>x</sub>]

(85)

/pa/	[pa.'ʔa]	reportativo
/ka/	[ka.'ʔa]	mato
/pe/	[pe.'ʔɛ]	caminho
/mã/	[mã.'ʔã]	nome genérico (coisa)
/ẽ/	[ẽ.'ʔẽ]	afirmativo (sim)
/su/	[su.'ʔu]	animal
/i/	[i.'ʔi]	água

Uma primeira evidência para esta análise provém do fato de que só a base lexical é conservada em compostos (86):

(86)

/su/	[su.'ʔu]	animal	/su-kuera/	[su.k <sup>w</sup> ɛ.ra]	carne
/i/	[i.'ʔi]	água	/i-pirãga/	/i.pi.'rãga/	água vermelha > água do rio

Uma segunda evidência de que há reduplicação fonológica provém de reduplicação morfológica, processo em que o pé métrico ocorre reduplicado (v. 2.7). No caso de monossílabos, apenas a base

lexical é reduplicada. Em (87), apresentamos um verbo com estrutura subjacente CV em sua forma simples (87a) e em forma derivada em (87b):

(87)

(a)

/u-'sã/

[u.sã.'ʔã]

3sg<sub>A</sub>-sentir

(b)

/u-'sã/

[u.sã.'sã]

3sg<sub>A</sub>-RED~sentir

A reduplicação fonológica (84) é produtiva também em empréstimos, como ilustra a adaptação do Português <chá> /ʃa/ ['ʃa] em (88):

(88)

PB	Dado de Entrada	/ʃa /	
		σ	
Nh	Reduplicação fonética	ʃa	'ʔa
		σ	σ
	Dado de saída	[ʃa'ʔa]	
	Glosa	chá	

Monossílabos fonéticos são possíveis em palavras gramaticais com tendências a ocorrerem como clíticos, como ilustra o demonstrativo em (89) e a posposição em (90):

(89)

&lt;kua&gt;

/kua/

[k<sup>w</sup>a]DEM<sub>PROX</sub>

(90)

i-mena          piri

3sg<sub>E</sub>-marido    DIR<sub>COM</sub>

/i-'mena          'piri/

[i.'me.na          'pi]          ~ [i.me.'na          'pi.ri]

'junto a seu marido'

De fato, no capítulo 8.1.1, vamos observar que a reduplicação fonológica é um dos critérios utilizados para distinguir clíticos de partículas, uma vez que, dessas duas categorias, só a última engatilha a reduplicação fonológica, como ilustra a variação do relativizador *waa*, que pode ocorrer como partícula [wa.'ʔa] em (91a) ou como clítico [=wa] em (91b):

(91)

(a)

/u-'uari          ua/

3sg<sub>A</sub>-cair          REL

[u.'waj          wa.'ʔa]

'o que caiu'

(b)

/u-'uari          ua=i'ta/

3sg<sub>A</sub>-cair          REL=PL

[u.'waj          waj.'ta]

'os que caíram'

No entanto, algumas partículas ocorrem como monossílabos fonéticos sem que ocorra a reduplicação fonológica. É o caso dos empréstimos do Português *mas* /maS/ ['maS] 'conjunção adversativa' e *só* /sɔ/ ['sɔ] 'somente', realizados em Nheengatú como ['ma] e ['sɔ], respectivamente. Também é o caso da partícula nativa /te/ [tɛ] 'foco' e da partícula /baʔ/ ['baʔ] 'protestivo'. Em termos diacrônicos, /te/ [tɛ] 'foco' resulta da queda da sílaba não acentuada, que ocorreu como parte da gramaticalização do item lexical <ete> /ete/ [e.'tɛ]

‘verdadeiro’ do Tupinambá em partícula /tɛ/ [tɛ] ‘foco’. A forma /baʔ/ [baʔ] ‘protestivo’ pode ser etimologicamente derivada do Tupinambá <mbae> [ᵐba.ɛ] ‘coisa’, mas esta possível origem ainda está em análise (v. 8.1.3.4.5).

A excepcionalidade dessas partículas pode ser apenas resultado da alta frequência de uso e ainda do fato da língua ser falada em situação de bilinguismo com o Português, língua em que mossilábos tônicos são comuns.

## 2.6 *Manifestação do acento*

O padrão acentual do Nheengatú é considerado imprevisível, uma vez que o acento pode ocorrer tanto em posição final quanto em posição pré-final (cf. Grenand e Ferreira (1989, XVII); Borges (1991, 86); Taylor (1985) e (2007)). Os autores mencionados ilustram suas análises por meio de pares mínimos como os reproduzidos em (92):

(92)

pirá	/pi'ra/	[pi.'ra]	peixe
pira	/'pira/	['pi.ra]	corpo
mirá	/mi'ra/	[mi.'ra]	árvore
mira	/'mira/	['mi.ra]	gente
será	/se'ra/	[se.'ra]	questão polar
s-era	/'s-era/	['se.ra]	3sg <sub>E</sub> -nome
ayuká	/a-iu'ka/	[a.ju.'ka]	1sg <sub>A</sub> -matar
ayuka	/a-'iuka/	[a.'ju.ka]	1sg <sub>A</sub> -tirar

Observando os dados como os apresentados em (92), Grenand e Ferreira (1989, XVII) sugerem que o padrão acentual do Nheengatú recebeu bastante influência do Português Brasileiro — língua em que, embora o padrão acentual possa ser considerado lexical, devido ao grande número de exceções do sistema, a maior parte dos não-verbos

segue o padrão troqueu moraicó (Wetzels 1977). Todavia, observaremos que em Nheengatú ainda há processos sincrônicos que permitem indicar a preferência da língua por um padrão iâmbico.

De acordo com Hayes (1981), o ritmo é baseado na relação de proeminência entre sílabas, estruturadas em um pé métrico. Em Nheengatú, a construção do pé começa na margem direita da palavra com proeminência da sílaba final, criando o ritmo iâmbico. Em (93), apresentamos um exemplo da manifestação da regra de acento:

(93)	
Representação fonológica	/ku ra 'si/
Padrão iâmbico	( • x)
Acento final	( x)
Realização fonética	[ku.ra.'si]
Glosa	'sol'

Apesar do Nheengatú ter palavras com acento final e com acento pré-final, há evidências sincrônicas de que o padrão rítmico privilegiado é iâmbico. A primeira evidência provém da reduplicação fonológica que transforma monossílabos subjacentes em palavras dissilábicas com acento final (v. 2.4.1.2). A segunda evidência provém de processos de queda silábica, de modo a permitir a manutenção do ritmo iâmbico (v. 2.6.1). Na continuidade desta seção, trataremos apenas dos processos sincrônicos que permitem reestabelecer o padrão iâmbico da língua. No capítulo 3, dedicado à análise diacrônica da fonologia, voltaremos a tratar do acento, observando os processos que ocorreram no desenvolvimento do Tupinambá até o Nheengatú, que permitiram que a última língua apresentasse no léxico um grande número de palavras com acento pré-final.



### 2.6.1 *Processos fonológicos que permitem reestabelecer o padrão iâmbico*

Para reestabelecer o ritmo iâmbico, o Nheengatú faz uso de apócope (2.6.1.1) e de formação de ditongo (2.6.1.2)

#### 2.6.1.1 *Apócope*

Em Nheengatú, o processo fonológico apócope permite a eliminação de sílabas não-acentuadas em posição de final de palavra. O processo ocorre quando a vogal do núcleo da sílaba final não acentuada é idêntica à vogal núcleo da sílaba acentuada. Nos dados em (94), ocorre apócope:

(94)			
/pia'saua/	[pi.ja.'sa.wa] ~ [pi.ja.'sa]	piaçaba	
/gara'paua/	[ga.ra.'pa.wa] ~ [ga.ra.'pa]	porto	
/u-'paua/	[u.'pa.wa] ~ [u.'pa]	3sg <sub>A</sub> -acabar	
/u-muka'turu/	[u.mu.ka.'tu.ru] ~ [mu.ka.'tu]	3sg <sub>A</sub> -guardar	
/mu'iri/	[mu.'i.ri] ~ [mu.'i]	muito	
/musa'piri/	[mu.sa.'pi.ri] ~ [mu.sa.'pi]	três	

Se a sílaba eliminada tiver ataque nasal, o traço de nasalidade é realizado na vogal anterior, como ilustrado em (95):

(95)		
-'CV.CV ~ -'CV		
/i.'ru.mu/	~ i.'rũ	comitativo e instrumental (posposição)
/a.'ra.ma/	~ a.'rã	dativo prospectivo (posposição)
/'uana/	~ =wã	perfectivo (clítico de aspecto)

### 2.6.1.2 Formação de ditongo

A estrutura  $-(C)VrV\#$  em posição de final de palavra permite a formação de um ditongo [V-alto]j. A vibrante simples [r] é apagada, gerando  $-(C)Vj$ <sup>33</sup>. Esse processo ocorre frequentemente em todos os dialetos, particularmente na classe lexical verbal<sup>34</sup>. Os dados (96) e (97) ilustram os processos:

(96)

/u-ru'ia:ri/

[u.ru.'ja:ri] ~ [u.ru.'ja:j]

3sg<sub>A</sub>-acreditar

(97)

/u-pu'ta:ri/

[u.pu.'ta:j] ~ [u.pu.'ta:j]

3sg<sub>A</sub>-querer

Os verbos emprestados do Português são formados a partir da forma infinitiva, acompanhada de vogal epentética *-i*, inserida devido à restrição de coda. Dessa forma, o acento na sílaba passa a ser pré-final (estágio 1). Acompanhando a tendência a reestabelecer o padrão acentual iâmbico, ocorre apagamento da vibrante simples, formando um ditongo (estágio 2). O esquema em (98) esquematiza a adaptação fonológica mínima que ocorre no verbo *escravizar* do Português<sup>35</sup>. Os dados (99) e (100) ilustram o processo.

<sup>33</sup> As formas  $-(C)iri\#$  levam à formação de  $-(C)i\#$  e não de  $-(C)ij\#$ . Isso sugere que a regra apócope (v. 2.6.1.1) ocorra anteriormente à formação de ditongos.

<sup>34</sup> O fato de ocorrer mais frequentemente com verbos é resultado de coincidências diacrônicas. No século XVIII, para evitar \*CODA, os verbos recebiam uma vogal epentética homorgânica em relação ao articulador ativo à consoante em coda (v. 3.4). Por conseguinte, verbos do Tupinambá que terminavam com CVr passaram a CVri na língua geral brasílica e, no Nheengatú, estão sendo reduzidos a ditongos.

<sup>35</sup> Ver. 3.5, para tratamento de padrões silábicos e segmentos não nativos.

(98)

Língua	Estágio	Processo	Exemplo
PB	0		/eskravi'zaR/ [is.kra.vi.'zaR]
Nh	1	*CODA final > Epêntese <i>i</i>	/iskravi'zari/ [is.kra.vi.'za.ri]
	2	Iâmbico	/iskravi'zari/ [is.kra.vi.'zaj]

(99)

/u-'fari/

[u.'fã.ri] ~ [u.'faj]

3sg<sub>A</sub>-deixar (Português *deixar*)

(100)

/u-pu'deri/

[u.pu.'de.ri] ~ [u.pu.'dej]

3sg<sub>A</sub>-poder (Português *poder*)

As formas longas, terminadas em -(C)VrV# são encontradas na fala de pessoas idosas e na de pessoas jovens que, embora sejam falantes nativas de Nheengatú, não usam mais esta língua em comunicação diária. Em (101), observamos o uso da forma [u.si.'ka.ri] sem a formação de ditongo [u.si.'kaj]. Em (102), reproduzimos um enunciado completo em que as formas conservadoras dos verbos 'viver' e 'poder' são usadas em fala pausada, permitindo a preservação das formas longas. O mesmo falante em situações menos tensas realiza a forma abreviada.

(101)

&lt;ya-su ya-sikari&gt;

/ia-su ia-sikari/

[ja.'su ja.si.'ka.ri]

1pl<sub>A</sub>-ir 1pl<sub>A</sub>-procurar

(102)

&lt;ya-puraki    ya-puderi    arã    ya-viveri&gt;

/ia-puraki    ia-puderi    arama    ia-viveri/

[ja.pu.ra.'ki    ja.pu.'de.ri    a.'rã    ja.vi.'ve.ri]

1pl<sub>A</sub>-trabalhar    1pl<sub>A</sub>-poder    SUB<sub>FIN</sub>    1pl<sub>A</sub>-viver

Trabalhamos para podermos viver.

A variedade falada no rio Xié pelos Warekena permite a queda de outras consoantes nasais no ataque da última sílaba não-acentuada, criando ditongos nasais na representação fonética. Em (103), comparamos as formas fonéticas do verbo /u-'semu/ no Nheengatú falado nos rios Negro e Içana por Baré e Baniwa, e no rio Xié pelos Warekena.

(103)

/u-'semu/



[u.'se.mu]    [u.'sẽũ]

(Baré e Baniwa)    (Warekena)

Além de possíveis diferenças nos sistemas fonológicos das línguas Arawak do norte, devemos considerar a situação linguística de cada povo. Por um lado, os Baré e os Baniwa, habitantes dos rios Negro e Içana, têm bastante contato com o Português, podendo ser considerados como povos bilíngues.

Por outro lado, os Warekena são predominantemente monolíngues em Nheengatú, língua que adquiriram a partir da interação com a geração anterior de bilíngues em Nheengatú e Warekena. O acento do Warekena é descrito como imprevisível por

Aikhenvald (1998) e por Ramirez (2001, 504)<sup>36</sup>. Pelo menos no nível fonético, todas as vogais têm contrapartes nasalizadas. As vogais nasais ocorrem frequentemente em posição final, devido ao uso do sufixo -hṼ, em que Ṽ é a forma nasalizada da última vogal da raiz<sup>37</sup>. O *substratum* Warekena do Nheengatú do Rio Xié pode ter favorecido o emprego de apagamento em contextos nasais, criando ditongos nasais. Os ditongos nasais, típicos da fala dos Warekena, são considerados pelos demais falantes como de difícil interpretação.

Mesmo que se observem diferenças entre o Nheengatú falado pelos Warekena e pelos Baré e Baniwa, a tendência geral de todas as variedades é manter o acento final. Portanto, mesmo que o acento do Nheengatú seja lexical, há uma tendência a reestabelecer o padrão iâmbico. Em 3.4, apresentaremos um pequeno estudo diacrônico do desenvolvimento do padrão acentual do Nheengatú, de modo a observar os processos que permitiram a emergência de uma grade número de palavras não iâmbicas.

### 2.7 Reduplicação

Em Nheengatú, há apenas um processo produtivo de reduplicação morfológica, restrito a bases verbais (v. 7.2). Trata-se da cópia do pé métrico acentuado da base verbal. Como vimos em 2.6, embora o padrão acentual seja lexical, o ritmo é iâmbico, ou seja, os pés métricos são formados da direita para esquerda com proeminência à direita. Em (104) a (106), analisamos os verbos *yuká* ‘matar’, *munuka* ‘cortar’, *mundu* ‘mandar’ em termos de estrutura prosódica, de modo que possamos visualizar o domínio da reduplicação sob o pé métrico.

---

<sup>36</sup> No entanto, Monsonyi (*apud* Wetzels e Meira (2010)) descreve o sistema como tonal. Monsonyi trabalhou com dados do Baniwa de Maroa e Aikhenvald com o dialeto dos Warekena do rio Xié. As duas variedades são por vezes consideradas a mesma língua.

<sup>37</sup> O sufixo -hṼ é considerado por Ramirez como ‘dêitico’, por González Náñez como resíduo de uma terceira pessoa masculina singular, e por Aikhenvald como uma marca pausal (Ramirez 2001, 503)

(104) <i>yuká</i> , ‘matar’	
Representação fonológica	/ CVCV- iu'ka/
Glosa	RED~matar
Silabificação	iu ka
Padrão iâmbico	( • x)
Reduplicação	iu ka iu ka ( • x) ( • x)
Acento da forma reduplicada	( x)
Flexão	u iu ka iu ka
Realização fonética	[u.ju.ka.ju.'ka]
Tradução	Eles mataram repetidamente.

(105) <i>munuka</i> , ‘cortar’	
Representação fonológica	/ CVCV-mu'nuka/
Glosa	3sg <sub>A</sub> -RED~cortar
Silabificação	mu nu ka
Padrão iâmbico	( • x)
Reduplicação	mu nu mu nu ka ( • x) ( • x)
Acento da forma reduplicada	( x)
Flexão	u-munu~munuka
Realização fonética	[u.mu.nu.mu.'nu.ka]
Tradução	Ele cortou repetidamente.

(106) <i>mũdu</i> ‘mandar’	
Representação fonológica	iu-CVCV~mandar R/R-RED~mandar
Silabificação	iu. mũ du
Padrão iâmbico	x) ( • x)
Reduplicação	iu. mũ du mũ du ( • x) ( • x)
Acento da forma reduplicada	( x)
Flexão	tau-iu-mũdu~mũdu
Realização fonética	[ta.ju.mũ.du.mũ.'du]
Tradução	Eles se mandam uns aos outros.

Para a constituição do reduplicante, a língua só considera sílabas abertas (isto é, o reduplicante tem a estrutura CVCV), portanto, vogais de ditongos não participam da reduplicação, como ilustra o verbo *sereu* ‘lamber’, em (107):

(107) <i>sereu</i> , ‘lamber’	
Representação fonológica	/CVCV-lamber
Glosa	/RED~se'reu/
Silabificação	se reu
Padrão iâmbico	( · x)
Reduplicação	se re se reu ( · x) ( · x)
Acento da forma reduplicada	( x)
Flexão	u-seresereu
Realização fonética	[u.se.re.se.'rew]
Glosa	Ele lambeu repetidamente

Os prefixos de valência — *mu-* ‘causativo’ e *yu-* ‘reflexivo/recíproco’ — são tratados como qualquer outra sílaba com relação à reduplicação. Em (108) e (109), apresentamos exemplos em que os morfemas de valência não ocorrem no pé métrico acentuado.

(108)	
/u-mu-pi'nima/	/u-mu-CVCV~pi'nima/
[ũ.pi.'ni.ma]	[ũ.pi.ni.pi.'ni.ma]
3sg <sub>A</sub> -CAUS-ser.colorido	3sg <sub>A</sub> -CAUS-RED~ser.colorido

(109)	
/ta-iu-mũdu/	/ta-iu-CVCV~mũdu/
[ta.ju.mũ.'du]	[ta.ju.mũ.du. mũ.'du]
3pl <sub>A</sub> -R/R-mandar	3pl <sub>A</sub> -R/R-RED~mandar

Em (110), o morfema *mu-* ‘causativo’ ocorre no pé métrico acentuado. A reduplicação em Nheengatú ocorre posteriormente à derivação causativa, mas precede flexão de pessoa<sup>38</sup>.

(110)					
Representação fonológica	/ u-CVCV-'paka/				
	/3sg <sub>A</sub> -RED~acordar				
Silabificação				pa	ka
Padrão iâmbico				x	
Causativo			mu	pa	ka
			( ·	x)	
Reduplicação		mu	pa	mu	pa
		( ·	x)	( ·	x)
Acento da forma reduplicada		(		x)	
Flexão	u	mu	pa	mu	pa
		( ·	x)	( ·	x)
*VN <sub>X</sub> VC <sub>X</sub> V	ũ	<sup>m</sup> ba		<sup>m</sup> ba	ka
Realização fonética		[ũ.bã.	'ba	ka]	
		Ele acordou repetidamente			

Neste trabalho, assumimos a ideia presente na maioria dos trabalhos sobre reduplicação de que este processo seja um caso de prefixação. A análise de reduplicação como prefixação está de acordo com os princípios de lexicogênese do Nheengatú — característica que compartilha com todas as línguas Tupi-Guarani<sup>39</sup>. Nessas línguas, a morfologia verbal é toda prefixal: tanto a morfologia flexional de índices de pessoa, quanto a morfologia derivacional de morfemas de valência é formada por prefixos. Na zona sufixal, ocorrem apenas clíticos aspectuais, cujo escopo é o predicado como um todo, podendo ter como hospedeiro nomes, verbos e até outros clíticos.

<sup>38</sup> Esse padrão difere do Tupinambá, em que a reduplicação seguia pessoa (Rodrigues 1953). Trata-se de uma diferença importante entre as duas línguas, que deverá ser analisada em trabalhos futuros.

<sup>39</sup> Cf. Rose (2008), para a análise da reduplicação como prefixação em uma língua Tupi-Guarani.



### 3 Desenvolvimento diacrônico do sistema fonológico: do Tupinambá ao Nheengatú

Neste capítulo, procuramos entender o desenvolvimento fonológico do Nheengatú, observando mudanças ocorridas em relação ao Tupinambá. No sistema consonantal, houve a introdução de uma fricativa palatal e o desenvolvimento da tripla oposição entre oclusivas surdas, oclusivas sonoras e nasais plenas (v. 3.1). O sistema de vogais reduziu-se a quatro vogais — utilizando, deste modo, um sistema de oposições similar ao das línguas Arawak do norte (v. 3.2). Em 3.4, discutimos as mudanças no inventário fonológico do Nheengatú e levantamos a hipótese de convergência em relação ao Nheengatú e as línguas de *substratum*. Em 3.4, comparamos o sistema acentual do Nheengatú e Tupinambá. Por fim, em 3.5, investigamos as contribuições do Português para o desenvolvimento do sistema.

Baseamos nossa análise na investigação de documentos originais, que registram os estágios de desenvolvimento da língua: Anchieta (1990[1595]) para o Tupinambá do século XVI; *Diccionario da Língua Geral Brasilica* (Anônimo\_Códice\_69 c. 1750), *Diccionario da Língua Brazilica* (Anônimo\_Códice\_94 s/d.), *Diccionario português-brasiliano e brasiliano-português* (Anônimo e (ed.) 1934 [1795]) para a variedade do século XVIII; e Stradelli (1929) para a análise do Nheengatú no final do século XIX.

Além das fontes originais, utilizamos também as análises de Rodrigues (1958b) sobre o Tupinambá, Monserrat (2003a) sobre a língua geral brasílica (século XVIII) e Felix (2002) sobre as variedades do século XIX. Esses autores estudaram um grande número de documentos e, portanto, são importantes fontes secundárias para a análise que se pretende neste trabalho. Quando necessário, fazemos referência a estágios anteriores de desenvolvimento da língua, a partir da consulta a reconstruções do sistema fonológico do Proto-Tupi-Guarani, de acordo com Dietrich (1990), Jensen (1998b) e Schleicher (1998) e do Proto-Tupi, conforme Rodrigues (2005) e (2007).

### 3.1 *Desenvolvimento diacrônico de oposições entre os fonemas consonantais*

O sistema consonantal do Tupinambá caracterizava-se por uma oposição entre uma série de oclusivas surdas /p, t, k/ e uma série de nasais /m, n, ŋ/, que eram implementadas foneticamente como nasais plenas [m, n, ŋ] ou como contornos [<sup>m</sup>b, <sup>n</sup>d, <sup>ŋ</sup>g]. No caso da labial, também pode ser realizada como fricativa [β]. Ademais, o sistema continha uma fricativa coronal /s/, cuja pronúncia variava entre alveolar [s] e palatal [ʃ], e uma vibrante simples /r/. Pelo menos foneticamente, uma nasal palatal [ɲ] ocorria em posição inicial e intervocálica. O Quadro 5 apresenta o inventário de fonemas consonantais do Tupinambá:

#### **Quadro 5: Sistema consonantal do Tupinambá**

##### **LABIAL CORONAL DORSAL**

p	t	k
m	n	ŋ
	s	
	r	

O inventário fonológico do Tupinambá, proposto neste trabalho, difere das análises anteriores na interpretação da fricativa labial [β]. Segundo Rodrigues (1958a), a fricativa labial /β/ tinha estatuto de fonema. Na seção 3.1.2, apresentamos argumentos que indicam a necessidade de considerar [β] como um dos alofones de /m/.

O sistema consonantal do Nheengatú difere bastante do proposto para o Tupinambá, por estabelecer fonologicamente a tripla oposição entre oclusivas surdas /p, t, k/, sonoras /b, d, g/ e nasais /m, n, ɲ/. O sistema consonantal apresentado no Quadro 1 é reproduzido no Quadro 6 para facilitar a comparação:

**Quadro 6: Sistema consonantal do Nheengatú**  
**LABIAL CORONAL DORSAL**

	+ant	- ant	
p		t	k
b		d	g
m	n	ɲ	
	s	ʃ	
	r		

A criação da tripla oposição entre oclusivas surdas /p, t, k/, sonoras /b, d, g/ e nasais /m, n, ɲ/ e a emergência da fricativa palatal /ʃ/ como fonema são desenvolvimentos fonológicos recentes do Nheengatú. Nas próximas seções, analisaremos detalhadamente as mudanças que ocorreram no sistema. Em 5.1.1, apresentamos o processo de fonologização da fricativa pós-alveolar que teria ocorrido já em meados do século XVIII. Em 5.1.2, discutiremos a emergência da tripla oposição entre oclusivas surdas, sonoras e nasais — uma mudança no sistema que parece ser específica do Nheengatú falado no alto rio Negro.

### 3.1.1 *Desenvolvimento da fricativa pós-alveolar*

Em Tupinambá, a consoante /s/ [CORONAL] [+ anterior] era realizada como [ʃ] [CORONAL] [- anterior] quando ocorria depois de /i/ [CORONAL] [- anterior], indicando assimilação do traço [- anterior]. Uma análise dos empréstimos do Português em dicionários do século XVIII (Anônimo\_Códice\_69 c. 1750) mostra que a palatalização do /s/ ainda era produtiva no século XVIII (Cruz 2007). Por exemplo, a palavra do Português [ka.'mi.za] foi incorporada no século XVIII como <camixá> cuja pronúncia pode ser interpretada como [ka.mi.'ʃa]<sup>40</sup>.

<sup>40</sup> Para adaptar o termo [ka.'mi.za], a língua geral do século XVIII seleciona os traços [CORONAL] [+ anterior] de /z/, mas não o traço [+voz]. Consequentemente, /z/ foi interpretado como /s/. Pela regra de assimilação, formou-se [ka.mi.'ʃa] (Cruz 2007).

No século XIX, a oposição entre as vogais /i/ [CORONAL] [-anterior] e /i/ [DORSAL] [- arredondado] deixou de ser contrastiva no dialeto do rio Negro (v. 3.2.1). Considere o par de exemplos do Nheengatú em (111):

(111)	
<kise>	<pixe>
/ki'se/	/pi'ʃe/
[ki.'sɛ]	[pi.'ʃɛ]
faca	fedor

O vocábulo do Nheengatú /pi'ʃe/ [pi.'ʃɛ] 'fedor' tem origem no vocábulo <pixe> /pise/ [pi.'ʃɛ] 'mofo' do Tupinambá. A vogal /i/ [CORONAL] [- anterior] engatilhava a pronúncia de /s/ como [ʃ]. A vogal [i] [DORSAL] [- arredondado] não provocava a assimilação, como se observa pela forma Tupinambá: <kysé> /kise/ [ki.'sɛ] 'faca'. Como resultado do desaparecimento do contraste /i/ [CORONAL] [- anterior] e /i/ [DORSAL] [- arredondado], emergiram contextos para a ocorrência de sequências [i.sV] e [i.ʃV].

A oposição fonológica /s/ e /ʃ/ emerge também pela tendência do Nheengatú de restringir sílabas com coda, particularmente em meio de palavra. Em (112), apresentamos duas palavras registradas em etapas anteriores do desenvolvimento da língua em que a vogal /i/ em coda levava à assimilação de [- anterior]. Como vimos em 2.4, o Nheengatú do rio Negro não aceita sílabas fechadas em meio de palavra. Assim, para evitar codas internas, o glide [j] de etapas anteriores da língua foi apagado, sendo esta mais uma fonte para a emergência do constraste /s/ e /ʃ/<sup>41</sup>.

<sup>41</sup> Para facilitar a leitura e comparação com os dados de Stradelli, trocamos o grafema <š> usado por Monserrat, por <x>. Trata-se da representação do fone [ʃ].

(112)

**Etapas anteriores do desenvolvimento**

<sowaixara>	contrário (M)	/sua'fara/	[su.wa.'fa.ra]	resposta
<tuixáua>	chefe (S)	/tu'faua/	[tu.'fa.wa]	chefe

Fontes: M, Monserrat (2003a, 193); S, (Stradelli 1929)

A terceira fonte para a emergência da oposição /s/ e /ʃ/ é o grande número de empréstimos, oriundo do Português. No século XVIII, já era possível encontrar dados de [ʃ] em início de palavra. A representação fonética é a nossa interpretação dos dados.

(113)

<xabí>	[fa.'bi]	chave
<xóca>	[ʃɔ.ka]	chocar

(Anônimo\_Códice\_69 c. 1750)

Para Monserrat (2003a, 191), o contraste /s/ e /ʃ/ teria emergido já no século XVIII. A autora baseia sua análise em pares análogos, em que um dos membros do par provém de empréstimo:

(114)

<kaisára>	arraial	<sowaixára>	contrário
<saé>	se	<xayeén>	eu falo
<será>	será?	<xeratá>	meu fogo

Porém, a fricativa [ʃ], que nos dados de Monserrat (2003a, 191) indica a primeira pessoa do singular e teria emergido pela queda do [i] de /ife/, não se desenvolveu na variedade de Nheengatú do rio Negro. A forma <xa> de primeira pessoa seria um traço característico da variedade do Nheengatú registrada por Hartt (1938[1872]) no baixo Amazonas. Nas variedades do alto Amazonas (Nheengatú do rio Negro e Nheengatú falado pelos Sateré-Mawé), a forma de primeira pessoa singular da série estativa é /se/. Desta forma, é possível que no século XVIII, algumas variedades da língua geral brasílica já tivessem

a oposição fonêmica /s/ e /ʃ/, que teria emergido pela perda do /i/ inicial, exemplificada em <xayeén> ‘eu falo’ e <xeratá> ‘meu fogo’. No caso de <sowaixára> ‘contrário’ ainda é possível que fosse alofônico, uma vez que ocorre após <i>. Em outras variedades de língua geral, particularmente as do alto Amazonas, a oposição /s/ e /ʃ/ surgiu posteriormente<sup>42</sup>.

### 3.1.2 *Emergência da tripla oposição oclusivas surdas /p, t, k/, sonoras /b, d, g/ e nasais plenas /m, n, ŋ/*

A emergência da tripla oposição oclusivas surdas /p, t, k/, oclusivas sonoras /b, d, g/ e nasais plenas /m, n, ŋ/ é uma inovação do Nheengatú do alto rio Negro em relação às demais línguas Tupi-Guarani, incluindo o Tupinambá e outras variedades de Nheengatú.

O material fonético para a emergência da distinção entre /b, d, g/ e /m, n, ŋ/ provém de processos fonológicos internos à língua, que podem ter sido favorecidos pelo contato com as línguas Arawak e com o Português (v. 3.1.2.3). Entre os processos internos, o mais importante é a reinterpretação de contornos [ᵐb, ᵐd, ᵐg], segmentos bifásicos, registrados em fases anteriores da língua (v. 3.1.2.1). A dorsal /g/ ocorre também como resultado da epêntese da fricativa dorsal [ɣ] em contexto /i/ \_\_ V (v. 3.1.2.2).

#### 3.1.2.1 *A reinterpretação dos contornos*

Esta seção será dividida em duas partes. Primeiramente avaliaremos o estatuto dos contornos em Tupinambá (3.1.2.1.1). Em seguida, mostraremos a reinterpretação dos contornos em Tupinambá (3.1.2.1.2)

<sup>42</sup> Não se pode descartar também a possibilidade de que em outros dialetos não documentados, [s] e [ʃ] não contrastem. No Nheengatú falado pelos Sateré-Mawé, por exemplo, /i/ e /i/ contrastam fonologicamente, de modo que a palavra ‘faca’ ocorre como /kise/ [ki. ‘sɛ] (Moore, c. p.). Não disponibilizamos de outros dados para contrastar as variedades.

3.1.2.1.1 *Nasais, contornos e fricativa labial em Tupinambá*

Em Tupinambá, uma série de nasais plenas /m, n, ŋ/ permitia alofonia com contornos [ᵐb, ᵐd, ᵐg]. Apenas a labial /m/ também permitia a alofonia com fricativa [β].

Conforme indicou explicitamente Anchieta (1990[1595], 2v), em posição inicial jamais ocorria as sonoras [b] e [d]. Assim, explica o autor \*<bae> não existia, mas apenas <mbaé>, que sugere a pronúncia [ᵐba.'ɛ] ‘coisa’. O autor registra ainda a variação entre as formas com contorno [ᵐb] e [ᵐd] em relação a nasais plenas [m] e [n]. Em seu exemplo, para dizer ‘eu não vou’, os falantes de Tupinambá podiam usar as formas <nd-a-só-i> ou <n-a-só-i, mas jamais <\*dasói><sup>43</sup>. O par análogo em (115) exemplifica a realização fonética de /m/ em contexto nasal e em contexto oral em início de palavra. A dorsal /ŋ/ não ocorria em início de palavra<sup>44</sup>.

(115)	
#__ Ṽ	#__ V
<maẽ>	<mbaé>
/bãẽ/ <sup>45</sup>	/bae/
[mã.'ẽ]	[ᵐba.'ɛ]
‘ver’	‘coisa’

A nasal /m/ é implementada como nasal pela <m> [m] ou como contorno <mb> [ᵐb] depois de vogal nasal. Em meio de palavra, como ataque com núcleo oral, a nasal /n/ é implementada como nasal plena <n> [n] ou como contorno <nd> [ᵐd], em variação livre. Em (116), reproduzimos dados de Anchieta mostrando variação nasal

<sup>43</sup> Mattoso Câmara Jr. (1965) comentou o fato de que Anchieta não teria percebido a natureza complexa do segmento do tipo contorno [ᵐb], de modo que teria preferido indicar os contornos como sequências de sons [mb]. É preciso ter em conta, entretanto, que no século XVI, não se dispunha dos aparatos teóricos e metodológicos necessários para reconhecer [ᵐb] como um único segmento.

<sup>44</sup> Em posição inicial, o grafema <nh> [ɲ], provavelmente representava um ditongo nasal [iṼ]. (Agradeço ao Prof. Dietrich pela observação, c.p.).

<sup>45</sup> Na representação fonológica dos dados do Tupinambá, não é indicado o acento, uma vez que essa língua tinha acento final previsível.

plena e contorno em meio de palavra. Os grafemas são acompanhados de nossa interpretação fonética dos dados:

(116)

<b>Variante nasal plena</b>		<b>Variante contorno</b>		<b>Tradução</b>
<murú>	[mu.'ru]	<mburú>	[ <sup>m</sup> bu.'ru]	madito
<moby>	[mo.'βi]	<mboby>	[ <sup>m</sup> bo.'βi]	algumas vezes
<ne>	[ne]	<nde>	[ <sup>n</sup> dɛ]	você
<naçói>	[na.'sɔj]	<ndaçói>	[ <sup>n</sup> da.'sɔj]	não vou
<timára>	[ti.'ma.ra]	<timbára>	[ti. <sup>m</sup> ba.ra]	plantador
<timàba>	[ti.'ma.βa]	<timbába>	[ti. <sup>m</sup> ba.βa]	plantação
<pinàra>	[pi.'na.ra]	<pindàra>	[pi. <sup>n</sup> da.ra]	raspador

(Anchieta 1990[1595])

Em meio de palavra, /m/ era implementado como fricativa labial <b> [β] entre vogais orais e como nasal <m> [m] (ou, talvez, [<sup>m</sup>b]) depois de vogal nasal. Em (118), apresentamos a alomorfia do sufixo /mo-/ 'gerúndio':

(117) Tupinambá

Ũ__	#__ V
<nupãmo>	<jukábo>
/nupã-βo /	/iuka-βo/
[nu.'pã.mo]	[ju.'ka.βo]
'bater-gerúndio'	'matar-gerúndio'

Segundo Rodrigues (1953, 145) O sufixo *-am* 'nominalizador de circunstância' tinha variantes livres [saβ] e [am], quando ocorria depois de vogal nasal. A forma saβ tem uma consoante epentética [s], que bloqueia o espriamento da nasalidade da raiz verbal para a primeira vogal do nominalizador e permite a desnasalização mais fricativização do /m/ em contexto oral.



.(118) Tupinambá: Variação livre

Û__	#__ V
<nupãsaba>	<nupãma>
/nupã-am-a/	/nupã-am-a/
bater-NMZ-referenciante	bater-NMZ-referenciante
[nu.'pã-sa.βa]	[nu.'pã-ma] ]~ [nu.'pã- <sup>m</sup> ba]

(Rodrigues 1953, 145; representação adaptada)

Em posição de coda, a labial /m/ ocorria como fricativa <b> [β] depois de vogal oral e como <m> [m], depois de vogal nasal. Em (119), a regra é apresentada com mais exemplos:

(119)

/m/ > [m] / Û__ #	<sém>	[sêm]	sair
/m/ > [β] / V__ #	<çoríb>	[so.ri β]	alegria <sup>46</sup>

Como a ocorrência de [β] é previsível em Tupinambá, o fone não tem estatuto de fonema<sup>47</sup>. O fone não contribuiu para a fonologização de /b/ no Nheengatú. Como já mostrado por Monserrat (2003a), [β] foi interpretado na língua geral brasílica como [w]. Em (120), apresentamos exemplos desta mudança:

<sup>46</sup> Ver 4.4.3.1: Em Tupinambá, <çoríb> tem propriedades que permitem que seja classificado como 'nome', diferindo, portanto, da forma cognata /s-uri/ '3sg<sub>E</sub>-ser.alegre' em Nheengatú.

<sup>47</sup> A observação de que há alofonia [β], [<sup>m</sup>b], [m] pode a ser utilizada como argumento para propor como representação subjacente a oclusiva labial /b/. Esta hipótese está sob investigação.

(120)

(a) Tb /m/ &gt; [β] ~ [w] / V\_\_\_V , #\_\_\_V&gt;&gt; Nh [w]

**Tupinambá**

/ama/	[a.'βa]	pessoa
/ibi/	[i.'βi]	terra
/bebe/	[βe.'βe]	voar

**Nheengatú**

/a'ua/	[a.'wa]	NGH
/i'ui/	[i.'wi]	terra
/ue'ue/	[we.'wε]	voar

(b) Tb /m/ &gt; [β] / V\_\_\_\_\_ {V, #} # &gt;&gt; Nh zero

**Tupinambá**

/s-orim/	[so.'ri β]	3sg <sub>E</sub> -alegria
/pam/	['paβ]	acabar

**Nheengatú**

/s-u'ri/	[su.'ri]	3sg <sub>E</sub> -ser.alegre
/'paua/	['pa]	acabar

Quanto à nasal dorsal /ŋ/, era possivelmente realizada como nasal plena [ŋ] em posição final. No entanto, a interpretação da grafia do século XVI, ilustrada em (121) não é clara. Em posição final, a coronal não foi registrada.

(121) \_\_\_ #

&lt;aimeêng&gt;

&lt;aimonhâng&gt;

/a-i-meeŋ/

/a-i-moiãŋ/

[aj.me.'êŋ]

[aj.mo.ɲãŋ]

1sg<sub>A</sub>-3sg<sub>E</sub>-dar1sg<sub>A</sub>-3sg<sub>E</sub>-fazer

'dei isso'

'criei isso'

(Anchieta 1990[1595])

3.1.2.1.2 *Fonologização de /b, d/ oriundos de contornos*

No Nheengatú falado atualmente no alto rio Negro, os contornos nasais desapareceram completamente. As consoantes nasais /m, n, ɲ/ são sempre realizadas como [m, n, ɲ] e as oclusivas sonoras /b, d, g/ sempre aparecem como [b, d, g] ocorrem em posição intervocálica e início da palavra. Os contornos nasais podem ter fornecido o material fonético necessário para que o Nheengatú criasse

a tripla oposição entre oclusivas surdas /p, t, k/, oclusivas sonoras /b, d, g/ e consoantes nasais /m, n, ɲ/.

No século XIX, Hartt (1938[1872]) e Stradelli (1929) observaram a ocorrência de contornos tanto no Nheengatú falado no baixo Amazonas quanto no falado no alto rio Negro. Nas duas regiões, entretanto, os autores mencionam uma tendência ao desaparecimento desse tipo de segmento. No baixo Amazonas, a tendência geral teria sido reduzir os contornos [<sup>m</sup>b, <sup>n</sup>d, <sup>ɲ</sup>g] a nasais plenas:

O antigo Tupi usava a miúde as letras dobradas *nd* e *mb*, esta última quase sempre inicial. Não obstante serem as velhas formas preservadas aqui e ali, a tendência geral foi para usar *n* em vez de *nd*, e *m* em lugar de *mb*. (Hartt 1938[1872], 308 - 309)<sup>48</sup>

Para ilustrar a mudança, Hartt apresenta exemplos de formas registradas nos séculos anteriores em comparação com seus cognatos no século XIX. O autor explicita que os contornos de articulação coronal [<sup>n</sup>d] teriam sido categoricamente reduzidos a nasais: “nenhum caso, que eu saiba, houve queda do *n*, ficando o *d* sozinho”. Em (122), são reproduzidos exemplos do autor:

(122)  
 V\_\_V: <indê> → <iné> pronome de segunda pessoa do singular  
           <mendar> → <menar> casar

(Hartt 1938[1872])

Em relação aos contornos de articulação labial, Hartt indica que teriam se preservados mais frequentemente:

Assim, a velha forma *mbae*, ‘cousa’ é largamente usada, mas também é simplificada para *mae*; ouvi poucas vezes *bae*. *Mbóia*, é ‘cobra’, mas *móia* é a forma comum, ainda que *bóia* seja usada algumas vezes. A nossa *boa* (*Boa constrictor*) é derivada da mesma palavra (Hartt 1938[1872], 308 - 309)

<sup>48</sup> De acordo com Felix (2002), Hartt coletou seus dados nos rios Tapajós, Maecurú, Ereré, Trombetas, baixo Amazonas, e na serra de Tajurí, Mamiá e Paranaquára, e ainda na ilha de Marajó.

No alto rio Negro, os contornos parecem ter sido preservados por mais tempo, como sugere os dados de comparação dialetal Nheengatú dos rios Negro, Solimões e baixo Amazonas, registrados no século XIX:

**Quadro 7: Variação dialetal entre contorno e nasais plenas no século XIX**

Negro	Solimões	Baixo Amazonas	Tradução do autor
<mbeíú>	<meiú>	-----	beijú
<cambará>	<câmara> ~ <cammará>		casta de Lantana ( <i>Lantana brasiliensis</i> )
<caamundú>	<caamunú>	<camunnú>	caçado
<mundê>	<mune>	<munué>	recolhido

(Stradelli 1929)

A diferença dialetal entre o baixo rio Amazonas e o alto rio Negro é apontada também por Taylor (1985), baseado em dados do Nheengatú falado pelos Sateré-Mawé, recolhidos no início da década de 1970 por Ademir Ramos e em seu próprio trabalho de campo na região do Içana. O Quadro 8 reproduz dados de diferentes variedades de Nheengatú:

**Quadro 8: Variação dialetal entre contorno e nasais plenas no século XX**

	Negro	Baixo Amazonas	Glosa
Ë ___ V	/nã'Pi/ [nã.'bi]	<nami>	ouvido
	/u-sē'Tu/ [u.sē.'du]	<usenu>	3sg <sub>A</sub> -escutar

(Taylor 1985, análise adaptada)

A redução dos contornos a nasais plenas parece ser uma regra antiga do Sateré-Mawé<sup>49</sup>. Segundo Dietrich (1990, 19), o Sateré-Mawé não permite a realização de contornos [ᵐb, ᵐd, ᵐg], reduzindo os

<sup>49</sup> Ver *Introdução*, para relação entre Sateré-Mawé e as línguas Tupi-Guarani.

contornos a nasais plenas. A comparação entre palavras cognatas em Tupinambá e em Sateré-Mawé permite observar que nos contextos em que o Tupinambá realiza um contorno; o Sateré-Mawé realiza uma nasal plena.

No Nheengatú do alto rio Negro, os contornos reduziram-se a nasais em sílaba não acentuada. Em sílaba acentuada em início de palavra, os contornos se reduziram à oclusivas não soantes sonoras. Em meio de palavra, os contornos se reduziram a vogais nasais seguidos de oclusivas não especificadas para o traço [ $\pm$  voz], mas que seguem regras fonológicas sincrônicas (v. 2.1.1.2.3). A regra em (123) sumariza a mudança diacrônica, com exemplos em (124) e (125):

(123)

[<sup>m</sup>b, <sup>n</sup>d, <sup>ŋ</sup>g] > [m, n, ŋ] / \_\_\_\_ [V – acento]  
 [<sup>m</sup>b, <sup>n</sup>d, <sup>ŋ</sup>g] > [b, d, g] / \_\_\_\_ [V + acento]

(124) Sílaba não acentuada

Língua geral brasílica		Nheengatú	
/mae/	[ <sup>m</sup> ba.'ɛ]	>	/mã/ [mã.'ʔã] NG <sup>50</sup>
/marik-a/	[ <sup>m</sup> ba.'ri.ka]	>	/ma'rika/ [ma.'ri.ka] barriga
/meiu/	[ <sup>m</sup> be.'ju]	>	/me'iu/ [me.'ju] beijú

<sup>50</sup> Em Tupinambá, a palavra [mba.'ɛ] 'coisa' contrastava com [mã.ẽ] 'ver'. Em Nheengatú, o contraste desapareceu e ambas são pronunciadas como [mã.'ʔã] — o verbo sempre acompanhado de prefixo da série dinâmica, *u-maã* [u.ma.'ʔã] 'ele vê'. No século XIX, [mba.'ɛ] passou a ser interpretada como [ma.'ɛ], registrado por Hartt (1838) e Stradelli (1929). Entre o século XIX e o XXI, a nasalidade espalhou-se para a palavra inteira. No entanto, para nasalizar o /e/, [ɛ], os falantes teriam à disposição [ã] ou [ẽ]. Possivelmente, a forma [mã.'ʔã] teria sido privilegiada porque embora /ã/ e /ẽ/ sejam ambos os fonemas em Nheengatú, a forma [ã] é mais frequente.

(125) Sílabas acentuadas

Língua geral brasílica		Nheengatú		
/moi-a/	[ <sup>m</sup> bɔ.ja]	>	/buia/	[ <sup>m</sup> 'bu.ja] cobra
/u-senu/	[u.sẽ.' <sup>n</sup> du]	>	/u-sẽ'Tu/	[u.sẽ.'du] 3sg <sub>A</sub> -escutar
/nãmi/	[nã. <sup>m</sup> 'bi]	>	/nã'Pi/	[nã.'bi] ouvido

A regra em (123) permite ainda esclarecer a origem da distinção entre os pronomes pessoais livres *yande* ‘primeira plural’ e *inde* ‘segunda plural’, e os índices de pessoa da série estativa *yane-* ‘1pl<sub>E</sub>’ e *ne-* ‘2sg<sub>E</sub>’. Em fases anteriores do desenvolvimento da língua, as formas <jande> ~ <jane> e <nde> ~ <ne> variavam livremente, como se pode observar comparando registros dos séculos XVI, XVIII e XIX:

(126) Tupinambá

<jandé jasó>	<jandé mbaé>
jandé ja-só	jandé mbaé
1PL 1pl <sub>A</sub> -ir	1PL coisa
‘Nós vamos’	‘nossas coisas’

(Anchieta 1990[1595], 12)

(127) Século XVIII

Em lugar dos possessivos meus, teus, suus, noster, voster, uzamos de xe ou ce, meu; **ne** ou **nde**, teu; **i**, ou **o** seu ou sua; **jandé** ou **jane**, nosso ou nossa... (Anônimo *apud* Lima (2008, 89))

(128) Século XIX

Nominativo yane ou yande  
 Genitivo yane ou yande  
 (Hartt 1938[1872])

No Nheengatú falado atualmente no alto rio Negro, os pronomes livres ocorrem como *yande* /iã'Te/ [jã.'dɛ] ‘primeira pessoa plural’ e *inde* /i'Te/ [ĩ.'dɛ] ‘segunda pessoa singular’, distinguindo-se

respectivamente dos índices de pessoa estativa, *yane-* /iane-/ [jã.ne] ‘primeira pessoa plural da série estativa’ e *ne-* /ne-/ [ne] ‘segunda pessoa singular da série estativa’. Como os pronomes constituem formas independentes, o contorno ocorria em posição de acento, permitindo a manutenção das oclusivas sonoras, pelo menos em representação superficial. Os índices de pessoa, por sua vez, são formas presas, não acentuadas e, portanto, condicionam a redução do contorno a nasal plena. O Quadro 9 representa a emergência da oposição entre as formas de pronome pessoal livre e os índices de pessoa, em que a regra em (123) teve papel relevante:

**Quadro 9: Emergência da oposição entre as formas de pronome pessoal livre e os índices de pessoa**

	<b>Pronome</b>	<b>Índice de pessoa estativo</b>
Regra	[ <sup>m</sup> b, <sup>n</sup> d, <sup>ŋ</sup> g] > [b, d, g] / ___ [V+acento]	[ <sup>m</sup> b, <sup>n</sup> d, <sup>ŋ</sup> g] > [m, n, ɲ] / ___ [V-acento]
	<nhandê> ~ <yandé> ~ <yane> /iane/ [ɲa. <sup>n</sup> dɛ] pronome livre de primeira plural inclusiva e índice pessoal estativo	
Nheengatú	/iã <sup>n</sup> Te/ [ɲã. <sup>n</sup> dɛ] pronome primeira pessoa plural	/iane-/ [ɲã.ne-] índice de primeira pessoa plural da série estativa
Exemplo	/iã <sup>n</sup> Te      ia-uai/ [ɲã. <sup>n</sup> dɛ      ja. <sup>n</sup> waj] 1PL            1pl <sub>A</sub> -cair	/iane-ga.ra.pa/ [ja.ne.ga.ra. <sup>n</sup> pa] 1pl <sub>E</sub> -porto
Nheengatú	/ĩ <sup>n</sup> Te/ [ĩ. <sup>n</sup> dɛ] pronome livre de segunda pessoa singular	/ne-/ [ne-] índice de segunda pessoa singular da série estativa
	/ĩ <sup>n</sup> Te      re-uai/ [ĩ. <sup>n</sup> dɛ      re. <sup>n</sup> waj] 2SG            2sg <sub>A</sub> -cair	/ne-mena/ [ne. <sup>n</sup> me.na] 2sg <sub>E</sub> -marido

A reinterpretação dos contornos forneceu o material fonológico para fonologização de /b, d/. A emergência de /g/ está

relacionada a um processo de epêntese, como indicaremos na próxima seção.

### 3.1.2.2 Epêntese de fricativa dorsal

Nos primeiros estágios de desenvolvimento da língua geral, uma fricativa dorsal sonora [ɣ] passou a ocorrer como epêntese para facilitar a pronúncia da vogal dorsal /i/ antes de outra vogal oral. Em contexto nasal, a consoante epentética era [ɲ]. O processo foi induzido pelo aumento de falantes não nativos. Os dados em (129) ilustram a epêntese.

(129) Primeiros estágios de língua geral brasílica<sup>51</sup>

<b>LGB</b>	<b>Nheengatú</b>		
<apyâba> (N)	/apɨ'aba/	[a.'pi'ɣa.βa]	homem
<ygara> (N)	/i'ara/	[i.'ɣa.ra]	canoa
<yasaba> (N)	/ia'saba/	[i.ɣa.'sa.βa]	talha de fazer cauim
*aʔy (S)	/saɲna/	[sa.'i.ɲa]	semente (PTG) > vagina (Nh)

Fonte: N, Navarro (1998, XIX) e S, dados de Proto-Tupi-Guarani de Scheleicher (1998)

A fricativa dorsal sonora [ɣ] passou por um processo de fortificação: LGB, /g/ [ɣ] > Nheengatú, /g/ [g]<sup>52</sup>.

Oriundo de processos fonológicos que ocorrem em meio de palavra, poderíamos esperar que o fonema /g/ não ocorresse em posição de início de palavra. No entanto, [g] também ocorre em início de palavra, devido a processos de queda silábica. Na seção 2.4.1.1, observamos que sílabas sem ataque são conservadas quando ocorrem no pé métrico acentuado e apagadas quando não acentuadas. A queda

<sup>51</sup> Regra e exemplos por Navarro (1998, XIX), com base em regras fonológicas, descritas por Aryon Rodrigues em documento inédito. Representações fonológicas e fonéticas seguem a proposta deste trabalho.

<sup>52</sup> O processo de fortificação da fricativa dorsal [ɣ] > [g] ocorreu também em palavras que o Português Brasileiro recebeu como empréstimo de variedades de língua geral faladas no país. Exemplos são Tb, \*i-wasu > PB, *Iguaçu*; Tb /iara upe/ > PB, *igarapé*; PTG, \*i-upa >> PB *igupá* (brejo formado por águas fluviiais).



da vogal /i/ condicionada pelo ritmo, permitiu a emergência de palavras com /g/ em posição inicial. Em (130a), apresentamos palavras iniciadas com /g/ que tem origem etimológica como palavras iniciadas pela vogal /i/ do Tupinambá. Em (130b), apresentamos palavras em que a vogal inicial foi mantida

(130)

(a)			
Tupinambá	/i-iarape/	/iapenu/	/i-iarapam-a/
LGB	[i.ɾa.ra.'pɛ]	[i.ɾa.pe.'nu]	[i.ɾa.ra.'pa.βa]
Nheengatú	/gara'pe/	/gape'nu/	/igara'paua/
Sibalficação	ga. ra.pe	ga.pe.nu	ga. ra.pa.wa
Padrão iâmbico	( • x)	( • x)	( • x)
Acento	( x)	( x)	( x)
Realização fonética	[ga.ra.'pɛ]	[ga.pe.'nu]	[ga.ra.'pa] ~ [ga.ra.'pa.wa]
Glosa	'igarapé'	'onda'	'porto'

(b)	
Tupinambá	/i-iar-a/
LGB	[i.ɾa.ra]
Nheengatú	/i'gara/
Sibalficação	i. ga. ra
Padrão iâmbico	( • x)
Acento	( • x)
Realização fonética	[i.'ga.ra]
Glosa	'canoa'

### 3.1.2.3 *Empréstimos*

Em uma situação de contato linguístico intenso, muitas vezes é difícil separar termos utilizados como empréstimos — ou seja, incorporados à língua alvo — de instâncias de *code-switching*, em que falantes multilíngues usam mais de um sistema linguístico em uma mesma interação discursiva. Fazendo uma associação com o pensamento saussuriano, podemos dizer que os empréstimos são

fenômenos de *langue*, enquanto o *code-switching* é um fenômeno de *parole*.

Por serem mais estáveis, acredita-se que os empréstimos tendem a ter um papel mais relevante na mudança do sistema. Seguindo a proposta metodológica de Payne (1997) para identificação de empréstimos, todos os exemplos fornecidos nesta seção são compreendidos e produzidos por falantes monolíngues de Nheengatú.

O Nheengatú tem recebido empréstimos do Português, das línguas Arawak do norte e recentemente do Espanhol. Como sabemos, as duas línguas de *superstratum* têm séries de oclusivas sonoras. Em (131), apresentamos alguns empréstimos do Português e do Espanhol, em que ocorrem as oclusivas sonoras<sup>53</sup>.

(131)

[bõn.gu]	canoa grande feita de um só pedaço de madeira, do Espanhol da Colômbia <i>bongo</i> , um tipo de canoa usado por povos indígenas.
[ba.'ra.tu]	ser barato, do Português <i>barato</i>
['bã.n.du]	grupo, do Português <i>bando</i>
[me.rẽn.'daj]	almoçar, do Português coloquial <i>merendar</i> (alimentar-se em horário de merenda)
[a.'gõ.ra]	conjunção de ressalva, do Português <i>agora</i> , em função de conjunção
['da.vi]	Davi, nome próprio.
[ga.'naj]	mentir, do Português <i>enganar</i>
[gus.'taj]	gostar, do Português <i>gostar</i>

De acordo com Aikhenvald (1999), as línguas Arawak do norte também opõem oclusivas sonoras, oclusivas surdas e nasais plenas, de modo que as três séries podem ser reconstruídas para o Proto-Arawak. Entretanto, a ocorrência de sonoros não-soantes é bastante restrita. Em Warekena, por exemplo, /b, d/ são claramente fonemas, mas são usados em poucas palavras; /g/ é muito raro

<sup>53</sup> Ver 3.5, para outros empréstimos.

(Aikhenvald 1999), mas é considerado como fonema por Ramirez (2001, 502). Em Baniwa, a análise de Taylor (1991) aponta o estatuto fonológico de /b, d/ e a existência, pelo menos no nível fonético, de uma oclusiva dorsal sonora [g].

Os fonemas /b, d/ ocorrem frequentemente em palavras reconhecidas como provenientes do *substratum* Arawak, usadas tanto no Português regional quanto no Nheengatú, como ilustrado em (132):

(132)

/dabuku'ri/	[da.bu.ku.'ri]	dabucuri
/kura'da/	[ku.ra.'da]	beijú de tapioca
/kari'be/	[ka.ri.'bɛ]	água ou suco misturado com beijú
/ʃi'be/	[ʃi.'bɛ]	água ou suco misturado com farinha
/ba're/	[ba.'ɾɛ]	Baré (grupo étnico ou língua)
/ba'niua/	[ba.'ni.wa]	Baniwa (grupo étnico ou língua)

Inferimos a origem Arawak das palavras em (132) pelo conteúdo semântico. São termos para tradições dos grupos Arawak: cerimônias, culinária desses povos e os próprios termos para o nome dos povos<sup>54</sup>. Em (133), apresentamos exemplos de termos com /b, d, g/, cuja etimologia é incerta:

(133)

/'bũua/	['bũ.wa]	ser enorme
/'uba/	['u.ba]	canoa (feita de um só pedaço de madeira)
/da'xu/	[da.'xu]	cara, termo usado por adolescentes e considerado gíria.

Em um primeiro momento de contato, palavras de *substratum* Arawak iniciadas com oclusivas sonoras eram realizadas pelos falantes de Nheengatú como contornos, como ilustram os exemplos da variedade falada no final do século XIX. Devido à especificidade do

<sup>54</sup> É possível que esses termos tenham origem em outras línguas da região, uma vez que são termos usados também na área do Rio Vaupés.

conteúdo semântico desses termos, ao invés de glosas simples reproduzimos parcialmente os verbetes de Stradelli (1929).

(134) Nheengatú do século XIX

<ndari-ndari> ~ <daridari>	cigarra
<ndaurú> ~ <dabarú>	velho instrumento de supplicio indígena, formado por dous fortes esteios fincados no chão, unidos por uma forte travessa á altura de quatro a cinco metros. À travessa estava suspenso por uma corda um grosso bloco de pedra, prompto a despencar sobre o paciente, logo que fosse cortada a corda. A morte era produzida por esmagamento [Atualmente, o termo dabarú refere-se a um bairro da zona urbana de São Gabriel da Cachoeira]
<nduiaméne>~ <duiaméne>	a valla com que algumas tribus do Rio Negro costumavam circumdar a caiçara, com que defendiam o acesso a caiçara

(Stradelli 1929, 573 - 574; mantida a grafia do original)

Stradelli, que teve acesso ao Nheengatú falado no Rio Negro e no Rio Solimões, garante que essas palavras são exclusivas da variedade do Negro e sugere que sejam empréstimos do Baré ou do Baniwa.

### 3.2 *Desenvolvimento diacrônico de oposições entre os fonemas vocálicos*

O Tupinambá fazia uso de um sistema de seis vogais orais com suas contrapartes nasais (Rodrigues 1958b). Por um longo período, este sistema parece ter sido estável, permitindo a reconstrução das seis vogais tanto para o Proto-Tupi-Guarani quanto para o Proto-Tupi (Rodrigues 2005). O Quadro 10 apresenta o sistema fonológico do Tupinambá.

**Quadro 10: Sistema de Vogais do Tupinambá**

CORONAL		DORSAL			
		- arredondado	+ arredondado		
i	ĩ	í	ĩ	+alto -baixo	
e	ẽ		o	õ	-alto -baixo
		a	ã	-alto +baixo	

A análise proposta neste trabalho difere da interpretação tradicional dos sistemas das línguas Tupi-Gurani. Segundo Rodrigues (1958b), a vogal /i/ caracterizava-se pelo traço [CENTRAL]. Em nossa análise o /i/ do Tupinambá é caracterizado como [DORSAL] [-arredondado]. As justificativas para essa análise provém de processo fonológico identificado anteriormente no Tupinambá. Para evitar ditongos formados pela sequência iV, o Tupinambá engatilhava a epêntese da fricativa dorsal [ɣ] (v. 3.1.2.2). Além disso, o [i] era descrito no século XVI como ‘gutural’, o que sugere uma articulação envolvendo o dorso da língua.

Como vimos em 2.2, o sistema vocálico do Nheengatú falado no alto do rio Negro constitui-se de apenas quatro vogais orais, com suas contrapartes nasais. O Quadro 2, reproduzido em Quadro 11 abaixo, apresenta o inventário de vogais do Nheengatú:

**Quadro 11: Sistema de Vogais do Nheengatú**

CORONAL		DORSAL			
i	ĩ		u	ũ	+alto -baixo
e	ẽ				-alto -baixo
		a	ã		-alto +baixo

Na continuidade desta seção, as mudanças fonológicas que resultaram na perda do /i/ e do /o/ serão detalhadamente descritas.

### 3.2.1 *A perda da distinção entre não-arredondado e arredondado entre as vogais altas*

Entre o Tupinambá do século XVI e o Nheengatú falado atualmente no alto rio Negro, a distinção entre /i/ e /i/ foi perdida. A perda da vogal dorsal não labial /i/ tanto no nível fonológico quanto no nível fonético é uma característica — talvez singular — do Nheengatú falado no rio Negro. Segundo Stradelli (1929), em outros dialetos do Nheengatú, por exemplo, aqueles que eram falados no baixo Amazonas e no Solimões, /i/ ocorria, mas no rio Negro a oposição /i/ e /i/ estava sendo neutralizada. Hartt (1938[1872]) registrou /i/ no dialeto do baixo Amazonas em viagem realizada em 1870. Taylor (1985), baseado em dados colhidos por Ademir Ramos no início da década de 1970, confirma que /i/ ocorre no Nheengatú falado por Sateré-Mawé no baixo Amazonas.

O Quadro 12 ilustra a distribuição do fonema /i/ no Tupinambá, com as formas cognatas no Proto-Tupi-Guarani e no Nheengatú. Os dados de Proto-Tupi-Guarani e de Tupinambá provém de Schleicher (1998, 328-353), exceto quando outra fonte é indicada. As fontes dos dados são indicadas abaixo do quadro e a forma de grafar os dados corresponde a dos autores.

**Quadro 12: Distribuição do fonema /i/ no Tupinambá, com as formas cognatas no Proto-Tupi-Guarani e no Nheengatú**

Proto Tupi-Guarani	Tupinambá	Nheengatú
*čikiyé	sikiyé (2)	/siki'e/ [si.ki.'je] ter medo
-----	<apyaba> (1)	/api'ga/ [a.pi.'ga] homem
*yači	<yasi> (2)	/ia'si/ [ja.'si] lua
*wira	<guyrá> (1)	/ui'ra/ [wi.'ra] pássaro
*iβi	iβi (2)	/i'ui/ [i.'wi] terra
*i	i, <ig>	/i/ [i.'ʔi] água
*ipitún	[pi'tunə] ~ [pu'tunə] (3)	/pi'tuna/ [pi.'tu.na] noite
*iar (2)	<igara> (1)	/i'gara/, [i. ga.ra] canoa

Fontes: (1) Anônimo-códice 69 (c. 1750)<sup>55</sup>; (2) Schleicher (1998); (3) Rodrigues (1958b)

No Nheengatú falado no século XIX, segundo Stradelli (1929) a distinção entre /i/ e /i/ ainda ocorria, pelo menos em posição de sílaba acentuada. Em (135), a primeira coluna representa a grafia de Stradelli (1929); a segunda apresenta nossa interpretação fonética baseada nas indicações do autor; a terceira coluna indica a glosa e por fim, a quarta coluna indica o número das páginas na obra do autor.

(135)

(a) Sílabas não-acentuadas

<py>	[ 'pi]	pé	(pp. 283, 625)
<poty>	[po. 'ti]	camarão	(pp. 138, 216)
<puracy>	[pu.ra. 'si]	dançar	(pp. 165, 620)

(b) Sílabas acentuadas

<pytuna>	[pi. 'tu.na]	anoitecer	(pp. 256) (Stradelli 1929)
----------	--------------	-----------	-------------------------------

<sup>55</sup> No dicionário do século XVIII, o fone [i] era representado pelo grafema <y>.

No entanto, Stradelli (1929) indica que “no Rio Negro predomina o som *i*”. A tendência observada por Stradelli (1929) de desaparecimento do [i] no rio Negro, consolidou-se de modo que hoje no Nheengatú falado por Baré, Baniwa e Warekena, não há mais nenhum resíduo do [i]. Trata-se de uma característica típica do Nheengatú do rio Negro, uma vez que outras variedades — a falada pelos Sateré-Mawé, por exemplo — mantém a distinção.

Na seção 3.1.2, observamos que no Tupinambá atuava uma regra de epêntese de [ɣ], criando [iɣV]. Talvez por influência do contato com o Português e com as línguas Arawak — línguas que não possuem fricativa dorsal sonora —, esse segmento passou por um processo de fortificação, do qual emergiu /g/ [g]. Posteriormente, no Nheengatú do rio Negro, a distinção de ponto de articulação entre as vogais altas não arredondas dorsal /i/ e coronal /i/ foi neutralizada, como expressa a regra em (136) com exemplos em (137), em que comparamos a representação fonética de dados do Tupinambá (Rodrigues 1958b) com dados do Nheengatú falado atualmente no Alto rio Negro:

(136)  
Tb, /i/ [i] → Nh, /i/ [i]

(137)

<b>Tupinambá</b>		<b>Nheengatú</b>	
[kise]	>>	/ki'se/	[ki.'sɛ]      faca
[u.i]	>>	/u'i/	[u.'ʔi]      farinha
[pituna]	>>	/pi'tuna/	[pi.'tu.na]      noite
[mosapiri]	>>	/musa'piri/	[mu.sa.'pi] ~ [mu.sa.'pi.ri]      três
[iwa]	>>	/i'ua/	[i.'wa]      fruta
[iwi]	>>	/i'ui/	[i.'wi]      terra



3.2.1.1 *A neutralização das vogais dorsais alta e média /o/ > /u/*

A distinção entre os fonemas /o/ e /u/ foi registrada em documentos sobre variedades da língua faladas nos séculos XVI, XVII e XVIII. Entre os séculos XVIII e XIX, ocorreu uma mudança fonológica regular /o/ → [u] em sílaba não acentuada. Em (138), comparamos dados do século XVIII com dados do século XIX:

(138)

Posição	Séc. XVIII	Séc. XIX	Glosa
/o/ > [u] /	<mondá>	<mundá>	roubar
	<mondú>	<mundú> ~ <munnú>	mandar
/o/ > [ɔ] / [+acento]	<apecón>	<apecô> <ipecô>	língua
	<bóya>	<pecoin>	
	<mboia>	<mboia>	cobra

Fontes: Século XVIII (Anônimo\_Códice\_69 c. 1750); Século XIX (Stradelli 1929)

No século XIX, Stradelli (1929) observa que a vogal [ɔ] restringia-se à posição de acento, como ilustrado nos dados mencionados pelo autor em (139):

(139) Sílaba acentuada

<caipóra>	desditado (i.e., infeliz)
<tauató>	casta de gavião
<posó>	andães

Entretanto, Stradelli (1929) registra casos de variação entre [o] e [u] tanto em sílaba acentuada quanto em sílaba não-acentuada, como ilustrado em (140):

(140)

<ô-icô>	~	<u-icú>	3sg <sub>A</sub> -estar
<ô-recô>	~	<u-recú>	3sg <sub>A</sub> -ter
<coarasy>	~	<cuaracy>	sol

(Stradelli 1929, 12-13)

No Nheengatú falado no alto do rio Negro, a pronúncia [u] espalhou-se da posição não acentuada para todas as posições. Como resultado, o Nheengatú falado por Baré, Baniwa e Warekena não tem mais vogal dorsal média. A mudança fonológica pode ser descrita como um processo regular /O/ → /u/ [u] em todos os contextos. O fone [ɔ] ocorre apenas na pronúncia de alguns falantes principalmente na zona urbana da cidade de São Gabriel da Cachoeira, por exemplo, /a-kua/ 1sg<sub>A</sub>-saber 'sei', ocorre como [a.'kɔ] na zona urbana, mas como [a.'k<sup>w</sup>a] nas demais variedades do Alto rio Negro. Assim, podemos concluir que o fone [ɔ] é apenas secundário, criado como resultado de uma fusão entre [w] e [a] > [ɔ].

Em (135), reproduzimos dados analisados por Rodrigues (1958b) para o Tupinambá, em comparação com dados do Nheengatú:

(141)

<b>Tupinambá</b>		<b>Nheengatú</b>		
a-so	>>	/a-'su/	[a.'su]	1sg <sub>A</sub> -ir
ojepe	>>	/ie'pe/	[je.'pɛ]	um
oka	>>	/'uka/	['u.ka]	casa
mokõĩ	>>	/mu'kũĩ/	[mu.'kuĩ]	dois
o-potar	>>	/u-pu'tari/	[u.pu.'taj]	3sg <sub>A</sub> -querer
mosapiri	>>	/musa'piri/	[mu.sa.'pi]	três
			[mu.sa.'pi.ri]	

### 3.3 *Convergência entre os sistemas fonológicos do Nheengatú e das línguas de substratum do grupo Arawak do Norte*

A investigação dos dicionários permite descrever os processos de mudança linguística, mas não indica as suas causas. Por que o Nheengatú falado no alto rio Negro desenvolveu um sistema de quatro vogais orais, enquanto o Nheengatú falado pelos Sateré-Mawé ainda mantém seis vogais orais, incluindo a vogal alta dorsal, não-arredondado /i/? Por que os contornos da variedade do rio Negro deram origem a oclusivas sonoras, enquanto no Nheengatú do baixo Amazonas, eles foram reduzidos a nasais plenas? A análise das línguas de *substratum* aponta para um entendimento da diferença.

Como vimos na *Introdução*, o Nheengatú está em contato com línguas da família Arawak do norte, mais especificamente o Baré, o Warekena e o Baniwa — processo que levou à completa substituição do Baré pelo Nheengatú no rio Negro e tem levado ao desaparecimento do Warekena no rio Xié e do Baniwa no baixo Içana. No baixo Amazonas, o Nheengatú entrou em contato com línguas Tupi, entre elas o Sateré-Mawé (família Mawé–Awetí–Tupi-Guarani). O fato do Nheengatú do rio Negro ter como *substratum* línguas Arawak, enquanto o Nheengatú do baixo Amazonas conviveu com línguas Tupi, teve consequências na forma como as duas variedades se desenvolveram.

Em relação ao sistema de vogais, observa-se que as línguas Arawak do norte possuem quatro vogais orais— /i, e, a, u/<sup>56</sup> (cf. Aikhenvald (1995) e Ramirez (2001, 477)<sup>57</sup> para o Baré; Ramirez (2001, 502) e Aikhenvald (1998) para o Warekena; e Ramirez (2001, 43) e Taylor (1991) para o Baniwa). As vogais encontradas nas línguas Arawak do norte são as mesmas encontradas no Nheengatú,

---

<sup>56</sup> Proto-Arawak e Warekena também tinham contrapartes longas, /a:, e:, i:, u:/. Aikhenvald (1998) aponta, entretanto, que as vogais longas estariam desaparecendo como consequência do contato com o Nheengatú.

<sup>57</sup> Ramirez interpreta /o/ como fonema, cuja variação alofônica seria [o] ~ [u]. O importante para este trabalho é a ausência de contraste fonológico.

exceto pelas vogais longas das línguas Arawak. O Nheengatú falado pelos Sateré-Mawé, por sua vez, ainda mantém a oposição entre seis vogais orais, ou seja, as vogais /i/ e /o/ existem fonologicamente.

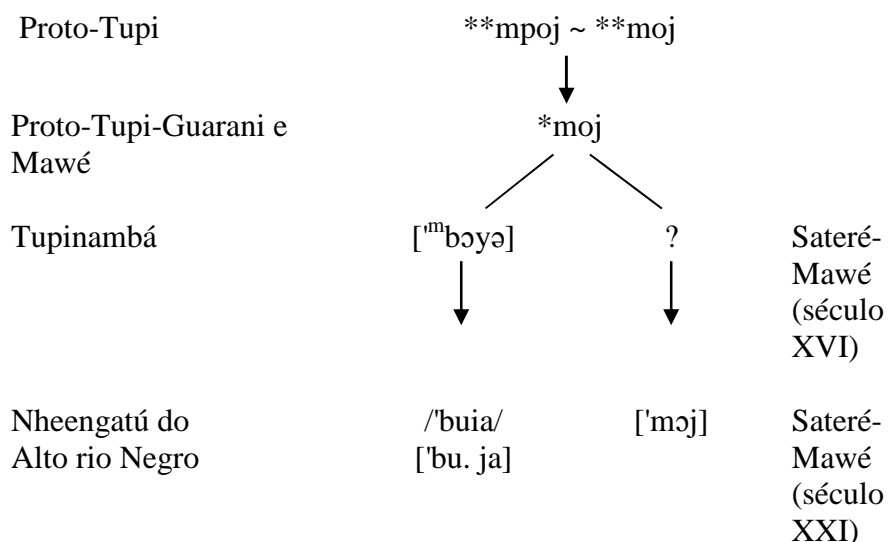
Em relação ao sistema consonantal, podemos observar que o Nheengatú falado no alto rio Negro criou uma tripla oposição entre nasais plenas, oclusivas sonoras e oclusivas surdas. Observamos no decorrer deste capítulo que as oclusivas sonoras surgiram na língua não apenas a partir de empréstimos. A oclusiva /g/ surgiu em todas as posições por conta de processos de epêntese: Tb /iɑr-a/ > LGB [i.'va.ra] > Nh /i'gara/ [i.'ga.ra] ‘canoa’ (v. 3.1.2.2). As oclusivas /b, d/ ocorrem como redução de contornos [ᵐb, ᵐd] em sílaba acentuada em início de palavra. Em meio de palavra, os contornos se reduziram a sequências de nasais em coda — reduzidas a vogais nasais — e oclusivas sonoras ainda previsíveis: CVN.C<sub>[+voz]</sub>V > Cᵐ.V.C<sub>[+voz]</sub>V (v. 2.1.1.2.3). Em (142), reproduzimos exemplo apresentado anteriormente para facilitar a leitura:

(142)

Língua geral brasílica		Nheengatú		
<nheenga>	[jẽ.ẽᵐga]	>	/jẽ'ʔẽKa/	[jẽ'ʔẽga]    língua
<usendu>	[u.sẽ.ᵐdu]	>	/u-sẽ'Tu/	[u.sẽ.'du]    3sg <sub>A</sub> -escutar
<nambi>	[nã.ᵐbi]	>	/nã'Pi/	[nã.'bi]    ouvido

No Nheengatú falado pelos Sateré-Mawé, entretanto, os contornos reduziram-se às suas contrapartes nasais, independentemente de estarem em posição inicial ou intervocálica. O Nheengatú falado no alto rio Negro e Nheengatú falado pelos Sateré-Mawé no baixo Amazonas lidaram com os contornos de forma diferenciada, de modo que cognatos comparados permitem identificar as duas variedades. Em (143), exemplificamos o desenvolvimento da palavra ‘cobra’, em seu desenvolvimento no Tupinambá, no Sateré-Mawé e no Nheengatú do rio Negro:

(143)



Tendo em vista o fato de que o Nheengatú do alto rio Negro apresenta características como quatro vogais orais e uma série de oclusivas sonoras e que essas características não ocorrem em outras variedades da língua, podemos traçar algumas considerações sobre o desenvolvimento do Nheengatú.

Sob influência de línguas de *substratum* Tupi, o Nheengatú falado pelos Sateré-Mawé manteve os traços fonológicos próprios das línguas da família: o inventário de seis vogais orais e a dupla oposição nasal *versus* oclusiva surda, sem possibilidade de realização de uma série de oclusivas sonoras. No caso dos contornos, o Nheengatú falado pelos Sateré-Mawé reduziu os contornos a nasais plenas, exatamente a mesma operação que teria sido feita no Sateré-Mawé em relação aos contornos do estágio de língua intermediário entre o Proto-Tupi-Guarani e o Proto-Tupi, chamado de Mawé-Aweti—Tupi-Guarani.

No alto rio Negro, entretanto, não havia línguas Tupi. Nessa região, o Nheengatú foi adotado por falantes de línguas Arawak do norte. A situação de bilinguismo Nheengatú e línguas Arawak do

norte parece ter facilitado a convergência entre os inventários fonológicos dessas línguas. O Nheengatú do rio Negro restringiu as seis vogais do Tupinambá (e das variedades intermediárias) às quatro utilizadas pelas línguas Arawak do norte.

Quanto às consoantes, o Nheengatú do rio Negro e as línguas Arawak do norte apresentam em seus inventários consonantais uma tripla oposição entre oclusivas surdas /p, t, k/, sonoras /b, d, g/ e nasais /m, n, ɲ/. O Nheengatú do baixo Amazonas, por sua vez, tem um inventário fonológico tipicamente Tupi, em que a oposição no inventário consonantal é apenas entre oclusivas /p, t, k/ e nasais /m, n/ e possivelmente /ɲ/ ou /ŋ/<sup>58</sup>.

### 3.4 *Emergência de palavras com acento pré-final*

Grenand e Ferreira (1989, XVII) sugerem que o padrão acentual do Nheengatú recebeu bastante influência do Português — língua em que, embora o padrão acentual possa ser considerado lexical, devido ao grande número de exceções do sistema, a maior parte dos não-verbos segue o padrão troqueu moraico (Wetzels 1977). Os autores referem-se ao fato do padrão acentual reconhecido nas línguas Tupi-Guarani, incluindo o Tupinambá, ser iâmbico e largamente previsível, enquanto o Nheengatú desenvolveu um acento lexical.

Também consideramos o Nheengatú uma língua de padrão acentual lexical, mas com forte tendência ao reestabelecimento do padrão iâmbico, uma vez que há processos fonológicos sincrônicos para reduzir as sílabas finais não acentuadas (v. 2.6.1). Nesta seção observaremos que a emergência de palavras com acento 'CV.CV resulta não apenas de contato com o Português, mas também — e, talvez, principalmente — de deriva interna, ou seja, de mudanças morfofonológicas da língua, como sugere Taylor (1985):

---

<sup>58</sup> Não temos dados do Nheengatú falado pelos Sateré-Mawé para verificar a pronúncia da nasal.

No Nheengatú, o acréscimo constante de uma vogal às terminações consonânticas da língua geral descrita pelos jesuítas modificou o sistema acentual que caracteriza a maior parte das línguas da família Tupi-Guarani das quais possuímos testemunhos.

Como amplamente discutido na literatura sobre línguas Tupi-Guarani, essas línguas possuiriam um sufixo *-a* ‘referenciante’ que, ao ser associado a bases lexicais, indicaria que as mesmas são capazes de referir (Queixalós 2006)<sup>59</sup>. No Tupinambá, por exemplo, os itens lexicais <pinim> /pinim/ [pi.'nim] ‘colorido’ e <suríβ> /surib/ [su.'riβ] ‘alegria’ tinham acento previsível em posição final. O sufixo *-a*, átono, ao se afixar aos termos criava <pinima> /pinim-a/ [pi.'ni.ma] ‘colorido’ e <suríβa> /surib-a/ [su.'ri.βa] ‘alegria’<sup>60</sup>. Ou seja, embora o acento do Tupinambá fosse previsível em posição final, naquela língua já era possível o acento pré-final, condicionada pela morfologia.

Em Nheengatú, o *-a* ‘referenciante’ perdeu o valor morfológico. Além disso, a língua passou a restringir a possibilidade das consoantes para aparecer na coda mesmo em posição final de palavra. Para resolver essa coda, duas estratégias foram empregadas. A primeira era utilizar o vestígio fonológico do sufixo *-a* como vogal epentética. É o caso de /pinim-a/ [pi.'ni.ma] ‘colorido’, que passou para o Nheengatú como /pi'nima/ [pi.'ni.ma] ‘ser colorido’. A segunda estratégia era a queda da consoante final <suríβ> /surib/ [su.'riβ] ‘alegria’, que passou ao Nheengatú como /su'ri/ [su.'ri] ‘ser alegre’.

Não é possível estabelecer uma regra que explique exatamente os contextos fonológicos em que se privilegiaram apagamentos, em oposição aqueles em que houve epêntese da vogal *-a*. Isso porque *-a*

---

<sup>59</sup> Esse sufixo foi chamado na literatura de ‘onomastic case’ (Adelaar 1997), ‘nominal case’ (Jensen 1999), ‘caso nuclear’ (Seki 2000); ‘caso argumentativo’ (Rodrigues 2001) e ‘referrer’ (Queixalós 2006). Para um histórico do morfema, cf. Cabral (2001). Em termos fonológicos, esse sufixo era caracterizado por um *-a* átono que podia ocorrer em bases lexicais nominais ou verbais.

<sup>60</sup> A diferença entre os dois termos seria que *pinim* não é capaz de referir; e *pinima* pode referir, por isso ocorre em função argumental (Queixalós 2006).

foi mantido como vogal epentética nos lexemas que mais correntemente ocorriam na forma LEXEMA-*a*. Como a vogal *-a* indicava que um item lexical é capaz de referir, manteve-se na maioria dos nomes, como ilustrado em (144):

(144)			
/se-ra'muja/	[se.ra.'mu.ja]		1sg <sub>E</sub> -avô
/'kuara/	['k <sup>w</sup> a.ra]		buraco
/pi'tuna/	[pi.'tu.na]		noite
/se-ra'tiua/	[se.ra.'ti.wa]		1sg <sub>E</sub> -sogro
/mi'tima/	[mi.'ti.ma]		plantação

Nomes de origem Tupi-Guarani com acento pré-final que não ocorrem com o vestígio do morfema *-a* 'referenciante' como vogal epentética são raros e podem ser explicados por outros processos. Em (145b), *kapuamu* 'ilha' tem origem em um composto de nome e verbo: *kaa* 'mato' e *puamu* 'estar em pé'. O verbo *puamu* 'estar em pé' segue a tendência encontrada na maioria dos verbos em (146).

(145)			
/kapuamu/	[ka.pu.'wã.mu] ~ [ka.pu.'ãũ]		ilha

Em bases verbais, a tendência é que a vogal epentética mantenha o ponto de articulação da consoante da base lexical. Em (146), a regra de epêntese é apresentada, com exemplos em (147):

(146)  
 CVC<sub>x</sub> > (C)V.CxV<sub>x</sub>  
 em que x representa o articulador ativo

(147)			
[LABIAL]			
/u-sa'semu/	[u.sa.'se.mu] ~ [u.sa.'sẽũ]		3sg <sub>A</sub> -gritar
/u-'semu/	[u.'se.mu] ~ [u.'sẽũ]		3sg <sub>A</sub> -sair
/u-pu'amu/	[u.pu.'wã.mu] ~ [u.pu.'ãũ]		3sg <sub>A</sub> -estar.em.pé



## [CORONAL]

/u-puri/	[u.'pu.ri] ~ [u.'puj]	3sg <sub>A</sub> -pular
/u-'uari/	[u.'ua.ri] ~ [u.'uaj]	3sg <sub>A</sub> -cair
/u-ku'piri/	[u.ku.'pi.ri] ~ [u.ku.'pi]	3sg <sub>A</sub> -roçar

## [DORSAL]

/u-pinai'tika/	[u.pi.naj.'ti.ka]	3sg <sub>A</sub> -pescar
/u-'iuka/	[u.'iu.ka]	3sg <sub>A</sub> -tirar
/pu'rãga/	[pu.'rã.ga]	ser bonito

Alguns verbos utilizam o vestígio do *a* ‘referenciante’ como vogal epentética, independentemente do ponto de articulação da consoante final. Esses verbos em geral pertencem à classe dos verbos estativos, mas não exclusivamente:

(148)

/pi'nima/	[pi.'ni.ma]	ser colorido
/u-piri'pana/	[u.pi.ri.'pã.na]	3sg <sub>A</sub> -comprar
/pu'fu'era/	[pu.'fu.'wε.ra]	ser feio

Além desses fatores internos, devemos levar em consideração a influência do Português. No século XX, houve um aumento significativo na quantidade de empréstimos da língua de *superstratum* (Moore, Facundes e Pires 1993), introduzindo no Nheengatú uma grande quantidade de palavras com acento pré-final, como veremos na próxima seção.

### 3.5 Fonologia não nativa: empréstimos do Português

Como vimos na *Introdução*, o contato do Nheengatú com a língua de *superstratum*, Português, ocorre desde o século XVI, quando o Tupinambá era a língua mais usada na costa do Brasil e, ainda falada por indígenas Tupinambá (Rodrigues 1996b). No entanto, os registros sobre fases anteriores do desenvolvimento da língua geral apontam um número consideravelmente pequeno de empréstimos (cf. Monserrat 2003a). Dessa primeira camada de empréstimos do

Português restaram em Nheengatú alguns itens lexicais nominais e verbais, listados no Quadro 13:

**Quadro 13: Exemplos de empréstimos do Português, registrados no século XVIII em uso no Nheengatú atual**

Português	Registro do século XVIII	Nheengatú
camisa /kamiza/ [ka.'mi.za]	<camixá> (1); (2)	/kamisa/ [ka.mi.'ja]
papel /papɛl/ [pa.'pɛl] <sup>61</sup>	<papéra> (2)	/paper-a/ [pa.'pe.ra]
barriga /baxiga/ [ba.'xi.ga]	<maríca> (2)	/marik-a/ [ <sup>m</sup> ba.'ri.ka] ~[ma.'ri.ka]
soldado /soldado/ [sol.'da.dɔ]	<sorára> (2)	/sorar-a/ [so.'ra.ra] <sup>62</sup>
cunhado /kujnado/ [ku.'ja.dɔ]	<conhára> (2)	/kojar-a/ [ku.'ja.ra]
enganar /enganaR/ [en.ga.'naR]	<enganáne> (2)	/ga'nari/ [ga'naj] ~ [ga'na.ri]

Fontes: (1) Monserrat (2003a), (2) (Anônimo\_Códice\_69 c. 1750)

Além desses empréstimos antigos, completamente adaptados à língua alvo, observa-se no Nheengatú atual o uso de muitos empréstimos novos:

<sup>61</sup> Na maioria das variedades do Português Brasileiro atual, “papel” é realizado como [pa.'pɛɔ]. No entanto, os dados do Nheengatú permitem reconstruir a pronúncia de /l/ em coda [pa.'pɛl] em Português do século XVIII. A pronúncia [pa.'pɛl] violava a restrição de \*CODA e possuía um segmento alheio /l/. Para lidar com esse termo, os falantes de Nheengatú transformaram /l/ em [r] — padrão comum de adaptação fonológica em Nheengatú. Por exemplo, *limão* /limão/ foi registrado como <rimáo>, possivelmente [ri.'mãɔ] ou talvez [ri.'mãɔ], e *cavalo* /kavalo/ como <cabarú> [ka.'ba.ru] (Anônimo\_Códice\_69 c. 1750). Se a pronúncia fosse [pa.'pɛɔ] como se faz atualmente, não haveria necessidade de adaptação, uma vez que o Nheengatú permite vogais em coda.

<sup>62</sup> Interpretamos o /a/ final dos nomes em língua geral brasílica como ainda vestígio do *-a* ‘referenciante’ do Tupinambá, dessa forma explica-se porque Português, *soldado* passa a *sorara* em língua geral do XVIII.

At least for bilingual speakers, recent Portuguese borrowings seem to follow the phonological patterns of Portuguese, with all the consonants and the seven vowels of that language

[Pelo menos para falantes bilíngues, empréstimos do Português recentes parecem seguir os padrões fonológicos do Português, com todas as consoantes e sete vogais desta língua (Moore, Facundes e Pires 1993, 97; tradução livre acrescentada)

Observando textos recolhidos de falantes monolíngues em Nheengatú (ou bilíngues Nheengatú e uma das línguas Arawak de *stratum*), podemos reafirmar a análise dos autores, enfatizando que, virtualmente, qualquer lexema do Português pode ser incorporado à estrutura do Nheengatú como empréstimo, mantendo segmentos, /z, ʎ, ʒ, g, l, v, f, x, o, ɔ/, e padrões silábicos, CCV, (C)VC, estranhos ao léxico nativo, como ilustrado no Quadro 14 abaixo. Os dados de empréstimos utilizados como exemplos foram retirados de falantes da comunidade de Anamoim no rio Xié, que tem pouco entendimento de Português:

**Quadro 14: Exemplos de empréstimos do Português para o Nheengatú, usados por falantes que não falam Português**

Problema		Língua-fonte (Português)	Língua-alvo (Nheengatú)
Segmentos não-nativos	/g/	<aguentar > /aguen'taR/	/u-aguentari/ [wa.guen.'ta.ri] 3sg <sub>A</sub> -aguentar
	/ʎ/, /o/	<melhorar> /me'ʎoraR/	/u-iu-meʎorai/ [u.ju.me.ʎo.'raj] 3sg <sub>A</sub> -REFL-melhorar
	/v/	<viver> /vi'veR/	/ia-vivei/ [ja.vi.'vej] 1pl <sub>A</sub> -viver
	/z/	<usar> /u'zaR/	/tau-uzai/ [taw.'zaj] 3pl <sub>A</sub> -usar
	/f/	<chefe> /'ʃefe/ ['ʃɛ.fi]	/tau-ʃɛfi/ [ta.'ʃɛ.fi] 3pl <sub>E</sub> -chefe

	/x/, /l/, /ɔ/, /ʒ/	<relógio> /xe'loʒio/ [xe.'lo.ʒiɔ]	/xe'loʒio/ [xe.'lo.ʒiɔ] relógio
Padrão silábico não-nativo	VC (*CODA)	<escapar> /eska'paR/ [es.ka.'paR]	/tau-iskapari/ [ta.is.ka.'paj] 3pl <sub>A</sub> -escapar
	CCV	<compreender> /kompreen'deR/ [kom.pre.en.'deR]	/iakompreendei/ [ja.kom.pre.en.'dej] 1pl <sub>A</sub> -compreender

Quanto ao padrão acentual, deve-se levar em consideração a classe de palavras a que pertence o empréstimo. Nos verbos dinâmicos<sup>63</sup> emprestados do Português, são mantidos os segmentos fonológicos alheios, porém há adaptação ao ritmo acentual do Nheengatú. A forma infinitiva do verbo em Português é marcada pelo morfema *-r* 'infinitivo' e tem acento final previsível. Como vimos na seção 2.6.1.2, os verbos do Português no infinitivo, violariam a restrição de \*CODA. Para não violar \*CODA, ocorre epêntese de uma vogal [i]. A estrutura formada *-CVri#* não tem acento final, porém para restabelecer o acento final, ocorre apagamento do [r] intervocálico, criando um ditongo.

No caso de nomes e adjetivos, preserva-se o acento do Português. Uma criança em processo de aquisição do Nheengatú deverá lidar ao mesmo tempo palavras como *istrela* /is'trela/ [is.'tre.la] 'estrela', que contém tipos silábicos e padrão acentual próprio do Português, e *yasi* /ia'si/ [ja.'si] 'lua', termo nativo<sup>64</sup>. Assim, em relação aos não-verbos, os falantes distinguem os padrões acentuais do Nheengatú e do Português.

A possibilidade de todos os falantes, bilíngues e monolíngues, realizarem segmentos, padrões silábicos e padrões rítmicos alheios ao

<sup>63</sup> Ver 7.3.1: verbos do Português são adaptados como verbos dinâmicos.

<sup>64</sup> Dados recolhidos durante aula de alfabetização em Nheengatú para crianças monolíngues (pré-escola, crianças com menos de cinco anos, comunidade de Anamoim). Agradeço a professora Sidinha Tomás pelo convite.

sistema do Nheengatú pode ser explicada como resultado da situação sociolinguística de alto grau de bilinguismo. Baseado em relatos dos falantes e observação pessoal, reconhecemos que a geração que nasceu a partir das décadas de 1960 e 1970 é totalmente bilíngue Nheengatú e Português, mesmo em regiões afastadas como Anamoim. Essa geração passou a usar com muita frequência palavras do Português. Como bilíngues, tinham pleno acesso aos dois sistemas fonológicos e, portanto, não adaptavam os fonemas, padrões silábicos e padrões rítmicos do Português ao Nheengatú. Eles simplesmente sabiam a pronúncia das duas línguas.

As gerações mais velhas, embora não fossem falantes de Português, tiveram algum grau de contato com essa língua desde a infância e, por isso, conheciam a pronúncia da língua dominante. Na interação com os falantes mais jovens, eram capazes de interpretar os empréstimos e, aos poucos, passaram a reproduzi-los em seu próprio discurso.

As crianças que nascem em comunidades como Anamoim aprendem primeiramente o Nheengatú e só na escola (aos seis ou sete anos) passam a falar também Português. Durante o processo de aquisição do Nheengatú, essas crianças têm de lidar com as palavras emprestadas do PB pelos adolescentes e mais velhos como *estrela* [is.'tre.la]. Para essas crianças, o sistema fonológico do Nheengatú é mais complexo, comportando todas as possibilidades silábicas e todos os fonemas das duas línguas.

Quanto à segunda questão, o que esse novo sistema indica sobre o sistema do Nheengatú? Vimos em 3.1.2.3, que os empréstimos do Português e das línguas Arawak facilitaram a emergência da tripla oposição entre consoantes nasais, oclusivas surdas e oclusivas sonoras. Neste capítulo, observamos que segmentos e estruturas silábicas do Português alheios ao sistema nativo do Nheengatú ocorrem em empréstimos. Ao lidar com empréstimos, os falantes de Nheengatú tem à disposição todos os fonemas e estruturas silábicas do Nheengatú e do Português.

Quando a língua fonte deixa de ser o Português e passa a ser uma das línguas Arawak, a adaptação fonológica seguirá um mesmo padrão no Português e no Nheengatú. No vocabulário de artefatos e culinária estritamente relacionado à cultura Arawak (ou, talvez, mais genericamente a padrões culturais difusos no alto rio Negro), podemos levar facilmente alguns empréstimos de *substratum*, como *urupema* [u.ru.'pe.ma] ‘peneira’, *dabukuri* [da.bu.ku.'ri] ‘ritual de encontro’, *kariamã* [ka.ri.ja.'mã] ‘ritual de inciação’, *Nhampirikuli* [ɲã.pi.ri.'ku.li] ‘entidade mítica’. Todos esses termos são utilizados no Português regional com a mesma pronúncia que ocorrem em Nheengatú. Tomemos um exemplo específico. Os Baniwa, falantes de Nheengatú, ao contarem os mitos fundamentais de seu povo, têm de lidar com a aproximante retroflexa [ɻ] e o flape lateral alveolar [l̪] para realizar o nome da entidade mítica, Nhampirikoli — em Baniwa, [ɲã.pi.ɻi.'ko.li] ~ [ɲã.pi.ɻi.'ku.li]. Para tanto, têm à disposição não apenas o inventário fonológico do Nheengatú como também o do Português. Desse modo, [ɲã.pi.ɻi.'ko.li] ~ [ɲã.pi.ɻi.'ku.li] é adaptado ao Nheengatú como Nhampirikuli, [ɲã.pi.ri.'ku.li], em que [ɻ] é adaptado como [r] e [l̪] como [l]. O mesmo processo de adaptação ocorre em Português ao receber o empréstimo: Baniwa, [ɲã.pi.ɻi.ko.li] ~ [ɲã.pi.ɻi.ku.li] → Português, [ɲã.pi.ri.'ko.li]. Alguns professores de Nheengatú, conscientes de que /l/ é um segmento alheio ao vocabulário nativo Tupi-Guarani, tendem a sugerir a forma [ɲã.pi.ri.'ku.ri] como sendo Nheengatú em oposição à [ɲã.pi.ri.'ku.li] ~ [ɲã.pi.ri.'ko.li] como sendo Português. Nos textos espontâneos, entretanto, essa oposição não se verifica, todos se referem à entidade como [ɲã.pi.ri.'ku.li], independentemente de estarem falando Português ou Nheengatú.

Entender como exatamente vocábulos do *substratum* Arawak foram adaptados ao Nheengatú e ao Português, depende de uma análise comparativa entre os léxicos dessas línguas, o que vai além dos objetivos deste trabalho.

## MORFOLOGIA

---

### 4 Classes Lexicais

*Yande tiã suu. Yande mira. Yande mira uwiara.*

[Nós não somos mais animais. Nós somos seres humanos. Nós somos humanos hoje em dia.]

Lourivaldo

A descrição das classes de palavras em Nheengatú partirá da análise dos critérios que permitem a distinção entre seus nomes e verbos (4.1). Apresentamos também os índices de pessoa (4.2). Estabelecida a distinção fundamental entre nomes e verbos, investigamos as propriedades de cada uma das classes para distinguir subclasses. Os nomes são divididos em relativos e autônomos (4.3). Os verbos são divididos de acordo com a valência em transitivos e intransitivos. Há uma cisão entre verbos intransitivos, o que nos permite identificar uma classe de intransitivos dinâmicos e uma de intransitivos estativos (4.4).

Em Nheengatú, há ainda uma classe lexical de advérbios e posposições (4.5). A maioria dos advérbios e também as posposições compartilham propriedades morfológicas com nomes. Ambas as classes podem ter origem em processos de gramaticalização a partir de nomes. Uma segunda subclasse de advérbios, os chamados advérbios de ‘maneira’, compartilha propriedades com verbos estativos.

#### 4.1 *A distinção nome e verbo*

Em geral, utiliza-se como critério morfológico para distinguir nomes e verbos a observação tipológica de que verbos tendem a receber morfologia aspecto-temporal, enquanto nomes seriam incompatíveis com essas marcas. Em Nheengatú, porém, os morfemas





(153)

a=rire=wã                      kua                      kariwa                      tau-sika  
 DEM-CONSEC=PFT   DEM<sub>PROX</sub>   não.indígena   3pl<sub>A</sub>-chegar

tau-munhã                      kua                      pista                      ike  
 3pl<sub>A</sub>-fazer                      DEM<sub>PROX</sub>   aeroporto   aqui  
 Depois disso, estes brancos chegaram e fizeram esta pista aqui  
Wr

Os clíticos aspectuais ocorrem frequentemente em primeira posição de rema. Entretanto, algumas exceções foram encontradas. Em (154) e (155), os clíticos aspectuais *re* ‘imperfectivo’ e *wã* ‘perfectivo’ ligam-se a nomes dentro de um predicado verbal<sup>66</sup>:

(154)

kuazi    ya-pita                      iskравu=re  
 quase   1pl<sub>A</sub>-ficar                      escravo=IMP  
 Quase que ainda ficávamos escravos  
Bn

(155)

ape                      a-kua                      pekadu=wã                      te  
 CONJ<sub>SEQ</sub>   1sg<sub>A</sub>-saber                      pecado=PFT                      FOC  
 Aí, acho que já é mesmo pecado.

Bn

O fato das marcas de aspecto serem clíticos os torna irrelevantes para a distinção entre nomes e verbos. Em Nheengatú, somente os critérios morfossintáticos permitem estabelecer as margens que separam as duas grandes classes de palavras.

Intuitivamente, nomes são itens lexicais capazes de estabelecer referência a uma entidade no mundo exterior. Os nomes próprios, por

<sup>66</sup> Encontramos clíticos aspectuais em posição final apenas no dileto do rio Içana, com falantes monolíngues em Nheengatú e com falantes bilíngues Nheengatú-Baniwa. Os Baré da cidade consideram a estrutura estranha.

serem formas prototípicas de estabelecer referência, são utilizados aqui como exemplos que servem como estratégia para iniciar a análise. Como sugerido por Creissels (1995), algumas generalizações sobre o comportamento sintático da classe dos nomes podem ser derivadas do modo como os nomes próprios comportam-se em uma determinada língua. Em Nheengatú, os nomes próprios podem funcionar como núcleo de um sintagma nominal que ocorre como argumento, como ilustrado em (156) em posição de sujeito e de objeto, e em (157), como objeto de posposição:

(156)

Sergio u-yupiru Namuĩ  
 Sérgio 3sg<sub>A</sub>-começar Anamoim  
 Sérgio começou Anamoim.

Br, elicitado

(157)

yambeu Antônio supe arã  
 1pl<sub>A</sub>-contar Antônio DAT<sub>EXTR</sub> DAT<sub>PROSP</sub>  
 Contamos para o Antônio.

Br

Os nomes próprios em (156) e (157) podem facilmente ser substituídos por nomes comuns, como ilustrado em (158) e (159) respectivamente. Um sintagma nominal é definido pelo fato de que contém um elemento referencial, o nome.

(158)

se-tutira u-yupiru kua tenda  
 1sg<sub>E</sub>-tio 3sg<sub>A</sub>-começar DEM<sub>PROX</sub> comunidade  
 Meu tio começou esta comunidade.

Br

(159)

ya-mbeu                    tuxawa    supe            arã  
 ya-mu-beu  
 1pl<sub>A</sub>-CAUS-contar    chefe    DAT<sub>EXTR</sub>    DAT<sub>PROSP</sub>  
 Contamos para o chefe.

Br, elicitado

A função primária dos nomes é a de funcionar como núcleo do sintagma nominal, que ocupa a posição de argumento: sujeito, objeto e complemento de posposição. Apresentamos as propriedades que permitem identificar o sujeito e o objeto na seção 9.1.

O sintagma nominal também pode ocorrer como predicado nominal sem necessidade de cópula. Os enunciados (160) a (162) ilustram nomes em função de predicado (v. 9.4.2):

(160)

ixe    baniwa  
 1SG   baniwa  
 Eu sou Baniwa.  
           Bn

(161)

se-rera    Bibiana Pontes  
 1sg<sub>E</sub>-nome    Bibiana Pontes  
 Meu nome é Bibiana Pontes

(162)

ae    capitão    kuxima            ike  
 3SG    chefe            antigamente    aqui  
 Ele era capitão aqui antigamente.

Desta forma, nomes são sintaticamente definidos em Nheengatú:

**Nomes são elementos lexicais que podem ocupar a posição de núcleo de sintagma, cuja função primária é a de argumento. O sintagma nominal pode funcionar também como predicado em orações nominais sem necessidade de cópula.**

Verbos são definidos como a classe de palavras cuja função primária é a de predicar. O radical verbal precisa ser nominalizado para poder ocorrer como núcleo de sintagma nominal em função argumental. Nos pares de exemplos abaixo, o verbo ocorre como predicado nos enunciados identificados como (163a) e (164a). Em (163b) e (164b), os mesmos itens lexicais, mantendo a morfologia de pessoa, recebem sufixos nominalizadores: *-sa* ‘nominalizador de evento’ em (163b) e *-sa(ra)* ‘nominalizador de agente’ em (164b).

(163)

(a)

maita		u-yupiru	Namuĩ
maye	taa		
ser.como	Q	3sg <sub>A</sub> -começar	Anamoim

Como começou Anamoim?

Wr

(b)

u-yupiru-sa	kua	Namuĩ	pe-kua	arã	kuri
3sg <sub>A</sub> -começar-NMZ	DEM <sub>PROX</sub>	Anamoim	2pl <sub>A</sub> -saber	SUB <sub>FIN</sub>	FUT

O começo desta Anamoim, vocês vão saber agora.

Wr

(164)

(a)

a-puraki	Werekena	ta-irũ
1sg <sub>A</sub> -trabalhar	Warekena	3sg <sub>E</sub> -COM <sub>INSTR</sub>

Trabalho com os Warekena.

Br

(b)

u-puraki-sa(ra) ita tau-munhã mukũĩ munti  
 3sg<sub>A</sub>-trabalhar-NMZ<sub>AG</sub> PL 3pl<sub>A</sub>-fazer dois grupo.

Os trabalhadores fizeram dois grupos.

(Comunidade de Anamoim - Xié ms.)

A mesma marca morfológica ocorre em verbos emprestados do Português (v. 7.3.1). Em (165a), os verbos *nasei* ‘nascer’ e *kirai* ‘criar’ funcionam como predicados verbais. Em (165b), *kirai* recebe *-sa(ra)* ‘nominalizador de agente’, de modo a funcionar sintaticamente como sujeito:

(165)

(a)

ape a-nasei a-yu-kirai  
 CONJ<sub>SEQ</sub> 1sg<sub>A</sub>-nascer 1sg<sub>A</sub>-R/R-criar  
 Lá, nasci e me criei.

Bn

(b)

aitenhaã u-mu-kirai-sa te u-munhã kuaru buneku  
 DEM<sub>DIST</sub> 3sg<sub>A</sub>-CAUS-criar-NMZ<sub>AG</sub> FOC 3sg<sub>A</sub>-fazer quatro boneco  
 Aquele criador, ele mesmo, fez quatro bonecos.

Bn

A nominalização ocorre também em verbos estativos para que estes possam funcionar como argumento. Por suas propriedades semânticas, os adjetivos emprestados do Português tendem a serem tratados em Nheengatú como verbos estativos (v. 7.3.2). O par de exemplos em (166) ilustra o funcionamento dos verbos estativos<sup>67</sup>:

<sup>67</sup> O anexo I deste trabalho apresenta um grupo maior de verbos estativos em função predicativa primária e derivados para exercer a função argumental.



Uma segunda característica particular dos verbos é a possibilidade de expressarem um processo de reduplicação (v. 7.2), que permite expressar ‘iteratividade’ em verbos dinâmicos (168) e ‘intensidade’ em verbos estativos (169). Em (170), apresentamos um verbo reduplicado nominalizado.

(168)

tambeubeu

tau-mu-beu-beu

3pl<sub>A</sub>-CAUS-RED~contar

Eles contaram (histórias) sem parar.

Br

(169)

ta-ranha      pura-puranga

3pl<sub>E</sub>-dente    RED~ser.bonito

Os dentes deles eram excelentes.

Br

(170)

umbeubeusa(ra)

u-mu-beu-beu-sa(ra)

3sg<sub>A</sub>-CAUS-RED~contar-NMZ<sub>AG</sub>

contador de história

Br

Em resumo, a identificação dos itens lexicais classificados como verbos em Nheengatú é prioritariamente sintática:

**Verbos são elementos lexicais que tem como única função primária predicar e que precisam ser nominalizados para funcionarem como argumento.**

Antes de tratarmos das propriedades que permitem distinguir subclasses nominais e subclasses verbais, vamos levantar os índices de pessoa do Nheengatú.

#### 4.2 Índices de pessoa

Há duas séries de índices de pessoa (IP): a série dinâmica IP<sub>A</sub>, que indica A e S<sub>A</sub>; e a série estativa IP<sub>E</sub>, que indica complementos de nomes, de posições e de verbos estativos (So)<sup>68</sup>. O Quadro 15 apresenta os paradigmas:

**Quadro 15: Índices de pessoa**

	Estativo	Dinâmico
1sg	se-	a-
2sg	ne-	re-
1pl	yane-	ya-
2pl	pe-	pe-
3sg	i- ∞ s-	u-
3pl	ta-	tau- ~ta- ~ tu-

Na terminologia criada por Jensen (1990) para os sistemas pessoais das línguas Tupi-Guarani, a série dinâmica corresponde à série I, enquanto a estativa corresponde à série II. A adoção da terminologia série dinâmica *versus* série estativa tem a vantagem de explicitar o fato de que os índices pessoais dinâmicos apenas se associam aos verbos dinâmicos; enquanto os índices pessoais estativos se associam às categorias não-dinâmicos: complemento de nomes e de posições e argumentos de verbos estativos. Nas glosas, a série dinâmica é marcada por A, indicando (a) o fato dessa série ser utilizada para expressar o sujeito de transitivo (A); (b) a forma da primeira pessoa singular *a-*. A série estativa é marcada por E, indicando que se trata da série estativa.

<sup>68</sup> A, 'sujeito de verbo transitivo'; O, 'objeto de verbo transitivo'; S<sub>A</sub>, 'sujeito de verbo intransitivo dinâmico'; S<sub>O</sub>, 'sujeito de verbo intransitivo estativo'.



Os prefixos de segunda pessoa plural da série estativa e da série dinâmica são idênticos: *pe-*. No entanto, consideramos as duas formas como homófonas, uma vez que fazem parte de paradigmas diferentes. Dessa forma, representamos *pe-* na análise justalinear como 2pl<sub>A</sub>, quando comuta com prefixos da série dinâmica; e como 2pl<sub>E</sub>, quando comuta com prefixos da série estativa.

Em relação ao Tupinambá, o Nheengatú perdeu a distinção entre primeira pessoa plural inclusiva e primeira pessoa plural exclusiva. Ademais, não há em Nheengatú, elementos da série III, que marcava correferência entre sujeito e possuidor, nem da série IV, usado exclusivamente em verbos para indicar que o paciente de segunda pessoa tinha proeminência em relação ao agente de primeira pessoa. O Nheengatú se distingue também do Tupinambá por indicar uma terceira pessoa plural nas duas séries de índices de pessoa.

#### 4.2.1 *Índices de pessoa da série dinâmica*

Os índices de pessoa da série dinâmica (IP<sub>A</sub>) indicam o sujeito de verbos transitivos e de verbos intransitivos dinâmicos. O Quadro 16 apresenta o paradigma:

**Quadro 16: Índices de pessoa da série dinâmica**

	IP <sub>A</sub>
1sg	a-
2sg	re-
1pl	ya-
2pl	pe-
3sg	u-
3pl	tau- (ta- ~ tu-)

Em termos diacrônicos, o Nheengatú difere das demais línguas da família Tupi-Guarani, inclusive do Tupinambá, por ter formas de terceira pessoa plural e por não utilizar hierarquia de pessoa<sup>69</sup>.

#### 4.2.2 Índices pessoais da série estativa

Os índices pessoais da série estativa (IP<sub>E</sub>) funcionam como determinantes de nomes, complemento de posposição e índice de correferência ao sujeito de verbos estativos flexionáveis. O Quadro 17 apresenta o paradigma:

**Quadro 17: Índices de pessoa da série estativa**

	IP <sub>E</sub>
1sg	se-
2sg	ne-
1pl	yane-
2pl	pe-
3sg	i- ∞ s-
3pl	ta-

As formas intralocutivas são derivadas dos pronomes pessoais independentes. Podemos observar a relação etimológica entre as duas classes no Quadro 18:

**Quadro 18: Pronomes independentes e prefixos da série estativa**

Pessoa / Número	Pronome	IP <sub>E</sub>
1sg	ixe	se-
2sg	inde	ne-
1pl	yande	yane-
2pl	penhe	pe-

A caracterização dos IP<sub>E</sub> como prefixos pode ser feita em base em argumentos de natureza fonológica. Os pronomes do Tupinambá

<sup>69</sup> Em Tupinambá, o sujeito de verbos transitivos era marcado por índices pessoais da série estativa quando o sujeito era mais alto na hierarquia de pessoa (1 > 2 > 3) do que o objeto.

<ndè> ~ <ne> ‘segunda pessoa singular’ e <yandê> ‘primeira pessoa plural inclusiva’ podiam ocorrer tanto como pronome livre quanto como complemento nominal. Em Nheengatú, as formas *inde* /ĩde/ [ĩ.'dɛ] e *yande* /jãde/ [iã.'dɛ] especializaram-se para a função de pronome livre, enquanto as formas não acentuadas *ne-* /ne/ [ne] e *yane-* /iane/ [ja.ne] são prefixais (v. 4.4.3.1).

Completam o paradigma de IP<sub>E</sub>, formas de terceira pessoa singular e plural. As formas *i-* e *s-* marcam a terceira pessoa singular da série estativa de duas classes de temas lexicalmente arbitrários. Todas as classes que recebem IP<sub>E</sub> — nomes, verbos estativos flexionáveis ou posições — têm itens lexicais que se associam a *i-* e outros que se associam a *s-*. A forma *s-* ocorre na maioria dos temas iniciados por vogal. Esses temas engatilham uma alternância lexical em que a forma *s-* ocorre na terceira pessoa singular e um fone [r] ocorre nas formas com complemento genitivo à esquerda<sup>70</sup>. Na forma citacional, ocorre [t], vestígio de um antigo prefixo ‘desrelacional’<sup>71</sup>, que perdeu o valor morfológico em Nheengatú. Como o *t-* ‘desrelacional’ de fases anteriores do desenvolvimento da língua foi lexicalizado, acabou gerando irregularidades nos temas da subclasse *s-*. A lista a seguir indica os subgrupos formados na subclasse *s-*:

- a) Nomes relativos em que /t/ foi lexicalizado como parte da raiz e não aceitam *s-*, nem *i-*. Exemplos de nomes relacionais desse tipo são: *taira* ‘filho em relação ao pai’ e *tayera* ‘filha em relação ao pai’. Em (171), o nome *taira* ‘filho em relação ao pai’ ocorre com complemento de terceira pessoa do singular (171a); com prefixos da série estativa (171b) e lexicalmente manifestado em (171c). Apresentamos testes de agramaticalidade em (171d).

<sup>70</sup> Tradicionalmente, o [r] é considerado um morfema relacional. Neste estudo, não faremos uso desta terminologia. As razões para alternância lexical *s/t/r* são objeto de investigação em andamento.

<sup>71</sup> O conceito de ‘desrelacional’ (Seiler 1983) é usado na análise do Kamaiurá (Seki 2000, 58), por exemplo, para indicar um afixo que permite que nomes relativos (ou, nomes inalienavelmente possuídos) ocorram sem complemento nominal.

(171)

(a)

taira

3sg<sub>E</sub>:filho

filho dele ou filho de um homem

(b)

se-raira

1sg<sub>E</sub>-filho

Meu filho (locutor masculino)

(c)

tuyu                      raira

homem.velho      filho

filho do velho

(d)

??i-taira, \*i-raira, \*saira ‘seu filho’

A forma *i-taira* é aceita por alguns falantes. Esta variação pode ser interpretada como indicação de que haja um processo reanálise do termo como pertence à classe *i-*.

- b) Nomes relativos em que a forma citacional inicia-se com vogal; a forma flexionada pela terceira pessoa singular é *s-* ‘3sg<sub>E</sub>’ e a forma usada com outros IP<sub>E</sub> ou manifestante lexical inicia com [r]. Trata-se de uma classe bastante irregular, em que se encontra: *uka* ‘casa’, *ukena* ‘porta’, *anga* ‘imagem / alma’. Em (172), *uka* ‘casa’ ocorre em isolado (172a); com complemento *s-* ‘3sg<sub>E</sub>’ (172b); e com complemento lexicalmente manifestado (172c). Em (172d), apresentamos resultados de testes gramaticais.

(172)

(a)

ya-munhã kua uka  
 1pl<sub>A</sub>-fazer DEM<sub>PROX</sub> casa  
 Fizemos esta casa.

Wr

(b)

ape paa u-sika s-uka upe  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP 3sg<sub>A</sub>-chegar 3sg<sub>E</sub>-casa LOC  
 Ai ele chegou na casa dele.

Br

(c)

u-sika paa usayawa ruka upe  
 3sg<sub>A</sub>-chegar REP formiga.saúva casa LOC  
 Diz que chegou na casa da saúva.

(d)

\*i-uka, \*i-ruka ‘sua casa’

- c) Nomes relativos que apresentam *s-*, com alomorfe *x-* [ʃ] quando seguido por [i], como terceira pessoa do singular estativa; /t/ como consoante inicial na forma não determinada e /r/ como consoante inicial na forma com complemento da série IP<sub>E</sub> de primeira ou segunda singular e plural e de terceira plural ou manifestado lexicalmente. Como a alternância é lexical, as formas do item lexical diferem em cada ocorrência. Os enunciados (173) a (175) ilustram o comportamento desse grupo de nomes.

(173)

(a)

ti=u-u x-imbiu  
 NEG=3sg<sub>A</sub>- comer.beber 3sg<sub>E</sub>:comida  
 Não comeu sua comida

Bn

(b)

Tau-munhã            timbiu  
 3pl<sub>A</sub>-estar           comida  
 Faziam comida.

Bn

(c)

musapi(ri) ara ti=a-u                            se-rimbiu  
 três            dia NEG=1sg<sub>A</sub>-comer.beber 1sg<sub>E</sub>-comida  
 Por três dias, não comi minha comida.

Bn

(174)

(a)

ape            paa u-sika            yepe    tenda    upe  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP 3sg<sub>A</sub>-chegar INDF sítio LOC  
 Aí diz que ela chegou em um sítio.

Br

(b)

tau-siki            bongu    s-enda            kiti  
 3pl<sub>A</sub>-puxar       bongo    3sg<sub>E</sub>-sítio       ALAT  
 Puxaram o bongo para a comunidade/sítio dele.  
 (Comunidade de Anamoim - Xié ms.)

(c)

ta-riku    ta-renda  
 tau-riku  
 3pl<sub>A</sub>-ter 3pl<sub>E</sub>-sítio  
 Eles têm sítio.

Bn

(175)

(a)

piranga            tui            kue(ra)    nhaã            i-yuru=pe  
 ser.vermelho    sangue        NGC        DEM<sub>DIST</sub>    3sg<sub>E</sub>-boca=LOC  
 O resquício de sangue vermelho ficou na boca dele.

Bn

(b)

re-yuka        s-ui  
 2sg<sub>A</sub>-tirar    3sg<sub>E</sub>-sangue  
 Tire sangue dele!

Br, elicitado

(c)

waimĩ            ruí  
 mulher.velha    sangue  
 sangue da velha

Bn

- d) Temas da classe de posposições, nomes relativos ou verbos estativos, que apresentam *s-* como terceira pessoa do singular estativa. Neste grupo, podemos citar nomes como *s-imbiya* ‘beira’; *s-umuara* ‘companheiro’ e também verbos estativos flexionáveis como *s-uri* ‘ser alegre’ e posposições como *s-akakuera* ‘costas e posposição antes’; *s-unde* ‘antes’; *s-ese* ‘posposição de relativo’. Trata-se da única classe em que ocorrem elementos não nominais. O enunciado em (176) ilustra a forma de terceira pessoa estativa e a forma usada com complemento genitivo.





sistema organizado sobre o parâmetro distância e proximidade em relação ao falante.

#### 4.3.1.1 *Pronomes pessoais*

Os pronomes pessoais do Nheengatú constituem uma classe fechada de elementos que funcionam como núcleo de sintagma nominal. No centro da situação enunciativa, os interlocutores são identificados por pronomes pessoais, conforme ilustrado pelo paradigma no Quadro 19:

**Quadro 19: Pronomes pessoais**

Pessoa / Número	Pronome
1SG	ixe
2SG	inde
1PL	yande
2PL	penhe

Nas glosas, os pronomes pessoais são apresentados como ‘1SG’, ‘2SG’, ‘1PL’, ‘2PL’. No decorrer desta seção, apresentamos enunciados que exemplificam as funções dos pronomes pessoais independentes:

- *Sujeito*

Nos predicados verbais dinâmicos e nos estativos flexionáveis, o uso dos pronomes pessoais não é obrigatório. Os enunciados (177) e (178) ilustram a mesma função em predicados dinâmicos. Ao passo que (179) e (180) ilustram o uso de pronomes pessoais em predicados estativos flexionáveis.

(177)

**inde** re-kuntai amu nheenga  
 2SG 2sg<sub>A</sub>-falar outra.entidade língua  
 Você fala outra língua.

Br

(178)

**yande** ti=ya-kuntai Portugues  
 1PL NEG=1pl<sub>A</sub>-falar Português  
 Nós não falávamos Português.

Wr

(179)

**ixe** se-ruri a-iku  
 1SG 1sg<sub>E</sub>-ser.alegre 1sg<sub>A</sub>-estar  
 Eu estou alegre.

Br

(180)

**penhe** pe-kuere=wã  
 2PL 2pl<sub>E</sub>-ser.cansado=PFT  
 Vocês já estão cansados.

Br, elicitado

Em orações com predicados nominais, adverbiais e nos predicados com verbos estativos não flexionáveis, os pronomes pessoais funcionam como sujeito. Neste tipo de oração, na ausência de um sujeito lexical, o uso do pronome sujeito é obrigatório. Os enunciados abaixo ilustram o uso dos pronomes pessoais em orações nominais (181) e (182), locativas (183) e estativas não flexionáveis (184):

(181)

**ixe** iwi  
 1SG terra  
 Eu sou a terra  
 Bn

(182)

**yande** mira  
 1PL pessoa  
 Nós somos pessoas.  
 Br

(183)

**penhe** ike  
 2PL aqui  
 Vocês estão aqui  
 Br

(184)

kuxima **yande** puranga piri  
 antigamente 1PL ser.bonito ser.mais  
 Antigamente, nós éramos melhores.

Bn

Em um contexto de contraste, a língua permite o uso de pronomes pessoais em posição de sujeito de forma a facilitar a identificação de seu referente. Nos enunciados (185) e (186), a forma de primeira pessoa singular *ixe* permite o contraste do interlocutor com os extralocutores; enquanto em (187) enfatiza o contraste entre os intralocutores:

(185)

nem **ixe** nem **ainta** u-putai  
 NEG<sub>CONTR</sub> 1SG NEG<sub>CONTR</sub> 3PL 3sg<sub>A</sub>-querer  
 Nem eu nem eles queriam

Br

(186)

amu            ita tu-rasu        te            ta-raira    kuxima  
    tau-rasu  
 outra.entidade PL 3pl<sub>A</sub>-levar    FOC        3pl<sub>E</sub>-filho antigamente

**ixe**            ti=a-rasu            se-raira  
 1SG            NEG=1sg<sub>A</sub>-levar 1sg<sub>E</sub>-filho  
 Os outros levavam os filhos antigamente, [mas] eu não levava  
 meu filho.

Br

(187)

**ixe** a-putai        a-purandu        ne-sui  
 1SG 1sg<sub>A</sub>-querer 1sg<sub>A</sub>-perguntar 2sg<sub>E</sub>-ABLAT  
 Eu quero perguntar de você.

Wr

- *Objeto direto*

Os pronomes pessoais pospostos ao verbo funcionam como objeto direto (VO). Os enunciados (188) a (190) ilustram o uso dos pronomes pessoais em posição de objeto direto:

(188)

ya-senui        ya-iku        **penhe**  
 1pl<sub>A</sub>-chamar 1pl<sub>A</sub>-estar 2PL  
 Nós estávamos chamando vocês.

Br

(189)

ae u-istragai        **yande**  
 3SG 3sg<sub>A</sub>-estragar 1PL  
 Ela mesma nos estragou.

Bn

(190)

ti=re-ruyai                    **ixe**    nem                    ne-manha nheenga  
 NEG=2sg<sub>A</sub>-acreditar    1SG    NEG<sub>CONTR</sub>    2sg<sub>E</sub>-mãe    língua  
 Não acreditava em mim, nem no conselho da tua mãe.

Br

- *Orações elípticas*

Em orações elípticas, usadas geralmente em respostas, os pronomes pessoais ocorrem como constituinte único, podendo ser acompanhados por partículas e advérbios:

(191)

**ixe**    umba  
 1SG    NEG<sub>EDO</sub>  
 Eu, não.

Bn

- *Em combinação com dativo prospectivo*

Os pronomes pessoais não podem ser combinados à posição *supe* ‘dativo extralocutivo’ compatível apenas com sintagmas nominais que expressam participantes extralocutivos. Para suprir essa ausência, os pronomes pessoais podem ser combinados a marcas de ‘dativo prospectivo’. Apresentamos exemplos e o funcionamento do sintagma posposicional de dativo prospectivo em 4.5.1.1.5.

#### 4.3.1.2 *Pronomes anafóricos e demonstrativos*

Para referência extralocutiva, a língua disponibiliza um conjunto reduzido de pronomes que tem uso anafórico ou demonstrativo. Todas as formas são derivadas de *ae* ‘pronome anafórico de terceira pessoa singular’, etimologicamente derivado de um demonstrativo. A forma *ae* e o plural *aita* ~ *ainta* ocorrem de forma anafórica, ou seja, substituem um nome anteriormente

enunciado ou recuperável na situação comunicativa. As formas *aitenhaã* e *aitekua* são usadas como demonstrativos. E se distinguem em relação ao parâmetro ‘distante’ *versus* ‘próximo’. O Quadro 20 apresenta os demonstrativos<sup>73</sup>:

**Quadro 20: Pronomes anafóricos e demonstrativos**

Forma	Sentido	Glosa
ae	pronome anafórico de referência determinada (neutralização de distante/próximo)	3SG
aita ~ ainta	pronome anafórico de referência determinada no plural (constituído por <i>ae=ita</i> , DEM=PL)	3PL
aitenhaã	pronome demonstrativo de referência determinada distante	DEM <sub>DIST</sub>
aitekua	pronome demonstrativo de referência determinada próxima	DEM <sub>PROX</sub>

Há ainda uma forma de demonstrativo *a?a* ‘demonstrativo distante’ que não ocorre em isolado no Nheengatú do alto rio Negro, mas manteve-se como vestígio nas formas lexicalizadas de conjunções (v. 8.1.4.1.1). Nas poucas instâncias em que esse clítico ainda pode ser interpretado como demonstrativo será indicado simplesmente como ‘demonstrativo’.

Como todos os nomes, os pronomes anafóricos e demonstrativos podem ocupar a posição de núcleo de sintagma nominal que ocupa as principais posições de argumento: sujeito e objeto. Porém, não ocorrem como complemento de posposição. Nos pares de enunciados (192) a (196), cada um dos pronomes anafóricos e demonstrativos ocorre em posição de sujeito em (a) e como objeto em (b).

<sup>73</sup> Em relação ao Tupinambá, houve uma redução significativa na complexidade do sistema de demonstrativos, processo que teria ocorrido logo no primeiro momento de contato: “a LGA [Língua Geral Amazônica] do século XVII mantinha várias formas dos demonstrativos do Tupinambá, embora o sistema já tivesse sofrido muitas reduções” (Oliveira 2008, 76).

(192)

(a)

ae u-mendai yepe Werekena irũ  
 3SG 3sg<sub>A</sub>-casar INDF Warekena COM<sub>INSTR</sub>  
 Ele casou com uma Warekena.

Bn

(b)

ya-wasemu ae  
 1pl<sub>A</sub>-encontrar 3SG  
 Encontramos ele.

Br

(193)

(a)

ape ainta tau-maã nhaã mayuwa  
 CONJ<sub>SEQ</sub> 3PL 3pl<sub>A</sub>-ver DEM<sub>DIST</sub> majuba  
 Aí, eles viram aquele majuba.

Wr

(b)

u-mbue ainta  
 3sg<sub>A</sub>-ensinar 3PL  
 Ensinaram eles.

Wr

(194)

(a)

aitenhaã u-riku mukũi tayera ita  
 DEM<sub>DIST</sub> 3sg<sub>A</sub>-ter dois filha PL  
 Aquele lá tinha duas filhas.

Contexto: *aitenhaã* refere-se a ‘jacaré’

Br

(b)

ya-u                      aitenhaã  
 1pl<sub>A</sub>-comer.beber    DEM<sub>DIST</sub>  
 Comemos aquilo.

Wr

(195)

(a)

aitekua      se-iara  
 DEM<sub>PROX</sub>    1sg<sub>E</sub>-propriedade  
 Isto é meu.

Br

(b)

se-ramunha    maita                      ya-seruka      aitekua?  
                                  maye                      taa  
 1sg<sub>E</sub>-avô      ser.como    Q    1pl<sub>A</sub>-chamar    DEM<sub>PROX</sub>  
 Meu avô, como chamamos isto?

Br

Poderíamos traduzir as formas *aitekua* e *aitenhaã* para o Português coloquial como ‘isto aqui’ e ‘aquele lá’. Isso, porque, estão ligadas aos demonstrativos determinantes *kua* e *nhaã*. As formas longas são nomes, ou seja, funcionam como núcleo de sintagma nominal. As formas curtas determinam um nome (v. 6.2.1).

Em alguns contextos, *aitekua* e *aitenhaã* ocorrem juntamente com outros nomes, o que pode dar a impressão de que também as formas longas funcionem como determinantes. No entanto, testes gramaticais permitem observar que se trata na verdade de uma relação de aposição explicativa entre dois sintagmas nominais. Em (196), *aitekua ita* e *seanama ita* não formam um único sintagma nominal. O falante usa um SN de referência anafórica *aitekua ita* e, logo em seguida, revê sua estratégia discursiva, realizando um SN com núcleo manifestado lexicalmente, de modo a permitir ao ouvinte identificar



mais rapidamente a referência. Essa análise confirma-se pelo uso da partícula de plural, que não faz parte do sintagma nominal (v. 8.1.3.4.6). Ademais, em elicitación, a tentativa de criar um sintagma nominal com *aitenhaã* resulta em um enunciado considerado estranho (197) normalmente substituído por (198):

(196)

aitekua ita se-anama ita puru Werekena  
 DEM<sub>PROX</sub> PL 1sg<sub>E</sub>-família PL puramente Warekena  
 Estes, os meus familiares, eram puramente Warekena.

Br

(197)

?? a-piripana aitenhaã uka  
 1sg<sub>A</sub>-comprar DEM<sub>DIST</sub> casa  
 Comprei aquela casa.

Br, elicitado

(198)

a-piripana nhaã uka  
 1sg<sub>A</sub>-comprar DEM<sub>DIST</sub> casa  
 Comprei aquela casa.

Br, elicitado

Podemos levantar hipóteses sobre a origem das formas longas serem a fusão de *ae=te nhaã* ‘3SG=FOC DEM<sub>DIST</sub>’ e *ae=te kua* ‘3SG=FOC DEM<sub>PROX</sub>’. Nesse caso, *ae* ocorrerá como clítico à partícula *te* ‘foco’, formando *aite* [aj.'tɛ], como ilustrado em (199) e (200).

(199)

ai=te paa u-u supiara  
 3SG=FOC REP 3sg<sub>A</sub>-comer.beber 3sg<sub>E</sub>:veneno  
 Diz que ela mesma tomou o veneno.

Wr

(200)  
 ai=te            a-putai            a-kua  
 3SG=FOC    1sg<sub>A</sub>-querer    1sg<sub>A</sub>-saber  
 Só isso mesmo que quero saber.

Wr

As formas *aitekua* e *aitenhaã* não se combinam com a marca de foco (201), uma vez que já têm essa marca em sua estrutura interna.

(201)  
 \*aitenhaã te

#### 4.3.2 Nomes substantivos

Assumir que todos os nomes em Nheengatú sejam capazes de instituir predicados nominais equativos ou inclusivos implica que esses mesmos nomes selecionem argumentos para saturar valência. Considere, por exemplo, os nomes *taira* ‘filho em relação ao pai’ e *Warekena* ‘pessoa da etnia Warekena ou língua Warekena’. Para construir uma sentença em que *taira* funcione como predicado, é preciso selecionar dois argumentos: *A é filho de B*. Em Português, o complemento de *filho* não é obrigatório em termos sintáticos. Em Nheengatú, o complemento de *taira* ‘filho’ é obrigatório, sendo expresso em forma de complemento nominal à esquerda. O constituinte [Complemento-*raira*] seleciona, então, um segundo argumento para funcionar como sujeito, criando a estrutura [SN]<sub>SUJ</sub> [Complemento-N]<sub>PRED</sub>. Para construir uma sentença em que *Warekena* funcione como predicado, não há necessidade de selecionar um argumento interno, mas apenas um argumento externo, criando a estrutura [SN]<sub>SUJ</sub> [SN]<sub>PRED</sub>. O enunciado em (202) ilustra uma oração nominal, cujo núcleo do predicado é um nome relativo. Em (203), uma oração nominal tem como núcleo um nome autônomo.

(202)

ixe ne-raira  
1SG 2sg<sub>E</sub>-filho  
Eu sou teu filho.  
Wr

(203)

ixe Werekena  
1SG Warekena  
Eu sou Warekena.  
Wr

Chamamos os nomes que necessariamente se combinam a uma expressão referencial, que funciona como complemento nominal de ‘nomes relativos’ (202). No caso dos nomes autônomos, o complemento é opcional (203). A terminologia adotada nomes relativos *versus* nomes autônomos tem como objetivo enfatizar as propriedades sintáticas de cada uma das classes<sup>74</sup>. Na continuidade deste capítulo, apresentamos propriedades morfológicas e características semânticas prototípicas de cada uma das classes.

#### 4.3.2.1 *Nomes relativos*

Ao exercer a função argumental de um predicado verbal, o nome relativo conserva o seu complemento obrigatório. A posição de complemento pode ser preenchida por outro nome ou por um prefixo pessoal da série estativa. Em termos semânticos, a relação entre um nome relativo e seu complemento é inerente, ou seja, não se pode conceber um sem o outro. Constituem, grosso modo, relações tratadas na literatura etnográfica como inalienáveis: partes do corpo, parentesco, parte-todo, etc.

---

<sup>74</sup> Empregamos a terminologia ‘relativo’ *versus* ‘autônomo’, utilizada por Praça (2007) em análise do Tapirapé. No entanto, esta análise difere da de Praça (2007), porque essa autora distingue entre nomes autônomos e nomes absolutos (ou não-possuídos). A razão de não se fazer a distinção entre as duas classes será explicada em 4.3.2.2.

Em termos morfológicos, todos os nomes que indicam a terceira pessoa singular por *s-* ‘terceira pessoa singular estativa’ e engatilham alternância lexical com [r] são nomes relativos (v. 4.2.1).

(204)

s-era?            waimĩ            rera?  
 3sg<sub>A</sub>-nome    mulher.velha    nome  
 O nome dela? O nome da velha?  
 Wr, repetido de (176)

Entretanto, a indicação da terceira pessoa por *s-* não é um critério necessário para que um nome seja classificado como relativo. Em todas as línguas Tupi-Guarani, encontramos nomes relativos, em que a terceira pessoa é indicada por *i-* ‘3sg<sub>E</sub>’. Para identificá-los no Guarani Paraguaio, Velázquez-Castillo (1996) propõe como teste gramatical a incompatibilidade de nomes relativos com o verbo ‘ter’. Esse teste tem como base teórica a tendência observada em estudos tipológicos de que a relação inerente entre duas entidades não seja expressa em forma de predicado verbal do tipo [SN] [*ter* [SN]]<sub>SV</sub> (Chappel e McGregor 1996). Na maioria das línguas Tupi-Guarani, esse tipo de relação é expressa por predicados nominais, cuja interpretação era de posse. Em (205), apresentamos um exemplo de predicado possessivo em Tupinambá.

(205) Tupinambá

ne            rer  
 2sg<sub>E</sub>        nome  
 Você tem nome.

(Rodrigues 1996a, 62; glosas acrescentadas)

No entanto, em Nheengatú não há predicados nominais de interpretação possessiva, mas apenas predicados verbais, cujo núcleo é o verbo *riku* ‘ter’, que não distingue entre nomes relativos e nomes

autônomos. Os enunciados (206) a (208) ilustram nomes relativos como complemento de predicados verbais possessivos:

(206)

u-riku=wã paa i-membira-miri  
 3sg<sub>A</sub>-ter=PFT REP 3sg<sub>E</sub>-filho-DIM  
 Diz que já tinha um(a) filhinho(a).

Br

(207)

u-riku paa x-itimã yayura s-esa i-nambi  
 3sg<sub>A</sub>-ter REP 3sg<sub>E</sub>-perna 3sg<sub>E</sub>:pescoço 3sg<sub>E</sub>-olho 3sg<sub>E</sub>-orelha  
 Diz que tinha perna, pescoço, olho, orelha.

Br

(208)

nhaã paa taina nem u-riku yuru  
 DEM<sub>DIST</sub> REP criança NEG<sub>CONTR</sub> 3sg<sub>A</sub>-ter 3sg<sub>E</sub>:boca?  
 Diz que aquela criança nem tinha boca.

Bn

Mesmo que todos os tipos de nomes sejam encontrados em construções com o verbo *riku* ‘ter’, observamos um comportamento diferente entre nomes relativos e nomes autônomos. Nomes relativos ocorrem necessariamente flexionados por IP<sub>E</sub>, ainda que a relação estabelecida entre o complemento e o nome relativo seja a mesma que o verbo *riku* ‘ter’ predica. Nos nomes autônomos, por sua vez, o complemento não ocorre. Abaixo, os enunciados (209) e (210) ilustram a predicação de posse com nomes relativos e em (211) e (212) com nomes autônomos:

(209) Relativo

ta-riku ta-rimiriku ita ta-raira

tau-riku

3sg<sub>A</sub>-ter 3sg<sub>E</sub>-esposa PL 3sg<sub>E</sub>-filho

Eles tinham suas esposas e filhos.

Br

(210) Relativo

ai u-riku x-imiriku

preguiça 3sg<sub>A</sub>-ter 3sg<sub>E</sub>-esposa

A preguiça tinha sua esposa.

Br

(211) Autônomo

yande ya-riku ui meyu

1PL 1pl<sub>A</sub>-ter farinha beijú

Nós temos farinha, beijú.

Wr

(212) Autônomo

ape paa tau-riku yepe yawara

CONJ<sub>SEQ</sub> REP 3pl<sub>A</sub>-ter INDF cachorro

Aí, diz que eles têm um cachorro.

Br

A necessidade de ocorrer flexionado, mesmo em função de objeto de *riku* ‘ter’, permite identificar nomes relativos que indicam a terceira pessoa singular pelo prefixo *i-*. Os enunciados (213) a (215) permitem observar o comportamento de alguns desses nomes relativos em orações verbais possessivas.



**Quadro 21: Exemplos de nomes relativos por tipo semântico**

<b>Tipo de relação semântica codificada</b>	<b>Complemento 3sg<sub>E</sub>-nome</b>	<b>Com determinante</b>
Parentesco	x-imiriku 3sg <sub>E</sub> -esposa	se-rimiriku 1sg <sub>E</sub> -esposa
	t-aira 3sg <sub>E</sub> -filho (de homem)	se-raira 1sg <sub>E</sub> -filho
	s-endirã 3sg <sub>E</sub> -irmã	se-rendira 1sg <sub>E</sub> -irmã
	s-uwayara 3sg <sub>E</sub> -cunhado	se-ruwayara 1sg <sub>E</sub> -cunhado
	s-amunha 3sg <sub>E</sub> -avô	se-ramunha 1sg <sub>E</sub> -avô
	i-mena 3sg <sub>E</sub> -marido	se-mena 1sg <sub>E</sub> -marido
	i-(me)mbira 3sg <sub>E</sub> -filho (de mulher)	se-(me)mbira 1sg <sub>E</sub> -filho
	t-ayera 3sg <sub>E</sub> -filha (de homem)	se-rayera 1sg <sub>E</sub> -filha
	Partes do corpo	s-esa 3sg <sub>E</sub> -olho
ranha 3sg <sub>E</sub> -dente		se-ranha 1sg <sub>E</sub> -dente
s-uwa 3sg <sub>E</sub> -testa		se-ruwa 1sg <sub>E</sub> -testa
s-itimã 3sg <sub>E</sub> -perna		se-ritimã 1sg <sub>E</sub> -perna
s-uwaya, 3sg <sub>E</sub> -rabo		inambu-ruwaya inambu-rabo
Relações sociais	s-umuara 3sg <sub>E</sub> -companheiro	ta-rumuara 3pl <sub>A</sub> -companheiro
	s-uxawa 3sg <sub>E</sub> -chefe	yane-ruxawa 3sg <sub>A</sub> -chefe
Propriedades culturais	s-enda 3sg <sub>E</sub> -sítio	se-renda 1sg <sub>E</sub> -sítio
	x-imbiu 3sg <sub>E</sub> -comida	se-rimbiu 1sg <sub>E</sub> -comida



	s-etama 3sg <sub>E</sub> -território	yane-retama 1pl <sub>A</sub> -território
	s-era 3sg <sub>E</sub> -nome	ne-rera 1sg <sub>E</sub> -nome
	s-uka 3sg <sub>E</sub> -casa	se-ruka 1sg <sub>E</sub> -casa
Localização	s-akakuera 3sg <sub>E</sub> -costas/atrás	se-rakakuera 1sg <sub>E</sub> -costas/atrás
	s-uwaki 3sg <sub>E</sub> -proximidade	tata ruwaki fogo proximidade
	s-uaxara 3sg <sub>E</sub> -lado	uka ruaxara casa lado
Relação parte e todo	s-anga 3sg <sub>E</sub> -imagem	se-ranga 1sg <sub>E</sub> -imagem
	s-awa 3sg <sub>E</sub> -folha	inaya rawa inajá folha
		adabi rupita adabi galho
	s-imbiya 3sg <sub>E</sub> -beira	garape rimbia igarapé beira

#### 4.3.2.2 *Nomes autônomos*

Os nomes autônomos admitem opcionalmente uma expressão referencial como complemento. Este é indicado por um prefixo da série estativa ou manifestado lexicalmente e interpretado como seu possuidor (no sentido, de posse adquirida). Quando não marcado por um complemento, o nome autônomo é interpretado como uma entidade sem vinculação com nenhuma outra, ou seja, não possuída. Os nomes autônomos são compatíveis com a forma *i-* ‘terceira pessoa singular estativa’. Nos grupos de enunciados (216) e (217), nomes autônomos são expressos com complemento indicado por prefixo em (a) e com complemento de referência extralocutiva em (b). Em (c), a mesma palavra ocorre em isolado, indicando uma entidade sem vínculo com outra entidade.

(216)

(a)

ya-ne-nheenga ti=u-meẽ ya-kuntai=rã  
 1pl<sub>E</sub>-língua NEG=3sg<sub>A</sub>-dar 1pl<sub>A</sub>-falar=SUB<sub>FIN</sub>

Nossa língua, não dá para falarmos.

Contexto: *yane nheenga* refere-se à língua Warekena.

Wr

(b)

a-sendu i-nheenga ma ti=u-kuntai  
 1sg<sub>A</sub>-escutar 3sg<sub>E</sub>-língua CONJ<sub>ADVS</sub> NEG=3sg<sub>A</sub>-falar

Entendo a língua dele, mas não falo.

Wr

(c)

ya-puderi ya-pisika kua nheenga Portugues  
 1pl<sub>A</sub>-poder 1pl<sub>A</sub>-pegar DEM<sub>PROX</sub> língua Português

Podemos pegar esta língua, o Português.

Wr

(217)

(a)

ya-su ya-maã yane-kupixa  
 1pl<sub>A</sub>-ir 1pl<sub>A</sub>-ver 1pl<sub>E</sub>-roça

Vamos ver nossa roça.

Br

(b)

ta-kupi nhaã ta-kupixa  
 tau-kupiri

3pl<sub>A</sub>-roçar DEM<sub>DIST</sub> 3pl<sub>E</sub>-roça

Roçaram aquela roça deles.

Br

(c)  
 tamba                      nhaã              kupixa  
 tau-mu-pa(wa)  
 3pl<sub>A</sub>-CAUS-acabar DEM<sub>DIST</sub> roça  
 Acabaram com aquela roça.

Br

Em termos semânticos, a classe dos nomes autônomos é constituída por termos que designam objetos manufaturados ou adquiridos, produtos da natureza, alimentos, tipos humanos, etc. Também na classe dos nomes autônomos incluem-se nomes de conteúdo semântico bastante vago. O Quadro 22 lista exemplos de nomes autônomos por tipo semântico:

**Quadro 22: Exemplos de nomes autônomos por tipo semântico**

Grupo semântico	Nheengatú	Glosa
Artefatos	purure tasira igara kise muka	machado ferro de cova canoa faca espingarda
Tipos humanos	kunhã kariwa apiga mira	mulher não indígena homem pessoa / gente
Alimentos	yukira ui meyu pakua	sal farinha beijú banana
Animal	ai suu akuti	preguiça animal cotia
Natureza	iwi iwitera kaa kapuamu	terra serra mato ilha

Nomes de referência genérica	awa maã kuera	nome genérico de humano nome genérico nome genérico de caduco
Outros	wayuri kawĩ kupixa	trabalho coletivo cachaça roça

Representamos os nomes autônomos de conteúdo semântico vago por glosas abstratas: *awa* ‘nome genérico para referência à entidades humanas’ (NG), *maã* ‘nome genérico para referência à entidades não-humanas’ (NGH) e *kuera* ‘nome genérico para referência à entidades caducas’ (NGC)<sup>75</sup>. Os enunciados (218) a (222) ilustram o uso de nomes de semântica genérica.

(218)

sandalia panhe awa u-riku  
sandália todo NGH 3sg<sub>A</sub>-ter  
Sandália, toda pessoa têm.

Wr

(219)

kuxima awa u-sika primeiro  
antigamente NGH 3sg<sub>A</sub>-chegar primeiramente

kua rupi pai ita te  
DEM<sub>PROX</sub> PERL padre PL FOC

Antigamente quem chegou primeiramente por aqui foram os  
padres mesmo.

Bn

<sup>75</sup> Ver 4.3.4, como as propriedades de *kuera* que permitem identificá-lo como nome.

(220)

ti=u-maã      awa    u-mbau      waa    mira    ike  
 NEG=3sg<sub>A</sub>-ver   NGH   3sg<sub>A</sub>-comer   REL   pessoa   aqui  
 Não viu quem que comia gente aqui.

Bn

(221)

re-maã    será      maã    a-maã  
 2sg<sub>A</sub>-ver   Q<sub>POLAR</sub>   NG   1sg<sub>A</sub>-ver  
 Será que você viu o que eu vi?

Br

(222)

profesor    u-kuntai    maã    x=arã  
 professor   3sg<sub>A</sub>-falar   NG   1SG=DAT<sub>PROSP</sub>  
 O professor contou coisas para mim.

Wr

Na literatura especializada em línguas Tupi-Guarani, termos que designam tipos humanos, elementos da natureza, alimentos, entre outros são classificados em uma terceira classe de nomes, chamada de nomes absolutos ou nomes não possuídos. Essa subclasse de nomes seria constituída por nomes que não admitem complementos. Consideramos esses termos como nomes autônomos, devido ao fato de que não há evidências gramaticais que atestem a existência de uma classe de nomes incompatíveis com prefixos de pessoas.

Para Queixalós (2005) a divisão entre nomes inalienáveis, alienáveis e não possuídos — tipicamente proposta para as línguas da família Tupi-Guarani — constitui-se de “uma descrição etnográfica da língua”. Em termos gramaticais, há termos que exigem complemento obrigatório para saturar valência — os nomes relativos — e há termos que opcionalmente ocorrem com um complemento — os nomes

autônomos<sup>76</sup>. O fato de *kamuti* ‘pote’ ser frequentemente expresso com um complemento de interpretação possessiva, enquanto *kurasi* ‘sol’ não ocorrer com complemento, apenas indica um fato do mundo extralinguístico. Assim, por razões semânticas, nomes de pessoas e nomes de partes da paisagem são raramente expressos como possuídos — em Inglês, por exemplo, um levantamento realizado no *British National Corpus* permitiu observar construções genitivas em apenas 2,6% das ocorrências de *world* ‘mundo’; 0,6% de *woman* ‘mulher’ e 0,4% de *sky* ‘céu’ (Lehmann 1998). Em outras palavras, uma expressão hipotética como *se-kurasi* ‘meu sol’ não é agramatical nem em Nheengatú nem em Português. Tal expressão é apenas semanticamente inviável, da mesma forma como é gramatical, mas infeliz, o famoso enunciado “*Colorless green ideas sleep furiously*” [Ideias verdes descoloridas dormem furiosamente] (Chomsky 1957, 15, tradução livre acrescentada).

Queixalós (2005) continua sua argumentação considerando como plausível que “o dia em que os falantes precisarem comunicar sobre nuvens como sendo da propriedade particular de alguém, eles logo inserirão nuvem em construções possessivas sem mudar nada na gramática”. De fato, termos cuja frequência com complemento nominal é praticamente nula em outras línguas Tupi-Guarani ocorrem em Nheengatú em textos colhidos de forma espontânea, como ilustram os enunciados (223) a (226):

(223)

a-yutima      se-iwa  
 1sg<sub>A</sub>-plantar    1sg<sub>E</sub>-fruta  
 Planto minhas frutas.

Bn

<sup>76</sup> O autor emprega os termos ‘divalente’ e ‘monovalente’, respectivamente.

(224)

u-saisu      retã      kua      i-kaa  
3sg<sub>A</sub>-amar   INTS   DEM<sub>PROX</sub>   3sg<sub>E</sub>-mato  
Ele sovina muito esta folha dele.

Bn

(225)

ya-saisu      yane-iwi      yane-parana  
1pl<sub>A</sub>-amar   1pl<sub>E</sub>-terra   1pl<sub>E</sub>-rio  
Amamos nossa terra, nosso rio.

Br

(226)

tau-mu-semu      nhaã      se-kunhãtai  
3pl<sub>A</sub>-CAUS-sair   DEM<sub>DIST</sub>   1sg<sub>E</sub>-menina  
Fizeram sair aquelas minhas meninhas.

Wr

Em discursos metafóricos, termos considerados na literatura sobre línguas Tupi-Guarani como não-possuídos também ocorrem com complemento. Trata-se de mais uma evidência formal de que esses nomes sejam classificados como nomes autônomos, sem necessidade de criar uma terceira divisão na classe dos nomes. Os exemplos em (227) a (229) ilustram nomes que designam entidades normalmente não possuídas com complemento opcional:

(227)

se-yasi  
1sg<sub>E</sub>-lua  
meu mês de aniversário  
Lit.: minha lua

(228)

se-putira

1sg<sub>E</sub>-flor

minha flor

Contexto: expressão usada como galanteio

(229)

re-ganhai      ne-yukira

2sg<sub>A</sub>-ganhar    2sg<sub>E</sub>-sal

Você ganha o teu dinheiro

Lit.: você ganha teu sal.

Wr

Vale reforçar que a possibilidade de combinação desses nomes com complementos não é uma propriedade especial do Nheengatú em relação às demais línguas Tupi-Guarani. Em Tapirapé, “não é frequente a posse desses elementos [os nomes considerados ‘absolutos’], mas em alguns contextos verifica-se que nomes absolutos não humanos podem ser possuídos” (Praça 2007, 61). A autora exemplifica com dados de crianças disputando um coco. A primeira criança pede o coco, tratando o coco, normalmente considerado nome absoluto, como possuído: dê-me a minha macaúba (*xe-mokãxã* ‘minha macaúba (coco)’). Um exercício de elicitación, criado a partir do dado espontâneo de Praça (2007), permitiu observar que qualquer nome de alimento pode receber um complemento: *se-pukura* ‘minha uva preta’, *se-pakua* ‘minha banana’, *se-ui* ‘minha farinha’ etc.

#### 4.3.3 *Subclasses de nomes em relação ao parâmetro contável e não-contável*

Os nomes substantivos podem ser subdivididos também pelo parâmetro contável e não-contável. Nomes contáveis são compatíveis com determinantes de quantificação, particularmente numerais (v. 6.2.3.1). O sintagma nominal com núcleo constituído por um nome contável pode estar sob o escopo da partícula *ita* ‘plural’ (v. 8.1.3.4.6).



Em (230), apresentamos numerais que determinam sintagmas nominais com nome contável. Em (231), o quantificador contínuo *mui* ‘muitos’ determina o sintagma nominal com nome contável. Em (232), a partícula *ita* ‘plural’ tem escopo no sintagma nominal, cujo núcleo é um nome contável.

(230)

(a)

musapi(ri) igara três canoas  
mukũi ara dois dias

(b)

musapi(ri) yane-mirasa  
três 1pl<sub>E</sub>-etnia  
nossas três etnias

(231)

mui(ri) akayu muitos anos  
mui(ri) viagi muitas vezes

(232)

Bare ita etnia.baré PL barés  
igara ita canoa PL canoas

Nomes não-contáveis são nomes que expressam substâncias massivas, como, por exemplo, *ii* ‘água’, *ui* ‘farinha’, *piasa* ‘piaçava’, *kaxiri* ‘caxiri’ (bebida alcólica), etc. Formalmente, esses nomes se diferenciam dos nomes contáveis pelo fato de o sintagma nominal no qual são núcleo não ser compatível com a partícula *ita* ‘plural’ nem poder ser determinado por quantificadores discretos. A grande quantidade de uma substância massiva é geralmente expressa por *wasu* ‘augmentativo’, como ilustrado nos enunciados (233) e (234) ou pelo verbo estativo *bũwa* ‘ser abundante’ em (235):

(233)

ta-puiri          paa      ui-wasu

tau-puiri

3pl<sub>A</sub>-torrar      REP      farinha-AUM

Diz que torravam muita farinha.

Lit.: Diz que torravam farinha grande.

Br

(234)

ainta u-munhã      mujeka-wasu

3PL      3sg<sub>A</sub>-fazer      mujeca-AUM

Eles faziam muita mujeca.

Bn

(235)

tau-munhã kaxiri      bũwa

3pl<sub>A</sub>-fazer      caxiri      ser.abundante

Fizeram caxiri em excesso.

Bn

#### 4.3.4 *Breves considerações lexicais: o nome genérico de caduco*

Nesta seção, analisaremos as funções de *kuera*, nome que designa qualquer entidade que tenha perdido parte de suas características principais definidoras. Como todos os nomes, *kuera* pode funcionar como núcleo do sintagma nominal em função argumental ou em função de predicado nominal. Iniciamos pela apresentação de *kuera* em posição de argumento — condição *sine qua non* para sua classificação entre os nomes. Em seguida, apresentamos o uso do *kuera* em função de predicado.

- *kuera em função argumental*

O nome genérico de caduco *kuera* pode ser encontrado em função argumental em enunciados encontrados em textos espontâneos. O nome *kuera* comporta-se como um nome autônomo, podendo, portanto, ocorrer sem complemento nominal. Em (236), *kuera* funciona como objeto do verbo *kua* ‘saber’. No trecho em (237), *kuera* funciona como complemento do existencial e tem a mesma referência que *pesoa* ‘pessoa’.

(236)

re-kua            xinga            kuera  
2sg<sub>A</sub>-saber    ATENUA        NGC

Você sabe um pouco.

Lit.: Você sabe um pouco [coisas do passado].

Contexto: Enunciador pede ao ouvinte para contar sobre fatos passados.

Br

(237)

ate oitu kuera<sub>i</sub> aikue ike.  
até oito NGC EXIST aqui

Até oito, teve aqui.

yawe            u-pita  
ser.assim 3sg<sub>A</sub>-ficar

Assim ficaram...

oitu pesoa<sub>i</sub> anhu=wã            te  
oito pessoa somente=PFT FOC  
oito pessoas, só mesmo.

Leitura contextual: Até oito [seres desprovidos de características originais]<sub>i</sub>, havia aqui. Assim ficaram...Eram mesmo somente oito pesoa<sub>i</sub>

Wr

Em função de sujeito, *kuera* sem nenhum complemento genitivo é bastante raro, mas pode ser encontrado. Considere (238) e (239):

(238)  
*kuxima*        *kuera*    *puxuera*  
 antigamente    NGC    ser.feio  
 Antigamente, era feio.

Leitura contextual: Antigamente, ‘entidade que perdeu as qualidades próprias de si mesmo’ [era] feio.

W<sub>r</sub>

(239)  
*nhaã*        *surara*    *puxuera*  
 DEM<sub>DIST</sub>    soldado    ser.feio  
 Aquele soldado era feio.

W<sub>r</sub>

Em (238), *kuera* refere-se ao vilarejo em que o depoimento está sendo colhido. Entretanto, o enunciador não está falando do vilarejo tal como se apresenta no momento do depoimento, mas como era antigamente. Para tanto, o enunciador não se refere à entidade *tenda* ‘vilarejo’, mas à entidade genérica *kuera* ‘entidade que perdeu as qualidades próprias de si mesmo’. *Kuera* em (238) é tão sujeito do predicado estativo *puxuera* ‘ser feio’ quanto *nhaã surara* ‘aquele soldado’ em (239). Observe também que *kuxima* ‘antigamente’ indica o tempo do evento como passado (e como todo advérbio poderia ser omitido).

Em (240), *kuera* funciona como sujeito de *u-yupiru* ‘3sg<sub>A</sub>-começar’, da mesma maneira como *itá-pinima* ‘pedra pintada’ em (241). A diferença de ordem pode resultar de proeminência de tema, uma vez que a ordem é livre com verbos intransitivos (v. 11.3).



(243)

taina	ita	kuera	ta-yenũ	balaiu	upe
			tau- yenũ		
criança	PL	NGC	3pl <sub>A</sub> -deitar	balaio	LOC

O que eram as criancinhas ficaram deitadas no cesto.  
Lit.: Resquício de criancinhas deitaram no cesto

Bn

Apesar de estruturalmente ser possível identificar *kuera* como núcleo de um sintagma nominal em função argumental, os falantes tendem a ignorar *kuera* sem complemento nominal em tradução. Em função de objeto, a estratégia dos falantes ao traduzir é elidir o objeto, como em (236) e (237). Em função de sujeito, *kuera* tende a ser traduzido por um demonstrativo ‘isso’ (240) ou são empregadas outras estratégias que permitem elidir o núcleo lexical do argumento, como em (238).

Embora ocorra em sintagma nominal sem complemento, *kuera* é mais comumente empregado com um sintagma nominal à esquerda (v. 6.1). Nesse caso, *kuera* pode ser traduzido como ‘resquício’, como ilustrado em (244) e (245), em que *kuera* funciona como núcleo do sintagma nominal em função de objeto. Em (246), *kuera* funciona como complemento de existencial:

(244)

pe-maã	te	kua	mirá	kuera
2pl <sub>A</sub> -ver	FOC	DEM <sub>PROX</sub>	árvore	NGC

Vejam este pau morto.  
Lit.: Vejam este resquício [da] árvore.

Br

(245)

ta-wasemu            yepe       pedasu       i-buxu       kuera

tau-wasemu

3pl<sub>A</sub>-encontrar       INDF       pedaço       3sg<sub>E</sub>-bucho       NGC

Encontraram um pedaço do que era bucho dele.

Leitura contextual: Encontraram um resquício de bucho dele de pedaço.

(246)

xukūi=re            i-buxu       kuera

EXIST<sub>CONCR</sub>=IMP       3sg<sub>E</sub>-bucho       NGC

Eis aqui ainda o que era bucho dele.

Lit.: Eis aqui ainda resquício de bucho dele.

Bn

Observe que em todos esses casos, o nome genérico de caduco *kuera* e seu complemento nominal formam um único constituinte. Assim, movimentos como tematização do objeto (v. 11.4) devem considerar necessariamente o constituinte *complemento-kuera* como um todo. No grupo de enunciados em (247), o objeto direto formado por um sintagma genitivo *ta-kamuti kuera* ‘resquício de pote deles’ ocorre em sua posição canônica em (a), é movido para a posição de tema em (b), mas a tentativa de separar o constituinte *ta-kamuti kuera* resulta agramatical em (c).

(247)

(a)

tampuka            [ta-kamuti   kuera]

tau-mu-puka       ta-kamuti   kuera

3pl<sub>A</sub>-CAUS-estourar   3pl<sub>E</sub>-pote   NGC

Quebraram os resquícios de pote.

Bn

(b)

[ta-kamuti kuera] ta-mpuka  
 ta-kamuti kuera tau-mu-puka  
 3pl<sub>E</sub>-pote NGC 3pl<sub>A</sub>-CAUS-estourar  
 Os resquíios de pote, (eles) quebraram.

Bn

(c)

\*kuera, tampuka kamuti  
 \*kamuti, tampuka kuera

O fato de *kuera* ocorrer com um complemento nominal o aproxima de outros nomes, como se pode perceber comparando os sintagmas genitivos, com *kuera* em (248) a *ara* ‘dia’ em (249).

(248)

taina ita kuera  
 criança PL NGC  
 resquíio das crianças

Br

(249)

tupana ita ara  
 santo.ou.Tupã PL dia  
 dia dos santos

Br

A estrutura [ [SN] [*kuera*] ] é muitas vezes lexicalizada, formando compostos (v. 5.4). O Quadro 23 apresenta alguns exemplos de compostos do tipo *N-kuera*:



**Quadro 23: Compostos formados a partir do nome genérico de caduco**

Nome simples		Nome composto (N-kuera)		
suu	animal	sukuera	[su. 'k <sup>w</sup> ε.ra]	carne
maniwa	mandioca	manikuera	[ma.ni. 'k <sup>w</sup> ε.ra]	caldo de mandioca
não encontrado		sakakuera	[sa. ka. 'k <sup>w</sup> ε.ra]	3sg <sub>E</sub> -costas
kaa	mato	kukuera	[ku. k <sup>w</sup> ε.ra]	capoeira
pira	corpo	pirera	[pi. 'rε.ra]	pele
não encontrado		kãwera	[kã. 'wε.ra]	osso

Por suas propriedades semânticas, *kuera* é mais comumente encontrado nas posições argumentais de objeto (v. exemplos (236), (244), (245), (247a/b)), complemento de existencial (v. exemplos (237) e (246)). Em função de sujeito, encontra-se *kuera* com predicados nominais (242), com predicados intrínsecos estativos (238) e com predicados intransitivos dinâmicos, cujo núcleo verbal não atribui papel temático AGENTE a seu argumento único (v. exemplos (240) e (243)). Trata-se de um fato de língua compreensível semanticamente: *kuera* expressa entidades que perderam suas propriedades definidoras. Ao ser empregado para referir a uma entidade não humana, expressa sua deterioração ou inexistência em relação ao presente. Ao ser empregado para referir a uma entidade humana, *kuera* indicaria não apenas que uma entidade perdeu suas características definidoras, mas também uma “coisificação” do indivíduo, podendo inclusive gerar uma interpretação pejorativa como em (250a). Há uma tendência a interpretar o referente *kuera* como [-humano], segue daí sua não ocorrência em posições sintáticas em que receba papel temático AGENTE (em geral, as posições de A e S<sub>A</sub>).

- *kuera em função de predicado*

Como todos os outros nomes, *kuera* pode funcionar como núcleo de um sintagma nominal em função de predicado.

(250)

(a)

ixe	kuera,	taite
1SG	NGC	coitado

Eu sou resquício (de mim mesma), coitada.

Lit.: Eu [sou] ‘entidade que perdeu as qualidades próprias de si mesmo’

Br, expressão usada por mulheres idosas

(b)

ixe	kuera
1SG	NGC

Eu sou resquício (de mim mesma).

Lit.: Eu [sou] ‘entidade que perdeu as qualidades próprias de si mesmo’

Br, elicitado a partir de (250a)

(251)

homem	ti=kuera!
homem	NEG=NGC

Eles ainda são homens.

Lit.: O homem não [é] ‘entidade que perdeu as qualidades próprias de si mesmo’

nota de campo

(252)

prontu! ta-yuká=wã ae kuera

tau-yuká=wã

INTJ 3pl<sub>A</sub>-matar=PFT 3SG NGC

Pronto! Já o mataram. Ele já era.

Lit.: Pronto! Já mataram. Ele [é] ‘entidade que perdeu as qualidades próprias de si mesmo’.

Br

Devido à dificuldade de tradução para as línguas europeias, os contextos devem ser explicados. Em (250a), o predicado *kuera* é usado por uma mulher muito idosa para indicar que o enunciador, referido por *ixe* ‘pronome de primeira pessoa, singular’ não tem mais as mesmas propriedades que tinha em um momento do passado, quando era mais jovem. O nome *taite* ‘coitado’ na periferia à direita contribui para essa interpretação — o termo pode ser omitido (250b). O enunciado (251) foi registrado durante uma partida de futebol, em que o time ao qual o enunciador (uma garota) torcia estava perdendo. Ao enunciar (251), a garota expressa que ainda que os jogadores fossem muito ruins em futebol, tinham propriedades masculinas. Ou seja, ser ruim no futebol não tira dos homens as propriedades típicas de homens e, portanto, o predicado nominal *kuera* não se aplica ao grupo. Em (252), indica-se que uma das propriedades definidoras de uma entidade está a própria existência. Por isso, quando a entidade morre perde a propriedade definidora de si mesma.

O nome *kuera* com complemento nominal é frequentemente empregado como predicado. Nos enunciados (253) a (255), *kuera* funciona como núcleo do sintagma nominal em função de predicado. Utilizamos preferencialmente o termo ‘resquício’ para traduzir *kuera*.

(253)

Ai=te            paa    [kuru-miri        kuera]  
 3SG=FOC    REP    menino-DIM    NGC

Diz que ele mesmo era resquício do menininho.

Contexto: mito em que meninos são transformados em cupim-bola. Portanto, eles (os cupins-bolas) são os meninos que perderam as propriedades de meninos: *kuru-miri kuera*.

Bn

(254)

aitenhaã    i-buxu        ita    kuera  
 DEM<sub>DIST</sub>    3sg<sub>E</sub>-buxo    PL    NGC

Aquilo era as víceras dela.

Lit.: Aquilo era resquício de buchos dela.

Contexto: Em mito, as vísceras de uma cobra viram pedra.

Wr

(255)

aitenhaã    paa    sukuriu    pedasu        ita    kuera  
 DEM<sub>DIST</sub>    REP    sucurí    pedaço        PL    NGC

Diz que aquilo eram pedaços de sucuri.

Lit: Diz que aquilo [é] resquício de pedaços de sucuri.

Wr

O predicado nominal estabelecido por um sintagma nominal de núcleo *kuera* também pode ser utilizado em uma estrutura coordenada paratática. Em (256), os predicados *u-wai* ‘3sg<sub>A</sub>-cair’ e *kuera* ‘NGC’ são encadeados em coordenação paratática. A estrutura da sentença seria complexa [*Mukura u-wai*] ‘mico 3sg<sub>A</sub>-cair’ e [*Mukura kuera*] ‘mico NGC’, literalmente interpretada como ‘mico caiu e mico é aquele que perdeu suas propriedades’.

(256)

mukura kui(ri) kua tempu ae u-riku sete vida porke  
 mico agora DEM<sub>PROX</sub> tempo 3SG 3sg<sub>A</sub>-ter sete vida CONJ<sub>EXPL</sub>

u-wai kuera u-puka-pa(wa) seti pedasu  
 3sg<sub>A</sub>-caiu NGC 3sg<sub>A</sub>-estourar-acabar sete pedaço

O mico agora, neste tempo, ele tem sete vidas, porque ele tinha caído, e estourado completamente em sete pedaços.

As propriedades de *kuera* como predicado em coordenação paratática podem estar levando a um processo de gramaticalização em que *kuera* perde propriedades lexicais e começa a desenvolver propriedades mais gramaticais. O predicado *kuera* ‘entidade que perdeu as qualidades próprias de si mesmo’ seria atribuído ao verbo e seus argumentos. Evidências nesse sentido, são a combinação de *kuera* com *yepe* ‘frustrativo’ (v. 8.1.3.4.7), como ilustra os enunciados (257) a (259). Além disso, *kuera*, ao modificar sintagmas verbais, pode ser atraído pela negação para a primeira posição do rema (259).

(257)

u-yana kuera yepe / u-sikai igara  
 3sg<sub>A</sub>-correr NGC FRUSTR 3sg<sub>A</sub>-procurar canoa

ma ti=wã=u-wasemu  
 CONJ<sub>ADVS</sub> NEG=PFT=3sg<sub>A</sub>-encontrar

Correu em vão procurando a canoa, mas não logrou encontrá-la.  
 (Taylor 2010, glosas adaptadas)

(258)

kuiiri a-mbeu pe-sendu maye kuera=ta  
 agora 1sg<sub>A</sub>-contar 2pl<sub>A</sub>-escutar ser.como NGC=Q

tau-putai yepe tau-tumari kua yane iwi  
 3pl<sub>A</sub>-querer FRUSTR 3pl<sub>A</sub>-tomar DEM<sub>PROX</sub> 1pl<sub>E</sub> terra

Agora eu conto e vocês ouvem como que outrora queriam em vão tomar esta nossa terra.

Bn

(259)

profesor u-putai u-su yane-irũ /  
 professor 3sg<sub>A</sub>-querer 3sg<sub>A</sub>-ir 1pl<sub>E</sub>-COM<sub>INSTR</sub>

ape ti=kuera yepe ya-putai ya-rasu ae  
 CONJ<sub>SEQ</sub> NEG=NGC FRUSTR 1pl<sub>A</sub>-querer 1pl<sub>A</sub>-levar 3  
 O professor quis ir conosco. Aí, não queríamos levar ele.

A estrutura [[sintagma verbal] *kuera*] em posição de complemento do frustrativo [[[sintagma verbal] *kuera*] *yepe*] indicaria que um evento, já passado, frustrou-se<sup>77</sup>. Nos enunciados acima, os eventos *yana* ‘correr’; *putai tumari yane iwi* ‘querer tomar nossa terra’ e *putai rasu ae* ‘querer levar ele’ são apresentadas como tendo de fato ocorrido, embora não sejam relevantes no momento da enunciação. A partícula *yepe* ‘frustrativo’, no entanto, indica que a expectativa de resultado desses eventos foi frustrada, ou seja, não se encontrou a canoa (257); não se tomou a terra (258) e levaram o professor, apesar de não quererem (259).

Para Taylor (2010), a combinação de *kuera* com *yepe* ‘frustrativo’ é uma inovação do Nheengatú que estaria relacionada ao contato com o Baniwa. O sufixo *-mi* ‘caduco’ do Baniwa e a forma *kuera* do Nheengatú compartilham muitas propriedades. Por exemplo,

<sup>77</sup> Ver 10.2.2.1.6, esta estrutura é paralela à estrutura [[[sintagma verbal] *arã*] *yepe*] que indica o contrafactual.

acompanhadas por um nome indicam que a entidade designada teria perdido as propriedades principais. Ademais, “associadas a um sintagma verbal, *-mi* e *-kwera* se referem a uma ação que já não é válida no momento de enunciar”. A estrutura ainda está sob investigação.

Em termos diacrônicos, *kuera* deriva do nome *pwer* do Tupinambá, também reconhecido como nome:

os substantivos *ram* e *pwer* [...], ainda que se empreguem como palavras independentes, ocorrem predominantemente em composição e apresentam uma variação alomórfica que só tem paralelo nos sufixos. (Rodrigues 2010, 18)

O nome *ram* do Tupinambá provavelmente tinha uma semântica prospectiva, indicando uma entidade que apresentará certas propriedades no futuro. Em Nheengatú, *ram* passou por processos de gramaticalização dos quais emergiram uma posição de ‘dativo prospectivo’ (v. 4.5.1.1.5) e um subordinador de ‘finalidade’ (v. 8.1.4.2).

#### 4.4 *O verbo e suas subclasses*

O sistema gramatical do Nheengatú é caracterizado como de alinhamento dinâmico-estativo. Por um sistema ‘dinâmico-estativo’, entendemos um sistema em que há uma cisão entre os predicados intransitivos, condicionada por fatores semânticos, embora estes não sejam tão transparentes devido a processos de gramaticalização e lexicalização. Mithun (1991), ao tratar do Guaraní Moderno, considera que a propriedade semântica que submerge da divisão principal entre dinâmicos e estativos está relacionada ao aspecto lexical. Verbos que expressam atividades e processos são categorizados como dinâmicos. Verbos que expressam estados tendem a ser categorizados como estativos<sup>78</sup>. Esta mesma divisão fundamental entre dinâmicos e estativos ocorre em Nheengatú.

---

<sup>78</sup> A autora trata da distinção do Guaraní Moderno em termos de ativos e inativos (estativos), terminologia encontrada também em Klimov (1974) e Seki (1990),

Os verbos dinâmicos são morfologicamente identificados pela combinação obrigatória com o índice da série dinâmica,  $IP_A$ , que permite a correferência com o sujeito. Na classe dos verbos dinâmicos, estão todos os verbos transitivos. Quanto aos verbos intransitivos, uma distinção mais detalhada é observada na língua.

Uma primeira classe de predicados intransitivos expressa seu argumento único ( $S_A$ ) da mesma forma que verbos transitivos expressam o sujeito ( $A = S_A$ ): indicam obrigatoriamente a correferência ao sujeito por índices de pessoa da série dinâmica ( $IP_A$ ). Estes verbos são chamados de ‘intransitivos dinâmicos’. Nessa classe, estão verbos que expressam alguma mudança de situação: *su* ‘ir’, *yana* ‘correr’, *sika* ‘chegar’, *sasa* ‘passar’, *wewe* ‘voar’, *purasi* ‘dançar’, *kiri* ‘dormir’, *paka* ‘acordar’. Observe que em um verbo como *manu* ‘morrer’ ou *wai* ‘cair’ não há um envolvimento semântico de um AGENTE<sup>79</sup>, mas o verbo expressa a mudança nas condições de uma entidade.

Uma segunda classe de verbos intransitivos — chamados de intransitivos estativos — não é compatível com prefixos da série dinâmica. São chamados de estativos, porque funcionam como predicados que expressam estados. Esses verbos são subdivididos em uma classe que indica o sujeito apenas por sintagma nominal, sem haver nenhum índice de pessoa no verbo — ou seja, assim, como  $O$  é não marcado,  $S_O$  também é não marcado. Semanticamente, são verbos que expressam propriedades físicas, como *tipi* ‘ser fundo’, *puranga* ‘ser bonito, ser bom’, *puxuera* ‘ser feio, ser ruim’, *pinima* ‘ser colorido’, *irawa* ‘ser amargo’, mas também algumas propensões humanas, como *sasiara* ‘ser triste’. Esta subclasse é chamada de verbos ‘intransitivos estativos não flexionáveis’. Uma segunda

---

entre outros. Como a distinção não está necessariamente ligada à noção de agente, Gomes (2006) propõe a distinção entre ‘processuais’ e ‘estativos’, neste trabalho, chamados de ‘dinâmicos’ e ‘estativos’.

<sup>79</sup> Os termos AGENTE e PACIENTE são utilizados apenas prototipicamente, uma vez que também essa distinção se faz em um *continuum* e outros papéis temáticos possam estar envolvidos.





(262)  
 tau-siki yakunda  
 3pl<sub>A</sub>-puxar peixe.jacundá  
 Puxar o jacundá.

Bn

Em termos semânticos, os verbos transitivos expressam eventos envolvendo dois participantes: criação de um objeto (263), considerável mudança nas condições de um objeto (264), mudança de localização (265) . Prototipicamente, o sujeito indica o AGENTE e o objeto indica o PACIENTE:

(263)  
 u-yutima i-kupixa  
 3sg<sub>A</sub>-plantar 3sg<sub>E</sub>-roça  
 Plantou a roça dele mesmo.

(264)  
 a-munuka yepe piraiwa  
 1sg<sub>A</sub>-cortar INDF peixe.piraiba  
 Cortei uma piraiba

(265)  
 tau-yuka yepea  
 3pl<sub>A</sub>-tirar lenha  
 Tiraram lenha.

A função sintática de sujeito pode ser preenchida ainda por participantes que recebam papel temático de INSTRUMENTO como em (266) e (267) ou de EXPERIENCIADOR como em (268) e (269):

(266)

marakaimbara u-yuká kunhã  
 veneno 3sg<sub>A</sub>-matar mulher

O veneno matou a mulher.

Br, elicitado

(267)

pusanga u-mu-katu kunhã  
 remédio 3sg<sub>A</sub>-CAUS-estar.bem mulher

O remédio curou a mulher.

Br, elicitado

(268)

se-manha ambira ti=u-sendu Nheengatu  
 1sg<sub>E</sub>-mãe falecido NEG=3sg<sub>A</sub>-escutar Nheengatú

Minha mãe falecida não entendia Nheengatú.

Wr

(269)

a-maã kua pirá ita  
 1sg<sub>A</sub>-ver DEM<sub>PROX</sub> peixe PL

Vejo estes peixes.

Wr

O papel temático de EXPERIENCIADOR também pode ser atribuído ao participante que funciona como objeto (O). Os enunciados entre (270) e (271) ilustram essa configuração sintática:

(270)

ti=paa u-ruyai wera i-manha  
 NEG=REP 3sg<sub>A</sub>-acreditar HAB 3sg<sub>E</sub>-mãe

Diz que, habitualmente, não acreditava em sua mãe.

Br

(271)

ti=re-ruyai                    ne-kiwira    ta-nheenga

NEG=2sg<sub>A</sub>-acreditar    2sg<sub>E</sub>-irmão    3pl<sub>E</sub>-fala

Você não acreditava no conselho dos teus irmãos mais velhos.

Br

Em Nheengatú, não são marcadas relações de dissimetria entre o sujeito e objeto. O sujeito é necessariamente o único argumento a ser indicado como prefixo ao verbo. Os enunciados (272) a (276), retirados de texto espontâneos, confirmam a irrelevância de hierarquia de pessoa para o Nheengatú:

(272) 3 &gt; 1

S			V	
kua	yane-munhã-gara	u-putai	te	
DEM <sub>PROX</sub>	1pl <sub>E</sub> -fazer-NMZ	3sg <sub>A</sub> -querer	FOC	

V		O
u-ajudai	kuri	ixe
3sg <sub>A</sub> -ajudar	FUT	1SG

Nosso criador quer mesmo me ajudar logo.

Br

(273) 3 &gt; 1

S		V	O
pai	ita te	ta-mbue	yande
		tau-mbue	
padre	PL FOC	3pl <sub>A</sub> -ensinar	1PL

Os padres mesmo nos ensinavam.

Bn

(274) 3 &gt; 2

	S	V	O
mui(ri) viagi	yakare	u-suu	inde
muito vez	jacaré	3sg <sub>A</sub> -morder	2SG

Muitas vezes, o jacaré morde você.

Br

(275) 2 &gt; 1

re-suu	yande
2sg <sub>A</sub> -morder	1PL

Você nos mordeu.

Br

(276) 2 &gt; 1

pe-yuká	ixe
2pl <sub>A</sub> -matar	1SG

Vocês me matam.

Bn

#### 4.4.2 *Verbos intransitivos dinâmicos*

Os predicados verbais intransitivos dinâmicos selecionam os índices de pessoa da série dinâmica (IP<sub>A</sub>) para indicar o argumento único — sujeito (S<sub>A</sub>). Os enunciados (264) a (265) ilustram o comportamento de verbos intransitivos dinâmicos:

(277)

ya-purasi
1pl <sub>A</sub> -dançar

Dançamos.

(expressão corrente)

(278)

ai u-su=wã  
 preguiça 3sg<sub>A</sub>-ir=PFT  
 A preguiça foi embora.  
 Br

(279)

ape paa ai u-sika  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP preguiça 3sg<sub>A</sub>-chegar  
 Aí, diz que a preguiça chegou.  
 Br

Tem-se observado a necessidade de refinar a análise dos verbos intransitivos, principalmente a partir da hipótese da inacusatividade (Perlmutter 1978). Reformulando essa hipótese em uma perspectiva funcionalista, Shibatani e Pardeshi (2002) propõem um *continuum* em que verbos intransitivos ativos, cujo argumento único recebe papel temático AGENTE, tendem a apresentar algumas propriedades formais, não encontradas em verbos intransitivos inativos que não atribuem papel temático prototipicamente AGENTE. Em Nheengatú, observamos as seguintes propriedades morfosintáticas nos verbos intransitivos ativos: (a) favorecimento à causativa perifrástica (280), (b) compatibilidade com iterativo, por meio de reduplicação (281), (c) preferência pela ordem SV (280).

(280)

profesor u-mundu ya-wata kaa rupi  
 professor 3sg<sub>A</sub>-mandar 1pl<sub>A</sub>-andar mato PERL  
 O professor nos mandou andar pelo mato.  
 Br, elicitado

(281)

nemaã rupi ta-wata~wata  
 tau-wata~wata  
 nada PERL 3pl<sub>A</sub>-RED~andar  
 Não tem por onde eles passearem.  
 Lit.: Por nada, andaram.

Bn

Os representantes prototípicos dos verbos intransitivos dinâmicos ativos expressam ações e selecionam um referente agentivo. Como exemplo, podemos citar: *sasemu* ‘gritar’, *nheengai* ‘cantar’, *pinaitika* ‘pescar’, *yana* ‘correr’, *purasi* ‘dançar’, *puraki* ‘trabalhar’.

No outro lado desse *continuum*, há verbos intransitivos que atribuem papel temático prototipicamente não-AGENTE, e serão chamados aqui de ‘verbos intransitivos dinâmicos inativos’: *manu* ‘morrer’, *kiri* ‘dormir’, *sasa* ‘passar’, *puka* ‘estourar’, *pena* ‘quebrar’. As propriedades formais observadas em Nheengatú para verbos nesse lado do *continuum* são: (a) favorecimento à causativa morfológica (282b), (b) desfavorecimento à indicação de iteratividade, pelo processo de reduplicação (282d), (c) maior possibilidade de ocorrer VS (282a).

(282)

(a)

u-pa(wa) feria  
 3pl<sub>A</sub>-acabar férias  
 As férias acabaram

Wr

(b)

ae umba yane-sui yane-kultura  
 u-mu-pawa  
 3SG 3sg<sub>A</sub>-CAUS-acabar 1pl<sub>E</sub>-ABLAT 1pl<sub>E</sub>-kultura  
 Ela acabou conosco, com nossa cultura

Bn

(d)

paka ‘acordar’ \*paka~paka

No capítulo 7, as propriedades morfológicas que permitem identificar os representantes prototípicos dos dois lados do *continuum* serão retomadas com mais detalhes. Discutimos a distinção entre a ordem SV e VS em 11.3.

#### 4.4.3 *Verbos intransitivos estativos*

A classe de verbos intransitivos estativos difere da dos dinâmicos por não ser compatível com marcas de pessoa da série dinâmica. Há duas subclasses de intransitivos estativos, que se distinguem pelo fato da primeira classe expressar o sujeito como índice pessoal da série estativa (4.4.3.1), enquanto a segunda não é compatível com morfemas de pessoa (4.4.3.2). Semanticamente, incluem-se entre os verbos estativos conceitos descritivos, que tendem a ser categorizados como adjetivos nas línguas em que existe essa categoria (4.4.5).

##### 4.4.3.1 *Verbos intransitivos estativos flexionáveis*

A primeira classe de verbos estativos expressa obrigatoriamente o argumento único (S<sub>O</sub>) por um índice de pessoa da série estativa (IP<sub>E</sub>). Como vimos no capítulo 4.2, os prefixos da série estativa são compartilhados por nomes, por posposições e por alguns verbos estativos. Esses verbos são chamados de intransitivos estativos flexionáveis, porque necessariamente ocorrem flexionados por IP<sub>E</sub>. Os enunciados (283) a (285) ilustram verbos estativos flexionáveis em função de predicado. Em (286), apresentamos o resultado de um teste



que permite observar a agramaticalidade de verbos estativos flexionáveis sem prefixo de pessoa IP<sub>E</sub>.

(283)

ixe se-akanhemu a-pui parana kiti  
 1SG 1sg<sub>E</sub>-ser.assustado 1sg<sub>A</sub>-pular rio ALAT

Eu me assustei e pulei no rio.

Br, texto escrito

(284)<sup>81</sup>

inde ne-katu  
 2SG 2sg<sub>E</sub>-estar.bem

Você está bem.

Br, elicitado

(285)

u-estudai Nheengatu ne-yawe  
 3sg<sub>A</sub>-estudar Nheengatú 2sg<sub>E</sub>-ser.assim

Ele estuda Nheengatú assim como você.

Br, nota de campo

(286)

\*ixe katu

Alguns elementos dessa classe expressam a forma de terceira pessoa singular pelo prefixo *i-*, indicando que pertencem à subclasse de temas *i-*, o mesmo que marca terceira pessoa do singular em nomes (v. 4.2.2). Os enunciados (287) e (288) ilustram verbos estativos flexionados em terceira pessoa do singular:

---

<sup>81</sup> *katu* ‘estar bem’ difere de *puranga* ‘ser bonito, ser bom’, por tratar de questões como saúde. *Inde nekatu?* seria usado em um contexto em que o enunciador pergunta sobre o estado de saúde do enunciatário. Explicação da professora Marlene Trindade, Baré.

(287)

kurumĩ i-kuere=wã  
 menino 3sg<sub>E</sub>-estar.cansado=PFT  
 O menino já estava cansado.  
 Br, elicitado

(288)

taina ita yawe te  
                   i-yawe  
 criança PL ser.assim FOC  
 As crianças são assim mesmo.  
 Br

Outros termos dessa classe utilizam *s-* para marcar a terceira pessoa singular. Nas formas intralocutivas e na terceira pessoa plural, o radical do verbo estativo ocorre com a consoante inicial [r]. Nesses verbos, a forma de terceira pessoa singular estativa *i-* é proibida. Os enunciados em (289) e (290) ilustram o uso de verbos intransitivos estativos que marcam a terceira pessoa do singular por *s-*:

(289)

(a)  
 se-ruri a-iku  
 1sg<sub>E</sub>-ser.alegre 1sg<sub>A</sub>-estar  
 Estou alegre.  
 Br

(b)

kunhã kariwa s-uri putira tapite upe  
 mulher não.indígena 3sg<sub>E</sub>-ser.alegre flor meio LOC  
 A mulher não-indígena está alegre no meio das flores.  
 Br, elicitación por meio de imagens





**Quadro 25: Verbos estativos não flexionáveis**

Verbo estativo	Glosa
irawa	ser amargo
iwate	ser alto
pinima	ser colorido
puranga	ser bonito / bom
puku	ser comprido
puxuera	ser feio
saimbe	ser afiado
sasi	estar doente
sasiara	ser triste
seẽ	ser gostoso
tipi	ser fundo

Essa classe tende a expandir-se devido ao fato de que adjetivos do Português são interpretados em Nheengatú como verbos estativos não flexionáveis, independentemente de expressarem propriedades físicas ou disposições humanas (v. 7.3.2).

#### 4.4.4 Sumário das classes verbais

O Quadro 26 sumariza os tipos de verbos:

**Quadro 26: Tipos de verbos**

Transitivos	Intransitivos		
	Dinâmicos	Estativos	
		Flexionável	não flexionável
IP <sub>A</sub>	IP <sub>A</sub>	IP <sub>E</sub>	
a-u pakua 1sg <sub>A</sub> -comer banana Comi banana.	a-kiri 1sg <sub>A</sub> -dormir Dormi.	se-ruri 1sg <sub>E</sub> -ser.alegre Estou feliz.	ixe puku 1SG ser.comprido Eu sou comprido.
ações e processos envolvendo dois participantes	ações e processos	estados (relativos às disposições humanas)	estados (propriedades físicas)
v. 4.4.1	v. 4.4.2	v. 4.4.3.1	v. 4.4.3.2

#### 4.4.5 *Ausência de uma classe de adjetivos*

Dixon (2006) propõe que uma classe de adjetivos pode ser reconhecida em todas as línguas do mundo. Para o autor, a classe é definida como

a word class distinct from noun and verb, including words from the prototypical adjective semantic types, and (a) functioning either as intransitive predicate or as copula complement; and/or modifying a noun in a NP.

[uma classe de palavras distinta de nomes e verbos, incluindo palavras, com semântica prototípica de adjetivos, e (a) funcionando como predicado intransitivo ou como complemento de cópula; e/ou modificando um nome em um SN] (Dixon 2006, 14; tradução livre acrescentada)

As duas funções sintáticas associadas tipologicamente a adjetivos não permitem distinguir os verbos estativos de outros verbos. O primeiro critério, capacidade de funcionar como predicado, é compartilhado por todos os itens lexicais, uma vez que predicados nominais e adverbiais são estabelecidos sem que a língua disponibilize uma cópula (v. 9.4.4).

O critério mais amplamente reconhecido — capacidade de funcionar como modificador dentro de um sintagma nominal — também não diferencia verbos estativos de verbos dinâmicos, uma vez que ambos devem ocorrer em relativas para poderem modificar um nome (v. 6.4). O Nheengatú não tem uma classe lexical, aberta, que tenha como vocação primária funcionar como modificador do sintagma nominal.

Como vimos em 4.1, verbos, independentemente da subclasse a que pertençam, precisam ser nominalizados para funcionarem como argumento. Este critério foi utilizado para distinguir nomes e verbos, mais que isso permite associar as subclasses de estativos às classes verbais. A combinação com morfologia de pessoa não é um critério lógico que permita a distinção de uma classe de adjetivos, apenas permite identificar duas subclasses verbais.

#### 4.5 *Expressões adverbiais*

Para Creissels, muitas das palavras que os linguistas tendem a chamar de advérbios por expressarem circunstâncias têm características nominais. Nas palavras do autor,

La notion de nominal, qu'on l'applique à des positions syntaxiques ou aux formes aptes à occuper ces positions, ne peut pas être conçue comme une propriété dichotomique, c'est-à-dire comme une propriété qui permettrait toujours, étant donné une position syntaxique ou une forme, de la désigner sans nuance, ou bien comme nominale, ou bien comme non nominale.

[a noção de 'nominal', com a qual designamos posições sintáticas ou a outras formas aptas a ocupar estas posições, não podem ser concebidas como uma propriedade dicotômica, quer dizer, como uma propriedade que permite sempre, dada uma posição sintática ou uma forma, designá-la sem nuance, como nominal, ou não nominal] (Creissels 1995, 133-134; tradução livre acrescentada)

De fato, em Nheengatú, as expressões adverbiais têm propriedades morfológicas que as ligam aos nomes. A maioria dos advérbios e posposições são compatíveis com o sufixo *wara* 'derivador de nomes de procedência' (v. 5.2). Posposições são compatíveis com prefixos de pessoa da série estativa. Em termos sintáticos, advérbios são núcleos de sintagma que funcionam como predicado em orações adverbiais (v. 9.4.3). A propriedade de funcionar como núcleo de predicado é uma das propriedades que distingue advérbios de partículas (v. 8.1).

Ainda que advérbios e posposições compartilhem propriedades com nomes, eles se distinguem sintaticamente. São unidades lexicais que podem ocorrer em qualquer posição da sentença, uma vez que expressam circunstâncias (Tesnière 1959). Ademais não podem ocupar posição de argumento: sujeito e objeto.

Em outras línguas da família Tupi-Guarani, os advérbios diferem dos nomes, pois ao serem colocados na periferia à esquerda da sentença, engatilham um processo conhecido na literatura especializada como 'indicativo II' (Rodrigues 1953) ou 'modo

circunstancial’ (Seki 2000)<sup>83</sup>. No Nheengatú, expressões adverbiais não afetam a estrutura da sentença, os verbos dinâmicos necessariamente tomam prefixos da série dinâmica.

#### 4.5.1 *Posposições*

Posposições são núcleos de sintagmas posposicionais, que expressam os circunstantes e não os participantes principais, na terminologia de Tesnière (1959). Algumas posposições são compatíveis com a forma curta do demonstrativo próximo *kua*.

As propriedades arroladas acima, no entanto, não são encontradas em todas as posposições. Pelo contrário, podemos estabelecer um *continuum* entre posposições mais próximas à classe dos nomes — tornando a distinção nome e posposição bastante sutil — enquanto outras estão mais gramaticalizadas. Examinamos o *continuum* entre nomes e posposições na seção 4.5.1.2.

Em termos semânticos, as posposições podem ser subdivididas em locativas, direcionais e associativas, como sumarizado em Quadro 27<sup>84</sup>.

---

<sup>83</sup> Segundo Rodrigues (1953), em Tupinambá (e outras línguas da família Tupi-Guarani), a oração com advérbio à esquerda exigia um prefixo da série estativa: *kuese xe só*, ontem 1sg<sub>E</sub>-ir ‘ontem eu fui’, tratado como ‘indicativo II’.

<sup>84</sup> A organização do quadro e do capítulo segue proposta de organização das posposições, proposta para o Tiriyo (Meira 1999, 472-530). Naturalmente adaptada às particularidades do Nheengatú.



**Quadro 27: Sumário das posposições**

Subgrupo		Exemplos
Posposições espaciais	Simples	<i>pe</i> ‘locativa’, <i>pupe</i> ‘inessivo’, <i>kupe</i> ‘atrás’, <i>rupi</i> ‘perlativo’, <i>kiti</i> ‘alativo’, <i>sui</i> ‘ablativo’, <i>piri</i> ‘direcional comitativo’
	Derivadas	<i>piterupi</i> ‘no meio de’, <i>uwirupi</i> ‘embaixo de’, <i>iararupi</i> ‘em cima de’
Posposições temporais		<i>s/runde</i> ‘anterioridade’, <i>rire</i> ‘consecutiva’ <sup>85</sup>
Posposições associativas		<i>s/rese</i> ‘relativo’, <i>irũ</i> ‘comitativo e instrumental’, <i>supe</i> ‘dativo extralocutivo’, <i>arã</i> ‘dativo prospectivo’

No decorrer desta seção apresentaremos cada um desses tipos de posposições, com suas características semânticas e morfológicas.

#### 4.5.1.1 *Posposições espaciais*

As posposições espaciais indicam a posição de uma entidade no espaço ou a direção para a qual uma entidade deve mover-se. A seguir cada uma dessas posposições é apresentada individualmente com suas propriedades morfológicas e semânticas.

##### 4.5.1.1.1 *Locativos*

No *corpus* de nossa pesquisa, encontramos as seguintes posposições locativas: *upe* (~ *pe*), que indica a localização geográfica de uma entidade; *pupe* ‘inessivo’, que expressa a noção de localização interna; *supe* ‘dativo extralocutivo’ que indica o beneficiário de um processo de transferência. As posposições locativas (grupo *\_pe*) não são compatíveis com *wara* ‘derivador de nomes de procedência’ nem com prefixos da série estativa. Também não aceitam a combinação com *kua* ‘demonstrativo próximo’. Todas essas características indicam que essas posposições estão em um estágio avançado de gramaticalização, como veremos em 4.5.1.2.

<sup>85</sup> Ver 4.2.2: Posposições que fazem parte da classe de temas, identificado pelo emprego de *s-* ‘3sg<sub>E</sub>’, são marcadas como *s/rese* para indicar a alternância lexical.

- *Locativo upe*

A posposição locativa *upe* [u.'pɛ] ~ ['pɛ] pode indicar a localização geográfica de uma entidade em sentido pontual de contato com a superfície (295) ou em sentido difuso de proximidade (296). Por extensão, pode expressar também o fato da entidade estar contida em um todo como em (297) e (298), ou a localização de uma entidade no eixo temporal como em (299).

(295)

ya-wasemu ae Kolombia upe Venezuela upe  
 1pl<sub>A</sub>-encontrar 3SG Colômbia LOC Venezuela LOC  
 Encontramos ele na Colômbia, na Venezuela.

Br

(296)

u-sika paa ta-rukena upe  
 3sg<sub>A</sub>-chegar REP 3pl<sub>E</sub>-porta LOC  
 Diz que chegou na porta deles.

Br

(297)

tau-maã-sa upe te u-su=wã  
 3pl<sub>A</sub>-ver-NMZ LOC FOC 3sg<sub>A</sub>-ir=PFT  
 Na vista deles mesmo, saiu.

Wr

(298)

dabukuri upe ma=ta ya-yu-mbue ta-irũ  
 dabukuri LOC NG=Q 1pl<sub>A</sub>-R/R-ensinar 3pl<sub>E</sub>-COM<sub>INSTR</sub>  
 No Dabukuri, o que aprendíamos com eles?

Bn

(299)

u-kuntai    nhaã    akayu upe    Nheengatu u    Werekena  
 3sg<sub>A</sub>-falar DEM<sub>DIST</sub> ano    LOC Nheengatú CONJ<sub>ALT</sub> Warekena  
 Falava naquele ano Nheengatú ou Warekena

Br

Em relação às posposições mais prototípicas, *upe* distingue-se por ser incompatível com prefixos da série estativa e também por não ser compatível com *wara* ‘derivador de nome de procedência’.

Em Tupinambá, a forma cognata *-ipe* ~ *-pe* é vista como um sufixo flexional de caso ‘locativo’. Como tal, *pe* estaria em um paradigma de sufixos casuais estabelecidos para aquela língua (Rodrigues 2001, 107-108). Em Nheengatú, não há um paradigma de casos morfológicos, uma vez que esses morfemas desapareceram (ou, pelo menos, perderam sua função morfológica, como é o caso de *-a*, integrado à raiz de lexemas da língua). *Upe* (~ =*pe*) é considerado como uma posposição por suas propriedades sintáticas: formar um sintagma posposicional que permite expressar um circunstante do tipo locativo.

- *Inessivo pupe*

A posposição *pupe* ‘inessivo’ expressa a noção de localização interna. O enunciado (300), produzido por um falante idoso, exemplifica seu uso.

(300)

u-suwaxara    ae    i-marika    pupe  
 3sg<sub>A</sub>-responder 3SG 3sg<sub>E</sub>-barriga INESS  
 Ele respondeu de dentro da barriga dela.

Wr

Entre os mais jovens, bilíngues em Nheengatú e Português com predominância do primeiro como língua materna, observamos a

tendência a expressar a noção de localização interna pelo nome *kuara* ‘buraco’, como ilustrado pelos enunciados (301) a (303):

(301)

tau-puraki      Xie      kuara    upe  
3pl<sub>A</sub>-trabalhar   Xié      buraco   LOC

Trabalham dentro do Xié.

Lit.: Trabalham no buraco do Xié

Wr

(302)

akuti u-wapika    igara    kuara    upe  
cotia 3sg<sub>A</sub>-sentar   canoa   buraco   LOC

A cotia sentou dentro da canoa.

Lit. A cotia sentou no buraco da canoa.

Br

(303)

tau-karãï      bongu    kuara  
3pl<sub>A</sub>-limpar    bongo    buraco

Limpam dentro do bongo.

Lit.: Limpam [o] buraco [do] bongo.

(Comunidade de Anamoim - Xié ms.)

- *Dativo extralocutivo supe*

A posposição *supe* expressa o BENEFICIÁRIO de uma ação, estado ou processo. A sua aproximação às posposições locativas se dá em termos formais, uma vez que compartilha a forma *\_pe*. Não aceita prefixos da série estativa, não se combina com *wara* ‘derivador de nomes de procedência’ nem com o demonstrativo próximo *kua*. Em termos semânticos, a aproximação com os locativos pode estar ligada a uma interpretação do beneficiário extra-locutivo como um alvo estático. Os enunciados (304) a (306) ilustram o uso da posposição:



- *Ablativo sui*

O ablativo *sui* indica o início de um movimento, o ponto de partida de uma trajetória, como ilustrado nos enunciados (308) a (311):

(308)  
 tu-mu-kuara                    **garapa**      **sui**  
 tau-mu-kuara  
 3pl<sub>A</sub>-CAUS-buraco    porto            ABLAT  
 Esburacaram desde o porto.  
Wr

(309)  
 inde re-nasei            **se-sui**  
 2SG 2sg<sub>A</sub>-nascer 1sg<sub>E</sub>-ABLAT  
 Você nasceu de mim.  
Br

(310)  
 ti=ya-putai            awa    u-ri            u-tumari  
 NEG=1pl<sub>A</sub>-querer    NGH    3sg<sub>A</sub>-vir    3sg<sub>A</sub>-tomar  
  
**yane-sui**            kua            yane-iwi  
 1pl<sub>E</sub>-ABLAT    DEM<sub>PROX</sub>    1pl<sub>E</sub>-terra  
 Não queremos que alguém venha e tome nossa terra de nós.  
Bn

(311)  
 ixe a-putai            a-purandu            **ne-sui**  
 1SG 1sg<sub>A</sub>-querer 1sg<sub>A</sub>-perguntar 2sg<sub>E</sub>-ABLAT  
 Eu quero perguntar de você...  
Wr

A posposição *sui* também é usada para marcar o termo comparado em enunciados que estabelecem comparações de superioridade<sup>86</sup>. Entretanto, esse uso está sendo substituído pela expressão *duki*, empréstimo do Português ‘do que’ (v. 4.5.2).

(312)

ixe waimĩ pi(ri) ne-sui  
 1SG mulher.velha ser.mais 2sg<sub>E</sub>-ABLAT  
 Eu sou mais velha que você.

Br, elicitado

(313)

se-renda upe a-riku pi(ri) timbiu ne-sui  
 1sg<sub>E</sub>-sítio LOC 1sg<sub>A</sub>-ter ser.mais comida 2sg<sub>E</sub>-ABLAT  
 No meu sítio, tem mais comida do que no seu.

Br, elicitado

Combinada ao *-wara* ‘derivador de nomes de procedência’ (v. 5.2) permite criar *suiwara*, que indica a procedência de uma determinada entidade:

(314)

a=sui-wara te se-manha ambira  
 DEM=ABLAT-DNP FOC 1sg<sub>E</sub>-mãe falecido  
 Minha mãe falecida era de lá mesmo.

Wr

Por extensão, também pode indicar a origem material de determinada entidade, como ilustrado em (315) a (317). Nesse caso, podemos levantar a hipótese de que a própria forma *sui-wara* começa a se gramaticalizar como uma posposição, uma vez que sintaticamente expressa um circunstante e não é capaz de funcionar como argumento:

<sup>86</sup> Comparações de igualdade utilizam o verbo estativo *yawe* ‘ser assim’.

(315)

ta-yuka paa bapa tuyuka sui-wara

tau-yuka

3pl<sub>A</sub>-tirar REP bacia barro ABLAT-DNP

Diz que tiraram uma bacia de barro.

Br

(316)

aikue vinti uka karanã sui-wara

EXIST vinte casa caranã ABLAT-DNP

Havia vinte casas de caranã.

Bn

(317)

kui(ri) ya-munhã iskola yurá sui-wara

agora 1pl<sub>A</sub>-fazer escola jirau ABLAT-DNP

Agora, construímos escola de jirau.

Wr

- *Alativo kiti*

O alativo *kiti* indica que um movimento tem direção a um alvo, o ponto de chegada de uma trajetória (318) e (319). Por extensão, indica uma localização difusa ‘para os lados de’ como em (320):

(318)

ta-yuiri ta-ruka kiti

tau-yuiri

3pl<sub>A</sub>-voltar 3pl<sub>E</sub>-casa ALAT

Voltaram para a casa deles.

Br



(319)

a=kiti            te            tau-supi(ri)    paa  
 DEM=ALAT    FOC    3pl<sub>A</sub>-carregar    REP

Para lá mesmo, diz que carregaram.

Wr

(320)

tau-su        u-kasai            kaa        kiti  
 3pl<sub>A</sub>-ir    3sg<sub>A</sub>-caçar        mato    ALAT

Foram caçar pro mato (em direção ao mato)

Wr

As posposições direcionais *sui* ‘ablativo’ e *kiti* ‘alativo’ não são compatíveis com o advérbio *ike* ‘aqui’. Para expressar o movimento em direção ao falante (em Português, ‘para cá’) e o movimento que tem como ponto de partida o falante (em Português, ‘daqui’), utiliza-se a forma curta do demonstrativo próximo *kua*, como ilustrado em (321).

(321)

u-ri        professor    kua            kiti  
 3sg<sub>A</sub>-vir    professor    DEM<sub>PROX</sub>    ALAT

Veio professor para cá.

Wr

O complemento da posposição *kiti* não pode ser uma entidade humana, para esse uso, utiliza-se o direcional-comitativo *piri*, como veremos a seguir.

- *Direcional comitativo piri*

A posposição *piri* ‘direcional comitativo’<sup>87</sup> indica que uma entidade dirige-se a outra entidade com a qual estará em companhia.

<sup>87</sup> A forma é homófona ao verbo estativo *piri* ‘ser mais’.

Assim como *kiti* ‘alativo’, *piri* indica o ponto de chegada de uma trajetória. As duas posposições se diferenciam, porém, na seleção de seus complementos. Como vimos anteriormente, *kiti* ocorre com um alvo não humano, enquanto a *piri* ocorre com um alvo humano. Assim, no enunciado (322), o complemento circunstancial de *yuiri* ‘voltar’ é expresso pela posposição alativa, quando indica referência não humana (no caso, um lugar) e pela posposição *piri* ‘direcional comitativo’, quando indica a referência a uma entidade humana.

(322)

kunhã u-yuiri kua kiti  
mulher 3sg<sub>A</sub>-voltar DEM<sub>PROX</sub> ALAT  
A mulher voltou para cá.

Wr

(323)

u-yuiri se-ramunha ambira piri  
3sg<sub>A</sub>-voltar 1sg<sub>A</sub>-avô falecido DIR<sub>COM</sub>  
Voltou para junto do meu avô falecido.

Wr

Em algumas línguas Tupi-Guarani, os reflexos do morfema *\*piri* ‘junto a’ (Jensen 1998a) são analisados como ‘comitativo’ (cf., por exemplo, Praça (2007, 141), Borges (2007, 388)). De fato, os conceitos têm traços semânticos comuns que podem ter levado essas línguas a reanalisarem os correspondentes de *\*piri* como comitativo. Considere os enunciados (324) e (325):

(324)

u-yuiri i-mena irũ  
3sg<sub>A</sub>-voltar 3sg<sub>E</sub>-marido COM<sub>INSTR</sub>  
Voltou com o marido.

Br, elicitado

(325)  
 u-yuiri i-mena piri  
 3sg<sub>A</sub>-voltar 3sg<sub>E</sub>-marido DIR<sub>COM</sub>  
 Voltou para junto do marido.  
 W<sub>n</sub>

Em (324), o referente marcado como complemento de *irũ* ‘comitativo’ exerce a mesma atividade que o referente expresso como sujeito, i.e., os referentes *mena* ‘marido’ e *ximiriku* ‘3sg<sub>E</sub>-esposa’, retomado por *u-* ‘3sg<sub>E</sub>’ indicando sujeito, exercem a ação de *yuiri* ‘voltar’ juntos. A escolha entre qual dos referentes é escolhido para ser expresso como sujeito ou como complemento de posposição depende de fatores discursivos. Em (325), o referente selecionado para funcionar como sujeito (a esposa), referido por *u-*, exerce o movimento sozinho. O referente codificado como complemento da posposição *piri* não exerce nenhum movimento, sua presença apenas indica a direção do movimento. Em (326) e (327), apresentamos outros exemplos de enunciados com a posposição *piri*:

(326)  
 u-sika se-paya ambira pi(ri) Santana upe  
 3sg<sub>A</sub>-chegar 1sg<sub>E</sub>-pai falecido DIR<sub>COM</sub> Santana LOC  
 Chegou junto ao meu pai falecido em Santana  
 B<sub>n</sub>

(327)  
 ixe a-uri pe-piri  
 1SG 1sg<sub>A</sub>-vir 2pl<sub>E</sub>-DIR<sub>COM</sub>  
 Eu vim junto a vocês.  
 B<sub>r</sub>

Diferentemente das demais posposições relacionais, *piri* não é compatível com *wara* ‘derivador de nomes de procedência’.

4.5.1.1.3 *Perlativo e seus derivados*

Nesta seção, descrevemos o uso da posposição *rupi* ‘perlativo’ e de posposições derivadas: *piterupi* ‘pelo meio de’, *ararupi* ‘por cima de’, *uwirupi* ‘por baixo de’.

- *Perlativo simples rupi*

A posposição *rupi* ‘perlativo’ indica os locais pelos quais uma entidade tem contato durante um movimento, como ilustrado em (328). Por extensão, pode ser empregada para indicar localização imprecisa (330), ‘por causa de’ (331) e ‘por meio de’ (332).

(328)

ta-senui      uka   rimbia   rupi  
 tau-senui  
 3pl<sub>A</sub>-chamar   casa   beira   PERL

ta-kukuera      rupi      ta-kupixa   rupi  
 3pl<sub>E</sub>-capoeira   PERL   3pl<sub>E</sub>-roça   PERL

Chamaram pela beira da casa, pelas capoeiras deles, pelas roças deles.

Contexto: chamaram a menina

Br

(329)

ya-wata      a=rupi  
 1pl<sub>A</sub>-andar   DEM=PERL  
 Andávamos por lá.

Bn

(330)

aikue paranã- wasu rupi loiro-wasu  
 EXIST rio-AUM PERL

Rio Negro

Havia pelo Rio Negro uma (árvore grande) de louro.

Wr

(331)

kui ta-maramunha yane-rupi  
 kuiiri tau-maramunha  
 agora 3pl<sub>A</sub>-brigar 1pl<sub>E</sub>-PERL

Agora, brigam por nós.

Bn

(332)

aitenhaã ya-seruka kariwa ita nheenga rupi  
 DEM<sub>DIST</sub> 1pl<sub>A</sub>-chamar não.indígena PL língua PERL

Martim Pescador

Martin Pescador

Aquele lá, chamamos pela língua dos brancos de Martim Pescador.

Br

A posposição *rupi* não é compatível com o advérbio *ike* ‘aqui’. Para expressar a passagem na região em que se encontra o falante, utiliza-se a *kua* ‘demonstrativo próximo’ (forma curta) como ilustrado nos enunciados (333) e (334) abaixo:

(333)

kua rupi aikue regatão  
 DEM<sub>PROX</sub> PERL EXIST regatão

Por aqui, havia o regatão.

Wr

(334)

Sofia u-sika kua rupi  
 Sofia 3sg<sub>A</sub>-chegar DEM<sub>PROX</sub> PERL  
 Sofia chegou por aqui.

Bn

Combinada ao *-wara* ‘derivador de nomes de procedência’, *rupi* permite criar *rupiwara*, que expressa de maneira incerta a procedência de uma determinada entidade.

(335)

kua-rupi-wara te tuyu  
 DEM<sub>PROX</sub>-PERL-DNP FOC velho  
 O velho era mesmo daqui.

Lit.: O velho era mesmo originário de por aqui.

Wr

- *Pelo meio piterupi*

A posposição *piterupi* ‘pelo meio’ é resultado da combinação do nome *pitera* ‘meio’ e *rupi* ‘perlativo’. Em (336), observamos no dialeto falado por Warekena no alto rio Xié, a forma longa, ainda mantendo a *pitera* ‘meio’ e *rupi* ‘perlativo’ como palavras diferentes. Em (337), houve redução de *pitera* ‘meio’, emergindo uma posposição complexa *piterupi* ‘pelo meio de’. Os falantes de (336) e (337) pertencem à mesma geração (entre 40 e 50 anos):

(336)

ii u-su u-iku i-pitera rupi=wã paa  
 água 3sg<sub>A</sub>-ir 3sg<sub>A</sub>-estar 3sg<sub>E</sub>-meio PERL=PFT REP  
 Diz que a água estava indo já para o meio dele.

Contexto: A água estava já no meio do corpo do menino.

Wr

(337)

amu            pituna   piterupi    tau-sendu    paa    tiyapu  
 outra.entidade    noite    PERL<sub>MEIO</sub>    3pl<sub>A</sub>-escutar    REP    barulho  
 Pelo meio da outra noite, diz que ouviram um barulho.

Br

- *Por cima ararupi*

A posposição *ararupi* expressa a noção de ‘por cima’, como ilustram os enunciados (338) e (339):

(338)

u-pui            i-ararupi  
 3sg<sub>A</sub>-pular    3sg<sub>E</sub>-PERL<sub>ACIMA</sub>  
 Pulou por cima.

Wr

(339)

wira-miri        u-sasa            igara    ararupi  
 pássaro-DIM    3sg<sub>A</sub>-passar    canoa    PERL<sub>ACIMA</sub>  
 Um/O passarinho passou por cima da canoa.

Br, elicitado

- *Por baixo: uwirupi*

A posposição *uwirupi* expressa a noção de ‘por baixo de’. Os enunciados (340) e (341) ilustram seu uso.

(340)

pirá    u-sasa            igara    uwirupi  
 peixe    3sg<sub>A</sub>-passar    canoa    PERL<sub>ABAIXO</sub>  
 O peixe passou por baixo da canoa.

Br

(341)

penhe ike u-yu-mbue-sara ruka uwirupi  
 2PL aqui 3sg<sub>A</sub>-R/R-ensinar-NMZ<sub>AG</sub> casa PERL<sub>ABAIKO</sub>  
 (Fiquem) vocês aqui por baixo da casa dos professores<sup>88</sup>.

Br

4.5.1.1.4 *Locativas temporais*

As posições locativas temporais indicam a relação de uma entidade com outras entidades no eixo temporal. Ambas *s/runde* ‘antes’ e *rire* ‘consecutiva’ ocorrem como posposições, mas também como subordinadores. Neste capítulo, apresentamos apenas as propriedades que as ligam ao grupo de posposições. Para ocorrência como subordinadores, ver a seção 8.1.4.2.

- *Anterioridade s/runde*

A posposição *s/runde* ‘antes’ expressa a anterioridade espacial e temporal, ‘antes de’, ‘em frente a’. Pode ocorrer em uma série de posposições.

(342)

a-su a-munhã yepe matapi-miri sunde  
 1sg<sub>A</sub>-ir 1sg<sub>A</sub>-fazer INDF armadilha.de.pesca-DIM 3sg<sub>E</sub>.antes  
 Vou fazer um matapi pequeno antes dele.

Wr

(343)

ya-su ya-iku yane-runde kiti  
 1pl<sub>A</sub>-ir 1pl<sub>A</sub>-estar 1pl<sub>E</sub>-antes ALAT  
 Estamos indo para frente.

Bn

<sup>88</sup> A ‘casa dos professores’ é a escola, feita em forma de palhoça (ou seja, sem paredes, apenas uma proteção em cima contra a chuva). O enunciado imperativo indica que as crianças devem ficar embaixo da palhoça.





(347)

kua            rire            ya-su    ya-ganhai    esperiensiã  
 DEM<sub>PROX</sub>    CONSEC    1pl<sub>A</sub>-ir    1pl<sub>A</sub>-ganhar    experiênciã  
 Depois disso, vamos ganhar experiênciã.

Bn

Assim como outras posposições, *rire* ‘consecutiva’ pode se combinar com *wara* ‘derivador de nomes de procedência’, como em (348). E também ocorre flexionada, como em (349).

(348)

kua-rire-wara  
 DEM<sub>PROX</sub>-CONSEC-DNP  
 o que vem depois disso

(349)

se-rire    depois de mim  
 ne-rire    depois de você

#### 4.5.1.1.5 *Associativas*

As posposições associativas permitem expressar a associação entre duas entidades, sem que a mesma indique uma relação espacial ou temporal. Nos *corpus* desta pesquisa, encontramos as seguintes posposições associativas: *s/rese* ‘relativo’; *irũ* ‘comitativo e instrumental’, *arã* ‘dativo prospectivo’. A seguir, descrevemos cada uma dessas posposições sumariamente:

- *Relativo s/rese*

A posposição de relativo<sup>90</sup> *s/rese* indica a noção de tema, de assunto sobre o qual se trata, como em (350) e (352). Também pode indicar ‘superessivo’, ou seja a noção de ‘contato com, sobre’ (353).

<sup>90</sup> Adotamos neste trabalho o termo ‘relativo’, empregado por Rodrigues (2000).

(350)

a-manduai s-ese  
 1sg<sub>A</sub>-lembrar 3sg<sub>E</sub>-RELAT  
 Eu lembro disso.

Br

(351)

tau-puká yane-rese  
 3pl<sub>A</sub>-rir 1pl<sub>E</sub>-RELAT  
 Riam de nós.

Br

(352)

panhe ma=rese ta-yu-ajudai  
 tau-yu-ajudai  
 tudo NG=RELAT 3pl<sub>A</sub>-R/R-ajudar  
 Em todas as coisas, eles se ajudavam (uns aos outros).

Bn

(353)

ta-pisika paa yuwa-miri rese  
 tau-pisika i-yuwa-miri  
 3pl<sub>A</sub>-pegar REP 3sg<sub>E</sub>-braço-DIM RELAT  
 Diz que pegaram no bracinho dela.

Br

Combinada a *wara* ‘derivador de nomes de procedência’, permite criar *sese-wara*, que expressa a noção de causalidade ‘por causa de’, como ilustrado em (354) e (355).

(354)

ya-maramunha kua kariwa ita irũ  
 1pl<sub>A</sub>-brigar DEM<sub>PROX</sub> não.indígena PL COM<sub>INSTR</sub>

yane-iwi      rese-wara  
 1pl<sub>E</sub>-terra      RELAT-DNP  
 Brigamos com estes brancos por causa da nossa terra.  
 Bn

(355)

pe-rese-wara      u-su      rame      kua      oficializado  
 2pl<sub>E</sub>-RELAT-DNP      3sg<sub>A</sub>-ir      SUB<sub>TEMP</sub>      DEM<sub>PROX</sub>      oficialização

kua      nheengatu      nem      tau-sika=re      ae  
 DEM<sub>PROX</sub>      Nheengatú      NEG<sub>CONTR</sub>      3pl<sub>A</sub>-procurar=IMP      3SG  
 Por causa de vocês, quando foi esta oficialização deste Nheengatú,  
 nem procuram isso [o Baré].

Br

- *Comitativo e instrumental irumu ~irũ ~[=rũ]*

A posposição *irumu*<sup>91</sup> exprime a noção de companhia, como em (356) e (357). Também é utilizado para expressar a noção de instrumento, como em (358).

(356)

ape      te      paa ai      u-maramunha yawuti      irũ  
 CONJ<sub>SEQ</sub>      FOC      REP      preguiça 3sg<sub>A</sub>-brigar      jabuti      COM<sub>INSTR</sub>  
 Aí mesmo, diz que a preguiça brigou com o jabuti.

Br

(357)

ya-su      ya-kuntai      usaiwa      ta-irũ  
 1pl<sub>A</sub>-ir      1pl<sub>A</sub>-falar      formiga.saúva      3pl<sub>E</sub>-COM<sub>INSTR</sub>  
 Vamos falar com as saúvas.

Br

<sup>91</sup> Ver 8.1.4.2: A forma *irũ* também pode ocorrer como subordinador.

(358)

miku u-ri iwaká kaxu irũ  
 mico 3sg<sub>A</sub>-vir fruta.bacaba cacho COM<sub>INSTR</sub>

O mico veio com o caixo de bacaba.

Br

A posposição *irumu* gramaticalizou-se a partir do nome relativo *rumuara*, ‘companheiro, amigo’ (Rodrigues *apud* Oliveira (2008, 69)). Portanto, a expressão do papel temático INSTRUMENTO pode ser considerada como uma extensão metafórica do sentido etimológico comitativo.

- *Dativo prospectivo arama ~arã ~[=rã]*

A posposição *arã* indica o BENEFICIÁRIO de um processo de transferência. Combinada diretamente aos pronomes pessoais livres, a posposição *arã* indica o dativo intralocutivo.

(359)

“Mamãe” u-nheẽ wera xarã  
 ixẽ=arã  
 mamãe 3sg<sub>A</sub>-dizer HAB 1SG=DAT<sub>PROSP</sub>

nhaã se-kurumĩ  
 DEM<sub>DIST</sub> 1sg<sub>E</sub>-menino

“Mamãe”, dizia sempre para mim aquele meu menino.

Br

(360)

yane-u-mbue-sara ita u-mbeu **yand**=arã  
 1pl<sub>E</sub>-3sg<sub>A</sub>-ensinar-NMZ<sub>AG</sub> PL 3sg<sub>A</sub>-contar 1PL=DAT<sub>PROSP</sub>  
 Nossos professores contaram para nós.

Br

(361)

ya-su ya-mukameẽ **penh**=arã nhaã mayuwa  
 1pl<sub>A</sub>-ir 1pl<sub>A</sub>-mostrar 2PL=DAT<sub>PROSP</sub> DEM<sub>DIST</sub> majuba  
 Vamos mostrar para vocês aquela majuba (cobra).

Wr

A posposição *arã* ‘dativo prospectivo’ também pode se combinar com um sintagma posposicional de dativo extralocutivo, gerando a estrutura [ [ [SN] *supe* ] *arã* ]. Considere o comportamento do verbo *nheẽ* ‘dizer’ nas sentenças (362) e (363), ambas retiradas do mesmo texto:

(362)

a-nheẽ xupe arã  
 i-supe  
 1sg<sub>A</sub>-dizer 3sg<sub>E</sub>-DAT<sub>EXTR</sub> DAT<sub>PROSP</sub>  
 Eu disse para ela.

(363)

a-nheẽ xupe  
 i-supe  
 1sg<sub>A</sub>-dizer 3sg<sub>E</sub>-DAT<sub>EXTR</sub>  
 Eu disse para ela

À primeira vista, as duas formas parecem equivalentes, entretanto, ao observamos contextos maiores podemos perceber que a combinação de *arã* com *supe* ‘dativo extralocutivo’ indicaria que o AGENTE espera que a entidade transferida (PACIENTE) cause algum efeito no BENEFICIÁRIO. Considere os enunciados (364) e (365):

(364)

“yande” u-nheẽ x-imiriku supe arã “ya-su=wã!”  
 1PL 3sg<sub>A</sub>-dizer 3sg<sub>E</sub>-esposa DAT<sub>EXTR</sub> DAT<sub>PROSP</sub> 1pl<sub>A</sub>-ir=PFT  
 “Nós” — disse para esposa — “já vamos!”







(367)

Re-meẽ=re      xarã                      kua              taina<sub>k</sub>.  
 re<sub>i</sub>-meẽ=re      ix<sub>e</sub><sub>j</sub>=arã  
 2sg<sub>A</sub>-dar=IMP    1SG=DAT<sub>PROSP</sub>    DEM<sub>PROX</sub>    criança

a<sub>j</sub>-su=re      a<sub>j</sub>-meẽ      u<sub>k</sub>-yasuka  
 1sg<sub>A</sub>-ir=IMP    1sg<sub>A</sub>-dar    3sg<sub>A</sub>-banhar

Me<sub>j</sub> dê<sub>i</sub> ainda esta criança<sub>k</sub>. Ainda vou<sub>j</sub> dar<sub>j</sub> [condições para] ele<sub>k</sub>  
 banhar.

Br

Em (367), há três participantes envolvidos (i) enunciatário, indicado pela marca de ‘segunda pessoa’, (j) enunciador, indicado pela marca de ‘primeira pessoa’ e (k) *kua taina* ‘esta criança’. O verbo *meẽ* ‘dar’ em sua primeira ocorrência seleciona *i* como sujeito, que recebe o papel temático de AGENTE, *j* como BENEFICIÁRIO, indicado pelo sintagma posposicional [[SN] *arã* ] e *k* como PACIENTE. No segundo período, *asure ameẽ uyasuka*, ‘vou dar de banhar [a esta criança]’ *j* e *k* são novamente envolvidos — daí o caráter ‘prospectivo’ da forma de dativo *arã*.

A posposição *arã* tem características formais que a distingue das demais posposições. Trata-se da única posposição que se combina com pronomes pessoais livres e jamais com índices de pessoa da série estativa (IP<sub>E</sub>), como indica o teste gramatical em (368):

(368)

\*se-arã    \*1sg<sub>E</sub>-DAT<sub>PROSP</sub>    -----

A forma *arã* é polifuncional. Combinada com pronomes pessoais e a sintagmas posposicionais [[SN] *supe* ] funciona como posposição de ‘dativo prospectivo’. Combinada a predicados, funciona como ‘subordinador de finalidade’ (v. 8.1.4.2). Em termos diacrônicos, a posposição e o subordinador *arã* derivam da forma do

Tupinambá <*ram*>, um nome com semântica genérica de prospectivo, analisada por Anchieta (1990[1595]) com ‘futuro do nomes’.

4.5.1.2 *Nomes relativos espaciais e posposições: traçando margens em um processo de gramaticalização*

A maioria das posposições em Nheengatú tem propriedades morfológicas que permitem uma aproximação desta classe à dos nomes, em particular a dos nomes relativos que expressam noções espaciais. São as seguintes as características nominais encontradas nas posposições:

a) o uso de *s-* ‘terceira pessoa do singular’, e as formas lexicalizadas, iniciadas por [r] em contiguidade com nomes ou prefixos estativos

b) compatibilidade com *wara* ‘derivador de nomes dinâmicos’, também encontrado com nomes próprios de lugares (topônimos) e advérbios

c) determinação por *kua* ‘demonstrativo próximo’

As posposições, no entanto, diferem da classe dos nomes em termos sintáticos: não podem ocupar o núcleo de um sintagma nominal em função argumental.

A distinção nome / posposição é gradativa: há posposições mais próximas da classe de nomes relativos e outras mais semelhantes a partículas e clíticos, indicando, portanto, um estágio mais avançado de gramaticalização. No Quadro 28, agrupamos as posposições com respeito às propriedades sintáticas e morfológicas.

**Quadro 28: Grau de gramaticalização da classe de posposições**

NOMES	←————→ PARTÍCULAS E CLÍTICOS				
(S, A, O)	–	–	–	–	–
Oblíquo	+	+	+	+	+
IP <sub>E</sub>	+	+	+	–	–
<i>wara</i> DNP	–	+	–	–	–
<i>kua</i> DEM <sub>PROX</sub>	+	+	–	–	–
Tendência a clítico	–	–	+	–	+
Subgrupo	s/runde s/rakakuera	s/rese sui rupi kiti	irũ ~ rũ	supe	upe piri

As posposições listadas nas primeiras colunas (esquerda) têm mais características nominais. Elas assemelham-se a nomes relativos de semântica espacial, como *kupe* ‘costas, posterioridade’ que são nomes, ou seja, podem funcionar como argumento. Em (369), *kupe* ‘costas’ funciona como núcleo de sintagma nominal em posição de objeto. Em (370), podemos interpretar *kupe* ‘costas’ como locativo espacial (do grupo *\_pe*) ou como posposição em cadeia.

(369)

ta-yu-surrai      ta-kupe      ta-putia

tau-yu-surrai

3pl<sub>A</sub>-R/R-surrar    3pl<sub>E</sub>-costas    3pl<sub>E</sub>-peito

Surravam-se suas (próprias) costas deles e os seus (próprios) peitos.

Bn

(370)

i-tutira u-su u-pisika kamarão garape kiti  
 3sg<sub>E</sub>-tio 3sg<sub>A</sub>-ir 3sg<sub>A</sub>-pegar camarão igarape ALAT  
 ta-ruka kupe kiti  
 3pl<sub>E</sub>-casa costas ALAT

Um dos tios dele ia pegar camarão no igarape, para trás da casa deles.

Br

O nome relativo *kupe* ‘costas, posterioridade’, por sua vez, tem sido substituído por *s/rakakuera*, que também funciona como uma posição locativa. Os enunciados (371) e (372) ilustram o uso de *s/rakakuera* ‘atrás’.

(371)

tenki re-yana kariwa ita rakakuera  
 OBRIG 2sg<sub>A</sub>-correr não.indígena PL atrás  
 Você tem de correr atrás dos brancos.

Bn

(372)

inde re-yuiri=wã se-rakakuera  
 2SG 2sg<sub>A</sub>-vir=PFT 1sg<sub>E</sub>-atrás  
 você veio atrás de mim.

Br

#### 4.5.2 *Novos papéis assumidos por preposições*

Os estudos sobre contato linguístico permitiram que se observasse que, embora empréstimos de posições sejam possíveis, são desfavorecidos em relação às classes lexicais. Na hierarquia de acessibilidade a empréstimos proposta por Muysken (1981), as posições são consideradas pouco acessíveis a empréstimo: nome > verbo > adjetivo > posições. Em Nheengatú, todas essas classes são passíveis de serem emprestadas.

Para verificar em que grau pessoas não falantes de Português utilizam empréstimos, levantamos as ocorrências de preposições do Português em três textos produzidos por falantes de Nheengatú que não falavam Português. Tais falantes foram encontrados na comunidade de Anamoim, rio Xié: uma mulher, idosa, bilíngue em Nheengatú e Warekena e um homem de cerca de quarenta anos, monolíngue em Nheengatú. Em textos produzidos por esses falantes, pudemos observar apenas quatro ocorrências de uma mesma preposição do Português. Trata-se da preposição *até*, que tem como função no discurso delimitar espaço, como em (373) e (374), e por extensão, um período de tempo, como em (375) e (376):

(373)

ta-yana        ate    ike  
 tau-yana  
 3pl<sub>A</sub>-correr   até   aqui  
 Correram até aqui.

Wr, monolíngue Nh

(374)

u-yana        ate    ike=ntu=wã  
 3sg<sub>A</sub>-correr   até   aqui=RESTR=PFT  
 Correu até já aqui.

Wr, monolíngue Nh

(375)

ta-yu-nupa        ate    kuema  
 tau-yu-nupa  
 3pl<sub>A</sub>-R/R-bater   até   manhã  
 Bateram-se até de manhã

Wr, bilíngue Wr-Nh

(376)

tu-yu-surrai      ate    tu-pita...  
 tau-yu-surrai      tau-pita  
 3pl<sub>A</sub>-R/R-surrar   até   3pl<sub>A</sub>-ficar  
 Pronto!   aiwã      maiwa  
 INTJ    EXIST<sub>IMIN</sub>   majuba

Surraram-se até ficarem... Pronto! Já é majuba.

Contexto: Na cerimônia do cariamã, o participante do ritual passa por auto-flagelamento até que ele fique forte como majuba (peixe)

Wr, bilíngue Wr-Nh

Em textos produzidos por falantes com alguma fluência em Português e em textos de bilíngues, a preposição *até* ocorre frequentemente, como ilustrado em (377) e (378).

(377)

pai    tau-mbue    u-iku      ate    kui(ri)  
 padre   3pl<sub>A</sub>-ensinar   3sg<sub>A</sub>-estar   até   agora  
 Os padres estão ensinando até agora.

Bn

(378)

tu-mu-kuara      garapa a=sui      ate mi=kiti  
 tau-mu-kuara      mimi    kiti  
 3pl<sub>A</sub>-CAUS-buraco porto   DEM=ABLAT   até longe   ALAT  
 Esburacaram o porto dali até para lá.

Wr

Nos textos coletados entre falantes de Nheengatú com algum conhecimento de Português, também ocorre *duki*, empréstimo do sintagma *de+o+que* ‘preposição (ablativo) + artigo (definido, masculino) + conjunção’ do Português. Em Nheengatú, a estrutura complexa foi reanalisada como uma preposição *duki*, usada unicamente para estabelecer comparação. Embora seja possível estabelecer comparação empregando o sintagma posposicional

nucleado por *sui* ‘ablativo’ (v. 4.5.1.1.2), observamos na fala cotidiana uma frequência muito maior de comparativas que utilizam o sintagma preposicional [*duki* SN]<sub>SPrep</sub>. O enunciado (379) ilustra o uso da estrutura comparativa preposicional em dado espontâneo. Os enunciados (381) e (380) com dados elicitados:

(379)

kuxima se-paya ambira tau-vivei puranga pi(ri)  
antigamente 1sg<sub>E</sub>-pai falecido 3pl<sub>A</sub>-viver ser.bonito ser.mais

duki yande kua tempu  
COMPAR 1PL DEM<sub>PROX</sub> tempo

Antigamente, meus finados pais viviam melhor do que nós neste tempo (agora).

Bn

(380)

ixe iwate pi(ri) duki Baixinha  
1SG ser.alto ser.mais COMPAR Baixinha  
Eu sou mais alta do que a Baixinha.

Wr, elicitado

(381)

ixe iwate pi(ri) Baixinha sui  
1SG ser.alto ser.mais Baixinha ABLAT  
Eu sou mais alta do que a Baixinha.

Wr, elicitado

#### 4.5.3 Advérbios

Os advérbios constituem uma pequena classe de palavras lexicais, invariáveis. Diferenciam-se das posições por serem incompatíveis com complementos nominais. Diferem das partículas (v. 8.1) por serem compatíveis a clíticos de aspecto =*ntu* ‘restritivo’ e de =*ta* (~*taa*) ‘interrogativo’ e também por poderem ser nominalizados pelo sufixo *wara* ‘derivador de nomes de procedência’

(v. 5.2). Ademais, podem constituir um predicado, gerando uma oração adverbial. Esta é a principal propriedade que distingue advérbios de partículas, analisada no capítulo 8.1.

A propriedade de funcionar como predicado e a capacidade de combinação com o sufixo *wara* indicam uma que advérbios compartilham propriedades com nomes. No entanto, em termos sintáticos, os advérbios não podem funcionar como argumentos, nem mesmo como complemento de posposição.

Em termos semânticos, expressam circunstâncias temporais e locativos. Em termos diacrônicos, alguns advérbios temporais como *ike* ‘aqui’, *kuese* ‘ontem’ e *kuxima* ‘antigamente’ parecem gramaticalizados a partir de sintagmas posposicionais.

No decorrer deste capítulo, apresentamos alguns advérbios agrupados pelas características semânticas.

#### 4.5.3.1 *Advérbios temporais*

Advérbios temporais podem ocorrer em qualquer posição da sentença, embora sejam mais comuns em posição inicial. Os enunciados (382) a (388) apresentam exemplos de advérbios temporais:

(382)

<b>kuxima</b>	ya-puraki	piasawa
antigamente	1pl <sub>A</sub> -trabalhar	piaçava
Antigamente, trabalhávamos (com) piaçava.		
Wr		

(383)

re-maã	<b>kui(ri)</b>	limpu	yande
2sg <sub>A</sub> -ver	agora	ser limpo	1PL
Veja agora nós somos limpos.			

Wr



(384)

**kui**=ta?

kui(ri) taa

agora Q

E agora?

Bn

(385)

**Wirande** kuri ya-yuiriAmanhã FUT 1pl<sub>A</sub>-voltar

Amanhã, voltamos.

Wr

(386)

tupana u-puraki kaa kiti mui(ri) **kuema**santo.ou.Tupã 3sg<sub>A</sub>-trabalha mato ALAT muito manhã

Tupã trabalha para o mato toda manhã.

Bn

(387)

**kuema-ite** ya-su ya-maãmanhã-verdadeiro 1pl<sub>A</sub>-ir 1pl<sub>A</sub>-ver

De manhãzinha, vamos ver.

Wr

(388)

kuese ya-sendu=wã

ontem 1pl<sub>A</sub>-escutar=PFT

Ontem já ouvimos.

Br

O advérbio *kuese* ‘ontem’, combinado ao clítico *ntu* ‘restritivo’, lexicalizou-se como *kuesentu* ‘recentemente’; combinado ao nome *amu* ‘outra entidade’ formou ‘antes de ontem’, como ilustrado em (389) e (390), respectivamente:

(389)

u-sika kuese=ntu yepe komersiante  
 3sg<sub>A</sub>-chegar ontem=RESTR INDF comerciante  
 Chegou recentemente um comerciante.

Wr

(390)

a-mbeu ta-supe amu-kuese  
 1sg<sub>A</sub>-contar 3pl<sub>E</sub>- DAT<sub>EXTR</sub> outra.entidade-ontem  
 Disse para eles antes de ontem.

Bn

#### 4.5.3.1.1 *Novas formas de expressar tempo via empréstimos*

A categoria semântica ‘tempo’ também pode ser expressa por empréstimos do Português. Em (391), *ora* ‘hora’ ocorre como complemento de sintagma posposicional locativo. O enunciado em (392) ilustra o uso do advérbio *sedu* ‘cedo’. Em (393), o sintagma preposicional [*ate N/Advérbio*]<sub>SPrep</sub> expressa a delimitação do tempo (v. 4.5.2). Todas essas estratégias são de uso corrente, especialmente com os falantes mais jovens, que são mais proficientes em Português:

(391)

ape ya-mbeu Antonio supe arã  
 CONJ<sub>SEQ</sub> 1pl<sub>A</sub>-contar Antônio DAT<sub>EXTR</sub> DAT<sub>PROSP</sub>  
 merenda ora upe  
 merenda hora LOC

Aí, contamos para o Antônio na hora da merenda.

Br

(392)

re-kiri            sedu re-paka            sedu  
 2sg<sub>A</sub>-dormir cedo 2sg<sub>A</sub>-acordar cedo  
 Você dorme cedo e acorda cedo.

Bn

(393)

ike a-vivei        ate kui(ri)  
 aqui 1sg<sub>A</sub>-viver até agora  
 Aqui, vivo até agora.

Bn

Duas expressões *kua tempo* ‘DEM<sub>PROX</sub> tempo’ e *nhaã tempo* ‘DEM<sub>DIST</sub> tempo’ destacam-se por seu uso para delimitar a situação temporal da sentença. Em termos morfossintáticos, ambas são sintagmas nominais bastante convencionais, formadas por um demonstrativo usado como determinante *kua* ou *nhaã* e o nome *tempu* ‘tempo’. No entanto, diferentemente de outros sintagmas nominais, não ocorrem em posição de argumento, mas expressam um circunstante, sem necessidade de serem marcados como complemento de posposição<sup>92</sup>. Os enunciados (394) a (396) ilustram o uso dessas expressões por falantes com baixo conhecimento de Português:

(394)

nhaã    tempu ti=ya-maã    iskola mame pe-estudai waa  
 DEM<sub>DIST</sub> tempo NEG=1pl<sub>A</sub>-ver escola onde 2sg<sub>A</sub>-estudar REL  
 Naquele tempo, não víamos escola onde nós estudávamos.

Wr

<sup>92</sup> Estas expressões foram colocadas neste capítulo apenas por conveniência funcional. Não se pretende com isso indicar que sejam verdadeiros advérbios.



4.5.3.2 *Advérbios locativos*

Os advérbios *ike* ‘aqui’, *mimi* ‘longe’ e *apekatu* ‘lá longe’ expressam um circunstante de valor locativo. Em termos sintáticos, justifica-se sua inserção entre os advérbios por não ocorrerem em função argumental.

- *Ike* ‘aqui’

O advérbio *ike* ‘aqui’ compartilha com os advérbios temporais as propriedades típicas adverbiais. Em termos morfológicos, *ike* ‘aqui’ é compatível com *ntu* ‘restritivo’ e com *wara* ‘derivador de nomes de procedência’ — ambas essas propriedades o aproximam da classe dos nomes e o distingue da classe de partículas. Em termos sintáticos, *ike* não pode ser argumento, nem mesmo pode ser complemento de posposição. As noções de ‘por aqui’, ‘para cá’ são expressas pelo demonstrativo *kua*, gerando *kua rupi* ‘DEM<sub>PROX</sub> PERL’ e *kua kiti* ‘DEM<sub>PROX</sub> ALAT’, como discutiremos na seção 4.5.1.1 deste capítulo.

Como outros advérbios, pode ocorrer em qualquer posição da sentença. Na ausência de um verbo instituem predicados adverbiais (v. 9.4.3). Os enunciados (397) a (399) ilustram o uso do advérbio locativo *ike*:

(397)

*ike kuxima aikue yepe mirá*  
 aqui antigamente EXIST INDF árvore  
 Aqui, antigamente, havia uma árvore.

Wr

(398)

ape ya-pita ike  
 CONJ<sub>SEQ</sub> 1pl<sub>A</sub>-ficar aqui  
 Aí, ficamos aqui.

Wr

(399)

re-yenũ ike se-wera upe  
 2sg<sub>A</sub>-deitar aqui 1sg<sub>E</sub>-coxa LOC  
 Deite aqui na minha coxa!

Br

- *Mimi* 'longe'

A forma *mimi* 'longe' expressa a distância. A classificação de *mimi* como advérbio obedece ao critério sintático de que a expressão tem posição livre na sentença e não pode funcionar como argumento nuclear.

(400)

aikue capitão mimi  
 EXIST capitão longe  
 Havia capitão lá longe.  
 Lit.: Havia capitão longe

Wr

(401)

u-sika mimi se-renda upe  
 3sg<sub>A</sub>-chegar longe 1sg<sub>E</sub>-sítio LOC  
 Chegou lá no meu sítio.

Bn

(402)

"Mame?" u-nheẽ paa  
 Onde 3sg<sub>A</sub>-dizer REP  
 Onde? diz que ele disse.

"Mimi"

Longe  
 Longe!

Wr

O advérbio *mimi* 'longe' difere dos demais advérbios por não ser compatível com os formativos *wara* 'derivador de nomes de procedência', nem ao clítico =*ntu* 'restritivo'. Ademais, poder funcionar como complemento de posposição. Neste caso, ocorre em forma curta *mi*. Os enunciados (403) a (405) ilustram o uso de *mimi* como complemento de posposição:

(403)

ta-yupi mikiti  
 tau-yupi(ri) mimi kiti  
 3pl<sub>A</sub>-subir longe ALAT  
 Subiram para longe.

Wr

(404)

u-su u-mendai mikiti ba?  
 mimi kiti  
 3sg<sub>A</sub>-ir 3sg<sub>A</sub>-casar longe ALAT PROTEST  
 Foi casar para longe.

[falante comprometido com informação]

Wr





O advérbio *apekatu* pode ser decomposto em *a=pe-katu*. O formativo *a=* tem valor de demonstrativo distante (v. 4.3.1.2). Combinado à posposição locativa *pe* permite indicar um lugar distante *a=pe* ‘demonstrativo=locativo’. A forma *ape* se gramaticalizou como conjunção (v. 8.1.4.1) e raramente é utilizada com seu valor etimológico de locativo espacial. O advérbio *apekatu*, originado da combinação de *a=pe* à *katu* ‘estar bem’, indica o circunstante ‘lá longe’.

#### 4.5.3.3 Advérbios de maneira

Os advérbios de maneira expressam a maneira pela qual um evento ocorre. Em termos formais, são invariáveis e sua posição na sentença varia. Os enunciados (409) a (412) ilustram o comportamento de alguns advérbios de maneira:

(409)

nem=ntu                      te      kupuku  
NEG<sub>CONTR</sub>=RESTR    FOC    demoradamente

yawuti    u-sika=wã  
jabuti    3sg<sub>A</sub>-chegar=PFT

Nem demorou o jabuti já chegou.

Br

(410)<sup>94</sup>

yepe    tukunare-wasu    u-sasa              kuaye=ntu  
INDF    tucunaré-AUM    3sg<sub>A</sub>-passar    assim=ntu  
Um tucunaré grande passou assim.

Bn

<sup>94</sup> A forma *kuaye* é etimologicamente derivada de *kua* ‘demonstrativo próximo’ e *yawe* ‘ser assim’, como registrado por Stradelli (1929, 464).

(411)

re-maã te paa nhaã teyu kuta(ra) u-yana  
 2sg<sub>A</sub>-ver FOC REP DEM<sub>DIST</sub> calango rapidamente 3sg<sub>A</sub>-correr  
 Você vê mesmo que aquele calango correu rápido.

Br

(412)

kutara=ntu a-su  
 rapidamente=RESTR 1sg<sub>A</sub>-ir  
 Vou rapidinho.  
 Lit.: Só rapidamente vou.

Br, elicitado

Os advérbios de maneira assemelham-se a verbos estativos não flexionáveis por não aceitarem flexão. Diferem funcionalmente, porém, por instituírem um predicado que modifica outro predicado. A relação entre verbos estativos e advérbios também é observada pelo fato de que alguns verbos estativos estão em processo de gramaticalização para funcionamento como advérbios de maneira. Os mais propensos a ocorrer nessa função são *yawe* ‘ser assim’, *puranga* ‘ser bonito’, *kirimba* ‘ser forte’. Os enunciados (413) a (416) ilustram esses verbos funcionando como advérbios:

(413)

puranga ya-maã iwi dermarkasão  
 ser.bonito 1pl<sub>A</sub>-ver terra demarcação  
 É bom vermos a demarcação da terra.

(Taina Rukena 2009 (inédito))

(414)

a-kua-katu puranga  
 1sg<sub>A</sub>-saber-estar.bem ser.bonito  
 Sei muito bem.

Wr

(415)

ti=kirimba      Aline    u-yana  
 NEG= ser.forte    Aline    3sg<sub>A</sub>-correr  
 Não fortemente a Aline corre.

Br

(416)

yawe      paa      u-munuka  
 ser.assim    REP    3sg<sub>A</sub>-cortar  
 Assim, diz que ele cortou.

Br

Poderíamos considerar os advérbios de maneira como verbos estativos em predicados mais altos, que selecionam como complemento outros predicados e, dessa maneira, têm escopo na proposição como um todo. Porém, em termos morfológicos, os advérbios de maneira diferem de verbos estativos por não aceitarem –*sa* ‘nominalização’ ou –*sa(ra)* ‘nominalização de agente’.

(417)

\*kupuku-sa    demoradamente-NMZ

Além disso, verbos estativos flexionáveis, quando em função adverbial, neutralizam as distinções de pessoa, como ilustram os enunciados (418) e (419).

(418)

suri      a-yu-mbue  
 ser.alegre    1sg<sub>A</sub>-R/R-ensinar  
 Sendo alegre, aprendo.

Br

(419)

a-paka            a-maã      yawe=wã  
 1sg<sub>A</sub>-acordar   1sg<sub>A</sub>-ver   ser.assim=PFT  
 Acordei e ja vi assim.

Wr

O fato de advérbios serem invariáveis poderia nos levar a os aproximar de partículas (v. 8.1). Porém, diferem destas porque advérbios podem ocorrer em qualquer posição da sentença é bastante livre, como ilustrado em (416) e (419). Partículas em geral tem posição fixa, podendo inclusive serem divididas em partículas de primeira posição, segunda posição. Há ainda um grupo de partículas flutuantes, porém, estas ocorrem necessariamente pospostas ao núcleo do predicado, sendo, portanto, não tão livres quanto advérbios.

## 5 Lexicogênese nominal

Nesta seção, levantamos os processos de lexicogênese nominal: derivação e composição. Sufixos derivacionais atribuem à raiz uma categoria lexical. Nos casos em que a categoria lexical atribuída pelo sufixo derivacional é a mesma da categoria lexical da base, tem-se a derivação endocêntrica (5.1). Nos casos em que a categoria lexical atribuída pelo sufixo derivacional não é a mesma da categoria lexical de base, tem-se a derivação exocêntrica (5.3). Há ainda a possibilidade de afixos derivacionais serem combinados a mais de uma classe de palavras, mas gerarem como resultado da derivação necessariamente um nome — é o caso do sufixo transcategorial *wara* ‘derivador de nomes de procedência’, que se combina com nomes, advérbios e posposições (5.2).

O léxico nominal do Nheengatú pode ser ampliado também pelo processo de composição (5.4) e por empréstimos, principalmente do Português e das línguas Arawak do norte, tratado anteriormente em *Fonologia* (v. 3.5).

### 5.1 Derivação endocêntrica

Nesta seção, apresentamos mecanismos de geração de nomes a partir de nomes, formalmente implementada por sufixos derivacionais, como *miri* ‘diminutivo’ e *wasu* ‘aumentativo’. Estudos realizados sobre línguas indo-europeias têm permitido observar um padrão comum de lexicalização, em que termos independentes passam a ocorrer muito frequentemente em compostos e, em um determinado momento, o termo original independente acaba em desuso. É o que teria ocorrido, por exemplo, com o termo do Tupinambá, *eté* ‘verdadeiro’, que ocorre em alguns nomes do Nheengatú *yawarete* ‘onça’ de *yawara* ‘onça’ (Tupinambá), reinterpretado como ‘cachorro’. O processo não é mais produtivo.

O derivativo *miri* ‘diminutivo’ pode ser encontrado em contextos bem específicos como nome independente, como ilustrado em (420).

(420)

u-yumusarai mi-ta=rũ

3sg<sub>A</sub>-brincar miri ta-irumuDIM 3sg<sub>E</sub>-COM

Bricava com as coisinhas.

Br

No estágio atual de nossas pesquisas, não é claro se esse uso resulta de um processo de degramaticalização — em que morfemas presos passam a ser usados como livres, por exemplo, no Português *minha ex*, em que o prefixo *ex* funciona como palavra independente, embora também possa ser compreendido como abreviação do termo derivado *ex-mulher*. Ou, se *miri* não tenha ainda sido totalmente gramaticalizado em Nheengatú. Trataremos desse morfema como sufixo derivacional, uma vez que a ocorrência do mesmo como formas independente é bastante limitada.

#### 5.1.1 Derivação com implicações no eixo das dimensões

Os morfemas derivativos *miri* ‘diminutivo’ e *wasu* ‘aumentativo’<sup>95</sup> permitem criar novos nomes a partir de bases nominais, como ilustrado em (421) a (427). Em geral, esses novos nomes designam entidades com dimensões maiores ou menores do que a entidade prototípica, designada pelo nome simples de base.

(421)

[i.wi.'tɛ.ra mi.'ri]

iwitera-miri

serra-DIM

‘serra pequena’

<sup>95</sup> Ver 4.3.3 para o uso de *wasu* com nomes não-contáveis.

(422)

[ta.'i.na mi.'ri]

taina-miri

criança-DIM

'criancinha'

(423)

[pi.'ra mi.'ri]

pirá-miri

peixe-DIM

'peixinho'

(424)

[ja.ka.'re wa.'su]

yakare-wasu

jakaré-AUM

'jacaré grande'

As palavras derivadas pelos sufixos de aumentativo e diminutivo são lexicalizadas, por essa razão elas podem adotar sentidos diferentes do de suas bases. É o que acontece nos exemplos (425) e (426).

(425)

[pa.ra.'na wa.'su]

parana-wasu

rio-AUM

'Rio Negro'

(426)

[nam.'bi wa.'su]

nambi-wasu

orelha-AUM

'coelho'

O formativo *miri* pode ocorrer também com verbos, criando um sentido ‘atenuativo’, como ilustrado em (427), enunciado por um idoso. Entretanto, no Nheengatú, o uso de *miri* com verbos é bastante marginal e em desuso. Os mais jovens preferem utilizar a partícula *xinga* ‘atenuativo’, como ilustrado por um predicado verbal em (428) e por um predicado nominal em (429):

(427)  
 kui(ri) ya-estudai miri  
 agora 1pl<sub>A</sub>-estudar DIM  
 Agora, estudamos um pouco.  
 Wr

(428)  
 a-kua xinga te  
 1sg<sub>A</sub>-saber ATENUA FOC  
 Sei pouco mesmo.  
 Wr

(429)  
 yande pobri xinga  
 1PL ser.pobre ATENUA  
 Nós somos meio pobres.  
 Bn

O aumentativo *wasu* não ocorre com verbos. A ideia de ‘intensificação’ pode ser expressa pelo verbo estativo *turusu* ‘ser enorme’, como em (430), ou pela partícula *retã* ‘intensificador’ (v. 8.1.3.4.1).

(430)  
 yane-raira ita ta-estudai turusu  
 tau-estudai  
 1pl<sub>E</sub>-filho PL 3pl<sub>A</sub>-estudar ser.enorme  
 Nossos filhos estudam muito.  
 Wr





A referência ao tempo também pode ser metaforizada como referência espacial e, em decorrência, é compatível com *wara*. O termo *kuxima-wara* ‘antigamente-DNP’ significa ‘entidade proveniente de antigamente’ e pode ser utilizada para referir a seres humanos, como ilustrado em (435).

(435)

kuxima-wara        ita    tau-sika        tau-partiri  
 antigamente-DNP   PL   3pl<sub>A</sub>-chegar   3pl<sub>A</sub>-partir  
 Os antigos chegavam e repartiam.

Br

A princípio a combinação de um mesmo sufixo derivacional a nomes, advérbios e sintagmas posposicionais pode parecer um contrassenso. Entretanto, nas línguas da família Tupi-Guarani, posposições compartilham com nomes propriedades morfológicas e sintáticas: (a) combinam com IP<sub>E</sub>, (b) podem funcionar como predicado sem necessidade de cópula, (c) combinam-se com *wara* ‘derivador de nomes de procedência’. A rigor, em termos morfológicos posposições são nomes. Apenas em termos sintáticos, consideramos as mesmas como posposições, porque os sintagmas posposicionais não podem ocupar as posições argumentais de sujeito e objeto. Os advérbios, por sua vez, são sintagmas posposicionais gramaticalizados a tal ponto que se tornaram uma palavra invariável (v. 4.5).

### 5.3 *Nominalização*

A nominalização a partir de bases verbais é um processo que permite criar nomes, utilizados exclusivamente para a função de núcleo de sintagma nominal. O morfema *-sa(wa)* ‘nominalizador eventivo’ deriva nomes de atividades, processos ou estados. O morfema *-sa(ra)* ‘nominalizador agentivo’ permite criar nomes de agente.

A nominalização eventiva *-sa(wa)* preserva mais características verbais — por exemplo, a possibilidade de combinação com qualquer prefixo de  $IP_A$  —, enquanto a nominalização agentiva *-sa(ra)* restringe-se ao prefixo de terceira pessoa da série dinâmica *u-*. Ademais, *-sa(wa)* combina-se com verbos dinâmicos e estativos, com grande produtividade. Ao passo que *-sa(ra)* é específico para verbos dinâmicos, com menor produtividade. Devido à elisão das sílabas não-acentuadas (v. 2.6.1), a distinção entre os dois morfemas tende a ser neutralizada com privilégio da semântica eventiva.

Em Tupinambá, havia também nominalizadores de objeto, o prefixo *-emi-* (~ *-embi-*) para ‘nomes de objeto’, e o sufixo *-pir* para ‘nomes de paciente’ (Rodrigues 1953, 146). Em Nheengatú, *-emi-* deixou vestígios nos nomes cristalizados *mitima* ‘plantação’ a partir de *yutima* ‘plantar’, *muraki* ‘trabalho’ de *puraki* ‘trabalhar’, e *murasi* ‘dança’ de *purasi* ‘dançar’. Não pudemos verificar vestígios de nominalização em *-pir*.

### 5.3.1 *Nominalização eventiva*

O morfema *-sa(wa)* deriva nomes que designam atividade, processo ou estado. A forma longa *-sawa*, mais próxima à forma cognata em Tupinambá *-(s)ab-a* ‘nominalização de circunstância’ (Rodrigues 1953, 145), ocorre raramente em falas mais conservadoras, como ilustrado em (436) e (437). Como a forma longa do sufixo é extremamente rara, optamos por grafar os exemplos apresentados em todo este estudo como apenas *-sa*, forma breve do morfema. A manifestação de *-sa(wa)* ‘nominalização eventiva’ em discursos bem conservadores ajuda a entender a homofonia [sa] ‘nominalizador eventivo’ [sa] ‘nominalização agentiva’.

(436)

tau-su tau-pita tau-kua-sa(wa) irũ  
 3pl<sub>A</sub>-ir 3pl<sub>A</sub>-ficar 3pl<sub>A</sub>-saber-NMZ COM<sub>INSTR</sub>  
 Ficaram com o costume deles.

Br

(437)

yawe-sa(wa) u-ri profesor kua kiti  
 ser.assim-NMZ 3sg<sub>A</sub>-vir professor DEM<sub>PROX</sub> ALAT  
 Sendo assim, veio o professor para cá

Wr

Os nomes de eventos derivados de verbos dinâmicos mantêm os índices de pessoa da série dinâmica (IP<sub>A</sub>). Os IP<sub>A</sub> passam a ser interpretados no nome deverbal como determinante, daí a incompatibilidade de nomes formados a partir de verbos dinâmicos com prefixos da séria estativa. Os enunciados (438) a (440) ilustram verbos dinâmicos e estativos em nominalização eventiva.

(438)

u-mu-aiwa ya-manduai-sa  
 3sg<sub>A</sub>-CAUS-ser.estragado 1pl<sub>A</sub>-lembrar-NMZ  
 (Isso) estraga o nosso pensamento.

Br

(439)

tau-mã-sa upe te u-su=wã ta-sui  
 3pl<sub>A</sub>-ver-NMZ LOC FOC 3sg<sub>A</sub>-ir=PFT 3pl<sub>E</sub>-ABLAT  
 Na vista deles mesmo, foi embora deles.

Wr

(440)

uwiara      tiã=ta-yu-mbue                      u-kuntai-sa      rupi  
                     ti=wã=tau-yu-mbue  
 hoje            NEG=PFT=3pl<sub>A</sub>-R/R-ensinar    3sg<sub>A</sub>-falar-NMZ    PERL  
 Hoje em dia não aprendem mais pela fala.

Br

Em (441) e (442), observamos *ya-* ‘1<sup>a</sup>. pessoa plural da série dinâmica’ mantém-se nos nomes deverbais *ya-vivei-sa* ‘1pl<sub>A</sub>-viver-NMZ’ e *ya-kua-sa* ‘1pl<sub>A</sub>-saber-NMZ’, mas é interpretado da mesma forma que *yane-* ‘1<sup>a</sup>. pessoa singular da série estativa’ em nomes não derivados como *yane-nheenga* ‘1pl<sub>E</sub>-língua’.

(441)

yane-kultura    yane-kostume    ya-vivei-sa  
 1pl<sub>E</sub>-cultura    1pl<sub>E</sub>-costume    1pl<sub>A</sub>-viver-NMZ

nhaã            nunka    re-pudei      re-perdei  
 DEM<sub>DIST</sub>    nunca    2sg<sub>A</sub>-poder    2sg<sub>A</sub>-perder

Nossa cultura, nosso costume, nosso viver... Isso, você nunca pode perder

Br

(442)

ya-su    ya-pita    maye    yane-nheenga  
 1pl<sub>A</sub>-ir    1pl<sub>A</sub>-ficar    ser.como    1pl<sub>E</sub>-língua

yawe            ya-kua-sa  
 ser.assim    1pl<sub>A</sub>-saber-NMZ

Vamos ficar com a nossa língua assim como com a nossa sabedoria.

Br

Os verbos estativos são compatíveis com o nominalizador de eventos, como ilustram os enunciados (443) e (444). Apresentamos outros exemplos de verbos estativos nominalizados no Anexo I.

(443)

a-nheẽ=ntu                    i-puranga-sa  
 1sg<sub>A</sub>-dizer=RESTR    3sg<sub>E</sub>-ser.bonito-NMZ  
 Só digo o excelente (o que acho bonito).

Wr

(444)

u-sasa            kuri    i-sasi-sa  
 3sg<sub>A</sub>-passar    FUT    3sg<sub>E</sub>-ser.dolorido-NMZ  
 Vai passar logo a dor dele.

Bn

O sintagma nominal que expressava o sujeito na oração verbal de base pode ocorrer justaposto em aposição, formando a estrutura [SN] [IP<sub>A</sub>-verbo.dinâmico-*sa*], como em (445b), ou [IP<sub>A</sub>-verbo.dinâmico-*sa*] [SN], como em (446b). A mesma estrutura é formada a partir de verbos estativos [SN] [verbo.estativo-*sa*] ou [verbo.estativo-*sa*] [SN], como ilustrados em (447) e (448). Os enunciados em (a) apresentam a sentença verbal de base, enquanto os em (b) mostram o mesmo verbo nominalizado. Os colchetes indicam as aposições.

(445)

(a)  
 u-yupiru            kua            Namuim  
 3sg<sub>A</sub>-começar    DEM<sub>PROX</sub>    Anamoim  
 Começou esta Anamoim

Wr

(b)

[u<sub>i</sub>-yupiru-sa]            [kua        Namuĩ<sub>i</sub>]    pe-kua        kuri  
 3sg<sub>A</sub>-começar-NMZ    DEM<sub>PROX</sub>    Anamoim    2pl<sub>A</sub>-saber    FUT  
 O começo desta Anamoim, vocês vão saber em breve.

Wr

(446)

(a)

yane-ramunha    ambira    tau-kua        ae  
 1pl<sub>E</sub>-avô        falecido    3pl<sub>A</sub>-saber    3SG  
 Nossos avós falecidos sabiam isso.

(b)

ya-kua-sa        maye  
 1pl<sub>A</sub>-saber-NMZ    ser.como

[yane-ramunha ambira] [tau-kua-sa]  
 1pl<sub>E</sub>-avô        falecido 3pl<sub>A</sub>-saber-NMZ

O nosso conhecimento é como o conhecimento dos nossos avós falecidos.

Bn

(447)

(a)

ta-ruka        iwate  
 3pl<sub>E</sub>-casa    ser.alto  
 A casa deles é alta.  
 Br, elicitado

(b)

nhaã        paa        u-sasa        [iwate-sa]        [ta-ruka]  
 DEM<sub>DIST</sub>    REP        3sg<sub>A</sub>-passar    ser.alto-NMZ    3pl<sub>E</sub>-casa  
 Diz que aquele [Curupira] passava a altura da casa deles.

Br

(448)

(a)

nhaã pituna puku  
 DEM<sub>DIST</sub> noite ser.comprido  
 Aquela noite foi comprida.

(b)<sup>97</sup>

u-yaxiu [pituna] [puku-sa]  
 3sg-chorar noite ser.comprido-NMZ  
 Chorou a noite inteira  
 Lit.: Chorou o comprimento da noite.

Br

### 5.3.2 Nominalização agentiva

O morfema *-sa(ra)* deriva nomes que designam agente, a partir de verbos dinâmicos, que distribuam papel temático AGENTE. A forma longa *-sa(ra)* é mais frequente do que a forma longa do nominalizador eventivo *-sa(wa)*, mas também desaparece em registros mais rápidos. O verbo nominalizado mantém o prefixo de terceira pessoa da série dinâmica *u-* que indicava o sujeito na sentença verbal que serve como base para a nominalização, como ilustrado em (449) a partir de base transitiva; em (450), a partir de um verbo reduplicado; em (451), a partir de um verbo transitivo derivado via ‘reflexivo/recíproco’, que o torna intransitivo; e em (452), a partir de um verbo intransitivo dinâmico:

(449)

aikue=wã u-mundu-sa(ra)  
 EXIST=PFT 3sg<sub>A</sub>-mandar-NMZ<sub>AG</sub>  
 Já havia um chefe?

Wr

<sup>97</sup> Ver 8.1.4.2.1.2: *Pukusa* também pode ser encontrado gramaticalizado como uma conjunção.



(450)

aikue paa nhaã u-mbeu-beu-sa(ra)  
 EXIST REP DEM<sub>DIST</sub> 3sg<sub>A</sub>-RED~contar-NMZ<sub>AG</sub>  
 Diz que havia aquele contador de estórias.

Br

(451)

tau-senui u-yu-mbue-sa(ra) ita  
 3pl<sub>A</sub>-chamar 3sg<sub>A</sub>-R/R-ensinar-NMZ<sub>AG</sub> PL  
 Chamaram os alunos.

(Comunidade de Anamoim - Xié ms.)

(452)

u-puraki-sa(ra) ita tau-sika  
 3sg<sub>A</sub>-trabalhar- NMZ<sub>AG</sub> PL 3pl<sub>A</sub>-chegar  
 Os trabalhadores chegaram.

(Comunidade de Anamoim - Xié ms.)

Diferentemente do que ocorria com a nominalização em *-sa(wa)*, em que o prefixo dinâmico passa a ser interpretado como complemento, impedindo a combinação com prefixos da série estativa, os nomes deverbais ativos são compatíveis com prefixos da série estativa, mantendo, porém, o prefixo de terceira pessoa da série dinâmica que indicava no verbo o sujeito:

(453)

yane-u-mbue-sara ita u-mbeu yand=arã  
 1pl<sub>E</sub>-3sg<sub>A</sub>-ensinar-NMZ<sub>AG</sub>- PL 3sg<sub>A</sub>-contar 1PL=DAT<sub>PROSP</sub>  
 Nossos professores contaram para nós.

Br

(454)

yane-munhã-gara u-ajudai te  
 1pl<sub>E</sub>-fazer-NMZ 3sg-ajudar FOC  
 Nosso criador ajudou mesmo.

Br

Verbos estativos não aceitam a combinação direta com o morfema de nominalização agentiva *-sa(ra)*. Para que um verbo estativo permita a combinação com *-sara*, é preciso primeiramente torná-lo transitivo, por meio de *mu-* ‘causativo’ (v. 7.1.1). O verbo transitivo derivado é, então, combinado ao nominalizador agentivo. O esquema em (455) sumariza o processo, ilustrado em (456).

(455)

Base (verbo estativo)	saimbe	ser afiado
Causativo	IP <sub>A</sub> -mu-saimbe	afiar
Nominalização agentiva	umusaimbesa(ra)	afiador [+humano]

Br, elicitado

(456)

umpinimasa(ra) u-sika  
 u-mu-pinima-sara  
 3sg<sub>A</sub>-CAUS-ser.colorido-NMZ<sub>AG</sub> 3sg<sub>A</sub>-chegar  
 O pintor chegou.

Br, elicitado

Por meio do prefixo *mu-* ‘causativo’, um nome simples pode ser derivado em verbo transitivo (v. 7.1.1). Como qualquer outro verbo transitivo, o verbo denominal pode ser nominalizado. Em (457), o nome *tawari* ‘tabaco de benzimento’ recebe o morfema causativo, tornando-se *mu-tawari* ‘benzer’ (i.e., CAUS-tabaco). O agente da ação de ‘benzer’ pode então ser expresso pela nominalização do verbo *mutawari*, gerando *mutawarisara* ‘benzedor’:

(457)

u-mu-tawari-sa(ra)

u-sika

3sg<sub>A</sub>-CAUS-tabaco.de.benzimento-NMZ<sub>AG</sub> 3sg<sub>A</sub>-chegar

O benzedor chegou.

Bn

A nominalização agentiva, realizada pelo morfema *-sa(ra)*, ocorre em discursos conservadores, como textos escritos (451), registros orais contados por professores preocupados com o futuro da língua como em (450), (453) e (454). O alomorfe *-gara* em (454) também indica o conservadorismo da nominalização agentiva, uma vez que o vozeamento pós-nasal não é uma regra fonológica produtiva na língua. Em registros menos conservadores, emergem mais empréstimos do Português, que minimizam a necessidade de nominalizações agentivas.

#### 5.4 *Composição nominal*

Em Nheengatú, a composição nominal é um processo produtivo de criação de novas palavras a partir da justaposição de dois temas nominais. Trata-se, em geral, de uma lexicalização da estrutura complemento-nome (v. 6.1). Há também nomes compostos formados por um nome modificado por um verbo estativo. Os nomes compostos diferenciam-se de sintagmas nominais comuns em termos sintáticos, morfológicos e semânticos.

No âmbito sintático, parecer haver ausência de relações gramaticais entre o complemento e o nome. Isso significa que entre os termos de um composto não podem intervir morfemas como a partícula *ita* ‘plural’, ou outros nomes, o que causa a agramaticalidade de (459) e (461):

(458)

kunhã-kariwa

mulher-não.indígena

Mulher branca

(459)

\*kunhã ita kariwa  
mulher PL não.indígena  
Mulheres brancas

(460)

kunhã-kariwa murutinga  
mulher-não.indígena brancura  
Mulher não-indígena branca  
Lit.: A brancura da mulher não-indígena

(461)

\*kunhã murutinga kariwa  
mulher brancura não.indígena  
\*Mulher branca não-indígena

Um dos critérios mais importantes observados pelos especialistas em línguas Tupi-Guarani para distinguir compostos de sintagmas nominais comuns, é o fato de que compostos não aceitam ocorrerem na forma lexical iniciada por [r] (cf., por exemplo, Dietrich (2010, 15)). Assim, os nomes compostos (462) e (463) diferenciam-se do nome com complemento em (464):

(462)

mbir(a)-anga  
filho-imagem  
afilhado

(463)

pay(a)-anga  
pai-imagem  
padrinho

(464)

ma ranga  
 NG imagem  
 imagem de algo

Em termos fonológicos, observamos que o composto forma uma palavra, ou seja, há apenas um acento. Para tanto, nomes monossilábicos que reduplicam suas vogais quando em isolado (v. 2.4.1.2), ocorrem em compostos apenas com a sílaba inicial (lexical), como ilustrado em (465):

(465)

ii + piranga	água+ ser vermelho	i-piranga	[i.pi.'rã.ga]	água do rio Negro
kaa + puamu	mato+ estar em pé	kapuamu	[ka.pu.'wã.mu]	ilha
suu + kuera	animal + NGC	sukuera	[su.'k <sup>w</sup> ε.ra]	carne
kiinha + pirá	pimenta+ peixe	kinhãpira	[ki.ɲa.'pi.ra]	caldo de peixe

Além dos critérios formais para o reconhecimento de compostos, podemos acrescentar o critério semântico de que o sentido de um nome composto não resulta necessariamente da soma do sentido das partes que o constituem, mas pode ser completamente arbitrário. Por exemplo, *kinhãpira* ‘caldo de peixe’ é formado pela composição de *kiinha* ‘pimenta’ e *pirá* ‘peixe’, enquanto *manikuera* ‘caldo de mandioca’ é criado a partir da relação entre o nome *kuera* ‘nome genérico de caduco e seu complemento à esquerda *maniwa* ‘mandioca’, gerando ‘resquício de mandioca’.

## 6 A estrutura do sintagma nominal

Neste capítulo, descrevemos a estrutura do sintagma nominal. Primeiramente, apresentamos os complementos nominais. Em seguida, apresentamos as estruturas que permitem a determinação do sintagma nominal. Por determinação, entendemos um conjunto de elementos gramaticais e lexicais de uso facultativo que permitem precisar os conceitos expressos pelo nome, facilitando a identificação da referência: demonstrativos, indefinidos e quantificadores. Em 6.3, observaremos casos em que não há manifestação de determinante. Em 6.4, todos esses elementos serão retomados tendo em vista a compreensão da estrutura do sintagma nominal.

### 6.1 *Complementação nominal*

A função genitiva permite estabelecer a relação entre um nome e seu complemento nominal. Não há nenhuma marca morfológica de caso genitivo. O complemento à esquerda pode ser expresso por um nome ou por um índice pessoal da série estativa (IP<sub>E</sub>). Em (466) a (469), apresentamos exemplos de nomes com complementos nominais à esquerda:

(466)  
 tuyu                    raira  
 homem.velho    filho  
 Filho do velho

(467)  
 se-raira  
 1sg<sub>E</sub>-filho  
 meu filho (locutor masculino)

(468)  
 ne-mena            nheenga  
 2sg<sub>E</sub>-marido    língua  
 língua do teu marido

(469)

tuyu            waa   raira  
homem.velho REL filho  
filho do que era velho

A determinação gramatical por demonstrativos ou indefinidos, tem escopo no sintagma nominal como um todo, como ilustram os exemplos (470) e (471):

(470)

nhaã        yakare akanga  
DEM<sub>DIST</sub> jacaré cabeça  
Aquela cabeça de jacaré

(471)

yepe inambu        ruwaya  
INDF ave.inambu rabo  
um rabo de inambu

Em termos semânticos, a relação estabelecida entre complemento-nome pode ser do tipo possuidor-possuído (472), identidade (473), tipo (474) e (475), dependência (476) e (477):

(472)

i-noiva        ruka  
3sg<sub>E</sub>-noiva casa  
casa da noiva dele

(473)

Ukuki kaxoeira  
Ucuqui cachoeira  
Cachoeira de Ukuki

(474)

kumã            iwa  
 fruta.cumã    pé.de.árvore  
 pé de cumã

(475)

kua            yararaka    buya  
 DEM<sub>PROX</sub>    jararaca    cobra  
 Esta cobra jararaca  
 Lit: esta cobra de jararaca.

(476)

mirá    rakanga  
 árvore    galho  
 galho de árvore

(477)

tata    ruaki  
 fogo    lado  
 lado do fogo

Conforme explica Dietrich (2000), a estrutura complemento-nome das línguas Tupi-Guarani é muitas vezes traduzida pela estrutura nome-adjetivo nas línguas indo-europeias. Nomes de semântica genérica como *ambira* ‘falecido’, usado exclusivamente para entidades humanas, *kuera* ‘nome genérico de caduco’, neutro em relação ao parâmetro [ $\pm$  humano], permitem que o nome genérico selecione um complemento nominal, como ilustram os enunciados (478) e (479). No par de enunciados em (480), *maxi* ‘leproso’ ocorre como núcleo do sintagma nominal sem determinante em (480a) e com o complemento *yepé apiga* ‘um homem’ em (480b).



(478)

Augusto ambira u-sika ike  
 Augusto falecido 3sg<sub>A</sub>-chegar aqui  
 O falecido Augusto chegou aqui.  
 Lit: O falecido [do] Augusto chegou aqui.  
 Wr

(479)

Ai=te paa kuru-miri kuera  
 3SG=FOC REP menino-DIM NGC  
 Diz que este mesmo era o resquício [do] menininho.  
 Bn, repetido de (253)

(480)

(a)

[maxi] u-su u-munuka ae  
 leproso 3sg<sub>A</sub>-ir 3sg<sub>A</sub>-cortar 3SG  
 O leproso foi cortar ele.

Wr

(b)

“Pô!” u-nheẽ yepe apiga maxi  
 INTJ 3sg<sub>A</sub>-dizer INDF homem leproso  
 “Pô!” disse um homem leproso.  
 Lit.: “Pô!” disse um leproso (do tipo) homem.

Wr

Essas construções diferem de construções com verbos estativos, porque os verbos estativos não ocorrem no sintagma nominal, mas apenas em uma estrutura relativa ou como predicado:

(481)

(a)

a-u                      pakua    seẽ            waa  
 1sg<sub>A</sub>-comer.beber   banana   ser doce   REL

Comi banana doce.

Lit.: Comi banana que é doce.

(b) \*a-u pakua seẽ

(482)

kurumĩ    i-kuere=wã                      u-kiri  
 menino    3sg<sub>E</sub>-ser.cansado=PFT    3sg<sub>A</sub>-dormir

O menino já cansado dormiu.

Br, elicitado

A complementação genitiva parece ser a maior fonte de lexicalização de nomes compostos, como vimos em 5.4.

## 6.2 *Determinação gramatical*

Podemos distinguir dois grupos de determinantes gramaticais: os demonstrativos, responsáveis pela referência dêitica e anafórica, e os indefinidos.

### 6.2.1 *Referenciação*

A categoria referência é expressa por demonstrativos *nhaã* ‘distante’ e *kua* ‘próximo’ em função de determinante<sup>98</sup>. Os demonstrativos funcionam como dêitico para indicar a localização precisa da entidade referida pelo nome; ou anafórica para permitir a referência a uma expressão anteriormente apresentada no discurso (ou, pelo menos, previamente conhecida). Nos enunciados (483) e (484), os determinantes demonstrativos ocorrem como dêiticos; enquanto em (485) ocorre como anafórico:

<sup>98</sup> Ver 4.3.1.2 para demonstrativos que ocorrem como núcleo do sintagma nominal.

(483)

kua alunu ita ta-kuntai Portugues puranga  
tau-kuntai

DEM<sub>PROX</sub> aluno PL 3pl<sub>A</sub>-falar Português ser.bonito  
Estes alunos falam Português bem.

Wr, platéia formada por alunos

(484)

ya-munhã kua missão  
1pl<sub>A</sub>-fazer DEM<sub>PROX</sub> missão

Fizemos esta missão.

Contexto: Discurso proferido na missão

Bn

(485)

"Mã=ta u-u se-kupixa?

maã taa

NG Q 3sg<sub>A</sub>-comer.beber 1sg<sub>E</sub>-roça

tamba u-iku nhaã se-mitima

tau-mu-pawa

3pl<sub>A</sub>-CAUS-acabar 3sg<sub>A</sub>-estar DEM<sub>DIST</sub> 1sg<sub>E</sub>-plantação

O que que comeu minha roça? Estão acabando com  
aquela minha plantaçaõ.

Contexto: *kupixa* e *mitima* referem à mesma entidade.

Br

É possível também o uso dos demonstrativos para referência catafórica, como ilustrado em (486):

(486)

"ti=sã            te        re-maã    nhaã        dia    santu  
 NEG=COND    FOC    2sg<sub>A</sub>-ver    DEM<sub>DIST</sub>    dia    santo

"uwiara    u-manu            wa=ita    ara"    u-    nheẽ        paa  
 hoje        3sg<sub>A</sub>-morrer    REL=PL    dia    3sg<sub>A</sub>-dizer    REP

“Você não viu se é aquele dia santo? Hoje é dia dos que morreram”,  
 diz que ela disse

Br

Os demonstrativos podem ser utilizados com nomes próprios. A super-especificação do nome próprio — já definido pela sua própria natureza — pode ser usado para ênfase e também para ironia, como ilustrado respectivamente pelos enunciados (487) e (488):

(487)<sup>99</sup>

novi    anus    te        kua            Fulano    u-riku  
 nove    anos    FOC    DEM<sub>PROX</sub>    Fulano    3sg<sub>A</sub>-ter

ti=u-konhesei                    nem menos letra A  
 NEG=3sg<sub>A</sub>-conhecer    nem menos letra A

Nove anos mesmo, este Fulano tem. Não conhece nem ao menos a letra “A”.

Br

(488)

nhaã            Fulano    u-istragai            ainta    kuxima  
 DEM<sub>DIST</sub>    Fulano    3sg<sub>A</sub>-estragar    3PL    antigamente  
 Aquele Fulano estragou eles antigamente.

Bn

<sup>99</sup> Nomes próprios em enunciados que possam ser considerados comprometedores são trocados por “Fulano”.

6.2.2 *Indefinitude e alteridade*

Enquanto os sintagmas nominais definidos não necessitam de nenhuma marca morfológica (v. 6.3), os sintagmas indefinidos são marcados por *yepe* ‘indefinido’<sup>100</sup> Não há necessidade de marcar todo novo referente. O uso de *yepe* ‘indefinido’ é restrito aos referentes que serão proeminentes no discurso, ou seja, o tópico discursivo. Esse uso difere do Português *um* ‘indefinido’, que é usado sempre que se apresenta um referente novo, independentemente de ser retomado posteriormente. Em (489), primeiro enunciado de um mito, o referente *kunhã* ‘mulher’ é marcado por *yepe*, enquanto o referente *pirá* ‘peixe’ não é. No decorrer da história, apenas *kunhã* será retomado. Nos enunciados em (490) a (492), o referente marcado por indefinido terá papel proeminente na continuação dos mitos de onde foram retirados.

(489)

aikue yepe kunhã. pirá u-m-puruwã ae  
 u-mu-puruwã  
 EXIST INDF mulher peixe 3sg<sub>A</sub>-CAUS-grávida 3SG  
 Havia uma mulher. Um peixe a engravidou.  
 Wr

(490)

ape paa u-maã yepe tukunare-wasu  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP 3sg<sub>A</sub>-ver INDF peixe.tucunaré-AUM  
 Aí, diz que viu um tucunaré grande passar.  
Contexto: Fábula sobre a busca de Martim Pescador pelo tucunaré.  
 Br

<sup>100</sup> Ver. 8.1.3.4.7 a forma *yepe* é homófona à partícula de frustrativo ().

(491)

tau-manduai tau-munhã arã yepe kupixa  
 3pl<sub>A</sub>-lembrar 3pl<sub>A</sub>-fazer SUB<sub>FIN</sub> INDF roça

Lembraram de fazer uma roça.

Contexto: fábula sobre uma briga pela roça.

Br

(492)

aikue paa yepe viagi  
 EXIST REP INDF vez

Diz que era uma vez.

Contexto: enunciado inicial de fábulas

A forma *yepe* ‘indefinido’ acumula as funções de determinante indefinido e numeral (como ocorre em muitas línguas, inclusive o Português), de modo que o indefinido só ocorre com entidades discretas (contáveis). Em (493), apenas o nome contável *garape* ‘igarapé’ é marcado pelo indefinido — o nome incontável *kaa* ‘mato’ não permite a marca de indefinido.

(493)

musapi(ri) apiga ita tau-su u-kasai kaa kiti  
 Três homem PL 3pl<sub>A</sub>-ir 3sg<sub>A</sub>-caçar mato ALAT  
 u-sasa yepe garape-miri upe  
 3sg<sub>A</sub>-passar INDF igarapé-DIM LOC

Três homens foram caçar lá pro mato, passaram em um igarapezinho<sup>101</sup>.

Wr

Observamos ainda uma afinidade funcional entre *yepe* ‘indefinido’ e o uso do nome *amu* ‘outra entidade’ para marcar a alteridade. Como vimos, o uso do indefinido permite apontar a

<sup>101</sup> Utilizamos em (493) uma tradução em Português Brasileiro não padrão “lá pro mato” para enfatizar o caráter alativo (e difuso) da posposição *kiti*, ‘alativo’.

saliência de um referente, que será retomado posteriormente. A forma *amu* ‘outra entidade’ faz o mesmo, mas toma um segundo referente quando o indefinido já foi marcado em outro nome<sup>102</sup>. O enunciado em (494) apresenta dois referentes importantes para a continuidade do texto: o primeiro marcado por *yepe* ‘indefinido’ e o segundo por *amu* ‘outra entidade’:

(494)

aitenhaã	u-riku	mukũi	tayera	ita
DEM <sub>DIST</sub>	3sg <sub>A</sub> -ter	dois	filha	PL

aikue	yepe	puranga	waa
EXIST	INDF	ser.bonito	REL

aikue	amu	puxuera	waa
EXIST	outra.entidade	ser.feio	REL

Aquele lá tinha duas filhas. Havia uma que era bonita.  
E havia uma que era feia.

Br

Embora possamos reconhecer uma tendência à *amu* ‘outra entidade’ a se gramaticalizar como indefinido de alteridade (495) e (496), seu uso como núcleo de sintagma nominal indica que ainda deve ser considerado como um nome (ainda, que semanticamente bastante vago), como ilustrado em (497) a (499):

<sup>102</sup> L'affinité entre la notion d'indefini et la notion d'"autre" repose sur le traitement fait aux éléments de la classe dénotée par le nom. Dans l'indefini, l'attention pointe, dans une sorte de parcours, chacun des éléments — ou sous-ensembles — de la classe, chacun d'entre eux — et aucun en particulier — satisfaisant aux conditions de recevabilité au regard de ce qui en est dit. L'altérité fait exactement la même chose, mais subséquentement au premier parcours qui indique l'indefinitude : ayant déjà été pointée sur un élément quelconque, l'attention reprend son parcours sur le complémentaire restant. (Queixalós 1998, 79)





(499)

ti=a-pudei            a-maã      amu            ranga  
 NEG=1sg<sub>A</sub>-poder 1sg<sub>A</sub>-ver outra.entidade imagem  
 Não posso ver o exemplo do outro.

Bn

### 6.2.3 Quantificação

Um sintagma nominal pode ser determinado por quantificadores discretos, usados para precisar a quantidade de uma entidade ou por quantificadores contínuos, usados para indicar uma quantidade imprecisa de entidades.

#### 6.2.3.1 Quantificação discreta

A quantificação discreta é feita pelos numerais: *yepe* ‘indefinido’, que permite a leitura de numeral ‘um’, *mukũi* ‘dois’, *musapi(ri)* ‘três’. Alguns falantes produzem (ou pelo menos, reconhecem) também as formas *irundi* ‘quatro’. Para a quantidade cinco, utiliza-se *pu* ~ *puu* ‘mão’. Combinações desses termos, são possíveis e foram observadas em cursos de formação de professores: *pu yepe* ‘seis’, *pu mukũi* ‘sete’, *pu musapiri* ‘oito’, *pu irundi* ‘nove’, *pu pu* ‘dez’, *pu pu yepe* ‘onze’, *pu pu mukũi* ‘doze’ (Sarquis Em preparação). No entanto, os demais falantes preferem utilizar numerais cardinais, emprestados do Português.

Quanto à posição no sintagma nominal, os numerais ocorrem necessariamente antepostos aos nomes lexicais, que, por sua vez, podem ser marcados para plural como em (500), mas não necessariamente, como em (500) a (502):

(500)

ya-wasemu      mukũi    pessoa    ita  
 1pl<sub>A</sub>-encontrar    dois      pessoa    PL  
 Encontramos duas pessoas.

Br

(501)

aikue musapi(ri) pessoa u-iku waa a=pe  
 EXIST três pessoa 3sg<sub>A</sub>-estar REL DEM=LOC  
 Havia três pessoas, que estavam lá.

Bn

(502)

asui ta-yuiri sinku ora  
 tau-yuiri  
 CONJ 3pl<sub>A</sub>-voltar cinco hora  
 Aí voltaram cinco horas.

Wr

Há também a possibilidade do numeral ocorrer sem a presença de um nome lexical. Nesse caso, podemos interpretar de duas maneiras: (a) há um nome lexical que funciona como núcleo, mas está elíptico; (b) o próprio numeral funciona como núcleo, o que implica que o numeral é um nome. Como o numeral pode estar sob o escopo de uma partícula de plural *ita* (503), e pode ser determinado pelo quantificador contínuo (504), os numerais são considerados pelo menos provisoriamente como nomes.

(503)

ape paa mukũi ita ta-namorai yepe kunhã  
 tau-namorai  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP dois PL 3pl<sub>A</sub>-namorar INDF mulher  
 Aí, diz que os dois namoravam uma mulher.

Br

(504)

panhe musapi(ri) paa ta-riku ta-rimiriku ita ta-raira  
 tau-riku  
 todo três REP 3pl<sub>A</sub>-ter 3pl<sub>E</sub>-esposa PL 3pl<sub>E</sub>-filho  
 Diz que todos os três tinham suas esposas e filhos.

Br

Os numerais ordinais, por sua vez, são etimologicamente derivados a partir dos cardinais e e a forma *-sa*, como ilustrado em (505) e (506).

(505)

irundisa ara upe taumba tau-pikũi i-kuara  
tau-m-pawa  
quarto dia LOC 3pl<sub>A</sub>-CAUS-acabar 3pl<sub>A</sub>-cavar 3sg<sub>E</sub>-buraco  
No quarto dia, acabaram de cavar seu interior [o interior do bongo]  
(Comunidade de Anamoim - Xié ms.)

(506)

musapirisa upe ta-yupiru ta-yana  
tau-yupiru tau-yana  
terceiro LOC 3pl<sub>A</sub>-começar 3pl<sub>A</sub>-correr  
Na terceira, começaram a correr.

Contexto: Na terceira imagem mostrada em elicitación, pessoas começaram a correr

Br, elicitación por meio de imagem

O morfema *-sa* é um nominalizador eventivo, que transforma verbos em nomes (v. 5.3). Porém, consideramos as formas dos numerais ordinais como completamente lexicalizadas, de modo que o *-sa* nesses casos não indica que os numerais sejam verbos. A seguir, uma breve análise diacrônica da formação dos numerais ordinais permite entender a excepcionalidade da combinação de numerais com *-sa*.

- *Excursões diacrônicas: formação dos numerais ordinais*

Uma apreciação sobre dados do século XVII pode ajudar a esclarecer o problema de como um nominalizador pode derivar numerais se estes já têm caráter nominal, ou seja, numerais ocorrem em função argumental sem necessidade do nominalizador. Na língua

geral brasílica, numerais cardinais emprestados do Português passavam por um processo de derivação complexo. Primeiramente eram transformados em verbos pelo emprego de *mo-* ‘causativo’<sup>103</sup>. Em seguida, os verbos transitivos criados (formas hipotéticas, uma vez que não há registros dessas formas em função verbal) eram nominalizados por <çâba> ‘nominalizador eventivo’. Como nomes, recebiam prefixos da série estativa. A Figura 5 sumariza a lexicogênese de numerais ordinais:

**Figura 5: Derivação de numerais ordinais a partir de numerais cardinais emprestados do Português final do século XVII**

Processo	
Empréstimo	sinko cinco
Causativização	*mo-sinko CAUS-cinco
Nominalização	*mo-sinko-çaba CAUS-cinco-NMZ
Flexão de pessoa	i-mo-sinko-saba 3sg <sub>E</sub> -CAUS-cinco-NMZ

**Quanto aos numerais nativos, nenhuma modificação era verificada (a não ser a combinação com o referenciante -a). O**

Quadro 29 apresenta a lista de numerais ordinais usada na lista dos dez mandamentos em doutrina do final do século XVII:

**Quadro 29: Numerais ordinais na língua geral brasílica**

Português	Língua geral
primeiro	<iypy>
segundo	<imocõia>
terceiro	<imoçapýra>
quarto	<imonherondycâba>
quinto	<imo cinco çâba>
sexto	<imo seis çâba>
sétimo	<imo sete çâba>

<sup>103</sup> Forma antiga do morfema causativo.

oitavo	<imo oito çâba>
nono	<imo nove çâba>
décimo	<imo dez çâba>

(Bettendorf 1800, 10-11)

Nos mais de dois séculos de mudança, o processo pode ter se tornado opaco para os falantes (especialmente considerando a situação sociolinguística do Nheengatú), de modo que o causativo deixou de ser realizado, criando formas como *sinko-saba* e, posteriormente, *sinku-sa* por apócope (v. 2.6.1.1). Ademais os numerais nativos passaram a gerar ordinais pelo mesmo processo, regularizando-o: *mukûi* > *mukûisa*, *musapiri* > *musapirisa*<sup>104</sup>.

- *Excursões comparativas: o estatuto nominal dos numerais em Nheengatú*

A interferência dos empréstimos no sistema de numeração do Nheengatú não se deu apenas no nível da forma, mas também na categorização lexical desses termos. Em outras línguas da família Tupi-Guarani, os numerais são classificados como advérbios. Em Kamaiurá, por exemplo, os numerais são nominalizados para funcionar como argumento: *mokôj-wat*, dois-NMZ, ‘os dois’ (Seki 2000, 78)<sup>105</sup>. Em Tapirapé, o numeral pode ocorrer em qualquer posição da oração, uma vez que não faz parte do sintagma nominal (Praça 2007, 149). Em Nheengatú, os numerais não têm características adverbiais, pelo contrário (a) têm posição fixa no sintagma nominal,

<sup>104</sup> Para o ordinal primeiro, os falantes privilegiam o empréstimo *primeiru* ‘primeiro’ ou o nome nativo *yupirunga*, forma nominalizada arcaica de *yupiru* ‘começar’.

<sup>105</sup> “[O *wat* ‘nominalizador de circunstância’ do Kamaiurá] ocorre somente com adverbiais, formando nomes que se caracterizam por sua relação com a circunstância expressa pelo adverbial. O status de *wat* não é o de um afixo propriamente dito” (Seki 2000, 122-123). O morfema é cognato ao morfema *wara* ‘derivador de nomes de origem’ do Nheengatú — nesta língua *wara* combina-se não apenas com adverbiais, mas também com nomes de lugar. O *-a* é vestígio do antigo morfema referenciante, não produtivo em Nheengatú.



(509)

[mukũi viagi] a-u akuti  
 duas vez 1sg<sub>A</sub>-comer.beber cotia  
 Duas vezes comi cotia.

Br, elicitado

Os numerais do Nheengatú passaram a ser mais semelhantes aos numerais do Português, o que se verifica não apenas pelos empréstimos lexicais propriamente ditos, mas também pelas propriedades formais dos numerais.

#### 6.2.3.2 *Quantificação contínua*

Neste capítulo, analisamos os quantificadores que determinam o sintagma nominal, a saber, *panhe* ‘todo’ e *mui(ri)* ‘muito’<sup>107</sup>. O quantificador *panhe*, ‘todo’ tem cognatos em outras línguas da família. O quantificador *mui(ri)* ‘muito’ foi emprestado do Português, *muitos* — ou do Espanhol *muy*, uma vez que seu uso é mais comum no Xié, onde o contato com indígenas da Colômbia é mais intenso. Os enunciados (510) a (512) apresentam alguns exemplos de uso desses quantificadores:

(510)

ape paa u-yupiru u-ri amana truvão panhe mã  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP 3sg<sub>A</sub>-começar 3sg<sub>A</sub>-vir chuva trovão todo NG  
 Aí, diz que começou vir a chuva, trovão, todas as coisas.

Br

<sup>107</sup> Em textos espontâneos produzidos por monolíngues em Nheengatú, também se emprega o quantificador do Português *kada* ‘quantificação distributiva’. Entretanto, esse quantificador acompanha sempre palavras do Português, formando expressões fixas como *cada qual*, *cada vez*, o que sugere instâncias de alternância de código (*code-switching*).

(511)

mui(ri) mira ta-sika ta-munhã kua tenda(wa)  
 tau-sika tau-munhã

muito pessoa 3pl<sub>A</sub>-chegar 3pl<sub>A</sub>-fazer DEM<sub>PROX</sub> comunidade  
 Muitas pessoas chegaram e construíram esta comunidade.

Wr

(512)

mui(ri) viagi tau-muramunha  
 muito vez 3pl<sub>A</sub>-brigar

Muitas vezes brigavam.

Br

Há ainda um nome genérico associado à quantificação contínua: *siya* ‘várias entidades’. Em termos semânticos, *siya* é mais específico que os quantificadores, universal *panhe* ‘todo’ e parcial *mui(ri)* ‘muitos’. Em termos sintáticos, *siya* ‘várias entidades’ pode funcionar como argumento (513) e como predicado (514). Estas propriedades permitem que se ateste o caráter nominal de *siya* ‘várias entidades’. Há, porém, uma tendência de que este nome ocorra como determinante, como ilustrado em (515).

(513)

siya ta-estudai puranga  
 tau-estudai  
 várias.entidades 3pl<sub>A</sub>-estudar ser.bonito  
 Muitas pessoas estudam bem.

Wr

(514)

ti=siya yane-rumuara ita  
 NEG=várias.entidades 1pl<sub>E</sub>-companheiro PL  
 Nossos companheiros não eram muitos.

Wr



(515)

u-sasa paa siya yasi  
 3sg-passar REP várias.entidades lua  
 Diz que passou muitos meses.

Br

### 6.3 *Construções sem determinante*

Em Nheengatú, o sintagma nominal pode ocorrer sem nenhum determinante. Esse tipo de construção é comum em línguas indígenas americanas, incluindo as línguas Tupi. Uma questão que se coloca porém é qual seria a interpretação de determinantes nas línguas em que esse não é obrigatório<sup>108</sup>. Em línguas indo-europeias a não manifestação do determinante permite a interpretação como termo genérico. Por exemplo, em Português, “A menina comeu maçã”, o sintagma nominal [maçã] sem determinante indica uma leitura genérica: qualquer maçã, uma maçã não especificada. Em Nheengatú, o uso dos sintagmas nominais sem determinante é mais abrangente. Seleccionamos duas pequenas narrativas *Kurupira* e *Kunhã asui Sukuriu*<sup>109</sup>, e levantamos as ocorrências de sintagmas nominais sem determinantes em função argumental para observar seus usos.

- *Sintagmas nominais sem determinantes com interpretação genérica*

(516)

i-manha u-memui mani-kuera  
 3sg<sub>E</sub>-mãe 3sg<sub>A</sub>-cozinhar mandioca-NGC  
 Sua mãe cozinhou caldo de mandioca.

Br

<sup>108</sup> Por conveniência descritiva, adotamos a postura tradicional de que o sintagma nominal tem como núcleo o nome.

<sup>109</sup> Ambas as narrativas foram disponibilizada no Anexo III.

(517)

u-su    u-pisika    kamarão    garape    kiti  
 3sg<sub>A</sub>-ir    3sg<sub>A</sub>-pegar    [camarão]    [igarapé    ALAT]  
 Foi pegar camarão lá pro igarapé.

Br

(518)

u-mbau    kofi  
 3sg<sub>A</sub>-comer    peixe.cofi  
 Comeu cofi.

Wr

(519)

taina    ita    yawe    te  
 criança    PL    ser.assim    FOC  
 Crianças são assim mesmo.

Br

(520)

mairame    u-meẽ=wã    u-iku    pituna    piterupi  
 SUB<sub>TEMP</sub>    3sg<sub>A</sub>-dar=PFT    3sg<sub>A</sub>-estar    noite    PERL<sub>MEIO</sub>  
 Quando já estava dando meia noite  
 Lit.: Quando estava já dando por metade de noite.

Esse primeiro uso dos sintagmas nominais sem determinantes é semelhante, portanto, ao que ocorre em línguas como o Português e o Inglês. Ou seja, sintagmas nominais sem determinantes expressam tipos e, por isso, podem ocorrer sem necessidade de determinante.

- *Sintagmas nominais sem determinantes expressam referentes irrelevantes*

Referentes que são completamente irrelevantes para a continuação da narrativa — ou seja, que não serão retomadas — também podem ser expressas por um sintagma nominal sem determinante, como ilustrado em (521) a (523) abaixo:

(521)

aikue yepe kunhã. pirá umpuruwã ae  
 u-mu-puruwã  
 EXIST INDF mulher peixe 3sg<sub>A</sub>-CAUS-grávida 3SG  
 Havia uma mulher. Um peixe a engravidou.  
 Wr, repetição de (489)

(522)

taina ita u-maã u-iku u-mu-tinhãha=re paa  
 criança PL 3sg<sub>A</sub>-ver 3sg<sub>A</sub>-estar 3sg<sub>A</sub>-CAUS-gancho=IMP REP  
 Diz que umas crianças estavam vendo ela ainda enganchando.  
 Wr

(523)

u-putai umapatuka i-manha u-munhã muraki  
 u-mu-apatuka  
 3sg<sub>A</sub>-querer 3sg<sub>A</sub>-CAUS-atrapalhar 3sg<sub>E</sub>-mãe 3sg<sub>A</sub>-fazer trabalho  
 Ela queria atrapalhar a mãe de fazer o trabalho.  
 Br

- *Sintagmas nominais sem determinantes expressam tópico discursivo*

Os dois primeiros usos do sintagma nominal sem determinante coincidem com a noção tipo: referentes genéricos e referentes que não são relevantes. Porém, o tópico discurso, ou seja, o referente retomado continuamente no discurso, também é expresso por um sintagma

nominal sem determinante. Ainda assim, há uma diferença. Os referentes que não serão retomadas no discurso ocorrem em sintagmas nominais sem determinantes desde sua (geralmente) única ocorrência. Ao passo que os referentes a serem retomados, particularmente o tópico discursivo, ocorrem com determinante *yepe* ‘indefinido’ em sua primeira ocorrência no texto (v. 6.2.2). A partir da segunda ocorrência no texto, passam a ocorrer sem determinante. Apenas quando a referência à entidade se torna distante — pela introdução de outras entidades — insere-se um demonstrativo. Os pares de enunciados em (524) e (525) ilustram o uso do indefinido na primeira menção a um referente e o uso de sintagmas nominais sem determinante a partir da segunda menção:

(524)

(a) Primeira ocorrência da entidade referida por *taina*

aikue yepe taina tuyu waa raira.

EXIST INDF criança homem.velho REL filho

Havia uma criança, que era filho do que era mais velho.

Br

(b) Segunda ocorrência da entidade referida por *taina*

i-manha ate i-kuere u-maã taina u-yaxiu

3sg<sub>E</sub>-mãe ate 3sg<sub>E</sub>-ser.cansado 3sg<sub>A</sub>-ver criança 3sg<sub>A</sub>-chorar

A mãe dela até cansou de ver a criança chorar.

Br

(525)

(a) Primeira ocorrência da entidade referida por *taina miri*

u-mu-yasuka u-iku yepe taina-miri

3sg<sub>A</sub>-CAUS-banhar 3sg<sub>A</sub>-estar INDF criança-DIM

Ela estava banhando uma criancinha.

Br

(b) Segunda ocorrência da entidade referida por *taina-miri*

u-sendu	paa	taina-miri	u-yaxiu	u-iku
3sg <sub>A</sub> -escutar	REP	criança-DIM	3sg <sub>A</sub> -chorar	3sg <sub>A</sub> -estar

Diz que ouviu uma criança pequena chorando.

Br

No anexo III, texto *Kunhã asui sukuriu*, o tópico discursivo *sukuriu* é introduzida com determinante (526a) e nas demais ocorrências da referência à mesma entidade, passa a ser expressa sem determinante (526b).

(526)

(a) Primeira ocorrência da entidade referida por *sukuriu*

nhaã	sukuriu	u-pisika	ae
DEM <sub>DIST</sub>	sucurí	3sg <sub>A</sub> -pegar	3SG

Aquela sucurí a pegou.

Wr

(b) Demais ocorrências da entidade referida por *sukuriu*

u-nheẽ	paa	sukuriu
3sg <sub>A</sub> -dizer	REP	sucurí

Diz que a sucuri disse.

Wr

O uso dos sintagmas nominais sem determinantes para referência ao tópico discursivo não pode ser caracterizado como tipo, como nos usos anteriores. Trata-se, porém, do uso como nome próprio. Ou seja, a entidade é apresentada como única e passa então a ser referida como se os nomes *taina*, *taina-miri* e *sukuriu* constituíssem nomes próprios e, portanto, não há necessidade de uso de determinante. Quando, no entanto, a referência é perdida, o uso dos determinantes, em particular dos demonstrativos, é requerida novamente.

6.4 *A Estrutura do sintagma nominal*

Os sintagmas nominais são constituídos por um núcleo nominal obrigatório, que pode ser um nome dêitico ou por um nome substantivo. Na zona prefixal, ocorrem as marcas de indicação de referência: nomes dêíticos como *amu* ‘outra entidade’, demonstrativos em forma curta, quantificadores e os complementos nominais (nomes ou prefixos da série estativa). A estrutura é apresentada na Figura 6.

**Figura 6: Estrutura do sintagma nominal**

Quantificação	Determinação	Complemento nominal	
<i>panhe mui(ri)</i>	{ <i>Demonstrativos</i> <i>Indefinidos</i> <i>Numerais</i>	{ Nome substantivo { IP <sub>E</sub>	NOME

Na continuidade deste capítulo, apresentamos enunciados ilustrando os possíveis sintagmas nominais encontrados em Nheengatú.

- *Núcleo precedido por determinante gramatical*

(527)

ape paa u-maã [nhaã yakaré]  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP 3sg<sub>A</sub>-ver DEM<sub>DIST</sub> jacaré  
 Aí, diz que viu aquele jacaré.

Br

(528)

[nhaã inambu] u-sika  
 DEM<sub>DIST</sub> ave.inambu 3sg<sub>A</sub>-chegar  
 Aquele inambú chegou.

Br

(529)

tau-munhã [kua tenda(wa)]  
 3pl<sub>A</sub>-fazer DEM<sub>PROX</sub> comunidade  
 Fizeram esta comunidade.

Wr

(530)

ta-munhã [kua wayuri]  
 tau-munhã  
 3pl<sub>A</sub>-fazer DEM<sub>PROX</sub> ajuri  
 Fizeram este ajuri.

Bn

- *Núcleo com complemento e determinante gramatical*

Em Nheengatú, qualquer tipo de nome substantivo pode ocorrer com demonstrativos. Em (531), um nome relativo recebe complemento nominal, indicado por IP<sub>E</sub>, e o sintagma é determinado um demonstrativo. Em (532), um nome autônomo também recebe IP<sub>E</sub> e é determinado por demonstrativo. Em (533), o nome *kurera* ‘farelo’ é determinado lexicalmente por *ui* ‘farinha’ e o sintagma nominal é determinado por um demonstrativo.

(531)

ti=ya-putai ya-xai [kua yane-retama]  
 NEG=1pl<sub>A</sub>-querer 1pl<sub>A</sub>-deixar DEM<sub>PROX</sub> 1pl<sub>E</sub>-região  
 Não queremos deixar esta nossa região

Bn

(532)

[kua yane-iwi] riku  
 DEM<sub>PROX</sub> 1pl<sub>E</sub>-terra ser.rico  
 Esta nossa terra é rica.

Bn

(533)

u-wai [nhaã ui kurera]  
 3sg<sub>A</sub>-cair DEM<sub>DIST</sub> farinha farelo  
 Caiu aquele farelo de farinha.

Br

- *Núcleo precedido por quantificação*

Os quantificadores têm escopo no sintagma nominal como um todo (v. 6.2.3)<sup>110</sup>. Nos enunciados abaixo o quantificador *panhe* seleciona um sintagma nominal determinado por demonstrativo em (534) e por um complemento nominal genitivo em (535):

(534)

u-pisika [panhe [nhaã yuwi]] ita  
 3sg<sub>A</sub>-pegar todo DEM<sub>DIST</sub> rã PL  
 Pegou todas aquelas rãs

Br

(535)

ya-yuka kua-sui [panhe [yane-dinheiru]]  
 1pl<sub>A</sub>-tirar DEM<sub>PROX</sub>-ABLAT todo 1pl<sub>E</sub>.dinheiro  
 Tiramos daqui todo nosso dinheiro.

Bn

<sup>110</sup> Nesse sentido, uma proposta alternativa de análise é entender os quantificadores como núcleos de sintagmas quantificadores que selecionam um sintagma nominal.



### 7 Lexicogênese verbal: ajustes de valência, reduplicação e empréstimos verbais

Neste capítulo, apresentamos os processos que permitem a introdução de novos verbos ao léxico do Nheengatú. Por um lado, os falantes fazem uso de um grande número de empréstimos do Português. Por outro, há processos morfológicos, que permitem conceber novos predicados de forma regular: prefixos de ajustes de valência ‘causativo’ e de ‘reflexivo / recíproco’ e ainda o processo de reduplicação, que indica ‘iteratividade’ em verbos dinâmicos e ‘intensificação’ em verbos estativos. A estrutura máxima do verbo em Nheengatú com seus prefixos é apresentada na Figura 7:

**Figura 7: A estrutura do verbo em Nheengatú**

VALÊNCIA		ITERATIVO / INTENSIVO	RAIZ VERBAL
REFLEXIVO/ RECÍPROCO	CAUSATIVO		
Transitivos > Intransitivos	Intransitivos > Transitivos	Transitivos Intransitivos dinâmicos Intransitivos estativos	Transitivos Intransitivos dinâmicos Intransitivos estativos
<i>yu-</i>	<i>mu-</i>	Reduplicação CVCV~RAIZ	

Os morfemas de valência têm escopo um sobre o outro. Verbos transitivos derivados por causativo podem se combinar a ‘reflexivo / recíproco’. Considere um verbo estativo como *pinima* ‘ser colorido’. Derivado pelo causativo torna-se *mpinima* ‘pintar’, que, por sua vez, pode ocorrer como ‘reflexivo/recíproco’: *yu-m-pinima* ‘pintar-se’.

### 7.1 *Valência*

Em 4.4, as subclasses verbais foram definidas com relação à valência dos mesmos. Verbos transitivos foram definidos sintaticamente por sua capacidade de selecionar dois argumentos. Os intransitivos permitem a seleção de apenas um argumentos. Essa divisão é bem marcada morfológicamente. Verbos intransitivos precisam ser morfológicamente transformados para poderem selecionar dois argumentos, e o mesmo é válido para verbos transitivos. São duas operações morfológicas que permitem mudar valência: (a) intransitivo > transitivo, via *mu-* ‘causativo’, e (b) transitivo > intransitivo, via *yu-* ‘reflexivo e recíproco’. Ambos os processos são bem marcados morfológicamente, não sendo possível a um mesmo verbo funcionar ora como transitivo ora como intransitivo — verbos denominados na literatura como labiles. Mesmo os empréstimos do Português são regularmente analisados como transitivos ou intransitivos, de modo que necessitam de morfologia derivacional para mudar sua valência (v. 7.3).

A identificação dos morfemas de *mu-* ‘causativo’ e de *yu-* ‘reflexivo/recíproco’ como operadores de mudança de valência leva em consideração apenas critérios sintáticos. No entanto, do ponto de vista semântico, devemos atentar para o fato de que esses morfemas são bastante restritos no tipo de papel temático que o argumento inserido (ou demovido) pode receber. Verbos derivados por causativo necessariamente selecionam um sujeito que recebe papel temático CAUSADOR. Verbos derivados por ‘reflexivo/recíproco’ selecionam um único argumento, caracterizado ao mesmo tempo como AGENTE e PACIENTE.

A fusão das funções ‘reflexividade’ e ‘reciprocidade’ em um único morfema é uma característica inovadora do Nheengatú que pode estar relacionada ao contato com o Português. Observamos que alguns verbos incorporaram às suas raízes o antigo morfema reflexivo do Tupinambá. Na seção 7.1.2.1, fazemos um levantamento desses

verbos e discutimos a possibilidade de existência de uma voz média em Nheengatú.

### 7.1.1 *Causativo*

O causativo *mu-* é utilizado para aumentar a valência de predicados intransitivos. Trata-se de um processo bastante produtivo, permitindo que nomes, verbos intransitivos (dinâmicos e estativos) sejam derivados para funcionarem como verbos transitivos. Os pares de enunciados abaixo ilustram predicados intransitivos de natureza verbal — dinâmico (536), estativo flexionável (537) e estativo não flexionável (538) —, funcionando nos enunciados em (a) como predicados intransitivos e em (b) como predicados transitivos:

#### (536) Intransitivo dinâmico

(a)

i-manha      u-paka  
 3sg<sub>E</sub>-mãe    3sg<sub>A</sub>-acordar  
 A mãe dele acordou.

Br

(b)

tambaka                      nhaã      miku  
 tau-mu-paka  
 3pl<sub>A</sub>-CAUS-acordar    DEM<sub>DIST</sub>    mico  
 Acordaram aquele mico.

#### (537) Intransitivo estativo flexionável

(a)

kunhãtai-miri                      suri  
 menina-DIM                      3sg<sub>E</sub>:ser.alegre  
 A menina é alegre.

Br, elicitación por meio de imagem







(545)

a-su      a-mu-seẽ                      kisuku

1sg<sub>A</sub>-ir   1sg<sub>A</sub>-CAUS-ser.doce   suco

Vou adoçar o suco.

Br, elicitado

Em 4.4.2, observamos que os verbos intransitivos dinâmicos podem ser subdivididos em ativos e inativos. Essa subdivisão se dá em um *continuum*, em que propriedades formais são mais facilmente associadas a uma das classes. Em relação à causativa, observamos que os verbos intransitivos dinâmicos inativos favorecem a causativa morfológica. Os pares de enunciados em (546) e (547) permitem observar a estrutura intransitiva nos exemplos marcados como (a) e a contraparte causativa em (b).

(546)

(a)

u-sasa              paa   siya                      yasi

3sg<sub>A</sub>-passar   REP   várias.entidades   lua

Diz que passaram várias luas (meses).

Br

(b)

manunga(ra)   a-kua              waa

alguma.coisa   1sg<sub>A</sub>-saber   REL

a-su      a-mu-sasa                      penh=arã

1sg<sub>A</sub>-ir   1sg<sub>A</sub>-CAUS-passar   2PL=DAT<sub>PROSP</sub>

Aquilo que sei, vou passar para vocês.

Wr

(547)

(a)

tau-semu=wã  
 3pl<sub>A</sub>-sair=PFT  
 Já saíram

Br

(b)

tau-mu-semu    nhaã    se-kunhantai  
 3pl<sub>A</sub>-CAUS-sair    DEM<sub>DIST</sub>    1sg<sub>E</sub>-menina  
 Fizeram aquelas meninas saírem

Bn

(548)

(a)

ya-yasuka    garape    upe  
 1pl<sub>A</sub>-banhar    igarapé    LOC  
 Banhávamos no igarapé

Bn

(b)

u-miyasuka    u-iku    yepe    taina-miri  
 u-mu-yasuka  
 3sg<sub>A</sub>-CAUS-banhar    3sg<sub>A</sub>-estar    INDF    criança-DIM  
 Estava banhando uma criancinha.

Br

(549)

(a)

kurumĩ    u-kiri  
 menino    3sg<sub>A</sub>-dormir  
 O menino dormiu.

Br



(b)  
 a-mu-kiri                      se-mbira  
 1sg<sub>A</sub>-CAUS-dormir    1sg<sub>E</sub>-filho  
 Fiz meu filho dormir.

Br

O Quadro 31 apresenta mais exemplos de intransitivos dinâmicos inativos com causativa morfológica:

**Quadro 31: Verbos intransitivos dinâmicos inativos com causativo**

Caracterização semântica do evento (base)	Intransitivo	Causativo
Mudança de estado (causa interna)	puka    estourar	mpuka    estourar O
movimento	wike    entrar paka    acordar	muwike    fazer entrar O mbaka    acordar O
Mudança de estado (causa externa)	pa(wa)    acabar sasa    passar yupiru    começar	mba(wa)    fazer acabar O musasa    passar O muyupiru    fazer começar; criar O

No outro lado do *continuum*, os verbos intransitivos dinâmicos inativos desfavorecem a causativa simples. Como visto em 4.4.2, é o caso, por exemplo, de *purasi* ‘dançar’, *puraki* ‘trabalhar’, *wata* ‘andar’, *nheẽ* ‘falar’. No entanto, devemos ter em conta que as distinções dentro do *continuum* ativo > inativo são apenas tendências de comportamento desses verbos. Em (550a), observamos *pui* ‘pular’ que em seu uso mais prototípico, em que o sujeito é interpretado como AGENTE. Em (550b), em uma causativa:

(550)

(a)

a-pui            a-yuka        apekatu    waa  
 1sg<sub>A</sub>-pular   1sg<sub>A</sub>-tirar   longe       REL  
 Pulo e tiro o que está longe.

Wr

(b)

ainta u-m-bui                    ui-wasu    feijão    upe  
           u-mu-pui  
 3PL    3sg<sub>A</sub>-CAUS-pular    farinha    feijão    LOC  
 Eles jogavam um montão de farinha no feijão.

Bn

Devemos mencionar ainda a existência de verbos transitivos, em que o causativo *mu-* pode ser reconhecido, mas que perderam sua contraparte intransitiva: *mbeu* ‘contar’, *mbue* ‘ensinar’, *munuka* ‘cortar’, *mukuna* ‘engolir’, *mukameẽ* ‘mostrar’, entre outros<sup>112</sup>.

### 7.1.2 *Recíproco e reflexivo*

O prefixo *yu-* é um operador de ajuste de valência que permite transformar verbos transitivos em intransitivos. O morfema expressa que sujeito é interpretado ao mesmo tempo como AGENTE e como PACIENTE. Os referentes envolvidos podem ser idênticos, permitindo a interpretação como ‘reflexivo’, como ilustram os enunciados (551) a (553). Os enunciados em (a) são predicados transitivos simples, dos quais as formas intransitivas em (b) derivam.

<sup>112</sup> Outros morfemas de acréscimo de valência documentados para o Tupinambá <er>, possivelmente um aplicativo e <-ukar>, forma causativa utilizada com predicados transitivos, não deixaram vestígios no Nheengatú (cf. Rodrigues (1953), para morfemas verbais do Tupinambá).

(551)

(a)

tau-pirai ukena

3pl<sub>A</sub>-abrir porta

Abriram a porta.

Br

(b)

re-yu-pirai puranga

2sg<sub>A</sub>-R/R-abrir ser.bonito

Abra-se bem!

Contexto: Ordem dada a uma mulher em trabalho de parto.

Br

(552)

(a)

mira ita tau-siki bongu pee rupi

gente PL 3pl<sub>A</sub>-puxar bongo caminho PERL

As pessoas arrastaram o bongo pelo caminho.

(Comunidade de Anamoim - Xié ms.)

(b)

a-yu-siki xinga

1sg<sub>A</sub>-R/R-puxar ATENUA

Arrastei-me um pouco.

Wr

(553)

(a)

a-perderi se-kise

1sg<sub>A</sub>-perder 1sg<sub>E</sub>-faca

Perdi minha faca.

Br, elicitado

(b)  
 ape a-yu-perdei  
 CONJ<sub>SEQ</sub> 1sg<sub>A</sub>-R/R-perder  
 Aí, me perdi.

Br

Nada impede que o argumento único do verbo derivado por reflexivo seja plural. Neste caso, o fato de recíprocos e reflexivos serem expressos da mesma maneira poderia levar a certa ambiguidade. Os enunciados (554b) e (555) são particularmente semelhantes no fato de que ambos tratam de ações que envolvem algum grau de violência e, portanto, espera-se uma leitura recíproca. Nenhum mecanismo gramatical, no entanto, impede uma leitura reflexiva e, de fato, a leitura reflexiva de autoflagelamento é privilegiada pelos falantes consultados<sup>113</sup>. Também em (556b) e (557b) a leitura privilegiada é de reflexiva:

(554)  
 (a)  
 tau-nupa ainta  
 3pl<sub>A</sub>-bater 3PL  
 Bateram neles.

Br

(b)  
 ta-yu-nupa nhaã apiga  
 tau-yu-nupa  
 3pl<sub>A</sub>-R/R-bater DEM<sub>DIST</sub> homem  
 Eles se bateram [a si mesmos].

Bn

<sup>113</sup> A ação recíproca ‘bater um no outro’ é melhor expressa pelo lexema *maramunha* ‘brigar’.

(555)

ta-yu-surrai

tau-yu-surrai

3pl<sub>A</sub>-R/R-surrar

Eles se surravam [a si mesmos]

Bn

(556)

(a)

u-putai      umapatuka                      i-manha u-munhã muraki

u-mu-(a)patuka

3sg<sub>A</sub>-querer 3sg<sub>A</sub>-CAUS-atrapalhar 3sg<sub>E</sub>-mãe 3sg<sub>A</sub>-fazer trabalho

Ele queria atrapalhar a mãe dele de fazer o trabalho.

Br

(b)

profesor      tayumapatuka

tau-yu-mu-apatuka

professor      3pl<sub>A</sub>-R/R-CAUS-atrapalhar

Os professores se atrapalham [a si mesmos]

Br

(557)

(a)

kui(ri) ya-seruka      Namuĩ

agora 1pl<sub>A</sub>-chamar Anamoim

Agora chamamos Anamoim.

Br

(b)

ya-yu-seruka      baré

1pl<sub>A</sub>-R/R-chamar      baré

Nós nos chamamos Baré.

Br

A interpretação de recíproco emerge pela reduplicação da raiz verbal. A reduplicação em verbos dinâmicos expressa iteratividade, i.e., repetição de eventos (v. 7.2). Uma vez que reduplicação expressa que há mais de um evento acontecendo ao mesmo tempo, a leitura recíproca é obrigatória:

(558)  
 ta-yu-mundu~mundu  
 tau-yu-mundu~mundu  
 3pl<sub>A</sub>-R/R-RED~mandar  
 Mandaram-se [uns aos outros].  
 Bn

(559)  
 ya-yu-mã~mã           sasiara  
 1pl<sub>A</sub>-R/R-RED~ver    ser.triste  
 Ficamos nos olhando [uns aos outros] tristes.  
 Br

Entretanto, o processo de reduplicação não está disponível para todos os empréstimos, de modo que o morfema *yu* ‘reflexivo/recíproco’ junto a verbos emprestados leva à ambiguidade, como ilustrado em (560):

(560)  
 ta-yu-ajudai  
 tau-yu-ajudai  
 3pl<sub>A</sub>-R/R-ajudar  
 Eles se ajudavam (uns aos outros).  
 Eles se ajudam a si mesmos.  
 Br

O prefixo *yu*- ‘reflexivo e recíproco’ permite ainda uma leitura de médio-passiva. Nessas construções, há demissão do agente da função de sujeito de um verbo transitivo (A). O participante indicado como objeto (O) na sentença transitiva de base passa a funcionar

como sujeito (S) do verbo derivado pelo reflexivo, como ilustrado em (561) e (562). Nessas construções, o índice de pessoa no verbo intransitivo é correferente ao sintagma nominal que funciona como sujeito, mas que recebe o papel temático de PACIENTE. O sujeito (A) da sentença transitiva de base não é expresso na médio-passiva.

(561)

(a)

ya-munhã kua missão  
 1pl<sub>A</sub>-fazer DEM<sub>PROX</sub> missão  
 Nós fizemos esta missão.

(b)

mame=ta puranga u<sub>i</sub>-yu-munhã arã missão<sub>i</sub>  
 mame taa  
 onde Q ser.bonito 3sg<sub>A</sub>-R/R-fazer SUB<sub>FIN</sub> missão  
 Onde é bom de se construir a missão?

Bn

(562)

(a)

ta-kupi nhaã ta-kupixa  
 tau-kupiri  
 3pl<sub>A</sub>-roçar DEM<sub>DIST</sub> 3pl<sub>E</sub>-roça  
 Roçaram aquela roça deles.

Br, repetido de (217b)

(b)

u-sika paa u-maã u-yu-kupi(ri)=wã  
 3sg<sub>A</sub>-chegar REP 3sg<sub>A</sub>-ver 3sg<sub>A</sub>-R/R-roçar=PFT  
 Diz que chegou e viu já roçado.

Br

(563)

(a)

u-trokai      religião

3sg<sub>A</sub>-trocar   religião

Ele troca de religião.

Br

(b)

kapitão   u-yu-trokai

capitão   3sg<sub>A</sub>-R/R-trocar

Capitão, troca-se.

Wr

#### 7.1.2.1 *Excursões diacrônicas: A perda do morfema de reflexivo*

Uma excursão diacrônica ajuda a entender a fusão das funções de ‘reflexivo’ e ‘recíproco’ e ainda, embora menos frequentemente, de médio-passiva em Nheengatú. Em outras línguas da família Tupi-Guarani, o recíproco é marcado morfológicamente por reflexos de \*jo- e o reflexivo é marcado por reflexos de \*je-. Por um lado, ye- [je] ‘reflexivo’ do Tupinambá perdeu o valor morfológico e passou a ocorrer como vestígio em alguns verbos, como será discutido no decorrer desta seção. Por outro lado, jo- [yo] ‘recíproco’ foi reanalisado como ‘reflexivo / recíproco’. Essa mudança pode ter sido catalizada pela influência do Português, uma vez que nesta língua um único morfema — o clítico ‘se’ — marca reflexividade, reciprocidade e médio-passiva. Traçar o desenvolvimento detalhado da mudança é objeto de futuras investigações. Porém, nesta seção, observaremos alguns características do Nheengatú que podem ser explicadas tendo em vista a mudança ocorrida.

Uma primeira característica é o fato de que o Nheengatú utiliza conjuntamente o *yu-* ‘reflexivo / recíproco’ e a reduplicação para expressar a reciprocidade. No Kamaiurá, também foi documentado o



uso da reduplicação em recíprocas<sup>114</sup>. A novidade do Nheengatú é o fato da reduplicação ser a única maneira de permitir a desambiguação do morfema *yu*. Em Kamaiurá, o cognato *jo* marca sempre ‘recíproco’, de modo que a reduplicação tem apenas efeito de reforço (Seki 2000).

Embora *ye-* [je] ‘reflexivo’ do Tupinambá tenha desaparecido formalmente e a função reflexiva tenha passado a ser indicada por *yu-* ‘reflexivo / recíproco’, observamos que um vestígio lexicalizado mantém-se em alguns verbos que têm em comum propriedades comuns a verbos caracterizados por Kemmer (1993) como ‘voz média’.

Antes de listar os verbos pertencentes a essa classe, é preciso entender o conceito. Construções reflexivas são utilizadas para quebrar a expectativa de que verbos transitivos descrevam eventos envolvendo duas entidades diferentes. Por exemplo, *perdei* ‘perder’ em (553a) expressa prototicamente uma ação envolvendo dois participantes *A perde B*, em que *A* recebe papel temático de AGENTE e *B*, o de PACIENTE. O ‘reflexivo’ quebra essa expectativa, indicando que uma única entidade deve ser interpretada como AGENTE e PACIENTE. Construções médias, por sua vez, têm como parte de sua semântica a expectativa de que a mesma entidade será interpretada como AGENTE e PACIENTE (Kemmer 1993, IX).

Em Tupinambá, não havia distinção reflexivo e médio, uma vez que o morfema *je-* indicava toda forma de reflexivo. Com a perda do morfema *je-* com função reflexiva, apenas os verbos que usavam *je-* frequentemente, mantiveram a forma, porém, completamente lexicalizada. Esses verbos são identificados por iniciarem com as formas [je], [ja], [wa], [a] — interpretados neste trabalho como vestígios do morfema *je-*. O Quadro 32 apresenta um levantamento de dados do *corpus* de textos espontâneos, acompanhados de dados de

---

<sup>114</sup> Não é certo, porém, se a reduplicação em recíprocas é uma propriedade do Proto-Tupi-Guarani ou se a propriedade é inovadora nas duas línguas.

dicionário (Grenand e Ferreira 1989). Os prováveis vestígios de *je-* são marcados em negrito.

Quadro 32: Verbos médios

Semântica prototípica do evento	Verbo médio	Tradução
Mudança de posição corporal/Movimento	<b>yenũ</b> <b>yawika</b> <b>yereu</b> <b>yapumu</b> <b>yawaú</b> <b>yari</b> ~ <b>yai</b> <b>yatiku</b> <b>wapika</b>	deitar-se abaixar-se virar-se mergulhar fugir encostar-se pendura-se sentar-se
Situações naturalmente recíprocas	<b>yatiri</b> <b>yakau</b>	juntar-se discutir / ralhar/repreender
Situações prototipicamente reflexivas	<b>yakapira</b> <b>yatimũ</b> <b>yaputi</b> <b>yatimana</b>  <b>yapukũi</b>	pentear-se embalar-se (na rede) amarrar (a rede) <sup>115</sup> andar com rodeios' (lit.: rodear-se) remar <sup>116</sup>
Eventos espontâneos	<b>akanhemu</b> <b>yaxiu</b> <b>apatuka</b> <b>yapisaka</b> <sup>117</sup>	ser assustado chorar atrapalhar-se escutar

<sup>115</sup> Usado exclusivamente para 'amarrar a rede' (Grenand e Ferreira 1989, 204). Nas sociedades Arawak de falantes de Nheengatú cada um é responsável por 'amarrar sua própria rede' e neste sentido pode ser entendido como uma situação prototipicamente reflexiva, típica da voz média.

<sup>116</sup> Segundo Grenand e Ferreira (1989, 204), *yapukũi* é derivado da forma *apukuitã* 'remo'. Em nossa visão, no entanto, *yapukũi* parece ser derivado de *pikũi* 'cavar' (pelo menos, do ponto de vista formal). É possível que *yapukũi* tenha sido derivado por voz média a partir de uma metáfora que se enfatiza a similaridade entre os movimentos de remar e de cavar (cavar o interior de uma canoa com o ferro de cova, por exemplo).

<sup>117</sup> Etimologicamente, *ya-*, antiga forma de 'reflexivo', combinado à *pisaka*, 'ouvido' (Grenand e Ferreira 1989, 203).

No levantamento realizado no dicionário (Grenand e Ferreira 1989), observamos que todos os verbos iniciados com *ye-* expressam semanticamente situações típicas de verbos médios. De fato, *ye-* [je] é claramente identificado com a forma *\*je*, reconstruída como reflexivo para o Proto-Tupi-Guarani (Jensen 1998b, 13). Porém, há uma tendência na língua para transformar /e/ > /a/, especialmente em posição não acentuada como é o caso da posição ocupada pelo morfema (v. 2.2.1). Por razões fonológicas, portanto, o vestígio do morfema passou a ser realizado como *ya-* [ja], como facilmente pode ser observado no Quadro 32 acima. Se este é o caso, nada impede que a língua tivesse verbos iniciados com a sílaba *ya* [ja] que nada tenham a ver com o vestígio do morfema reflexivo, ou seja, que não podem ser analisados como etimologicamente constituídos por dois morfemas. Um levantamento no dicionário nos permite identificar os seguintes lexemas simples (monomorfêmicos): *yami* ‘espremer’, *yana* ‘correr’, *yapi* ‘jogar’, *yawi* ‘errar’. Em todos esses casos, trata-se de estruturas bissilábicas *yaCV*. Como descrito em 2.4.1.2, há em Nheengatú uma restrição que exige que a palavra mínima seja constituída por um pé métrico dissilábico. Os itens lexicais *yami* / *yana* / *yapi* / *yawi*, portanto, não constituiriam palavras mínimas por si só e, portanto, fica descartada a hipótese de que *ya* [ja] nesses itens lexicais seja vestígio do reflexivo — trata-se apenas de uma sílaba comum, arbitrária.

Em empréstimos, utiliza-se necessariamente o morfema *yu-* ‘recíproco/reflexivo’ até mesmo para indicar situações prototipicamente consideradas como ‘médias’, como crescimento (564) e (565)<sup>118</sup>:

---

<sup>118</sup> Alguns empréstimos como *yukirai* ‘crescer’ ocorrem no *corpus* de textos apenas em forma reflexiva/recíproca.

(564)

inde nunka re-su re-yu-kirai  
 2SG nunca 2sg<sub>A</sub>-ir 2sg<sub>A</sub>-R/R-criar  
 Você nunca vai ser crescido (grande)  
 Br

(565)

ta-yu-formai ta-meẽ arã aula  
 tau-yu-formai tau-meẽ  
 3pl<sub>A</sub>-R/R-formar 3pl<sub>A</sub>-dar SUB<sub>FIN</sub> aula  
 (Eles) se formam para dar aula.  
 Br

(566)

ixe a-yu-batizai yepe viagi  
 1SG 1sg<sub>A</sub>-R/R-batizar INDF vez  
 Eu me batizei uma vez.  
 Br

Além disso, verbos médios nativos são reforçados pela estratégia de transitivização por *mu-* ‘causativo’ e em seguida intransitivização via *yu-* ‘reflexivo/recíproco’. Em (567a) e (567b), o verbo *yatiri* ‘juntar-se’ ocorre como intransitivo. Em (567c), o mesmo verbo ocorre derivado por *mu-* ‘causativo’, permitindo a introdução de um argumento. Em (567d), observamos que a forma causativa do verbo é novamente derivada, funcionando como intransitivo de interpretação reflexiva. Semanticamente, as formas em (567a) e (567b), e (567d) são equivalentes. Podemos considerar o par (567a) e (567b) como representando uma forma mais conservadora — tanto que (567a) ocorreu em música e (567b), mas não ocorreu em texto espontâneo. Além disso, em elicitación as formas em (567a) e (567b) são aceitas apenas por alguns falantes. A forma em (567d) pode ser considerada uma inovação, que emerge justamente pelo fato do antigo reflexivo do Tupinambá estar em avançado processo de perda de seu

valor morfológico, ou seja, estar sendo reanalisado como parte da raiz. É possível considerar esse processo como um ciclo de reforço, em que o vestígio de reflexivo *ye ~ ya* perdeu seu valor semântico, e uma nova estratégia, a partir de ‘reflexivo/recíproco’, emerge. Os enunciados em (568) também caracterizam um ciclo de reforço de voz média para reflexivo em Nheengatú<sup>119</sup>. Em (569a), *yakau* é interpretado como transitivo ‘repreender O’ e combinado a *yu* ‘reflexivo / recíproco’ funcione como intransitivo em (569b).

(567)

(a)

a- <b>yatiri</b>	se-anama	ta-irũ	ta-purasi	dabukuri
			tau-purasi	
1sg <sub>A</sub> -juntar	1sg <sub>E</sub> -família	3pl <sub>E</sub> -COM <sub>INSTR</sub>	3pl <sub>A</sub> -dançar	dabucuri

Junto com meus familiares dançamos dabucuri.

Br, música

(b)

mira	ita	ta- <b>yatiri</b>
		tau-yatiri
pessoa	PL	3pl <sub>A</sub> -juntar

As pessoas se juntaram.  
Br, texto escrito

<sup>119</sup> ‘Ciclos de reforço’ foram propostos por Otto Jespersen para explicar a transformação da negação em Francês: NEG<sub>1</sub> V, *ne vient* (Francês arcaico, seguindo o padrão do Latim) > NEG<sub>1</sub> V NEG<sub>2</sub> *Je ne viens pas* (Francês moderno padrão) > V NEG<sub>2</sub> *Je vien spas* (Francês moderno coloquial) - ‘eu não virei’. Ciclos de reforço também podem explicar estratégias de renovação do sistema de reflexivos (Koenig e Moysse-Faurie 2010).

(c)

tamuyatiri            nhaã            miku    piya

tau-mu-yatiri

3pl<sub>A</sub>-CAUS-juntar    DEM<sub>DIST</sub>    mico    coração

Juntaram o coração daquele mico.

Br

(d)

ape            nhaã            kawa    ta-yu-muyatiri

tau-yu-mu-yatiri

CONJ<sub>SEQ C</sub>    DEM<sub>DIST</sub>    caba    3pl<sub>A</sub>-R/R-CAUS-juntar

Aí aquelas cabas se juntaram.

Br

(568)

(a)

ape            paa    u-su    u-yasuka

CONJ<sub>SEQ</sub>    REP    3sg<sub>A</sub>-ir    3sg<sub>A</sub>-banhar

Ai diz que ele foi (se) banhar.

Br

(b)

umiyasuka            u-iku            i-mbira-miri

u-mu-yasuka

3sg<sub>A</sub>-CAUS- lavar    3sg<sub>A</sub>-estar    3sg<sub>E</sub>-filho-DIM

Ela estava lavando o(a) filho(a).

Br

(c)<sup>120</sup>

ayumiyasuka

a-yu-mu-**ya**-suka1sg<sub>A</sub>-R/R-CAUS- lavar

Eu me lavei.

Br, elicitado

(569)

(a)

tayakau inde

tau-**ya**kau3pl<sub>A</sub>-repreender 2SG

Eles te repreendem.

Br

(b)

tayuy**ya**kau paatau-yu-**ya**kau3pl<sub>A</sub>-R/R- discutir/repreender REP

Diz que eles discutiram.

Lit.: Diz que eles se repreendem.

Br

Como a forma *ye-* ([je], [ja], [wa], [a]) é residual, ainda que permita identificar uma voz média, não será considerada na análise justalinear. Essa decisão tem em conta o fato de que (a) os verbos que apresentam o vestígio de reflexivo não ocorrem sem o vestígio, (b) empréstimos, mesmo que integrados ao Nheengatú como obrigatoriamente intransitivos, utilizam o morfema *yu-* ‘reflexivo / recíproco’, (c) verbos que mantêm um vestígio do antigo reflexivo são submetidos à causativa e, em seguida, à reflexivização, indicando que *ye-* está em processo avançado de lexicalização como parte da raiz, (d)

<sup>120</sup> Claramente, o dado foi influenciado pela estratégia de coleta (elicitação). Entretanto, indica que os falantes tendem a generalizar o uso de *yu* ‘reflexivo/recíproco’ até mesmo para verbos em que mantenham o vestígio da forma reflexiva do Tupinambá.

a grande variação de alomorfes, não condicionados por regras fonológicas sincrônicas, é indício de lexicalização principalmente, tendo em vista que alomorfias não são comuns em Nheengatú.

### 7.2 Reduplicação: iterativo e intensivo

Em Nheengatú, a reduplicação expressa ‘iteratividade’ em verbos dinâmicos e ‘intensidade’ de uma propriedade em verbos estativos. Por iteratividade, entendemos a repetição relativamente regular de ocorrências de um evento. Os enunciados (570a) e (570b) permitem comparar um verbo dinâmico simples e sua contraparte reduplicada, indicando a repetição da atividade de *kupi(ri)*, ‘roçar’. Em (571), o verbo estativo *puranga* ‘ser bonito’ ocorre reduplicado, indicando a intensificação da propriedade beleza.

(570)

(a)

ape ai u-kupi(ri)  
 CONJ<sub>SEQ</sub> preguiça 3<sub>sgA</sub>-roçar  
 Aí, a preguiça roçou.

Br

(b)

ape paa u-kupi~kupiri  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP 3<sub>sgA</sub>-RED~roçar  
 Aí, diz que ele roçou repetidamente.

(571)

ta-ranha pura~puranga  
 3<sub>plE</sub>-dente RED~ser.bonito  
 Os dentes deles eram muito bonitos.

Interpretação: Cada dente de cada um deles era bonito.

Bn

No decorrer desta seção, levaremos em conta as diferentes subclasses de verbos do Nheengatú.



7.2.1 *Reduplicação em verbos transitivos*

Em verbos transitivos, a reduplicação expressa iteratividade, i. e., repetição de um evento. O evento repetido pode afetar sempre a mesma entidade, como ocorre em (572), o evento ‘lamber a noiva’ ocorre repetidamente, afetando a mesma entidade *noiva* ‘noiva’. Ou o evento pode repetir-se em várias ocasiões, afetando entidades diferentes. Em (573), o evento ‘matar animais’ ocorreu repetidamente, tendo afetado várias entidades diferentes. Apenas pelo contexto, é possível restituir a referência das entidades afetadas.

(572)

u-sere-sereu            paa    aitenhaã    i-noiva  
 3sg<sub>A</sub>-RED~lamber    REP    DEM<sub>DIST</sub>    3sg<sub>E</sub>-noiva  
 Diz que ele lambeu (repetidamente) aquela lá, a noiva dele.  
 Br

(573)

ta-yuká-yuká!  
 3pl<sub>A</sub>-RED~matar  
 Mataram (vários animais)  
Interpretação distributiva: Mataram cada um dos animais.  
 Br

Em casos em que a reduplicação expressa a repetição de um evento que afeta diferentes entidades, parece haver uma tendência à omissão do objeto. Nos pares de enunciado em (574) e (575), observamos que a forma de base é transitiva com objeto explícito (a), enquanto nas sentenças derivadas em (b), o objeto é omitido.

(574)

(a)  
 nhaã    istoria    a-m-beu            penh=arã  
 DEM<sub>DIST</sub> história    1sg<sub>A</sub>-CAUS-contar    2PL=DAT<sub>PROSP</sub>  
 Aquela história, conto para vocês.  
 Wr

(b)

ti=a-pudei	a-m-beu-beu	ind=arã
NEG=1sg <sub>A</sub> -poder	1sg <sub>A</sub> -RED~contar	2SG=DAT <sub>PROSP</sub>

Não posso contar mais para você.

Interpretação distributiva: Não posso contar [um número indeterminado de coisas] para você.

Br

(575)

(a)

u-puem	pirá	paa
3sg <sub>A</sub> -pegar.com.a.mão	peixe	REP

Diz que ele pega peixe.

W<sub>r</sub>

(b)

u-puem~puem	nhaã	samambaia	upe
3sg <sub>A</sub> -RED-pegar.com.a.mão	DEM <sub>DIST</sub>	samambaia	LOC

Ele pega naquela samambaia

Interpretação distributiva: Pegava [um número inespecificado de peixes] naquela samambaia.

W<sub>r</sub>

A omissão (ou pelo menos à tendência à omissão) do objeto está ligada à própria multiplicação dos eventos e multiplicação dos participantes. Tem-se observado que a transitividade é afetada por inúmeros fatores (cf., por exemplo, Hopper & Thompson 1980, Queixalós 2002). Basicamente, os autores propõem que para entender o conceito de transitivo e fenômenos correlacionados — particularmente mecanismos de mudança de valência tal como antipassiva — devemos levar em consideração não apenas a valência do verbo, mas também o aspecto lexical, o grau de referencialidade do sintagma nominal em posição de objeto e a quantidade de eventos.



7.2.2 *Reduplicação em verbos intransitivos dinâmicos*

Um verbo intransitivo dinâmico ativo reduplicado pode selecionar uma entidade singular ou múltipla como sujeito (S<sub>A</sub>), da mesma forma como fazia sua contraparte simples. Os enunciados (578) a (581) ilustram o efeito da reduplicação em verbos intransitivos dinâmicos.

(578)

ape paa u-puká~puká nhaã taina ta-irũ  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP 3sg<sub>A</sub>-RED~rir DEM<sub>DIST</sub> criança 3pl<sub>E</sub>-COM<sub>INSTR</sub>

Aí, diz que ele ficou rindo com aquelas crianças.

Contexto: Aí, diz que riu um número inespecificado de vezes com aquelas crianças

Br

(579)

waimĩ u-sã~sã retã  
 mulher.velha 3sg<sub>A</sub>-RED~sentir INTS

A velha sentia muito.

Contexto: Mulher em trabalho de parto.

Bn

(580)

u-yawi~yawika paa u-maã balaiu upe  
 3sg<sub>A</sub>-RED~abaixar REP 3sg<sub>A</sub>-ver balaio LOC

Diz que ele se abaixou repetidamente e viu no balaio.

Bn

(581)

si=re-yere~yereu ta-yakau inde  
 tau-yakau

COND=2sg<sub>A</sub>-RED~virar 3pl<sub>A</sub>-repreender 2SG

Se você ficar virando, repreendem você.

7.2.3 *Reduplicação em verbos intransitivos estativos*

Quanto aos verbos intransitivos estativos, o processo de reduplicação expressa a intensidade da propriedade. A rigor, o efeito de intensificação é típico de reduplicação em nomes<sup>121</sup>, o que está relacionado a uma possível origem nominal desses termos em Tupinambá (Rodrigues 1996b). Os enunciados (582) a (584) ilustram os efeitos da reduplicação em verbos estativos:

(582)

ta-ranha                    pura~puranga  
 3pl<sub>E</sub>-dentes            RED~ser.bonito  
 Todos os dentes deles eram muito bonitos.

Interpretação distributiva: Cada dente de cada um deles era bonito.

Bn, repetido de (169)

(583)

ta-kaú~kaú                    paa    nhaã    suayara    ita  
 3pl<sub>E</sub>- RED~estar.bêbado    REP    DEM<sub>DIST</sub>    3sg<sub>E</sub>-cunhado    PL  
 Diz que meus cunhados estavam muito bêbados.

Interpretação distributiva: Diz que cada um dos meus cunhados estava muito bêbado.

Br

(584)

pura~puranga    kua            yaka  
 RED~ser.bonito    DEM<sub>PROX</sub>    bacaba

As bacabas eram bonitas.

Interpretação distributiva: Cada uma das bacabas era muito bonita.

Br, nota de campo

<sup>121</sup> Em línguas da família Tupi-Guarani, reduplicação indica plural, em nomes em função argumental, e intensificação nos nomes em função de predicado. Esse padrão é documentado, pelo menos em Émérillon (Rose 2003, 446). Em Juruna (Tupi), reduplicação em nomes indica aumentativo (Fargetti 2001, 176), função também associada à intensificação.

Nos dados recolhidos no rio Içana e em algumas comunidades do alto rio Negro acima da zona urbana, há preferência por selecionar como sujeito (S<sub>O</sub>) uma entidade, interpretada como constituída de inúmeros elementos, como é o caso nos enunciados (582) a (584). Muitos falantes da área do Içana não aceitam que um verbo reduplicado selecione como argumento um sintagma nominal marcado para singular como no teste gramatical em (585):

(585)

\* yepe kunhã pura~puranga  
 INDF mulher RED~ser bonita  
 Uma mulher é muito bonita.

Entretanto, na zona urbana de São Gabriel, os falantes aceitam verbos estativos reduplicados com um sintagma nominal de interpretação singular como sujeito (S<sub>O</sub>). É o caso dos enunciados elicitados em (586a) e (587a). Para estes falantes, a única maneira de interpretar esses enunciados como expressando uma entidade de interpretação múltipla é colocando uma marca de plural, como nos correspondentes enunciados em (586b) e (587b). Este padrão é também encontrado no médio rio Negro, município de Santa Isabel do Rio Negro, como registrado por Floyd (c.p.), com dados coletados espontaneamente, como em (588):

(586)

(a)

kunhã puku~puku  
 mulher RED~ser.comprido  
 A mulher é muito alta.  
 Br, elicitado

(b)

kunhã ita puku~puku  
 mulher PL RED~ser.comprido  
 As mulheres são muito altas.  
 Br. elicitado

(587)

(a)

apiga sasi~sasiara  
 homem RED~ser.triste  
 O homem está meio triste.  
 Br, elicitado

(b)

apiga ita sasi~sasiara  
 homem PL RED~ser.triste  
 Os homens estão tristes  
 Br, elicitado

(588) Santa Isabel do Rio Negro

ape paa pituna puku~puku=wã  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP noite RED~ser.comprido=PFT

nhaá Kurupira u-sika  
 DEM<sub>DIST</sub> Curupira 3sg<sub>A</sub>-chegar

Aí, diz que a noite já ia longa, o Curupira chegou.  
 (Floyd, c.p., análise adaptada às glosas deste trabalho)

A situação linguística dos dois grupos de falantes é completamente diferente. Os falantes do Içana e alto rio Negro vivem em uma área protegida, em que a língua principal é o Nheengatú. Nesta área, a língua é usada em conversações diárias. Para esses falantes, a reduplicação em verbos estativos expressa intensidade de uma propriedade e ao mesmo tempo indica que o sujeito deve ser interpretado como plural sem necessidade da partícula *ita* ‘plural’.

Em Santa Isabel do Rio Negro e na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira, o Português substituiu o Nheengatú na maioria das situações comunicativas e os falantes são geralmente adultos e bilíngues. Nessa nova situação de contato linguístico, os verbos estativos tendem a ser interpretados mais e mais como adjetivos — uma classe de palavras que não existe em Nheengatú (v. 4.4.5). Para esses falantes, mais influenciados pelo Português, reduplicação em verbos estativos parece indicar apenas intensificação de uma propriedade. Para que o sujeito do verbo estativo reduplicado seja interpretado como plural, ele necessariamente deve ser marcado pela partícula de plural (a não ser que seja um nome incontável).

### 7.3 *Empréstimos verbais*

O contato do Nheengatú com o Português ocorre desde o século XVI, quando a língua ancestral, Tupinambá, ainda era falada por indígenas Tupinambá. Esse longo período de contato permitiu ao Nheengatú receber um número significativo de empréstimos, que atingem não apenas a classe dos nomes, como também a classe dos verbos, partículas e adposições.

Dividiremos esta seção em duas partes. Na primeira, trataremos dos verbos que passaram da língua fonte, Português (PB) para a língua alvo, Nheengatú (Nh), mantendo a função verbal, mas adaptando-se à morfologia da língua alvo. Na segunda, analisaremos os adjetivos do Português adaptados morfológicamente como verbos estativos em Nheengatú.

#### 7.3.1 *Empréstimos de verbos do Português adaptados como verbos dinâmicos*

No capítulo 3.5, observamos que há duas camadas de verbos emprestados do Português ao Nheengatú. Um pequeno grupo foi adaptado ao sistema fonológico nativo. Trata-se de verbos introduzidos em estágios de contato mais antigos. Uma segunda camada é constituída por empréstimos mais recentes, em que fonemas e estruturas silábicas próprias do Português são possíveis em



empréstimos. Os enunciados (589) a (591) ilustram o uso de alguns desses verbos:

(589)

tau-xai        kuaru        balaiu  
 3pl<sub>A</sub>-deixar   quatro        balaio  
 Deixou quatro balaios.

Bn

(590)

u-istragai        yande kuxima  
 3sg<sub>A</sub>-estragar    1PL    antigamente  
 Ele nos estragou antigamente.

Bn

(591)

se-manha    ambira    ti=u-kuntai        Nheengatu  
 1sg<sub>E</sub>-mãe    falecido    NEG=3sg<sub>A</sub>-falar    Nheengatú  
 Minha falecida mãe não falava Nheengatú.

Wr

Podemos dizer que qualquer verbo do Português pode ser incorporado à estrutura do Nheengatú como inserção indireta. Para tanto, a forma infinitiva do verbo na língua fonte recebe IP<sub>A</sub> na língua alvo, funcionando, portanto, como um verbo dinâmico. Como todo verbo do Nheengatú, os empréstimos verbais podem ser reduplicados, como em (592) e (593) ou receber morfologia de mudança de valência, como ilustrado em (594) a (596):

(592)

nhaã        taina        u-tuka-tuka        ukena  
 DEM<sub>DIST</sub> criança    3sg<sub>A</sub>-RED~tocar/bater    porta  
 Aquela criança bateu diversas vezes na porta.

Br

(593)

ti=maã            a-gana~ganai  
 NEG=SUB<sub>HIP</sub> 1sg<sub>A</sub>-RED~enganar  
 Não enganaria.

Wr

(594)

a-maã    u-yu-melhorai            kua            yane-vida    ike  
 1sg<sub>A</sub>-ver    3sg<sub>A</sub>-R/R-melhorar    DEM<sub>PROX</sub>    1pl<sub>E</sub>-vida    aqui  
 Vejo (que) esta nossa vida se melhorou aqui.

Wr

(595)

ya-mu-kirai            yane-mbira  
 1pl<sub>A</sub>-CAUS-criar    1pl<sub>E</sub>-filho  
 Criamos nossos filhos.

Bn

(596)

tu-mu-serkai            bem    mimi  
 tau-mu-serkai  
 3pl<sub>A</sub>-CAUS-cercar    bem    ser longe  
 Cercaram bem longe.

Wr

No que concerne à semântica dos verbos emprestados, observamos que muitos deles são utilizados para expressar eventos relacionados à interação indígena e não-indígena, como ilustrado em (597) a (599), e outras atividades alheias à cultura autóctone<sup>122</sup>, como em (600) a (602):

<sup>122</sup> Não se pretende com essa consideração analisar a cultura Arawak em período anterior ao contato. Consideramos as atividades ‘colar carta’, ‘estudar’ e ‘pagar’ como exemplos de atividades bem delimitadas no sentido preciso de ‘comunicar através de carta’, ‘estudar em um sistema formal de educação em sala de aula’ e ‘pagar um produto com dinheiro’. Nesse sentido, *estudai*, por exemplo, diferencia-

(597)

tau-putai      tau-eskravizai      yande  
 3pl<sub>A</sub>-querer    3pl<sub>A</sub>-escravizar    1PL  
 Eles queriam nos escravizar

Br

(598)

nhaã      tempu ae      paa      u-umilhari      tantu ainta  
 DEM<sub>DIST</sub> tempo 3SG REP 3sg<sub>A</sub>-humilhar tanto 3PL  
 Naquele tempo, diz que ele os humilhou tanto.

Br

(599)

u-dominai      nhaã      Wenieru ita  
 3sg<sub>A</sub>-dominar DEM<sub>DIST</sub> Weniero PL  
 Ele dominou aqueles Weniero.

Bn

(600)

re-kolai      ne-karta-miri  
 2sg<sub>A</sub>-      2sg<sub>E</sub>-carta-  
 colar      DIM  
 Você cola tua cartinha

Wr

(601)

kuru      tau-estudai      nhaã      iskola      upe  
 garoto      3pl<sub>A</sub>-estudar      DEM<sub>DIST</sub> escola      LOC  
 Os garotos estudavam naquela escola

Wr

---

se de *mbue* 'ensinar' e *yumbue* 'aprender', que conceituam as experiências de obter conhecimento sem necessariamente estar relacionada a um sistema de educação oficial.

(602)

a-pagai ind=arã  
 1sg<sub>A</sub>-pagar 2SG=DAT<sub>PROSP</sub>  
 Pago para você

W<sub>r</sub>

Em alguns casos, há um correspondente nativo para expressar esses mesmos eventos, mas o verbo em Nheengatú expressa o evento de maneira figurada, ou seja, o verbo na língua indígena não está sendo usado em seu sentido primário. Em (603), observamos a concorrência entre *mpinima* e *eskrevei*, ambos traduzidos por ‘escrever’. A forma nativa *mpinima* expressa prioritariamente o processo de ‘pintar’, uma vez que é formado pelo morfema *mu-* ‘causativo’ associado ao verbo estativo *pinima* ‘ser colorido’. Apenas por extensão metafórica, pode ser considerado como correspondente de ‘escrever’. A forma *mpinima* para o sentido de ‘escrever’ é privilegiada por jovens em formação para professores (603a), mas rejeitada, ou pelo menos, não usada, por idosos, que preferem o empréstimo *eskrevei*, como ilustrado em (603b). Em (604), um falante jovem demonstra hesitação entre usar as formas *musanga* e *markai* como sinônimos para expressar o evento ‘demarcar (uma terra)’. O verbo nativo, *mu-sanga*, é derivado de *anga*, nome dependente usado para expressar os conceitos de ‘alma, reflexo, sombra’. Ao receber o causativo *mu-* passa a expressar ‘fazer uma marca ~ deixar um sinal’. No enunciado em (605), o empréstimo *derrubai* foi usado em sentido figurado, afetando um referente [+ humano]. O mesmo falante utilizou o verbo autóctone *yutika* ‘derrubar’ para o evento mais prototípico ‘derrubar a árvore’, em que o objeto recebe o papel temático de PACIENTE e o sujeito o de AGENTE.

(603)

(a)

Kui(ri) ike kua papera upe  
 Agora aqui DEM<sub>PROX</sub> papel LOC

ya-su ya-mpinima yane-iwi rese-wara  
 ya-mu-pinima

1pl<sub>A</sub>-ir 1pl<sub>A</sub>-CAUS- ser.colorido 1pl<sub>E</sub>-terra RELAT-DNP

“Agora, aqui neste papel, vamos escrever sobre a nossa terra”.

(Magistério Indígena - Pólo Nheengatú 2008)

(b)

ya-eskrevei ne-rera  
 1pl<sub>A</sub>-escrever 2sg<sub>E</sub>-nome  
 Escrevemos teu nome.

Wr

(604)

ape te paa yuiri  
 CONJ<sub>SEQ</sub> FOC REP novamente

ai u-su u-mu-sanga  
 preguiça 3sg-ir 3sg-CAUS-imagem

ape te yuiri mame nhaã jawuti  
 CONJ<sub>SEQ</sub> FOC novamente onde DEM<sub>DIST</sub> jabuti

u-su waa u-marcai  
 3sg-ir REL 3sg-demarcar

Ali mesmo, diz que também a preguiça foi demarcar. Ali mesmo também, onde aquele jabuti que tinha ido demarcar.

Br

(605)

ape            supi            re-derrubai    ixe  
 CONJ<sub>SEQ</sub>   com.certeza   2sg<sub>A</sub>-derrubar   1SG

Aí, você me derruba!

Wr

(606)

aikue            paranã-wasu    rupi    loiro-wasu  
 EXIST            rio-AUM            PERL    árvore.louro-AUM

[...]

ape            tu-yutika  
                   tau-yutika  
 CONJ<sub>SEQ</sub>    3pl<sub>A</sub>-derrubar

Havia pelo Rio Negro um louro grande. Aí, derrubaram.

Wr

Os verbos transitivos que selecionam como objeto direto uma oração tendem a ser mais frequentes, pois ocorrem como verbos auxiliares, expressando modalização (v. 9.3.2.2). Assim, os verbos *pudei* (< poder) e *konegui* (< conseguir) ocorrem nos discursos de diferentes falantes (jovens e idosos) com frequência. Os enunciados (607) e (608) apresentam verbos emprestados em função de auxiliar:

(607)

pe-pudei        pe-senui        se-tutira    ita    ike  
 2pl<sub>A</sub>-poder    2pl<sub>A</sub>-chamar    1sg<sub>E</sub>-tio    PL    aqui

Vocês podem chamar meus tios aqui.

Wr

(608)

ti=ta-konsegui	ta-pisika	nhaã	usayuwa
ti=tau-konsegui	tau-pisika		
NEG=3pl <sub>A</sub> -conseguir	3pl <sub>A</sub> -pegar	DEM <sub>DIST</sub>	formiga.saúva

Não conseguiram pegar aquelas saúvas.

Br

De acordo com Givón (2001, 126), “languages [...] differ enormously in how rigid or lax they may be in allowing non-agents to be the subjects of syntactically-transitive verbs, and non-patient to be their direct objects” [as línguas [...] diferem enormemente em quão rígidas ou flexíveis são em permitirem que não-agentes sejam sujeito de verbos sintaticamente transitivos, e não pacientes sejam seus objetos diretos]. Tanto o Nheengatú quanto o Português permitem que verbos transitivos selecionem como argumentos entidades não semanticamente prototípicas, ou seja, verbos transitivos em que o sujeito não é AGENTE ou em que o objeto não é PACIENTE. O Nheengatú, no entanto, parece ter no Português uma fonte de verbos para serem utilizados em estruturas menos prototípicas. Assim, verbos da língua fonte permitem ao Nheengatú indicar como sujeito entidades que não podem ser consideradas como AGENTE, como ilustrado em (609) e (610), e a codificar como objeto entidades que poderiam ser melhor caracterizadas como CO-AGENTE ou ASSOCIATIVO, como ilustrado em (611) e (612):

(609)

inde	re-nasei	se-sui
2SG	2sg <sub>A</sub> -nascer	1sg <sub>E</sub> -ABLAT

Você nasceu de mim.

Br

(610)

ike ya-vivei  
 aqui 1pl<sub>A</sub>-viver  
 Vivemos aqui.  
 Wr

(611)

a-konhesei tuyu  
 1sg<sub>A</sub>-conhecer homem.velho  
 Conheço o velho.  
 Wr

(612)

ape paa mukûi ita ta-namorai yepe kunhã  
 tau-namorai  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP dois PL 3pl<sub>A</sub>-namorar INDF mulher  
 Aí, diz que os dois namoravam um moça.  
 Br

Também é comum que os verbos transitivos emprestados do Português selecionem como objeto direto uma entidade que semanticamente seria melhor caracterizada como EXPERENCIADOR por não ser fisicamente afetada. Os enunciados (613) e (614) ilustram verbos transitivos da língua fonte que selecionam objetos, cujo papel temático não é de PACIENTE.

(613)

ainta tu-aseitai ae  
 tau-aseitai  
 3PL 3pl<sub>A</sub>-aceitar 3SG  
 Eles o aceitaram.  
Contexto: Os habitantes aceitaram o professor.

Wr



(614)

panhe mira u-sendu manunga(ra),  
 todo pessoa 3sg<sub>A</sub>-escutar alguma.coisa

soki ti=u-kompreendei maye-sa  
 SUB<sub>CONCES</sub> NEG=3sg<sub>A</sub>-compreender ser.como-NMZ

Muitas pessoas escutam algo, só que não compreendem o como (o que é dito).

Wr

Em resumo, observamos que qualquer verbo do Português pode ser utilizado em Nheengatú, desde de que receba um IP<sub>A</sub>. Em termos semânticos, há uma tendência a adotarem empréstimos não apenas para tratar de eventos relacionados ao contato — como *estudai*, *eskravizai*, *eskrevei* —, mas também para tratar de eventos em que o sujeito não é AGENTE ou em que o objeto não é PACIENTE.

### 7.3.2 *Empréstimos de adjetivos do Português adaptados como verbos estativos*

Por suas propriedades semânticas, os adjetivos emprestados do Português são tratados em Nheengatú como verbos estativos, podendo, portanto, funcionar como predicado sem necessidade de cópula, como ilustrado nos exemplos (615) a (618):

(615)

kui(ri) yande limpu  
 agora 1PL ser.limpo  
 Agora somos limpos.

Wr

(616)

yande ti=animado  
 1PL NEG=ser animado  
 Não éramos animados.

(617)

ma            teimozo        rate    ae  
 CONJ<sub>ADVS</sub> ser teimoso    FOC    3SG  
 mas ele é teimoso mesmo!!!

(618)

ingrasadu        nhaã  
 ser engraçado    DEM<sub>DIST</sub>  
 Aquilo era engraçado.  
 Br

Os verbos estativos precisam receber o nominalizador *-sa* para funcionarem como argumento. Por exemplo, em textos escritos por estudantes de ensino fundamental<sup>123</sup>, observamos que o adjetivo do Português *largo* ‘largo’ apesar de não ser adaptado em termos fonológicos, é categorizado em Nheengatú da mesma forma que o verbo estativo nativo *tipi* ‘ser fundo’:

(619)

yakumã    u-mediri    71,5 cm    i-largu-sa  
 popa        3sg<sub>A</sub>medir    71,5 cm    3sg<sub>E</sub>-ser.largo-NMZ

asui        i-rodela        tipi-sa                    34,5 cm  
 CONJ        3sg<sub>E</sub>-rodela    ser.fundo-NMZ        34,5 cm

A popa mediu 71,5 de largura.E a profundidade da rodela foi de 34,5 cm.

(Comunidade de Anamoim - Xié ms.)

<sup>123</sup> Estudantes de Anamoim, com pouca fluência em Português.

## 8 Classes gramaticais

Neste capítulo descrevemos as classes gramaticais, iniciaremos nossa análise pelas partículas (v. 8.1). Estas subdividem-se em partículas extra-oracionais, intra-oracionais e conjunções. A morfologia encerra-se com um levantamento dos clíticos em Nheengatú (v. 8.2).

### 8.1 Partículas

As partículas constituem uma classe aberta de unidades gramaticais invariáveis. Esta primeira definição aproxima as partículas dos advérbios, analisados no capítulo anterior. A distinção entre as duas classes é de fato sutil.

Em geral, partículas não se combinam com clíticos ou, então, sua combinação é bastante restrita. Por sua vez, os advérbios são comumente acompanhados de clíticos de restritivo, de negação e de aspecto. Um segundo critério morfológico que permite distinguir partículas e advérbios em Nheengatú é o fato de que partículas jamais se combinam com o sufixo *wara* ‘derivação de nomes de procedência’. No entanto, nem todos os advérbios combinam-se ao sufixo.

Em termos sintáticos, partículas diferem de advérbios por não poderem instituir predicados. Excetuam-se, porém, as três partículas existenciais, que são uma inovação do Nheengatú em relação ao Tupinambá (v. 8.1.3.2). É o caso, por exemplo, de *aikue* ‘existencial’, que foi gramaticalizado a partir de um demonstrativo e que funciona como núcleo funcional do predicado existencial.

Outra característica sintática importante é o fato de que as partículas têm distribuição mais simples do que advérbios. Assim, partículas podem ser extrassentenciais, neste caso ocorrem na periferia da sentença (v. 8.1.2). Podem ser inter-oracionais, neste caso ocorrem em posição fixa em relação às orações que são relacionadas (v. 8.1.4). As partículas intra-oracionais podem ser divididas pela posição em

partículas de posição inicial (v. 8.1.3.2), segunda posição (v. 8.1.3.4) e flutuantes (v. 8.1.3.4). As últimas ocorrem necessariamente após o predicado (verbal ou não verbal). As características morfológicas e sintáticas das partículas nos permitem afirmar que elas apresentam propriedades gramaticais em grau maior que os advérbios, os quais mantêm algumas de suas propriedades lexicais.

Em termos fonológicos, as partículas tendem a ser constituídas por apenas uma palavra mínima, isto é, são formadas por apenas duas sílabas, constituindo um pé métrico: *kuri* /ku'ri/ [ku.'ri] 'futuro projetado'; *ere* /e're/ [e.'re] 'afirmativo de incentivo', *paa* /pa/ [pa.'ʔa] 'reportativo', *waa* /ua/ [wa.'ʔa] 'relativizador', *eẽ* /ẽ/ [ẽ.'ʔẽ] 'afirmativo'.

#### 8.1.1 *Critérios que distinguem partículas de clíticos*

Partículas e clíticos constituem unidades gramaticais invariáveis. Diferenciam-se, entretanto, em relação ao estatuto de palavra. As partículas constituem palavras independentes. Ao passo que os clíticos não possuem acento e não constituem uma palavra mínima. A estes critérios fonológicos, juntam-se critérios sintáticos. Todos os critérios são considerados como parte de um diagnóstico que permite distinguir as duas classes. Ademais, algumas partículas têm um alomorfe clítico, indicando um percurso de gramaticalização da partícula em direção a clítico. Antes de apresentar cada um dos elementos de cada classe, critérios que permitem distingui-los são discutidos brevemente.

- *Partículas têm acento, clíticos não*

O critério mais difundido para a distinção entre clíticos e palavras independentes é o acento. No entanto, não deve ser utilizado o único critério, uma vez que há línguas em que os clíticos podem ser acentuados em decorrência de outros fatores como a entonação (Zwicky 1985).

Em Nheengatú, o critério é bastante útil, pois as partículas têm acento independente e, em sua maioria, constituem uma palavra mínima. Junto a seu hospedeiro, os clíticos formam um grupo clítico: o hospedeiro recebe o acento fonológico, enquanto o clítico é não acentuado. O exemplo (620) mostra a palavra *yawe* [ja.'wɛ] ‘ser assim’, acompanhada de partículas. Tanto a palavra lexical quanto as partículas mantêm seus respectivos acentos fonológicos. Em (621), a mesma palavra lexical ocorre com clíticos, que por não ter acento próprio, usam-na como hospedeiro fonológico:

(620)

(a)	(b)	(c)
<yawe>	<yawe te>	<yawe paa>
/ia'ue/	/ia'ue/ te/	/ia'ue pa/
[ja.'wɛ]	[ja.'wɛ 'tɛ]	[ja.'wɛ pa.'ʔa]
ser.assim	ser.assim FOC	ser.assim REP
É assim	É assim mesmo	Diz que é assim

(621)

(a)	(b)	(c)
<yawe>	<yawe=re>	<yawe=rã>
/ia'ue/	/ia'ue re/	/ya'ue=rã/
[ja.'wɛ]	[ja.'wɛ=re]	[ja.'wɛ.rã]
ser.assim	ser.assim=IMP	ser.assim=SUB <sub>FIN</sub>
É assim	‘ainda era assim’	para ser assim

- *Partículas constituem uma palavra mínima*

No capítulo 2.4.1.2, vimos que a palavra mínima é constituída por um pé métrico dissilábico. Palavras independentes com estrutura fonológica profunda monossilábica (C)V deveriam passar por um processo de duplicação da vogal final para criar um pé métrico: /((C)V/ > [(C)V.'ʔV]. Unidades gramaticais que engatilham esse processo são consideradas partículas em Nheengatú, como ilustra a lista em (622):

(622)

paa	/pa/	[pa.'ʔa]	reportativo
taa	/ta/	[ta.'ʔa]	interrogativo
eẽ	/ẽ/	[ẽ.ʔẽ]	afirmativo

As partículas que começam a se desenvolver como clíticos perdem essa propriedade. Este é o caso da variação *taa* (partícula) e *ta* (clítico) ‘interrogação’. Em (623a), a questão ‘quem’ pode ser realizada em forma longa, conservadora, em que a partícula de interrogação /ta/ sofre o processo de duplicação para formar palavra mínima [ta.'ʔa]; enquanto em (623b), forma curta, inovadora, a interrogação /ta/ é realizada como clítico ao nome *awa* ‘nome genérico de humano’.

(623) QUEM?

(a) **Forma longa**  
(conservadora)

awa	taa
NGH	Q
[awa	ta.'ʔa]

Cliticização

→

(b) **Forma curta**  
(inovadora)

awa=ta
NGH=Q
[a.'wa.ta]

O processo fonológico de reduplicação fonológica para que um monossílabo funcione como palavra independente permite identificar um grande número de partículas. Todavia, há algumas partículas monossilábicas que não engatilham o processo, mas são tônicas. São exceções: *baʔ* /baʔ/ ['baʔ] ‘protestivo’, *te* /te/ ['tɛ] ‘foco’, *so* /so/ ['sɔ] ‘restritivo’, empréstimo do Português *só*, *ma* /maC/ ['ma] ‘conjunção adversativa’, empréstimo do Português *mas*. Por sua vez os monossílabos átonos, como *ti* /ti/ [ti] ‘negação’, *wã* /uã/ [wã] ‘perfectivo’, *re* /re/ [re] ‘imperfectivo’ são clíticos.

- *Crítérios sintáticos também contribuem para distinguir clíticos de partículas*

Zwicky (1985) sugere que a distinção entre partículas e clíticos deve ser reforçada por critérios sintáticos, os quais permitem observar a semelhança de clíticos com afixos<sup>124</sup>.

O primeiro critério sintático listado por Zwicky é a tendência de partículas a ocorrerem isoladas, enquanto clíticos nunca ocorrem isolados. Em (624), a partícula *umba* /ũba/ [ũ.'ba] ‘negação de enunciado’ ocorre em isolado. Em (625), o clítico *ti* /ti/ [ti] ‘negação’ necessariamente depende de outros elementos:

(624)  
 “umba!” u-nheẽ paa  
 NEG<sub>EDO</sub> 3sg<sub>A</sub>-dizer REP  
 “Não”, diz que ele disse.  
 W<sub>r</sub>

(625)  
 "ti=a-kua" u-nheẽ paa  
 NEG=1sg<sub>A</sub>-saber 3sg<sub>A</sub>-dizer REP  
 “Não sei”, diz que ele disse.  
 B<sub>r</sub>

De fato, todos os elementos considerados como clíticos não ocorrem isoladamente. Porém, as partículas intra-oracionais — como *paa* ‘reportativo’ em (624) e (625) — também não ocorrem isoladas. Apenas as partículas extra-oracionais e as conjunções podem constituir enunciados.

<sup>124</sup> Zwicky (1985) não reconhece a categoria de partículas (a não ser para designar a categoria de marcadores conversacionais, conjunções, etc). Para Zwicky, a categoria que chamamos neste trabalho de partículas poderia ser considerada com parte da categoria de advérbios.

O segundo critério levantado por Zwicky (1985) é o fato de os clíticos serem integrados ao grupo clítico após toda a morfologia derivacional e flexional. Quer dizer, dada uma raiz qualquer, primeiro ocorrem os afixos derivacionais, em seguida, os flexionais e, por último, pos-lexicalmente, ocorrem os clíticos. Em (626) e (627), levantamos uma hipótese de ordenamento de afixos derivacionais, flexionais e clíticos:

(626)

Base	/sika/ ['si.ka] 'chegar'
Flexão	u-sika 3sg <sub>A</sub> -chegar
Pós-léxico: clítico	u-sika=wã 3sg <sub>A</sub> -chegar=PFT
Dado de saída	[u.si.'kã] 'Já chegou'

(627)

Base	/sika/ ['si.ka] 'chegar'
Flexão	u-sika 3sg <sub>A</sub> -chegar
Pós-léxico: clítico	ti=wã=u-sika NEG=PFT=3sg <sub>A</sub> -chegar
Dado de saída	[tʃjã.u.'si.ka] 'Não mais chegou'

Zwicky (1985, 288) indica também a questão da ordem. Assim como os afixos, os clíticos ocorrem sempre na mesma posição em relação à palavra a qual estão associados. Ao passo que partículas são mais livres. Assim, em (628), *wã* 'perfectivo' liga-se ao verbo *su* 'ir', independente deste ocorrer (a) em primeira posição de enunciado ou (b) em outra posição. A partícula de segunda posição *paa*



‘reportativo’, por sua vez, não está necessariamente ligada ao verbo, como ilustrado em (629)<sup>125</sup>:

(628)

(a)

u-su=wã

3sg<sub>A</sub>-ir=PFT

Foi embora.

(b)

ape Nhampirikuli u-su=wã

CONJ<sub>SEQ</sub> Nhampirikoli 3sg<sub>A</sub>-ir=PFT

Aí, Nhampirikoli foi embora.

Bn

(629)

(a)

wakari paa u-nheẽ miku xupe

i-supe

macaco.wakari REP 3sg<sub>A</sub>-dizer mico 3sg<sub>E</sub>-DAT<sub>EXTR</sub>

Diz que o wakari disse para o mico.

Br

(b)

u-nheẽ paa xupe

i-supe

3sg<sub>A</sub>-dizer REP 3sg<sub>E</sub>-DAT<sub>EXTR</sub>

Diz que ele disse para ela.

Br

Já os clíticos aspectuais podem ser prepostos ao verbo quando o clítico *ti* ‘negação’, ou a partícula *nem* ‘negação contrastiva’ os atraem para a posição proclítica (v. 11.5), como ilustra (630):

<sup>125</sup> Porém, essa propriedade não distingue clíticos de partículas flutuantes.

(630)

tiãkuntai

ti=wã=a-kuntai

NEG=PFT=1sg<sub>A</sub>-falar

Não falei mais.

Wr

O movimento do clítico aspectual em decorrência da atração pela negação ajuda a mostrar que estes elementos não são afixos. Isso porque afixos não são susceptíveis às regras da sintaxe, uma vez que são parte da palavra. De qualquer maneira, em Nheengatú, há poucos afixos. Podemos levantar apenas os derivativos, *wara* ‘derivador de nomes de procedência’, *sa* ‘nominalização’, *mu-* ‘causativo’, *yu-* ‘reflexivo/recíproco’ e os flexionais, IP<sub>A</sub> e IP<sub>E</sub>. Trataremos da distinção entre partículas e clíticos na seção 8.2.

### 8.1.2 *Partículas extrassentenciais*

As partículas extrassentenciais constituem elementos externos à estrutura sintática da sentença<sup>126</sup>. Ocorrem apostas à sentença, em posição inicial ou final ou formam um enunciado holofrástico, i.e., são capazes de sozinhas corresponder a um enunciado. Em termos funcionais, podem ser divididas em partículas fáticas (v. 8.1.2.1) e interjeições (v. 8.1.2.2).

#### 8.1.2.1 *Partículas fáticas*

As partículas fáticas são geralmente usadas em respostas ou como marcadores discursivos. Em Quadro 33, listamos partículas fáticas encontradas no *corpus* desta pesquisa:

**Quadro 33: Partículas fáticas**

umba ~ umbaa	negação de enunciado	não
eẽ	afirmativo	sim
ere	afirmativo de incentivo	sim, está bem

<sup>126</sup> Seguimos definição utilizada por Seki (2000, 102) para análise do Kamaiurá.

As partículas *umba* ‘negação’ e *eẽ* ‘afirmativo’ são tipicamente usadas em respostas a perguntas polares, como ilustrado em (631) a (633):

(631)

A: tupana                      será  
 santo.ou.Tupã Q<sub>POLAR</sub>  
 Será que é Tupã?

B: Umba!  
 NEG<sub>EDO</sub>  
 Não!

(632)

“Umba!” u-nheẽ              paa  
 NEG<sub>EDO</sub> 3sg<sub>A</sub>-dizer REP  
 Não, diz que ele disse.  
 Wr

(633)

A: ma=ta    kuera?    ainta    Werekena?  
 NG=Q    NGC    3PL    Warekena  
 O que eram? Eles eram Warekena?

B: eẽ!  
 AFF  
 Sim!  
 Wr

A partícula afirmativa *eẽ* restringe-se à primeira posição. A partícula *umba* ‘negação de enunciado’ pode ser utilizada em posição final. Neste caso, porém, indicam a negação de uma oração que fica subentendida. Os enunciados (634) e (635) ilustram o uso da negação de enunciado em posição final.

(634)<sup>127</sup>

Movimento indígena... siya u-nheẽ ki  
 Movimento indígena várias.entidades 3sg<sub>A</sub>-dizer que  
 u-mu-aiwa ya-manduai-sa ma umba  
 3sg<sub>A</sub>-CAUS-ser.estragdo 1pl<sub>A</sub>-lembrar-NMZ CONJ<sub>ADVS</sub> NEG<sub>EDO</sub>  
 Movimento indígena, muitos dizem que estraga nosso pensamento,  
 mas não.

(635)

nem u-putai ya-munhã festa nemaã pai ita umba!  
 NEG<sub>CONTR</sub> 3sg<sub>A</sub>-querer 1pl<sub>A</sub>-fazer festa nada padre PL NEG<sub>EDO</sub>  
 Nem quer que façamos festa, nada. Os padres não [são assim]

Bn

A partícula *ere* tem valor de afirmativo, mas também funciona como marca de incentivo. Embora não seja de uso obrigatório, *ere* ‘afirmativo de incentivo’ contribui para expressar o ato de fala de ordem<sup>128</sup>. Os enunciados (636) a (638) ilustram o uso de *ere*.

(636)

ere tia re-yenũ puranga  
 AFF<sub>INCENT</sub> tia 2sg<sub>A</sub>-deitar ser.bonito  
 Vai, tia, deita direito!

Bn

(637)

puranga ere pe-munhã kaxiri bũwa-katu  
 ser.bonito AFF<sub>INCENT</sub> 2pl<sub>A</sub>-fazer caxiri ser.abundante-estar.bem  
 É bom vocês fazerem muito caxiri.

Lit.: É bom vocês fazerem caxiri bem abundante.

Br

<sup>127</sup> A conjunção *que* não ocorre na fala de falantes monolíngues, mas apenas na fala de falantes bilíngues, especialmente com temas ligados à interação com a sociedade não indígena, como é o caso do exemplo (639).

<sup>128</sup> Em Nheengatú, não há morfema para indicação de imperativa positiva. (v. 8.2.3.4 para imperativa negativa)

(638)

ere ya-su=wã  
 AFF<sub>INCENT</sub> 1pl<sub>A</sub>-ir=PFT  
 Vamos!

Bn

8.1.2.2 *Interjeições*

Os falantes de Nheengatú utilizam frequentemente interjeições emprestadas do Português: *pô!*, *ah!*, *ra!* (do Português, *ora*). Em interjeições, não há restrição de palavra mínima. Também são utilizadas com valor enfático *pronto!*, *égua!*<sup>129</sup>. Apresentamos alguns enunciados que contêm interjeições nos exemplos de (639) a (641):

(639)

ape u-siki ra pô! tau-siki  
 CONJ<sub>SEQ</sub> 3sg<sub>A</sub>-puxar INTJ INTJ 3pl<sub>A</sub>-puxar  
 Aí, puxou, ora... Pô! Puxaram!

Bn

(640)

“Ah!” u-nheẽ paa  
 INTJ 3sg<sub>A</sub>-dizer REP  
 “Ah!”, diz que ele disse.

Bn

(641)

u-pa(wa)=wã kariamã Prontu!  
 3sg<sub>A</sub>-acabar=PFT ritual.kariamã INTJ  
 Já acabou o cariamã! Pronto!

<sup>129</sup> O sentido primeiro de *égua* em Português é cavalo fêmea. Em Português coloquial, a expressão *égua* (típico da região amazônica) e *arre égua* (usada no nordeste do Brasil) ocorre como interjeição para indicar espanto.

### 8.1.3 *Partículas intra-oracionais*

Nesta seção, fazemos um levantamento inicial de partículas intra-oracionais do Nheengatú. Trata-se de uma classe funcionalmente heterogênea, abrangendo marcas de modalidade, fonte de informação (evidencialidade) e existenciais.

Neste estudo, as partículas intra-oracionais serão subdivididas em partículas de posição inicial, de segunda posição e, ainda, partículas flutuantes. As de segunda posição e as flutuantes são geralmente de origem Tupi-Guarani. As partículas de primeira posição representam um padrão novo, que parece ter emergido como consequência do contato tanto com o Português, quanto com línguas do *substratum* Arawak. O Quadro 34 levanta as partículas intra-oracionais encontradas no *corpus* desta pesquisa, com indicação de posição na sentença e classificação semântica:

**Quadro 34: Partículas intra-oracionais**

<b>Partícula</b>	<b>Glosa</b>	<b>posição</b>	<b>Ssemântica</b>
kuri	futuro projetado	segunda	Modalidade
ere	afirmação e incentivo	inicial	
tenki	deôntico de obrigação	inicial	
presizu	deôntico de necessidade	inicial	
será	questão polar	segunda posição	
seraki	dubitativo	inicial	
ba?	protestivo	final	
paa	reportativo	segunda	Fonte de informação
aikue	existencial	inicial	Existencial
aiwã	existencial iminente	inicial	
xukũi	existencial concreto	inicial	
te	foco	flutuante	Estrutura informacional
só	restritivo	flutuante	

8.1.3.1 *Partículas de segunda posição*

As partículas de segunda posição ocorrem na oração imediatamente após o primeiro constituinte (v. 11.5). Este pode ser um sintagma nominal, um sintagma verbal constituído por um ou mais verbos, uma expressão adverbial, incluindo advérbios, sintagmas posposicionais e orações adverbiais. Esse padrão é similar em todas as línguas da família Tupi-Guarani.

8.1.3.1.1 *Futuro projetado*

A partícula *kuri* ‘futuro projetado’<sup>130</sup> caracteriza um evento que deve ocorrer imediatamente subsequente a um ponto de referência, geralmente localizado no ato de fala, como ilustram os enunciados (642) e (643). O ponto de referência não é necessariamente o presente, mas o crucial é a indicação de proximidade de uma situação em relação à outra, como ilustram (644) e (645). Essa propriedade permite que *kuri* seja utilizado em narrativas para indicar o dinamismo da sequência de eventos.

(642)

"maita kuri ya-su ya-munhã kui(ri)?"

maye taa

NG-Q FUT 1pl<sub>A</sub>-ir 1pl<sub>A</sub>-fazer agora

“O que vamos fazer agora?”

Br

<sup>130</sup> Na literatura recente sobre Nheengatú, *kuri* é tratado como ‘futuro’ (Moore, Facundes e Pires (1993) e Casasnovas (2006[2000]), ‘potencial’ (Floyd 2005)). Neste trabalho, adotamos o termo ‘futuro projetado’ (Taylor 2007), por caracterizar o caráter subjetivo da partícula.

(643)

ti=a-kua                      si=sertu /  
 NEG=1sg<sub>A</sub>-saber    COND=certo,

ma                      a-su                      a-mbeu                      kuri  
 CONJ<sub>ADVS</sub>    1sg<sub>A</sub>-ir    1sg<sub>A</sub>-contar    FUT

Não sei se está certo, mas vou contar agora.

Br

(644)

u-yapi=wã                      re-pisika                      kuri  
 3sg<sub>A</sub>-jogar=PFT    2sg<sub>A</sub>-pegar    FUT  
 Ele já joga e você pega em seguida.

Bn

(645)

wirande    kuri    ya-yuiri  
 amanhã    FUT    1pl<sub>A</sub>-voltar  
 amanhã, logo voltaremos.

Wr

A partícula *kuri* pode ser empregada também para caracterizar um evento localizado objetivamente, em um futuro distante, mas que o falante considera como uma experiência próxima. Dessa subjetividade decorre que o evento acaba sendo interpretado como incerto em certa medida. Essas duas propriedades — (a) indicar o evento subsequente e (b) expressar certa subjetividade na interpretação do quão longe ocorre um evento — indicam que a partícula conjuga propriedades de categoria de tempo futuro e de modalidade irreal. Os enunciados (646) e (647) ilustram as propriedades modais de *kuri*.



(646)

mairame kuri bŭwa ixē/ a-su  
 SUB<sub>TEMP</sub> FUT ser.abundante 1SG 1sg<sub>A</sub>-ir

kuri a-yuká ind=arã aitekua tukunare-wasu  
 FUT 1sg<sub>A</sub>-matar 2sg=DAT<sub>PROSP</sub> DEM<sub>PROX</sub> tucunaré-AUM  
 Quando eu for grande, vou logo matar este tucunaré grande para você!  
 Br

(647)

ya-maã kuri asosiasiã u-konsegui yepe parte  
 1pl<sub>A</sub>-ver FUT associaciã 3sg<sub>A</sub>-conseguir INDF parte  
 Vamos ver se a associaciã vai conseguir uma parte.

Br

O efeito de incerteza provocado pela partícula *kuri* pode ser mais claramente observado ao comparar o seu uso com o da construçã com verbo auxiliar *su* ‘ir’. A construçã com auxiliar indica o futuro e comprometimento do falante. A construçã com *kuri*, por sua vez, indica menor comprometimento com a realizaçã do evento. Em (648), os enunciados declarativos obtidos em elicitaciã diferem quanto ao grau de certeza.

(648)

(a)

a-su a-maã arara  
 1sg<sub>A</sub>-ir 1sg<sub>A</sub>-ver arara  
 Vou ver a arara.

Br, elicitado

(b)

a-maã kuri arara  
 1sg<sub>A</sub>-ir FUT arara  
 Eu talvez vá ver a arara.

Br, elicitado

O uso *kuri* ‘futuro’ para expressar a modalidade epistêmica da incerteza pode ser visualizado na comparação desta partícula ao clítico *wã* ‘perfectivo’ (v. 8.2.3.1). Considere os pares de exemplo em (649) e (650):

(649)

(a)

aiwã            amana

EXIST<sub>MIN</sub>    chuva

Já vai chover.

Lit.: Já haverá chuva.

Br

(b)

Amana        kuri

chuva        FUT

Vai chover.

Lit.: Em breve, chuva.

Br, elicitado

(650)

(a)

ya-su=wã

1pl<sub>A</sub>-ir=PFT

Vamos!

expressão corrente

(b)

ya-su        kuri

1pl<sub>A</sub>-ir    FUT

Vamos.

expressão corrente

Os enunciados em (649a/b/c) indicam a proximidade da chuva. O primeiro (649a) é utilizado quando o céu está cinza, já começa a trovejar. A certeza de que haverá chuva, permite ao falante utilizar o

existencial imediato — derivado do perfectivo — como se já estivesse de fato chovendo. O segundo (649b) indica que o falante acredita que vai chover.

Os enunciados de (650) também podem ser comparados em graus de certeza: (650a) é utilizado se tem certeza de que o destinatário tem de ir com o falante, convidando-o para partir. O falante tem certeza absoluta de que o evento ‘ir’ ocorrerá, assim o indica como já acontecido. O enunciado em (650b) é utilizado em respostas, indica que o evento ‘ir’ deve acontecer, mas não há total comprometimento do falante com a realização do evento.

O caráter mais subjetivo de *kuri* e seu uso em respostas descompromissadas não é uma característica particular do Nheengatú, mas já havia sido observado em Guaraní do Chaco Boliviano por Bertinetto (2006).

#### 8.1.3.1.2 *Questão polar*

A partícula *será* ‘questão polar’ permite criar questões cuja resposta esperada é ‘sim’ ou ‘não’. Os enunciados de (651) a (653) ilustram o uso da partícula em questões polares positivas:

(651)

"re-yuiri te será?" u-nheẽ paa  
 2sg<sub>A</sub>-vir FOC Q<sub>POLAR</sub> " 3sg<sub>A</sub>-dizer REP  
 “Você veio mesmo?” diz que ele disse.

Br

(652)

re-pudei será re-meẽ tata?  
 2sg<sub>A</sub>-poder Q<sub>POLAR</sub> 2sg<sub>A</sub>-dar fogo  
 Você pode me dar fogo?

Br

(653)

re-maã    será    maã    a-maã  
 2sg<sub>A</sub>-ver    Q<sub>POLAR</sub>    NG    1sg<sub>A</sub>-ver  
 Você viu o que eu vi.

Br

A partícula é uma inserção direta do verbo Português *será* ‘ser:3sg/impessoal.indicativo.futuro’. Na língua fonte, *será* é utilizado em primeira posição como modalizador epistêmico, indicando dúvida: *Será que vai chover...* Em Nheengatú, *será*, invariável, tem valor mais gramatical de partícula de questão polar<sup>131</sup>.

Em análise do Nheengatú do rio Negro, falado por pessoas que migraram para Belém, região em que o Nheengatú não é mais falado, Moore, Facundes e Pires (1993, 107) observaram que questões polares poderiam ser formadas por entonação, um padrão que mostra uma interferência clara do Português. Embora essa estratégia prosódica seja possível, observamos que os falantes privilegiam explicitar de forma analítica que se pretende fazer uma pergunta. Em (654), o falante explicita por meio de uma declarativa o que deseja saber. Em (655), o falante faz o mesmo utilizando construção hipotética (v. 10.2.2.1.5).

(654)

nhaã    tempu    ti=ya-maã    iskola  
 DEM<sub>DIST</sub>    tempo    NEG=1pl<sub>A</sub>-ver    escola

Ai=te    a-putai    a-kua  
 3SG=FOC    1sg<sub>A</sub>-querer    1sg<sub>A</sub>-saber

Naquele tempo, não havia escola. É isso que quero saber.

Lit.: Naquele tempo, não víamos escola. Isso mesmo eu quero saber.

Wr

<sup>131</sup> Ver 8.1.3.2.2: Paralelamente, entretanto, a língua também adotou *seráki*.



B: pai ta-sika runde=re?  
 tau-sika  
 padre 3pl<sub>A</sub>-chegar SUB<sub>ANTER</sub>=IMP  
 B: Antes ainda dos padres chegarem?  
 Br > Bn

### 8.1.3.1.3 Interrogativo

A partícula *taa* ‘interrogativo’ marca qualquer constituinte que estiver sob foco de uma pergunta. O constituinte questionado deve ser movido para a primeira posição da sentença. Em termos fonológicos, pode ser realizada como partícula, caso em que constitui uma palavra independente [ta.'ʔa], ou pode constituir um clítico que toma como hospedeiro o constituinte à esquerda<sup>132</sup>. Para questionar sobre os argumentos, combina-se ao nome genérico, *maã* para criar a pergunta ‘o que?’ e com *awa* ‘nome genérico humano’, para questionar sobre um humano, ‘quem?’. O enunciado (658) ilustra uma questão sobre o sujeito e os enunciados (659) e (660) questionam sobre o objeto:

(658)  
 “awa=ta inde?” u-nheẽ paa  
 awa taa  
 NGH=Q 2SG 3sg<sub>A</sub>-dizer REP  
 “Quem é você?”, diz que ele disse.  
 Br

(659)  
 asui=ta mã=ta sekretaria u-munhã u-iku  
 asui taa mã taa  
 CONJ=Q NG Q sekretaria 3sg<sub>A</sub>-fazer 3sg<sub>A</sub>-estar  
 E aí? O que a secretaria está fazendo?  
 Br

<sup>132</sup> Nas perguntas mais frequentes, *awa=ta* ‘quem?’, *mai=ta* ‘o que?’, *taa* ocorre mais comumente como clítico, enquanto nas perguntas com foco em sintagmas posposicionais tendem a ocorrer como partícula.

(660)

ma=ta ya-munhã, u-yu-mbue-sa(ra)?

maã taa

NG Q 1pl<sub>A</sub>-fazer 3sg<sub>A</sub>-R/R-ensinar-NMZ<sub>AG</sub>

ma=ta ya-m-pinima marangata ya-munhã

maã taa ya-mu-pinima maã ranga taa ya-munhã

NG Q 1pl<sub>A</sub>-CAUS-ser.colorido NG imagem Q 1sg<sub>A</sub>-fazer

O que vamos fazer, professora? O que vamos escrever? Desenho de quê, vamos fazer?

Br

A partícula *taa* ‘interrogativo’ também pode ter escopo em sintagmas posposicionais: [[N]<sub>SN</sub> POSP]. Os enunciados (661) a (663) ilustram questionamento sobre sintagmas posposicionais. Combinado a um sintagma nominal com determinante *mui(ri)* ‘muito’ permite questionar sobre uma quantidade (664):

(661)

"mame taa te re-maã nhaã tukunare-wasu?

onde Q FOC 2sg<sub>A</sub>-ver DEM<sub>DIST</sub> tucunaré-AUM

Onde mesmo você viu aquele tucunaré gigante?

Br

(662)

Ma=sui taa u-ri kuxima Werekena

NG=ABLAT Q 3sg<sub>A</sub>-vir antigamente Warekena

De onde vieram antigamente os Warekena?

Wr





8.1.3.1.4 *Modalidade epistêmica da certeza*

A partícula *supi* ‘na verdade, com certeza’ expressa a modalidade epistêmica da certeza, significa que o falante acredita na verdade da proposição. Os enunciados (666) a (668) ilustram o uso da partícula:

(666)

nhaã      *supi*              *ti=a-kua*  
 DEM<sub>DIST</sub> com.certeza NEG=1sg<sub>A</sub>-saber  
 Aquilo, de verdade, não sei.

Wr

(667)

ape          *supi*              *ta-mbeu*      *yande*  
    *tau-mbeu*  
 CONJ<sub>SEQ</sub> com.certeza 3pl<sub>A</sub>-contar 1PL  
 Aí sim, nos aconselharam

Bn

(668)

kui(ri) *supi*  
 agora com.certeza  
 Agora, sim!

8.1.3.1.5 *Reportativo*

A partícula de reportativo *paa* indica que a via de acesso do falante às informações disponibilizadas no enunciado não podem mais ser recuperadas. Em termos discursivos, a partícula ocorre com grande frequência em textos que fazem parte do repositório de conhecimentos culturais e históricos: mitos e relatos históricos, como em (669), o enunciado inicial da versão Baniwa do mito da criação do mundo:

(669)

kuxima	paa	mundu-miri	kuaira
antigamente	REP	mundo-DIM	pequeno

Antigamente, dizem que o mundo era pequeno.

Lit.: Antigamente, diz que [o] mundinho [era] pequeno.

Bn

Chamaremos essa partícula de ‘reportativo indefinido’ e a traduzimos por ‘diz que’<sup>134</sup>. Ainda que a expressão ‘diz que’ não seja considerada parte do Português Brasileiro padrão, ela é sem dúvida parte do regional — e também do Espanhol rural das Américas. A expressão ‘dizem que’ do Português Brasileiro padrão refere-se ao ato de enunciação, enquanto ‘diz que’ indica a fonte de informação não é conhecida e, desse modo, constitui uma melhor tradução para o reportativo do Nheengatú<sup>135</sup>.

A partícula *paa* não pode ser utilizada quando a fonte da informação é conhecida. No discurso mais espontâneo, o uso de *paa* com valor de citativo torna a sentença inaceitável. Uma situação ocorrida durante o curso de formação de professores indígenas em 2007 permite ilustrar essa propriedade. Após os futuros professores terem entrevistado um ancião, pedimos que relatassem o depoimento por escrito. Considere os enunciados produzidos pelo ancião, em texto oral em (670), e por uma aluna não nativa em (671):

<sup>134</sup> Utilizando a sugestão de Landaburu (2007) para tradução do reportativo no Espanhol das Américas.

<sup>135</sup> Há na literatura sobre o Nheengatú uma tendência a caracterizar essa partícula simplesmente como um ‘citativo’, como propõe Taylor (1991, 84), que inclusive a aproxima ao sufixo *-pida* ‘citativo’ do Baniwa. Mesmo considerando o caráter de informação de segunda mão da partícula, há de se precisar o caráter indefinido da fonte da informação, ou seja, o que a partícula indica é que a fonte da informação não pode ser mais recuperada; enquanto um citativo (ou quotativo) permite reproduzir um discurso alheio, citando-o *ipsis literis*.

(670) Sr. Irineu diz:

ixe yepe tuyu a-riku setenta i kuaru akayu  
 1SG INDF homem velho 1sg<sub>A</sub>-ter setenta e quatro anos  
 Eu sou um velho. Tenho 74 anos.

Bn

(671) Aluna reproduz:

?? Irineu paa u-riku setenta i kuaru akayu  
 Irineu REP 3sg<sub>A</sub>-ter setenta e quatro anos  
 Diz que Irineu tem 74 anos.

O enunciado em (671) resulta agramatical, porque a fonte de informação é conhecida. Tanto o escritor do texto quanto os prováveis leitores estiveram presentes quando o próprio Irineu mencionou sua idade, ou seja, a fonte da informação é definida e, portanto, não condiz com o uso indefinido de *paa*. A partícula, entretanto, pode ser empregada quando o falante conhece a fonte da informação para criar um chiste. A aluna, de origem Baré, mas não falante nativa de Nheengatú e, ainda, sendo mulher, encontra-se naturalmente fora da classe dos que poderiam criar um gracejo sobre algo dito pelo Sr. Irineu, o mais antigo Baniwa da comunidade de Assunção do Içana. A maioria dos falantes de Nheengatú presentes na situação considerou o uso de *paa* em (671) ofensivo, porque fazia um gracejo sobre a veracidade do enunciado de Irineu.

Em mitos e relatos históricos, por sua vez, a partícula *paa* ocorre praticamente em todos os enunciados em que o falante exerce o papel de narrador, independentemente do valor de verdade. O enunciado (672) apresenta um relato histórico sobre a criação da comunidade de Anamoim. E o trecho em (673) apresenta uma narrativa sobre a preguiça e o jabuti:

(672)

se-ramunha ambira u-sikai paa mame ya-munhã kupixa  
 1sg<sub>E</sub>-avô falecido 3sg<sub>A</sub>-procurar REP onde 1pl<sub>A</sub>-fazer roça  
 Diz que meu avô falecido procurou onde faríamos a roça.

Wr

(673)

"Ah kumpadre! aitekua kupiri-sa kua  
 INTJ compadre DEM<sub>PROX</sub> roçar-NMZ DEM<sub>PROX</sub>

se-iara" u-nheẽ paa  
 1sg<sub>E</sub>-propriedade 3sg<sub>A</sub>-dizer REP  
 "Ah, cumpadre! Este roçado é meu", diz que ele disse.

"umba!" u-nheẽ paa  
 NEG<sub>EDO</sub> 3sg<sub>A</sub>-dizer REP  
 "Não!", diz que ele disse

"kua se-iara" u-nheẽ paa  
 DEM<sub>PROX</sub> 1sg<sub>E</sub>-propriedade 3sg<sub>A</sub>-dizer REP  
 "este é meu", diz que ele disse.

ape te paa ta-maramunha  
 tau-maramunha  
 CONJ<sub>SEQ</sub> FOC REP 3pl<sub>A</sub>-brigar  
 Aí mesmo, diz que brigaram.

ape te paa ai i-kuere u-maramunha  
 CONJ<sub>SEQ</sub> FOC REP preguiça 3sg<sub>E</sub>-ser.cansado 3sg<sub>A</sub>-brigar  
 Aí mesmo, diz que a preguiça estava cansada de brigar

yawuti irũ                    ta-yu-yakau                    paa  
 jabuti COM<sub>INSTR</sub> 3pl-R/R-repreender REP  
 com jabuti, diz que discutiram.

Br

Uma das questões levantadas na literatura recente sobre sistemas de fonte de informação é a relação desta categoria com a modalidade epistêmica<sup>136</sup>, ou seja, o grau de verdade que o falante imporia ao conteúdo proposicional<sup>137</sup>. A interpretação como modalidade de incerteza tem sido apontada para o *paa* do Nheengatú, desde Stradelli (1929), para quem a partícula *paa* indicaria um “certo sentido dubitativo” do conteúdo proposicional.

Forma irregular, não conjugável, com um certo sentido dubitativo; quem relata o fato, não o afirma, mas o põe a conta dos que contaram antes dele. (Stradelli (1929, 582), reproduzido por Casanovas (2006[2000], 43) e por Floyd (2005)).

Na minha visão, não há uma relação intrínseca entre o reportativo e o julgamento sobre o grau de verdade da proposição. Nas narrativas ficcionais, *paa* indica apenas que a história não pode ser atribuída a nenhum autor em particular, sendo compartilhada por uma sociedade — como, aliás, é próprio das culturas de tradição oral. Esta análise é fundamentada pelo fato de *paa* ocorrer nos relatos históricos como em (672) acima.

Para mostrar que o uso da partícula não compromete o efeito de verdade que o falante atribui à proposição, abaixo são apresentados outros exemplos de relatos de eventos históricos. Em (674), o falante conta como os indígenas brasileiros foram tratados no decorrer da história. Em (675), indica-se o *sib* (clã) a que pertence o falante. Em ambos enunciados, a fonte das informações enunciadas não pode mais

<sup>136</sup> Neste trabalho, não fazemos distinção entre modalidade alética e epistêmica.

<sup>137</sup> Cf. Givón (2001), Aikhenvald (2004), Landaburu (2007) e coleção de textos organizada por Guentchéva e Landaburu (2007), por exemplo.

ser recuperada, mas não há nenhuma razão para supor que os falantes duvidem das mesmas.

(674)

nhaã        tempu   ae    paa    u-umilhari    tantu   ainta  
 DEM<sub>DIST</sub>   tempo   3SG   REP   3sg<sub>A</sub>-humilhar   tanto   3PL  
 Naquele tempo, diz que ele os humilhou bastante.

Br

(675)

se-mirasa    paa    Yurupari-Tapuya  
 1sg<sub>E</sub>-etnia   REP   Jurupari-tapuia  
 Diz que minha etnia é Yurupari-Tapuya.

Bn

A tradução para o Português ‘diz que’ poderia induzir à seguinte suposição: os enunciados, acima, são metaenunciados, em que se fala daquilo que foi dito e não propriamente de eventos. Essa interpretação, no entanto, é equivocada. Considere os pares de enunciados (676) e (677):

(676)

(a)

Tupana            paa    ae  
 santo.ou.Tupã   REP   3SG  
 Diz que ele era Tupã.

Bn

(b)

Musapi(ri)    pessoa    aitenhaã  
 três            pessoa    DEM<sub>DIST</sub>

ta-mbeu        paa    tupana  
 tau-mbeu  
 3pl<sub>A</sub>-contar   REP   santo.ou.Tupã

Aquelas eram três pessoas. Diz que contaram que eram deuses.

Bn

(677)

(a)

Sofia paa sera  
 Sofia REP 3sg<sub>E</sub>:nome  
 Diz que o nome dela era Sofia

u-sika paa mimi kuyari apira sui  
 3sg<sub>A</sub>-chegar REP lugar longe Cuiari acima ALAT  
 Diz que chegou de longe, de cima do Cuiari.

Bn

(b)

ta-mbeu Sofia paa Karaka upe  
 tau-mbeu  
 3pl<sub>A</sub>-contar Sofia REP Caracas LOC  
 Contaram que diz que Sofia esteve em Caracas

Bn

O enunciado (676a) equaliza a entidade *ae*, que retoma anaforicamente a entidade mítica Jurupari, à *tupana* ‘Tupã ou santo’. Em contrapartida, em (676b), o verbo *tambeu* ‘contaram’ trata do dito “o de que as pessoas contam que as três pessoas eram deuses”. Similarmente, o enunciado (677a) trata do evento ‘chegar do Cuiari’ realizado por Sofia; enquanto (677b) trata do dito de que Sofia teria estado em Caracas.

Narrativas ficcionais, mitos e relatos históricos têm em comum a ausência de uma fonte de informação conhecida, por isso esse tipo de texto caracteriza-se pela alta frequência da partícula *paa*. A rigor, a divisão entre narrativas ficcionais, mitos e relatos históricos — e o valor de realidade, associado a cada supostamente diferente gênero discursivo — é dada *a posteriori* como interpretação do ouvinte, baseado em suas próprias crenças. Por si mesma, a partícula *paa* é neutra quanto ao valor de verdade do conteúdo proposicional.

No entanto, em conversas cotidianas, *paa* pode ser usado em situações em que a fonte da informação é conhecida, em particular, quando a pessoa que forneceu a informação (que chamaremos de enunciador-fonte) está presente. Uma anedota da situação de campo permite ilustrar esse uso peculiar da partícula: Ao conhecer Olímpia, liderança indígena Warekena, comentei que gostaria de registrar sua língua, e que lhe daria uma cópia da gravação. Embora desconfiada, Olímpia concedeu que eu a visitasse e que gravasse uma conversa entre ela e seu cunhado Lourivaldo. Na minha presença — ou seja, na presença da fonte da informação — explica ao cunhado as minhas intenções, utilizando *paa*, como ilustrado no trecho em (678)<sup>138</sup>:

(678)

então            a-senui            inde  
 CONJ<sub>CONCL</sub> 1sg<sub>A</sub>-chamar 2SG  
 Então, chamei você

porke            u-putai            paa    u-sendu            Nheengatu  
 CONJ<sub>EXPL</sub> 3sg<sub>A</sub>-quer REP 3sg<sub>A</sub>-escutar Nheengatú  
 porque diz que ela quer ouvir Nheengatú

u-gravai=rã            paa    kua            i-fita  
 3sg<sub>A</sub>-gravar=SUB<sub>FIN</sub> REP DET<sub>PROX</sub> 3sg<sub>E</sub>-fita  
 diz que para gravar esta fita

asui    paa    u-mundu    yand=arã  
 CONJ REP 3sg<sub>A</sub>-ouvir 1PL=DAT<sub>PROSP</sub>  
 Depois, diz que envia para nós.

Br

O uso de *paa* quando a fonte de informação pode ser facilmente recuperada, particularmente se o enunciador-fonte estiver presente na situação de fala, tem como efeito pragmático a ironia e a dúvida. O valor epistêmico de dúvida, no entanto, não pode ser

<sup>138</sup> No caso, *paa* é traduzido por ‘parece’, que permite a interpretação mais imediata que ‘diz que’.



interpretado como inerente à forma *paa*. Pelo contrário, a ironia e o caráter dubitativo do enunciado só emergem por conta do caráter inusitado do uso de um marcador de fonte informação indefinido quando a enunciação-fonte está presente<sup>139</sup>.

Obviamente os alvos dos chistes não são apenas os pesquisadores, sendo possível observar o uso da forma também entre os falantes. Apesar de que, dada à distância cultural, seja metodologicamente muito difícil para o pesquisador perceber, entender e registrar o efeito irônico do uso do *paa* na interação falante-falante (ao invés de falante-pesquisador). O enunciado em (679), no entanto, pode ser interpretado como um dos raros registros desse uso peculiar de *paa* em situação espontânea. Antes, porém, é preciso explicar o contexto. A avó, Lina, relata o que acontece no ritual de iniciação cariamã e comenta a respeito de uma cantiga tradicional. A anciã afirma não ser mais capaz de cantá-la, mas afirma que sua filha Sofia sabe. Ainda sem interagir no diálogo, Sofia está ouvindo a conversa. O enunciado em (679) é dirigido à Sofia, funcionando como provocação para ela cante:

<sup>139</sup> Uma situação semelhante é narrada por Floyd (2005):

- |   |   |
|---|---|
| 1. I see Aldevan go fishing.  | 1. Eu vi Aldevan indo pescar.   |
| 2. Aldevan's aunt Marciha arrives at the house and asks where he has gone.                        | 2. A tia de Aldevan, Marciha, chega em casa e me pergunta onde ele teria ido.                     |
| 3. I say: u-sú u-piniatika<br>3sg-go 3sg-fish<br>He went fishing.                                 | 3. Eu digo: u-sú u-piniatika<br>3sg-ir 3sg-pescar<br>Ele foi pescar.                              |
| 4. A friend comes to visit and asks Marciha where Aldevan has gone.                               | 4. Um amigo chega para me visitar e pergunta para Marciha onde Aldevan tinha ido.                 |
| 5. She says: u-sú u-piniatika paá<br>3sg-go 3sg-fish REP<br>He went fishing (they say/I was told) | 5. Ela diz: u-sú u-piniatika paá<br>3sg-ir 3sg-pescar REP<br>Diz que/Me disseram: Ele foi pescar. |

(679)

Só Sofia paa u-kua u-nheengai

Só Sofia REP 3sg<sub>A</sub>-saber 3sg<sub>A</sub>-cantar

Só Sofia, diz que sabe cantar.

Wr

Todavia, esse uso dubitativo de *paa* não pode ser considerado característica primária, inerente dessa partícula. Trata-se apenas de um efeito pragmático, devido ao fato de usá-la de maneira inusitada quando o enunciador-fonte está presente, tal como em (678) e nota de rodapé enumerada como 139. Em (679) o efeito insólito produzido se deva ao fato de a falante provavelmente já ter ouvido sua filha Sofia cantar. Logo, é possível entender que o uso do reportativo indefinido seja um chiste.

### 8.1.3.2 *Partículas de posição inicial*

As partículas de posição inicial ocorrem na primeira posição do rema (v. capítulo 11) Podem ser subdivididas em partículas de posição inicial de valor modal e de função existencial. As modais são formadas a partir de empréstimos do Português. As existenciais, por sua vez, são formadas morfemas de origem Tupi-Guarani, cuja função teria se especializado, possivelmente, como resultado de transferência de padrões sintáticos.

#### 8.1.3.2.1 *Partículas de modalidade deôntica: obrigação e necessidade*

A modalidade deôntica indica o grau de necessidade de que um evento se realize. Em Nheengatú, as partículas de modalidade deôntica são formadas a partir de empréstimos do Português: *tenki* e *presizu*. A primeira é formada a partir do verbo *ter*, em modo indicativo, presente, terceira pessoa singular (impessoal) combinado à conjunção subordinadora *que*. A segunda deriva da expressão deôntica de necessidade em Português *é preciso*, formada pelo verbo cópula *ser* com valor de impessoal e pelo verbo *precisar* no particípio. Trata-se de exemplos de inserção indireta, ou seja, um empréstimo em que um

verbo, mantendo-se invariável, é tratado como não verbo (Matras 2009, 176)<sup>140</sup>.

(680)

kui(ri) paa tenki governu u-aprovai  
 agora REP OBRIG governo 3sg<sub>A</sub>-aprovai  
 Diz que agora o governo tem que aprovar.

Br

(681)

tenki ya-su apekatu kariwa ta-irũ  
 OBRIG 1pl<sub>A</sub>-ir longe não.indígena 3pl<sub>E</sub>-COM<sub>INSTR</sub>  
 A gente tinha que ir para longe com os brancos.

Bn

(682)

tenki re-su re-mbeu kuekatu  
 OBRIG 2sg<sub>A</sub>-ir 2sg<sub>A</sub>-contar mensagem  
 Você tem que ir falar o recado.

Wr

(683)

presizu ya-kuntai ae yane-nheenga rupi  
 NECESS 1pl<sub>A</sub>-falar 3SG 1pl<sub>E</sub>-língua PERL  
 É preciso falar isso pela nossa língua.

Br

(684)

presizu tu-pikũi nhaã  
 NECESS 3pl<sub>A</sub>-cavar DEM<sub>DIST</sub>  
 É preciso cavar aquilo.

Wr

<sup>140</sup> Ver 7.3.1 para empréstimos de verbos do Português que funcionam como verbos em Nheengatú.

A negação tem escopo sobre o rema como um todo, portanto, ocorre antes das partículas deônticas, como ilustrado em (685) e (686):

(685)

então	sese-wara	tiã=presizu
	s-ese-wara	ti=wã=presizu
CONJ <sub>CONCL</sub>	3sg <sub>E</sub> .RELAT-DNP	NEG=PFT=NECESS

yawe	ya-sikie
ser.assim	1pl <sub>A</sub> -ter.medo

Então, por causa disso, não precisamos assim ter medo.

Br

(686)

Nhanse	ti=presizu	ya-piripana	maã
CONJ <sub>CAUS</sub>	NEG=NECESS	1pl <sub>A</sub> -comprar	NG

Por isso, não precisamos comprar nada.

Lit.: Por isso, não é preciso comprar coisa.

Br

Em termos semânticos, *tenki* expressa a modalidade deôntica de obrigação, enquanto *presizu* indica a modalidade deôntica da necessidade. Neste trabalho as duas partículas são glosadas como ‘deôntico de obrigação’ (OBRIG) e ‘deôntico de necessidade’ (NECESS) para enfatizar a natureza gramatical desses elementos em oposição aos termos do Português, mais lexicais. Ademais, as partículas *tenki* e *presizu* foram encontradas em textos espontâneos produzidos por falantes que não tem fluência em Português, de modo que podem ser consideradas como parte do léxico Nheengatú.

8.1.3.2.2 *Partícula de modalidade epistêmica: dubitativo*

A partícula *seraki* é uma inserção direta do Português *será que*, formado pelo verbo ser em terceira pessoa singular (impessoal) no futuro do presente do indicativo, acompanhado da conjunção *que*. A partícula permite expressar a modalidade epistêmica da dúvida. Os enunciados (687) a (689) exemplificam o uso da partícula.

(687)

seraki ya-su ya-pudei será  
 DUB 1pl<sub>A</sub>-ir 1pl<sub>A</sub>-poder Q<sub>POLAR</sub>

ya-yuka nhaã ta-sui  
 1pl<sub>A</sub>-tirar DEM<sub>DIST</sub> 3pl<sub>E</sub>-ABLAT

Será que vamos poder tirar aquilo deles?

Br

(688)

seraki yawe tupana u-mundu  
 DUB ser.assim santo.ou.Tupã 3sg<sub>A</sub>-mandar  
 Será assim que deus mandou?

Bn

(689)

seraki re-puderi re-sika re-riku jeitu  
 DUB 2sg<sub>A</sub>-poder 2sg<sub>A</sub>-chegar 2sg<sub>A</sub>-ter jeito

re-mu-kuema arã  
 2sg<sub>A</sub>-CAUS-manhã SUB<sub>FIN</sub>

2sg<sub>A</sub>-cumprimentar

Será que você pode chegar e ter jeito para cumprimentar?

Br

O uso da partícula *seraki* é menos frequente, mas também ocorre em discurso de falantes com pouca fluência em Português.

8.1.3.3 *Partículas existenciais*

O Nheengatú possui três partículas<sup>141</sup> especializadas em construir predicados existenciais: *aikue* ‘existencial’, *aiwã* ‘existencial iminente’ e *xukũi* ‘existencial concreto’. Todas essas partículas ocorrem em posição inicial do rema. A partícula *aikue* ‘existencial’ permite apresentar um referente que será retomado no discurso. Pode ser traduzida em Português por ‘eis’ e em Francês por ‘voici’. A partícula *aiwã* ‘existencial iminente’ indica a iminência da existência de uma entidade. Aproxima-se do Francês ‘voilà’. A partícula *xukũi* ‘existencial concreto’ permite que o falante indique a existência de uma entidade que está presente na situação comunicativa. Trata-se de um dêitico que apresenta uma entidade, apontando-a. Pode ser traduzido em Português por ‘eis aqui’ ou ‘olha aqui!’, indicando que o falante pretende que o ouvinte preste atenção no referente mencionado. Em Português, a expressão ‘olha aqui’ é uma expressão corrente, utilizada quando se pretende entregar um objeto a alguém. Os enunciados de (690) a (692) ilustram o uso de cada uma dessas partículas.

(690)

kuri aikue regatão  
 agora EXIST regatão  
 Agora tem regatão.

Wr

(691)

aiwã pituna  
 EXIST<sub>MIN</sub> noite  
 Eis a noite  
 Br, elicitado

<sup>141</sup> Cf. Diessel (1999, 10): Elementos com propriedades similares são chamadas de ‘demonstrativos identificadores’, ‘demonstrativos predicativos’, ‘predicador dêitico’, ‘pronomes predicativos’, ‘demonstrativo existencial’, ‘pronomes dêiticos indetificadores’, ‘demonstrativo apontador’.

(692)

xukũi            pukura  
 EXIST<sub>CONCR</sub> uva.preta  
 Eis aqui uva preta.

Bn

Em 9.4.1, apresentamos outros exemplos e uma descrição detalhada de seus usos. Nesta seção, fazemos uma análise diacrônica dessas partículas, tendo em vista que em Tupinambá não havia partículas existenciais. Segundo Rodrigues (2001), a indicação de existência de uma entidade em Tupinambá ocorria pela expressão do nome sem caso, como ilustram exemplos registrados no século XVI por Jean de Léry: *mókáb-0* ‘há armas de fogo’, *akarápéβ-0* ‘há acarás chatos’, *0-aóβ-0* ‘há roupas’.

A ausência de partículas existências em fases anteriores do desenvolvimento da língua sugere que essas partículas tenham emergido em decorrência de contato com outras línguas. Moore, Facundes e Pires (1993, 104) observam a semelhança entre orações constituídas por partículas predicativas, como as de deôntico e as existenciais, com construções impessoais em Português. De fato, como indicam os autores, as partículas de deôntico são inserções diretas de verbos do Português. Quanto aos existenciais, os autores notam ainda a semelhança entre *aikue* com o advérbio de lugar *ai*<sup>142</sup>.

<sup>142</sup> “The third sentence type consists of a VP with no subject. The VP is composed of a predicative particle followed by a NP or by a clause with an overt subject. These resemble impersonal constructions in Portuguese except that the predicative particle shows no verbal characteristics. At least one of them, *presizu* (< Port.: É preciso...), ‘It is necessary...’ is borrowed, and the first syllable of *aikwé*, ‘there is’ looks like Portuguese *ai*, ‘there’” [O terceiro tipo de sentence consiste em um SV sem sujeito. O SV é composto de uma partícula predicativa seguida por um SN ou por uma oração com ou sem sujeito manifesto. Estas parecem com construções impessoais em Português, exceto pelo fato de que as partículas predicativas não apresentarem características verbais. Pelo menos uma delas, *presizu* (< Port.: É preciso...), é um empréstimo, e a primeira sílaba de *aikwé*, ‘há’ assemelha-se ao Português *ai*] (Moore, Facundes e Pires 1993, 105; tradução livre

De fato, é comum em falantes bilíngues o uso de estruturas impessoais emprestadas do Português para expressão de modalidade deôntica (v. 8.1.3.2.1) e epistêmica (v. 8.1.3.2.2). Quanto aos existenciais, no entanto, a análise das possíveis influências deve levar em conta não apenas o *superstratum* Português, mas também o *substratum* Arawak.

Em Baniwa, construções existenciais podem ser feitas a partir de partículas que ocorrem geralmente em primeira posição (cf. Taylor 1991 e 1993; Ramirez 2001). A partícula *néeni*, traduzida por ‘aí’ ou ‘então’, forma enunciados existenciais. A estrutura da oração existencial formada por *néeni* é semelhante à estrutura formada pelo existencial *aikue* em Nheengatú. Em (693), o esquema gramatical em (a) permite visualizar a semelhança entre as estruturas nas duas línguas; exemplificado em (b) para o Baniwa; e em (c) para o Nheengatú:

(693)

(a)

[Aikue/néeni]

Existencial

núcleo funcional do predicado

[SN]

nome

núcleo lexical do predicado

entidade apresentada

(b)

neeni aapi hiipada i+peku+liku

há cobra pedra conectivo+meio+em

Há uma cobra no meio das pedras.

(Ramirez 2001, 198)

---

acrescentada). Os autores não mencionam os demais existenciais. A semelhança fonológica entre *aikue* a *aí* é, em nossa análise, mera coincidência.



(c)  
 aikue buya ike  
 EXIST cobra aqui  
 Há cobra aqui.  
 Br, elicitado

Outra semelhança entre o Nheengatú e o Baniwa no uso do existencial é o fato de preferirem empregar a estrutura existencial em sentenças com polaridade positiva. Para negar, ambas as línguas privilegiam uma construção transitiva com o verbo *ver* (v. 9.4.1.1).

Em Baniwa, a partícula *néeni* pode receber uma marca de futuro, permitindo apresentar uma entidade que está para existir, *néeni-watsa* ‘há-futuro’. Em Nheengatú, a partícula *aiwã* ‘existencial iminente’, permite a indicação de uma existência iminente. Porém, as construções nas duas línguas diferem no fato de o existencial com *aiwã* ser empregado para indicar iminência, restrito à certeza de sua ocorrência. Não parece haver uma seleção tão rígida em Baniwa. O esquema em (694a) compara as estruturas gramaticais nas duas línguas, (694b) exemplifica esse fato em Baniwa e (694c) no Nheengatú:

(694)

(a)		
[néeni-watsa/ aiwã]		[SN]
existencial.futuro / existencial.iminente		nome
núcleo funcional do predicado		núcleo lexical do predicado
		entidade apresentada

(b)  
 neeni-watsa dzakare  
 existencial-futuro povoado  
 Aí vai ter um povoado.  
 (Taylor 1993, 157)



(697)

aiwã            yane-yuru    u-yukise  
 CONJ<sub>CONCL</sub> 1pl<sub>E</sub>-boca 3sg<sub>A</sub>-salivar  
 Então, nossa boca baba.

Bn

(698)<sup>144</sup>

neeni                    ri-(i)nu-ka        hriá    apa-ita        ñnaimi  
 dêitico.conectivo 3.MASC-vir-?    este    um-MASC    demônio  
 Aí veio um demônio.

(Taylor 1993, 148)

(699)

neeni                    ri-turúkani  
 dêitico conectivo 3.masculino-atirar  
 Aí, ele atirou.

A terceira forma de existencial *xukũi* também tem propriedades funcionais semelhantes a uma partícula do Baniwa *paniarínaha*, formada pela combinação de *paniari* ‘apresentador’ e *anaha* ‘dêitico que indica uma distância curta’ (Taylor 1993, 160). *Paniarínaha* é usada para apresentar uma entidade presente na situação de comunicação. Assim, no enunciado (700), o tópico discursivo é ‘lâmpada’. A partícula do Baniwa é utilizada para mostrar o objeto. O mesmo uso é atribuído à partícula de *xukũi* ‘existencial concreto’ do Nheengatú, em (701):

---

<sup>144</sup> MASC, ‘masculino’.

(700)

paniarí-naha	ri-aku	ri-hriu
apresentador-	3MASC-dizer	3MASC-beneficiário
dêitico.de.proximidade		

“Aqui está”, lhe disse.

Contexto: Respondendo à pergunta “Será que você traz a lâmpada que mandei você ir buscar?”, entregando o objeto (lâmpada).

(Taylor 1993, 160)

(701)

se-aria	xukūi	ind=arã
1sg <sub>E</sub> -avó	EXIST <sub>CONCR</sub>	2SG= DAT <sub>PROSP</sub>

Minha avó, “eis aqui para você”.

Contexto: Eles pegavam um pedaço de beijú, e ofereciam-no à avó.

Wr

Com efeito, as partículas do Nheengatú e do Baniwa são semelhantes em termos funcionais, sem que tenha havido empréstimos de formas linguísticas. Essas similaridades permitem levantar a hipótese de que, no processo de substituição das línguas Arawak pelo Nheengatú, teria havido uma difusão indireta, em sentido definido por Heath (1978, 22): “one language readjusts its own morphological material in such a way that it moves closer to the neighbouring language structurally” [uma língua reajusta seu próprio material morfológico, aproximando-se à língua vizinha estruturalmente]. O Nheengatú teria reajustado seu próprio material morfofonológico de forma a se tornar mais próximo estruturalmente das línguas Arawak do Norte. Não se trata de um sistema ser completamente cópia do outro, mas de mudanças induzidas por contato que transformam o Nheengatú, afastando-o das línguas Tupi-Guarani.

Se este é o caso, devemos nos perguntar quais materiais morfológicos teriam sido reanalisado em Nheengatú como partícula de existencial. A partícula *aikue* ‘existencial’ parece ter sido gramaticalizada a partir de demonstrativo <akwéé> ~ <akwey> do

Tupinambá. Segundo Rodrigues (2010, 28), o demonstrativo <akwéé> ~ <akwey> indicava uma entidade invisível afastada tanto do falante e como do ouvinte.

Diessel (1999) observa que em muitas línguas os demonstrativos e os ‘existenciais’ — que autor chama de ‘demonstrativo identificador’ — não se distinguem formalmente, como é o caso do Inglês *there*, utilizado tanto como demonstrativo de lugar distante como na construção existencial com cópula *there is...* Em outras línguas, o demonstrativo e a forma de existencial são expressos por formas diferentes. Porém, mesmo nesse último caso, observamos uma tendência de que a forma do existencial derive de uma especialização da forma demonstrativa. No desenvolvimento do Nheengatú a partir do Tupinambá, a forma <akwéé> teria se especializado para a função de existencial, deixando de indicar entidades apenas distantes e invisíveis, mas, sim, expandindo-se para o uso com qualquer entidade. O uso como demonstrativo propriamente dito, porém, tornou-se agramatical. Compare (702) e (703):

(702)  
 aikue yepe uka ike  
 EXIST INDF casa aqui  
 Há uma casa aqui.  
 Br, elicitado

(703)  
 \*a-piripana aikue uka  
 1sg<sub>A</sub>-comprar EXIST casa  
 Comprei aquela casa.  
 teste de gramaticalidade

A partícula *aiwã* ‘existencial iminente’ parece ter sido formada por *ae* ‘terceira pessoa anafórica’ em combinação com *wã* ‘perfectivo’. A marca *ae* tende a ocorrer como clítico *ai=*, tomando *te* ‘foco’ como hospedeiro, gerando *aite* [aj.'tɛ] *ae+ita* ‘demonstrativo –

plural', *aita* ~ *ainta* 'eles'. Como veremos em 8.2.3.1, o perfectivo tende a ser usado para expressar certeza. Uma das evidências para essa análise diacrônica é o fato de que *aiwã* não ser compatível com clíticos de aspecto.

No início do século XX, uma forma *sucui* 'eis aqui' foi registrada no Nheengatú falado no rio Negro (Stradelli 1929, 650) e no rio Solimões (Tastevin 1923[1910], 570). Para Tastevin, a forma <sucui> ~ <mi xucui> teria sido criada a partir da combinação do verbo *su* 'ir' com <cu> 'demonstrativo de proximidade' (em Nheengatú do Rio Negro, *kua*). Outra possibilidade é que a forma tenha se originado da combinação de *su* 'ir' com *kui* 'agora', uma vez que *kui* tende a ser reduzido a *kui* por elisão silábica<sup>145</sup>. O fato de a forma estar presente em Nheengatú do Solimões, no entanto, mostra ser necessária a reavaliação de uma possível interferência das línguas Arawak, uma vez que naquela região não havia esse *substratum*. Os dados de Tastevin apontam que o processo de formação de <sucui> 'eis aqui' é anterior ao contato do Nheengatú com os Baniwa. O autor acrescenta que <sucui> teria substituído uma forma mais antiga *nucui*, registrada por Figueira no século XVI. No entanto, Stradelli e Tastevin não apresentam exemplos de uso da partícula. O *substratum* Arawak pode ter contribuído para a manutenção da partícula no Nheengatú.

#### 8.1.3.4 *Partículas flutuantes*

As partículas flutuantes são ligadas ao rema: em predicado verbais ocorrem após o SV; em predicados nominais ocorrem após o SN em função predicativa. Diferem dos advérbios, porque não podem constituir núcleo de predicado. Além disso, advérbios tem distribuição mais livre, podendo ocorrer em qualquer posição de sentença, enquanto partículas flutuantes ocorrem necessariamente após o predicado. Ou, mais propriamente, após o núcleo do constituinte o

<sup>145</sup> Pelo menos, esse processo é comum no Nheengatú do alto rio Negro (v. 2.6.1)

qual a partícula modifica, dado que *ita* ‘plural’ ocorre após o núcleo do sintagma nominal que modifica.

#### 8.1.3.4.1 *Intensificador*

A partícula *retana* ~ *retã* pode ser usada para modificar predicados verbais. Em termos semânticos, a partícula tende a indicar intensidade e abundância, dependendo da caracterização semântica do próprio predicado. Em predicados que expressam estados, indica ‘intensificação’, como ilustra (704) e (705) com verbos estativos, e (706) e (707) com verbos dinâmicos. Em predicados que expressam atividades, denota abundância, como ilustra (708) a (710):

(704)

saku            retã!  
 ser.quente    INTS  
 Está muito calor  
 (expressão corrente)

(705)

puranga    retã    se-manha  
 ser.bonito   INTS   1sg<sub>A</sub>-mãe  
 Minha mãe é maravilhosa.  
 Br, música para dia das mães

(706)

marãta            pô    u-saisu    retã    kua            i-kaa  
 mãã arã            taã  
 NG SUB<sub>FIN</sub> Q INTJ 3sg<sub>A</sub>-amar INTS DEM<sub>PROX</sub> 3sg<sub>E</sub>-mato  
 Para que ele está sovinando tanto este mato dele?

Bn

(707)

nhaã parti upe u-watai retã  
 DEM<sub>DIST</sub> parte LOC 3sg<sub>A</sub>-faltar INTS  
 Naquela parte, falta muito.

Br

(708)

u-tuma(ri) retã kawĩ  
 3sg<sub>A</sub>-tomar INTS cachaça  
 Tomou muita cachaça.

Wr

(709)

tau-perdei retã tempu  
 3pl<sub>A</sub>-perder INTS tempo  
 Eles perdem muito tempo.

(710)

u-su u-nhẽ-nhẽ retã yand=arã  
 3sg<sub>A</sub>-ir 3sg<sub>A</sub>-RED-dizer INTS 1PL=DAT<sub>PROSP</sub>  
 Ele falou (sem parar/repetidamente) muito para nós.

Br

#### 8.1.3.4.2 *Atenuativo*

A partícula xinga ‘atenuativo’ ocorre após o núcleo do predicado, atenuando-o. Abaixo, o enunciado (710) ilustra o uso do atenuativo com predicado verbal dinâmico e o enunciado (712), com predicado verbal estativo:

(711)

ya-putai ya-kua xinga  
 1pl<sub>A</sub>-querer 1pl<sub>A</sub>-saber ATENUA  
 Queremos saber um pouco.

Br



(712)  
 yande pobri xinga  
 1PL ser.pobre ATENUA  
 Nós somos meio pobres.  
 Bn, repetido de (429)

Como outras partículas, *xinga* ‘atenuativo’ é invariável e não pode ocorrer anteriormente ao núcleo do predicado, característica que a diferencia de advérbios.

#### 8.1.3.4.3 *Habitual*

A partícula *wera* indica a noção de quantidade de eventos do tipo frequentativo, habitual. Ocorre pós-predicado verbal ou adverbial. Os enunciados (713) a (715) ilustram o uso da partícula.

(713)  
 “a-riku se-noiva, mamãe” u-nheẽ wera  
 1sg<sub>A</sub>-ter 1sg<sub>E</sub>-noiva mamãe, 3sg<sub>A</sub>-dizer HAB  
 ix=arã nhaã se-kurumĩ  
 1SG=DAT<sub>PROSP</sub> DEM<sub>DIST</sub> 1sg<sub>E</sub>-menino

“Tenho minha noiva, mamãe”, aquele meu menino sempre dizia para mim.

Br

(714)  
 ape u-maã wera=wã paa  
 CONJ<sub>SEQ</sub> 3sg<sub>A</sub>-ver HAB=PFT REP  
 Nhãpirikuli u-wapika u-iku kuaye  
 Nhampirikuli 3sg<sub>A</sub>-sentar 3sg<sub>A</sub>-estar assim  
 Aí, ele via sempre Nhampirikoli sentado desse jeito  
 Br

(715)

a-su sauru wera kupixa kiti  
 1sg<sub>A</sub>-ir sábado HAB roça ALAT  
 Eu vou todo sábado para roça.

Br, elicitado

Em termos diacrônicos, *wera* ‘habitual’ pode ter sido gramaticalizado a partir de *wera* ‘coxa’, nome homófono.

8.1.3.4.4 *Foco*

A partícula *te* pode ser considerada uma marca de foco sintagmático. Sua função é destacar um referente particular ou um predicado. Esta partícula ocorre com bastante frequência. Os enunciados (716) a (718) ilustram o seu uso:

(716)

ape=ntu te u-pa(wa)  
 CONJ<sub>SEQ</sub>=RESTR FOC 3sg<sub>A</sub>-acabar

nhaã historia, profesora  
 DEM<sub>DIST</sub> historia, professora  
 Aí mesmo acaba aquela história professora.

Br

(717)

kua kiti te pô u-iku kua wakari  
 DEM<sub>PROX</sub> ALAT FOC INTJ 3sg<sub>A</sub>-estar DEM<sub>PROX</sub> macaco.wakari  
 para cá mesmo, este wakari está.

Br

(718)

"waimĩ" u-nheẽ paa  
mulher.velha 3sg<sub>A</sub>-dizer REP

"kui(ri) supi yane-munhã-gara turusu te pô!"  
agora com.certeza 1pl<sub>E</sub>-fazer-NMZ ser.enorme FOC INTJ  
"Velha", diz que ele disse, "agora sim nosso criador é grande mesmo.  
Pô!".

Br

Em termos diacrônicos, a partícula *te* deriva da forma <eté>, geralmente traduzida por ‘verdade’. De fato, é comum entre as línguas que marcas de ênfase, foco, intensificação emergem a partir da gramaticalização de itens lexicais que tenham relação com a verdade (Koenig e Moyse-Faurie 2010).

8.1.3.4.5 *Protestivo*

A partícula *ba?* tende a ocorrer no núcleo do rema e parece funcionar como um ‘protestivo’. Em geral, esta partícula tende a ser encontrada em discursos de natureza política, em que o falante protesta sobre um evento que o desagrada. Os enunciados (719) a (721) ilustram usos da partícula:

(719)

ti=a-kua ma=sui u-ri ba?  
NEG=1sg<sub>A</sub>-saber NG=ABLAT 3sg<sub>A</sub>-vir PROTEST  
Não sei de onde vieram.

Wr

(720)

ape ya-su=wã ya-perdei ya-iku tempu  
CONJ<sub>SEQ</sub> 1pl<sub>A</sub>-ir=PFT 1pl<sub>A</sub>-perder 1pl<sub>A</sub>-estar tempo

principalmenti nhaã komunidadi upe ba?  
principalmente DEM<sub>DIST</sub> comunidade LOC PROTEST  
Aí, vamos já perder tempo, principalmente naquela comunidade.

(721)

nem            maye        ba?  
 NEG<sub>CONTR</sub>   ser.como   PROTEST  
 Não tem jeito.  
 Lit. Nem é como.

Br

Em (722), o protestivo ocorre em um narrativa, em que a personagem mostra-se irritada com a presença de uma mosca.

(722)

mairame paa u-saã        u-maã    paa meru ba?  
 SUB<sub>TEMP</sub> REP 3sg<sub>A</sub>-sentir 3sg<sub>A</sub>-ver REP mosca PROTEST  
 Quando diz que ela sentiu e, diz que viu uma mosca.

Br

Trabalhamos com a hipótese de que *ba?* ‘protestivo’ fosse um empréstimo, uma vez que uma partícula de uso bastante semelhante e realização fonética similar, *ba?* foi documentada em Hup (Epps 2005, 586-588), mas até o momento não foi observada em outras línguas da área (Stenzel, c.p. e Epps, c.p.). Uma segunda possibilidade é que a partícula tenha se desenvolvido em Nheengatú a partir da forma <mbae> ‘coisa’ do Nheengatú. Stradelli (1929, 519) registra a forma <mbá> [ʰbaʔ] como variante de <mbae> [ʰba.ʔɛ] ‘coisa’. Sabemos que <mbae> tornou-se em Nheengatú *maã* [mã.ʔã] ‘nome genérico’ (coisa). É possível que a variante <mbá> [ʰbaʔ] não tenha desaparecido completamente, mas pode ter passado por um processo de gramaticalização que permitiu a emergência de *ba?* [baʔ] ‘protestivo’. Uma mudança desse tipo estaria de acordo com uma regra diacrônica mais geral da língua, que transformou [ʰb] em [b] em sílaba acentuada e em [m] em sílaba não-acentuada (v. 3.1.2.1) Neste caso, seria semanticamente semelhante à expressão “que coisa!” do Português Brasileiro. No estágio atual das pesquisas, não temos como verificar esta hipótese.

8.1.3.4.6 *Plural*

A partícula *ita* pode ser considerada uma ‘palavra plural’, ou seja, “[a word] whose meaning is similar to that of plural affixes in other languages” [uma palavra cujo sentido é similar ao de afixos de plural em outras línguas] (Dryer 2007, 166; tradução livre acrescentada). Os enunciados (723) a (725) ilustram o uso da partícula.

(723)

bare ita tiãtakuntai Bare  
 ti=wã=tau-kuntai  
 Baré PL NEG=PFT=3pl<sub>A</sub>-falar Baré  
 Os Barés já não falam mais Baré.  
 Br

(724)

re-muati-pa(wa) kua suu ita  
 2sg<sub>A</sub>-juntar-acabar DEM<sub>PROX</sub> animal PL  
 Junte todos estes animais.  
 Br

(725)

mira ita tau-siki bongu  
 pessoa PL 3pl<sub>A</sub>-puxar bongo  
 As pessoas arrataram o bongo pelo caminho.  
 (Comunidade de Anamoim - Xié ms.)

Em muitas línguas, como o Português, o plural ocorre como afixo de nomes e, por concordância, em seus determinantes e modificadores. Em Nheengatú, no entanto, o plural é uma partícula independente, que tem escopo sob um sintagma nominal. Em (726) e (727), observamos que a partícula ocorre após *waa* ‘relativizador’:

(726)

Ai=te paa nhaã pedasu itá ita  
 3SG=FOC REP DEM<sub>DIST</sub> pedaço pedra PL

maxi posu upe wa=ita  
 leproso poço LOC REL=PL

Diz que eles são aquelas pedras em pedaços que estão no poço dos leprosos.

Contexto: *ai (ae)* remete à cobra cortada em pedaços.

Wr

(727)

re-su re-mu-tawari kua  
 2sg<sub>A</sub>-ir 2sg<sub>A</sub>-CAUS-tabaco.de.benzimento DEM<sub>PROX</sub>

re-yu-mu-kuaku wa=ita u-mbau arã  
 2sg<sub>A</sub>-R/R-CAUS-estar.em.jejum REL=PL 3sg<sub>A</sub>-comer SUB<sub>FIN</sub>  
 Você vai beber estes que você fez ficar em jejum para [poderem]  
 comer?

Bn

A forma *ita* está em avançado processo de gramaticalização. Em termos sintáticos, observa-se sua presença mesmo quando o contexto permite fácil identificação de plural, como em (723) e (725). Além disso, em elicitación e em textos escritos — ou seja, quando o falante presta atenção ao registro —, sua presença é praticamente obrigatória, como em (725).

Em termos semânticos, *ita* perdeu o sentido etimológico de ‘muitos’, criando uma noção mais abstrata (e, portanto, mais gramatical) de ‘plural’ — para a noção de ‘muitos’, a língua adotou o empréstimo *mui(ri)* ‘muitos’ (v. 6.2.3.2). Ademais, há em Nheengatú concordância de número entre o sujeito e o verbo, como ilustrado em (723) e (725) acima.

8.1.3.4.7 *Frustrativo*

A partícula *yepe* ‘frustrativo’ foi identificada no Nheengatú por Taylor (2010). O autor a define semanticamente como implicando em uma ação “que se tenta realizar sem lograr fazê-lo”. A forma *yepe* é homófona a *yepe* ‘indefinido’. Diferenciam-se, entretanto, pela posição na sentença. O frustrativo ocorre após o sintagma verbal, modificando-o, enquanto o indefinido ocorre em posição de determinante de um sintagma nominal (v. 6.2.2). Os enunciados (728) a (730) ilustram o uso do frustrativo:

(728)  
 tambui                    pari                    yepe  
 ta-mu-puri  
 3pl<sub>A</sub>-CAUS-pular armadilha.pari FRUSTR  
 Jogaram a armadilha (mas não funcionou)  
 Wr

(729)  
 puranga    yepe            ya-wasemu  
 ser.bonito FRUSTR 1pl<sub>A</sub>-encontrar  
 Achamos que foi relativamente bom.  
 Bn

(730)  
 kui(ri) a-sendu            yepe  
 agora 1sg<sub>A</sub>-escutar FRUSTR  
 Agora mal escuto.  
 Wr

A partícula *yepe* ‘frustrativo’ pode ser combinada a *arã* ‘subordinador de finalidade’, permitindo expressar a modalidade contrafactual (v. 10.2.2.1.5)

8.1.4 *Conjunções e subordinadores*

As conjunções são partículas que permitem conectar orações, sintagmas e palavras. A relação entre os constituintes pode ser do coordenada, ou seja, os termos são considerados funcionalmente equivalentes. As conjunções subordinadoras estabelecem uma relação de dependência sintática entre dois constituintes. Para evitar confusão terminológica, o primeiro grupo será tratado simplesmente como ‘conjunções’ e o segundo como ‘subordinadores’. O Quadro 35 apresenta uma lista das principais conjunções e o Quadro 36, os principais subordinadores.

**Quadro 35: Conjunções (coordenação)**

Conjunção		Origem
ape	adjuntiva / sequencial	<i>aa + upe</i> Demonstrativo + Locativo
asui	posteridade / adjuntiva	<i>aa + sui</i> Demonstrativo + ablativo
aiwã	conclusiva	<i>ae + wã</i> Demonstrativo + perfectivo
nhanse	explicativa	
ma	adversativa	Português <i>mas</i>
agora	ressalva	Português <i>agora</i> (conjunção)
porke	explicativa	Português, <i>porque</i>
u	alternativa	Português, <i>ou</i>

**Quadro 36: Subordinadores e relativizador**

Subordinadores		Origem
soki	concessiva	Português, <i>só que</i>
si	condicional	Português, <i>si</i>
rire	consecutiva	
rame	temporal	
mairame	temporal	<i>maã</i> ‘nome genérico’ + <i>rame</i> , ‘temporal’
pukusa	simultaneidade	<i>puku</i> ‘ser comprido’ - <i>sa</i> ‘nominalizador’
maã	hipotético	<i>maã</i> ‘nome genérico’
waa	relativa	



Na próxima seção, introduziremos brevemente as propriedades dos dois grupos, retomadas posteriormente no capítulo 10.

#### 8.1.4.1 *Conjunções*

A classe das conjunções é a mais influenciada por estruturas não nativas, por essa razão esta seção é dividida em duas subseções: nativa (8.1.4.1.1) e empréstimos (8.1.4.1.2)

##### 8.1.4.1.1 *Conjunções nativas*

As conjunções nativas foram gramaticalizadas a partir de demonstrativos. As conjunções *ape* ‘aí’ e *asui* ‘posterioridade’ são formadas pela combinação do demonstrativo *aʔa* com as posposições *upe* ‘locativa’ e *sui* ‘ablativa’, respectivamente. Já a conjunção *kuarire* ‘depois disso’, *arire* ‘depois daquilo’, são formadas pela combinação dos demonstrativos *kua* ‘demonstrativo próximo’ e *aʔa* ‘demonstrativo’ com a posposição *rire* ‘consecutiva’. O demonstrativo *aʔa* ‘aquele’ não ocorre em isolado no Nheengatú do alto rio Negro, mas manteve-se como vestígio nas formas lexicalizadas de conjunções (v. 6.2.1).

Nos registros do médio rio Negro coletados por Floyd (c.p.) e nas análises de Taylor (2007) baseadas em registros realizados na década de 1980, ocorre ainda a forma *aaape*, [a.'ʔa.pe]. No Nheengatú falado atualmente no Alto rio Negro, a forma fundiu-se como ['a.pe]. No nível morfossintático, observamos que *ape* pode se comportar como um sintagma posposicional a=pe, ‘demonstrativo=locativo’. No entanto, o uso mais frequente de *ape*, é como sequenciador temporal e, mais abstratamente, sequenciador textual. Os diferentes usos de *ape* em análise sincrônica indicam que a forma está passando por um processo bastante comum de gramaticalização em que uma expressão espacial passa a ser usada como sequenciador temporal e aos poucos passa a ser usado mais abstratamente como sequenciador textual. Nos enunciados (731) e (732), observamos *ape* funcionando como localizador espacial. Em (733), a interpretação é ambígua entre localizador espacial e sequenciador temporal. Em (734), observamos o

uso de *ape* como sequenciador temporal. E em (735), *ape* já se apresenta como sequenciador textual, sem necessária referência ao tempo, mas à ideia de conclusão. Embora a conjunção *ape* derive do sintagma locativo *a=pe*, as consideramos como duas formas diferentes.

(731)

panhe mã re-munhã-pa(wa) a=pe  
 todo coisa 2sg<sub>A</sub>-fazer-acabar DEM=LOC  
 Todas as coisas, você faz completamente lá.

Bn

(732)

kua yawuti u-su u-kupi(ri) a=pe  
 DEM<sub>PROX</sub> jabuti 3sg<sub>A</sub>-ir 3sg<sub>A</sub>-roçar DEM=LOC  
 Este jabuti foi roçar lá.

Br

(733)

a=pe re-yu-mbue re-munhã balaiu urupema  
 DEM=LOC 2sg<sub>A</sub>-R/R-ensinar 2sg<sub>A</sub>-fazer balaio peneira  
 Lá, você aprende a fazer balaio e urupema.

Interpretação possível: Aí, você aprende a fazer balaio e urupema.

Br

(734)

aiwã siya akayu u-sasa. /  
 CONJ<sub>CONCL</sub> várias.entidades anos 3sg<sub>A</sub>-passar

ape a-perderi se-kurumĩ ambira  
 CONJ<sub>SEQ</sub> 1sg<sub>A</sub>-perder 1sg<sub>E</sub>-menino falecido

Então, muitos anos passaram. Aí, perdi o menino.

Br

(735)

ya-munhã segunda oficina resgate do Werekena /  
 1pl<sub>A</sub>-fazer segunda oficina resgate do Warekena

ape ya-maã iwasuima piri  
 CONJ<sub>SEQ</sub> 1pl<sub>A</sub>-ver ser.fácil ser.mais

Fizemos a segunda oficina “Resgate do Warekena”. Aí, vimos que é mais fácil.

Br

A forma *aiwã* acumula as funções de ‘existencial iminente’ e ‘conjunção conclusiva’. Como vimos em 8.1.3.3, a partícula foi gramaticalizada a partir da combinação de *ae*, forma de terceira pessoa, etimologicamente derivada de um demonstrativo, e o clítico *wã* ‘perfectivo’. Usada como conector discursivo tem valor de conclusivo, como ilustram os enunciados (736) e (737):

(736)

aiwã ae u-manduai u-kirai FOIRN  
 CONJ<sub>CONCL</sub> 3SG 3sg<sub>A</sub>-lembrar 3sg<sub>A</sub>-criar FOIRN  
 Então, ele teve a idéia de criar a FOIRN.

Br

(737)

aiwã nhaã iskola ti=ya-maã  
 CONJ<sub>CONCL</sub> DEM<sub>DIST</sub> escola NEG=1pl<sub>A</sub>-ver  
 Então, escola, não víamos.

Wr

As conjunções nativas do Nheengatú mais do que estabelecerem uma ligação entre duas orações coordenadas, estruturam partes do discurso.

8.1.4.1.2 *Empréstimos de conjunções*

Além de conjunções nativas, os falantes fazem uso de muitos empréstimos do Português. Parece consensual que conjunções estejam entre as classes de palavra mais susceptíveis a empréstimos, especialmente em situações de bilinguismo unidirecional (cf., por exemplo, Matras 2009). Podemos observar uma hierarquia em que conjunções adversativas seriam mais facilmente passíveis de empréstimos do que adjuntivas: adversativa > alternância > adjunção (*mas* > *ou* > *e*).

A hierarquia observada em comparações tipológicas é também observada no estudo do Nheengatú. Nessa língua, expressões de contraste de diversos graus, tanto adversativas quanto concessivas são encontradas na fala de pessoas cuja fluência em Português é mínima ou inexistente. Como exemplos de conjunções de contraste, podemos citar *ma* do Português *mas*, adversativa mais prototípica da língua fonte, *agora* usado como ‘ressalva’. Em segundo lugar, na hierarquia discutida por Matras (2009), ocorrem as conjunções alternativas. De fato, a forma *u* ‘ou’ também ocorre principalmente com falantes com pouca fluência em Português. Por sua vez, a forma *i*, derivada da conjunção aditiva *e*, foi observada em fala de pessoas que apreenderam o Nheengatú como segunda língua, sendo sistematicamente corrigida pelos falantes nativos. Para os falantes nativos, *e* > *i* deve ser substituído por sintagmas posposicionais com *irũ*, quando se trata de adjunção de sintagmas nominais como ilustrado em (738).

(738)

ape	paa	ai	yawuti	irũ	tau-manduai
CONJ <sub>SEQ</sub>	REP	preguiça	jabuti	COM <sub>INSTR</sub>	3pl <sub>A</sub> -lembrar

tau-munhã	arã	yepé	kupixa /
3pl <sub>A</sub> -fazer	SUB <sub>FIN</sub>	INDF	roça

ape            te        ai            u-su  
 CONJ<sub>SEQ</sub> FOC preguiça 3sg<sub>A</sub>-ir

Aí, diz que a preguiça e o jabuti resolveram fazer uma roça. Aí, diz que a preguiça foi.

Br

Tendo em vista que não é aceita pelos falantes nativos, a conjunção *e* > *i* não pode ser considerada parte do léxico do Nheengatú e, portanto, não será tratada neste trabalho. Em *Sintaxe*, todas as conjunções serão retomadas tendo em conta suas propriedades sintáticas.

#### 8.1.4.2 *Subordinadores*

Subordinadores são marcas especializadas na função de marcar a dependência sintática entre duas orações. Podem ser pospostos ao núcleo do predicado: *pukusa* ‘simultaneidade’, *maã* ‘hipotético’, *waa* ‘relativizador’, *rire* ‘consecutivo’, *runde* ‘temporal de anterioridade’, *irũ* ‘sequência imediata’, *arã*, ‘finalidade’. Um segundo grupo de subordinadores — *mairame* ‘temporal’, *soki* ‘concessiva’, *si* ‘condicional’ — ocorre no início da oração subordinada.

Os subordinadores pospostos tem relação com posposições ou com nomes. É bastante comum que as línguas os mesmos mecanismos formais funcionem como conjunções subordinadoras adverbiais e como adposições (Schachter e Shopen 2008, 51). No entanto, como há mudança de classes de palavras, as glosas são indicadas de maneira diferente da usada em caso de posposição (v. 4.5.1). Os enunciados (739) a (741) ilustram a função subordinadora desses elementos. Os colchetes delimitam a oração subordinada.

(739)

[a-*mbau-pa(wa)*    *rire* ]            *a-kiri*  
 1sg<sub>A</sub>-comer-acabar    SUB<sub>CONSEC</sub>    1sg<sub>A</sub>-dormir  
 Depois de comer, durmo.

Br, elicitado

(740)

[a-*mundeka*    *irũ*                    *kuri*]    *pe-pisika*    *kuri*"  
 1sg<sub>A</sub>-acender    SUB<sub>SEQ.IMED</sub>    FUT    2pl<sub>A</sub>-pegar    FUT  
 Assim que eu acender, vocês pegam.  
 Lit.: Com eu acender, vocês pegam.

Br

(741)

*u-u*                                    *mani-kuera*            [u-*kiri*            *runde*]  
 3sg<sub>A</sub>-comer.beber    mandioca-NGC    3sg<sub>A</sub>-dormir    SUB<sub>ANTER</sub>  
 Bebeu caldo de mandioca antes de dormir.

Br

A forma *arã* ‘subordinador de finalidade’ identifica circunstanciais de finalidade. Como subordinador, ocorre em orações adverbiais de finalidade, que podem ter núcleo verbal ou nominal. O enunciado (742) ilustra o uso em oração adverbial com núcleo verbal, enquanto o enunciado em (743) em predicado nominal.

(742)

*kui(ri)*    *a-mbeu*            [re-*sendu*            *arã*]  
 agora    1sg<sub>A</sub>-contar    2sg<sub>A</sub>-escutar    SUB<sub>FIN</sub>  
 Agora conto para você escutar.

Bn

(743)

puranga a-maã nhaã kunhã  
 ser.bonito 1sg<sub>A</sub>-ver DEM<sub>DIST</sub> mulher

[a-putai se-rimiriku arã]  
 1sg<sub>A</sub>-querer 2sg<sub>E</sub>-esposa SUB<sub>FIN</sub>

É bom ver aquela mulher que quero para ser minha esposa.

Br, elicitado

Os subordinadores têm propriedades comuns a outras partículas, como a propriedade de ser atraído pelo clítico de negação para o núcleo do predicado. Por núcleo do predicado, entendemos o elemento funcional hierarquicamente superior, ou seja, o elemento que tem escopo em outros elementos. Em (744) a (747), observamos os subordinadores atraídos pela a negação<sup>146</sup>.

(744)

[ti=rame re-puraki]  
 NEG=SUB<sub>TEMP</sub> 2sg<sub>A</sub>-trabalhar

ti=re-riku nem manunga(ra)  
 NEG=2sg<sub>A</sub>-ter NEG<sub>CONTR</sub> alguma.coisa  
 Quando você não trabalha, você não tem nada  
 Bn

(745)

ta-maramunha kua yane-iwi rupi  
 tau-maramunha  
 3pl<sub>A</sub>-brigar DEM<sub>PROX</sub> 1pl<sub>E</sub>-terra PERL

mame [ti=waa mã u-watari yand=arã]  
 onde NEG=REL NG 3sg<sub>A</sub>-faltar 1PL=DAT<sub>PROSP</sub>

Brigaram por esta nossa terra, onde não falta nada para nós.

Br

<sup>146</sup> Ver 8.2.3.3 para propriedades do clítico de negação e 11.5, para uma discussão sobre a ordem.

(746)

tau-putai    yepe            tau-tumari    kua            yane    iwi  
 3pl<sub>A</sub>-querer    FRUSTR    3pl<sub>A</sub>-tomar    DEM<sub>PROX</sub>    1pl<sub>E</sub>    terra

[ti=pukusa=re            ya-kua            nemaã]  
 NEG=SUB<sub>SIM</sub>=IMP    1pl<sub>A</sub>-saber    nada

Queriam em vão tomar esta nossa terra, enquanto ainda não sabíamos de nada.

Bn

A propriedade de ser atraído pela negação serve como critério para distinguir o uso como subordinador e como posposição de uma mesma forma. Observamos que a forma *arã* como ‘subordinador de finalidade’ é atraída pelo clítico de negação, como ilustrado em (747). A forma *arã* como posposição ‘dativo prospectivo’ não é atraída pelo clítico de negação, como ilustra o enunciado (748).

(747)

ape            tuyu                    ita    kuxima            u-mbeu  
 CONJ<sub>SEQ</sub>    homem.velho    PL    antigamente    3sg<sub>A</sub>-contar

[ti=arã            re-kuntai    ne-rapixara    mira    rese]  
 NEG=SUB<sub>FIN</sub>    2sg<sub>A</sub>-falar    2sg<sub>E</sub>-próximo    pessoa    RELAT

Aí os velhos antigamente aconselhavam para você não falar mal do teu próximo.

Bn

(748)

ape            ti=tau-meẽ            yand=arã            conselho  
 CONJ<sub>SEQ</sub>    NEG=3pl<sub>A</sub>-dar    1PL=DAT<sub>PROSP</sub>    conselho

Aí, não deram para nós conselho.

Br, elicitado

Um segundo grupo de subordinadores — *mairame* ‘temporal’, *soki* ‘concessiva’, *si* ‘condicional’ — ocorre no início da oração subordinada. No entanto, o condicional *si* ocorre geralmente em



combinação com a forma *rame*. Os enunciados (749) a (751) ilustram o uso dos subordinadores de posição inicial:

(749)

[mairame paa ximiriku u-yereu]  
SUB<sub>TEMP</sub> REP 3sg<sub>E</sub>:esposa 3sg<sub>A</sub>-virar

u-maã yuru rese  
i-yuru  
3sg<sub>A</sub>-ver 3sg<sub>E</sub>-boca RELAT  
Diz que quando a esposa virou, viu na boca dele

(750)

[si=ya-kuntai rame]  
COND=1pl<sub>A</sub>-falar SUB<sub>TEMP</sub>

amu tau-puká yane-rese  
outra.entidade 3pl<sub>A</sub>-rir 1pl<sub>E</sub>-RELAT  
Se falássemos, outro ria de nós.

Br

(751)

ya-sendu ya-sendu  
1pl<sub>A</sub>-escutar 1pl<sub>A</sub>-escutar

[soki ti=ya-compreendei maye-sa]  
SUB<sub>CONCES</sub> NEG=1pl<sub>A</sub>-compreender ser.como-NMZ

Escutar, escutamos, só que não compreendemos o que é dito.

Lit.: Escutamos, escutamos, só que não compreendemos o como.

Wr

#### 8.1.4.2.1 *Processos de gramaticalização que permitiram a emergência dos subordinadores*

Nesta seção, observaremos os processos de gramaticalização que permitiram a emergência dos subordinadores, tendo em vista as diferenças do sistema do Nheengatú com o sistema do Tupinambá. Além dos subordinadores nativos, há empréstimos: *soki* ‘concessivo’ e *si* ‘condicional’.

##### 8.1.4.2.1.1 *Subordinadores de origem posposicional*

Em Tupinambá, as formas *rVme* e *(r)ire* combinavam-se com unidades lexicais marcados por índices pessoais da série estativa. Os pares de estruturas em (752) e (753) permitem comparar os dados do Tupinambá em (a), em que essas marcas exigem IP<sub>E</sub>, aos dados do Nheengatú em (b), língua em que os cognatos exigem IP<sub>A</sub>.

(752)

(a) Tupinambá		(b) Nheengatú		
sje	só-reme	a-su	rame	
1sg <sub>E</sub>	ir-SUB <sub>TEMP</sub>	→	1sg <sub>A</sub> -ir	SUB <sub>TEMP</sub>
Quando eu for...			Quando eu for...	
	(Jensen 1998b, 528; glosas adaptadas)			

(753)

(a) Tupinambá		(b) Nheengatú	
i-pisik-ire		u-pisika	rire
3sg <sub>E</sub> -pegar-SUB <sub>CONSEC</sub>	→	3sg <sub>A</sub> -pegar	SUB <sub>CONSEC</sub>
Depois de pegar		Depois de pegar	
	(Rodrigues e Cabral 2006, 20, glosas adaptadas)		

Rose (2003) observou fenômeno semelhante em Émérillon (família Tupi-Guarani, subgrupo VIII): os subordinadores dessa língua também não exigem que os verbos recebam morfologia da série estativa — série II na terminologia da autora, seguindo Jensen (1998a). Para Rose (em preparação), o processo de reestruturação da

subordinação em línguas Tupi-Guarani teria como ponto inicial a marcação de dependentes como nominalizações não finitas. Em diferentes graus, as línguas da família estariam passando por um processo que a autora define como *re-sententialization* (ressentencialização): processo pelo qual uma nominalização — ou, pelo menos, estruturas subordinadas assimétricas — passariam a permitir marcas de finitude, transformando-se em uma oração subordinada simétrica em relação às orações independentes. Se este é o caso, *rame* e *rire* passaram a funcionar em Nheengatú como subordinadores.

#### 8.1.4.2.1.2 *Subordinadores de origem nominal*

O subordinador *pukusa* ‘simultaneidade’ é inovador em Nheengatú. Trata-se da gramaticalização do nome *pukusa* ‘comprimento’, gerado a partir do verbo estativo *puku* ‘ser comprido’ em sua forma nominalizada *puku-sa* ‘ser comprido-nominalizador’. O enunciado (754) ilustra o uso de *pukusa* como subordinador de simultaneidade. O enunciado (755) permite observar o uso ambíguo de *pukusa* que pode ser entendido em seu sentido etimológico de ‘comprimento’ ou como subordinador ‘enquanto’. Em (756), *pukusa* ‘comprimento’ é necessariamente interpretado como nome, uma vez que ocorre flexionado.

(754)

u-kiri            pukusa    ixe    a-puraki  
 3sg<sub>A</sub>-dormir    SUB<sub>SIM</sub>    1SG    1sg<sub>A</sub>-trabalhar  
 Enquanto ela dorme, eu trabalho.

Br, elicitado



8.2.1 *Propriedades dos clíticos*

Utilizamos critérios levantados por Zwicky e Pullum (1983) para determinar a distinção entre clíticos e afixos.

- *Idiossincrasias morfofonológicas*

Idiossincrasias morfofonológicas são mais características de afixos do que de clíticos. De fato, os clíticos não apresentam idiossincrasias morfofonológicas, enquanto alguns afixos apresentam formas não previsíveis. Por exemplo, o sufixo *-sara* ‘nominalização agentiva’, (em geral, realizado como *-sa*, neutralizando a distinção com *-sa*, ‘nominalização eventiva’) é realizado como *-gara*, em algumas palavras que teriam recebido esse sufixo em estágios anteriores da língua, como em (757):

(757)

u-munhã	[u.mu.'ɲã]	3sg <sub>A</sub> -fazer	ele fez
umunhangara	[u.mu.ɲã.'ga.ra]	3sg <sub>A</sub> -fazer-NMZ <sub>AG</sub>	fazedor
* u-munhã-sara	-----	3sg <sub>A</sub> -fazer-NMZ	

Devido aos processos fusão de afixo à raiz, afixos são mais susceptíveis a terem alomorfes.

- *Idiossincrasias semânticas*

Idiossincrasias semânticas são mais prováveis de ocorrer na classe de afixos do que na de clíticos. Novamente, trata-se de uma característica de afixos derivacionais e não de afixos flexionais.

Um caso clássico de idiossincrasia semântica envolvendo afixos ocorre na relação entre derivação morfológica e supleção. O morfema de causativo, por exemplo, combina-se preferencialmente com verbos intransitivos, cujo argumento único, recebe papel temático de PACIENTE. Um verbo como *manu* ‘morrer’ tem características

semânticas que o tornam facilmente acessíveis ao causativo. Porém, o léxico privilegia uma forma lexical supletiva, *juká* ‘matar’, que bloqueia a combinação de *manu* ‘morrer’ ao causativo.

Também devido ao bloqueio de formas derivadas em caso de supleção, podemos observar uma tendência em Nheengatú a diminuir o uso de morfemas de nominalização (particularmente da ‘nominalização agentiva’). Com a introdução de empréstimos do Português para nomes de profissão e de outras atividades, a nominalização agentiva –*sara*, tende a cair em desuso. Por exemplo, o verbo *puraki* ‘trabalhar’ pode ter como agente *u-puraki-sara*, 3sg<sub>A</sub>-trabalhar-NMZ<sub>AG</sub>, ou o empréstimo *trabalhador* ‘trabalhador’. A tendência é de a forma original ocorrer apenas em textos escritos, enquanto o empréstimo ocorre na fala espontânea.

Processos de supleção e outras idiosincrasias semânticas não ocorrem em relação aos clíticos. Porém, este critério não ajuda a distinguir clíticos de afixos flexionais, uma vez que ambas as classes não são sujeitas ao processo de supleção.

- *Lacunas arbitrárias*

Lacunas arbitrárias em paradigmas são comuns em afixos flexionais e não ocorrem com clíticos. Em Nheengatú, os prefixos da série IP<sub>A</sub> ocorrem com todos os verbos dinâmicos. Porém, por razões semânticas, alguns verbos se restringem à forma de terceira pessoa, como é o caso do verbo *watai* ‘faltar’:

(758)

u-watai    iskola    ike  
3sg<sub>A</sub>-faltar    escola    aqui  
Falta escola aqui.

W<sub>I</sub>

(759)

\*a-watai

\*re-watai

Clíticos não apresentam esse tipo de lacuna. Assim, os clíticos que se combinam com predicados podem se combinar com diferentes tipos de verbos e até com nomes e advérbios, sem que se percebam lacunas.

- *Alguns clíticos são variantes de partículas enquanto afixos jamais variam com formas livres*

Como apresentado em 8.1.1, muitas partículas têm uma variante com propriedades similares às dos clíticos. Como observou Zwicky (1985), muitas vezes, quando se lida com clíticos, está-se tratando de morfemas. As formas longas (partículas) em geral ocorrem ainda na fala de idosos e também em fala pausada. Por exemplo, as formas longas são mais frequentes em sessões de elicitación que em discurso espontâneo. Mas nem todos os clíticos têm forma longa: *ti* ‘negação’, *te* ‘imperativo negativo’ e *ntu* ‘restritivo’ são exemplos de clíticos sem forma longa.

Afixos jamais têm alomorfes em palavras livres: *mu-* ‘causativo’, *yu-* ‘reflexivo / recíproco’ e os índices de pessoa da série dinâmica não têm formas livres. Os índices de pessoa da série estativa emergiram na língua a partir da cliticização dos pronomes livres. Em termos sincrônicos, no entanto, os  $IP_E$  constituem prefixos (v. 4.2.2).

- *Seletividade*

Segundo Zwicky e Pullum (1983), afixos apresentam alto grau de seletividade em relação às raízes as quais se combinam, enquanto clíticos não são tão seletivos. Embora este seja um critério

comumente aceito pela literatura para distinguir clíticos de afixos, observa-se que, em algumas línguas, a distinção entre clíticos e afixos não pode ser feita apenas tendo por base esse critério. Em Nheengatú, os clíticos são pouco seletivos em relação às classes de palavras de seus hospedeiros fonológicos. Porém, alguns afixos são comuns a nomes e a verbos.

Os clíticos *ti* ‘negação’, *re* ‘imperfectivo’, *wã* ‘perfectivo’, *ntu* ‘restritivo’ não impõem restrição de classe de palavra ao seu hospedeiro fonológico. Todos eles podem ocorrer com nomes, com verbos e com advérbios. No decorrer deste capítulo, apresentamos exemplos de cada um dos clíticos em combinação com palavras de diferentes classes.

Os clíticos aspectuais se diferenciam de verbos que ocorrem em estruturas de incorporação verbal (v. 9.3.1). Os verbos que aceitam incorporação selecionam, necessariamente, outros verbos, enquanto os clíticos são menos seletivos. Assim a estrutura de incorporação verbal formada pelo verbo *pa(wa)* ‘acabar’ com outro verbo qualquer é bem formada em (760a), mas é agramatical com nomes (760b) ou advérbios (760c). Já o clítico *wã* ‘perfectivo’ combina-se com elementos de todas as classes de palavras (761a/b/c):

(760)

(a)

u-puka-pa(wa)

3sg<sub>A</sub>-estourar-acabar

Estourou completamente.

(b)

\*miku-pa(wa)

mico-acabar

(c)

\*ike-pa(wa)

aqui-acabar



(761)

(a) Verbo

u-puka=wã

3sg<sub>A</sub>-estourar=PFT

Já estorou.

(b) Nome

pekadu=wã

pecado=PFT

ser já pecado.

(c) Advérbio

ae ike=wã

3SG aqui=PFT

Já está aqui

A alta seletividade de afixos pode ser observada tanto nos de derivação quanto nos de flexão. Por exemplo, os afixos de nominalização *-sa* ‘eventivo’ e *-sa(ra)* ‘agentivo’ são exclusivos de verbos. Aliás, eles são utilizados até como critério principal para a distinção entre nomes e verbos (v. 4.1). Também o prefixo de ‘reflexivo/recíproco’ e o processo morfofonológicos de reduplicação são bastante seletivos no fato de que só se combinam com verbos (v. 7.2). No entanto, a alta seletividade de afixos em relação a clíticos é apenas uma tendência. Alguns afixos ocorrem com mais de uma classe de palavras. Trata-se de uma característica típica das línguas Tupi-Guarani, em que nomes podem funcionar como núcleo de um predicado nominal (4.1). Um dos casos mais típicos é o de *mu-* ‘causativo’ que cria verbos transitivos a partir de nomes, verbos estativos e verbos dinâmicos intransitivos.

(762)

<b>Nome</b>	kuara	buraco	mukuara	esburacar O
<b>Verbo estativo</b>	turusu	ser gigante	muturusu	aumentar O
<b>Verbo dinâmico</b>	yasuka	banhar-se	muyasuka	banhar O

v. 7.1.1, para outros exemplos

Os prefixos de pessoa da série estativa (IP<sub>E</sub>) também se combinam com nomes, posposições e verbos estativos flexionáveis. A maioria das análises sobre línguas da família Tupi-Guarani considera essas marcas como clíticos. No Nheengatú, porém, os IP<sub>E</sub> são compatíveis com todos os nomes e ocorrem apenas com uma subclasse muito pequena de verbos estativos: os verbos estativos flexionáveis (v. 4.4.3.1). Dessa forma, ainda que os IP<sub>E</sub> tenham origem diacrônica em clíticos (e estes, por sua vez, tenham se originado de pronomes livres), na sincronia atual, os IP<sub>E</sub> têm características de afixos. A combinação com ‘verbos estativos flexionáveis’ é apenas resquício de antigos padrões.

- *Afixos estão mais próximos à raiz do que clíticos*

Afixos se combinam a raízes verbais e juntos constituem uma palavra que serve como hospedeiro fonológico de clítico, formando a estrutura CLÍTICO=PREFIXO-PALAVRA ou PREFIXO-PALAVRA=CLÍTICO. Isso porque os prefixos derivacionais e flexionais são combinados às raízes no processo de formação de palavras, diferentemente dos clíticos, que são integrados à palavra pos-lexicalmente. Por isso, clíticos podem se combinar a palavras que já contenham outros clíticos, enquanto afixos não podem. O esquema em (763) apresenta a formação de palavra a partir de processos derivacionais e flexionais e, posteriormente, a combinação com clíticos:

(763)		Regras fonológicas
<b>Léxico</b>	Base lexical	/'paua/ acabar
	Morfologia derivacional	/mu-'paua/ CAUS-acabar
	Morfologia flexional	/u-mu-'paua/ 3sg <sub>A</sub> -CAUS-acabar
	Dado de saída	/u-mu-'paua/
	<b>Sintaxe</b>	Combinação com clítico
Fonética		[ũ.'ba.rã]

### 8.2.2 *Posicionamento e combinação de clíticos*

Em Nheengatú, há próclise e ênclise. Para entendimento da colocação dos clíticos, devemos considerar fatores sintáticos e fonológicos.

O Nheengatú é uma língua que tende a atribuir caso para a esquerda. Algumas evidências desse padrão são: (a) preferência por posições, (b) escopo das partículas flutuantes e dos advérbios sob o constituinte à sua esquerda, (c) realização do genitivo à esquerda do nome determinado, (d) incorporação verbal à esquerda, (e) preferência por partículas subordinadoras que ocorram após o verbo da oração subordinada (o mesmo em relação à partícula de relativa). Entretanto, a ordem de palavras na sentença é SVO — tendência comum em línguas da família Tupi-Guarani sob influência do Português ou do Espanhol (Dietrich 2009). Como a maioria dos clíticos tem provável origem em partículas flutuantes com escopo à esquerda, são realizados como ênclise. Ou seja, obedecem a um padrão totalmente sintático.

Ao tomar como hospedeiro fonológico um elemento à sua esquerda, os clíticos quebram de certa maneira o padrão iâmbico da língua. Quer dizer, embora a língua tenha propriedades iâmbicas, os clíticos, — que por definição são não acentuados —, ocorrem em posição final. Os exemplos (764) a (767) mostram casos de ênclise.

Todos os exemplos são acompanhados de transcrição fonética para que o leitor possa observar a posição do acento.

(764)

(a)  
[pi.sa.'su]  
pissasu  
ser novo  
é novo

(b)  
[pi.sa.'sũ.tu]  
pissasu=ntu  
ser.novo=RESTR  
só é novo

(765)

(a)  
[a.mũ.'dɛ.ka]  
a-mundeka  
1sg<sub>A</sub>-acender  
Acendi (algo)

(b)  
[a.mũ.'dɛ.ka.wã]  
a-mundeka=wã  
1sg<sub>A</sub>-acender=PFT  
Já cendi (algo)

(766)

(a)  
[a.'su]  
a-su  
1sg<sub>A</sub>-ir  
Vou.

(b)  
[a.'su.re]  
a-su=re  
1sg<sub>A</sub>-ir=IMP  
Estou indo (despedida)  
Lit.: Vou ainda.

(767)

(a)  
[a.'wa]  
awa  
NGH  
alguém

(b)  
[a.'wa.ta]  
awa=ta  
NGH=Q  
Quem?

A combinação dos clíticos em ênclise segue a ordem, resumida no esquema (768). Em (769), o verbo *nasei*, ‘nascer’ ocorre sem clíticos em (a), com clítico de ‘restritivo’ e em (c) com ‘imperfectivo’.

Todos os exemplos são acompanhados de transcrição fonética para que se observe a posição do acento.

(768)

PALAVRA=(RESTRIVO)=OUTROS CLÍTICOS

(769)

(a)	(b)	(c)
[u.na.'sej]	[u.na.'sẽ.tu]	[u.na.'sẽ.tu.re]
u-nasei	u-nascer=ntu	u-nasei=ntu=re
3sg <sub>A</sub> -nascer	3sg <sub>A</sub> -nascer=RESTR	3sg <sub>A</sub> - nascer=RESTR=IMP
Ele nasceu	Ele só nasceu	Ele ainda só nasceu

O clítico de negação *ti* 'negação' atrai partículas e clíticos aspectuais para a posição inicial de rema (v. 11.5). Nesse caso, os clíticos aspectuais ocorrem em próclise, criando uma cadeia de clíticos em combinação. O esquema em (770) sumariza a relação dos clíticos com a negação, exemplificada em (771) e (772)<sup>147</sup>. Os clíticos de restritivo e de interrogativo são transparentes a essa regra.

(770)

NEGAÇÃO=CLÍTICOS DE ASPECTO=PALAVRA

(771)

[tʃiã.pe.'su	pe.kũ.'taj]
tí=wã=pe-su	pe-kuntai
NEG=PFT=2pl <sub>A</sub> -ir	2pl <sub>A</sub> -falar
Vocês não vão mais falar.	

<sup>147</sup> Ver 8.2.3.3, para exemplos em enunciados espontâneos.

(772)

[ti.re.ja.mã.'ʔã]

ti=re=ya-mã

NEG=IMP=1pl<sub>A</sub>-ver

Nós ainda víamos

Embora fatores sintáticos se mostrem, em maior grau, imperativos quanto ao posicionamento dos clíticos, há também clíticos que tomam um hospedeiro à direita. Esse padrão seria justamente o esperado em uma língua de padrão iâmbico. São exemplos de cliticização à direita, o alomorfe clítico *wa* [ua] da partícula *waa* ‘relativizador’ (10.2.3), que toma como hospedeiro a partícula de plural *ita*, realizada à direita. A partícula *ita* [i.'ta] cliticizando-se à direita permitiu a emergência dos prefixos de terceira pessoa do plural da série IP<sub>A</sub> e da série IP<sub>E</sub>.

### 8.2.3 *Funções e formas*

As principais funções dos clíticos são a de indicar aspecto, *wã* ‘perfectivo’ e *re* ‘imperfectivo’; e a de indicar a polaridade ou restrição: *ti* ‘negação’, *te* ‘imperativa negativa’ e *ntu* ‘restritivo’. A seguir, apresentamos cada um dos clíticos com suas funções e formas.

#### 8.2.3.1 *Perfectivo*

O clítico *wã* expressa o aspecto ‘perfectivo’ e se combina a qualquer tipo de predicado. Segundo Comrie (1976, 16), “perfectivity indicates the view of a situation as a single whole, without distinction to the various separate phases that make up that situation” [perfectividade indica uma visão da situação como um todo, sem distinção em relação às várias separadas fases que a constituem]. Os enunciados (773) a (775) ilustram o uso do clítico *wã* com predicados verbais dinâmicos, em (776) com predicados verbais estativos, e em (777) com predicados não verbais:

(773)

de repenti paa u-mundeka=wã VUUUUUUUU  
 de repente REP 3sg<sub>A</sub>-acender=PFT barulho de fogo  
 de repente, diz que já acendeu [o fogo] VUUUUUUUU.

Br

(774)

tiã=ya-putai  
 ti=wã=ya-putai yawe=wa  
 NEG=PFT=1pl<sub>A</sub>-querer ser.assim=REL  
 Não queremos mais que seja assim.

Bn

(775)

tiã=awa u-kuntai se-irũ  
 ti=wã=awa  
 NEG=PFT=NGH 3sg<sub>A</sub>-falar 1sg<sub>E</sub>-COM<sub>INSTR</sub>  
 Ninguém mais fala comigo.

Wr

(776)

yawuti i-kuere=wã  
 jabuti 3sg<sub>E</sub>-ser.cansado=PFT  
 O jabuti já estava cansado.

Br

(777)

ike=wã paa ii u-su u-iku  
 aqui=PFT REP água 3sg<sub>A</sub>-ir 3sg<sub>A</sub>-estar  
 Diz que já por aqui, a água estava indo.

Wr

O perfectivo pode ser usado para indicar eventos futuros iminentes, caracterizados pela plena certeza de que vão acontecer.

Metaforicamente, o falante indica um evento ainda não transcorrido como já completamente sucedido, uma vez que ele tem certeza de que vai acontecer <sup>148</sup>. Em (778), o perfectivo combinado com o verbo *su* ‘ir’ na primeira pessoa do plural é usado como convite, em especial, quando se tem certeza de que o convidado (o destinatário do enunciado) deva ir junto com o falante. O mesmo verbo utilizado com ‘imperfectivo’ é usado em caso de despedidas, quando o falante avisa seu interlocutor de está indo embora. Em outras, palavras, o processo de ‘partir’ é representado em seu ponto inicial:

(778)

ya-su=wã

1pl<sub>A</sub>-ir=PFT

Vamos embora!

Contexto: convite para ir embora

(779)

Ya-su=re

1pl<sub>A</sub>-ir=IMP

Vamos embora.

Contexto: despedida

Falantes idosos produzem a forma *wana* /'uana/ ['wã.na]. Como, entretanto, o alomorfe *wã* é mais comumente empregado, será sempre representada a forma curta.

#### 8.2.3.2 *Imperfectivo*

O clítico *re* expressa o ‘imperfectivo’. Na visão de Comrie (1976, 24), “the general characterization of imperfectivity will already be apparent, namely explicit reference to the internal temporal structure of a situation, viewing a situation from within” [a caracterização geral da imperfectividade será a referência explícita à estrutura interna da situação, a visão da mesma de dentro]. Os

<sup>148</sup> Ver 8.1.3.3: O mesmo efeito é causado por *aiwã*, ‘existencial imediato’ e ‘conjunção conclusiva’.



enunciados (780) e (781) ilustram o uso do imperfectivo com predicados verbais dinâmicos. Em (782) e (783), o imperfectivo ocorre com predicados verbais estativos.

(780)

Grasas a Deus ya-riku=re  
 Graças a Deus 1pl<sub>A</sub>-ter=IMP  
 Graças a Deus, ainda tem.

Contexto: Graças a Deus, ainda tem falantes de Warekena

Br

(781)

ti=re=re-pudei re-yawika  
 NEG=IMP=2sg<sub>A</sub>-poder 2sg<sub>A</sub>-abaixar  
 Você não pode se abaixar ainda.

Bn

(782)

primeiru paa u-pisika nhaã puranga=re waa  
 primeiramente REP 3sg<sub>A</sub>-pegar DEM<sub>DIST</sub> ser.bonito =IMP REL  
 Primeiro diz que ele pegou aquela que ainda era bonita.

Br

(783)

ma yawe=re te kuxima  
 CONJ<sub>ADVS</sub> ser.assim=IMP FOC antigamente  
 Mas era ainda assim mesmo antigamente.

Bn

8.2.3.3 *Negação*

O clítico de negação *ti* ocorre em primeira posição do rema, tomando como hospedeiro fonológico o primeiro constituinte à direita. Retomaremos o posicionamento da partícula de negação na primeira posição do rema em 11.5.

(784)

"ti=a-kua"            u-nheê            paa  
 NEG=1sg<sub>A</sub>-saber    3sg<sub>A</sub>-dizer    REP  
 “Eu não sei”, diz que ele disse.

Br

(785)

ape            ti=u-ri  
 CONJ<sub>SEQ</sub>    NEG=3sg<sub>A</sub>-vir  
 Aí, não veio.

Wr

(786)

kua            yane-retama            ti=turusu  
 DEM<sub>PROX</sub>    1pl<sub>A</sub>-território    NEG=ser.enorme  
 Esta nossa terra não é enorme.

Br

8.2.3.4 *Imperativa negativa*

O clítico *te* expressa a ‘imperativa negativa’. Esse clítico toma como hospedeiro o primeiro elemento do verbo à sua direita<sup>149</sup>. Os enunciados (787) a (789) ilustram a forma de imperativa negativa em uso:

<sup>149</sup> Ver 8.1.3.4.4: O clítico *te* [te] ‘imperativo negativo’ diferencia-se da partícula *te* [tɛ] ‘foco’ (v. 8.1.3.4.4) em termos de distribuição e pronúncia.

(787)

te=re-kiri Aline

IMPER<sub>NEG</sub>=2sg<sub>A</sub>-dormir Aline

Não durma, Aline!

Br

(788)

te=re-mbau! kua

IMPER<sub>NEG</sub>=2sg<sub>A</sub>-comer DEM<sub>PROX</sub>

Não coma isto!

Bn, elicitado

(789)

te=pe-munhã

IMPER<sub>NEG</sub>=2pl<sub>A</sub>-fazer

Não façam!

Bn, elicitado

(790)

te=re-manduai re-yuiri

IMPER<sub>NEG</sub>=2sg<sub>A</sub>-lembrar 2sg<sub>E</sub>-voltar

ixe a-sikari a-manduai

1SG 1sg<sub>A</sub>-procurar 1sg<sub>A</sub>-lembrar

Não se lembre de voltar nem eu vou procurar lembrar

Br

Em Nheengatú, não há uma forma gramaticalizada para formar o modo imperativo positivo. Para formar enunciados com valor de imperativa positiva, basta eliminar a forma *te*. Pelo contexto, é possível identificar que as imperativas positivas são formadas usando verbos dinâmicos ou estativos com marcas de segunda pessoa

singular. Os enunciados (791) a (793) ilustram algumas imperativas positivas<sup>150</sup>:

(791)

pe-wapika=ntu            pe-maã  
 2pl<sub>A</sub>-sentar=RESTR    2pl<sub>A</sub>-ver  
 Fiquem só sentados e olhem!  
 Br

(792)

pe-wapika    pe-sendu  
 2pl<sub>A</sub>-sentar    2pl<sub>A</sub>-escutar  
 Sentem e ouçam.  
 Br

(793)

"pe-pui    kuri"    u-nheẽ    paa  
 2pl<sub>A</sub>-pular    FUT    3sg<sub>A</sub>-dizer    REP  
 "Pulem!", diz que ele disse.  
 Br

#### 8.2.3.5 *Restritivo*

O clítico *ntu* tem valor de ‘restritivo’ e, geralmente, é traduzido por ‘só’. Os enunciados, abaixo, ilustram o uso do clítico em sintagmas nominais (794) e (795), verbais (796) e (797), e com expressões adverbiais (798):

(794)

porke    yande ya-kua    yane-nheenga=ntu    ti=u-meẽ  
 CONJ<sub>EXPL</sub> 1PL    1pl<sub>A</sub>-saber    1pl<sub>E</sub>-língua=RESTR    NEG=3sg<sub>A</sub>-dar  
 porque sabermos somente nossa língua, não dá.

Bn

<sup>150</sup> Ver 8.1.2.1: A partícula *ere* ‘afirmativo de incentivo’ pode ser utilizada para reforçar o ato de fala imperativo.

(795)

kuxima ta-resebei roupa=ntu  
 tau-resebei  
 antigamente 3pl<sub>A</sub>-receber roupa=RESTR  
 Antigamente recebiam só roupa.

Wr

(796)

a-uri=ntu a-kuntai pe-irũ pe-su arã  
 1sg<sub>A</sub>-vir=RESTR 1pl<sub>A</sub>-falar 2pl<sub>E</sub>-COM<sub>INSTR</sub> 2pl<sub>E</sub>-ir SUB<sub>FIN</sub>

pe-mukatu(ru) se-kupixa  
 2pl<sub>A</sub>-guardar 1sg<sub>E</sub>-roça

Só vim falar com vocês para vocês irem guardar a minha roça.

Br

(797)

tau-sikie=ntu=wã tau-sika ike  
 3pl<sub>A</sub>-ter.medo=RESTR=PFT 3pl<sub>A</sub>-chegar aqui  
 Já têm medo de chegar aqui.

Br

(798)

kua rupi=ntu ti=ya-mã  
 DEM<sub>PROX</sub> PERL=RESTR NEG=1pl<sub>A</sub>-ver  
 Mas por aqui não víamos.

Wr



---

## SINTAXE

---

Nos capítulos anteriores, levantamos os elementos que constituem a frase em Nheengatú. Nesta *Sintaxe*, descrevemos os mecanismos de combinação dos elementos para a construção das orações. Iniciaremos nossa análise pela definição das propriedades que definem as relações gramaticais. O reconhecimento de um sujeito para as transitivas nos levará a observar uma cisão nos tipos de predicados intransitivos. A divisão dos tipos verbais que funcionam como núcleo de cada tipo de predicado parece estar correlacionada ao aspecto lexical dos verbos (cf. Mithun 1991). Por serem definidas no léxico, apresentamos as classes verbais na *Morfologia* (v. 4.4). Além dos predicados verbais, o Nheengatú permite o estabelecimento de orações com predicados nominais, adverbiais e posposicionais.

Dividimos esta *Sintaxe* em quatro seções. Na seção 9.1, apresentamos a estrutura da oração simples. Na seção 10, fazemos um levantamento das orações complexas, tendo em vista os mecanismos de coordenação e subordinação. Por fim, no capítulo 11, apresentamos algumas considerações sobre a ordem dos constituintes em Nheengatú, tendo em vista uma divisão entre ‘julgamento categórico’ e ‘julgamento tético’.

### 9 Orações independentes

Neste capítulo, faremos uma breve apresentação das relações gramaticais em Nheengatú. Em seguida, apresentaremos os tipos de orações com predicados verbais. E, em seguida, trataremos dos predicados não-verbais.

### 9.1 *Relações gramaticais*

Em todos os capítulos desta gramática, fizemos considerações sobre os conceitos de sujeito e objeto, sem, no entanto, indicar as propriedades que permitem reconhecê-los. Nesta seção, levantamos algumas propriedades do sujeito em Nheengatú tendo em vista as propriedades levantadas por Keenan (1976). As propriedades podem ser divididas em (a) semânticas, (b) codificação, (c) comportamento e controle.

Como em todas as partes da gramática, as propriedades semânticas são estabelecidas em um *continuum*, de modo que ajudam a reconhecer casos prototípicos, mas não permitem definição precisa dos termos. Por essa razão, não as consideraremos para a definição dos conceitos de sujeito e objeto.

As principais propriedades de codificação levantadas por Keenan são a ordem de constituinte e a concordância. Em Nheengatú, a ordem dos constituintes é a propriedade que mais facilmente permite identificar o sujeito em orações transitivas. Quando os argumentos são expressos por sintagmas nominais, a ordem mais frequente é SVO, embora instâncias de VS e OV também ocorram. Nos enunciados abaixo, apresentamos um predicado transitivo SVO em (799) e dois predicados intransitivos SV em (799) e VS, em (801):

(799)

S		V		O	
se-paya	ambira	u-senui-pa(wa)	mui(ri)	mira	ita
1sg <sub>E</sub> -pai	falecido	3sg <sub>A</sub> -chamar-acabar	muito	pessoa	PL

Meu pai falecido chamou muitas pessoas.

Bn



(800)

S                    V  
Nhampirikuli u-yana  
Nhampirikoli 3sg<sub>A</sub>-correr  
Nhampirikoli correu.

Br

(801)

V                    S  
u-ri                kariwa  
3sg<sub>A</sub>-vir        não-indígena  
O branco veio.

Br

Observamos a ordem dos constituintes a partir da análise de 615 sentenças declarativas em três textos que fazem parte do *corpus* desta pesquisa. As 615 sentenças consistiam em 298 intransitivas e 317 transitivas. Entre as transitivas, 229 (72,4%) apresentavam pelo menos um argumento expresso por sintagma nominal. Entre as intransitivas, apenas 111 (37,9%) expressavam o argumento único por um sintagma nominal.

A análise dessas sentenças permitiu observar que a ordem dos constituintes é praticamente fixa para as orações transitivas. Dentre as 229 sentenças transitivas com argumento expresso, a ordem SVO ocorreu em 204 casos (95,7%). A ordem OV, entretanto, também é possível, quando o objeto ocorre tematizado (v. 11.4). Quanto às sentenças intransitivas, a ordem SV ocorreu em 81 casos (73,2%) e VS em 30 sentenças (26,8%). A Tabela 3 sumariza os resultados de análise quantitativa sobre a ordem dos constituintes da sentença:

**Tabela 3: Ordem dos constituintes da oração**

	Sujeito de intransitiva (S)		Sujeito de transitiva (A)		Objeto direto (O)	
pré-verbal	81	73,2%	64	96,9%	9	4,3%
pós-verbal	30	26,8%	2	3,1%	204	95,7%
TOTAL	111	100%	66	100%	213	100%

O critério ordem dos constituintes é muito importante para a identificação do sujeito em Nheengatú, mas não é condição imprescindível. No capítulo 11, discutiremos a ordem SV e VS.

Uma segunda propriedade de codificação que ajuda a identificar o sujeito é a concordância entre este e o verbo. Em Nheengatú, há apenas uma vaga morfológica no verbo para indicar argumento, necessariamente ocupada pelo sujeito. Em verbos transitivos, intransitivos dinâmicos e intransitivos estativos flexionáveis, se o sujeito for expresso, estabelecerá concordância com o índice de pessoa do verbo. Em (802), a concordância se estabelece entre o pronome livre no sintagma nominal em função de sujeito e índice de pessoa no verbo. Nos exemplos a correferência é indicada por *i*.

(802)

Ixe<sub>i</sub> a<sub>i</sub>-wapika a<sub>i</sub>-iku mirá rakanga rese  
 eu 1sg<sub>A</sub>-sentar 1sg<sub>A</sub>-estar arvore galho RELAT  
 Eu estava sentado em um galho de árvore.

Br



(806)

ai u-sika=wã  
preguiça 3sg<sub>A</sub>-chegar=PFT

u-su u-mu-saimbe i-tersado  
3sg<sub>A</sub>-ir 3sg<sub>A</sub>-CAUS-amolar 3sg<sub>A</sub>-terçado  
A preguiça já chegou e foi amolar o terçado dele.  
Br

(807)

(ae) u<sub>i</sub>-senui i-manha u<sub>i</sub>-senui i-paya  
3SG 3sg<sub>A</sub>-chamar 3sg<sub>E</sub>-mãe 3sg<sub>E</sub>-chamar 3sg<sub>E</sub>-pai  
Ela chamou sua mãe, chamou seu pai.

Br

O sujeito é mais acessível às operações de questionamento, focalização, etc. Em Nheengatú, todos os argumentos podem estar sob escopo da partícula *taa* ‘interrogativo’. Porém, se os dois argumentos obrigatórios de um verbo transitivo forem questionados ao mesmo tempo, o sintagma nominal marcado pela partícula *taa* é o sujeito, como ilustra o teste gramatical em (808):

(808)

awa=ta u-maã awa?  
awa taa  
NGH Q 3sg<sub>A</sub>-ver NGH  
Quem viu quem?

Br, elicitado

Em uma nominalização eventiva, o sujeito da sentença básica passa a ser interpretado como sujeito do nome deverbal. Em (809a), apresentamos uma sentença básica com o verbo *kua* ‘saber’. Em (809b), o verbo ocorre nominalizado, mantendo o IP<sub>A</sub>, mas com a interpretação de possessivo (v. 5.3.1)

(809)

(a)

yane-ramunha ambira tau-kua ae  
 1pl<sub>E</sub>-avô falecido 3pl<sub>A</sub>-saber 3SG  
 Nossos avos falecidos sabiam isso.

(b)

ya-kua-sa maye  
 1pl<sub>A</sub>-saber-NMZ ser.como

[yane-ramunha ambira] [tau-kua-sa]  
 1pl<sub>E</sub>-avô falecido 3pl<sub>A</sub>-saber-NMZ

O nosso conhecimento é como o conhecimento dos nossos avos falecidos.

Bn, repetido de (446)

A partir da definição de sujeito, podemos definir objeto como o sintagma nominal que representa um argumento do verbo transitivo e que não é o sujeito.

## 9.2 Orações com predicados verbais

As orações com predicados verbais são constituídas por um verbo e seus argumentos. De acordo com o número de argumentos que selecionam, os predicados verbais são subdivididos em transitivos e intransitivos. Os verbos transitivos selecionam um sujeito (A) e um objeto (O). Os verbos intransitivos selecionam apenas um argumento único (S). Há uma cisão entre predicados verbais intransitivos entre estativos e dinâmicos, que parece ser condicionada pelo aspecto lexical do verbo (cf. Mithun, 1991).

### 9.2.1 Orações com predicados verbais transitivos

Os verbos transitivos dinâmicos são sintaticamente definidos pela capacidade de selecionar dois argumentos — um sujeito (A) e um objeto (O). A indexação do sujeito sobre o verbo dinâmico pelos IP<sub>A</sub> é





(816)  
 tau-supi(ri) ae  
 3pl<sub>A</sub>-carregar 3SG  
 Carregaram ele (o menino).  
 Wr

(817)  
 ti=ta-mbau ae  
 ti=tau-mbau  
 NEG=3pl<sub>A</sub>-comer 3SG  
 Não comeram ele.  
Contexto: Os baniwa não comeram o homem não-indígena  
 Bn

(818)  
 ape paa nhaã mikura u-sere-sereu ae ba?  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP DEM<sub>DIST</sub> mico 3sg<sub>A</sub>-RED~lamber 3SG PROTEST  
 Aí, diz que aquele mico a lambeu sem parar.  
 Br

Quando a referência do objeto é uma entidade intralocutiva, os pronomes pessoais livres são utilizados para identificar o objeto, como ilustrado em (819).

(819)  
 a-senui inde  
 1sg<sub>A</sub>-chamar 2SG  
 Chamei você  
 Br

#### 9.2.1.1 Orações transitivas com três participantes

Por sua configuração sintática, os verbos transitivos permitem indicar até dois participantes, que funcionam como sujeito e como objeto. Há eventos, no entanto, que envolvem três participantes. É o caso dos processos de transferência em que um AGENTE transfere um PACIENTE para um determinado BENEFICIÁRIO. O processo



de transferência pode ocorrer literalmente, como em (820) em que *waimĩ* ‘mulher velha’ literalmente recebe *meyu* ‘beijú’, ou metaforicamente, como em (821), em que *imũ* ‘irmão’ recebe um enunciado:

(820)

ta-meẽ	meyu	waimĩ	supe
tau- meẽ			
3pl <sub>A</sub> -dar	beijú	mulher.velha	DAT <sub>EXTR</sub>

Eles deram beijú para a velha.

(821)

“Kui=ta?”	u-nheẽ	imu	supe
kui(ri)	taa	i-imu	
agora	Q	3sg <sub>A</sub> -dizer	3sg <sub>E</sub> .irmão
			DAT <sub>EXTR</sub>

“E agora?” disse para o irmão dele.

Os verbos *meẽ* ‘dar’, *mundu* ‘enviar’ e alguns verbos de enunciação —, como *nheẽ* ‘dizer’, *mbeu* ‘contar’ — são exemplos prototípicos de predicados que distribuem três papéis temáticos: AGENTE, PACIENTE e BENEFICIÁRIO. Como acontece com outros verbos transitivos, o AGENTE é selecionado como sujeito (A) e o PACIENTE como objeto (O). A maneira pela qual o BENEFICIÁRIO é marcado, no entanto, depende de sua referência ser intra ou extralocutiva. O BENEFICIÁRIO de referência extralocutiva é indicado por um sintagma posposicional de estrutura [[SN] *supe*], chamado de ‘dativo extralocutivo’. O de referência intralocutiva, por sua vez, indicado por pronomes livres combinados à posposição *arã* ‘dativo prospectivo’. Ademais, pronomes não podem ser combinados a *supe*. Compare os enunciados com BENEFICIÁRIO extralocutivo em (820) e (821) acima, com os enunciados que apresentam um beneficiário intralocutivo, como em (822) a (824) abaixo:

(822)

nhaã istoria a-mbeu penh=arã  
 DEM<sub>DIST</sub> história 1sg<sub>A</sub>-contar 2PL=DAT<sub>PROSP</sub>

Aquela história, conto para vocês.

Wr

(823)

manunga(ra) a-kua waa  
 alguma.coisa 1sg<sub>A</sub>-saber REL

a-su a-mu-sasa penh=arã  
 1sg<sub>A</sub>-ir 1sg<sub>A</sub>-CAUS-passar 2PL=DAT<sub>PROSP</sub>

Algo que sei, vou passar para vocês.

Wr

(824)

ne-manha u-meẽ inde x=arã  
 ix=DAT<sub>PROSP</sub>  
 2sg<sub>E</sub>-mãe 3sg<sub>A</sub>-dar 2SG 1SG=DAT<sub>PROSP</sub>

Tua mãe te deu para mim.

Br, elicitado

Nos enunciados apresentados como exemplo nesta seção, os predicados expressavam processos de transferência, porque estes prototipicamente exigem um terceiro participante, o qual recebia papel temático de BENEFICIÁRIO. Virtualmente, porém, qualquer predicado pode contar com a presença de um BENEFICIÁRIO, como ilustrado entre (825) e (826) com BENEFICIÁRIO extralocutivo e em (827) e (828) com BENEFICIÁRIO intralocutivo. Não apenas atividades e processos, mas também estados podem ter um BENEFICIÁRIO, como ilustram os enunciados (829) e (830)<sup>151</sup>.

<sup>151</sup> Ver 4.5.1 para a diferença entre as duas posições.



(829) estado

puranga te kua istudu penh=arã  
 ser.bonito FOC DEM<sub>PROX</sub> estudo 2PL=DAT<sub>PROSP</sub>  
 Está bom mesmo este estudo para vocês.

Bn

(830) estado

ne-maã watai yand=arã  
 NEG<sub>CONST</sub>-NG 3sg<sub>A</sub>-faltar 1PL=DAT<sub>PROSP</sub>  
 Nada falta para nós.

Bn

A possibilidade de qualquer predicado ter um BENEFICIÁRIO sugere que essa entidade não é expressa como ‘objeto indireto’. O Nheengatú, portanto, não tem uma classe de verbos bitransitivos.

### 9.2.2 Orações com predicados verbais intransitivos dinâmicos

Os predicados verbais intransitivos dinâmicos selecionam os IP<sub>A</sub> para expressar o argumento único — Sujeito (S<sub>A</sub>) —, desta forma, a forma finita do verbo por si só constitui uma oração, como ilustrados nos enunciados (831) a (833):

(831)

ya-purasi  
 1pl<sub>A</sub>-dançar  
 Dançamos.

(832)

ya-su=wã  
 1pl<sub>A</sub>-ir=PFT  
 Vamos!

(833)

ape            u-sika            u-kupiri  
 CONJ<sub>SEQ</sub> 3sg<sub>A</sub>-chegar 3sg<sub>A</sub>-roçar  
 Aí, chegou e roçou.

Br

Embora não seja obrigatório, o sujeito ( $S_A$ ) pode ser expresso por um sintagma nominal, que pode ter como núcleo qualquer tipo de nome, seja um pronome pessoal para referência intralocutiva, um pronome de terceira pessoa para referência extralocutiva, ou um nome lexical. Os enunciados abaixo ilustram as possibilidades de representação de  $S_A$  :

- $S_A$  expresso por um pronome pessoal intralocutivo

(834)

ixe    a-puraki            Werekena    ta-irũ  
 1SG 1sg<sub>A</sub>-trabalhar Warekena 3pl<sub>E</sub>-COM  
 Trabalho com os Warekena

Br

(835)

inde    re-yuiri=wã  
 2SG 2sg<sub>A</sub>-voltar=PFT  
 Você já voltou.

Br

- *S<sub>A</sub> expresso por um pronome extralocutivo*

(836)

ae u-su=wã

3 3sg<sub>A</sub>-ir=já

Ele já foi (embora).

Wr

(837)

ae paa u-yupi

3SG REP 3sg<sub>A</sub>-subir

Diz que subiu.

Bn

- *S<sub>A</sub> manifestado lexicalmente*

(838)

yuwi ita tau-nheengai=wã

rã PL 3pl<sub>A</sub>-cantar=PFT

As rãs já cantavam.

Br

(839)

u-sika kuesentu yepe komersiante

3sg<sub>A</sub>-chegar recentemente INDF comerciante

Chegou recentemente um comerciante.

Wr

(840)

kua itá u-wai mikiti

mimi kiti

DEM<sub>PROX</sub> pedra 3sg<sub>A</sub>-cair longe ALAT

Estas pedras caem para lá.

Bn

A ordem SV é mais frequente, entretanto, está relacionada com outros. Os fatores que determinam a ordem dos constituintes são apresentados no capítulo 11.

### 9.2.3 Orações com predicados intransitivos estativos

As orações intransitivas estativas atribuem uma propriedade a uma entidade. Em termos sintáticos, o verbo estativo comporta-se como núcleo do predicado e seleciona um argumento. A ordem dos constituintes é preferencialmente SV, embora VS também seja atestada. O sujeito (So) pode ser expresso por um SN manifestado lexicalmente (841), por um SN com núcleo demonstrativo (842) ou por um SN com núcleo pronome (843):

(841)

kawa-miri      puranga  
caba-DIM      ser.bonito  
A caba pequena era bonita.  
Bn

(842)

puranga=re      ae  
ser.bonito=IMP    3SG  
Ela ainda era bonita.  
Bn

(843)

inde      sasiara  
2SG      ser.triste  
Você está triste.  
Wr, repetido de (293)

Como vimos em 4.4.3, há duas classes de verbos intransitivos estativos. A primeira classe, chamada de intransitivos estativos não flexionáveis, necessariamente indica o sujeito pela justaposição do predicado estativo a um sintagma nominal. Uma segunda classe,

chamada de intransitivos estativos flexionáveis, indica o sujeito por índices de pessoa da série estativa. Os enunciados (844) a (845) ilustram orações intransitivas estativas com verbos flexionáveis:

(844)  
 inde ne-kuere?  
 2SG 2sg<sub>E</sub>-ser.cansado  
 Você está cansada?  
 nota de campo

(845)  
 yande yane-akanhemu  
 1PL 1pl<sub>E</sub>-ser.assustado  
 Nós nos assustamos  
 Br, elicitado

### 9.3 *Orações simples com predicados complexos*

As orações simples com predicados complexos são constituídas por dois ou mais verbos que funcionam como uma construção mono-oracional. Isso significa que os verbos compartilham (a) os mesmos argumentos, (b) as mesmas marcas de tempo, aspecto e modo<sup>152</sup>, (c) a mesma marca de polaridade.

Em Nheengatú, observamos três processos de combinação de verbos que permitem a formação de um predicado complexo: incorporação verbal (9.3.1), construção com verbo auxiliar posposto (9.3.2.1) e construção com verbo auxiliar preposto (9.3.2.2).

<sup>152</sup> Ao indicarmos que o predicado complexo está sob escopo das mesmas marcas de TAM, levamos em consideração tanto marcas adverbiais para tempo quanto clíticos de aspecto e partículas modalizadoras.



9.3.1 *Incorporação verbal*

Uma classe restrita de verbos permite a incorporação de outro verbo, criando estruturas verbais complexas: (IP<sub>A</sub>)-V<sub>1</sub>.V<sub>2</sub>. A relação entre V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> é assimétrica: enquanto o primeiro verbo (V<sub>1</sub>) carrega as informações lexicais como estrutura argumental e o sentido lexical do predicado; o segundo (V<sub>2</sub>) atribui um valor aspectual. Em termos de escolhas lexicais, a posição V<sub>1</sub> pode ser preenchida por qualquer verbo. Na segunda posição, há apenas um grupo bastante restrito de verbos: os dinâmicos, *pa(wa)* ‘acabar’, *putai* ‘querer’, *kua* ‘saber’, e os estativos *pi(ri)* ‘ser mais’, *katu* ‘estar bem’. O complexo formado tem propriedades que o assemelham a compostos: a combinação dos dois verbos é feita de forma contígua, ou seja, nenhum elemento pode interferir entre V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub>; as partes do complexo verbal não flexionam separadamente, nem podem estabelecer relações referenciais com elementos externos. Todavia, não gera uma palavra no léxico. Trata-se de uma incorporação gramatical regular e produtiva. Os enunciados (846) a (866) ilustram construções com verbos que permitem incorporação:

(846)  
a-kua-katu  
1sg<sub>A</sub>-saber-estar.bem  
Sei muito bem.

Wr

(847)  
u-ri-pi(ri)            kawĩ    rese-wara  
3sg<sub>A</sub>-vir-ser.mais    cachaça    RELAT-DNP  
Veio mais por causa da cachaça.

Wr

(848)

kuxima yande puranga-pi(ri)  
 antigamente 1PL ser.bonito-ser.mais  
 Antigamente, nós éramos melhores.

Bn

O complexo formado pelas duas raízes verbais comporta-se como um verbo simples. Na zona prefixal, V<sub>1</sub> seleciona os índices de pessoa, dependendo da subclasse a que pertence. Ademais, o complexo é interpretado como palavra em relação ao posicionamento dos clíticos. Os enunciados ilustram o complexo verbal com elementos proclíticos em (849) e com elementos enclíticos em (850) e (851).

(849)

u-nasei-putai=wã  
 3sg<sub>A</sub>-nacer-querer=PFT  
 Já está para nascer.

Bn

(850)

ti=a-su-kua  
 NEG=1sg<sub>A</sub>-ir-saber  
 Não consigo ir.

Br

(851)

ti=wã=tau-mã-putai  
 NEG=PFT=3pl<sub>A</sub>-ver-querer  
 Não querem mais ver.

Bn

A propriedade de ser interpretado como uma palavra verbal em relação à marca de flexão de pessoa que ocorre prefixada ao complexo e também em relação aos clíticos distingue a estrutura incorporante de

construções com verbo auxiliar. Nas construções com verbos auxiliares, há duplicação do prefixo de pessoa e os clíticos ocorrem necessariamente no primeiro elemento, seguindo a regra geral da língua de que clíticos ocorram na primeira posição do rema (v. 11.5). Em (852), o clítico *wã* ‘perfectivo’ ocorre no verbo auxiliar em uma construção com auxiliar preposto (v. 9.3.2.2). Em (853), ocorre no verbo lexical em uma construção com auxiliar posposto (v. 9.3.2.1).

(852)

u-putai=*wã*            u-puraki  
 3sg<sub>A</sub>-querer=PFT    3sg<sub>A</sub>-trabalhar  
 Ele já quer trabalhar.

Br, elicitado

(853)

ta-pui=*wã*            ta-yuiri            mi(mi)    sui  
 tau-puri=*wã*            tau-yuiri            longe      ALAT  
 3pl<sub>A</sub>-pular=PFT    3pl<sub>A</sub>-voltar    longe

O leitor, no entanto, pode objetar que o verbo *pa(wa)* ‘completar / acabar’ e *katu* ‘estar bem’ não são transitivos e, portanto, não poderiam selecionar um predicado como argumento para ser incorporado. Seuren (1990 e 2002) chama atenção para o fenômeno da pseudocomplementização, definido como o processo pelo qual uma oração subordinada é apresentada como se fosse um complemento de um verbo, que por sua estrutura semântica e lexical não pode selecionar um objeto<sup>153</sup>. Por exemplo, os verbos *like* ‘gostar’ e *go* ‘ir’

<sup>153</sup> Nas palavras do autor, “We speak of pseudocomplementation when we have to do with clausal or sentential structures, an embedded S, which is treated syntactically as if it were a normal S-complement (subject-S or object-S), whereas its semantic role is not that of an S-complement but, rather, one of concomitant, resultative or purposive circumstance or event” [Falamos em pseudocomplementização quando temos uma oração ou estrutura sentencial, um S [argumento único encaixado, que é tratado sintaticamente como se fosse um complemento S normal (sujeito-S [S<sub>A</sub>] ou objeto-S [S<sub>O</sub>]), enquanto seu papel

em Inglês pertencem a classes de valência distintas: enquanto *like* é transitivo, *go* é intransitivo. No entanto, nos enunciados em (854), o verbo *go* seleciona sintaticamente uma oração infinitiva da mesma maneira que o faz o verbo *like*.

(854)  
John likes fishing.  
John went fishing.  
(Seuren 1990, 20)

Utilizando o conceito de pseudocomplementização para o Nheengatú, podemos interpretar que a construção  $IP_A-V_1-pa$  seleciona  $V_1$  como seu pseudocomplemento, de forma paralela ao verbo transitivo *putai*, que seleciona para  $V_1$  um complemento verdadeiro:  $IP_A-V_1-putai$ .

(855)  
ta-yuká-pa(wa)            nhaã            kupixa  
3pl<sub>A</sub>-matar-completar    DEM<sub>DIST</sub>    roça  
Mataram toda aquela roça.  
Lit.: Completaram (de) matar aquela roça.  
Br

(856)  
re-maã te    yande ya-yuiri-**putai**=wã    kua    fabrika sui  
2sg<sub>A</sub>-ver FOC 1PL    1pl<sub>A</sub>-voltar-querer=PFT DEM<sub>PROX</sub> fábrica ALAT  
Veja nós já voltaremos desta fábrica.  
Br

A possibilidade de verbos intransitivos incorporarem um verbo pode ainda ter sido facilitada por serem verbos que atribuem papel temático não-AGENTIVO. É o caso dos estativos *pi(ri)* ‘ser mais’ e *katu* ‘ser bom’. O verbo *pa(wa)* ‘acabar / completar’ é tipicamente um

---

semântico não é o de completo *S*, mas, o de concomitante, resultativo, finalidade de uma circunstância ou evento] (Seuren 1990, 20; tradução livre acrescentada)

verbo dinâmico inativo<sup>154</sup>: (a) favorece causativa morfológica, (b) desfavorece reduplicação, (c) favorece ordem VS (v. 4.4.2)

Uma construção, observada via elicitación com falantes Baré da comunidade de Nova Vida no rio Negro, corrobora a hipótese de que a incorporação verbal é favorecida apenas para verbos que não selecionam AGENTE. Nessa variedade, há uma construção  $IP_A-V_1$ -*mupika*, em que  $V_1$  pode ser qualquer verbo, e *mupika* permite a interpretação do predicado complexo como de valor aspectual ‘durativo’. A forma *mupika* parece ser formada a partir da causativização de *wapika* ‘sentar’, verbo intransitivo cuja base mantém vestígios do morfema [je] ‘reflexivo’ de fases anteriores do desenvolvimento da língua (v. 7.1.2.1). Se este é o caso, um verbo que não pode ser considerado como inativo teria recebido causativo para aumentar sua valência e deste modo poder incorporar. Os enunciados (857) e (858) ilustram a construção<sup>155</sup>:

(857)

a-yana-mupika

1sg<sub>A</sub>-correr-DURATIVO

Não paro de correr.

Br, elicitado

<sup>154</sup> Também em Guajá, foram encontradas estruturas incorporantes com verbos transitivos, estativos e com os intransitivos (prototipicamente inativos) *pá* ‘terminar / acabar’ e *kwá* ‘passar’ (cf. Magalhães (2007) e Salles (2007)).

<sup>155</sup> A construção  $IP_A-V$ -*mupika*, porém, não ocorreu em nosso *corpus* de textos espontâneos e não foi aceita nem mesmo compreendida por falantes da zona urbana. Mais pesquisas para observar o alcance da forma em termos de variação dialetal, serão necessárias para avaliar a produtividade da construção e seu uso. Um ponto favorável à hipótese da construção tenha origem no verbo *wapika* ‘sentar’ é o fato de que o processo de gramaticalização de verbos que expressam o evento ‘sentar’ como ‘durativo’ é encontrado em línguas não aparentadas: em Alyawarra, Djapu Yolngu, Burushaski (Anderson 2006, 371).

(858)

a-kuntai-mupika           Nheengatu  
 1sg<sub>A</sub>-falar-DURATIVO   Nheengatú  
 Não paro de falar Nheengatú.  
                                   Br, elicitado

Em termos semânticos os verbos incorporantes expressam tempo, aspecto e modalidade. Em (859), listamos os verbos incorporantes e as categorias que expressam ao funcionarem como verbos incorporantes:

(859)

pawa	acabar / completar	>>	completivo
putai	querer	>>	futuro iminente
katu	estar bem	>>	intensificador, bem
kua	saber	>>	capacidade

Em Nheengatú, essas raízes, embora sejam comumente encontradas em orações com predicados complexos, mantém suas formas independentes, como ilustram os enunciados (860) a (863)<sup>156</sup>:

(860)

u-pa(wa)    aula ike  
 3sg<sub>A</sub>-acabar aula aqui  
 Acabou aula aqui.  
                                   Br

<sup>156</sup> Em outras línguas da família Tupi-Guarani, raízes verbais em segunda posição V<sub>2</sub> ocorrem como muitas vezes como sufixos de função aspectual. Por exemplo, *putai* gramaticalizou-se como *ta* marca de ‘futuro projetado’ em Guarani do Chaco Boliviano (Bertinetto 2006).

(861)

u-putai        nhaã        tata  
 3sg<sub>A</sub>-querer DEM<sub>DIST</sub> fogo  
 (Ele) quer aquele fogo.

Br

(862)

ti=a-kua                nem                se-rera  
 NEG=1sg<sub>A</sub>-saber NEG<sub>CONTR</sub> 1sg<sub>E</sub>-nome  
 Eu não sabia nem meu nome.

Wr

(863)

inde        ne-katu  
 2SG        2sg<sub>E</sub>-estar bem  
 Você está bem de saúde.

Br, elicitado

O verbo auxiliar *pa(wa)* ‘completar / acabar’ expressa a categoria aspectual de ‘completivo’. Em (864) e (865), *pa(wa)* permite uma interpretação de que um evento ocorreu completamente.

(864)

ya-munhã-pa(wa) kua                missão  
 1pl<sub>A</sub>-fazer-acabar DEM<sub>PROX</sub> missão  
 Terminaram de fazer esta missão.

Lit.: Completaram de fazer esta missão

Br

(865)

ta-u-pa(wa)=wã                u-iku        nhaã        se-mitima  
 3pl<sub>A</sub>-comer.beber-acabar=PFT 3sg<sub>A</sub>-estar DEM<sub>DIST</sub> 1sg<sub>E</sub>-plantação  
 Já estão comendo toda aquela minha plantaçaõ.

Já estão completando de comer esta minha plantaçaõ.

Br

A tradução dada pelos falantes varia entre a expressão quantitativa ‘tudo’ como ilustrado em (864) e a tradução como ‘terminar’ como em (865). A noção expressa por *pa(wa)* é a de que o evento é visto como um todo e foi realizado completamente. Como um evento que foi realizado completamente chegou ao seu final, muitas vezes permite a tradução como ‘acabar’. Na combinação com verbo estativo (866), a noção de completude é ainda mais clara: o predicado verbal estativo [*piranga pawa*] só pode significar que o referente do sujeito, no caso *yakunda* ‘jacundá’, é completamente vermelho. A forma lexical *pawa* ‘completar / acabar’ é geralmente associada a nomes que expressam eventos completos. No entanto, o verbo derivado causativo *mba*, CAUS-acabar, ‘acabar / completar’ só acessa o conceito de ‘acabar’. Por essa razão, nas glosas será indicado como ‘acabar’.

(866)

kua yakunda piranga-pa(wa)  
 DEM<sub>PROX</sub> jacundá ser.vermelho-acabar  
 Este jacundá é completamente vermelho.

Bn

(867)

u-pa(wa) aula ike  
 3sg<sub>A</sub>-acabar aula aqui  
 Acabou aula aqui.  
 Lit.: Completou a aula aqui.

Br

(868)

ape u-pa(wa) feria  
 CONJ 3sg<sub>A</sub>-acabar férias  
 Acabaram as férias.  
 Lit.: Completaram as férias.

Wr



(869)

ae umba yane-sui yane-kultura  
 u-mu-pawa  
 3SG 3sg<sub>A</sub>-CAUS-acabar 1pl<sub>E</sub>-ABLAT 1pl<sub>E</sub>-cultura  
 Ela acabou conosco, com nossa cultura

Bn

O verbo *putai* ‘querer’ pode ocorrer em estruturas incorporantes e também em construções com verbo auxiliar prepostos. Em construções com verbo auxiliar preposto, *putai* ‘querer’ expressa volição. Na estrutura incorporante, *putai* ‘querer’ passa a expressar ‘futuro iminente’. O enunciado (870a), obtido por meio de elicitación, causa estranhamento pragmático no falante, porque a única possibilidade de interpretação é de que o referente de *kua apiga* ‘este homem’ quer morrer. O enunciado (870b) expressa a iminência da morte do referente de *se-manha* ‘minha mãe’ como um evento natural, mas não intencional. Os enunciados em (871) também permitem distinguir entre a expressão da intenção de que ocorra o evento ‘dormir’ em (871a) e a expressão da iminência do evento em (871b):

(870)

(a)

kua apiga u-putai u-manu  
 DEM<sub>PROX</sub> homem 3sg<sub>A</sub>-querer 3sg<sub>A</sub>-morrer  
 Este homem quer morrer.

Br, elicitado

(b)

[se-manha u-manu-putai rame] u-kuntai Nheengatu  
 1sg<sub>E</sub>-mãe 3sg<sub>A</sub>-morrer-querer SUB<sub>TEMP</sub> 3sg<sub>A</sub>-falar Nheengatú  
 Quando minha mãe estava para morrer, falou Nheengatú

W<sub>r</sub>

(871)

(a)

a-putai          a-kiri  
 1sg<sub>A</sub>-querer 1sg<sub>A</sub>-dormir  
 Quero dormir.

Br

(b)

[mui(ri) viagi u-kiri-putai          rame]          u-yaxiu  
 muito    vez    3sg<sub>A</sub>-dormir-querer SUB<sub>TEMP</sub> 3sg<sub>A</sub>-chorar  
 Muitas vezes, quando estava para dormir, chorava.

Br

As construções com *pa(wa)* ‘acabar / completar’, *katu* ‘estar bem’, *piri* ‘ser mais’ são muito mais frequentes que as demais construções, tendo ocorrido em todos os textos de nosso *corpus*. As construções com *putai* ‘querer’, por sua vez, são menos frequentes. As construções com *kua* ‘saber’ e *mupika* ‘durativo’ são raríssimas. Em geral, a construção incorporante com *kua* ‘saber’ tende a ser substituída por construções com os verbos auxiliares de origem não-nativa: *pudei* ‘poder’ e *konsegui* ‘conseguir’, como veremos na próxima seção.

### 9.3.2 Construções com verbos auxiliares

Um segundo tipo de orações simples com predicados complexos é constituído por construções com verbo auxiliar. Estruturalmente, são constituídas por um verbo auxiliar que contribui com um conteúdo mais abstrato, gramatical da oração e por um verbo pleno, que contribui com o conteúdo lexical da construção, incluindo a seleção de argumentos.

Na tipologia proposta por Anderson (2006), o Nheengatú seria uma língua do tipo *doubled*: tanto o verbo auxiliar quanto o verbo principal recebem marca de pessoa, em um processo que pode ser considerado como cópia, uma vez que há obrigatoriamente

correferencialidade entre o verbo auxiliar e o verbo lexical. Como as marcas de tempo, aspecto e modo não são categorias do verbo (v. 11.5), não são relevantes para identificação dos tipos de construções auxiliares em Nheengatú.

Há dois tipos de construções com verbo auxiliar em Nheengatú: (a) CVA com auxiliar posposto e flexão dupla (872), (b) CVA com auxiliar preposto e flexão dupla (873). Abaixo, apresentamos a estrutura de cada um dos tipos de CVA em Nheengatú nos esquemas em (a) e um enunciado, exemplificando em (b):

- *Construção com verbo auxiliar posposto e flexão dupla*

(872)

(a)

IP<sub>A</sub>-V<sub>LEXICAL</sub> IP<sub>A</sub>-AUX

(b)

ta-pui ta-iku

tau-pui tau-iku

3pl<sub>A</sub>-pular 3pl<sub>A</sub>-estar

Estavam pulando

Br

- *Construção com verbo auxiliar preposto e flexão dupla*

(873)

(a)

IP<sub>A</sub>-AUX IP<sub>A</sub>-V<sub>LEXICAL</sub>

(b)  
 u-xai            u-sasa            ara  
 3sg<sub>A</sub>-deixar 3sg<sub>A</sub>-passar dia  
 Deixou passar o dia.  
 Br

Na continuidade desta seção, apresentaremos cada um dos tipos de construções.

### 9.3.2.1 *Auxiliar posposto e flexão dupla*

As construções com verbos auxiliares pospostos com flexão dupla são possíveis com *iku* ‘estar’ e *yuiru* ‘voltar’. O esquema em (874) permite visualizar a estrutura da construção com exemplos em (875)

(874)  
 IP<sub>A</sub>-V<sub>LEXICAL</sub>            IP<sub>A</sub>-AUX  
 V<sub>LEXICAL</sub>-ESTATIVO      IP<sub>A</sub>-AUX  
 IP<sub>E</sub>-V<sub>LEXICAL</sub>-ESTATIVO IP<sub>A</sub>-AUX

(875)  
 a-yana            a-iku  
 1sg<sub>A</sub>-correr 1sg<sub>A</sub>-estar  
 Estou correndo.  
 Br

(876)  
 tenki      ya-sikari            ya-yuiru  
 OBRIG 1pl<sub>A</sub>-procurar 1pl<sub>A</sub>-voltar

awa=ta u-puderi u-m-pinima ae  
 NGH=Q 3sg<sub>A</sub>-poder 3sg<sub>A</sub>-CAUS-ser.colorido 3SG  
 Temos que procurar novamente quem pode escrever isso [o  
 Warekena].

Br

Como o grau de gramaticalização dos auxiliares são diferentes, apresentaremos primeiramente o auxiliar *iku* ‘estar’ e, em seguida, *yuir* ‘voltar’.

- *Construções com verbo auxiliar de contingência ou progressivo*

As construções com verbo *iku* ‘estar’, indicam a contingência de um estado ou o a progressividade de um evento dinâmico. Os enunciados em (877) e (878) ilustram construções com *iku* ‘estar’. Em (878), os clíticos de aspecto (perfectivo) e negação têm como hospedeiro fonológico o verbo lexical, mas têm escopo na oração como um todo.

(877)  
 ma=ta re-munhã re-iku?  
 mã taa  
 NG Q 3sg<sub>A</sub>-fazer 3sg<sub>A</sub>-estar  
 O que você está fazendo?

Br

(878)  
 ti=wã=u-aguentai u-iku  
 NEG=PFT=3sg<sub>A</sub>-aguentar 3sg<sub>A</sub>-estar  
 Não estava aguentando mais.

Wr

Associado a verbos estativos, *iku* ‘estar’ indica que a propriedade atribuída pelo predicado estativo é contingente<sup>157</sup>. Os pares de enunciado em (879) e (880) comparam orações com verbos intransitivos estativos sob escopo do auxiliar *iku* ‘estar’ e sem o auxiliar.

(879)

(a)

kui(ri) puranga u-iku  
 agora ser.bonito 3sg<sub>A</sub>-estar  
 Agora está bom

Wr

(b)

ae puranga  
 3SG ser.bonito  
 Isso é bom.

Bn

(880)

(a)

se-ruri a-iku  
 1sg<sub>E</sub>-ser.alegre 1sg<sub>A</sub>-estar  
 Estou alegre.

Br

(b)

kunhã-kariwa suri  
 mulher-não.indígena 3sg<sub>E</sub>.ser.alegre  
 A mulher branca é alegre.

Br

<sup>157</sup> A interpretação de *iku* como indicando a atribuição de um predicado contingente também é observada quando *iku* seleciona como complemento um sintagma nominal (v. 9.4.4). Nesse caso, porém, *iku* não funciona como verbo auxiliar, mas como verbo principal.

Na posição de verbo lexical, podem ocorrer predicados complexos. O enunciado (881) ilustra o verbo *iku* com escopo em uma construção com verbo auxiliar, criando a estrutura  $[[IP_A-V_{AUXILIAR} IP_A-V_{LEXICAL}] IP_A-iku]$ . Em (882), observamos *iku* com escopo em um predicado, formado por incorporação verbal:

(881)

ape            ya-su=wã        ya-perdei        ya-iku        tempu  
 CONJ<sub>SEQ</sub> 1pl<sub>A</sub>-ir=PFT 1pl<sub>A</sub>-perder 1pl<sub>A</sub>-estar tempo  
 Aí, vamos estar perdendo tempo.

Br

(882)

ta-u-pa=wã                            u-iku        nhaã        se-mitima  
 3pl<sub>A</sub>-comer-acabar=PFT 3sg<sub>A</sub>-estar DEM<sub>DIST</sub> 1sg<sub>E</sub>-plantação  
 Já estão comendo completamente aquela minha plantação

Br

A capacidade de *iku* modificar predicados já formados com auxiliar indica que *iku* pode ser entendido como um predicado que tenha escopo sobre outros predicados, funcionando de forma semelhante a advérbios e a partículas. De fato, há uma tendência na fala de jovens de reanalisar *iku* como uma partícula, cuja função gramatical seria marcar o aspecto ‘progressivo’. Reanalizada como partícula, *iku* perde as propriedades flexionais, como ilustram os enunciados (883) a (885):

(883)

a-kupiri=ntu                            iku  
 1sg<sub>A</sub>-roçar=RESTR    estar > progressivo  
 Estou só roçando.

Br

(884)

yawe=rã                    a-kuntai    iku                    yawe  
 ser.assim=SUB<sub>FIN</sub> 1sg<sub>A</sub>-falar    estar > progressivo    ser.assim  
 por isso, estou falando assim.

Br

(885)

ma                    yande    ate    kui(ri)  
 CONJ<sub>ADVS</sub> 1PL    até    agora

yawe=ntu                    te    ya-pita    iku  
 ser.assim=RESTR FOC 1pl<sub>A</sub>-ficar    estar > progressivo  
 Mas nós até agora estamos ficando assim mesmo.

Wr

- *Construções com o verbo auxiliar de movimento*

Um segundo verbo em processo de gramaticalização de verbo pleno para verbo auxiliar ou mesmo advérbio é o verbo *yuirí* ‘voltar’. Como verbo pleno, *yuirí* ‘voltar’ seleciona um argumento único (S<sub>A</sub>) que é necessariamente indicado por IP<sub>A</sub> no verbo, como pode ser observado nos enunciados (886) e (887).

(886)

ape                    paa    u-yuirí=wã                    s-uka                    kiti  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP 3sg<sub>A</sub>-voltar=PFT 3sg<sub>E</sub>-casa ALAT  
 Aí, diz que ele voltou para casa.

Br



(887)

ti=ta-mbau            ae    ate    u-yuiri  
 ti=tau-mbau  
 NEG=3pl<sub>A</sub>-comer    3SG    até    3sg<sub>A</sub>-voltar  
 Não comeram isso até ele voltar

Bn

Em posição pós-verbal, o verbo *yuiri* passa a funcionar como um auxiliar, que indica a repetição de um evento, podendo ser traduzido como ‘novamente’. O verbo *yuiri* ‘voltar’, flexionado com IP<sub>A</sub>, cópia da flexão do verbo lexical, tem valor ambíguo: alguns falantes o traduzem como equivalente ao gerúndio do Português, indicando que a ação de voltar seria simultânea à outra ação, expressa pelo primeiro verbo; outros falantes, porém, traduzem a expressão por ‘voltar’. Essa ambiguidade é exemplificada pelos enunciados (888) e (889) abaixo:

(888)

tenki    ya-sikari            ya-yuiri  
 OBRIG    1pl<sub>A</sub>-procurar    1pl<sub>A</sub>-voltar

awa=ta    u-puderi            u-m-pinima                            ae  
 NGH=Q    3sg<sub>A</sub>-poder    3sg<sub>A</sub>-CAUS-ser.colorido    3SG

Temos que procurar novamente quem pode escrever isso (o Warekena).

Interpretação possível: Temos que voltar a procurar quem pode escrever isso

Br

(889)

ta-pui=wã            ta-yuiri            misui  
 tau-puri=wã            tau-yuiri            mimi    sui  
 3pl-pular=PFT    3pl<sub>A</sub>-voltar    longe    ABLAT

yuwi ita ta-nheengai=wã ta-yuiri  
 tau-nheengai=wã tau-yuiri  
 rã PL 3pl<sub>A</sub>-cantar=PFT 3pl<sub>A</sub>-voltar

Já pulavam vindo de lá. As rã já vinham cantando (cantavam de novo).

Br

Há, porém, uma tendência de que *yuiri* ‘voltar > novamente’ ocorra sem índices de pessoa. Nesse caso, a única interpretação disponível é a de advérbio que expressa ‘novamente’. Por essa razão, ainda que as formas sejam ligadas e homófonas, a forma *yuiri* incapaz de flexionar, é analisada como advérbio ‘novamente’. Os enunciados (887) e (892) ilustram o uso de *yuiri* como ‘novamente’. Em (892), *yuiri* ocorre duplamente como verbo pleno e como ‘novamente’:

(890)  
 u-yenũ yuiri  
 3sg<sub>A</sub>-deitar novamente  
 Deitou novamente.

Wr

(891)  
 u-paka yuiri u-su=wã yuiri  
 3sg<sub>A</sub>-acordar novamente 3sg<sub>A</sub>-ir=PFT novamente  
 Acordou novamente e foi embora novamente.

Br



(c)

Tau-su yepe ta-mbeu xupe  
 i-supe  
 3pl<sub>A</sub>-ir FRUSTR 3pl<sub>A</sub>-contar 3sg<sub>E</sub>-DAT<sub>EXTR</sub>  
 Eles vão em vão contar para ele.

Bn

(894)

(a)

pe-pudei pe-senui se-tutira ita ike  
 2pl<sub>A</sub>-poder 2pl<sub>A</sub>-chamar 1sg<sub>E</sub>-tio PL aqui  
 Podem chamar meus tios aqui.

Wr

(b)

ti=ya-pudei ya-kuntai  
 NEG=1pl<sub>A</sub>-poder 1pl<sub>A</sub>-falar  
 Nao podíamos falar.

Br

(c)

tau-munhã mita  
 3pl<sub>A</sub>-fazer jirau

tau-puderi arã tau-yutika nhaã mirá  
 3pl<sub>A</sub>-poder SUB<sub>FIN</sub> 3pl<sub>A</sub>-derrubar DEM<sub>DIST</sub> árvore  
 Fizeram um jirau para poder derrubar aquela árvore.

(Cordeiro, Ms.)

(895)

(a)

ai=te a-putai a-purandu ne-sui  
 3SG=FOC 1sg<sub>A</sub>-querer 1sg<sub>A</sub>-perguntar 2sg<sub>E</sub>-ABLAT  
 Isso mesmo, quero perguntar de você.

Wr

(b)  
 tiã=u-putai                      u-puraki  
 ti=wã-u-putai  
 NEG=PFT=3sg<sub>A</sub>-querer    3sg<sub>A</sub>-trabalhar  
 Não quis mais trabalhar.

Wr

(c)  
 u-putai=wã                      u-puraki  
 3sg<sub>A</sub>-querer=PFT    3sg<sub>A</sub>-trabalhar  
 Ele já quer trabalhar.

Br, elicitado

Embora tanto o verbo auxiliar quanto o verbo lexical sejam flexionados por índices de pessoa, apenas o verbo auxiliar é totalmente finito, havendo cópia da flexão. Por meio de testes de gramaticalidade em (896) a (898), podemos observar que as marcas de aspecto necessariamente se ligam ao verbo auxiliar, ou mais precisamente ao primeiro elemento da construção:

(896)  
 \*a-su    a-kuntai=wã    Nheengatú  
 1sg<sub>A</sub>-ir    1sg<sub>A</sub>-falar=PFT    Nheengatú  
 Vou falar já Nheengatú

(897)  
 \*a-putai    a-purandu=wã  
 1sg<sub>A</sub>-querer    1sg<sub>A</sub>-perguntar=PFT  
 Já quero perguntar

(898)  
 \*a-pudei    a-purandu=wã  
 1sg<sub>A</sub>-poder    1sg<sub>A</sub>-perguntar=PFT  
 Posso perguntar já

Os enunciados (896) a (898) são possíveis com pausa entre os verbos, que pode ser inclusive reforçada por uma conjunção como *ape* ‘e’. Nesse caso, passa a ser interpretada como duas orações: “Eu vou (lá) e já falo Nheengatú”; “Eu quero, eu já pergunto” e “Eu posso, eu já pergunto”.

#### 9.4 *Orações com predicados não-verbais*

Em Nheengatú, predicados não-verbais são expressos diretamente pela simples justaposição ao sujeito, sem que haja necessidade da intervenção de um elemento verbal, ou seja, sem necessidade de cópula. Isso acontece, porque nessa língua todas ou quase todas as entradas lexicais podem assumir a função de predicado. Em termos semânticos, podemos reconhecer três tipos de orações criadas por predicados não-verbais: orações existenciais; orações nominais (inclusivas e equativas) e orações adverbiais. Abaixo apresentamos exemplos de cada um dos tipos semânticos de orações não-verbais, cujos detalhes serão retomados nas próximas seções:

(899) Oração existencial

aikue yepe kaverna

EXIST INDF caverna

Há uma caverna.

Br

(900) Oração nominal inclusiva

ixe kurripaku

1SG etnia

Eu sou Kurripako.

Bn

(901) Oração nominal equativa

kua Bento yane-profesor

DEM<sub>PROX</sub> Bento 1pl<sub>E</sub>-professor

Nosso professor era este Bento.

Br

(902) Oração adverbial

ta-renda(wa) kaa rupi

3pl<sub>E</sub>-sítio mato PERL

O sítio deles era pelo mato.

Wr

#### 9.4.1 Orações existenciais

A função das orações existenciais mais do que simplesmente asseverar a existência de uma entidade, é a de destacar uma entidade de modo a fazê-la dominar o discurso subsequente (Franchi, Negrão e Viotti 1998). Trata-se, portanto, de uma construção especializada em introduzir ‘tópicos discursivos’ (Givón 2001)<sup>159</sup>. Em termos sintáticos, as orações existenciais são formadas por um elemento funcional — *aikue*, *aiwã*, *xukũi* — que selecionam como argumento um sintagma nominal<sup>160</sup>. Este comporta o núcleo lexical da predicação, mas necessita do elemento funcional para instituí-la. O esquema em (903) permite visualizar a estrutura formal das orações existenciais. Os enunciados (904) a (906) ilustram existenciais simples; os enunciados (907) a (909) ilustram existenciais iminentes; e os enunciados (910) e (911) ilustram existenciais concretas ou apresentativas.

<sup>159</sup> O termo ‘tópico discursivo’ é utilizado para tratar de uma entidade que domina o discurso como um todo, o tema residente.

<sup>160</sup> Ver 8.1.3.3, para propriedades das partículas existenciais.

(903)

*aikue* [SN<sub>INSTITUÍDO</sub>]*aiwã* [SN<sub>INSTITUÍDO</sub>]*xuküi* [SN<sub>INSTITUÍDO</sub>]

- *Existencial: aikue*

(904)

*aikue* ta-renda tuyu ambira  
 EXIST 3pl<sub>E</sub>-sítio homem.velho falecido  
 Havia sítios dos velhos falecidos.

Wr

(905)

ike kuxima *aikue* yepe mirá  
 aqui antigamente EXIST INDF árvore  
 Aqui, antigamente, havia uma árvore.

Wr

(906)

*aikue=wã* ma=rupi u-nasei arã taina  
 EXIST=PFT NG=PERL 3sg<sub>A</sub>-nascer SUB<sub>FIN</sub> criança  
 Já há por onde nascer a criança.

Bn

- *Existencial iminente: aiwã*

(907)

*aiwã* pituna  
 EXIST<sub>IMIN</sub> noite  
 Eis a noite

Br, elicitado



(908)

Prontu! aiwã mayuwa

INTJ EXIST<sub>MIN</sub> majuba

Pronto! já vai ser majuba!

Wr

(909)

aiwã te nhaã

EXIST<sub>MIN</sub> FOC DEM<sub>DIST</sub>

Aquilo está mesmo para acontecer/existir

Br

- *Existencial concreto*

(910)

xukũi i-makira aiwa

EXIST<sub>CONCR</sub> 3sg<sub>E</sub>-rede ser.estragado

Eis aqui a rede suja dele.

Br

(911)

xukũi pukura

EXIST<sub>CONCR</sub> uva.preta

Eis aqui uva.

Bn

A função apresentativa predomina nas orações existenciais do Nheengatú tem duas consequências pragmáticas. A primeira, conhecida na literatura como ‘efeito de definitude’, é relativamente fraca em Nheengatú. A segunda é a tendência pragmática de desfavorecer a realização de orações existenciais negadas. As próximas seções serão dedicadas à análise dessas duas questões.

9.4.1.1 *Efeito pragmático: a ausência de existenciais negados*

Em termos sintáticos, as partículas de existencial funcionam como núcleo do predicado e, portanto, são hospedeiras dos clíticos de aspecto, como ilustrado em (906) acima. A negação *ti* pode ocorrer proclítica à partícula de existencial, como ilustrado nos enunciados elicitados em (912) e (913) e no enunciado em (914), retirado de um texto escrito:

(912)

ti=aikue            patawa            ike  
 NEG=EXIST fruta.bacaba aqui  
 Não tem bacaba aqui.

Br, elicitado

(913)

tiã=aikue                            kariwa            ita  
 ti=wã=aikue  
 NEG=PFT EXIST não.indígena PL  
 Não tem mais não-indígenas.

Br, elicitado

(914)

ti=aikue            mã  
 NEG=EXIST NG

Não tem as coisas.

(Magistério Indígena - Pólo Nheengatú 2008, 7)

O fato de encontrarmos orações existenciais negadas em elicitação e em textos escritos indica que a construção é perfeitamente gramatical. Entretanto, em nosso *corpus*, pudemos verificar apenas uma ocorrência de predicados existenciais negados, reproduzida em (915):

(915)  
 ape            tiã=aikue            kaxoeira  
                   ti=wã=aikue  
 CONJ<sub>SEQ</sub> NEG=PFT=EXIST    cachoeira  
 Ai não tinha mais cachoeira

Wr

Para verificar se não era apenas um hiato em nosso *corpus*, discuti a questão com o pesquisador Simeon Floyd, que documentou o Nheengatú falado em Santa Isabel da Cachoeira, se ele teria exemplos naturais de existenciais negados. Os dados de Floyd vão na mesma direção, não parece ser comum o uso de negação de existenciais. No *corpus* oral de Floyd há apenas uma ocorrência<sup>161</sup>, reproduzida em (916).

(916)  
 ta-maã    paa    kunhãtai    paa    u-sika            u-maã  
 tau-maã  
 3pl<sub>A</sub>-ver    REP    garota            REP    3sg<sub>A</sub>-chegar    3sg<sub>A</sub>-ver  
  
 i-paya    paa    u-sika            u-maã,    ti=aikue  
 3sg<sub>E</sub>-pai    REP    3sg<sub>A</sub>-chegar    3sg<sub>A</sub>-ver    NEG=EXIST

Diz que viram; diz que as garotas chegaram e viram; diz que o pai dela chegou e viu, não havia.

(Floyd, c.p., dado colhido em Santa Isabel da Cachoeira)

Para entender a quase ausência de orações existenciais negadas, é preciso entender a função discursivas das orações existenciais. Conforme observou McNally (1997, 4), haveria uma forte “intuição” entre os linguistas de que as construções existenciais (não negativas e não modalizadas) seriam usadas para introduzir um

<sup>161</sup> A busca do pesquisador restringiu-se a existenciais com *aikue*. Agradeço a Floyd por compartilhar comigo seus dados de existenciais.

referente discursivo persistente<sup>162</sup> — o qual chamamos de ‘tópico discursivo’.

Essa função apresentativa<sup>163</sup> é de tal forma inerente aos predicados existenciais que se observa uma antipatia por orações existenciais negadas. Em termos morfossintáticos, observamos que o clítico de negação *ti* pode ter escopo um predicado existencial, tanto que orações com *ti=aikue* emergem facilmente em sessões de elicitación. Ou seja, orações existenciais negadas são gramaticais. Todavia, no uso espontâneo da língua, orações existenciais negadas são raríssimas, justamente porque elas não apresentam referentes novos.

Em discurso espontâneo, uma predicação sobre a inexistência de uma entidade é feita a partir de uma construção idiomática em que o verbo *maã* ‘ver’, ocorre necessariamente flexionado para primeira pessoa plural *ya-* e o objeto é movido para a posição inicial. O esquema em (917) permite visualizar a estrutura formal dessas orações, exemplificado pelos enunciados em (918) e (919):

(917)  
 [SN]<sub>OBJETO</sub>            *ti=ya-maã*  
 entidade inexistente    NEG=1pl<sub>A</sub>-ver  
 X, não vemos.

(918)  
*kuxima*            *relogiu*    *ti=ya-maã*  
 antigamente    relógio    NEG=1pl<sub>A</sub>-ver  
 Não havia relógio antigamente.  
 Lit.: Antigamente, relógio, não víamos  
Wr

<sup>162</sup> Nas palavras de McNally (1997, 4), “the ostensibly conflicting intuition that the existential construction is used to introduce a (persistent) discourse referent is equally strong”.

<sup>163</sup> Utilizamos o termo ‘função apresentativa’, conforme proposto por Franchi, Negrão e Viotti (1998)

(919)

pai ita yane-retama tiã=ya-maã  
 ti=wã= ya-maã  
 padre PL 1pl<sub>E</sub>-região NEG=já 1pl<sub>A</sub>-ver

Não há mais padres da nossa região.

Lit.: Padres da nossa região, não vemos mais.

Bn

Os enunciados acima foram produzidos por falantes monolíngues em Nheengatú e depois transcritos e traduzidos com auxílio de falantes bilíngues Nheengatú e Português. No processo de tradução, os informantes sempre davam como primeira sugestão uma existencial em Português, do tipo “Não tinha relógio antigamente”. Ainda assim, não podemos considerar a expressão como totalmente lexicalizada. Os falantes também podem colocar como tema outros constituintes, por exemplo, circunstanciais, e não necessariamente o objeto. Este é o caso do enunciado em (920) abaixo:

(920)

ike ti=ya-maã mira ita porke ti=ya-maã igara  
 aqui NEG=1pl<sub>A</sub>-ver pessoa PL CONJ<sub>EXPL</sub> NEG=1pl<sub>A</sub>-ver canoa  
 Aqui não havia gente, porque não havia canoa.

Lit.: Aqui não víamos pessoas, porque não víamos canoa.

Br

As construções com verbo *maã* ‘ver’ parecem ter emergido por influência do *stratum* Arawak. Em Baniwa, existenciais ocorrem pela justaposição de uma forma de ‘apresentador’, que carrega o núcleo funcional do predicado, e um sintagma nominal, que carrega o núcleo lexical (v. 8.1.3.3). Para negar a existência de uma entidade, entretanto, utilizam uma construção com o verbo *kapa* ‘ver’, com objeto tematizado. A ordem do Baniwa, assim como a do Nheengatú é SVO, mas nas construções em que o verbo ‘ver’ assume o valor de existencial, o objeto é movido para a esquerda (posição de tema). Em (921), reproduzimos um exemplo de Taylor em que o autor traduz

uma construção com verbo *kapa* ‘ver’ em Baniwa por uma existencial em Português, acrescentamos uma tradução literal. Em (922), reproduzimos um enunciado Baniwa em que o objeto é tematizado em uma negativa:

(921)

ñame-ketsa pa-kapa            pantti  
 NEG-?        impessoal-ver    casa  
 Não havia mais a casa  
 Lit.: Não se vê mais a casa

(Taylor 1993, 172; tradução literal acrescentada)

(922)

hriá rru-íniri                    iñaime        ñame    pa-kapâni  
 este 3feminino-marido    demônio    NEG    IMP-encontrar  
 O marido dela — o demônio — não se encontrava.

(Taylor 1993, 174)

A análise das estruturas existenciais do Nheengatú como tendo origem no *substratum* Arawak, no entanto, depende de estudos descritivos mais aprofundados sobre as construções com verbo *pa-kapa*, ‘impessoal-ver’ em Baniwa, e possivelmente dos cognatos em Baré e Warekena. Depende também de um detalhamento funcional das partículas apresentativas do Baniwa.

#### 9.4.1.2 *Efeito de definitude*

Nas produções de cunho gerativista, costuma-se mencionar o ‘efeito de definitude’, segundo o qual os sintagmas nominais com determinantes de valor quantitativo forte (em Português, *todo, todos os, cada, a maioria de*, etc), assim como nomes próprios e pronomes estariam excluídos da posição de argumento de um predicado existencial. Entretanto, observa-se que em Português Brasileiro<sup>164</sup> e

<sup>164</sup> O mesmo tipo de construção foi considerada agramatical por falantes nativos de Português europeu.

em Nheengatú, é possível construir orações em que o complemento do predicado existencial é constituído por um sintagma nominal definido.

Como já mencionado, as orações existenciais apresentam e destacam um referente novo. A consequência lógica dessa função apresentativa é que o predicado existencial, ao selecionar seu complemento, privilegie um referente não apresentado anteriormente. Assim, sintagmas indefinidos são candidatos naturais para a posição de complemento de existencial, por não violarem a condição de novidade-familiaridade (Viotti 2002, 151), como exemplificam os enunciados apresentados como exemplo na seção anterior.

Segundo Viotti (2002), essa preferência por sintagmas indefinidos não exclui necessariamente a possibilidade de que um SN definido seja introduzido por uma oração existencial. Em Português Brasileiro, por exemplo, “a maioria dos casos que ilustram o uso de NP [sintagmas nominais] definidos em sentenças existenciais apresentam um conjunto de conhecimento compartilhado estabelecido dentro do próprio NP” (Viotti 2002, 146). Assim, utilizando os exemplos da autora “Tinha o contorno de um homem” é ininterpretável, mas “Tinha o contorno de um homem por trás dessa pintura” é bem formada, porque a expressão locativa (sublinhada) ajuda o ouvinte a estabelecer a referência.

Em Nheengatú, é perfeitamente gramatical o uso do existencial *aikue* com sintagmas nominais, nucleados por pronomes (923), por nomes próprios, tanto *stricto sensu*, como em (924) e (925), quanto *lato sensu*, ou seja, “designação de um objeto singular” (Frege 1948[1892]), como em (926). Porém, para que um sintagma nominal definido seja utilizado como complemento de predicado existencial, utilizam-se sintagmas posposicionais e advérbios de valor locativo que permitem que o interlocutor seja capaz de interpretar a referência.

(923)

aikue yande ike  
 EXIST 1PL aqui  
 Tem nós aqui.

Bn

(924)

aikue yane-profesor Bento kuxima ike  
 EXIST 1pl<sub>E</sub>-professor Bento antigamente aqui  
 Tinha nosso professor Bento aqui antigamente.

Wr

(925)

aikue te paa Barra upe  
 EXIST FOC REP Manaus LOC

nhaã waimĩ irmã Tereza  
 DEM<sub>DIST</sub> mulher.velha freira Tereza

Diz que tem mesmo em Manaus aquela velha Irmã Tereza.

Bn

(926)

aikue se-kunhara ike  
 EXIST 1sg<sub>E</sub>-cunhado aqui  
 Tem meu cunhado aqui.

Contexto: apontando para o cunhado presente

Br



#### 9.4.2 Orações nominais

Existem orações em que um nome, na qualidade de núcleo de sintagma nominal, funciona como predicado intransitivo e seleciona um sintagma nominal para a função argumental de sujeito, sem necessidade de verbo cópula entre o sujeito e o predicado. Essas orações são chamadas de orações nominais.

Há dois tipos — as inclusivas e as equativas —, distintas por suas propriedades sintáticas e semânticas. Enquanto nas orações inclusivas, o sujeito precede o predicado nas orações equativas, o sujeito segue o predicado. Semanticamente, a distinção se faz pelo fato de que a primeira inclui um elemento em uma classe, enquanto a segunda coloca em evidência a igualdade entre duas formas de referir a uma mesma entidade. Os esquemas em (927) e (928) comparam as estruturas de cada tipo de oração nominal:

- *Ordem em oração inclusiva*

(927)

[SN] <sub>SUJEITO</sub>	[SN] <sub>PREDICADO</sub>
elemento incluído	classe includente
	[– referencial]

- *Ordem em oração equativa*

(928)

[SN] <sub>PREDICADO</sub>	[SN] <sub>SUJEITO</sub>
classe includente	elemento incluído



(931)  
 PRED S  
 ti=FOIRN ruixawa Fulano  
 NEG=FOIRN chefe Fulano  
 O Fulano não é o chefe da FOIRN.  
 Br, elicitado

- *Clícos aspectuais*

Este teste baseia-se no fato de que os clícos ocorrem necessariamente no predicado. O enunciado em (932) mostra o clítico de aspecto =wã ‘perfectivo’ no predicado à direita, estabelecendo classe de elementos; enquanto o enunciado em (933) apresenta a mesma partícula em predicado equativo, localizado à esquerda:

(932) Inclusiva  
 S PRED  
 ae amu rupi=wã  
 3SG outra.entidade PERL=PFT  
 Isso já é diferente.  
 Lit.: Isso já é por outro.

Bn

(933) Equativa  
 PRED SUJ  
 amu=wã se-rera  
 outra.entidade =PFT 1sg<sub>E</sub>-nome  
 Meu nome já é outro.

Bn

- *Advérbios*

Advérbios, emprestados do Português, mantém a função adverbial em Nheengatú. Nos enunciados abaixo, o uso dessas formas, restritas ao predicado, ajudam a visualizar a distinção entre equativas



9.4.2.1 *Oração nominal inclusiva*

Nas orações nominais inclusivas, o predicado nominal primeiramente constrói uma classe de elementos definida por uma propriedade e, em seguida, inclui uma entidade, codificada como sujeito, nesta classe. O predicado, ao ser usado apenas para definir uma classe, não é referencial, pelo contrário, denota uma propriedade genérica, como ilustrado em (900) a (1055). Em (938), a forma *yepe*, ‘indefinido’ é usada justamente para indeterminar o núcleo do sintagma nominal *yepe tuyu*, ‘um velho’. Observe que em (1055), tanto a oração principal, cujo predicado é o formado pelo sintagma nominal *nhaã Werekena* ‘aquele Warekena’, quanto a relativa que o modifica *ike-wara wa=ita* ‘que são daqui’, são orações inclusivas.

(937)

se-mena            ambira   baniwa  
 1sg<sub>E</sub>-marido    falecido etnia  
 Meu finado marido é Baniwa.

Bn

(938)

ixe    yepe    tuyu  
 1SG INDF homem.velho  
 Eu sou um velho.

Bn

(939)

se-ratiwa            capitão        ike  
 1sg<sub>E</sub>-sogro        chefe        aqui  
 Meu sogro foi chefe aqui.

Meu sogro é da classe dos que foram chefes aqui.

Wr

Como em Nheengatú, o sujeito não precisa ser expresso e a língua não dispõe de uma forma de cópula, podemos levantar a

hipótese de que a própria enunciação de um nome formaria uma oração inclusiva completa, como ilustrado em (940):

(940)  
 \*mirá  
 árvore  
 É uma árvore.

No entanto, a forma em (940), mesmo que preencha todos os requisitos formais para constituir um predicado nominal por si só, é bloqueada. Em discurso espontâneo, as orações inclusivas, cujo argumento único (sujeito) não é expreso, são acompanhadas de partículas de predicado, como ilustrado em (941) a (943):

(941)  
 mirá           ba?  
 árvore        PROTEST  
 É uma árvore.

Br

(942)  
 suu           será?  
 animal       Q<sub>POLAR</sub>  
 É um animal?

Bn

(943)  
 vila-nova-wara   ita   ba?  
 vila-nova-DNP   PL   PROTEST  
 São de Vila Nova.  
 São da classe dos “vila-novaenses”.

Wr

9.4.2.2 *Oração nominal equativa*

Quando a classe includente — indicada pelo predicado — tem exatamente a mesma extensão da classe incluída — indicada pelo sujeito —, estabelece-se uma ‘oração nominal equativa’. Trata-se da operação de mostrar equivalência entre duas formas de referir a uma mesma entidade. No enunciado (944), por exemplo, o enunciador informa ao enunciatário que a expressão *seramunha* ‘meu avô’, tem a mesma referência de *imena*, ‘o marido dela’.

(944)

i-mena            se-ramunha

3sg<sub>E</sub>-marido    1sg<sub>E</sub>-avô

Meu avô era o marido dela.

Wr

Nas orações equativas, tanto o sujeito quanto o predicado são aptos a referir. O enunciado estabelece uma relação de igualdade entre duas formas de referir ao mesmo indivíduo, como ilustram os enunciados (945) a (947), ou a duas formas de referir a uma mesma classes de elementos, como ilustrado em (948):

(945)

Tunũ        yara        tal di        Cândido

Tunum      NGP        tal de        Cândido

Um tal de Candido era o dono de Tunum.

Wr

(946)

Sofia    paa        sera

Sofia    REP        3sg<sub>E</sub>:nome

Diz que o nome dela era Sofia

Bn

(947)

Yurupari paa ae  
 Jurupari REP 3SG  
 Diz que ele é Jurupari.  
 Bn

(948)

kua-rupi-wara ita Werekena  
 DEM<sub>PROX</sub>-PERL-DNP PL Warekena  
 Os Warekena são os daqui.  
Implicatura: Se X é daqui, X é Warekena.  
 Wr

#### 9.4.2.3 *Foco em orações nominais*

A distinção sintagmática entre orações inclusivas e equativas é neutralizada quando um dos constituintes da sentença é colocado em posição de foco. Nessas operações, o constituinte focalizado move-se para a posição inicial e é identificado pela partícula *te* 'foco'. Em orações equativas, em que a ordem básica é predicado-sujeito, a ordem se mantém, e a única modificação é a presença da partícula. O esquema em (949) indica a estrutura das orações equativas com predicado em foco e os enunciados em (950) e (951) exemplificam a construção:

- *Oração equativa com sujeito em foco*

(949)

[SN]<sub>SUJEITO</sub> te [SN]<sub>PREDICADO</sub>  
 elemento incluído FOC classe includente



(950)

mui(ri) mira u-riku kuara kua tipi=wa  
 muito pessoa 3sg<sub>A</sub>-ter buraco DEM<sub>PROX</sub> ser fundo REL

ai=te paa primeiru yane-yuru  
 3SG=FOC REP primeiro 1sg<sub>E</sub>.boca

Muitas pessoas têm um buraco, que é este fundinho. Diz que nossa primeira boca é isso mesmo

Contexto: O falante aponta o buraquinho do fundo do queixo e diz que nossa primeira boca teria sido o queixo.

Bn

(951)

ta-munuka nhaã sukuriú  
 tau-munuka  
 3pl<sub>A</sub>-cortar DEM<sub>DIST</sub> sucurí  
 [...]

Ai=te paa nhaã pedasu itá ita  
 3SG=FOC REP DEM<sub>DIST</sub> pedaço pedra PL

maxi posu=pe wa=ita  
 leproso poço=LOC REL=PL

Cortaram aquela sucurí. Diz que aqueles pedaços de pedra que estão no poço dos leprosos é ela mesmo.

Wr

Nas orações inclusivas em que o predicado é focalizado, este move-se para a posição inicial, criando a estrutura em (952). O enunciado (953) apresenta a estrutura de oração inclusiva canônica, enquanto os enunciados subsequentes, (954), são exemplos de inclusivas com predicado em foco. Comparando (953), sem foco, e (954), com foco, observa-se que a operação de focalização é indicada

duplamente pela inversão da posição do predicado e pela partícula *te* ‘foco’.

- *Oração inclusiva com predicado em foco*

(952)

[SN] <sub>PREDICADO</sub>	te	[SN] <sub>SUJEITO</sub>
classe includente	FOC	elemento incluído

(953)

ixe      ike-wara  
1SG    aqui-DNP  
eu sou daqui.

Lit.: Eu sou da classe dos que são daqui

Wr/Bn

(954)

ike-wara	te	ixe
aqui-DNP	FOC	1SG

Eu sou mesmo daqui

Lit.: Eu sou mesmo da classe dos que são daqui.

(955)

kua-rupi-wara	te	nhaã	tuyu
DEM <sub>PROX</sub> -PERL-DNP	FOC	DEM <sub>DIST</sub>	homem.velho

Aquele velho era mesmo daqui.

Lit.: Aquele velho era mesmo da classe dos que são daqui.

Wr

Naturalmente, orações nominais cujo sujeito não é expreso, também podem ocorrer com o predicado em foco, como ilustrado em (956) e (957) abaixo:



(959)

nhaã sukuriu reya paa i-buxu upe  
 DEM<sub>DIST</sub> sucurí grande REP 3sg<sub>E</sub>-bucho LOC  
 Aquela cobra grande estava no bucho dela.

Wr

(960)

aiwã paa kua itá-pinima panhe ma=rupi  
 CONJ<sub>CONCL</sub> REP DEM<sub>PROX</sub> pedra-ser.colorido todo NG=PERL  
 Então, diz que esta pedra pintada está por tudo.

Bn

Quanto à ordem dos constituintes, parece obedecer ao mesmo princípio que organiza as nominais inclusivas (v. 9.4.2.1). A oração adverbial, em que o sujeito precede o predicado, pode ser analisada como um caso particular de oração inclusiva. Assim, a entidade a ser localizada, codificada como sujeito, seria interpretada como pertencente à classe dos elementos que estão em determinada posição. Chamaremos esse primeiro grupo de orações adverbiais-inclusivas, com exemplos entre (958) a (960) acima.

Seguindo a mesma lógica, haveria orações locativas-equativas em que a referência (mais especificamente, a localização) da entidade codificada como sujeito e a daquela codificada como predicado é exatamente a mesma. Neste caso, a ordem é a mesma das orações nominais equativas, ou seja, predicado-sujeito, como ilustrado em (961) e (962).

(961)

ike=ntu limiti  
 aqui=RESTR limite  
 O limite era aqui perto.

Bn

(962)

ti=ike=ntu            limiti  
 NEG=aqui=RESTR    limite  
 O limite não era aqui perto.  
                             Br, elicitado

O mesmo tipo de construção também é utilizada para indicar a localização inerente de uma determinada entidade. Em (963), indica-se que o referente *ae* localiza-se distante em relação ao falantes.

(963)

Mame            São José?  
 Onde            São José  
 Onde é São José?

Mimi            katu            ae  
 lugar longe    estar.bem    3SG  
 É bem longe.

Wr

Em função de predicado, nomes, advérbios e locuções adverbiais comportam-se exatamente da mesma maneira: ocupam a posição inicial quando estabelecem relação de igualdade com a entidade em posição de sujeito (os chamados equativos) ; ocorrem após o sujeito quando não há uma relação de igualdade sendo estabelecida (os chamados inclusivos). Pode-se dizer que advérbios espaciais e locuções adverbiais são categorizados na estrutura semântica do Nheengatú como entidades. De fato, em termos morfológicos, advérbios espaciais e posposições não diferem de nomes, tanto que topônimos, advérbios e locuções pospocionais podem combinar-se com *wara* 'derivador de nomes de origem' (v. 5.2). Apenas do ponto de vista sintático, considerou-se útil separar advérbios e posposições de nomes, uma vez que apenas os últimos funcionam como argumento de verbos (S, A, O).

#### 9.4.4 *A cópula em Nheengatú: elíptica ou ausente?*

Em muitas línguas, as orações formadas pela justaposição de sintagmas nominais são a manifestação superficial de uma oração verbal em que um verbo cópula<sup>166</sup> estaria elíptico. Nessas línguas, um morfema zero funcionaria como cópula em tempo-aspecto não marcado, como o presente ou o habitual. Em outros tempos-aspectos, essas línguas permitem a manifestação lexical da cópula (cf., por exemplo, Givón (2001)). É o que acontece, por exemplo, no Russo, no Árabe e no Hebreu, em que o verbo cópula emerge nas formas de passado e futuro.

Conforme observou Launey (1994, 51), no entanto, o grupo de línguas que permite orações nominais sem cópula não é homogêneo. Há línguas em que a cópula não é manifestada por um morfema zero, pelo contrário, estaria verdadeiramente ausente, uma vez que a predicação seria estabelecida pelos sintagmas nominais. Este seria o caso do Nahuatl. No Nheengatú, também não há necessidade de cópula para o estabelecimento de predicados nominais (nem adverbiais).

Como vimos anteriormente, a função tempo-aspecto em Nheengatú não é marcada por afixos do verbo, mas por elementos gramaticais associados ao enunciado como um todo. O tempo é marcado por advérbios, que tem escopo sob o enunciado. O aspecto é marcado por clíticos, diretamente empregada sobre o nome em função de predicado nominal, como ilustrado nos enunciados (932), (933) e (957) e também no predicado adverbial em (960). Não há portanto necessidade de a cópula carregar as marcas de tempo-aspecto.

Todavia, a língua disponibiliza um verbo *iku* ‘estar’, cuja aspectualidade lexical permite expressar o aspecto progressivo de um segundo predicado ao qual se combina (v. 9.3.2.1). O verbo *iku* ‘estar’

---

<sup>166</sup> Consideramos como cópula um verbo que auxilia a predicação, no sentido de permitir funcionalmente o estabelecimento de uma oração, em que um predicado nominal carrega a maior parte da informação léxico-semântica.

pode também selecionar como argumento um sintagma nominal (ou posposicional), formando um predicado verbal [PESSOA-*iku* [SN/SPost]]. Este difere em termos semânticos de predicados não-verbais pelo grau de contingência de um estado, como ilustrado pela comparação entre os enunciados em (964) a (966). O enunciado (964) apresenta um estado contingente: o sujeito, codificado pela pessoa intralocutiva *ixe*, está em determinada posição, mas o verbo *iku* ‘estar’ indica exatamente que esta posição não é fixa, ou seja, a situação é contingente. Em (965), ao contrário, o predicado *ike=wã* ‘já aqui’, indica a não-contingência da situação, por isso os falantes recomendam muitas vezes que a sentença seja melhor traduzida por ‘Nós já vivíamos aqui’. Em (966), a não-contingência do estado, expresso pelo predicado não-verbal *ike* ‘aqui’, é ainda mais evidente — tanto que em Português, o predicado se traduz por ‘ser aqui’, ao invés de utilizarmos ‘estar’.

(964)

*ixe a-iku=wã ike*  
 1SG 1sg<sub>A</sub>-estar=PFT aqui  
 Eu já estou aqui.

(965)

*yande ike=wã*  
 1PL aqui=PFT  
 Nós já estávamos aqui.  
 Contextualmente: Nós já vivíamos aqui.

(966)

ike=ntu            limiti

aqui=RESTR    limite

O limite era aqui perto.

Bn, repetido de (961)

Nos enunciados abaixo, observamos a oposição entre um predicado nominal não-contingente (967) e um predicado verbal contingente (968), marcado pela verbo *iku* 'estar'. Os dois enunciados foram retirados de um mesmo depoimento, indicando que a oposição entre as duas estruturas é funcional e não meramente dialetal:

(967)

Irineu   kapitão   kuxima    ike

Irineu   chefe    antigamente   aqui

Irineu foi chefe aqui antigamente.

Kr

(968)

ae   iku=wã    kapitão   Asunsão   upe

3    estar=PFT   chefe   Assunção   LOC

Ele já estava como chefe em Assunção.

Kr

Seguindo essa interpretação, toda vez que encontrarmos um predicado verbal, que tenha como núcleo funcional o verbo dinâmico *iku* 'estar' e como núcleo lexical um sintagma nominal (ou posposicional), estamos diante de uma situação contingente:



(969)

nhaã tata u-iku yapeku rese  
 i-apeku  
 DEM<sub>DIST</sub> fogo 3sg<sub>A</sub>-estar 3sg<sub>E</sub>-língua RELAT  
 Aquele fogo estava na língua dele.

Br

(970)

pe-iku mimi kaa upe  
 2pl<sub>A</sub>-estar longe mato LOC  
 Vocês estavam longe, no mato.

Br

Em (969) e (970), indicam-se localizações espaciais provisórias. Em (969), o fogo estava na língua do jacaré, mas poderá mudar de posição. Similarmente em (970), o referente de segunda pessoa plural não deverá permanecer no mato.

Neste recorte sincrônico do Nheengatú, *iku* funciona como verbo pleno, cuja aspectualidade lexical tem valor de progressivo. Empregado com verbos estativos, expressa o caráter contingente de um estado.



## 10.1 Coordenação

Nesta seção, descrevemos estratégias de coordenação, marcadas por ou sem conjunções.

### 10.1.1 Coordenação sindética

A coordenação sindética é feita por meio de conjunções<sup>167</sup>. Estas ocorrem no início de uma oração, indicando a relação desta com o constituinte, oração ou sequências discursivas que a precedem. As conjunções ocorrem sempre na primeira posição da oração coordenada. Em termos morfosintáticos, todas as orações de um período composto por coordenação têm propriedades de orações independentes. Isso significa que conservam as marcas de finitude: (a) cada uma preserva seus argumentos, independentemente da oração anterior; (b) podem ter polaridade oposta. Em termos semânticos, expressam dois eventos em separado, mas associado pela relação indicada pela conjunção.

As construções coordenadas são a parte da gramática mais influenciada pelo Português. No nível do léxico, a influência do Português ocorre tanto devido ao grande número de conjunções introduzidas por meio de empréstimos, quanto pela gramaticalização de conjunções a partir de locuções adverbiais.

#### 10.1.1.1 Posterioridade

As orações coordenadas de posterioridade são estabelecidas pela conjunção *asui* ‘daí ~ depois’, que ocorre na segunda oração do período composto. A primeira oração do período não é marcada. Em termos semânticos, as orações coordenadas de posterioridade indicam que o evento expresso na segunda oração, marcada pela conjunção *asui*, ocorre após o evento expresso pela oração não marcada. Os enunciados (971) a (972) ilustram o uso de *asui* conectando orações. Observe que em (973) o verbo *a-rasu* ‘levo’, fica elíptico na segunda

---

<sup>167</sup> Ver 8.1.4.1, para as propriedades morfológicas e os mecanismos de emergência das conjunções do Nheengatú.

oração, entretanto a partícula *kuri* ‘futuro projetado’ ocorre nas duas orações:

(971)

tu-su tu-kasai kaa kiti /  
 tau-su tau-kasai  
 3pl<sub>A</sub>-ir 3sg<sub>A</sub>-caçar mato ALAT

asui tu-yuiri sinku ora  
 tau-yuiri  
 CONJ 3pl<sub>A</sub>-voltar cinco horas  
 Foram caçar no mato, depois voltaram às cinco horas.

(972)

ape paa u-pua-puamu /  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP 3sg<sub>A</sub>-RED~estar.em.pé

asui nem=ntu te kupuku  
 CONJ NEG<sub>CONTR</sub>=RESTR FOC demorado

u-sendu paa "Fifififiiii"  
 3sg<sub>A</sub>-escutar REP onomatopeia

Aí, diz que ela andou de um lado para outro. Daí, nem demorou, diz que escutou "Fifififiiii"

Br

(973)

a-su kuri a-rasu yepe arara ruwaya /  
 1sg<sub>A</sub>-ir FUT 1sg<sub>A</sub>-levar INDF arara rabo

asui kuri inambu ruwaya  
 CONJ FUT ave.inambu rabo

Vou levar uma pena de arara e um rabo de inambu.

Br

Em textos produzidos por professores em exercícios de tradução do Português para Nheengatú, *asui* é usado para traduzir a

conjunção adjuntiva *e* do Português. O enunciado (974) ilustra o uso de *asui* para estabelecer adjunção<sup>168</sup>:

(974)

Sentença original em Português: Ensinarão para eles saberem escrever e ler.

Tradução para o Nheengatú:

tau-mubue    tau-kua    arã  
3pl<sub>A</sub>-ensinar    3pl<sub>A</sub>-saber    SUB<sub>FIN</sub>

tau-mu-pinima                    asui    tau-leri  
3pl<sub>A</sub>-CAUS-ser colorido    CONJ    3pl<sub>A</sub>-ler

Ensinarão para eles saberem escrever depois ler.

Texto produzido coletivamente, Magistério indígena 2007

#### 10.1.1.2 *Conclusiva*

As relações conclusivas são estabelecidas por meio de *aiwã* ‘conjunção conclusiva’. Em 8.1.3.3, observamos que a partícula *aiwã* ‘existencial iminente’ expressava a emergência de uma entidade em um futuro imediato. Para utilizar um existencial iminente, o falante, a partir de evidências de que a entidade deverá existir, conclui que ela já existe. Assim, um enunciado como será usado como conclusão de que vai existir chuva.

(975)

Aiwã                    amana  
EXIST<sub>IMIN</sub>    chuva  
Eis a chuva

O falante também pode inferir que um evento vai ocorrer. Para tanto, utiliza a mesma forma *aiwã* que neste caso passa a funcionar

<sup>168</sup> Ver 10.1.2: Em registros espontâneos, os falantes preferem expressar adjunção por meio de coordenadas assindéticas.

como uma conjunção conclusiva. Os enunciados (976) e (977) ilustram as sequências conclusivas:

(976)

aikue    minériu    kua            isana    upe /  
EXIST    minério    DEM<sub>PROX</sub>    Içana    LOC

aiwã            ae            u-manduai            u-kirai            FOIRN  
CONJ<sub>CONCL</sub>    3SG    3sg<sub>A</sub>-lembrar    3sg<sub>A</sub>-criar    FOIRN  
Havia minério no Içana. Então, ele teve a ideia de criar a FOIRN.  
Br

(977)

yande    ti=ya-kuntai            Portugues  
1PL    NEG=1pl<sub>A</sub>-falar    Português

aiwã            ya-estudai            miri  
CONJ<sub>CONCL</sub>    1pl<sub>A</sub>-estudar    pequeno

Nós não falávamos Português. Então, estudamos um pouco.  
Wr

Como se trata de uma conclusão, em geral, o antecedente, ou seja, os elementos que permitem estabelecer a conclusão não são orações, mas sequências discursivas maiores. Em (978), após uma narrativa que introduz as entidades que na mitologia Baniwa são responsáveis pela criação do mundo, conclui-se:

(978)

aiwã            u-pirai            mundu  
CONJ<sub>CONCL</sub>    3sg<sub>A</sub>-abrir    mundo  
Então, vai abrir o mundo.

Bn

10.1.1.3 *Adversativa*

A conjunção adversativa *ma*, empréstimo do Português *mas*, permite estabelecer uma relação adversativa. Os enunciados (979) a (981) ilustram o uso da conjunção. Na última linha de cada exemplo, indicamos também o estatuto do falante em relação às outras línguas em contato.

(979)

"poxa yande Werekena, mamãe /  
"INTJ 1PL Warekena, mamãe

ma, ti=ya-kua ya-kuntai  
CONJ<sub>ADVS</sub> NEG=1pl<sub>A</sub>-saber 1pl<sub>A</sub>-falar

Poxa! Nós somos Warekena, mamãe, mas não sabemos falar.  
Br, bilíngue (Nh-PB)

(980)

Tiã=awa u-kuntai se-irũ/  
ti=wã=awa  
NEG=PFT=NGH 3sg<sub>A</sub>-contar 1sg<sub>E</sub>-COM<sub>INSTR</sub>

ma supi suu rera a-kua  
CONJ<sub>ADVS</sub> com.certeza animal nome 1sg<sub>A</sub>-saber

Ninguém mais fala comigo, mas na verdade, os nomes de animais, eu sei.

Wr, bilíngue Nh-Wr

(981)

imũ paa u-riku ximiriku /  
3sg<sub>E</sub>:irmão REP 3sg<sub>A</sub>-ter 3sg<sub>E</sub>:esposa

ma ae ti=u-riku  
CONJ<sub>ADVS</sub> 3SG NEG=3sg<sub>A</sub>-ter

Diz que o irmão dele tinha esposa, mas ele não tinha.  
Bn, falante de Bn, Nh, PB





10.1.1.5 *Explicativa e causalidade*

A oração coordenada com a conjunção *porke* ‘explicativa’ permite introduzir uma explicação para o trecho discursivo anterior ou estabelecer uma relação de causa e consequência. É usada até mesmo por falantes com baixa fluência em Português. Os enunciados (984) e (985) ilustram o uso da conjunção explicativa *porke*:

(984)

ya-kuntai    Portugues    ya-mundu    arã /  
1pl<sub>A</sub>-falar    Português    1pl<sub>A</sub>-mandar    SUB<sub>FIN</sub>

porke    yande ya-kua    yane-nheenga=ntu    ti=u-meẽ  
CONJ<sub>EXPL</sub> 1PL    1pl<sub>A</sub>-saber    1pl<sub>E</sub>-língua=RESTR    NEG=3sg<sub>A</sub>-dar  
Falamos Português para mandarmos, porque sabermos somente nossa  
língua, não dá

Bn, falante de Bn, Nh, PB

(985)

ape    paa    yakare    u-tumai=wã    i-sui /  
CONJ<sub>SEQ</sub>    REP    jacaré    3sg<sub>A</sub>-tomar=PFT    3sg<sub>E</sub>-ABLAT

porke    panhe    u-putai    u-iku    tata  
CONJ<sub>EXPL</sub>    todo    3sg<sub>A</sub>-querer    3sg<sub>A</sub>-estar    fogo

Aí o jacaré tomou dele, porque todos estavam querendo o fogo.

Br, bilíngue Nh-PB

A língua também disponibiliza uma forma nativa de expressar a causa de um evento. Trata-se da coordenação por meio da conjunção *nhanse*. Em geral, a conjunção *nhanse* tende a ser substituída pelo empréstimo *porke*. Apesar disso, ainda ocorre espontaneamente em discursos orais produzidos por mulheres monolíngues, como ilustrado em (986) e (987):

(986)

a-saisu kua se-iwi /  
 1sg<sub>A</sub>-amar DEM<sub>PROX</sub> 1sg<sub>E</sub>-terra

nhanse ae i-sui a-yuka  
 CONJ<sub>CAUS</sub> 3SG 3sg<sub>E</sub>-ABLAT 1sg<sub>A</sub>-tirar

panhe mã a-viveri arã  
 todo NG 1sg<sub>A</sub>-viver DAT<sub>PROSP</sub>

Amo esta minha terra, porque dela tiro tudo para viver.

Bn

(987)

a-saisu kua yane-iwi /  
 1sg<sub>A</sub>-amar DEM<sub>PROX</sub> 1pl<sub>E</sub>-terra

nhanse ti=presizu ya-piripana mã  
 CONJ<sub>CAUS</sub> NEG= NECESS 1pl<sub>A</sub>-comprar NG

Amo esta minha terra, porque não precisamos comprar nada.

Bn

Em registros escritos, a conjunção *nhanse* é conscientemente empregada para substituir o empréstimo *porke*. O enunciado (988) foi produzido por professores durante curso de Magistério Indígena, traduzindo um depoimento, originalmente produzido em Português com emprego da conjunção do Português *porque*.

(988)

ixe Baré / nhanse a-siki se-manha rupi  
 1SG Baré CONJ<sub>CAUS</sub> 1sg<sub>A</sub>-puxar 1sg<sub>E</sub>-mãe PERL

Eu sou Baré, porque puxo pela minha mãe.

Contexto: tradução de texto em Português para Nheengatú  
 (Magistério Indígena - Pólo Nheengatú 2007)

A Nomenclatura Gramatical Brasileira trata as orações que introduzem uma explicação como orações coordenadas explicativas, enquanto as orações que introduzem a causa de um evento são tratadas como orações subordinadas causais<sup>170</sup>. No Português e, por convergência sintática no Nheengatú, a distinção entre os supostos dois tipos de estruturas que relacionam as orações é bastante tênue e se dá no nível semântico, mas não no nível sintático. A rigor, a relação entre coordenação e subordinação se estabelece em um *continuum* semântico, não havendo necessariamente um critério de corte bem estabelecido. Neste trabalho, não serão levadas em conta as minúcias semânticas da gramática tradicional para distinguir entre explicação e causa. A rigor, causa é apenas um dos tipos de explicação. Como a influência de estruturas do Português no Nheengatú é mais comum no nível da coordenação do que na subordinação, as estruturas com *porke* serão consideradas orações coordenadas explicativas.

#### 10.1.1.6 Alternativa

A relação de alternância entre duas orações é estabelecida por *u* ‘conjunção de alternância’, empréstimo do Português *ou*. Ocorre, principalmente, na fala de adolescentes, como em (989), e na de pessoas que vivem na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira, como em (990). Na fala de pessoas mais velhas, a coordenação alternativa não ocorre, exceto em construções que podem ser caracterizadas como código misto, como em (991):

(989)

kua	tempu	tu-resebei=wã	kua	farda
		tau-resebei=wã		
DEM <sub>PROX</sub>	tempo	3pl <sub>A</sub> -receber=PFT	DEM <sub>PROX</sub>	uniforme

<sup>170</sup> “As conjunções que, porque, porquanto, etc., ora têm valor coordenativo, ora subordinativo; no primeiro caso, chama-se explicativas, no segundo, causais” (Nomenclatura Gramatical Brasileira 1959, artigo IX).

u ti=ta-resebei kua farda  
 ti=tau-resebei  
 CONJ<sub>ALT</sub> NEG=3pl<sub>A</sub>-receber DEM<sub>PROX</sub> uniforme

Neste tempo, recebiam já uniforme ou não recebiam uniforme?

Contexto: Adolescente faz a pergunta e em seguida afirma que se trata de uma pergunta “aite aputai apurãdu nesui”. (Isso mesmo, eu quero perguntar do senhor)

Wr, bilíngue PB-Nh

(990)

u-manduai u-defendei arã  
 3sg<sub>A</sub>-lembrar 3sg<sub>A</sub>-defender SUB<sub>FIN</sub>

yepe parti garimpeiru ita u yepe parti emperezariu  
 INDF parte garimpeiro PL CONJ<sub>ALT</sub> INDF parte empresário

Pensou em defender uma parte dos garimpeiros ou uma parte dos empresários

Br, bilíngue PB-Nh

(991)

não sei certo u ti=serto yawe  
 ãi sei ao certo CONJ<sub>ALT</sub> NEG=certo ser.assim  
 Não sei se certo ou não certo, assim...

Wr, monolíngue Nh

PB aprendido quando adulto

#### 10.1.1.7 Outros mecanismos

A coordenação em Nheengatú não necessariamente se faz por meio de conjunções. O verbo estativo *yawe* ‘ser assim’ ocorre em expressões adverbiais menos gramaticalizadas como recurso de coesão textual. Em (992) e (993), ocorre em orações relativas. Em (994) e (995), observa-se o verbo *yawe* ‘ser assim’, com *arã* ‘subordinador de finalidade’, cujos alomorfes ocorrem como palavra independente ou como clítico (v. 8.1.4.2). A forma clítica combinada a

*yawe* ‘ser assim’, gera *yawerã*, que pode ser considerado como uma forma lexicalizada de estabelecer a relação de causalidade:

(992)

ya-yutima    maã    ya-putai    waa /    yawe=wa    rupi  
1pl<sub>A</sub>-plantar    NG    1pl<sub>A</sub>-querer    REL    ser.assim=REL    PERL

yande    Baniwa    ita    ya-saisu    kua    yane-iwi  
1PL    baniwa    PL    1pl<sub>A</sub>-amar    DEM<sub>PROX</sub>    1pl<sub>E</sub>-terra

Plantamos aquilo que queremos, por ser assim, nós, Baniwas, amamos nossa terra.

Bn

(993)

ape            u-su        u-kupiri /  
CONJ<sub>SEQ</sub>    3sg<sub>A</sub>-ir    3sg<sub>A</sub>-roçar

ape            yawe=wã            waa    yawuti    u-sika  
CONJ<sub>SEQ</sub>    ser.assim=PFT    REL    jabuti    3sg<sub>A</sub>-chegar  
Ai, [a preguiça] foi roçar. Ai, já que era assim, o jabuti chegou.

Br

(994)

mikura    i-nema /        yawe=rã                    te    paa  
mucura    3sg<sub>A</sub>-fedor    ser.assim=DAT<sub>PROSP</sub>    FOC    REP

yane-iara            i-nema  
1pl<sub>E</sub>-propriedade    3sg<sub>E</sub>-fedor

Micura é fedorento, por isso mesmo nossa propriedade é fedorenta.

Contexto: *yane iara* é uma forma polida de se referir à vagina.

Br

(995)

anhuwãte paa awa u-riku nhaã tata  
 somente REP NGH 3sg<sub>A</sub>-ter DEM<sub>DIST</sub> fogo

mitu piranga / yawe=rã paa ate uwiara  
 mitu ser.vermelho ser.assim=SUB<sub>FIN</sub> REP até hoje

nhaã mitu piranga  
 DEM<sub>DIST</sub> pássaro.mitu ser.vermelho

u-riku nhaã i-queixo uwirupi piranga  
 3sg<sub>A</sub>-ter DEM<sub>DIST</sub> 3sg<sub>E</sub>-queixo PERL<sub>ABAIXO</sub> ser.vermelho

Só quem tinha aquele fogo era aquele mitu vermelho, por isso diz que até hoje, aquele mitu-vermelho tem vermelho embaixo do queixo.

Br

#### 10.1.2 Coordenação assindética

A coordenação assindética é caracterizada pela justaposição de orações independentes sem o intermédio de conjunções. Os enunciados (996) e (997) ilustram o uso da coordenada assindética para expressar adjunção de eventos. O enunciado (998) ilustra a adjunção de predicados verbais negativos. O enunciado (999) ilustra a coordenação de dois predicados nominais de polaridade oposta.

(996)

ta-pinaitika ta-mbau ta-yu-musarai ta-yasuka  
 tau-pinaitika tau-mbau tau-yu-musarai tau-yasuka  
 3pl<sub>A</sub>-pescar 3pl<sub>A</sub>-comer 3pl<sub>A</sub>-R/R-brincar 3pl<sub>A</sub>-banhar

ya-yasuka garape upe  
 1pl<sub>A</sub>-banhar igarapé LOC

Pescavam, comiam, brincavam, se banhavam, banhávamos no porto.

Bn



escrita, uma vez que a coordenação sindética depende basicamente de aspectos prosódicos, não representados na escrita.

## 10.2 *Subordinação*

Orações subordinadas dependem sintaticamente de orações principais, podendo funcionar como argumento, como circunstanciais ou como modificadores de um sintagma nominal, posposicional ou adverbial. Em termos formais, os predicados subordinados mantêm a mesma configuração morfológica de predicados independentes: verbos dinâmicos mantêm morfologia de verbo dinâmico; verbos estativos mantêm morfologia de verbo estativo. Essa propriedade distingue o Nheengatú de outras línguas da família Tupi-Guarani, inclusive do Tupinambá. Nessas línguas, há uma cisão na marcação morfológica de orações subordinadas. No Nheengatú, a morfologia de orações subordinadas é simétrica à morfologia de orações independentes<sup>171</sup>. Nesta seção, descrevemos as estruturas de subordinação do Nheengatú, a saber, complementização (10.2.1), subordinação adverbial (10.2.1) e relativas (10.2.3).

### 10.2.1 *Orações completivas por meio de parataxe*

Orações completivas são orações que funcionam como objeto de uma oração principal<sup>172</sup>. Em Nheengatú, a principal estratégia de complementização se dá por meio de parataxe, entendida como a justaposição de predicados verbais, em que um verbo funciona como verbo principal e os demais como complementos. Cada um dos predicados justapostos é interpretado como um evento separado, de modo que não compartilham necessariamente o mesmo sujeito; não necessariamente compartilham marcas de tempo, aspecto e modo; podem ser negados separadamente (Noonan 2007)<sup>173</sup>. Em (1000) a (1002), o sujeito da principal não é o mesmo do sujeito da

<sup>171</sup> Para uma perspectiva diacrônica do problema, cf. Jensen (1998a); Rodrigues & Cabral (2006) Rose (em preparação).

<sup>172</sup> Ver 5.3, para a função de sujeito (A ou S<sub>A</sub>), a língua privilegia nominalização.

<sup>173</sup> Ver 9.3.2, essas propriedades distinguem as construções com orações completivas das com verbos auxiliares.



subordinada. Em (1001), a oração principal é modificada por um auxiliar de aspecto progressivo, enquanto a subordinada completiva ocorre com um clítico de imperfeito. Em (1002), a subordinada tem polaridade oposta à principal. Os colchetes delimitam a oração subordinada completiva.

(1000)

u-maã [tau-riku konhesimento sese]  
 3sg<sub>A</sub>-ver 3pl<sub>A</sub>-ter conhecimento 3sg<sub>E</sub>:RELAT  
 Veja que eles têm conhecimento nisso, para se formarem nisso.  
 Br

(1001)

taina tu-maã iku [u-mu-tinnhanha=re]  
 tau-maã  
 criança 3pl<sub>A</sub>-ver estar 3sg<sub>A</sub>-CAUS-gancho=IMP  
 As crianças estavam vendo ela ainda enganchando  
 Wr

(1002)

u-sendu paa [tiã=u-yaxiu nhaã taina]  
 ti=wã=u-yaxiu  
 3sg<sub>A</sub>-escutar REP NEG=PFT=3sg<sub>A</sub>-chorar DEM<sub>DIST</sub> criança  
 Diz que não escutou mais aquela criança chorar.  
 Lit.: Diz que escutou não mais chorar aquela criança.  
 Br

Em estruturas paratáticas, a entidade indicada como objeto da oração principal é a mesma que nocionalmente é interpretada como sujeito da oração subordinada. Segundo Noonan (2007, 89), a observação de estruturas semelhantes em comparação entre línguas do mundo tem levado à consideração de que complementos



### 10.2.2 *Oração subordinada adverbial*

As orações subordinadas são identificadas pelo uso obrigatório de subordinadores (v. 8.1.4.2). Em termos semânticos, essas orações introduzem um circunstante. Há dois grupos de orações subordinadoras adverbiais, resultado de um processo de mudança tipológica que vem ocorrendo na estrutura discursiva do Nheengatú, acelerado por conta da influência do Português. Um primeiro grupo de orações subordinadas adverbiais, mais conservador, é identificado em termos morfológicos pelo uso de subordinadores que ocorrem após o núcleo do predicado da oração subordinada (10.2.2.1). Um segundo grupo de orações subordinadas adverbiais é caracterizado por apresentar subordinadores que ocorrem em posição inicial (10.2.2.2).

#### 10.2.2.1 *Subordinador posposto*

As orações com subordinador posposto ao núcleo do predicado podem ocorrer prepostas à oração principal. As orações subordinadas prepostas são as ‘temporais-condicionais’, as ‘consecutivas’, as de ‘simultaneidade’. A oração subordinada de finalidade ocorre posposta à oração principal.

##### 10.2.2.1.1 *Temporal condicional*

A oração subordinada adverbial temporal condicional precede a oração principal e é identificada morfológicamente pela conjunção *rame* ‘subordinador temporal condicional’<sup>175</sup>. A circunstância é expressa pela oração subordinada, marcada por *rame*, enquanto o evento em foco ocorre na oração principal. O subordinador *rame* ocorre após o núcleo do predicado da oração subordinadora. Os enunciados (1006) e (1007) ilustram orações subordinadas adverbiais temporais.

---

<sup>175</sup> Ver 10.2.2.2.1: Orações com o subordinador *mairame* especializaram-se para a função temporal.

(1006)

[re-munda rame] re-munhã ne-rupiara  
 2sg<sub>A</sub>-roubar SUB<sub>TEMP</sub> 2sg<sub>A</sub>-fazer 2sg<sub>A</sub>-castigo  
 Se você rouba, você faz teu castigo.

Bn

(1007)

[panhe mãã i-manha u-munhã rame]  
 todo NG 3sg<sub>E</sub>-mãe 3sg<sub>A</sub>-fazer SUB<sub>TEMP</sub>

u-putai umapatuka  
 u-mu-apatuka  
 3sg<sub>A</sub>-querer 3sg<sub>A</sub>-CAUS-atrapalhar

Toda coisa que sua mãe fazia, ele queria atrapalhar.

Br

O subordinador não ocorre necessariamente no verbo, mas obedece ao padrão de partículas e clíticos de tempo, aspecto e modalidade, de ocorrem no primeiro elemento do predicado rema. No caso de orações subordinadas negadas, *rame* é atraído pelo clítico de negação. Os enunciados (1008) a (1010) ilustram a subordinação com *rame*:

(1008)

[ti=rame re-puraki]  
 NEG=SUB<sub>TEMP</sub> 2sg<sub>A</sub>-trabalhar

ti=re-riku ne manunga(ra)  
 NEG=2sg<sub>A</sub>-ter NEG<sub>CONTR</sub> alguma.coisa

Se você não trabalha, você não tem nada.

Lit.: Se não trabalha, não tem nem alguma coisa.

Bn



(1012)

[ixe rame] a-kuntai Nheengatu  
 1SG SUB<sub>TEMP</sub> 1sg<sub>A</sub>-falar Nheengatú  
 Se fosse eu, falava Nheengatú.

Br

No Nheengatú falado na zona urbana de São Gabriel, há uma tendência a reforçar o condicional, utilizando a forma *si* ‘condicional’, empréstimo do Português *se*. Os enunciados (1013) e (1014) foram recolhidos na zona urbana:

(1013)

aiwã [ya-manduari si=ya-kirai rame asosiasao]  
 CONJ<sub>CONCL</sub> 1pl<sub>A</sub>-pensar COND=1pl<sub>A</sub>-criar SUB<sub>TEMP</sub> associação  
 iwasuima piri yand=arã  
 ser.fácil ser mais 1PL=DAT<sub>PROSP</sub>

Então, pensamos que se criássemos uma associação, seria mais fácil para nós.

Br

(1014)

[si=re-putai rame ne-puranga-sa]  
 COND=2sg<sub>A</sub>-querer SUB<sub>TEMP</sub> 2sg<sub>E</sub>-ser.bonito-NMZ  
 re-kua mame re-su  
 2sg<sub>A</sub>-saber onde 2sg<sub>A</sub>-ir

Se você quiser algo bonito, você tem de saber onde ir

Br

10.2.2.1.2 *Consecutiva*

A oração subordinada adverbial temporal consecutiva precede a oração principal e é identificada morfologicamente pelo subordinador *rire* ‘consecutivo’, que ocorre após o núcleo do predicado da oração subordinada. Em (1015) e (1016), o subordinador ocorre com predicados verbais dinâmicos..

(1015)

ape paa [u-sika rire ]  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP 3sg<sub>A</sub>-chegar SUB<sub>CONSEC</sub>  
 u-nheẽ paa i-manha xupe  
 i-supe  
 3sg<sub>A</sub>-dizer REP 3sg<sub>E</sub>-mãe 3sg<sub>E</sub>-DAT<sub>EXTR</sub>

Aí, diz que depois de chegar, ele disse para a mãe dele.

Br

(1016)

[rembaka rire ne-mena]  
 re-mu-paka  
 2sg<sub>A</sub>-CAUS-acordar SUB<sub>CONSEC</sub> 2sg<sub>E</sub>-marido

ae u-su u-mbau  
 3SG 3sg<sub>A</sub>-ir 3sg<sub>A</sub>-comer

Depois de você acordar seu marido, ele vai comer.

Br, elicitado

10.2.2.1.3 *Simultaneidade*

A oração subordinada adverbial de simultaneidade precede a oração principal e é identificada morfologicamente pela conjunção *pukusa* ‘simultaneidade’, que indica a relação de concomitância entre os eventos predicados por duas orações. Os enunciados (1017) a (1019) ilustram orações subordinadas adverbiais de simultaneidade.

(1017)

[u-kiri pukusa ] ixe a-puraki  
 3sg<sub>A</sub>-dormir SUB<sub>SIMUL</sub> 1SG 1sg<sub>A</sub>-trabalhar  
 Enquanto ela dorme, eu trabalho.

Br, elicitado

(1018)

"a-puiri pukusa" / [u-nheẽ paa]  
 1sg<sub>A</sub>-torrar SUB<sub>SIMUL</sub> 3sg<sub>A</sub>-dizer REP

"xukũi i-makira aiwa"  
 EXIST<sub>CONCR</sub> 3sg<sub>E</sub>-rede ser.estragado

"Enquanto eu torro [farinha]" — diz que ela disse — "Eis aqui a rede suja dele"

Pragmática: Você pode ficar aí na rede.

Br

(1019)

tau-putai yepe tau-tumari kua yane iwi /  
 3pl<sub>A</sub>-querer FRUSTR 3pl<sub>A</sub>-tomar DEM<sub>PROX</sub> 1pl<sub>E</sub> terra  
 ti=pukusa=re ya-kua nemaã  
 NEG=SUB<sub>SIMUL</sub>=IMP 1pl<sub>A</sub>-saber nada

Queriam em vão tomar esta nossa terra, enquanto ainda não sabíamos de nada.

Bn

#### 10.2.2.1.4 *Finalidade*

A oração subordinada adverbial de finalidade ocorre posposta à oração principal. Sua função semântica é expressar que um evento determinado tem como propósito a realização do evento subsequente. O primeiro evento é expresso pela oração principal, enquanto o segundo evento é expresso na subordinada, marcada por *arã* 'subordinador de finalidade'. Os enunciados (1020) a (1022) ilustram orações subordinadas adverbiais de finalidade:



(1020)

ya-su ya-kuntai ta-yuká arã nhaã usayuwa  
 1pl<sub>A</sub>-ir 1pl<sub>A</sub>-falar 1pl<sub>A</sub>-matar SUB<sub>FIN</sub> DEM<sub>DIST</sub> saúva  
 Vamos falar para matarem aquelas saúvas.

Br

(1021)

i-manha u-memui mani-kuera  
 3sg<sub>E</sub>-mãe 3sg<sub>A</sub>-cozinhar mandioca-NGC

[u-mu-ri arã]

u-mu-uri

3sg<sub>A</sub>-CAUS-ser.alegre SUB<sub>FIN</sub>

A mãe dela cozinhava caldo de mandioca para agradá-la.

Br

(1022)

a-salgai sukuera [ti=arã puxuera ae]  
 1sg<sub>A</sub>-salgar carne NEG=SUB<sub>FIN</sub> ser.feio 3SG  
 Salguei a carne para ela não ficar ruim.

Br, elicitado

A oração subordinada de finalidade também pode ocorrer com predicados nominais, de modo que a tradução ocorra como “para ser Y”. Neste caso, expressa que a entidade Y passará a existir futuramente, ou pelo menos, que uma entidade X deverá ser transformada de um estado inicial X para um estado Y<sup>176</sup>. Assim, no enunciado em (1023), *iwa* ‘fruta’ deverá ser transformada em *serimiara* ‘minha comida’.

<sup>176</sup> Essa propriedade semântica foi expressa por Anchieta (1990[1595], 33-34) como ‘futuro dos nomes’ (v. 4.3.4).

(1023)

a-yutima se-iwa asui a-yuka [se-rimiara arã]  
 1sg<sub>A</sub>-plantar 1sg<sub>E</sub>-fruta CONJ 1sg<sub>A</sub>-tirar 1sg<sub>E</sub>-comida SUB<sub>FIN</sub>  
 Planto minha fruta. Depois, tiro para ser minha comida.

Bn

(1024)

a-mu-yereu ainta yuwi arã  
 1sg<sub>A</sub>-CAUS-virar 3PL rã SUB<sub>FIN</sub>  
 Vou fazer eles [os farelos de farinha] virarem rã.

Br

(1025)

ti=u-riku s-ape arã  
 NEG=3sg<sub>A</sub>-ter 3sg<sub>E</sub>-caminho SUB<sub>FIN</sub>  
 Não tinha (nada) para ser seu caminho.  
Contexto: No começo do mundo, a mulher não tinha o caminho (a vagina) por onde nascem as crianças. *sape=rã* faz referência ao caminho que está par ser criado.

Bn

(1026)

ta-transformai=wã nhaã yuwi ita arã  
 tau-transformai=wã  
 3pl<sub>A</sub>-transformar=PFT DEM<sub>DIST</sub> rã PL DAT<sub>PROSP</sub>  
 Já as transformaram aquelas para serem rãs.

Br

#### 10.2.2.1.5 Hipotética

A forma *maã* ‘nome genérico’ [– humano] [+ atual] parece estar passando por um processo de gramaticalização para funcionar como um marcador de modalidade ‘hipotética’, utilizando o termo proposto para os usos hipotéticos dos modais no passado do Inglês ou do subjuntivo passado em línguas românicas (Bybee 1995). Com marcador de modalidade hipotética, *maã* indica que o enunciado deve ser interpretado como uma sugestão ou hipótese. Além disso, permite

que o falante se distancie em relação ao valor de verdade daquilo que propõe no enunciado, com o intuito de manter relações amistosas com o ouvinte. Assim, ao marcar o enunciado como hipotético, o falante garante também um caráter de polidez ao enunciado.

(1027)

a-riku      mã      awa      u-yupi(ri)=wã  
1sg<sub>A</sub>-ter    SUB<sub>HIP</sub>    NGH    3sg<sub>A</sub>-subir=PFT

x=arã              kua              kumã  
1SG=DAT<sub>PROSP</sub>    DEM<sub>PROX</sub>    fruta.cumã

Se eu tivesse quem já subisse para mim neste pé de cumã.

Wr

(1028)

a-putai           mã           a-sendu  
1sg<sub>A</sub>-querer    SUB<sub>HIP</sub>    1sg<sub>A</sub>-escutar

si=nunka           tau-kastigai      inde  
COND=nunca    3pl<sub>A</sub>-castigar    2sg  
Queria ouvir se nunca castigaram você.

Br, repetido de (655)

Exercendo a função de marcador de modalidade hipotética, *maã* tem distribuição diferente daquela que apresenta como nome. Em (1029), *maã* em primeira posição, porque é atraído pelo clítico de negação. Em (1030), *maã* ocorre combinado a *tenki* ‘partícula de deôntico de obrigação’ em primeira posição de rema. Em (1031), *maã* ocorre junto com *saá*, forma registrada por Taylor para o condicional *si*, no Içana na década de 1980.

(1029)

ti=maã              a-gana~ganai  
NEG= SUB<sub>HIP</sub>    1sg<sub>A</sub>-RED~enganar

Não enganaria.

Wr, repetido de (593)

(1030)

tau-munhã arã pesquisa u-valei ta-xupe arã  
 3pl<sub>A</sub>-fazer SUB<sub>FIN</sub> pesquisa 3sg<sub>A</sub>-valer 3pl<sub>E</sub>-DAT<sub>EXTR</sub> DAT<sub>PROSP</sub>

komo nota tenki mã nhaã professor u-akompanhai  
 como nota OBRIG SUB<sub>HIP</sub> DEM<sub>DIST</sub> professor 3sg<sub>A</sub>-acompanhar

Para fazer uma pesquisa valer para eles como nota, o professor teria que acompanhar.

Br

(1031)

saá-maá u-kwá-ramé u-pisika-maá yepesawa  
 COND-SUB<sub>HIP</sub> 3sg<sub>E</sub>-saber-SUB<sub>TEMP</sub> 3sg<sub>A</sub>-pegar- SUB<sub>HIP</sub> primeiro

nhaá u-sika rame waá aá=pe  
 DEM<sub>DIST</sub> 3sg<sub>A</sub>-chegar- SUB<sub>FIN</sub> RELAT DEM=LOC

u-yasá-rama aé  
 3sg<sub>E</sub>-passar-SUB<sub>FIN</sub> 3SG

Se soubesse, ele agarraria a primeira pessoa que chegar ali com a intenção de atravessar [o rio]

(Taylor G. , 2010; respeitada a transcrição do autor, e glosas adaptadas)

Em função de marcador de modalidade hipotética, *maã* passa a ser considerado sincronicamente como subordinador, como representado na análise justalinear, e seria, portanto, homófona ao *maã* ‘nome genérico’.

#### 10.2.2.1.6 *Contrafactual*

Conforme descreve Taylor (2010), *arã* ‘subordinador de finalidade’ pode combinar-se com a partícula *yepe* ‘frustrativo’ para “expressar alguma coisa que deveria ter-se realizada, mas que não foi lograda”. Consideramos esse tipo de modalização como ‘contrafactual’. Em (1032) e (1033), reproduzimos alguns exemplos do autor e em (1034) e (1035) exemplos de nosso *corpus*:

(1032)

a-mbau arã yepe ae  
 1sg<sub>A</sub>-comer SUB<sub>FIN</sub> FRUSTR 3SG  
 Deveria ter comido ela (mas ela fugiu)  
 (Taylor, 2010; glosas adaptadas)

(1033)

nhaã=pe nhaã ta-festa  
 DEM<sub>DIST=LOC</sub> DEM<sub>DIST</sub> 3pl<sub>E</sub>-festa

ta-festa puranga=rã yepe  
 3pl<sub>E</sub>-festa ser.bonito=SUB<sub>FIN</sub> FRUSTR  
 A festa deles deveria ter sido bonita (mas chegou o demônio para  
 estragá-la)

(Taylor, 2010; glosas adaptadas)

(1034)

amu u-yuka ximiriku arã yepe  
 outra.entidade 3sg<sub>A</sub>-tirar 3sg<sub>E</sub>.esposa SUB<sub>FIN</sub> FRUSTR  
 Outro tiraria a para ser sua esposa (mas não tirou).

Bn

(1035)

aiwã ta-yuká arã yepe ae  
 tau-yuká  
 CONJ<sub>CONCL</sub> 3pl<sub>A</sub>-matar SUB<sub>FIN</sub> FRUSTR 3SG  
 Já matariam ele (mas não conseguiram)

Bn

A forma *arã* ‘subordinador de finalidade’ indica a orientação para a potencialidade de ocorrência. Ao passo que *yepe* ‘frustrativo’ indica que no final o evento não ocorreu (ou, pelo menos, não teve o resultado esperado). Em termos de estrutura sintática, *yepe* ‘frustrativo’ tem escopo sobre a oração subordinada de finalidade: [[[SV] *arã*] *yepe*].

Taylor aproxima a combinação de *arã* e *yepé* de uma construção similar em Baniwa, em que o morfema ‘potencial’ combina-se com o ‘frustrativo’ para criar um condicional. O contato entre o Nheengatú e as línguas Arawak do norte, particularmente o Baniwa, teria favorecido a combinação de um morfema de potencialidade (ou ‘subordinador finalidade’, em nossa terminologia) a uma forma de frustrativo. É preciso ponderar, porém, que esse tipo de estrutura tem paralelos com estruturas semelhantes em outras línguas da família Tupi-Guarani. Bertinetti (2006, 123-125) descreve em Guarani do Chaco boliviano um ‘futuro do passado’, formado a partir de uma marca de futuro verbal *-ta* a uma marca de frustrativo, *tëi*.

Parece-nos precoce no estágio atual das pesquisas, decidir como emergiu a construção condicional feita pela combinação de *arã* ‘subordinador de finalidade’ e *yepé* ‘frustrativo’. Para verificar a hipótese de influência do Baniwa, como propôs Taylor, é preciso investigar com maior profundidade as estruturas modais das línguas Tupi-Guarani.

#### 10.2.2.2 *Subordinador preposto*

Devido ao contato com o Português, foram introduzidos em Nheengatú subordinadores que ocorrem prepostos. Esse padrão não apenas emergiu na língua por conta de empréstimos, como *soki* ‘concessiva’ e *si* ‘condicional’<sup>177</sup>, mas também por conta de reanálise de material da língua, permitindo a emergência de novos subordinadores de posição inicial como *mairame* ‘temporal’, que tende a substituir a forma breve posposta *rame* nas orações subordinadas temporais.

---

<sup>177</sup> Ver 10.2.2.1.1: a forma *si* ocorre combinada à *rame* ‘condicional temporal’,

10.2.2.2.1 *Temporal*

As orações subordinadas adverbiais temporais são identificadas pelo subordinador *mairame*. A oração subordinada ocorre preposta à oração principal. O subordinador *mairame* ocorre necessariamente na primeira posição da subordinada. Em termos semânticos, as orações subordinadas temporais expressam uma sequência de eventos. Os enunciados (1036) a (1038) ilustram orações verbais subordinadas:

(1036)

[mairame paa u-sika] u-mã kuaye  
 SUB<sub>TEMP</sub> REP 3sg<sub>A</sub>-chegar 3sg<sub>A</sub>-ver desse jeito  
 Diz que quando ele chegou, viu deste jeito.

(1037)

[mairame paa ximiriku u-yereu] u-mã yuru rese  
 i-yuru  
 SUB<sub>TEMP</sub> REP 3sg<sub>E</sub>:esposa 3sg<sub>A</sub>-virar 3sg<sub>A</sub>-ver 3sg<sub>E</sub>:boca RELAT  
 Diz que quando a esposa virou, viu na boca dele.

(1038)

[mairame tambui ne-pratu upe]  
 tau-mu-puri  
 SUB<sub>TEMP</sub> 3pl<sub>A</sub>-CAUS-pular 2sg<sub>E</sub>-prato LOC  
 ne-obrigação re-mbau-pa(wa)  
 2sg<sub>E</sub>-obrigação 2sg<sub>A</sub>-comer-acabar

Quando colocam [comida] no teu prato, tua obrigação é comer tudo.

Bn

O subordinador *mairame* ‘temporal’ é etimologicamente ligado ao subordinador *rame* ‘temporal condicional’. A diferença semântica entre os dois tipos de subordinadas temporais parece estar ligado à modalidade. Considere (1039) e (1040):

(1039)

[mairame yande miri ] nunka kuri ya-su ya-yuká  
 SUB<sub>TEMP</sub> 1PL DIM nunca FUT 1pl<sub>A</sub>-ir 1pl<sub>A</sub>-matar

bũwa piri pirá [yane-rimiara arã]  
 ser.abundante ser.mais peixe 1pl<sub>E</sub>-comida SUB<sub>FIN</sub>

Sendo nós pequenos, nunca vamos matar peixe maior que nós para ser nossa comida.

Br

(1040)

[ixe rame] a-kuntai Nheengatu  
 1SG SUB<sub>TEMP</sub> 1sg<sub>A</sub>-falar Nheengatú

Se fosse eu, falava Nheengatú.

Br, repetido de (1012)

Em (1039), o estado ‘ter sido pequeno’ de fato ocorreu. Em (1040), repetido de (1012) para facilitar a leitura, o estado ‘ser o ouvinte’ é completamente irreal. A estrutura em (1041) não pode ser utilizada como contra-argumento a esta interpretação, uma vez que o advérbio *kuxima* ‘antigamente’ pode estar correlacionado à modalidade do irreal<sup>178</sup>.

(1041)

kuxima [kuaira rame] a-muri wera inde  
 a-mu-uri

antigamente pequena SUB<sub>TEMP</sub> 1sg<sub>A</sub>-CAUS-ser.alegre HAB 2SG  
 Antigamente, quando você era pequena, sempre agradava você.

Br, repetido de (1011)

<sup>178</sup> A compreensão das sutilizas de modalidade da língua requer estudo mais aprofundado no futuro.



10.2.2.2.2 *Concessiva*

A oração subordinada adverbial concessiva é identificada morfológicamente pelo subordinador *soki* ‘concessivo’, empréstimo do Português *só que*. Não apenas houve transferência de forma e sentido, mas também de estrutura sintática: a oração subordinada é posposta à oração principal e o subordinador ocorre no início da subordinada. Os enunciados (1042) a (1043) ilustram orações subordinadas adverbiais concessivas.

(1042)

ape            u-nheengai    u-iku            apiga    rera  
 CONJ<sub>SEQ</sub>    3sg<sub>A</sub>-cantar    3sg<sub>A</sub>-estar    homem    nome

[soki            ti=a-pudei            a-mbeu]  
 SUB<sub>CONCES</sub>    NEG=1sg<sub>A</sub>-poder    1sg<sub>A</sub>-contar

Aí, estava cantando o nome do homem só que não podia contar.

Wr

(1043)

inde re-nasei    se-sui            [soki            inde nunca kuri  
 2SG 2sg<sub>A</sub>-nascer 1sg<sub>E</sub>-ABLAT SUB<sub>CONCES</sub> 2SG nunca FUT

re-su    re-yuká    bũwa            piri    waa nhaã    pirá]  
 2sg<sub>A</sub>-ir 2sg<sub>A</sub>-matar ser.abundante ser.mais REL DEM<sub>DIST</sub> peixe

Você nasceu de mim, só que você nunca vai matar um peixe que é maior (do que você).

Br

(1044)

ya-sendu ya-sendu  
 1pl<sub>A</sub>-escutar 1pl<sub>A</sub>-escutar

[soki ti=ya-compreendei maye-sa]  
 SUB<sub>CONCES</sub> NEG=1pl<sub>A</sub>-compreender ser.cómo-NMZ

Escutar, escutamos, só que não compreendemos o que é dito.

Lit.: Escutamos, escutamos, só que não compreendemos o como.

Wr

Em termos semânticos, a interpretação pode ser de concessiva ou de adversativa. Na interpretação concessiva propriamente dita a oração principal expressa um evento como sendo real ‘O homem está cantando’ (1042) e ‘o ouvinte nasceu da falante’ (1043). Na interpretação adversativa, a verdade está na subordinada “nós não compreendemos o que é dito” (1044), que contradiz a principal. Porém, trata-se de uma adversativa que compromete menos o grau de verdade da proposição da principal, do que uma oração adversativa com a conjunção *mas*.

### 10.2.3 Orações relativas

Orações relativas são orações subordinadas que têm como função modificar o núcleo de um sintagma nominal. A oração relativa é morfologicamente simétrica a uma oração independente. Isso significa que a oração relativizada mantém todas as marcas de finitude: verbos mantém a capacidade de selecionar prefixos de pessoa de acordo com a classe a que pertencem. Além disso, a relativa pode ter marcas de polaridade, partículas e clíticos de tempo e aspecto; construções com verbos auxiliares, etc. Nos enunciados abaixo, apresentamos relativas com partículas (1045), com clíticos aspectuais (1046), com uma construção com verbo auxiliar (1047). Para facilitar a leitura, apresentamos o sintagma nominal entre colchetes e com núcleo sublinhado.

(1045)

[aitenhaã kuri puxuera waa]  
 DEM<sub>DIST</sub> FUT ser.feio REL

u-yapi kuri ui kua kiti  
 3sg<sub>A</sub>-jogar FUT farinha DEM<sub>PROX</sub> ALAT

Aquela, que é feia, vai jogar a farinha para cá.

Br

(1046)

ti=será [inde re-manu=wã waa]  
 NEG=Q<sub>POLAR</sub> 2SG 2sg<sub>A</sub>-morrer=PFT REL  
 "Não era você que estava morto?"

Br

(1047)

kua wakari [mame u-iku waa arara ruwaya]  
 DEM<sub>PROX</sub> macaco.wakari onde 3sg<sub>A</sub>-estar REL arara rabo

O macaco está onde está o rabo da arara.

Lit.: O macaco está onde que está o rabo da arara.

Br

Orações relativas podem modificar um sintagma nominal que ocorra em qualquer posição da sentença. Em (1049) e (1048), apresentamos núcleos de sintagmas nominais, modificados por oração relativa, que ocorrem em posições argumentais e em posições periféricas.

- *Sujeito de transitiva (A)*

(1048)

[aitenhaã kuri puxuera waa]  
 DEM<sub>DIST</sub> FUT ser.feio REL

u-yapi kuri ui kua kiti  
 3sg<sub>A</sub>-jogar FUT farinha DEM<sub>PROX</sub> ALAT  
 Aquela, que é feia, vai jogar a farinha para cá.

Br

- *Sujeito (S<sub>A</sub>)*

(1049)

[taira ta-yapi waa] u-yenũ nhaã praya upe  
 tau-yapi  
 filho 3pl<sub>A</sub>-jogar REL 3sg<sub>A</sub>-deitar DEM<sub>DIST</sub> praia LOC  
 O filho, que jogaram, deitou naquela praia.

Br

- *Sujeito (S<sub>O</sub>)*

(1050)

[aitenhaã u-puiri waa] puxuera  
 DEM<sub>DIST</sub> 3sg<sub>A</sub>-torrar REL ser.feio  
 Aquela lá que torra é feia.

Br

- *Objeto (O)*

(1051)

u-konhesei    fundamenti  
3sg<sub>A</sub>-conhecer profundamente

[maã    nhaã    kariwa    ita    u-konhesei    waa]  
NG    DEM<sub>DIST</sub>    não.indígena    PL    3sg<sub>A</sub>-conhecer    REL  
Ele conhece profundamente aquilo que os brancos conhecem

Br

(1052)

ixe    a-su    a-kontinuai    [maã João    u-mbeu    waa]  
1SG    1sg<sub>A</sub>-ir    1sg<sub>A</sub>-continuar    NG    João    3sg<sub>A</sub>-contar    REL  
Eu vou continuar aquilo que o João contou.

Br

- *Núcleo lexical de orações existenciais*

(1053)

aikue    [yepe    garape    turusu    waa]  
EXIST    INDF    igarapé    ser.enorme    REL  
Havia um igarapé, que era grande.

Br

(1054)

aikue    [maã    puranga    waa]  
EXIST    NG    ser.bonito    REL  
Tem aquela que é bonita.

Br

- *Núcleo de um predicado nominal*

(1055)

se-manha paya [nhaã Werekena ike-wara wa]=ita  
 1sg<sub>E</sub>-mãe pai DET<sub>DIST</sub> Warekena aqui-DNP REL-PL

O pai da minha mãe era aqueles Warekena, que eram daqui

Lit.: O pai da minha mãe era da classe dos Warekena, que são daqui.

Wr

A oração relativa também pode ocorrer dentro de um sintagma posposicional ou adverbial. Em (1056) a relativa ocorre em um sintagma posposicional e em (1057) em um sintagma adverbial.

(1056)

u-putai u-yuiri [ma=rupi u-yuiri waa nhaã kawa]  
 3sg<sub>A</sub>-querer 3sg<sub>A</sub>-voltar NG=PERL 3sg<sub>A</sub>-voltar REL DEM<sub>DIST</sub> caba

Ele quer voltar por onde aquela caba voltou.

Bn

(1057)

tenki re-segurai [mame puranga waa]  
 OBRIG 2sg<sub>A</sub>-segurar onde ser.bonito REL

Você tem que segurar onde é bonito.

Lit.: Você tem de segurar onde que é bonito.

Br

O Nheengatú permite ainda o estabelecimento de relativas sem cabeça. Trata-se de uma relativa em que o núcleo do sintagma nominal modificado não é explícito, ou, dependendo da teoria adotada, o sintagma nominal é expresso por um zero. Podemos entender a elipse do núcleo do sintagma nominal modificado por uma relativa como parte de um *continuum*, em que o núcleo pode ser manifestado lexicalmente, manifestado por nomes de semântica pouco específica como *maã* [não humano] e *awa* [humano], por pronomes e demonstrativos, e, finalmente, por zero. Em Nheengatú todas as etapas dessa escala são possíveis, inclusive a formação de uma relativa livre

pode como (1058). A relativa livre mantém as propriedades de definitude. Em (1059), por exemplo, oração relativa é formada por uma construção com verbo auxiliar que mantém os argumentos oblíquos.

(1058)

a-kua [a-nheẽ waa]  
 1sg<sub>A</sub>-saber 1sg<sub>A</sub>-dizer REL  
 Sei o que digo.

W<sub>r</sub>

(1059)

ape paa u-maã  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP 3sg<sub>A</sub>-ver

[tau-pui u-iku waa nhaã kaverna-wasu upe]  
 3pl<sub>A</sub>-pular 3sg<sub>A</sub>-estar REL DEM<sub>DIST</sub> caverna-AUM LOC

Aí, diz que viu que estavam pulando dentro daquela caverna bem grande.

Br

Relativas livres são muitas vezes utilizadas como determinante genitivo de um nome, como ilustram os exemplos (1060) ou (1062).

(1060)

uwiara [u-manu wa]=ita ara  
 hoje 3sg<sub>A</sub>-morrer REL=PL dia  
 O dia de hoje é o dia dos que morreram.

Br

(1061)

pe-sendu [u-akonteseri waa] kuera  
2pl<sub>A</sub>-escutar 3sg<sub>A</sub>-acontecer REL NGC

Vocês ouviram o que aconteceu.

Lit.: Vocês ouviram o resquício do que aconteceu.

Bn

(1062)

aikue yepe taina, [tuyu waa] raira  
EXIST INDF criança homem.velho REL filho

Havia uma criança, filho do que era mais velho.

Br



### 11 Téticas e categóricas: considerações sobre a ordem dos constituintes

No capítulo 9, vimos que a ordem preferencial dos constituintes em Nheengatú é SVO, mas afirmarmos que certa flexibilidade é possível. Vimos também que a ordem permite distinguir orações equativas de inclusivas, uma vez que estas marcam o sujeito em posição inicial, enquanto aquelas o marcam em posição pós-predicado, como ilustrado em (1063) e (1064), com exemplos repetidos das seções anteriores<sup>179</sup>:

(1063) Inclusiva

se-mena ambira baniwa  
1sg<sub>E</sub>-mãe falecido etnia Baniwa  
Meu finado marido é Baniwa.

Bn

(1064) Equativa

Yurupari paa ae  
entidade mítica REP 3SG  
Diz que ele é Jurupari.

Bn

Ao analisarmos as orações existenciais (v. 9.4.1), observamos que, embora sintaticamente seja possível negar uma existencial, os falantes preferem uma construção com o verbo *maã* ‘ver’, em que a entidade, cuja existência é negada, funciona como objeto. Assim, a estrutura de sentença em (1066) permite a negação de (1065), entretanto, em fala espontânea os falantes preferem utilizar a estrutura em (1067):

---

<sup>179</sup> Como esse capítulo tem como objetivo tentar explicar as diferenças de ordem, utilizaremos dados mencionados anteriormente.

(1065)

kui(ri) aikue patawa  
 agora EXIST fruta.patauá  
 Agora tem bacaba.

(1066)

ti=aikue patawa ike  
 NEG=EXIST fruta.patauá aqui  
 Não tem bacaba aqui.

Br, elicitado

(1067)

kamixa kua yawe ti=ya-mã  
 camisa DEM<sub>PROX</sub> ser.assim NEG=1pl<sub>A</sub>-ver  
 Não havia camisa como esta.

Lit.: Camisa como esta, não víamos.

W<sub>r</sub>

Aqui, abordaremos o problema da ordem dos constituintes de uma perspectiva mais geral. Defenderemos a hipótese de que a ordem dos constituintes em Nheengatú manifesta formalmente a distinção entre ‘julgamentos téticos’ e ‘julgamentos categóricos’, a partir do modelo desenvolvido por Kuroda (1972 e 1992). Para tanto, apresentamos um resumo da proposta do autor, exemplificando os conceitos com enunciados do próprio Nheengatú. Exemplos extraídos de Kato (1989 e 2000) para o Português Brasileiro serão utilizados para clarificar alguns pontos da análise. Na seção 11.2, voltaremos a tratar das orações nominais e vamos argumentar que a diferença entre inclusivas e equativas resulta da relação de proeminência de tema. Analisaremos os fatores que condicionam a ordem SV e VS em estruturas intransitivas (11.3). Os fatores que levam à ordem OV em transitivas serão analisados na seção 11.4. Para reforçar a análise, analisaremos o comportamento de partículas e clíticos em julgamentos téticos e categóricos. Essa análise nos permitirá classificar o

Nheengatú como uma língua em que as categorias de tempo, aspecto, modalidade e negação estão ligadas ao rema como um todo e não apenas ao sintagma verbal.

### 11.1 *A distinção entre téticas e categóricas*

A partir da discussão de conceitos oriundos da filosofia, mais propriamente Bretano e Marty, Kuroda (1972) propõe a distinção entre ‘julgamentos categóricos’ e ‘julgamentos téticos’. Os julgamentos categóricos funcionam como asserções em que um Predicado é atribuído (ou negado) a um Sujeito. A estrutura Sujeito-Predicado não se manifestaria nos julgamentos téticos. O sentido dos termos Sujeito e Predicado nesta teoria difere do sentido de ‘sujeito gramatical’ e ‘predicado’, como utilizados nos capítulos anteriores. Os termos Sujeito e Predicado se aproximam do conceito lógico, ainda utilizado na gramática tradicional escolar. O autor sugere também uma aproximação, mas não equivalência, entre o conceito de ‘Sujeito de uma predicação categórica’ e o conceito de ‘tema’. Ao passo que, ‘Predicado de uma predicação categórica’ estaria correlacionado ao conceito de ‘rema’ — utilizando a clássica articulação tema/rema da Escola de Praga. Kuroda (1992) adota o termo ‘tópico’, utilizando a definição de Chomsky de constituinte na periferia à esquerda. O termo ‘Sujeito de uma predicação categórica’ pode ainda ser aproximado de ‘tópico de sentença’ na terminologia de Givón (2001, 277) e Foley (2007, 404).

Neste trabalho, retomaremos a terminologia da Escola de Praga: Sujeito de uma predicação categórica será chamado de tema, enquanto Predicado de uma predicação categórica será chamado de rema. Ainda que os conceitos não sejam totalmente equivalentes, eles são suficientemente próximos para que se estabeleça uma correlação. Ademais, o tema, sendo um conceito ligado à sentença, mantém-se separado do conceito de tópico discursivo, entendido como o referente discursivo permanente, retomado em diferentes instâncias do discurso.

Assim, neste trabalho, tema é entendido como a expressão que codifica o referente ao qual será atribuído um rema. Trata-se necessariamente de um referente, o qual o falante considera que o ouvinte é capaz de reconhecer. Portanto, ela é definida.

Um julgamento tético representa o reconhecimento ou rejeição da existência de uma entidade ou da percepção de um evento. Prototipicamente, as orações existenciais, como em (1065) acima, as existenciais imediativas como em (1068), e as impessoais, como (1069) e (1070) são téticas.

(1068)

aiwã            amana  
 EXIST<sub>MIN</sub> chuva  
 A chuva já está para existir.  
 Br

(1069)

saku            retã!  
 ser.quente INTS  
 Está muito quente  
 expressão corrente

(1070)

ape            paa u-sasa            ara  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP 3sg<sub>A</sub>-passar dia  
 Aí, diz que passou um dia.  
 Br

Se se pensarmos em termos de “assunto”, ou seja, do que se está falando nessas orações, poderíamos dizer que em (1065) e (1068), o assunto é a própria existência das entidades apresentadas, no caso o *patawa* ‘patauá’ e *amana* ‘chuva’. Nos enunciados (1069) e (1070), o assunto é a própria passagem do tempo.

Um julgamento categórico, por sua vez, consistiria em dois atos. O primeiro: afirmar ou negar a existência de uma entidade. O segundo: atribuir um predicado a essa entidade. O referente selecionado como tema ocorre na periferia à esquerda e será chamada de ‘tema’. O tema não necessariamente corresponde ao sujeito (v. 9.1). Em (1071), o tema é *miku* ‘mico’ que se refere a uma entidade pressuposta, para que se estabeleça o predicado *umanuwã* ‘já morreu’. Neste caso, há concordância entre o tema e o sujeito. Em (1072), *u restu* ‘o resto’, cuja função gramatical é objeto de *maã* ‘ver’, é tematizado. Em (1073), *kua tempu* ‘atualmente’ ocorre como tema<sup>180</sup>. Para facilitar a leitura, o tema foi sublinhado:

(1071)

miku u-manu=wã  
mico 3sg<sub>A</sub>-morrer=PFT  
O mico já morreu.

Br

(1072)

u restu ti=ya-maã  
o resto NEG=1pl<sub>A</sub>-ver  
O resto, não víamos.

Bn

(1073)

kua tempu [tau-su rame tau-pinitika]  
DEM<sub>PROX</sub> tempo 3pl<sub>A</sub>-ir SUB<sub>TEMP</sub> 3pl<sub>A</sub>-pescar

ta-yuká bŭwa  
tau-yuká  
3pl<sub>A</sub>-matar ser.abundante

Atualmente, quando vão pescar, matavam muito.

Bn

<sup>180</sup> A ordem entre oração subordinada e oração principal também está relacionada à distinção tema e rema. Deixaremos essa investigação para pesquisas futuras.

11.2 *A ordem nas orações nominais*

Nesta seção, levantaremos hipóteses que ajudem a explicar a distinção de ordem das orações nominais e adverbiais. Vimos em 9.4.2 que as orações inclusivas se diferenciam das equativas pela ordem dos constituintes. Considere as orações (1074) e (1075):

(1074) Nominal inclusiva

S  
se-mena            ambira    baniwa  
 1sg<sub>E</sub>-marido    falecido    etnia  
 Meu finado marido é Baniwa.

Bn

(1075) Nominal equativa

S  
 Tunũ        yara        tal di        Candido  
 Tunum      NGP        tal de        Cândido  
 Um tal de Cândido era o dono de Tunum.

Wr

No enunciado em (1074) o sujeito ocorre anteposto ao predicado, enquanto em (1075) acontece o inverso: o sujeito é posposto ao predicado. Compare o que ocorre no Nheengatú com as traduções para o Português Brasileiro (PB). No PB, em ambas as orações o sujeito necessariamente ocorre na primeira posição. Em relação ao parâmetro predicados com cópula, a ordem do PB é determinada pela proeminência do sujeito. Em Nheengatú, a ordem dos constituintes em orações nominais é determinada pela proeminência do tema: as orações nominais e adverbiais exigem que o tema seja colocado na posição inicial de sentença, independentemente de ser ou não sujeito.

Vimos na seção anterior, que o tema é necessariamente [+referencial] e [+ determinado]. Em certa medida, é também a informação mais velha e conhecida do ouvinte. Em (1074), *semena ambira* ‘meu marido’ é a informação compartilhada pelo falante e

pelo ouvinte. A informação nova — o fato de ser incluído na classe dos Baniwa — ocorre no rema. Nas orações inclusivas, o sujeito coincide com o tema, daí a ordem sujeito-predicado.

Em (1075), a informação mais conhecida do ouvinte é a de que existe um dono de um lugar chamado *Tunũ* ‘Tunum (topônimo)’. A informação nova é de que esse *Tunũ yara* ‘o dono de Tunum’ chama-se Cândido. Assim, como na oração nominal inclusiva, a informação mais velha, o tema ocorre em posição inicial. Nas orações equativas, porém, o tema não coincide com o sujeito.

Em uma visão apriorística, poderíamos dizer que houve uma inversão na oração equativa. Porém, não há razões para supôr que a oração equativa derive da oração inclusiva: a curva entonacional é a mesma, os clíticos de predicado se associam ao rema independente deste ocorrer em posição inicial ou no predicado. Em ambos os tipos de orações nominais, o tema ocupa a posição inicial. Ou seja, pelo menos em relação às orações nominais (e adverbiais), o Nheengatú é uma língua de proeminência de tema<sup>181</sup>.

### 11.3 *Ordem das orações intransitivas*

Kato (1989), utilizando Kuroda (1972), argumenta que em Português Brasileiro, a ordem dos constituintes das orações intransitivas, cujo núcleo é um verbo inacusativo<sup>182</sup>, permite distinguir entre julgamentos categóricos e téticos. Estes são expressos pela ordem VS, como em (1076); aqueles pela ordem SV, como em (1077):

---

<sup>181</sup> Na tipologia de Li e Thompson (1975), *topic-proeminent* (proeminência de tópico)

<sup>182</sup> Kato (1989) adota a hipótese de Perlmutter (1978), pela qual estes verbos selecionariam como argumento único um sujeito externo ao sintagma verbal.

(1076) Construção tética

PB            Furou o pneu  
 Japonês    [SN-ga]  
 (Kato 1989, 124)

(1077) Construção categórica

PB            O pneu furou  
 Japonês    [SN-wa]  
 (Kato 1989, 124)

Em Português Brasileiro, a ordem VS seria restrita a os chamados verbos inacusativos, o que explica a agramaticalidade da sentença em (1078):

(1078) \*Está correndo o gato.

No Nheengatú, assim como no Português Brasileiro, a ordem SV expressa julgamentos categóricos, enquanto a ordem VS, os téticos. Em Nheengatú, a ordem VS também é favorecida por verbos intransitivos dinâmicos inativos e por verbos intransitivos estativos, mas verbos intransitivos dinâmicos ativos também permitem a ordem VS<sup>183</sup>. Assim, um verbo como *yana* ‘correr’, que prototipicamente seleciona um sujeito que recebe papel temático AGENTE, pode ocorrer preposto ou posposto ao verbo. Na perspectiva adotada neste trabalho, a distinção que observamos entre intransitivos dinâmicos ativos e inativos é estabelecida em um *continuum*, não tem valor preditivo (cf. Shibatani e Pardeshi 2002). Compare os enunciados (1079), em que a ordem VS indica um julgamento tético, e (1080), em que a ordem SV indica um julgamento categórico:

---

<sup>183</sup> A rigor, em Português Brasileiros, os chamados verbos inergativos também podem ser usados em construções VS. Isso acontece quando o sujeito não tem papel agentivo – como em *Correm boatos por aí*. Essa discussão, entretanto, ultrapassa os limites deste trabalho.



(1079) Tética

ape paa u-yana waimĩ  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP 3sg<sub>A</sub>-correr mulher.velha  
 Ai, diz que a velha correu.

(1080) Categórica

ape paa Nhampirikuli u-yana  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP Nhampirikoli 3sg<sub>A</sub>-correr  
 Aí, diz que Nhampirikoli correu.

Em termos discursivos, julgamentos categóricos são utilizados para estabelecer predicação sobre uma entidade discursiva compartilhada por falante e ouvinte. Julgamentos téticos, por sua vez, permitem introduzir referentes novos no discurso. Assim, orações existenciais e orações intransitivas VS são tipicamente utilizados para introduzir referentes novos. Por hipótese, as orações existenciais seriam especializadas em introduzir um referente discursivo permanente (tópico discursivo), enquanto as orações VS seriam utilizadas para introduzir referentes discursivos menos proeminentes no discurso (v. 9.4.1 para função das existenciais).

Para verificar a validade dessa hipótese, foram analisadas 111 orações intransitivas. A análise indica que a ordem VS é privilegiada para introduzir novos referentes discursivos, enquanto SV ocorre com referentes discursivos já referidos anteriormente. Nas 111 orações, 81 apresentam ordem SV e 30 ordem VS. Das 30 orações intransitivas com ordem VS, 22 introduzem um referente discursivo novo. A ordem SV ocorreu em 81 orações, todas elas apresentam como sujeito um referente discursivo referido anteriormente. A Tabela 4 sumariza os resultados quantitativos:

**Tabela 4: Posição de S em relação ao estatuto discursivo de SN**

Posição de S	Referente discursivo compartilhado (velho)			Referente introduzido (novo)	TOTAL
	Pronome Pessoal	Demonstrativo	SN lexical	SN lexical	
pré-verbal (SV)	4	3	74	0	81
pós-verbal (VS)	0	1	7	22	30
<b>TOTAL</b>	4	4	81	22	111

A seguir, apresentamos enunciados retirados de textos longos, a fim de mostrar a ordem VS para a primeira referência a uma determinada entidade em discurso, contrapostos à ordem SV, a partir da segunda ocorrência:

(1081) Primeira ocorrência de *patrão* no texto

	V		S	
ape	u-sika	wera	yane	patrão
CONJ <sub>SEQ</sub>	3 <sub>sgA</sub> -chegar	HAB	1 <sub>plE</sub>	patrão

Aí, nosso patrão sempre chegava.

Wr

(1082)

(a) Primeira ocorrência de *tata* no texto

	V		S	
ape	paa	u-kanhemu	yepe	viagi
CONJ <sub>SEQ</sub>	REP	3 <sub>sgA</sub> -sumir	INDF	vez
				nhaã
				tata
				DEM <sub>DIST</sub>
				fogo

Ai, diz que uma vez, o fogo sumiu.

Br

(b) Nona ocorrência de *tata* no texto

		S		V
ape	paa	nhaã	tata	u-kanhemu
CONJ <sub>SEQ</sub>	REP	DEM <sub>DIST</sub>	fogo	3sg <sub>A</sub> -sumir

Aí, diz que aquele fogo sumiu.

Br

(1083) primeira referência a *feria* no texto

ape	u-pa(wa)	feria
CONJ <sub>SEQ</sub>	3sg <sub>A</sub> -acabar	férias

Aí, as férias acabaram.

Wr

(1084)

V		S
u-sika	primeiro	pai
3sg <sub>A</sub> -chegar	primeiro	padre

Predicado nominal S  
 Padre Luís Angelico sera pai  
 Padre Luís Angélico 3sg<sub>E</sub>:nome padre

S		V
primeiro	pai	u-sika
primeiro	padre	3sg <sub>A</sub> -chegar

Chegou o primeiro padre. Padre Luís Angélico, era o nome do padre.  
 O primeiro padre chegou.

Bn

Na Tabela 4, observamos que embora a ordem VS seja utilizada somente quando a entidade referida pelo SN sujeito é compartilhado pelo falante e o ouvinte, o contrário não é verdadeiro. Ou seja, há orações intransitivas com ordem SV em que o SN sujeito é conhecido e mesmo assim ocorre em posição pré-verbal.

Têm-se observado em análises do discurso em PB, que quando a referência a um referente já mencionado no discurso perde-se, seja porque outras referentes passaram a ocupar posição de maior destaque no decorrer do discurso, seja porque, simplesmente, o referente foi mencionado em momento muito anterior, há uma tendência em PB ao sujeito ocorrer em posição pós-verbal (Villaça-Koch 2000). Os autores chamam esse processo de rematização<sup>184</sup>.

Se reconsiderarmos o fenômeno em termos de julgamentos téticos e categóricos, poderíamos dizer que para introduzir uma entidade no discurso, utiliza-se um julgamento tético (sintaticamente expresso por VS). Após apresentado um referente, ele passa a ser [+ determinada] de modo que pode ocupar posição de tema — condição para que se estabeleça um julgamento categórico (sintaticamente expresso por SV). Porém, quando o falante desconfia de que seu ouvinte pode ter perdido a referência, o falante pode reintroduzir o mesmo referente. Nesse caso, poderá fazer uso de um julgamento tético. Segue daí que a ordem VS pode ser utilizada com referentes discursivos já mencionados anteriormente (como acontece em 8 dos casos mencionados na Tabela 4).

No trecho discursivo em (1085), observamos que a primeira referência a *nhaã pai Padre José* ‘aquele Padre José’, (linha a), trata-

---

<sup>184</sup> O conceito de rematização, no entanto, pressupõe que a estrutura básica seja SV e que há um movimento do sujeito para a ordem VS. Em nossa concepção, VS não deriva de SV, mas as duas estruturas apenas representam julgamentos de natureza diferente. Em SV, há uma relação entre um tema e um rema, de forma que o tema necessariamente ocorre em posição inicial. Em VS, não há tema. Além disso, a diferenciação entre téticas e categóricas apresentada por Kuroda dá conta de fenômenos aparentemente não relacionados em uma comparação entre línguas diversas. Em julgamentos téticos no Japonês, o sujeito ocorre em posição inicial com a marca de nominativo *-ga* e discursivamente é utilizado para introduzir referentes novos; enquanto em julgamentos categóricos, o tema, marcado por *-wa* ‘tematizador’, mantém-se em posição inicial e é utilizado para predicar sobre um referente conhecido. Em Português Brasileiro e em Nheengatú, a ordem permite a distinção: VS para julgamento tético usado para introduzir referentes novos e SV para julgamento categórico, para referentes discursivos compartilhados. Em outras palavras, o Japonês marca morfologicamente o que o Nheengatú e o Português Brasileiro marcam sintaticamente.

se de uma referente novo, o que determina a ordem VS. O referente passa a funcionar como tópico discursivo, tanto que pode ser retomado por um nome dêitico (linha b) e até mesmo por uma anáfora-zero (linhas c, d). Nas linhas (c, d) um segundo referente ocorre *se-paya ambira* ‘meu finado pai’. Esse referente, embora participe dos eventos — em (c) como CO-AGENTE de *sika* ‘chegar’, e em (d) como BENEFICIÁRIO do verbo *purandu* ‘perguntar’ — é indicado por sintagmas posposicionais  $[[SN] sui]_{SPosp}$  e  $[[SN]=pi]_{SPosp}$ , de modo que não chegam a tirar a atenção do ouvinte sobre o tópico discursivo *pai José*. Continua com um longo trecho o tópico discursivo passa a ser *kua missão* ‘esta missão’, o que leva o falante a representar o referente *Pai José* pela ordem VS na linha (f).

(1085)

- (a) u-sasa          tempu u-ri          nhaã          pai          Padre José  
 3sg<sub>A</sub>-passar tempo 3sg<sub>Ai</sub>-vir DEM<sub>DIST</sub> padre Padre José<sub>i</sub>  
 Passou algum tempo, veio aquele padre José.
- (b) ae          u-mu-yupiru          arã          kua          missão  
 3SG<sub>i</sub> 3sg<sub>Ai</sub>-CAUS-começar SUB<sub>FIN</sub> DEM<sub>PROX</sub> missão
- (c) u-sika          se-paya ambira          pi(ri)          mimi Santana upe  
 3sg<sub>Ai</sub>-chegar 1sg<sub>E</sub>-pai falecido<sub>j</sub>          DIR<sub>COM</sub> longe Santana LOC
- (d) u-purandu          i-sui  
 3sg<sub>Ai</sub>-perguntar 3sg<sub>Ej</sub>-ABLAT
- (e) mame=ta puranga          u-yu-munhã          arã          missão  
 onde=Q ser.bonito 3sg<sub>A</sub>-R/R-fazer SUB<sub>FIN</sub> missão

[...] Segue longo período sobre a construção da missão, inclusive com introdução de novos personagens.

- (f) asui=wã          u-sika          Padre José  
 CONJ=PFT 3sg<sub>A</sub>-chegar Padre José

Passou algum tempo, veio aquele Padre José. Ele mandou começar esta missão. Chegou lá com meu finado pai e perguntou dele onde era bom para se fazer uma missão. [ [...] Segue longo período sobre a construção da missão ] Já depois disso, o Padre José chegou.

Bn

A reutilização de julgamentos téticos para reativar na memória do ouvinte um referente já mencionado anteriormente também pode ser observado no trecho discursivo em (1086), em que o referente ‘Sofia’ é apresentado primeiramente em uma oração nominal (linha b). O texto prossegue com a referência sendo estabelecida apenas pelo índice de pessoa, uma vez que ‘Sofia’ funciona como tópico discursivo. Em (e) a referência volta a ser feita pela manifestação lexical, mas a ordem dos constituintes mantém-se em SV, uma vez que a referência à entidade continua facilmente acessível ao ouvinte. O texto continua com uma longa avaliação das religiões adotadas pelos Baniwa do Içana. Por fim, como pode ser visualiado na linha (f), o falante decide conferir se os ouvintes ainda mantém em mente, a referência à entidade Sofia. Para tanto, reativa o referente Sofia, por meio de uma construção com ordem VS:

(1086)

(a) ate 1940 rame ti=a-kua mãã sera  
até 1940 SUB<sub>TEMP</sub> NEG=1sg<sub>A</sub>-saber NG 3sg<sub>E</sub>:nome

(b) Sofia<sub>i</sub> paa sera  
Sofia REP 3sg<sub>E</sub>:nome

(c) u<sub>i</sub>-sika paa mimi Kuyari apira sui  
3sg<sub>A</sub>-chegar REP longe Cuiari acima ABLAT

(d) ta<sub>j</sub>-mbeu paa Karaka upe  
tau-mbeu  
3pl<sub>A</sub>-contar REP Caracas LOC

- (e) mimi Kuyari apira Sofia<sub>i</sub> u<sub>i</sub>-ri  
 longe Cuiari acima Sofia 3sg<sub>A</sub>-vi

[...] longa discussão sobre religiões, com introdução de novas entidades.

- (f) u-sika Sofia  
 3sg<sub>A</sub>-chegar Sofia

Até 1940, não sabia o nome dela. Diz que o nome era Sofia. Chegou lá de cima, do Cuiari. Falaram que esteve em Caracas. Lá de cima do Cuiari, ela veio.

[...] longo período sobre religiões.

Sofia chegou.

Bn

Além do uso para apresentar novos referentes discursivos ou resgatar entidades cuja referência pode ter sido perdida, julgamentos téticos também são utilizados para expressar o reconhecimento de uma realidade ou mera percepção dos fatos (Kuroda 1992, 69). Por essa razão, julgamentos téticos são tipicamente utilizados para apresentar passagem do tempo. Assim, orações intransitivas com ordem VS são utilizadas para indicar passagem do tempo, como ilustram os enunciados (1087) a (1089):

(1087)

V		S	
u-sasa	paa	siya	yasi
3sg <sub>A</sub> -passar	REP	várias.entidades	luas

Diz que passaram muitos meses.  
 Lit.: Passou, diz que, muitas luas.

Bn

(1088)

	V	S
ape	paa u-sasa	ara
CONJ <sub>SEQ</sub>	REP 3sg <sub>A</sub> -passar	dia

Ai, diz que passou um dia.

Br

(1089)

V	S
u-su	u-pa(wa) meu-dia
3sg <sub>A</sub> -ir	3sg <sub>A</sub> -acabar meio-dia

Vai acabar meio-dia

Br

#### 11.4 *Tematização do objeto direto*

Analisando orações intransitivas nominais, observamos que em Nheengatú o tema ocorre em posição inicial, independente de sua coincidência com o sujeito (11.2). Ao tratarmos de orações intransitivas verbais, observamos que o sujeito ocorre em posição inicial (pré-verbal) quando é tema (11.3). Essas características aproximam o Nheengatú de uma língua com proeminência de tema.

Entretanto, quando entramos no domínio das orações transitivas, observamos que o sujeito gramatical é privilegiado em posição inicial. Apenas em 4,3% das orações transitivas com objeto expresso por SN<sup>185</sup> tem objeto em posição inicial.

Se tivermos em conta as mudanças tipológicas ocorridas entre o Tupinambá e o Nheengatú, observamos que (muito provavelmente influenciado pelo Português): (a) a ordem dos constituintes passou de preferencialmente SOV para SVO; (b) os verbos transitivos passaram a marcar necessariamente o sujeito por um índice de nominativo e as relações gramaticais passaram a ser facilmente reconhecida pela

---

<sup>185</sup> Ver em 9.1 a Tabela 3.



ordem; (c) há uma tendência na língua a estabelecer concordância de número sujeito e verbo — tendência acompanhada inclusive da emergência de uma terceira pessoa plural nos paradigmas de IP<sub>A</sub> e de IP<sub>E</sub> (v. 9.1). Esses novos padrões sintáticos do Nheengatú sugerem que entre o Tupinambá e o Nheengatú está em processo uma mudança tipológica de uma língua de proeminência de tema para uma língua de proeminência de sujeito gramatical. Ou seja, uma vez que o verbo não mais permite a indicação do acusativo na própria morfologia verbal, as relações gramaticais passaram a ser estabelecidas pela ordem dos constituintes<sup>186</sup>.

Ainda assim, o objeto (e também outros constituintes da sentença) podem ocorrer em posição inicial. Nesse caso, porém, trata-se de uma sentença marcada. Chamaremos a operação de deslocamento do constituinte à esquerda de ‘tematização’<sup>187</sup>. O SN objeto deslocado à esquerda é necessariamente SN definido, faz referência anafórica a uma entidade já presente no discurso. Em (1090) e (1091), observamos a tematização de *ae* ‘terceira pessoa do singular’. Em (1092) a (1094), o SN tematizado é determinado por demonstrativos. Em (1095), por um quantificador:

---

<sup>186</sup> Lehmann (1975) sugere que os dialetos do Proto Indo-Europeu tenham sido uma língua de proeminência de tópico (proeminência de tema em nossa terminologia). Para o autor, a passagem de uma língua de proeminência de tópico para uma língua de proeminência de sujeito coincide com a passagem da estrutura OV para VO. A mudança do Nheengatú também sugere uma correlação entre a mudança do padrão OV para VO e a proeminência do sujeito gramatical. Esta questão diacrônica, no entanto, ultrapassa os objetivos desta pesquisa.

<sup>187</sup> Utilizamos o termo ‘tematização’ em coerência com nossa decisão de chamar o Sujeito de uma predicação categórica de ‘tema’. O conceito pode ser aproximado do conceito de ‘topicalização’ nas linhas de pesquisa que usam o termo ‘tópico’ (ou ‘tópico de sentença’). Observe, no entanto, que ao tratarmos da questão como tematização estamos ainda no domínio da sentença em (1097), por exemplo, *relógiu* ‘relógio’ não é o tópico discursivo, mas é o tema da oração, daí o movimento.

(1090)

ae ya-kua puranga  
 3SG 1pl<sub>A</sub>-saber ser.bonito  
 Isso sabemos bem.

Bn

(1091)

então ae a-yu-mbue pe-irũ  
 CONJ<sub>CONCL</sub> 3SG 1sg<sub>A</sub>-R/R-ensinar 2pl<sub>E</sub>-COM<sub>INSTR</sub>  
 Então, isso, aprendi com vocês.

Br

(1092)

nhaã jeito ya-iku até kui(ri)  
 DEM<sub>DIST</sub> jeito 1pl<sub>A</sub>-estar até agora  
 Deste jeito, estamos até agora.

Bn

(1093)

ape nhaã kupixa ta-u=wã paa  
 tau-u=wã  
 CONJ<sub>SEQ</sub> DEM<sub>DIST</sub> roça 3pl<sub>A</sub>-comer=PFT REP  
 Aí, aquela roça, diz que já comeram.

Br

(1094)

kua pedasu<sub>i</sub> ae<sub>j</sub> supi umba  
 u-mu-pa(wa)  
 DEM<sub>PROX</sub> pedaço 3SG com.certeza 3sg<sub>A</sub>-CAUS-acabar  
 Este pedaço<sub>i</sub>, ele<sub>j</sub> verdadeiramente fez acabar.

Bn

(1095)

só tiputi nhaã teyu u-mbau  
 só fezes DEM<sub>DIST</sub> calango 3sg<sub>A</sub>-comer  
 Só bosta, aquele calango come.

Br

No trecho discursivo em (1096), observamos que o referente apresentado em posição de rema pelo sintagma nominal indeterminado *yepe klima* ‘um clima’ é retomado em seguida tematizado e determinado pelo sintagma mais específico *nhaã inverno miri* ‘aquele friozinho’:

(1096)

ape paa u-munhã yepe klima  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP 3sg<sub>A</sub>-fazer INDF clima

nhaã invernu-miri paa u-munhã  
 DEM<sub>DIST</sub> inverno-DIM REP 3sg<sub>A</sub>-fazer

Aí, dizem que fez uma [mudança de] clima. Aquele invernozinho, diz que fez.

Br

Em Nheengatú, a tematização do objeto é estratégia privilegiada para negar a existência de um referente (v 9.2.1). Uma existencial positiva introduz um novo referente, daí sua tendência a ser sempre representada por um SN indefinido (v. 9.4.1.2). As existências negativas colocam um problema. Por uma exigência do mundo extralinguístico, falante e ouvinte devem conhecer a entidade que o falante pretende negar a existência. Em Nheengatú, para evitar uma construção existencial negativa, que tenderia a expressar um referente conhecido como indefinido, utiliza-se uma construção com o verbo *maã* ‘ver’ que exige que um SN definido. Este SN definido favorece a tematização, como ilustra (1097) (v. 9.4.1.1):

(1097)

kuxima            relógiu      ti=ya-mãã  
antigamente      relógio      NEG=1pl<sub>A</sub>-ver

Não havia relógio antigamente.

Lit: Antigamente, relógio, não víamos.

Wr

### 11.5 A negação em téticas e categóricas

Considere os enunciados (1098) e (1099):

(1098)

se-manha      ti=u-pudei      u-iskrevei  
1sg<sub>E</sub>-mãe      3sg<sub>A</sub>-poder      3sg<sub>A</sub>-escrever

Minha mãe não consegue escrever.

Br, elicitado

(1099)

ti=mira            u-pudei            u-iskrevei  
NEG=pessoa      3sg<sub>A</sub>-poder      3sg<sub>A</sub>-escrever

Ninguém consegue escrever.

Wr

Em (1098), o sujeito *semanha* ‘minha mãe’ ocorre preposto ao clítico de negação *ti*, enquanto em (1099) o sujeito *mira* ‘pessoa, gente’ ocorre posposto ao clítico de negação *ti*. A diferença também parece estar ligada ao SN sujeito ser tema ou não. Em (1098), constrói-se um julgamento categórico sobre a entidade referida por *semanha*. O tema remete a uma entidade previamente conhecida e referida por *semanha* (SN definido) e o rema trás a informação nova de que *ti=upudei upuraki* ‘não consegue escrever’. Em (1099), não se estabelece um predicado sobre *mira* ‘pessoa, gente’, mas apenas se indica a percepção sobre uma situação ‘ninguém consegue escrever’. Trata-se nesse caso de um julgamento tético.

Em (1100) a (1102), apresentamos julgamentos categóricos em que se observa a negação entre o tema e o rema. Em (1103) a (1105),

apresentamos julgamentos téticos, em que na falta de um tema, a negação ocorre na primeira posição.

(1100)

porke kua rupi ti=re=ya-maã  
 CONJ<sub>EXPL</sub> DEM<sub>PROX</sub> PERL NEG=IMP=1pl<sub>A</sub>-ver

manunga(ra) nem pai ita  
 alguma.coisa NEG<sub>CONTR</sub> padre PL

porque por aqui ainda não víamos nada, nem padres.

Bn

(1101)

ixe ti=a-kua a-nheengai  
 1SG NEG=1sg<sub>A</sub>-saber 1sg<sub>A</sub>-cantar

Eu não sei cantar

Wr

(1102)

musapi(ri) ara ti=a-u se-rimbiu  
 três dia NEG=1sg<sub>A</sub>-comer.beber 1sg<sub>E</sub>-comida

Por três dias, não comi minha comida.

Br

(1103)

ti=ma=rupi u-nasei taina  
 NEG=NG=PERL 3sg<sub>A</sub>-nascer criança

Não tem por onde nascer a criança

Bn

(1104)

Ti=kirimba Aline u-yana  
 NEG=ser.forte Aline 3sg<sub>A</sub>-correr

Não fortemente a Aline corre.

Br

(1105)

ti=siya                      yane-rumuara              ita  
 NEG=várias.entidades 1pl<sub>E</sub>-companheiro PL  
 Nossos companheiros não eram muitos.

W<sub>r</sub>

Um sujeito pode ocorrer em posição de tema, mas também pode ocorrer em posição de rema. Compare (1106) em que o sintagma nominal *awa* ‘nome genérico de humano’ é sujeito, mas não é tema, e (1107) e (1108), em que *awa* é simultaneamente tema e sujeito.

(1106)

tiã=awa                      u-kuntari      se-irũ  
 ti=wã=awa  
 NEG=PFT=NGH 3sg<sub>A</sub>-falar 1sg<sub>E</sub>-COM<sub>INSTR</sub>  
 Ninguém mais fala comigo.

W<sub>r</sub>

(1107)

awa      ti=u-puraki                      ti=u-riku              nemaã  
 NGH    NEG=3sg<sub>A</sub>-trabalhar    NEG=3sg<sub>A</sub>-ter    nada  
 Quem não trabalha não tem nada

B<sub>n</sub>

(1108)

awa      u-kikiri                      waa      ti=u-kua  
 NGH 3sg<sub>A</sub>-cochilar    REL    NEG=3sg<sub>A</sub>-saber  
 Quem cochilou não sabe.

B<sub>n</sub>

As chamadas partículas de segunda posição tendem a ocorrer entre o tema e o rema em julgamentos categóricos. As chamadas partículas de posição inicial ocorrem em posição inicial, porque operam em julgamentos téticos. Nesse tipo de oração, os únicos elementos que podem ocorrer à esquerda são unidades lexicais que indicam circunstâncias, codificados por sintagmas adverbiais e

posposicionais<sup>188</sup>, que podem ser interpretadas como predicados mais altos (que tem escopo sobre todo o rema). Assim, a distinção entre partículas de posição inicial e as de segunda posição pode ser unificada como partículas de posição inicial de rema. Os enunciados (1109) a (1116) indicam a posição das partículas, tendo em vista a posição do rema.

(1109)

TEMA    REMA  
 wirande    kuri    ya-yuiri  
 amanhã    FUT    1pl<sub>A</sub>-voltar  
 Amanhã, logo voltaremos.

Wr

(1110)

TEMA    REMA  
 só Sofia    paa    u-kua    u-nheengai  
 só Sofia    REP    3sg<sub>A</sub>-saber    3sg<sub>A</sub>-cantar  
 Só Sofia, diz que sabe cantar.

Wr

(1111)

REMA  
 tenki    ya-su    apekatu    kariwa    ta-irũ  
 OBRIG    1pl<sub>A</sub>-ir    longe    não.indígena    3pl<sub>E</sub>-COM<sub>INSTR</sub>  
 Tínhamos que ir para longe com os não-indígenas.

Bn

<sup>188</sup> A possibilidade de ocorrer em posição de tema parece ser uma das propriedades que diferenciam advérbios de partículas, necessariamente ligadas ao rema. Esta propriedade está sob investigação.

(1112)

REMA

presizu tu-pikũi nhaã

tau-pikũi

NECESS 3pl<sub>A</sub>-cavar DEM<sub>DIST</sub>

É preciso cavar aquilo.

Wr

(1113)

REMA

aikue buya ike

EXIST cobra aqui

Há cobra aqui.

Br, elicitado

(1114)

REMA

kui(ri) aikue regatão

agora EXIST regatão

Agora tem regatão.

(1115)

REMA

kui(ri) paa tenki governu u-aprovai

agora REP OBRIG governo 3sg<sub>A</sub>-aprovai

Diz que agora o governo tem que aprovar.

Br

(1116)

REMA

nhaã tempu aikue=wã tuixawa?

DEM<sub>DIST</sub> tempo EXIST=PFT chefe

Naquele tempo já havia chefe?

Wr



Também a posição dos clíticos é determinada pela oposição tema e rema, uma vez que os clíticos sempre tomam como hospedeiro o primeiro elemento do rema. Os enunciados (1117) e (1119) permitem observar que os clíticos se ligam ao primeiro termo do rema.

(1117)

TEMA REMA

yande ike=wã

1PL aqui=PFT

Nós já estávamos aqui.

(1118)

TEMA REMA

amu ita tiã=ta-purasi

ti=wã=tau-purasi

outra.entidade PL NEG=PFT=3pl<sub>A</sub>-dançar

Os outros já não dançam. (Os outros não dançam mais)

Bn

(1119)

TEMA REMA

yawuti i-kuere=wã

jabuti 3sg<sub>E</sub>-ser.cansado=PFT

O jabuti já estava cansado.

Br

Se este é o caso, podemos afirmar que as categorias aspectuais *wã* ‘perfectivo’, *re* ‘imperfectivo’; as modais *tenki* ‘deôntico de obrigação’, *presizu* ‘deôntico de necessidade’, *kuri* ‘futuro projetado’ e a categoria de fonte de informação *paa* ‘reportativo’ e a negação *ti* não são necessariamente propriedades das categorias verbais. A marcas de TAM associam-se ao rema como um todo, independentemente do predicado ser de natureza verbal, nominal ou adverbial. Em termos tipológicos, assemelha-se ao Paez, na análise de Launey:

Le rhème attire les morphèmes marquant ce qu'on serait tenté d'appeler catégories verbales (temps-aspect-mode), mais qui se révèlent être des catégories de l'énoncé, associées non au seul procès (marqué par le verbe) mais bien à l'évènement tout entier (auquel renvoie l'ensemble de l'énoncé prédicatif). En paez, le point de rattachement de ces catégories est, non une base lexicale spécialisée (radical verbal), mais la partie de la phrase qui en constitue le centre informatif (le rhème).

[O rema atrai os morfemas marcando o que se será tentado a chamar de categorias verbais (tempo, aspecto e modo), mas que se revelam ser categorias de enunciado, ligadas não a somente um processo (marcado pelo verbo), mas a um evento inteiro (o qual está relacionado ao enunciado predicativo como um todo). Em Paez, o ponto de aproximação destas categorias é, não uma base lexical especializada (radical verbal), mas a parte da oração que constitui o centro informativo (o rema)] (Launey 1998, tradução livre acrescentada)

Em Nheengatú, assim como em Paez, a base verbal não é a categoria especializada nas categorias tempo-aspecto-modo. Essas categorias estão associadas diretamente ao rema, que como define Launey, seria o centro informativo da oração. Daí a impossibilidade de distinguir nomes e verbos pela sua combinação com marcas de tempo-aspecto-modalidade — sem que esta característica comprometa a distinção nome e verbo (v. 4.1).

## Considerações Finais

---

Neste trabalho, elaboramos uma descrição da fonologia e da gramática do Nheengatú, a “língua boa” como é conhecida a variedade contemporânea da língua geral amazônica.

Falada no alto do rio Negro, a língua é hoje o mecanismo de transmissão da mitologia, dos conselhos, das fábulas, da história de lutas de Baré do rio Negro, dos Warekena do rio Xié, e dos povos Baniwa do rio Içana. Esses grupos substituíram suas línguas tradicionais Arawak do norte no transcorrer do século XX. Assim, em uma mesma comunidade convivem idosos falantes de Nheengatú e Baniwa/Warekena; adultos, muitas vezes monolíngues em Nheengatú e jovens bilíngues em Nheengatú e Português.

Entre os temas abordados nesta descrição, vale ressaltar alguns pontos:

a) A alofonia [ɛ] em sílaba acentuada e [e] em sílaba não acentuada, comum em línguas Tupi-Guarani;

b) a mudança do inventário fonológico do Nheengatú, permitindo levando a hipótese da convergência deste sistema com o das línguas Arawak de *substratum*;

c) a reinterpretação de contornos, documentados para fases anteriores da língua, permitindo emergir a tripla oposição entre oclusivas surdas /p, t, k/, oclusivas surdas /b, d, g/ e nasais /m, n, ŋ/

d) a cisão na classe dos verbos, entre dinâmicos e estativos.

e) a cisão dos estativos entre estativos flexionáveis e não-flexionáveis. A cisão parece estar condicionada por fatores semânticos, que se estabelecem em um continuum. De um lado deste *continuum*, os estados mais contingentes como *suri* ‘ser alegre’ pertencem a classe dos flexionáveis; do outro lado deste *continuum*, as propriedades inerentes ou estados duradouros como *saimbe* ‘ser afiado’ pertencem à classe dos não-flexionáveis.

f) a ordem dos constituintes SVO, funcionando paralelamente a um sistema de posposições e incorporação verbal à esquerda. A língua também permite a ocorrência de construções com auxiliares prepostos e pospostos, bem como de construções subordinadas com subordinador preposto e posposto;

g) a ordem dos constituintes em orações intransitivas ligada à existência de um tema. Em particular, a relação tema-rema permite identificar orações inclusivas, marcadas pela ordem sujeito, seguido de predicado nominal, e orações equativas, marcadas pela ordem predicado nominal seguido pelo sujeito.

Por fim, observamos que a base verbal não é a categoria especializada nas categorias tempo-aspecto-modalidade. Essas categorias estão associadas diretamente ao rema, o centro informativo da oração. Daí a impossibilidade de distinguir nomes e verbos pela sua combinação com marcas de tempo-aspecto-modalidade. Além disso, o estudo sugere que uma melhor compreensão das relações entre tema e rema pode contribuir para um melhor entendimento da posição das partículas e clíticos.

## Referências Bibliográficas

---

- “Nomenclatura Gramatical Brasileira.” *Portaria n. 36*. 28 de Janeiro de 1959.
2011. *Etnolinguística*. <http://www.etnolinguistica.org/familia:tupi-guarani>.
- Adelaar, Willem. 1997. “O sufixo onomástico e a preservação das consoantes do fim da raiz em Guaraní Paraguaio.” *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística* 20: 11-19.
- Aikhenvald, Alexandra Y. 1995. *Bare*. Munique & Newcastle: Lincom Europa.
- . 1998. *Warekena*. Vol. IV, em *Handbook of Amazonian Languages*, por Desmond C. Derbyshire e Geoffrey K. Pullum (orgs.). Berlim: Mouton de Gruyter, 225-229.
- . 1999. “The Arawak language family.” Em: *The Amazonian Languages*, por R.M.W. Dixon e Alexandra Y. Aikhenvald (orgs.). Cambridge: Cambridge University Press, 65-102.
- . 2004. *Evidentiality*. Oxford: Oxford University Press.
- Altman, Cristina. 2003. “As línguas gerais sul-americanas e a empresa missionária: linguagem e representação nos séculos XVI e XVII.” Em: *Línguas Gerais: Política Lingüística e Catequese na América do Sul no Período Colonial*, por José Ribamar Bessa Freire e Maria Carlota Rosa (orgs.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 57-83.
- Altman, Cristina et. al. 2010. *Documenta Grammaticae et Historiae. Projeto de Documentação Lingüística e Historiográfica*. CEDOCH-DL/USP. <http://www.fflch.usp.br/dl/documenta>.

- Amorim, Antônio Brandão de. 1857. *Lendas em nheengatu e em português*. Manaus: Fundo Editorial ACA.
- Anchieta, José. 1990[1595]. *Artes de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*. São Paulo: Loyolla.
- Anderson, Gregory. 2006. *Auxiliary verb construction*. Oxford: Oxford University Press.
- Anônimo, e e Plínio Ayrosa (ed.). 1934 [1795]. “Dicionário português-brasileiro e brasileiro-português.” *Revista do Museu Paulista XVIII* [Pode ser acessado em <http://www.fflch.usp.br/dl/documenta/>].
- Anônimo\_Código\_69. c. 1750. *Grammatica da lingua geral do Brazil. Com hum dictionario dos vocábulos mais usuaes para a intelligencia da dita lingua*. Universidade de Coimbra. [Parte do documento pode ser acessado em <http://www.fflch.usp.br/dl/documenta/>].
- Anônimo\_Código\_94. s/d. *Dicionario da Língua Brazilica*. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.
- Barbosa Rodrigues, João. 1890. “Poranduba Amazonense.” *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* 14, n. 2: 1-337.
- Barros, Maria Cândida Drumond Mendes. 2003a. “A relação entre manuscritos e impressos em Tupi como forma de estudo da política lingüística jesuítica no século XVIII na Amazônia.” *Letras* 61: 125-152.
- . 2003b. “Notas sobre a política jesuítica da língua geral na Amazônia (séculos XVII - XVIII).” Em: *Línguas Gerais - Política Lingüística e Catequese na América do Sul no Período Colonial*, por José Ribamar Bessa Freire e Maria Carlota Rosa (orgs.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 85-112.

- Bertinetto, Pier Marco. 2006. "On the tense-aspect system of Bolivian-Chaco Guaraní." Em: *Guaraní y Mawetí-Tupí-Guaraní. Estudios históricos y descriptivos sobre una familia lingüística de América del Sur*, por Wolf Dietrich e Haralambos Symeonidis (orgs.). Munique & Hamburgo: LIT Verlag, 105-167.
- Bessa Freire, José Ribamar. 1983. "Da "fala boa" ao português na Amazônia brasileira." *Amérindia: revue d'ethnolinguistique amérindienne* 8: [http://celia.cnrs.fr/FichExt/Am/A\\_08\\_03.htm](http://celia.cnrs.fr/FichExt/Am/A_08_03.htm).
- . 2004. *Rio Babel - a história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro: Atlântica.
- Bettendorf, João Felipe. 1800. *Compêndio da doutrina christãa na lingua portuguesa e brasilica. Composto pelo Padre João Filippe Betendorf. Antigo missionário do Brasil e reimpresso de ordem de S. Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor por Fr. José Mariano da Conceição Velloso*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- Borges, Luis C. 1991. *A lingua geral amazônica: aspectos de uma fonêmica*. Campinas: Dissertação de mestrado, UNICAMP.
- Borges, Mônica Veloso. 2006. *Aspectos fonológicos e morfossintáticos do Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)*. Campinas: Tese de doutorado, UNICAMP.
- . 2007. "Posposições da língua Avá-Canoeiro." Em: *Línguas e Culturas Tupí*, por Aryon Dall'Igna Rodrigues e Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (orgs.). Brasília & Campinas: Curt Nimuendajú & LALI/UNB, 385-389.
- Bybee, Joan. 1995. "The semantic development of past tense modals in grammar and discourse." Em: *Modality in grammar and discourse*, por Joan Bybee e Suzanne Fleischman (orgs.).

Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 503-517.

Bybee, Joan, e Suzanne Fleischman (orgs.). 1995. *Modality in grammar and discourse*. Philadelphia & Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

Cabalzar, Aloísio, e Carlos Alberto Ricardo. 2006. *Povos Indígenas do Rio Negro: uma introdução à diversidade socioambiental do noreste da Amazônia brasileira*. São Paulo & São Gabriel da Cachoeira: ISA & FOIRN.

Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara. 2001. “Observações sobre a história do morfema -a da família Tupí-Guaraní.” Em: *Des noms et des verbes en tupi-guarani: état de la question*, por F. Queixalós (org.). Munique: Lincom Europa, 133 - 162.

Câmara Jr., Joaquim Mattoso. 1965. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

Casasnovas, Afonso. 2006[2000]. *Noções de língua geral ou Nheengatú - Gramática, lendas e vocabulário*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas.

Castilho, A. T. 1997. *Gramática do português falado*. Campinas & São Paulo: UNICAMP & FAPESP.

Chappel, Hilary, e William McGregor. 1996. “Prolegomena to a theory of inalienability.” Em: *The Grammar of Inalienability — A typological Perspective on Body Part Terms and the Part-Whole Relation*, por Hilary Chappel e William McGregor (orgs.). Berlim & Nova York: Mouton de Gruyter, 3-30.

Chomsky, Noam. 1957. *Syntactic Structures*. Den Haag & Paris: Mouton de Gruyter.



- Christino, Beatriz. 2007. *A rede de Capistrano de Abreu: uma análise historiográfica do rã-txa hu-ni-ku-ĩ em face da Sul-Americana dos anos 1890-1929*. São Paulo: Tese de doutorado, Universidade de São Paulo.
- Clements, C. N. 2001. "Representational economy in constraint-based phonology." Em: *Distinctive feature theory*, por T.A. Hall (ed.). Berlim & Nova York: Mouton de Gruyter, 71 - 146.
- Comrie, Bernard. 1976. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Comunidade de Anamoim - Xié. ms. *Maye yamunhã bũgu - A construção do bongo*. Edição: Florêncio Cordeiro.
- Corrêa da Silva, Beatriz Carreta. 2007. "Mais fundamentos para a hipótese de Rodrigues (1984/85) de um Proto-Awetí-Tupí-Guaraní." Em: *Línguas e Culturas Tupí*, por Aryon Dall'Igna Rodrigues e Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (orgs.). Campinas & Brasília: Curt Nimuendajú & LALI/UnB, 219-240.
- . 2010. *Mawé / Awetí / Tupi-Guaraní: Relações lingüísticas e implicações históricas*. Brasília: Tese de doutorado, UnB.
- Couto de Magalhães, J. V. 1876. *O Selvagem*. Rio de Janeiro: Typographia da Reforma.
- Creissels, Denis. 1995. *Eléments de syntaxe générale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Crevaux, Jules, P. Sagot, e Lucien Adam. 1882. *Grammaires et vocabulaires Roucouyenne, Arrouague, Piapoco e d'autres langues de la région des Guyanes*. Vol. 8. Paris: Bibliothèque Linguistique Américaine.

- Cruz, Aline. 2007. "O estatuto das fricativas na língua geral amazônica." Em: *Afinal, o que, nós, lingüistas, fazemos?*, por Suzi Oliveira de Lima (org.). São Paulo: Paulistana Editora, <http://www.fflch.usp.br/dl/ixenapol/Trabalhos/cruzaline.pdf>.
- Diessel, Holger. 1999. "The morphosyntax of demonstratives in synchrony and diachrony." *Linguistic Typology* 3: 1-49.
- Dietrich, Wolf. 1990. *More evidence for an internal classification of Tupi-Guarani languages*. Berlim: Mann.
- . 2000. "Problema de la categoría del adjetivo en las lenguas tupí-guaraníes." Em: *Indigenous languages of Lowland South America*, por Hein van der Voort e Simon van de Kerke (eds.). Leiden: Universiteit Leiden, 255-263.
- . 2009. "Cambio del orden de palabras en lenguas tupí-guaraníes." *Cadernos de Etnolingüística* 1, n. 3: <http://www.etnolingüística.org/vol1:3>.
- . 2010. "O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico." Em: *O Português e o Tupi no Brasil*, por Volker Noll (Org.) e Wolf Dietrich (Org.). São Paulo: Editora Contexto, 9-26.
- . 2010. "Problems of distinguishing nominal compounding from syntactic and noun categorization devices in Tupi-Guarani languages." Em: *Linguistics and Archaeology in the Americas - The Historization of Language and Society*, por Eithne B. Carlin e Simon van de Kerke. Amsterdam: Brill, 11-25.
- Dixon, Robert M. W. 2006. "Adjective classes in typological perspective." Em: *Adjective classes: a cross-linguistic typology*, por R.M.W. Dixon e A. Y. Aikhenvald (orgs.). Oxford: Oxford, 1 - 49.

- Drude, Sebastian. 2006. "On the position of the Awetí language in the Tupí family." Em: *Guaraní y "Mawetí-Tupí-Guaraní"*. *Estudios históricos y descriptivos sobre una familia lingüística de América del Sur*, por Wolf Dietrich e Symeonidis Haralambos (orgs.). Berlim & Munique: LIT-Verlag, 47-68.
- . 2008. "Nasal harmony in Awetí and the Mawetí-Guaraní family (Tupí)." *Amérindia: revue d'ethnolinguistique amérindienne* 32: 239 - 267.
- Dryer, Matthew S. 2007. "Noun phrase structure." Em: *Language Typology and Syntactic Description*, por Timothy Shopen (org.). Cambridge: Cambridge University Press, 151-205.
- DSEI-RN (Distrito Sanitário Especial Indígena do Alto Rio Negro, ligado à FUNASA). 2008. "Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI)." São Gabriel da Cachoeira: mensagem eletrônica, enviada por André Luiz Martins (coord.), 23 de Outubro.
- Edelweiss, Frederico G. 1969. *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*. Rio de Janeiro: Brasiliana.
- Epps, Patience. 2005. *A Grammar of Hup*. Virginia: Tese de doutorado, University of Virginia.
- Fargetti, Cristina Martins. 2001. *Estudo fonológico e morfossintático da língua Juruna*. Campinas: Tese de doutorado, UNICAMP.
- Felix, Maria Ivanete de Santana. 2002. *A Língua Geral Amazônica: Contribuição para o estudo de suas variedades dialetais faladas ao longo do Rio Amazonas e seus tributários no século XIX*. Belém: Dissertação de Mestrado, UFPA.

- Figueira, Luís. 1880 [1621]. *Arte de gramatica da lingua brasilica*. Rio de Janeiro: Lombaerts e C.
- Floyd, Simeon. 2005. "The Poetics of Evidentiality in South America Storytelling." Edição: Lea Harper e Carmen Jany. *Santa Barbara Papers in Linguistics* 16: Proceedings from the Eighth Workshop on American Indigenous Languages: [http://www.linguistics.ucsb.edu/research/Floyd\\_vol16.pdf](http://www.linguistics.ucsb.edu/research/Floyd_vol16.pdf).
- FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro). 2006. "Oficina Werekena na Comunidade de Campinas – Rio Xié." Comunidade de Campinas, Rio Xié, São Gabriel da Cachoeira: Documento da Secretaria de Educação da FOIRN, sem informações sobre autoria, abril/maio.
- Foley, William A. 2007. *A typology of information packaging in the clause*. Vol. 2, em *Language Typology and Syntactic description*, por Timothy Shopen. Cambridge: Cambridge University Press, 362 - 446.
- Franchi, Carlos, Esmeralda Negrão, e Evani de Carvalho Viotti. 1998. "Sobre a gramática das orações impessoais com TER/HAVER." *Revista D.E.L.T.A.* 14, n. Especial em homenagem a Ataliba Teixeira de Castilho: 113 - 140.
- Frege, Gottlob. 1948[1892]. "Sense and Reference." *The Philosophical Review* 57, n. 3: 209-230.
- Gimenes, Luciana. 2003. "Fontes para a historiografia lingüística do Brasil quinhentista: materiais de análise." Em: *Línguas Gerais - Política Lingüística e Catequese na América do Sul no Período Colonial*, por José Ribamar Bessa Freire e Maria Carlota Rosa (orgs.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 25-41.
- Givón, Talmy. 2001. *Syntax - An Introduction*. Vols. I, II. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

- Gomes, Dionei Moreira. 2006. *Estudo morfológico e sintático da língua Mundurukú (tupi)*. Brasília: Tese de doutorado, UnB.
- Gomes, Mércio Pereira. 2002. *O índio na história: o povo Tenetehara em busca da liberdade*. Petrópolis: Vozes.
- Gonzalez-Nañez, Omar. 1996a. *Gramática Baniva*. Caracas: UNICEF-Venezuela.
- . 1996b. *Léxico Baniva*. Caracas: UNICEF-Venezuela.
- . 1996c. *Manual Intercultural Bilingüe*. Caracas: UNICEF-Venezuela.
- Grasserie, Raul de la. 1892. “Esquisse d'une grammaire et d'un vocabulaire baniva.” *Proceedings of the International Congress of Americanists*. 616-641.
- Grenand, Françoise, e Epaminondas Henrique Ferreira. 1989. *Pequeno Dicionário da Língua Geral*. Manaus: SEDUC.
- Guentchéva, Zlatka, e Jon Landaburu. 2007. *L'énonciation médiatisée II - Le traitement épistémologique de l'information: illustrations amérindiennes et caucasiennes*. Louvain & Paris: Éditions Peeters.
- Hartt, Charles Frederick. 1938[1872]. “Notas sobre a língua geral ou tupi moderno do Amazonas.” *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* 54.
- Haspelmath, Martin. 2007. “Coordination.” Em: *Language Typology and Syntactic Description*, por Timothy Shopen (org.). Cambridge: Cambridge University Press, 1-51.
- Hayes, B. 1981. *A Metrical Theory of Stress Rules*. Cambridge, Massachussets: Tese de doutorado, MIT.

- Heath, Jeffrey. 1978. *Linguistic diffusion in Arnhem Land*. Vol. 13. Canberra: Australian Institute of Aboriginal Studies.
- Hopper, Paul J., e Sandra A. Thompson. 1980. "Transitivity in Grammar and Discourse." *Language* 56, n. 2: 251-299.
- Instituto Socioambiental. 1998. "Alto e Médio Rio Negro: Famílias lingüísticas." <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/etnias-do-rio-negro/1524> (acesso em 2011).
- Jensen, Cheryl. 1990. "Cross-referencing changes in some Tupi-Guarani languages." Em: *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*, por Doris L. Payne (org.). Austin: University of Texas, 117-158.
- . 1998a. "Comparative Tupi-Guarani morphosyntax." Em: *Handbook of Amazonian Languages*, por Desmond C. Derbyshire e Geoffrey K. Pullum (orgs.). Berlim & Nova York: Mouton de Gruyter, 480-618.
- . 1998b. "The use of coreferential and reflexive markers in Tupi-Guarani languages." *Journal of Amazonian languages* 1, n. 2: 1-49.
- . 1999. "Tupí-Guaraní." Em: *The Amazonian languages*, por Robert M. W. Dixon e Alexandra Y. Aikhenvald (orgs.). Cambridge: Cambridge University Press, 125-163.
- Kato, Mary. 1989. "Tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe?" *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 17: 109-131.
- . 2000. "The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese." Em: *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*, por Mary Aizawa Kato e Esmeralda Vailati Negrão. Frankfurt am Main: Vervuert & Iberoamericana, 223- 258.

- Keenan, Edward. 1976. "Towards a universal definition of subject." Em: *Subject and Topic*, por Charles N. Li. (ed.). Nova York: Academic Press, 303-333.
- Kemmer, Suzanne. 1993. *The Middle Voice*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Klimov, Georgij. 1974. "On the Character of Languages of Active Typology." *Linguistics* 131: 11-25.
- Koening, Ekkehard, e Moyse-Faurie. 2010. "Trends in the Development of Reflexive and Reciprocal Markers." *Notas de aula - Summer School in Linguistic Typology*. Leipzig, Agosto.
- Kuroda, S. Y. 1972. "The categorical and thethetic judgment - Evidence from Japanese Syntax." *Foundations of Language* 9: 153-185.
- . 1992. "Judgment forms and sentence forms." Em: *Japanese syntax and semantics: Collected papers*, por S. Y. Kuroda (org.). Dordrecht: Kluwer, 13-77.
- Landaburu, Jon. 2007. "La Modalisation Épistémique dans Trois Langues du Sud de la Colombie." Em: *Language Endangered and Endangered Languages*, por Leo Wetzels (org.). Leiden: CNWS Publications, 333-353.
- Launey, Michel. 1994. *Une grammaire omniprédicative. Essai sur la syntaxe du nahuatl classique*. Paris: Editions CNRS.
- . 1998. "Le rhème attrape-tout et le rhème organisateur (Deux stratégies prédicatives contre la suprématie verbale)." *Actes du colloque franco-suédois "prédication, assertion, information"*. 317-326.

- Lee, Kittiya. 2005. *Conversing in colony: the Brasília and the Vulgar in Portuguese America, 1500-1759*. Baltimore: Tese de doutorado, The Johns Hopkins University.
- Lehmann, Christian. 1994. "Predicates: Aspectual types." Em: *The encyclopedia of language and linguistics*, por J. M. Y. Simpson (org.). Oxford: Oxford University Press, 3300-3302.
- . 1998. *Possession in Yucatec Maya: Structures - functions - typology*. Munique: Lincom Europa.
- Lehmann, W. P. 1975. "From Topic to Subject in Indo-European." Em: *Subject and Topic*, por Charles N. Li (org.). Londres & Nova York: Academic Press INC., 445-456.
- Li, Charles N., e Sandra A. Thompson. 1975. "Subject and Topic: a New Typology of Language." Em: *Subject and Topic*, por Charles N. Li. London & Nova York: Academic Press INC., 457-489.
- Lima, Fernando Macena de. 2008. *Visão e Representação nas Gramáticas de Língua Tupi (Séculos XVI-XIX) - Historiografia da descrição dos sistemas de posse*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Magalhães, Marina Maria Silva. 2007. *Sobre a morfologia e a sintaxe da língua Guajá (família Tupi-Guaraní)*. Brasília: UnB.
- . 2007. *Sobre a morfologia e a sintaxe da língua Guajá (família Tupi-Guaraní)*. Brasília: UNB.
- Magistério Indígena - Pólo Nheengatú. 2007. *Barekeniwa Taukuasa*. Edição: Marcos de Almeida Matos (professor responsável). Comunidade de Assunção do Içana, São Gabriel da Cachoeira: Coleção de textos, não publicado.



- . 2008. *Barekeniwa taupinima waa - Yane iwi resewara*. não publicado. Edição: Aline da Cruz (professor responsável). Comunidade de Assunção do Içana, São Gabriel da Cachoeira: Coleção de textos, não publicado.
- Martins, Fileti Marci. 2003. *Descrição e análise de aspectos da gramática do Guarani Mbyá*. Campinas: Tese de doutorado, UNICAMP.
- Matras, Yaron. 2009. *Language Contact*. Cambridge: Cambridge University Press.
- McNally, Louise. 1997. *A Semantics for the English Existential Construction*. Nova York: Garland Press.
- Meira, Márcio. 1993. *O tempo dos padrões : extrativismo da piaçava entre os índios do rio Xié*. Campinas: Dissertação de mestrado, UNICAMP.
- . 1996. “O tempo dos padrões: Extrativismo, comerciantes e história indígena no noroeste da Amazônia.” *Cadernos de Ciências Humanas* (Museu Emílio Goeldi) 2: 173-187.
- Meira, Sérgio. 1999. *A grammar of Tiriyo*. Tese de doutorado, Rice University .
- Mithun, M. 1991. “Active / agentive case marking and its motivation.” *Language* 67: 510-546.
- Monserrat, Ruth Maria Fonini. 2003a. “O tupi do século XVIII (tupi-médio).” Em: *Línguas Gerais - Política Linguística e Catequese na América do Sul no Período Colonial*, por José Ribamar Bessa Freire e Maria Carlota Rosa (orgs.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 185-194.
- Moore, Denny, Sidney Facundes, e Nádia Pires. 1993. “Nheengatu (LGA), it’s history, and effects of language contact.”

*Proceedings of the Meeting of the Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas* 2, n. 4: 93 – 118.

Moseley, Christopher (ed.). 2010. *Atlas of the World's Languages in Danger*. 3rd ed. Paris: UNESCO Publishing.

<http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>.

Mosonyi, Esteban Emilio, e Jorge Carlos Mosonyi . 2000. *Manual de lenguas indígenas de Venezuela* . Caracas: Fundación Bigott.

Müller, Ana, e Luciana Sanchez-Mendes. 2008. “Pluractionality in Karitiana.” *Proceedings of Sinn und Bedeutung*. 12: 442-454.

Muysken, Pieter. 1981. “Halfway between Quechua and Spanish: the case for relexification.” Em: *Historicity and variation in Creole studies*, por A. Highfield e A. Valdman (orgs.). Arbor: Karoma, 53 - 78.

Navarro, Eduardo de Almeida. 1998. *Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos*. São Paulo: Editora Vozes.

———. 1999. “Em busca de si mesmo - As camadas do Brasil.” *Revista Globo Rural*, 01 de dezembro: 42-43.

Noonan, Michael. 2007. *Complementation*. Vol. III: Complex Constructions, em *Language Typology and Syntactic Description*, por Timothy Shopen. Cambridge: Cambridge University Press, 52-150.

Oliveira, Christiane Cunha de. 1999/2000. “Dupla negação em Bare : uma explicação diacrônica.” (Revista do Museu Antropológico) 3/4, n. 1: 105-20.

Oliveira, Cristiane Cunha de. 1993. *Uma descrição do baré (arawak) : aspectos fonológicos e gramaticais*. Florianópolis: Dissertação de mestrado, UFSC.

- Oliveira, Renata Lopes Gomes de. 2008. *Natureza e direções das mudanças lexicais ocorridas na língua geral Amazônica do século XVII*. Brasília: Dissertação de Mestrado, UnB.
- Payne, Doris L. (org.). 1990. *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas.
- Perlmutter, David. 1978. "Impersonal passives and the unaccusative hypothesis." *Proceedings of the fourth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. 157-189.
- Praça, Walkíria. 2007. *Morfossintaxe da língua Tapirapé*. Brasília: Tese de doutorado, UnB.
- Queixalós, Francesc. 1998. *Nom, verbe et predicat en Sikuani*. Paris: Editions Peeters.
- . 2000. *Syntaxe Sikuani*. Paris: Editions Peeters.
- . 2002. "Sur la distensivité." Em: *Mémoires de la Société de Linguistique de Paris : La pluralité*. Louvain: Peeters, 55-71.
- . 2005. "Posse em Katukína e valência dos nomes. Novos." Em: *Novos estudos sobre línguas indígenas*, por Aryon Dall'Igna Rodrigues e Ana Suely Arruda Câmara Cabral (orgs.). Brasília: Editora da UnB, 177-202.
- . 2006. "The Primacy and Fate of Predicativity in Tupi-Guarani." Em: *Lexical Categories and Root Classes in Amerindian Languages*, por V. Vapnasky e X Louis (orgs.). Peter Lang Publishing, 249 - 288.
- Ramirez, Henri. 2001. *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional - Comparação e Descrição*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas.

- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1953. "Morfologia do verbo Tupi." *Letras* 1: 121-152.
- . 1958a. "Classification of Tupi-Guarani." *International Journal of American Linguistics* 24: 231-234.
- . 1958b. *Phonologie der Tupinambá-Sprache*. Hamburgo: Tese de doutorado, Universidade de Hamburgo.
- . 1985. "Relações internas na família Tupi-Guarani." *Revista de Antropologia* 27/28: 33-53.
- . 1993. "Línguas Indígenas: 500 anos de descobertas e perdas." *DELTA* 9.1: 83-103.
- . 1996a. "Argumento e predicado em Tupinambá." *Boletim da ABRALIN* 19: 57-66.
- . 1996b. "As línguas gerais sul-americanas." *PAPIA - Revista de Crioulos de Base Ibérica* 4, n. 2: 6-18.
- . 2001. "Sobre a natureza do caso argumentativo." Em: *Des noms et des verbes en tupi-guarani: état de la question*, por F. Queixalós. München: Lincom Europa, 103 -114.
- . 2005. "As vogais orais do Proto-Tupi." Em: *Novos estudos sobre línguas indígenas.*, por Aryon Dall'Igna Rodrigues e Ana Suelly A. C. Cabral. Brasília: Editora da UnB.
- . 2007. "As consoantes do proto-tupi." Em: *Línguas e Culturas Tupí*, por Aryon Dall'igna Rodrigues e Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. Brasília & Campinas: LALI/UNB & Curt Nimuendajú, 167 - 203.
- . 2010. "Estrutura do Tupinambá." Em: *Língua e culturas Tupi*, por Ayon Dall'Igna Rodrigues e Ana Suelly Arruda

Câmara Cabral. Brasília & Campinas: LALI & Nimuendajú, 11-42.

- Rodrigues, Aryon Dall’Igna, e Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. 2003. “Sobre o desenvolvimento de padrões absolutivos em famílias orientais do tronco Tupí.” Em: *Ergatividade na Amazônia II*, por F. Queixalós (org.). Paris: CNRS.
- . 2006. “Investigando a origem e o desenvolvimento de orações dependentes nas famílias do tronco lingüístico Tupi.” *Revista da ABRALIN* 5, n. 1, 2: 11-32.
- Rodrigues, Aryon Dall’Igna, e Wolf Dietrich. 1997. “On the relationship between Mawé and Tupi-Guarani.” *Diachonica* XIV, n. 2: 265-304.
- Rosa, Maria Carlota. 1992. “Descrições missionárias de língua geral nos séculos XVI-XVII: que descreveram?” *PAPIA - Revista de Crioulos de Base Ibérica* 2, n. 1: 85-98.
- . 2003. “A língua mais geral do Brasil nos séculos XVI e XVII.” Em: *Línguas Gerais: Política Lingüística e Catequese na América do Sul no Período Colonial*, por José Ribamar Bessa Freire e Maria Carlota Rosa (org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 133-146.
- Rose, Françoise. 2003. *Morphosyntaxe de L’Émérillon - Langue tupi-guarani de Guyane française*. Lyon: Tese de doutorado, Université Lumière Lyon 2.
- . 2008. “Action répétitive et action répétée: aspect et pluralité verbale dans la reduplication en émérillon.” *Faits de Langues* 28: 125-143.
- . 2009. “The origins of serialization. The case of Émérillon.” *Studies in Language* 33, n. 3: 644-684.

- . Em preparação. “A shift in dependency-marking away from non-finiteness: from Tupi-Guarani to Emérillon.”
- Salles, Heloisa Maria Moreira Lima. 2007. “Foricidade e marcação de pessoa em línguas da família Tupi-Guarani.” Em: *Línguas e Culturas Tupí*, por Aryon Dall’Igna Rodrigues e Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (orgs.). Campinas & Brasília: Curt Nimuendaju & LALI/UnB, 417-425.
- Sampaio. 1906[1645]. “Cartas Tupis dos Camarões.” *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* XII: 201-305.
- Sarquis, Eduardo. Em preparação. “A number system for Nheengatú.”
- Schachter, Paul, e Timothy Shopen. 2008. “Part-of-speech systems.” Em: *Language Typology and Syntactic Description*, por Timothy Shopen (org.). Cambridge: Cambridge, 1-60.
- Schleicher, Charles O. 1998. *Comparative and Internal Reconstruction of Proto-Tupi-Guarani*. Tese de doutorado, University of Wisconsin-Madison.
- Seiler, Hansjakob. 1983. *Possession as an Operational Dimension of Language*. Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- Seki, Lucy. 1990. “Kamaiura (Tupi-Guarani) as an active-stative language.” Em: *Amazonian linguistics: Studies in Lowland South American languages*, por D. Payne (org.). Austin: University of Texas Press, 367-392.
- . 2000. *Gramática do Kamaiurá - Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas & São Paulo: Editora da Unicamp & Imprensa Oficial.
- Seuren, Pieter. 1990. *Serial Verb Constructions*. Vol. 39, em *When Verbs Collide: Papers from the 1990 Ohio State Mini-*

*Conference on Serial Verbs*, por Brian D. Joseph e Arnold M. Zwicky (orgs.). The Ohio State University, 14-33.

———. 2002. “Pseudoarguments and pseudocomplements.” Em: *The Legacy of Zellig Harris. Language and information into the 21st century.*, por Bruce E. Nevin (org.). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 179-207.

Shibatani, Masayoshi. 2002. “Introduction: Some basic issues in the grammar of causation.” Em: *The grammar of causation and interpersonal manipulation*, por Masayoshi Shibatani. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1-22.

Shibatani, Masayoshi, e Prashant Pardeshi. 2002. “The causative continuum.” Em: *The grammar of causation and interpersonal manipulation*, por Masayoshi Shibatani. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 85-126.

Shopen, Timothy. 2007. *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge: Cambridge University Press.

Solano, Bararú Eliete de Jesus. 2009. *Descrição gramatical da língua Araweté*. Brasília: Tese de doutorado, UnB.

Stradelli, Ermano. 1929. “Vocabulário da língua geral português-nheengatu e nheengatu-português, precedidos de um esboço de gramática nheenga-umbuê-sáua.” *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 158, n. 104: 9-768.

Stutz, Erani. 2004. “Diversidade Lingüística: registro e representação no Brasil, primeira metade do século XVII.” *Historiografia da Lingüística Brasileira* Boletim VII: 169-194.

Taina Rukena. 2009 (inédito). *Iwi demarkasão*. Comp. Taina-rukena.

Tastevin, Constantin. 1923[1910]. “Grammatica da lingua tupy.” *Revista do Museu Paulista* 13 (Separata): 1-151.

- Taylor, Gerald. 1985. "Apontamentos sobre o Nheengatu falado no rio Negro, Brasil." *Amérindia: revue d'ethnolinguistique amérindienne* 10: 5 - 23.
- . 1991. *Introdução à língua Baniwa do Içana*. Campinas: UNICAMP.
- . 1993. "Aladim ou Mil e uma noites na Amazônia: relato baniwa do Içana contado por Domingo de Souza Paiva em janeiro de 1985." *Amérindia: revue d'ethnolinguistique amérindienne* 18: 139-176.
- . 1995. *Yasú yampinima yanenheenga!* Manaus: Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia.
- . 2007. "Une breve de description du Nheengatu - Langue Générale de l'Amazonie Brésilienne." Manuscrito, 17 páginas.
- . 2010. "O 'caduco' e o 'frustrado' nas línguas Baniwa do Içana e Nheengatu (Alto Rio Negro, Brasil)." Em: *Linguistics and Archaeology in the Americas: The historization of language and society*, por Eithene B. Carlin e Simon van de Kerke. Leiden: Brill, 207-214.
- Tesnière, Lucien. 1959. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Klincksieck.
- van der Voort, Hein, e Simon van de Kerke (orgs.). 2000. *Indigenous languages of Lowland South America*. Leiden: CNWS Publications.
- Velázquez-Castillo, Maura. 1996. *The Grammar of Possession: Inalienability, Incorporation and Possessor Ascension in Guaraní*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Villaça-Koch, Ingedore. 2000. "Tematização e rematização no português falado no Brasil." Em: *Estudos de lingüística textual*



*do português*, por C. Hundt, A. Schonberger E. Gartner (orgs.).  
Frankfurt am Main: TFM, 127 - 148.

Viotti, Evani. 2002. "Sobre o efeito de definitude nas sentenças existenciais." *Revista do GEL Especial - Em memória de Carlos Franchi (1932-2001)*: 127-153.

Wetzels, Leo. 1977. "Primary Stress in Brazilian Portuguese and the Quantity Parameter." *Journal of Portugues Linguistics, Special Issue on Prosody of the Iberian Languages 5/6*: 9 - 58.

Wetzels, Leo, e Sérgio Meira. 2010. "A Survey of South American Stress Systems." Em: *A Survey of Word Accentual Systems in the Languages of the World*, por Rob Goedemans, Harry van der Hulst e Ellen van Zanten. Berlim: Mouton de Gruyter, 313-381.

Zwicky, Arnold M. 1985. "Clitics and Particles." *Language*, 1985: 283-305.

Zwicky, Arnold M., e Geoffrey Pullum. 1983. "Cliticization vs. Inflection: English N'T." *Language* 59: 502-513.



## Anexo I: Verbos estativos como argumento e como predicado

Em 4.14.1, verbos foram identificados por sua necessidade de receber morfologia derivacional para funcionar como argumento. Como esta propriedade distingue verbos estativos de nomes, neste anexo apresentamos um levantamento de verbos estativos<sup>189</sup> em função de predicado em (a) e em de argumento em (b). Não houve intenção de fazer um levantamento exaustivo desses verbos. Também não houve preocupação neste anexo de apresentar exemplos não apresentados anteriormente na tese, mas apenas fornecer um levantamento prático para consulta. Os dados apresentados resultam tanto de textos quanto de elicitación, privilegiando-se sempre que possível os dados espontâneos:

- *Verbos estativos flexionáveis*

(1120) *katu*, ‘estar bem’

(a) Predicado

inde ne-katu

2SG 2sg<sub>E</sub>-estar.bem

Você está bem de saúde.

(b) Argumento

‘Nhaã mirá upita katusa sui’

nhaã	mirá	u-pita	katu-sa	sui
DEM <sub>DIST</sub>	árvore	3sg <sub>A</sub> -ficar	estar.bem-NMZ	ABLAT

‘Aquele árvore ficava à direita’

(Cordeiro, Ms.)

<sup>189</sup> Não há intenção de fazer um levantamento exaustivo da classe de verbos estativos.

(1121) *yawe*, ‘ser assim’

(a) Predicado

nhaã kapitão yawe rate  
 DEM<sub>DIST</sub> capitão ser.assim FOC  
 Aquele capitão era assim mesmo.

(b) Argumento

Mira ita ti=u-kua  
 gente PL NEG=3sg<sub>A</sub>-saber

ape ya-mbeu yawe-sa xupe  
 i-supe  
 CONJ<sub>SEQ</sub> 1pl<sub>A</sub>-contar ser.assim-NMZ 3sg<sub>E</sub>-DAT<sub>EXTR</sub>  
 As pessoas não sabiam, ai ensinamos o jeito para elas

Br

(c) Argumento

nhaã yawe-sa ti=u-riku significadu  
 DEM<sub>DIST</sub> ser.assim-NMZ NEG=3sg<sub>A</sub>-ter sentido  
 Aquela explicação não tem sentido

Br

(1122) *s-/resarai*, ‘esquecer-se’

(a) Predicado

se-resarai taruixa rera  
 1sg<sub>E</sub>-esquecer chefe nome  
 Esqueci o nome do chefe.

Repetido

(b)

ne-resarai-sa u-yuká ixé  
 2sg<sub>E</sub>-esquecer-NMZ 3sg<sub>A</sub>-matar 1SG  
 Teu esquecimento me mata.

Br, elicitado

(1123) *akanheumu*, ‘ser assutado’

(a) Predicado

“Ixe seakanhemu apui parana kiti”<sup>190</sup>

ixé se-akanhemu a-pui parana kiti  
1SG 1sg<sub>E</sub>-ser.assutado 1sg<sub>A</sub>-pular rio ALAT

Eu me assustei e pulei no rio.

(b) Argumento

i-akanhemu-sa u-yuká  
3sg<sub>E</sub>-ser assutado-NMZ 3sg<sub>A</sub>-matar

O medo mata.

Br, elicitado

(1124) *s-/ruri*, ‘ser alegre’

(a) Predicado

se-ruri a-iku  
1sg<sub>E</sub>-estar alegre 1sg<sub>A</sub>-estar

Estou alegre.

(b)

ta-maã=ntu ta-iku ta-ruri-sa rupi  
tau-maã=ntu tau-iku  
3pl<sub>A</sub>-olhar=RESTR 3pl<sub>A</sub>-estar 3pl<sub>E</sub>-ser.alegre-NMZ PERL

Estão olhando com a alegria deles.

Br, elicitación por imagem

(1125) *kuere*, ‘ser cansado’

(a) Predicado

inde ne-kuere?  
2SG 2sg<sub>E</sub>-ser.cansado

Você está cansada?

<sup>190</sup> Texto escrito por Jonato Alemão, Baré — Magistério indígena, outubro 2007.

(b) Argumento

se-kuere-sa                      u-yuká              ixe  
 1sg<sub>E</sub>-ser.cansado-NMZ    3sg<sub>A</sub>-matar    1SG  
 O cansaço me mata.

Br, elicitado

(c) Argumento

viagi u-meẽ              se-kuere-sa  
 vez    3sg<sub>A</sub>-dar    1sg<sub>E</sub>-ser.cansado-NMZ  
 A viagem me deu cansaço.

Lit.: A viagem deu o meu cansaço

Br, elicitado

- *Verbos estativos não-flexionáveis*

(1126) *puku* ‘ser comprido’

(a) Predicado

puku                      nhaã              istoria  
 ser.comprido              DEM<sub>DIST</sub>    história  
 É comprida aquela história.

Bn

(b) Argumento

u-pisika              panu-wasu              kuaye  
 3sg<sub>A</sub>-pegar              pano-AUM              assim

i-puku-sa                                      irũ  
 3sg<sub>E</sub>-ser.comprido-NMZ              COM<sub>INSTR</sub>

Ele pega um pano grande, com cumprimento assim [indicado por gestos]

Bn

(1127) *irawa* ‘ser amargo’

di repenti u-puka irawa-sa  
 de repente 3sg<sub>A</sub>-estourar ser.amargo-NMZ  
 De repente, a fel estoura.

u-pita irawa  
 3sg<sub>A</sub>-estourar ser.amargo  
 Fica amargo.

re-maã te u-riku irawa-sa  
 2sg<sub>A</sub>-ver FOC 3sg<sub>A</sub>-ter ser.amargo-NMZ  
 Veja que ele fel.

(1128) *irimba* ‘ser forte’

(a) Predicado

irimba ainta  
 ser.forte 3PL  
 Eles são fortes.

(b) Argumento

inde re-meẽ ne-irimba-sa  
 2SG 2sg<sub>A</sub>-dar 2sg<sub>E</sub>-ser.forte-NMZ  
 Você dá a tua força.

Br, elicitado

(c)

kua irimba waa u-yana  
 DEM<sub>PROX</sub> ser.forte REL 3sg<sub>A</sub>-correr  
 Este que é forte correu.

Br

(1129) *puranga* ‘ser bonito’

(a) Predicado

cawa-miri puranga  
caba-DIM ser.bonito  
A caba era bonita.

Bn

(b) Argumento

a-nheẽ=ntu i-puranga-sa  
1sg<sub>A</sub>-dizer=RESTR 3sg<sub>E</sub>-ser.bonito -NMZ  
Só digo o excelente (o que acho bonito).

Bn

(1130) *puxuera* ‘ser feio; ser ruim’

(a)

a-salgai sukuera ti=arã puxuera ae  
1sg<sub>A</sub>-salgar carne NEG=SUB<sub>FIN</sub> ser.feio 3SG  
Salguei a carne para ela não ficar ruim.

Br, elicitado

(b) Argumento

si=re-putai rame re-munhã ne-puxuera-sa  
COND=2sg<sub>A</sub>-querer SUB<sub>TEMP</sub> 2sg<sub>A</sub>-fazer 2sg<sub>E</sub>-ser.feio-NMZ

é livre re-munha=rã

é livre 2sg<sub>A</sub>-fazer= SUB<sub>FIN</sub>

Se quiser fazer tua ruindade, você é livre para fazer.

Br



(1131) *maye* ‘ser como’

(a)

tu-riku ta-ruyana maye te  
 tau-riku  
 3pl<sub>A</sub>-ter 3pl<sub>E</sub>-inimigo ser.como FOC

kui kariwa ita tu-riku ta-ruyana  
 kuiri tau-riku  
 agora não.indígena PL 3pl<sub>A</sub>-ter 3pl<sub>E</sub>-inimigo

Tinham seus inimigos assim como mesmo agora os brancos têm seus inimigos.

Wr

(b)

ya-sendu ya-sendu  
 1pl<sub>A</sub>-escutar 1pl<sub>A</sub>-escutar

soki ti=ya-kompreendei maye-sa  
 SUB<sub>CONCES</sub> NEG=1pl<sub>A</sub>-compreender ser.como-NMZ

Escutar, escutamos só que não compreendemos o modo (o que é dito).

Wr

(1132) *saku* ‘ser quente’

(a)

Saku retã  
 3sg<sub>E</sub>.ser.quente INTS  
 Está muito quente!  
 Expressão corrente

(b)

saku-sa ti=u-yuká  
 ser.quente-NMZ NEG=3sg<sub>A</sub>-matar  
 O calor não mata.

Br, elicitado

## Anexo II: Análise justalinear das epígrafes e citações

Neste anexo, apresentamos as análises justalineaes de todas as epígrafes e citações em Nheengatú utilizadas na *Introdução*.

- *Epígrafe da dissertação*

Contado pelo jovem Baré Leomar, a partir do que lhe contou o mestre Baniwa, Sr. Irineu Piloto. Leomar é morador da comunidade de Nova Vida, no alto rio Negro, falante bilíngue de Nheengatú e Português. Professor de Nheengatú, jovem.

Nhampirikoli fala aos animais:

a partir di kui(ri) te penhe nunka mais  
 A partir de agora FOC 2PL nunca mais  
 A partir de agora, vocês nunca mais

pe-su pe-kuntai aitekua yane nheenga  
 2pl<sub>A</sub>-ir 2pl<sub>A</sub>-falar DEM<sub>PROX</sub> 1pl<sub>E</sub> língua  
 vão falar esta nossa língua.

yande kuri mira ita ya-su ya-kuntai  
 nós FUT gente PL 1pl<sub>A</sub>-ir 1pl<sub>A</sub>-falar  
 Agora, nós, as pessoas, vamos falar.

ixe kuri a-su a-kuntai pe-rupi  
 1SG FUT 1pl<sub>A</sub>-ir 1pl<sub>A</sub>-falar 2pl<sub>E</sub>-PERL  
 Eu vou falar por vocês.

ixe kua mira  
 1SG DEM<sub>PROX</sub> gente  
 Eu sou esta pessoa.

ixe a-su a-kuntai pe-rupi  
 1SG 1pl<sub>A</sub>-ir 1pl<sub>A</sub>-falar 2pl<sub>E</sub>-PERL  
 Eu vou falar por vocês.

penhe kuri tiã pe-su pe-kuntai  
 ti=wã=a-kuntai  
 2PL FUT NEG=PFT=1sg<sub>A</sub>-falar 2pl<sub>A</sub>-ir 2pl<sub>A</sub>-falar  
 Vocês agora não vão falar mais..

pe-puderi kuri pe-nheengari  
 2pl<sub>A</sub>-poder FUT 2pl<sub>A</sub>-cantar  
 Podem agora cantar.

ya-alegrai=rã yane-felisidade=rã  
 1pl<sub>A</sub>-alegrar=SUB<sub>FIN</sub> 1pl<sub>E</sub>-felicidade=SUB<sub>FIN</sub>  
 para nos alegrar, para a nossa felicidade.

Gravado em Nova Vida, alto rio Negro, 2009

- *Citação do capítulo “O Nheengatú no Rio Negro”*

Depoimento de Sr. Hermínio, Warekena de cerca de 70 anos, para uma plateia de adolescentes Warekena. Falante monolíngue em Nheengatú.

Kuxima u-kua i-nheenga  
 Antigamente 3sg<sub>A</sub>-saber 3sg<sub>E</sub>-língua  
 Antigamente, sabia sua língua.

Contexto: Antigamente, os Warekena sabiam sua própria língua.

Aiwã u-mendai  
 CONJ<sub>CONCL</sub> 3sg<sub>A</sub>-casar  
 Então, casou.

Nheengatu u-sika kunhã irũ  
 Nheengatú 3sg<sub>A</sub>-chegar mulher COM<sub>INSTR</sub>  
 O Nheengatú chegou com mulher.

Aiwã kui(ri) tau-xai nhaã Werekena  
 CONJ<sub>CONCL</sub> agora 3pl<sub>A</sub>-deixar DEM<sub>DIST</sub> Warekena  
 Então, agora, deixaram aquele Warekena.

Aiwã só Nheengatu ate kui(ri)  
 CONJ<sub>CONCL</sub> só Nheengatú até agora  
 Então só Nheengatú até agora.

Gravado em Anamoim, Xié, 2007.

- *Citação do capítulo “A esperança de reencontrar falantes de Baré”*

Depoimento de Sra. Olímpia Melgueiro Pereira, Baré, conversando com um cunhado.

*Não importa ki iwasu ya-yuiri ya-pisika ae*  
 Não importa que ser.difícil 1pl<sub>A</sub>-voltar 1pl<sub>A</sub>-pegar 3SG  
 Não importa que seja difícil, voltaremos a pegar isso [o Baré]

ya-putai=rã ya-riku yane-identidadi propria  
 1pl<sub>A</sub>-querer=SUB<sub>FIN</sub> 1pl<sub>A</sub>-ter 1pl<sub>E</sub>-identidade própria  
 para podermos ter nossa identidade própria.

porke poxa sasi yane-pia upe ba?  
 CONJ<sub>EXPL</sub> INTJ dor 1pl<sub>E</sub>-coração LOC PROTEST  
 porque poxa a dor está no nosso coração.

uwiara Baré ita tiã=tau-kuntai Baré tau-kuntai Nheengatu  
 ti=wã=tau-kuntai  
 hoje Baré PL NEG=PFT=3pl<sub>A</sub>-falar Baré 3pl<sub>A</sub>-falar Nheengatú  
 Hoje em dia, os Baré não falam mais Baré, falam Nheengatú.

Poxa yande ya-putai yane-identidade  
 INTJ 1PL 1pl<sub>A</sub>-querer 1pl<sub>E</sub>-identidade  
 Poxa! Nós queremos nossa identidade

Gravado em São Gabriel da Cachoeira, Alto rio Negro, 2007.

- *Primeira citação do capítulo “A retomada do Warekena como projeto urgente”*

Depoimento de Sra. Lina, Warekena, nascida na década de 1920.

ainta kuera tau-pirai waa yane-runde kua Namuĩ  
 3PL NGC 3pl<sub>A</sub>-abrir REL 1pl<sub>E</sub>-antes DEM<sub>PROX</sub> Anamoim

povu Werekena  
 povo Warekena

Aqueles que fundaram antes de nós esta Anamoim eram o povo Warekena.

Lit.: Os resquícios deles que abriram antes de nós este Anamoim [eram] o povo Warekena.

Puru Werekena panhe ainta membira ita  
 puramente Warekena todo 3PL filho PL  
 Todos os filhos delas eram puramente Warekena.

u-su=wã u-yu-mu-sikinda kuera  
 3sg<sub>A</sub>-ir=PFT 3sg<sub>A</sub>-R/R-CAUS-fechar NGC  
 foram embora, abrir isso.

Aiwã ya-sika=wã ya-pirai ae  
 CONJ<sub>CONCL</sub> 1pl<sub>A</sub>-chegar=PFT 1pl<sub>A</sub>-abrir 3SG  
 Então, chegamos e abrimos isso.

Eẽ rate  
 AFF FOC  
 Isso mesmo!

- *Segunda citação do capítulo “A retomada do Warekena como projeto urgente”*

Depoimento de Sra. Olímpia, Baré, conversando com um cunhado. Como Olímpia é casada com Artur, Warekena, seus filhos são Warekena.

Siya u-nheẽ wera ki  
 várias.entidades 3sg<sub>A</sub>-dizer HAB que  
 Muitos diziam frequentemente assim que

tau-maã te Warekena ti=u-existiri né  
 3pl<sub>A</sub>-ver FOC Warekena NEG=3sg<sub>A</sub>-existir né  
 viam mesmo que o Warekena não existia, né?

Ma realmenti u-existiri.  
 CONJ<sub>ADVER</sub> realmente 3sg<sub>A</sub>-existir  
 Mas realmente existe

Grasas a Deus ya-riku=re  
 Graças a Deus 1pl<sub>A</sub>-ter=IMP  
 Graças a Deus, ainda temos.

ya-pudei=rã ya-yupiru ya-valorizai yand=arã  
 1pl<sub>A</sub>-poder=SUB<sub>FIN</sub> 1pl<sub>A</sub>-começar 1pl<sub>A</sub>-valorizar 1PL=DAT<sub>PROSP</sub>  
 para podermos começar a valorizar para nós

Porke aiwã te u-pita  
 CONJ<sub>EXPL</sub> CONJ<sub>CONCL</sub> FOC 3sg<sub>A</sub>-ficar  
 Porque então fica

sasi taina ita pia upe  
 dor criança PL coração LOC  
 dor no coração das crianças.

Ya-maã ya-sofrei ta-irũ  
 1pl<sub>A</sub>-ver 1pl<sub>A</sub>-sofrer 3pl<sub>A</sub>-COM<sub>INSTR</sub>  
 Nós sofremos com elas.

Maye se-mbira tau-nheẽ Poxa yande Werekena mamãe  
 ser.como 1sg<sub>E</sub>-filho 3pl<sub>A</sub>-dizer INTJ 1PL Warekena mamãe  
 Como meus filhos disseram: Poxa! Nós somos Warekena, mamãe

ma ti=ya-kua ya-kuntai  
 CONJ<sub>ADVS</sub> NEG=1pl<sub>A</sub>-saber 1pl<sub>A</sub>-falar  
 Mas não sabemos falar...

Ma=rã=ta ti=ya-kuntai  
 NG=SUB<sub>FIN</sub>=Q NEG=1pl<sub>A</sub>-falar  
 Por que não falamos?

Ape a-nheẽ umba! yepe ara tenki pe-kuntari  
 CONJ<sub>SEQ</sub> 1sg<sub>A</sub>-dizer NEG<sub>EDO</sub> INDF dia OBRIG 2pl<sub>A</sub>-falar  
 Aí, eu disse: “Não! Um dia, vocês têm que falar!”

Ma jeitu?  
 CONJ<sub>ADVRS</sub> jeito  
 Mas de que jeito?

ya-maã uwiara ya-maã alunu ita tau-yuiri  
 1pl<sub>A</sub>-ver hoje 1pl<sub>A</sub>-ver aluno PL 3pl<sub>A</sub>-voltar  
 Vemos, hoje em dia, vemos os alunos voltarem

ta-pisika palavra por palavra iskola ta-rupi Werekena  
 tau-pisika  
 3pl<sub>A</sub>-pegar palavra por palavra escolas 3pl<sub>E</sub>-PERL Warekena  
 pegarem o Werekena palavra por palavra nas escolas.

então kom serteza yawe usu upita iwasuima  
 CONJ<sub>CONCL</sub> com certeza ser.assim 3sg<sub>A</sub>-ir 3sg<sub>A</sub>-ficar ser.fácil  
 Então, com certeza, assim, vai ficar mais fácil.

Gravado em São Gabriel da Cachoeira, alto rio Negro, 2007.

- *Epígrafe do capítulo O nome*

Depoimento de Sr. Lourivaldo, Baré, tratando de como os indígenas eram tratados no sistema de patronagem.

Yande tiã suu  
 ti=wã  
 1PL NEG=PFT animal  
 Nós não somos mais animais

Yande mira  
 1PL gente  
 Nós somos gente.

Yande mira uwiara  
 1PL gente hoje  
 Nós somos pessoas hoje em dia.



### Anexo III: Textos

- *Kurupira* (O Curupira)

Narração: Isabel Cordeiro, Baré, professora da escola municipal de Nova Vida, mãe de Leomar.

Transcrição e tradução: Marlene Trindade Ferreira; Aline da Cruz

Local: Comunidade de Nova Vida, Alto do Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira

Data: Outubro, 2009

Aikue paa yepe viagi musapi pessoa ita  
 EXIST REP INDF vez três pessoa PL  
 Diz que era uma vez três pessoas

panhe ita musapi paa ta-riku ta-rimiriku ita ta-raira  
 tau-riku  
 todo PL três REP 3sg<sub>A</sub>-ter 3sg<sub>E</sub>-esposa PL 3sg<sub>E</sub>-filho  
 Diz que todos os três tinham suas esposas e filhos

Aikue paa yepe taina tuyu waa raira  
 EXIST REP INDF criança homem.velho REL filho  
 Diz que tinha uma criança, que era filho do mais velho.

i-yaxiu wera i-mirumanha  
 3sg<sub>E</sub>-chorar HAB 3sg<sub>E</sub>-ser.briguenta  
 Era chorona e briguenta

panhe mã i-manha u-munhã rame  
 todo NG 3sg<sub>E</sub>-mãe 3sg<sub>A</sub>-fazer SUB<sub>TEMP</sub>  
 Toda coisa que a mãe fazia



u-muri                      arã  
 u-mu-uri  
 3sg<sub>A</sub>-CAUS-ser.alegre SUB<sub>FIN</sub>  
 para agradecer,

u-u              mani-kuera              u-kiri              runde  
 3sg<sub>A</sub>-beber      mandioca-NGC      3sg<sub>A</sub>-dormir      SUB<sub>ANTER</sub>  
 bebia caldo de mandioca antes de dormir.

ti=u-ruyari                      wera      i-manha  
 NEG=3sg<sub>A</sub>-acreditar      HAB      3sg<sub>E</sub>-mãe  
 Não acreditava em sua mãe

ate yepe      viagi      u-yaxiu              ate pituna      piterupi  
 até INDF      vez      3sg<sub>A</sub>-chorar      até noite      PERL<sub>MEIO</sub>  
 até que uma vez, chorou até o meio da noite

i-manha      i-kuere=wã  
 3sg<sub>E</sub>-mãe      3sg<sub>E</sub>-ser.cansado=PFT  
 A mãe dela já estava cansada

ta-pisika      paa      yuwa-miri      rese  
 tau-pisika                      i-yuwa-miri  
 3pl<sub>A</sub>-pegar      REP      3sg<sub>E</sub>-braço      RELAT  
 Diz que pegaram no bracinho dela.

ta-pirai      ukena      ta-manhana  
 tau-pirai                      tau-manhana  
 3pl<sub>A</sub>-abrir      porta      3pl<sub>A</sub>-empurrar  
 Abriram a porta e empurraram

u-su      ukara      kiti              pituna      piterupi  
 3sg<sub>A</sub>-ir      quintal      ALAT      noite      PERL<sub>MEIO</sub>  
 ela foi para fora no meio da noite.

a=rupi paa nhaã taina u-yatimana u-yatimana  
 DEM=PERL REP DEM<sub>DIST</sub> criança 3sg<sub>A</sub>-rodar 3sg<sub>A</sub>- rodar  
 Por lá, diz que aquela criança rodou, rodou

u-yaxiu u-tuka-tuka ukena u-senui i-manha  
 3sg<sub>A</sub>-chorar 3sg<sub>A</sub>-RED-bater porta 3sg<sub>A</sub>-chamar 3sg<sub>E</sub>-mãe  
 chorou, bateu na porta repetidamente, chamou a mãe,

u-senui i-paya u-senui imũ-mi=ta  
 3sg<sub>A</sub>-chamar 3sg<sub>E</sub>-pai 3sg<sub>A</sub>-chamar irmão-DIM=PL  
 chamou o pai, chamou os irmãozinhos

tiãpaa ta-pirai ae  
 ti=wã=paa tau-pirai  
 NEG=PFT=REP 3pl<sub>A</sub>-abrir 3SG  
 Diz que não abriram isso (a porta)

porke ta-kuerã ta-sendu  
 ta-kuere=wã tau-sendu  
 CONJ<sub>EXPL</sub> 3pl<sub>E</sub>-ser.cansado=PFT 3pl<sub>A</sub>-escutar  
 porque estavam cansados de escutar

ate mairame paa nhaã galu u-nheengai waa ora  
 até SUB<sub>TEMP</sub> REP DEM<sub>DIST</sub> galo 3sg<sub>A</sub>-cantar REL hora  
 até quando era a hora em que o galo canta,

i-manha u-paka  
 3sg<sub>E</sub>-mãe 3sg<sub>A</sub>-acordar  
 a mãe dela acordou.

u-sendu paa tiãuyaxiu nhaã taina  
 ti=wã=u-yaxiu  
 3sg<sub>A</sub>-escutar REP NEG=PFT=3sg<sub>A</sub>-chorar DEM<sub>DIST</sub> criança  
 Diz que não escutou a criança chorar  
 Lit.: Diz que escutou não mais chorar aquela criança

u-maite paa u-su u-kiri i-tutira ruka kiti  
 3sg<sub>A</sub>-pensar REP 3sg<sub>A</sub>-ir 3sg<sub>A</sub>-dormir 3sg<sub>E</sub>-tio casa ALAT  
 Diz que pensou que ela foi dormir na casa do tio dela

maãta pô! maã?  
 maye taa  
 ser.como Q INTJ NG?  
 Como é, pô?

kuemaite i-manha u-su u-sikai ae  
 manhã.cedo 3sg<sub>E</sub>-mãe 3sg<sub>A</sub>-ir 3sg<sub>A</sub>-procurar 3SG  
 Bem cedinho, a mãe dela foi procurar ela pela casa dos tios

i-tutira ita ruka rupi  
 3sg<sub>E</sub>-tio PL casa PERL  
 pela casa dos tios

“ti=ya-maã nhaã taina”  
 NEG=1pl<sub>A</sub>-ver DEM<sub>DIST</sub> taina  
 “Não vimos aquela criança”.

nem awa u-maã nhaã taina pituna rame  
 NEG<sub>CONTR</sub> NGH 3sg<sub>A</sub>-ver DEM<sub>DIST</sub> criança noite SUB<sub>TEMP</sub>  
 Ninguém viu aquela criança durante a noite

“a=rame makitita u-su nhaã se-mbira?”  
 maã kiti taa  
 DEM=SUB<sub>TEMP</sub> NG ALAT Q 3sg<sub>A</sub>-ir DEM<sub>DIST</sub> 1sg<sub>E</sub>-filho  
 “Então, pra onde foi aquela minha filha?”

u-nheẽ paa  
 3sg<sub>A</sub>-dizer REP  
 diz que ela disse.

ta-wata      ta-sikari      ta-senui      uka   rimbia   rupi  
 tau-wata      tau-sikari      tau-senui  
 3pl<sub>A</sub>-andar   3pl<sub>A</sub>-procurar   3pl<sub>A</sub>-chamar   casa   beira   PERL  
 Andaram, procuraram, chamaram pela beira da casa (por perto de casa)

ta-kukuera      rupi      ta-kupixa      rupi      u-sasa  
 3pl<sub>E</sub>-capoeira   PERL   3pl<sub>E</sub>-roça   PERL   3sg<sub>A</sub>-passar...  
 pela capoeira, pela roça, passou...

u-sasa      paa      siya      yasi  
 3sg<sub>A</sub>-passar   REP   várias.entidades   lua  
 Diz que passaram muitos meses

kuaira=ntu=wã      paa   u-munhã   arã   yepe   akayu  
 pequeno=RESTR=PFT   REP   3sg<sub>A</sub>-fazer   SUB<sub>FIN</sub>   INDF   ano  
 diz que já era pouco para fazer um ano

yepe      i-tutira      u-su      u-pisika      kamarão  
 INDF      3sg<sub>E</sub>-tio      3sg<sub>A</sub>-ir      3sg<sub>A</sub>-pegar      camarão  
 Um dos tios dele ia pegar camarão

garape      kiti      ta-ruka      kupe      kiti  
 igarapé   ALAT   3pl<sub>E</sub>-casa   costas   ALAT  
 lá pro igarapé, para trás da casa deles.

aikue      yepe      ta-rape      yepe      garape      turusu      waa  
 EXIST   INDF   3pl<sub>E</sub>-caminho   INDF   igarapé   ser.enorme   REL  
 tinha um caminho, um igarapé, que era enorme

mairame      paa      u-sendu  
 SUB<sub>TEMP</sub>   REP   3sg<sub>A</sub>-escutar  
 Quando diz que escutou...

umiyasuka            u-iku            yepe    taina-miri  
 u-mu-yasuka  
 3sg<sub>A</sub>-CAUS- banhar    3sg<sub>A</sub>-estar    INDF    criança-DIM  
 estava banhando uma criancinha.

u-sendu            paa    taina-miri            u-yaxiu            u-iku  
 3sg<sub>A</sub>-escutar    REP    criança-DIM    3sg<sub>A</sub>-chorar    3sg<sub>A</sub>-estar  
 Diz que ouviu uma criancinha chorando.

u-sendu            paa    TIK-TIK-TIK  
 3sg<sub>A</sub>-escutar    REP    onomatopeia  
 Diz que ouviu TIK-TIK-TIK

"maã=ta pô nhaã?"    u-nheẽ            paa  
 NG=Q    pô    DEM<sub>DIST</sub>    3sg<sub>A</sub>-dizer    REP  
 "O que é aquilo pô?" diz que ele disse.

u-yawi-yawika            paa    u-maã            u-su            u-iku  
 3sg<sub>A</sub>-RED~abaixar    REP    3sg<sub>A</sub>-ver    3sg<sub>A</sub>-ir    3sg<sub>A</sub>-estar  
 Diz que ele ficou se abaixando, vendo, foi indo.

u-maã            paa    nhaã            taina            i-mũ            raiera  
 3sg<sub>A</sub>-ver    REP    DEM<sub>DIST</sub>    criança    3sg<sub>E</sub>-irmão    filha  
 Diz que viu aquela criança, filha do irmão dele.

u-riku-wã            paa    i-membira-miri  
 3sg<sub>A</sub>-ter=PFT    REP    3sg<sub>E</sub>-filho  
 Diz que já tinha um filhinho

umiyasuka            paa    u-iku            i-membira-miri  
 u-mu-yasuka  
 3sg<sub>A</sub>-CAUS-banhar    REP    3sg<sub>A</sub>-estar    3sg<sub>E</sub>-filho-DIM  
 Diz que esta banhando aquele filhinho dela.

"kuita?

kuiiri taa

agora Q

E agora?

maita a-su a-riku kua se-mũ- raiera?"

maye taa se-imũ filha

ser.como Q 1sg<sub>A</sub>-ir 1sg<sub>A</sub>-ter DEM<sub>PROX</sub> 1sg<sub>E</sub>-irmão

E agora? Como vou ter esta filha do meu irmão?

"kui kuri ixe a-su a-yana a-mbeu

agora FUT 1SG 1sg<sub>A</sub>-ir 1sg<sub>A</sub>-correr 1sg<sub>A</sub>-contar

Agora eu vou correr e contar para o meu irmão

se-mũ xupe

se-imũ i-supe

1sg<sub>E</sub>-irmão 3sg<sub>E</sub>-DAT<sub>EXTR</sub>

para o meu irmão.

ya-yuiri arã ya-pisika ae"

1pl<sub>A</sub>-voltar SUB<sub>FIN</sub> 1pl<sub>A</sub>-pegar 3SG

para virmos pegar ela"

u-yana pô u-su ate u-sika i-mũ ruka kiti

3sg<sub>A</sub>-correr INTJ 3sg<sub>A</sub>-ir até 3sg<sub>A</sub>-chegar 3sg<sub>E</sub>-irmã casa ALAT

Correu, pô!, foi até chegar à casa do irmão dele

ape u-nheẽ paa xupe

i-supe

CONJ<sub>SEQ</sub> 3sg<sub>A</sub>-dizer REP 3sg<sub>E</sub>-DAT<sub>EXTR</sub>

Aí, diz que falou para ele:



"se-mũ, a-maã ne-raiera mimi  
se-imũ  
1sg<sub>E</sub>-irmão 1sg<sub>A</sub>-ver 2sg<sub>E</sub>-filha longe  
"Meu irmão, vi tua filha longe

umiyasuka u-iku i-mbira-miri  
u-mu-yasuka  
3sg<sub>A</sub>-CAUS-banhar 3sg<sub>A</sub>-estar 3sg<sub>E</sub>-filho-DIM  
estava banhando o filhinho dela"

mi kaa kiti, garape kiti  
mimi  
longe mato ALAT igarape ALAT  
longe, pro mato, pro igarapé

yawewa paa tamuyatiri bandu  
yawé waa tau-mu-yatiri  
ser.assim REL REP 3pl<sub>A</sub>-CAUS- juntar bando  
Já que era assim assim eles juntaram um bando

siya katu paa tamuyatiri  
tau-mu-yatiri  
várias.entidades estar.bem REP 3pl<sub>A</sub>-CAUS-juntar  
Diz que muitos se juntaram

tau-su arã tau-pisika ae  
3pl<sub>A</sub>-ir SUB<sub>FIN</sub> 3pl<sub>A</sub>-pegar 3SG  
para irem pegar ela

ta-serkai paa ae ta-rui ta-ruka kiti  
tau-serkai tau-rui  
3pl<sub>A</sub>-cercar REP 3SG 3pl<sub>A</sub>-trazer 3pl<sub>E</sub>-casa ALAT  
Diz que pegaram ela e trouxeram para casa deles.

ta-sika paa ae karukã  
 tau-sika karuka=wã  
 3pl<sub>A</sub>-chegar REP 3SG tarde=PFT  
 Trouxeram ela já tarde.

u-yupiru=wã paa u-yaxiu  
 3sg<sub>A</sub>-começar=PFT REP 3sg<sub>A</sub>-chorar  
 Já começou a chorar.

ta-pisika paa i-mbira-miri  
 tau-pisika  
 3pl<sub>A</sub>-pegar REP 3sg<sub>E</sub>-filho-DIM  
 Diz que pegaram o filho dela

ta-yapi u-yenũ praya upe garape rimbã upe  
 tau-yapi  
 3pl<sub>A</sub>-jogar 3sg<sub>A</sub>-deitar praia LOC igarapé beira LOC  
 Jogaram ele deitado na praia

ta-rui só i-manha nhaã-ntu  
 tau-rui  
 3pl<sub>A</sub>-trazer só 3sg<sub>E</sub>-mãe DEM<sub>DIST</sub>=RESTR  
 veio só a mãe dela, só aquela

ape paa kupuku ate pituna  
 CONJ<sub>SEQ</sub> REP demoradamente até noite  
 Ai, diz que demorou até a noite.

u-yaxiu=wã paa u-yaxiu paa re-kiri=ntu  
 3sg<sub>A</sub>-chorar=PFT REP 3sg<sub>A</sub>-chorar REP 2sg<sub>A</sub>-dormir=RESTR  
 Diz que chorou, diz que chorou... Durma!

tiãpaa            ta-kua    maye    ta-munhã    yuirí  
 ti=wã=paa        tau-kua                    tau-munhã  
 NEG=PFT=REP 3pl<sub>A</sub>-saber ser.como 3pl<sub>A</sub>-fazer novamente  
 Diz que eles não sabem mais como fazer de novo

ta-yuka    paa    bapa    s-era            waa  
 tau-yuka  
 3pl<sub>A</sub>-tirar    REP    bacia    3sg<sub>E</sub>-nome    REL  
 Diz que tiraram uma “bapa”, que era seu nome

tuyuka    sui-wara            yepe    bapa-wasu  
 barro    ABLAT-DNP    INDF    bacia-AUM  
 feita de barro... uma bacia grande

tamuyawika            s-ese            iwi    rupi  
 tau-mu-yawika  
 3pl<sub>A</sub>-CAUS-abaixar    3sg<sub>E</sub>-RELAT    terra    PERL  
 Eles baixaram em baixo dela.

u-pita    nhaã    kunhã  
 3sg<sub>A</sub>-ficar    DEM<sub>DIST</sub>    mulher  
 Ficou [ali] aquela mulher

mairame    u-meẽ=wã            u-iku            pituna    piterupi  
 SUB<sub>TEMP</sub>    3sg<sub>A</sub>-dar=PFT    3sg<sub>E</sub>-estar    noite    PERL<sub>MEIO</sub>  
 Quando já estava dando o meio da noite

ta-sendu    paa    tiyapu    u-sasemu    kaa    sui  
 tau-sendu  
 3pl<sub>A</sub>-escutar    REP    barulho    3sg<sub>A</sub>-gritar    mato    ABLAT  
 Diz que escutaram um barulho, gritou do mato.

u-nheẽ    paa    kuaye    Mikarẽ    manha    Mikarẽ    manha  
 3sg<sub>A</sub>-dizer    REP    assim    Micarẽ    mãe    mikarẽ    mãe  
 Diz que ele disse assim: “Mão do Micarẽ! Mãe do Micarẽ!”

aitenhaã taina taira ta-yapi waa  
 DEM<sub>DIST</sub> criança filho 3pl<sub>A</sub>-jogar REL  
 Aquela criança, o filho que jogaram

u-yenũ nhaã praya upe  
 3sg<sub>A</sub>-deitar DEM<sub>DIST</sub> praia LOC  
 deitou naquela praia

yawe waa paa u-yatimana  
 ser.assim REL REP 3sg<sub>A</sub>-rodar  
 Diz que assim que ele começou a rodar

nhaã paa bũwa mira-wasu yawe waa  
 DEM<sub>DIST</sub> REP ser.abundante pessoa-AUM ser.assim REL  
 Diz que aquele era enorme, era uma pessoa grande que era assim.  
Contexto: Indicação gestual do tamanho grande.

ma ti=paa maye mira yawe  
 CONJ<sub>ADVER</sub> NEG=REP ser.como pessoa ser.assim  
 mas não era como pessoa

i-puku paa i-awa  
 3sg<sub>E</sub>-ser.comprido REP 3sg<sub>E</sub>-cabelo  
 Diz que o cabelo dele era comprido

u-riku paa x-itimã yayura  
 i-yayura  
 3sg<sub>A</sub>-ter REP 3sg<sub>E</sub>-perna 3sg<sub>E</sub>-pescoço  
 Tinha perna, pescoço,

s-esa i-nambi yuru  
 i-yuru  
 3sg<sub>E</sub>-olho 3sg<sub>E</sub>-orelha 3sg<sub>E</sub>-boca  
 olho, orelha, boca.





pe-manha u-munhã pukusa muraki  
 2pl<sub>E</sub>-mãe 3sg<sub>A</sub>-fazer SUB<sub>SIM</sub> trabalho  
 enquanto a mãe de vocês faz o trabalho

pe-wapika=ntu pe-mã  
 2pl<sub>A</sub>-sentar=RESTR 2pl<sub>A</sub>-ver  
 só sentem e olhem!

u pe-purandu "se-manha mã taa re-munhã?"  
 SUB<sub>ALTER</sub> 2pl<sub>A</sub>-perguntar 1sg<sub>E</sub>-mãe NG Q 2sg<sub>A</sub>-fazer  
 Ou perguntem: "Minha mãe, o que você faz?"

mã taa ya-su ya-munhã?  
 NG Q 1pl<sub>A</sub>-ir 1pl<sub>A</sub>-fazer  
 o que nós vamos fazer?

ya-u yane-rimbiu  
 1pl<sub>A</sub>-comer.beber 1pl<sub>E</sub>-comida  
 comeremos nossa comida

pe-ruri pe-manha ita iru  
 2pl<sub>E</sub>-ser.alegre 2pl<sub>E</sub>-mãe PL COM<sub>INSTR</sub>  
 Fiquem alegres com a mãe de vocês!

taina ita yawe te  
 criança PL ser.assim FOC  
 As crianças são mesmo assim

penhe ike u-yu-mbue-sara ruka uwirupi  
 u-yu-mu-bue-sara casa  
 2PL aqui 3-R/R-ensinar-NMZ<sub>AG</sub> casa PERL<sub>ABAIXO</sub>  
 Vocês estão aqui embaixo da escola

maita ya-munhã, uyumbuesara  
 maye taa u-yu-mu-bue-sara  
 NG INT 1plA-fazer 3-R/R-CAUS-ensinar-NEG<sub>AG</sub>  
 O que vamos fazer, professora?

mata yampinima  
 mã taa ya-mu-pinima  
 NG Q 1plA-CAUS-ser.colorido  
 O que vamos escrever?

maranga taa a-munhã  
 mã ranga  
 desenho image, Q 1sgA-fazer  
 Desenho de que eu vou fazer?

yawe pe-wapika pe-sendu  
 ser.assim 2plA-sentar 2plA-escutar  
 Assim, sentem e ouçam.

maye yane-u-mbue-sara ita  
 ser.como 1plE-3sgA-ensinar-NMZ<sub>AG</sub> PL  
 Ouçam como nossos mestres

u-mbeu yand=arã  
 3sgA- contar 1PL=DAT<sub>PROSP</sub>  
 contam para nós

yupirunga ita u-yu-miru wera  
 iniciador PL 3sgA-R/R-zangar HAB  
 Os iniciadores, sempre zangados

ti=puranga taina ita  
 NEG=ser.bonito criança PL  
 não são bonitos, crianças.



yawe      a-mbeu      penh=arã  
ser.assim 1sg<sub>A</sub>-contar 2PL=DAT<sub>PROSP</sub>  
Assim, conto para vocês

ate amu              viagi  
até outra.entidade vez  
até outra vez.

- *Kunhã asui sukuriu* (A mulher e a sucurí)

Narração: Lina, Warekena, mais antiga habitante de Anamoim, rio Xié.

Transcrição e tradução: Marlene Trindade Ferreira; Aline da Cruz

Local: Anamoim, rio Xié, São Gabriel da Cachoeira

Data: Novembro, 2007

Aikue yepe kunhã  
EXIST INDF mulher  
Tinha uma mulher

pirá umpuruwã ae  
u-mu-puruwã  
peixe 3sg<sub>A</sub>-CAUS-grávida 3SG  
Um peixe a engravidou.

Aite paa u-u supiara teniko upe waa  
3sg<sub>E</sub>=FOC REP 3sg<sub>A</sub>-comer.beber 3sg<sub>E</sub>.veneno teniko LOC REL  
Diz que ela mesmo tomou seu veneno que estava no Tenico

i-kaximafu rire u-mbau kofi  
3sg<sub>E</sub>-primeira.menstruação CONSEC 3sg<sub>A</sub>-comer peixe.cofi  
Depois da primeira menstruação, comeu cofi.

Aitenhaã Teniko Kampina-wara sui-wara  
DEM<sub>DIST</sub> Tenico Campinas-DNP ABLAT-DNP  
Aquele lá era Tenico, era de Campinas, era de lá

kui(ri) puruwã ae  
Agora grávida 3SG  
Agora ela está grávida

nhaã sukuriu u-pisika ae  
 DEM<sub>DIST</sub> sucurí 3sg<sub>A</sub>-pegar 3SG  
 Aquela sucurí a pegou

tiãuaguetari  
 ti=wã=aguetari  
 NEG=PFT=aguentar  
 Não aguentou mais

tau-su tau-pita tata parana apira  
 3pl<sub>A</sub>-ir 3sg<sub>A</sub>-ficar fogo rio acima  
 Foram ficar no alto do rio do fogo

tiãuaguetari kuaye=ntu ba?  
 ti=wã=aguetari  
 NEG=PFT=aguentar assim=RESTR PROTEST  
 Não aguentou mais assim

Tau-riku ta-rendawa tau-riku ta-ruka  
 3pl<sub>A</sub>-ter 3pl<sub>E</sub>-sítio 3pl<sub>A</sub>-ter 3pl<sub>E</sub>-casa  
 Tinham seus sítios e tinham suas casas

ape "antes a-su=re a-sikari manu-sa"  
 CONJ antes 1sg<sub>A</sub>-ir=IMP 1sg<sub>A</sub>-procurar morrer-NMZ  
 Aí, "Antes ir ainda procurar a morte"

u-nheẽ paa nhaã kunhã i-puruwã waa  
 3sg<sub>A</sub>-dizer REP DEMDIST mulher 3sg<sub>E</sub>-grávida REL  
 Diz que disse aquela mulher, que estava grávida

nhaã sukuriu reya paa i-buxu upe  
 DEM<sub>DIST</sub> sucurí grande REP 3sg<sub>A</sub>-bucho LOC  
 Aquela sucurí grande estava no bucho dela.

Ape paa u-su=wã  
 CONJ REP 3sg<sub>A</sub>-ir=PFT  
 Aí diz que ela foi embora

u-su kaa kiti  
 3sg<sub>A</sub>-ir mato ALAT  
 Foi para o mato

u-sika paa u-maã kumã iwa  
 3sg<sub>A</sub>-chegar REP 3sg<sub>A</sub>-ver fruta.cumã pé.de.árvore  
 Chgou e diz que viu um pé de cumã

"Ah..." u-nheẽ paa  
 INTJ 3sg<sub>A</sub>-dizer REP  
 "Ah...", diz que ela disse

"A-riku maã awa u-yupi(ri) arã xarã  
 ixẽ=arã  
 1sg<sub>A</sub>-ter SUB<sub>HIP</sub> NGH 3sg<sub>A</sub>-subir SUB<sub>FIN</sub> 1SG=DAT<sub>PROSP</sub>  
 "Se eu tivesse alguém para subir para mim

kua kumã" u-nheẽ paa  
 DEM<sub>PROX</sub> fruta.cumã 3sg<sub>A</sub>-dizer REP  
 este cumã", diz que ela disse.

"Ixe maã ba? mamãe"  
 1SG NG PROTEST mamãe  
 Eu, mamãe"  
 Lit.: Eu sou isso [protestivo], mamãe

u-suaxara paa ae i-marika pupe  
 3sg<sub>A</sub>-responder REP 3SG 3sg<sub>E</sub>-barriga INESS  
 diz que respondeu ele de dentro da barriga

"Ixe ne-mbira mamãe"

1SG 2sg<sub>E</sub>-filho mamãe

"Eu sou teu filho, mamãe"

u-nheẽ paa sukuriu i-marika kiti  
 3sg<sub>A</sub>-dizer REP sucurí 3sg<sub>E</sub>-barriga ALAT  
 diz que disse a sucurí da barriga dela

"arame re-yupi(ri) xarã"

ixe=arã

CONJ 3sg<sub>A</sub>-subir 1SG=DAT<sub>PROSP</sub>

Então, agora sobe para mim".

u-semu=wã paa

3sg<sub>A</sub>-sair=PFT REP

Diz que saiu.

u-semu paa nhaã sukuriu xikuara sui  
 3sg<sub>A</sub>-sair REP DEM<sub>DIST</sub> sucurí 3sg<sub>E</sub>:buraco ALAT

Diz que aquela sucurí saiu do bumbum dela.

Lit.: Saiu diz que aquela sucurí do buraco dela

u-semu u-yupiri=wã ae

3sg<sub>A</sub>-sair 3sg<sub>A</sub>-subir=PFT 3SG

ela saiu e já subiu.

re-maã te paa

2sg<sub>A</sub>-ver FOC REP

Veja mesmo

Aikue kumã turusu waa kuaye

EXIST fruta.cumã ser.enorme REL assim

Há uma cumã que é grande assim

u-yupiri=wã sukuriu  
 3sg<sub>A</sub>-subir=PFT sucurí  
 A cobra já subiu

umburi paa u-siki  
 u-mu-puri  
 3sg<sub>A</sub>-CAUS-pular REP 3sg<sub>A</sub>-puxar  
 Diz que jogou e subiu

nhaã kunhã u-u paa  
 DEM<sub>DIST</sub> mulher 3sg<sub>A</sub>-comer.beber REP  
 Aquela mulher diz que comeu aquele cumã, que era enorme.

nhaã kumã turusu waa  
 DEM<sub>DIST</sub> fruta.cumã ser.enorme REL  
 aquele cumã, que era enorme.

u-tumuna u-tumuna u-tumuna  
 3sg<sub>A</sub>-cuspir 3sg<sub>A</sub>-cuspir 3sg<sub>A</sub>-cuspir  
 Cuspiu, cuspiu, cuspiu

nem yepe paa i-marika  
 NEG<sub>CONSTR</sub> INDF REP 3sg<sub>E</sub>-barriga  
 Diz que nem um na barriga

até u-su nhaã sukuriu  
 até 3sg<sub>A</sub>-ir DEM<sub>DIST</sub> sucuri  
 até aquela sucurí ir

u-tumuna paa ate paa u-semu i-sui  
 3sg<sub>A</sub>-cuspir REP até REP 3sg<sub>A</sub>-sair 3sg<sub>E</sub>-ALAT  
 Diz que cuspiu até sair dela

"Mamãe!" u-nheẽ paa "Uuuu"  
 Mamãe 3sg<sub>A</sub>-dizer REP onomatopeia  
 "Mamãe!", diz que ela [sucurí] disse, "uuuuu..."

Aite paa kua u-munhã waa "uuuuuu"  
 3SG=FOC REP DEM<sub>PROX</sub> 3sg<sub>A</sub>-fazer REL onomatopeia  
 Diz que ele mesmo é este que faz "Uuuuuu"

kaa rupi mirá rupita rupi  
 mato PERL árvore tronco PERL  
 pelo mato, pelos troncos das árvores

ape paa u-su u-tumuna paa  
 CONJ REP 3sg<sub>A</sub>-ir 3sg<sub>A</sub>-cuspir REP  
 Aí, ela foi e diz que cuspiu

u-yuka paa xikuara sui suwaya  
 3sg<sub>A</sub>-tirar REP 3sg<sub>E</sub>:buraco ABLAT 3sg<sub>E</sub>:rabo  
 Diz que tirou do bumbum dela [da mulher] o rabo dela [da sucurí]

u-yuka xikuara sui  
 3sg<sub>A</sub>-tirar 3sg<sub>E</sub>:buraco ABLAT  
 Tirou do bumbum dela

u-mu-tinhãnha nhaã kumã rese  
 3sg<sub>A</sub>-CAUS-gancho DEM<sub>DIST</sub> fruta.cumã RELAT  
 e enganchou [o rabo da sucuri] naquele [pé de] cumã

taina ita u-maã u-iku  
 criança PL 3pl<sub>A</sub>-ver 3sg<sub>A</sub>-estar  
 As crianças estavam vendo

u-mu-tinhãnha=re paa  
 3sg<sub>A</sub>-CAUS-gancho REP  
 diz que ela ainda enganchava

u-senui            u-puamu=re            u-senui  
 3sg<sub>A</sub>-chamar    3sg<sub>A</sub>-estar.em.pé=IMP    3sg<sub>A</sub>-chamar  
 ela [a sucurí] chamou e estava ainda em pé, e chamou:

"Mamãe"        u-nheẽ            paa  
 Mamãe        3sg<sub>A</sub>-dizer        REP  
 Chamou "Mamãe", diz que ela disse.

"Uuuuuuuuuuuuu" u-nheẽ        paa  
 onomatopeia        3sg<sub>A</sub>-dizer        REP  
 "Uuuuuuuuuuuuu", diz que ela disse

"Xukui        te        ixe,    ne-mbira  
 EXIST<sub>CONCR</sub>    FOC    1SG    2sg<sub>E</sub>-filho  
 Eis aqui eu, teu filho

ae    sumana                    u-nheẽ        paa    nhaã        baniwa upe  
 3SG   palavra.em.baniwa    3sg<sub>A</sub>-dizer    REP   DEM<sub>DIST</sub>    baniwa    LOC  
 Ele é "sumana", diz que ele disse naquele Baniwa

"nhaã        paa"    u-nheẽ        sukuriu  
 DEM<sub>DIST</sub>    REP    3sg<sub>A</sub>-dizer    sucurí  
 "Diz que é aquilo" disse a sucurí.

"a-yu-siki        xinga  
 1sg<sub>A</sub>-R/R-puxar    ATENUA  
 "Me arrasto um pouco"

"umbaa"    u-nheẽ  
 NEG<sub>EDO</sub>    3sg<sub>A</sub>-dizer  
 "Não!", ela disse

"a-puri        a-yuka        apekatu    waa"    u-nheẽ        paa    i-manhã  
 1sg<sub>A</sub>-pular    1sg<sub>A</sub>-tirar    longe        REL    3sg<sub>A</sub>-dizer    REP    3sg<sub>E</sub>-mã  
 "Pulo e tiro o que está longe", diz que a mãe dela disse.



Ape paa u-xari=wã  
 CONJ REP 3sg<sub>A</sub>-deixar=PFT  
 Aí, ela já deixou

u-tumuna u-tumuna u-tumuna  
 3sg<sub>A</sub>-cuspir 3sg<sub>A</sub>-cuspir 3sg<sub>A</sub>-cuspir  
 Cuspiu, cuspiu, cuspiu

u-yana kuxima  
 3sg<sub>A</sub>-correr antigamente  
 Antigamente correu

u-yana paa u-yana  
 3sg<sub>A</sub>-correr REP 3sg<sub>A</sub>-correr  
 Diz que correu, correu

Ape u-xari=wã ae  
 CONJ 3sg<sub>A</sub>-deixar=PFT 3SG  
 Aí deixou ela [a sucurí]

u-yana u-yana u-yana  
 3sg<sub>A</sub>-correr 3sg<sub>A</sub>-correr 3sg<sub>A</sub>-correr  
 Correu, correu, correu.

kuaye=ntu=wã paa  
 assim=RESTR=PFT REP  
 Diz que já estava assim

u-sendu paa sukuriu u-ri s-akakuera  
 3sg<sub>A</sub>-escutar REP sucurí 3sg<sub>A</sub>-vir 3sg<sub>E</sub>-atrás  
 Diz que escutou a sucurí vir atrás dela

Ta-mu-wike            ae    i-amana        ita  
 Tau-mu-wike  
 3pl<sub>A</sub>-CAUS-entar 3SG 3sg<sub>E</sub>-família PL  
 Os familiares dela a fizeram entrar

ape      ainta    tau-wasemu    sukuriu  
 CONJ 3PL 3pl<sub>A</sub>-encontrar    sucurí  
 Aí, eles encontraram a sucurí

tau-munuka    nhaã            sukuriu  
 3pl<sub>A</sub>-cortar    DEM<sub>DIST</sub>    sucurí  
 Cortaram aquela sucurí

tau-munuka    ae  
 3pl<sub>A</sub>-cortar    3SG  
 Cortaram ela

tamburi            ae    i-wiwi  
 tau-mu-puri        3SG 3sg<sub>E</sub>-bubuiar  
 Jogaram ele para bubuiar [ser levado pela correnteza]

Ai=te            paa    nhaã            pedasu    itá      ita  
 3SG=FOC    REP    DEM<sub>DIST</sub>    pedaço    pedra    PL

maxi      posu    upe      wa=ita  
 leproso    poço    LOC    REL=PL

Diz que eles são aquelas pedras em pedaços que estão no poço dos leprosos.

tau-wiwi    tau-sika    tau-yari        Ukuki    kaxoeira    upe  
 3pl<sub>A</sub>-boiar 3pl<sub>A</sub>-chegar 3pl<sub>A</sub>-encostar Ucuqui    cachoeira    LOC  
 Boiaram, chegaram e enconstaram na cachoeira de Ucuqui

a=pe            paa    u-yari            i-pedasu    ita  
 DEM=LOC    REP    3sg<sub>A</sub>-enconstar    3sg<sub>E</sub>-pedaço    PL  
 Diz que lá encostaram os pedaços dela [da sucurí]

u-yari            Yukukuami<sup>191</sup>    upe    tau-nheẽ    waa  
 3sg<sub>A</sub>-encostar    Yukukuami    LOC    3pl<sub>A</sub>-dizer    REL  
 Encostou em Yukukuami, que dizem.

nhaã            paa  
 DEM<sub>DIST</sub>    REP  
 Diz que aquele...

kuxi            ita    umiyasuka            paa    nhaã            sukuriu  
 povo.cuxi    PL    3sg<sub>A</sub>-CAUS-lavar    REP    DEM<sub>DIST</sub>    sucurí  
 Os cuxi lavaram aquela sucurí

ta-yuká=wã    ae    tau-iskapai=wã  
 tau-yuká=wã    3SG    3pl<sub>A</sub>-escapar=PFT  
 Eles já a mataram e escaparam

sukuriu    buxu    nhaã  
 sucurí    bucho    DEM<sub>DIST</sub>  
 Aquilo é bucho de sucurí

Aitinhaã    maxi    pusu    upe    waa  
 DEM<sub>DIST</sub>    leproso    poço    LOC    REL  
 Aquilo lá mesmo, que está no poço

nhaã            i-buxu            ita    kuera  
 DEM<sub>DIST</sub>    3sg<sub>E</sub>-bucho    PL    NGC  
 é aquele resquício de víceras dela

<sup>191</sup> Yukuami [ju.ku.'k<sup>w</sup>a.mi] 'cachoeira de Ucuqui' em Warekena.

maxi tau-nheẽ waa eẽ yawe  
 leproso 3pl<sub>A</sub>-dizer REL AFF ser.assim  
 Os leprosos, que dizem, ser assim

sukuriu kuera paa nhaã  
 sucurí NGC REP DEM<sub>DIST</sub>  
 Aquilo era o resquício de sucurí

u-yereu=wã itá u-yereu wa=ita i-buxu  
 3sg<sub>A</sub>-virar=PFT pedra 3sg<sub>A</sub>-vira REL=PL 3sg<sub>E</sub>-buxo  
 Já virou pedra, aquilo que era bucho dela

re-maã te maye nhaã  
 2sg<sub>A</sub>-ver FOC ser.como DEM<sub>DIST</sub>  
 Veja bem como era

nhaã paa sukuriu pedasu ita kuera  
 DEM<sub>DIST</sub> REP sucurí pedaço PL NGC  
 Diz que aquilo eram requício de pedaços da sucurí.

### Anexo IV: Glossário Nheengatú - Português

Este anexo contém elementos que ocorrem nos exemplos e textos deste trabalho. No caso dos itens gramaticais, indicamos também as seções em que os mesmos são tratados. Após a raiz, indicamos a classe gramatical do item, conforme as seguintes abreviaturas:

Adv	Advérbio	Prep	Preposição (empréstimos)
Conj	Conjunção	Pref.	Prefixo
Clit	Clítico	Suf.	Sufixo
Interjeição	Interjeição	Sub.	Subordinador
NA	Nome autônomo	Ptc	Partícula
NR, [r]	Nome relacional, subclasse s-/t-	Vt	Verbo transitivo
NR, i-	Nome relacional, subclasse i-	Vid	Verbo intransitivo dinâmico
N, Pron	Pronome independente	Vie	Verbo intransitivo estativo não flexionável
N	nome, subclasse em análise	Vie, [r]	Verbo estativo flexionável, subclasse s-
Det	Demonstrativos, determinantes, numerais e quantificadores	Ve, i-	Verbo estativo flexionável, subclasse i-
Posp, [r]	Posposição, subclasse s-/t-	?	Item lexical sob investigação
Posp, i-	Posposição, subclasse i-		

Os itens lexicais que engatilham a alternância s- ∞ t- ~ r- são indicados pela forma que ocorrem quando não determinados (v. 4.2.2).

Empréstimos do Português não são listados neste glossário. Excepcionalmente, entretanto, listamos itens lexicais adaptados fonologicamente ou que desempenham funções em Nheengatú

diferentes, ou mais específicas, do que as que desempenham em Português. Empréstimos de outras línguas são listados.

a-	Pref	1a. pessoa singular da série dinâmica, v. 4.2
ae	NDeit	Pronome de 3a. pessoa singular, v. 4.3.1
agora	Conj.	ressalva (Português, <i>agora</i> ), v. 8.1.4.1.2 e 10.1.1.4
ai	NA	bicho-preguiça (família <i>Bradypodidae</i> ou <i>Megalonychidae</i> )
ai	NDeit	forma clítica de, <i>ae</i> ‘pronome de 3a. pessoa singular’
aikue	Ptc	existencial, v. 8.1.3.3
ainta	NDeit	Pronome de 3a. pessoa plural, v. 4.3.1.2
aitekua	NDeit	demonstrativo próximo (forma longa), v. 4.3.1.2
aitenhaã	NDeit	demonstrativo distante (forma longa), v. 4.3.1.2
aiwa	Vie	ser estragado
aiwã	Ptc	existencial iminente, v. 8.1.3.3
aiwã	Conj	conjunção conclusiva, v. 10.1.1.2
akanhemu	Vie, i-	ser assustado
akayu	NA	ano
akuti	NA	cutia ( <i>Dasyprocta aguti</i> )
amana	NA	chuva
ambira	NA	falecido
amu	NA	outra entidade, o outro
anama	NA	família
apatuka	Vid	atrapalhar
ape	Conj	conjunção sequencial, v. 8.1.4.1.1
apekatu	Adv	longe
apeku	N, i-	língua (parte do corpo)
apiga	NA	homem
apira	N	acima
apukuitã	NA	remo

ara	NA	dia
arã	Posp	dativo prospectivo, v. 4.5.1.1.5
arã	Sub	subordinador de finalidade, v. 8.1.4.2
ararupi	Posp	acima, v. 4.5.1.1.3
ate	Prep.	até (Português, <i>até</i> ), v. 4.5.2
awa	NA	nome genérico de humano, alguém
awá	N, i-	cabelo
awi	NA	agulha
baniwa	NA	Baniwa
bapa	NA	bacia
bare	NA	Baré
ba?	Ptc	protestivo
bongu	NA	canoa, feita com apenas um tronco de árvore de dimensão superior a quatro ou cinco metros de comprimento, usada para transporte em distâncias longas. O termo utilizado no Espanhol da Colômbia para designar embarcações usadas por povos indígenas. A origem exata do termo ainda não foi determinada (v. <i>igara</i> e <i>uba</i> para outros tipos de embarcação).
buya	NA	cobra
bũwa	Vie	ser abundante
dabukuri	NA	dabucuri (troca de ofertas entre grupos)
duki	Prep.	comparativo (Português, <i>do que</i> ), v. 4.5.2
eẽ	Ptc	afirmativo, v. 8.1.2.1
então	Conj	conjunção conclusiva (Português, <i>então</i> ), v. 8.1.4.1.2
ere	Ptc	afirmativo de incentivo, v. 8.1.2.1
garapa(wa)	NA	porto
garape	NA	igarapé
i-	Pref	3a. pessoa singular da série estativa,

		v. 4.2
igara	NA	canoa
ii	NA	água
ike	Adv	aqui
iku	Vid	estar
inambu	NA	inhambu; designação genérica de aves da ordem <i>Tinamiformes</i>
inaya	NA	árvore e fruto inajá ( <i>Maximiliana maripa</i> )
inde	NDeit	pronome de 2a. pessoa singular, v. 4.3.1.1
ira	NA	mel
irawa	Vie	ser amargo
irũ	Posp	comitativo e instrumental, v. 4.5.1.1.5
ita	Ptc	plural, v. 8.1.3.4.6
itá	NA	pedra
iu	NA	tempestade
iwa	NA	fruta
iwaká	NA	fruta bacabá ( <i>Oenocarpus bacaba</i> )
iwaka	NA	céu
iwasu	Vie	ser difícil
iwate	Vie	ser alto
iwi	NA	terra
iwitera	NA	serra
ixe	NA	pronome de 1a. pessoa do singular
itá	NA	pedra
kaa	NA	mato
kamirika	Vt	amassar
kamixa	NA	camisa (Português, <i>camisa</i> )
kamuti	NA	pote
kanhemu	Vid	sumir
kapuamu	NA	ilha
karãi	Vid	limpar, remover cinzas
karanã	NA	palmeira de caranã ( <i>Mauritia carana</i> )



karibe	NA	caribé (água ou suco misturado com beijú)
kariwa	NA	não indígena
karuka	Adv	tarde
katu	Vie, i-	estar bem
kawa	NA	caba, marimbondo, insetos pertencentes à ordem dos himenópteros
kawĩ	NA	bebida alcoólica, cachaça
kaximafu	NA	primeira menstruação (termo não-Tupi, utilizado por Warekena)
kaxiri	NA	caxiri (termo não-Tupi)
kikiri	Vid	cochilar
kiri	Vid	dormir
kirimba	Vie	ser forte
kise	NA	faca
kiti	Posp	alativo, v. 4.5.1.1.2
kiwira	NR, i-	irmão mais velho em relação à mulher
kua	Det	demonstrativo próximo (forma breve), v. 6.2.1
kua	Vt	saber
kuá	NA	cintura
kuaira	NA	pequeno
kuara	NA	buraco
kuaye	Adv	assim
kuekatu	NA	recado
kuema	Adv	manhã
kuemite	Adv	de manhã cedo
kuera	N	nome genérico de caduco, v. 4.3.4
kuere	Vie, i-	ser cansado
kuese	Adv	ontem
kuesentu	Adv	recentemente
kui(ri)	Adv	agora
kukuera	NA	capoeira
kunhã	NA	mulher

kunhã-muku	NA	moça
kunhãtai	NA	menina
kuntai	NA	falar (Português <i>contar</i> )
kupe	NA	costas
kupi(ri)	Vt	roçar
kupĩ	NA	cupim
kupixa	NA	roça
kupuku	Adv	demoradamente
kurada	NA	beijú de tapioca
kurasi	NA	sol
kurera	N	farelo
kuri	Ptc	futuro projetado, v. 8.1.3.1.1
kurumĩ	NA	menino
Kurupira	NA	Curupira, entidade maligna da floresta, v. Anexo III
kuta(ra)	Adv	rapidamente
kuxima	Adv	antigamente
kuya	NA	cuia
ma	Conj	conjunção adversativa (Português, <i>mas</i> ), v. 10.1.1.3
maã	Vt	ver
maã	NA	nome genérico, coisa
maã	Sub	hipotético, v. 10.2.2.1.5
mairame	Sub	temporal, v. 8.1.4.2
makira	NA	rede
mame	ADV	onde
manduai	Vid	lembrar
manha	NR, i-	mãe (Português, <i>mãe</i> )
manhana	Vt	empurrar
manikuera	NA	caldo de mandioca ( <i>maniwa</i> ‘mandioca’ e <i>kuera</i> ‘nome genérico de caduco’)
manu	Vid	morrer
manunga(ra)	NA	alguma coisa
marakaimba(ra)	NA	veneno
maramunha	Vid	brigar

marika	N	barriga (Português, <i>barriga</i> )
matapi	NA	tipo de armadilha de pesca
maye	Vie	ser como
mayuwa	NA	majuba, espécie de peixe
maxi	NA	leproso
mbau	Vt	comer alimentos sólidos (v. <i>u</i> , 'comer')
mbeu	Vt	contar (derivado por <i>mu-</i> , 'causativo'; forma simples não encontrada)
mbue	Vt	ensinar (derivado por <i>mu-</i> , 'causativo'; forma simples não encontrada)
(me)mbira	NR, i-	filho em relação à mãe
meẽ	Vt	dar
memui	Vt	cozinhar
mena	NR, i-	marido
mendai	Vid	casar
meru	NA	mosca (inseto)
meyu	NA	beijú
miku	NA	mico
mikura	NA	macaco micura
mimi	Adv	longe
mira	NA	pessoa, gente
mirá	NA	árvore, madeira, tronco
-miri	Suf	diminutivo
miru	Vid	zangar
mitima	NA	plantação
mitu	NA	pássaro mitu
mu-	Pref	causativo
mui(ri)	Det	muito (Português, <i>muito</i> ); v. 6.2.3.2
muka(wa)	NA	espingarda
mukameẽ	Vt	mostrar
mukatu(ru)	Vt	guardar
mukũi	Det	dois
munda	Vt	roubar

mundeka	Vt	acender
mundu	Vt	mandar
munhã	Vt	fazer
munuka	Vt	cortar
mupika	V	durativo (v. 7.1.1)
muraki	NA	trabalho
murutinga	N	brancura
musapi(ri)	Det	três
musarai	Vid	brincar
nambi	NR, [r]	orelha
ne-	Pref.	2a. Pessoa singular da série estativa
nem	Conj	negação contrastiva (Português)
nema	NA	fedor
nemaã	N	nada (Português <i>nem</i> , Nheengatú <i>maã</i> , NG)
nhaã	Det	demonstrativo distante (forma breve); v. 6.2.1
nhanse	Conj	causalidade, v. 10.1.1.5
nheẽ	Vat	dizer
nheenga	N	língua
nheengai	Vid	cantar
Nheengatu	N	Nheengatú
=ntu	clt	restritivo
nupa	Vt	bater
pa(wa)	Vid	acabar, completar
paa	Ptc	reportativo, v. 8.1.3.1.5
pajé	NA	pajé
paka	Vid	acordar
pakua	NA	banana
panhe	Det	todo
parana	NA	rio
patawa	NA	fruta patauá ( <i>Oenocarpus bataua</i> )
pe-	Pref	2a. pessoa plural da série dinâmica (homófono à forma estativa); v. 4.2
pe-	Pref	2a. pessoa plural da série estativa (homófono à forma dinâmica); v. 4.2

pee	NA	caminho
penhe	NDeit	Pronome de segunda pessoa do plural; v. 4.3.1.1
pi(ri)	Vie	ser mais
pi(ri)	Posp	direcional comitativo (v. 4.5.1.1.2)
piasa(wa)	NA	piaçaba ou piaçava ( <i>Leopoldinia piassaba</i> )
pikũi	Vt	cavar
pinaitika	Vid	pescar
pinda	NA	anzol
pinima	Vie	ser colorido
pira	NR, i-	corpo
pirá	NA	peixe
pirai	Vid	abrir (intransitivo); fundar (transitivo)
piraiwa	NA	peixe piraíba ( <i>Brachyplatystoma filamentosum</i> )
piranga	Vie	ser vermelho
piranha	NA	peixe piranha (peixes carnívoros, pertencentes à subfamília <i>Serrasalminae</i> )
piripana	Vt	comprar
pisika	Vt	pegar
pita	Vi	ficar
pitera	N	meio
piterupi	Posp	no meio ( <i>pitera</i> , 'meio' e <i>rupi</i> , 'perlativo')
pituna	N, Adv	noite
pixe	N	fedor
porke	Conj	explicativa (Português, <i>porque</i> ) ; v. 8.1.4.1.2
presizu	Ptc	deôntico de necessidade (Português, <i>é preciso</i> ); v. 8.1.3.2.1
puame	N	unha
puamu	Vid	estar em pé
puem	Vt	pegar com a mão
puiiri	Vt	torrar

puri ~ pui	Vid	pular
purure	NA	machado
puka	Vt	estourar
puká	Vid	rir
puku	Vie	ser comprido (em registro consevador permite i-)
pukusa	Sub	simultaneidade, v. 8.1.4.2.1.2
pupe	Posp	inessivo, dentro, v. 4.5.1.1
puraki	Vid	trabalhar
purandu	Vt	perguntar
puranga	Vie	ser bonito
purasi	Vid	dançar
purungita	Vid	conversar
purure	NA	enxada
puruwã	NA	grávida
pusanga	NA	remédio
putai	Vt	querer
putia	N, i-	peito
putira	NA	flor
puxuera	Vie	ser feio
ranha	NR, [r]	dente (excepcionalmente a forma não determinada também é <i>ranha</i> 'dente')
rasu	Vt	levar
=rã	clt	forma clítica de <i>arã</i>
=re	clt	imperfectivo, v. 8.2.3.2
riku	Vt	ter
rire	Posp	consecutiva, depois de, v. 4.5.1.1.4
rire	Sub	subordinador consecutivo, depois de, v. 8.1.4.2
rui	Vt	trazer
rupi	Posp	perlativo; v. 4.5.1.1.3
ruyai	Vt	acreditar
-sa	suf.	nominalização eventiva (forma conservadora <i>-sawa</i> ), v. 5.3.1
-sa(ra)	suf.	nominalização de agentivo, v. 5.3.2

saã	Via	sentir
saimbe	Vie	ser afiado
saisu	Vt	amar; traduzido no Português regional como sovinar (ter algo com sovina)
sakakuera	NR, [r]	costas; uso posposicional como ‘atrás’
saku	Vie	ser quente
samunha	NR, [r]	avô
santa	Vie	ser duro
sasa	Vid	passar
sasi	Vie	estar doente
sasiara	Vie	ser triste
satiwa	NR, [r]	sogro
se-	NDeit	1a. pessoa singular da série estativa
seẽ	Vie	ser doce
semu	Vid	sair
sendi	NA	luz
sendu	Vt	escutar
senui	Vt	chamar
será	Ptc	questão polar (Português, <i>será</i> ), v. 8.1.3.1.2
seraki	Ptc	dubitativo (Português, <i>será que</i> ), v. 8.1.3.2.2
serendira	NR, [r]	irmã em relação ao irmão
seruka	Vt	chamar, ter nome de...
sesa	NR, [r]	olho
sesarari	Vie, [r]	esquecer
sese	Posp, [r]	relativa; v. 4.5.1.1.5
si=	CONJ	condicional (Português, <i>se</i> ), v. 10.2.2.1.1
sika	Vid	chegar
sikari	Vt	procurar
siki	Vt	puxar
sikie	Vid	ter medo
sikue	Vid	sobreviver

---

simbiya	NR, [r]	beira
siya	NA	várias entidades; v. 6.2.3.2
soki	Conj	concessiva (Português, <i>só que</i> ); v. 8.1.4.1.2
su	Vid	ir
suasu	NA	veado
suaxara	Vt	responder
sui	Posp	ablativo
sukuera	NA	carne
sukuriu	NA	sucurí
sumuara	NR, [r]	companheiro
sunde	Posp	antes
sunde	Sub	antes
supe	Posp	dativo extralocutivo, v. 4.5.1.1.5
supi	Ptc	com certeza
supi(ri)	Vid	carregar
surara	NA	soldado
suri	Vie, [r]	ser alegre
suu	NA	animal
suu	Vt	morder
suwãti	Vt	esperar
suwaya	NR, [r]	rabo
suwayara	NR, [r]	cunhado



---

## Resumo

---

Este trabalho propõe uma descrição da língua Nheengatú, a variedade moderna da língua geral amazônica, que teria se desenvolvido a partir do Tupinambá, língua da família Tupi-Guarani do subgrupo III. O Nheengatú é falado no alto rio Negro no noroeste da Amazônia do Brasil, por Baré, Baniwa e Warekena, povos que substituíram suas línguas tradicionais do grupo Arawak do norte pelo Nheengatú. O trabalho é constituído por onze capítulos, distribuídos em três partes: Fonologia, Morfologia e Sintaxe.

A primeira parte contém a descrição dos fonemas consonantais e vocálicos, bem como dos ditongos. Descreve-se também a estrutura da sílaba, a manifestação do acento, a estrutura das palavras e processos morfofonológicos. Dedicam-se ainda uma pequena parte para a compreensão de aspectos de convergência entre o Nheengatú e as línguas do *substratum* Arawak.

A segunda parte, relativa à morfologia, é centrada na descrição das classes lexicais. Primeiramente, investigam-se os critérios que distinguem nomes e verbos. Indicam-se as propriedades e subdivisões da classe dos nomes, distinguindo entre nomes relativos e nomes autônomos. Em seguida, levantam-se as propriedades e subdivisões da classe dos verbos. A discussão sobre nomes e verbos permite mostrar que os itens lexicais de semântica descritiva formam uma classe de verbos estativos. A descrição das classes lexicais encerra-se com a proposta de uma classe de advérbios. A Morfologia contém ainda mais quatro capítulos: lexicogênese nominal, estrutura do sintagma nominal, lexicogênese verbal e classes gramaticais. O capítulo sobre lexicogênese nominal descreve os processos de derivação endocêntrica, composição e nominalização. O capítulo sobre o sintagma nominal focaliza os usos dos sintagmas com ou sem determinantes. No capítulo sobre lexicogênese verbal, descrevem-se processos de ajustes de valência, reduplicação e empréstimos verbais.

O capítulo final da Morfologia faz um levantamento e descrição de partículas e clíticos.

A terceira parte, dedicada à sintaxe, investiga os tipos de predicado do Nheengatú; e as propriedades de orações coordenadas e subordinadas. Investigam-se as propriedades de predicados nominais, existenciais e verbais. Especial atenção é dada às propriedades de predicados existenciais; e à cisão entre predicados verbais intransitivos em dinâmicos e estativos.

Por fim, investiga-se a estrutura informacional com base na distinção entre julgamentos téticos e categóricos. Sob essa perspectiva, discutem-se as distinções de ordem nas orações intransitivas e o deslocamento à esquerda em orações transitivas. Observa-se ainda que a ordem dos constituintes nas orações nominais permite estabelecer a distinção entre predicados nominais equativos, em que se estabelece a identidade completa entre duas formas de referir à mesma entidade, e os predicados nominais inclusivos, em que se inclui um referente em um grupo.

---

## Samenvatting

---

Dit werk bevat een beschrijving van het Nheengatú zoals het wordt gesproken in de regio van de Alto rio Negro, in het noordoosten van het Braziliaanse Amazonegebied. Het Nheengatú is een moderne variant van de 'língua geral amazônica', een 'lingua franca' die zich heeft ontwikkeld uit het Tupinambá, een taal die behoort tot de Tupi-Guarani familie (subgroep III). Op dit moment wordt het Nheengatú gesproken door de Baré, de Baniwa en de Warekena, volkeren die hun traditionele Arawaktalen ten gunste van het Nheengatú hebben opgegeven. Deze studie bevat 11 hoofdstukken verdeeld over drie delen: Fonologie, Morfologie en Syntaxis. Het eerste deel bevat een beschrijving van de contrastieve klanken van de taal, klinkers, medeklinkers en diftongen, maar ook van de lettergreepstructuur, de klankstructuur van het woord, het woordaccent en de fonologische processen. Er wordt tevens kort ingegaan op de overeenkomsten tussen het Nheengatú en de talen van het Arawak substraat.

Het tweede deel richt zich op de morfologie en in het bijzonder op de beschrijving van de lexicale klassen. Allereerst worden de criteria besproken op grond waarvan de zelfstandige naamwoorden en werkwoorden van elkaar verschillen. Vervolgens komen de eigenschappen van de verschillende subklassen van zelfstandige naamwoorden aan de orde evenals de verschillende werkwoordklassen. Op basis van het initiële onderscheid tussen zelfstandige naamwoorden en werkwoorden beargumenteren wij de categorisering van lexicale items met een descriptieve betekenis als statieve werkwoorden. De discussie van de lexicale categorieën wordt afgesloten met het voorstel een klasse van bijwoorden te onderscheiden. In het hoofdstuk over de vorming van zelfstandige naamwoorden, beschrijven wij de vorming van samenstellingen en de processen waarmee zelfstandige naamwoorden worden afgeleid. In een apart hoofdstuk bespreken wij de nominale woordgroep, waarbij de nadruk ligt op het gebruik van determinanten. Het

daaropvolgende hoofdstuk behandelt de vorming van werkwoorden. Hier behandelen wij de mechanismen waarmee de valentie van een werkwoord kan worden veranderd. Tevens bespreken wij een proces van reduplicatie en gaan wij kort in op de manier waarop het Nheengatu werkwoorden ontleent aan andere talen, vooral van het Braziliaanse Portugees. Het laatste hoofdstuk bevat een opsomming en een bespreking van de partikels en clitica.

Het derde deel, dat gewijd is aan de syntaxis, onderzoekt de verschillende predicaatstypen (nominale, existentiële en verbale) van het Nheengatú en de formele eigenschappen van coördinatie en subordinatie. Speciale aandacht wordt gegeven aan de existentiële predicaten, die in het Nheengatú worden gemarkeerd door een partikel, en aan de verdeling binnen de klasse van verbale predicaten tussen dynamische en statieve predicaten.

Ten slotte bespreken wij de informatiestructuur in het kader van het onderscheid tussen ‘tetische’ en ‘categorische’ oordelen. Vanuit deze invalshoek komen de verschillen aan de orde tussen de aangetroffen woordvolgordes in intransitieve zinnen en het verschijnsel van links-dislocatie in transitieve zinnen. Tevens stellen wij vast dat de volgorde van constituenten in nominale zinnen het onderscheid rechtvaardigt tussen nominale equatieve predicaten, waarin zich een totale identiteit vestigt tussen twee manieren van verwijzen naar dezelfde entiteit, en nominale inclusieve predicaten, waarin een entiteit wordt ondergebracht in een groep.

---

## Summary

---

This work describes the Nheengatú language, a modern variety of the Amazonian *lingua geral*, which evolved from Tupinambá (Tupi-Guarani, sub-group III). It is spoken in the Upper Rio Negro in the northwest Amazons of Brazil by the Baré, Baniwa, and Warekena peoples who have replaced their traditional northern Arawak languages with Nheengatú. The work consists of a total of 11 chapters distributed into three parts: Phonology, Morphology, and Syntax.

The first part describes the consonantal and vocalic phonemes, as well as the diphthongs. It also treats the syllable structure, the realization of stress, the word structure, and the morphophonological processes. In addition, there is a small discussion dedicated to aspects relating to the convergence between Nheengatú and the languages of the Arawak substratum.

The second part deals with morphology and in particular it focuses on the description of lexical classes. First, we describe the criteria that differentiate nouns and verbs. Then, we describe the properties of the nouns and the division into different subclasses. Afterwards, we do the same for the verbs. We end the discussion on nouns and verbs by showing that the difference between them allows for the categorization of lexical items with a descriptive meaning as stative verbs. Finally, we close the lexical classes chapter with a proposition for a class of adverbs. The morphology part contains three more chapters: noun phrase, verbal lexical genesis and grammatical classes. The noun phrase chapter focuses on the uses of nouns phrases with and without determiners. In verbal lexical genesis adjustments of valence, reduplication and verbal loans are described. The final chapter of Morphology closes with a survey and description of particles and clitics.

The third part describes the syntax and investigates the predicate types of Nheengatú along with the properties of subordinate and coordinate clauses. It analyzes the properties of nominal, verbal,

and existential predicates. Special attention is given to the properties of existential predicates, and the split between dynamic and stative in intransitive verbal predicates.

Finally, the work investigates the information structure based on the distinction betweenthetic and categorical judgments. From this perspective we discuss the possibilities of word order in intransitive sentences, and left movement in transitive sentences. We also observe that the order of constituents in nominal sentences allows for the distinction between equative nominal predicates, and inclusive nominal predicates.